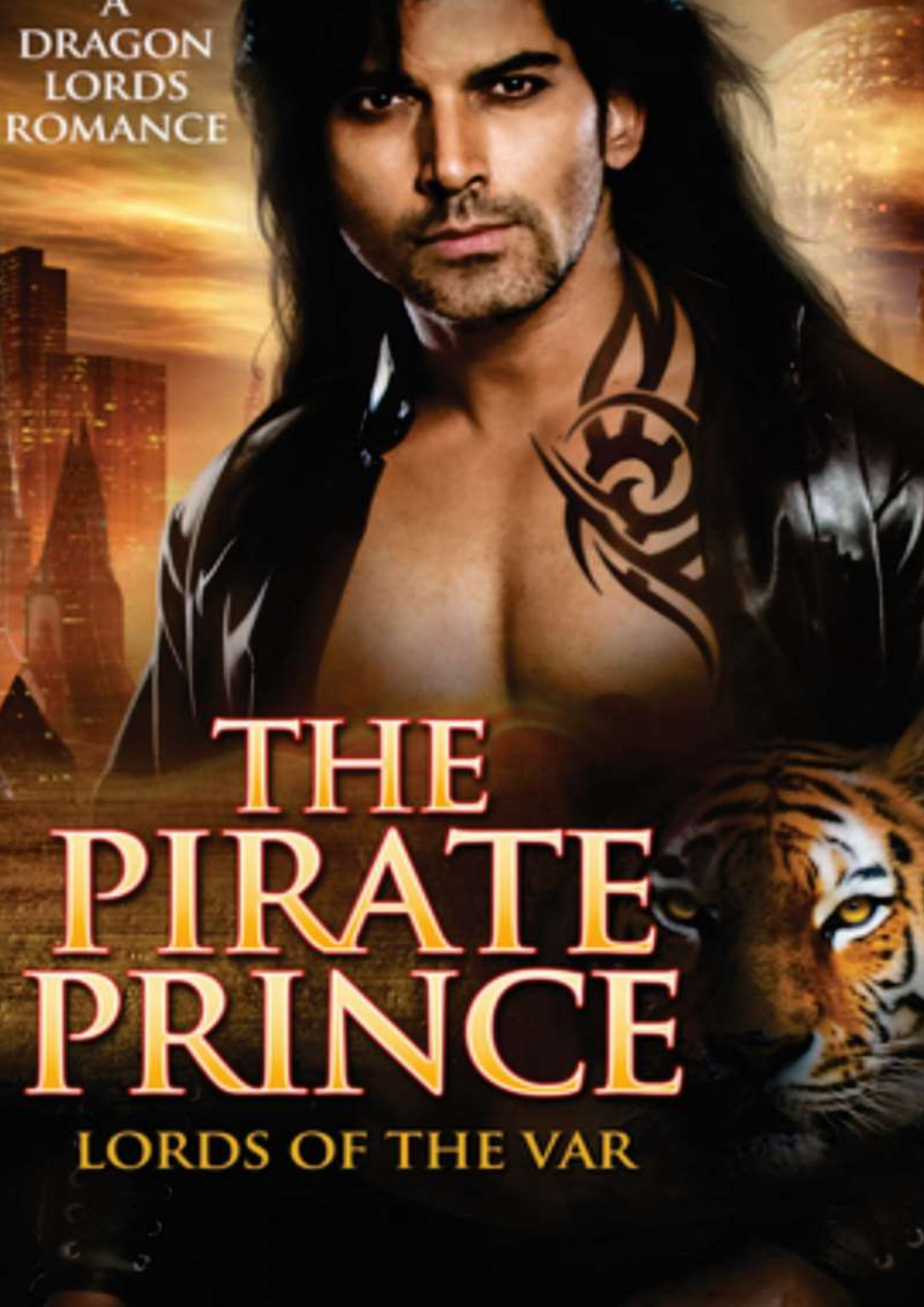


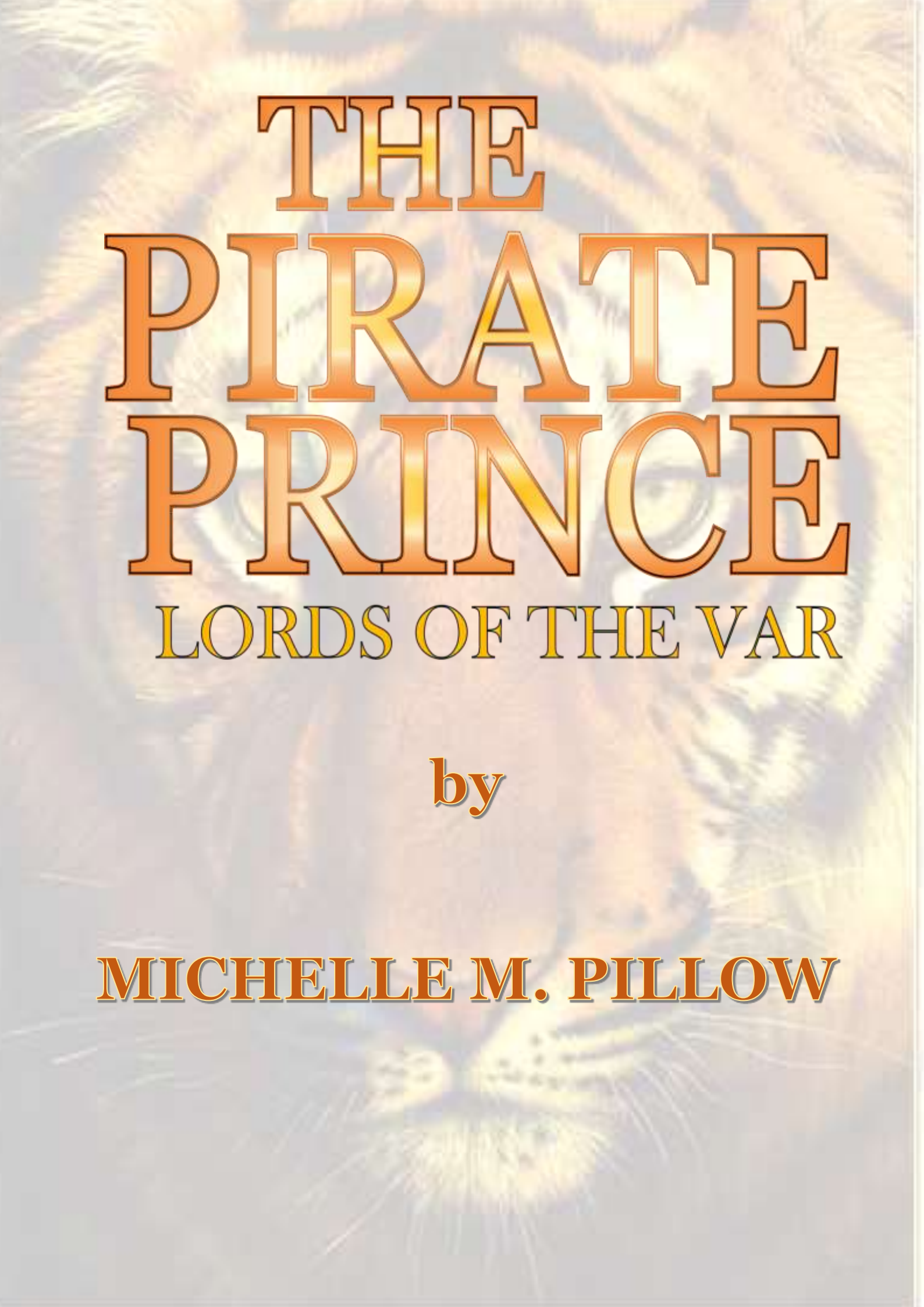
A
DRAGON
LORDS
ROMANCE



THE PIRATE PRINCE

LORDS OF THE VAR





THE PIRATE PRINCE

LORDS OF THE VAR

by

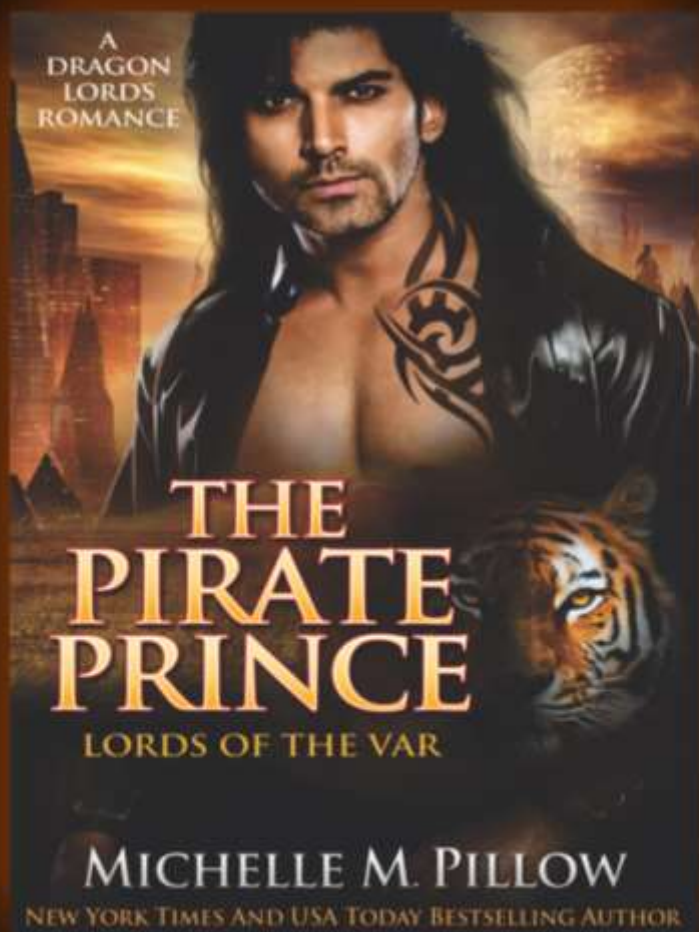
MICHELLE M. PILLOW

SÉRIE SENHORES DE VAR



Lançamento

Distribuídos



O Príncipe Pirata

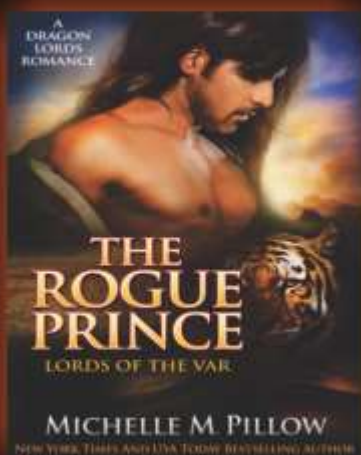


O Rei selvagem



O Príncipe brincalhão

*Série
Completa!*



O Príncipe encantador



O Príncipe prisioneiro



Tradução efetivada pelo grupo

Staff

Envio: Soryu

Tradução: Susana

Revisão Inicial : Nanda

Revisão Final : Malu Montenegro

Leitura Final: L.A e Bec

Formatação: Bec D. Hunter

"A tradução em tela foi efetivada pelo Grupo Pégasus Lançamentos de forma a propiciar ao leitor o acesso à obra, incentivando-o à aquisição integral da obra literária física ou em formato e-book. O grupo tem como meta a seleção, tradução e disponibilização apenas de livros sem previsão de publicação no Brasil, ausentes qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto.

No intuito de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo, sem prévio aviso e quando julgar necessário poderá cancelar o acesso e retirar o link de download dos livros, cuja publicação for veiculada por editoras brasileiras.

O leitor e usuário ficam cientes de que o download da presente obra destina-se tão somente ao uso pessoal e privado, e que deverá abster-se da postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social e, bem como abster-se de tornar público ou noticiar o trabalho de tradução do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar a obra disponibilizada, também responderá individualmente pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo o grupo citado no começo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998."

Comentário da tradutora,

A história é uma delícia, tem ação, humor e sexo na medida certa.

Essa série vai dar muito o que falar



– *Toda mulher tem o potencial para arruinar um homem e qualquer reino. Então pergunto a você, meu filho: se submeterá a isso?*

Rei Altor de Var.



SINOPSE

O príncipe shifter gato Jarek navega pelo universo fazendo o que lhe agrada ...até que traficantes sequestram um de seus homens. Mas a missão de resgate dá errado e em vez de um tripulante, ele resgata uma mulher que ele acredita que está tentando desesperadamente escapar de seus captores. Ele logo descobre que ele inadvertidamente sequestrou uma princesa.

Mei acaba de saber o seu futuro por uma vidente, e parece que o destino está dando-lhe em casamento a um governante vizinho. Ela vai fazer o seu dever,

*mas primeiro ela quer experimentar uma
aventura. Quando os piratas vêm para roubar, ela
sabe exatamente o que ela quer que é uma boa
aventura.*

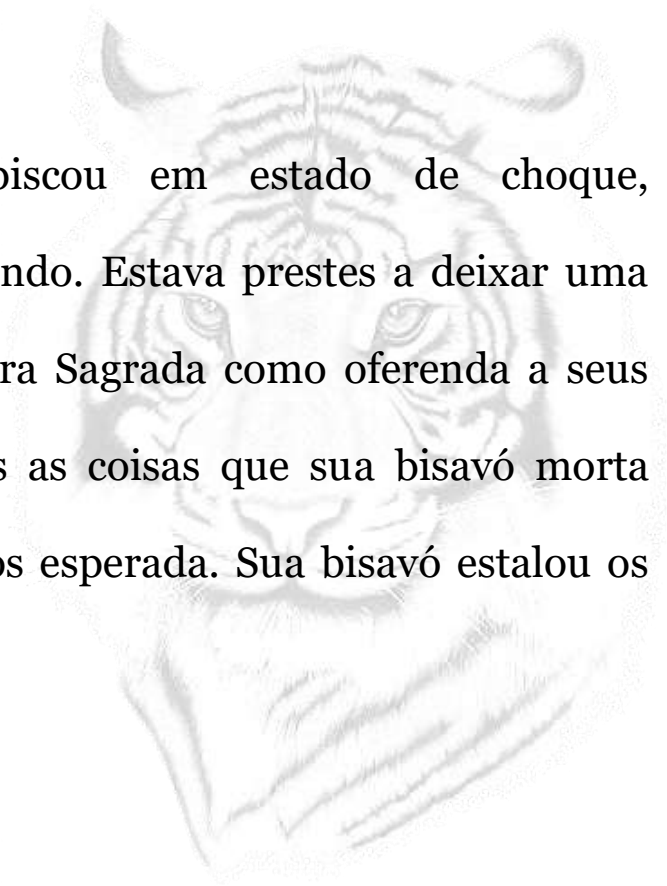


1

*Palácio Imperial da dinastia Zhang, Cidade Honrosa,
Território Muntong, Planeta Lintian.*

– Você está grávida. – As palavras eram amenas, como a chegada de uma brisa.

A Princesa Zhang Mei, piscou em estado de choque, interrompendo o que estava fazendo. Estava prestes a deixar uma jarra de vinho no altar da Câmara Sagrada como oferenda a seus antepassados falecidos. De todas as coisas que sua bisavó morta poderia ter dito, essa era a menos esperada. Sua bisavó estalou os



lábios quando a Princesa não se moveu para terminar a tarefa.

Lentamente Mei deixou a oferenda na mesa baixa e redonda, dando um passo para trás. Durante um longo momento, ficou olhando à jarra de vidro azul com incrustações de ouro. Era uma peça bonita, uma que sua bisavó apreciaria em sua outra vida, mas não tanto quanto o vinho que ela continha.

Mei não se assustou ao ver o espírito de sua bisavó. Os antepassados eram conhecidos por se mostrarem aqueles que desejavam orientação, e desde sua morte, Zhang An estivera residindo no quarto sagrado, oculto entre as paredes da Sala da Sabedoria Infinita, localizada em sua casa, o Palácio Imperial. O palácio era rodeado e protegido por grandes muralhas. O complexo atrás dos muros brilhava a Cidade Honrosa, porque o palácio real parecia uma pequena cidade. A família Real nunca precisara deixar o palácio, e raramente o fazia.

Os muros do palácio eram rodeados por um fosso largo, na área externa, com apenas duas entradas conhecidas, uma na frente e outra atrás do grande complexo retangular.

A Sala da Sabedoria Infinita era só um dos muitos edifícios dentro do complexo, localizados no centro. Entretanto, era a maior estrutura no complexo, situada no alto da torre de pedra sobre o pátio e jardins circundantes.

Mei desejava ir à cidade mais vezes. Algumas de suas melhores lembranças eram de quando passeava com sua irmã, Fen. Sempre visitavam a Lady Hsin para ver como os bichos da seda produziam os belíssimos fios de seda usados em suas roupas, ou passeavam pelo campo, contentes só por voar no Family'stu di Hang, uma nave da terra que flutuava elegante sobre a exuberante paisagem, como os antigos navios navegavam sobre os mares do Planeta Terra.

Mas isso fora há muito tempo, Mei estava inquieta. Nascera com a necessidade de aventuras, uma necessidade que ardia dentro dela, só notada quando se vira obrigada a sufocar seu aborrecimento entre os muros do palácio. Sepultar aquela ânsia de expandir seus horizontes. No entanto, era uma Princesa Zhang, e devia honrar sua família e cumprir seu dever para com seu povo, sem importar o custo pessoal. Além disso, o confinamento só tornava mais doce a

perspectiva de acompanhar seu irmão, o Príncipe Haun pelo Rio Satlyun em breve.

Ao ver o rosto da bisavó, Mei sussurrou:

– Como assim?

– Está grávida. – Repetiu a bisavó, sorrindo.

Mei ficou rígida. Era realmente isso o que a velha senhora havia dito. Por que aquele espírito sorria com tanta satisfação? O que significaria isto? Um bebê? Ela? Agora? Era loucura, impossível. Como podia acontecer isto...?

Aturdida, Mei olhou ao redor do quarto. A Câmara Sagrada era ornamentada, mas desprovida de qualquer objeto, exceto os de grande importância. O ouro resplandecia nas paredes com um desenho intrincado. A terrina em si fora esculpida como a venerada ave fênix de seu povo. Além da terrina e da mesa de oferendas, havia uma coleção de preciosos jades, trazidos da Terra por seus antepassados em sua viagem a Lintian. Sua cor verde era sagrada, mais que o jade arroxeadado extraído do rio pelos servos do

imperador Song. Os artefatos estavam guardados atrás de uma placa de cristal lapidado, o mais precioso era a poderosa Fênix de Jade. A ave de bronze fora rodeada de pequenos entalhes cobertos com a preciosa pedra verde. Suas delicadas plumas, trabalhadas de um modo, que deveria ter sido quase impossível na metalurgia da época. As joias estavam incrustadas no bronze, mas nenhuma era tão impressionante como a grande pedra engatada no peito da ave. Até mesmo olhá-la, era uma honra reservada só a família real e a poucas almas honradas.

– Não, isso é impossível. – Insistiu Mei, tocando o ventre plano.

– Tem certeza?

– Certeza absoluta. – Zhang An respondeu. O espírito usava vestimentas tradicionais de há muito tempo atrás.

As mangas largas se arrastaram no chão quando caminhou até sua neta. O delicado traje de seda flutuando no ar. Cada movimento era silencioso, tal como a brisa. O rosto enrugado, pálido, era transparente, cada movimento sutil, ameaçando fazê-lo desaparecer completamente. Os cabelos longos e escuros fluíam ao redor de seus

ombros. A tradição em sua época, a teria obrigado a prendê-lo em um elaborado penteado alto, mas An sempre fora orgulhosa de seus cabelos, e, estando morta, não estaria limitada as tradições. Além disso, quem se atreveria a repreendê-la? Outro espírito inquieto?

– Consultei todos os poderes, os ossos do oráculo, a terrina da adivinhação, até o vento. Todos dizem o mesmo.

“Grávida? Eu? É loucura.” Pensou temerosa.

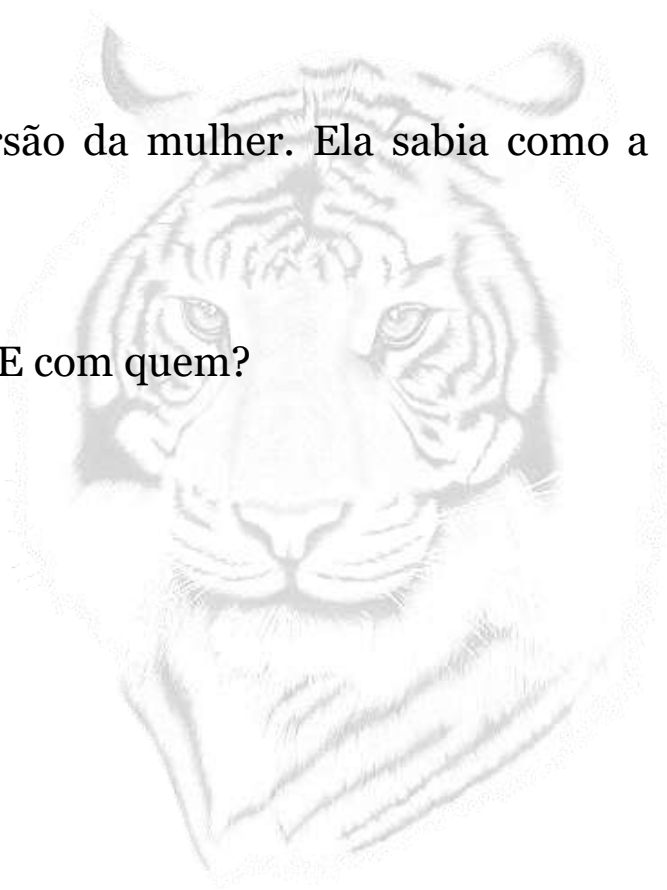
– Mas, como...? – Mei mal podia se mover.

Sua bisavó se pôs a rir.

– Deveria consultar a sua mãe quanto a isso. Só estou prevendo o futuro.

Mei não achou graça na diversão da mulher. Ela sabia como a coisa acontecia.

A grande questão era quando? E com quem?



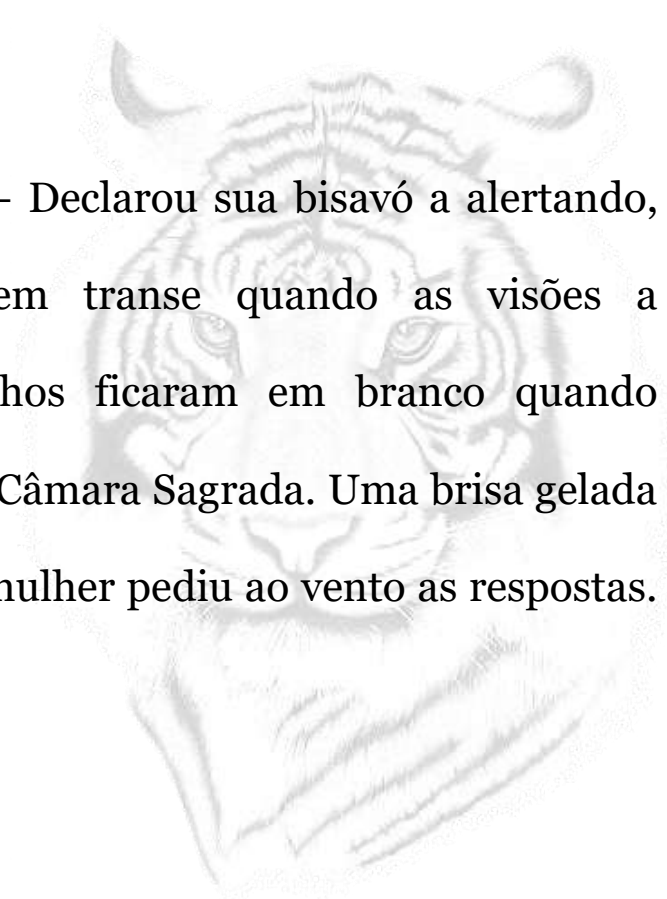
– Quando? – Perguntou Mei, tremula. Seguiu com o olhar a bisavó flutuando na sala, temendo que se movesse o corpo, a velha senhora desaparecesse.

– Dentro de dezesseis luas, mais ou menos. – Respondeu An, sorrindo.

Dezesseis luas? Isso era aproximadamente oito meses!

– De quem será? – Mei pousou a mão sobre o ventre plano e pensou em todos os homens existentes na corte de Muntong. Nenhum deles a atraía para marido, mas todos, sem exceções, estariam dispostos a casar-se com uma Princesa Zhang. Negar tal união seria absurdo. Possuía o poder incontestável de sua família, dinheiro, terras e posição.

– Mas também vejo sangue. – Declarou sua bisavó a alertando, como se estivesse entrando em transe quando as visões a alcançaram. Seus olhos castanhos ficaram em branco quando moveu uma terrina no centro da Câmara Sagrada. Uma brisa gelada se moveu pelo quarto quando a mulher pediu ao vento as respostas.



Seus cabelos se levantaram totalmente ao redor dela em um emaranhado selvagem em fúria açoitado pelo vento.

Mei sabia que sua bisavó ouvia os elementos, já que o vento também sussurrava a ela. Este era seu dom, seu poder, outorgado a ela pela Fênix de Jade. Mei podia ouvir os sussurros do vento e, embora seu próprio talento não estivesse muito desenvolvido, seu instinto era aguçado, sabia que havia segredos sussurrados no ouvido de sua bisavó. Às vezes pensava que era por isso que sentia a necessidade de ser livre, voar como o vento, pois sentia a presença daquele poder ainda no berço. Quando era menina, sempre sonhava estar voando sob o céu estrelado. Mei desejava agora que o vento a levasse para longe, acima das muralhas do palácio, desejava conhecer o espaço além das estrelas.

– Sangue real. – A velha senhora adicionou em um tom monótono, atraindo a mente de Mei aquele momento. – O bebê será de sangue real.

– Mas eu sou de sangue real, avó. – Comentou Mei desnecessariamente, tentando entender o enigma do futuro que

tinha diante de si. Às vezes Mei lamentava que sua família não pudesse ver todas as peças. O dom mais causava confusão do que esclarecimento.

Seu estômago se contorceu e temeu vomitar. Ou sua bisavó estaria sugerindo o Príncipe Song Lok? Ele era o único outro senhor no império Lintian, a dinastia Song dominava o outro lado do Rio Satlyun. O rio fluía através do centro de seu planeta, separando os territórios Muntong e Singhai. Lok era o único herdeiro de sexo masculino ao trono, embora tivesse três irmãs, trigêmeas. Mei nunca vira as filhas do Império Song e só tinha encontrado o Príncipe Lok uma vez, e há muito tempo.

Não é que houvesse qualquer razão para ser apresentada as trigêmeas. Os dois Impérios nunca firmaram um acordo sem muita disputa. O Imperador Song governava o Império de Singhai no Oeste e os pais de Mei governavam o Império Muntong no este. Entre os dois territórios havia o Rio Satlyun, que circundava de norte a sul o centro exato do planeta Lintian. O rio gigantesco era

uma maravilha da natureza, tão largo que era impossível cruzá-lo a nado.

Ele era a principal razão que impedia uma luta armada entre os dois Impérios. Apesar dos muitos desacordos entre as duas dinastias, a paz era algo que os Lintianeses apreciavam.

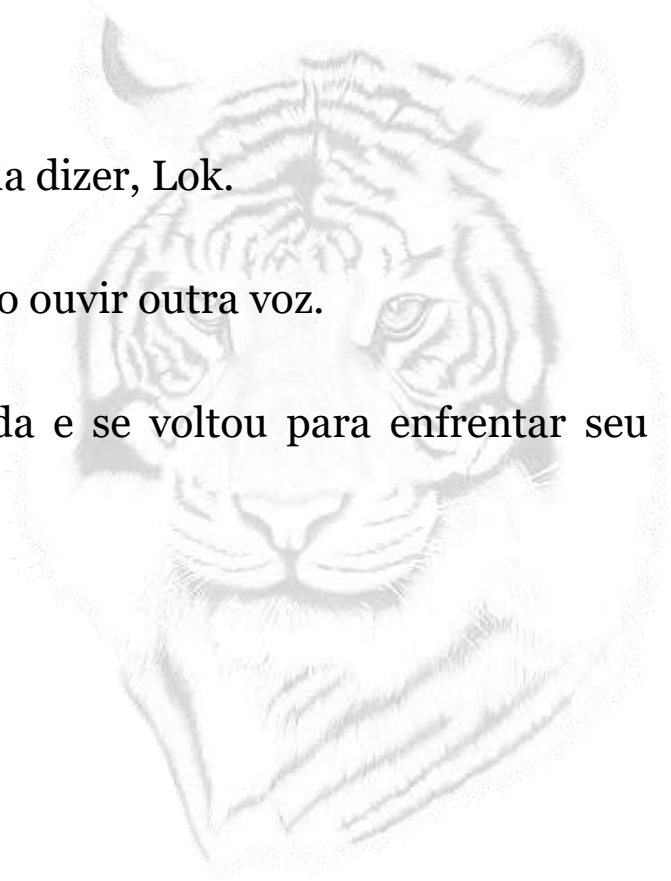
Sua união com o Príncipe Lok asseguraria uma paz permanente? Seria essa a verdadeira razão pela qual fora induzida a acompanhar seu irmão mais velho, Haun, em sua viagem através do rio Satlyun? Houvera um acordo de casamento? O que, exatamente, sua bisavó estaria omitindo? Ou Mei não queria ouvir aquelas palavras?

– O sangue do qual falo não é Zhang. É estrangeiro. – An lhe lançou um olhar mordaz.

Mei fez uma careta. Lok. Queria dizer, Lok.

– Casada? – Mei estremeceu ao ouvir outra voz.

Imediatamente Mei ficou rígida e se voltou para enfrentar seu pai, o Imperador.



Vestindo um traje amarelo estampado com dragões vermelhos e símbolos. O vermelho e amarelo eram as cores da realeza. Combinando com os edifícios, todos com tetos de telhas amarelas e paredes vermelhas.

O Imperador estava de pé a entrada, um olhar de suprema felicidade no rosto. Se isto fosse verdade, Mei seria a primeira de seus filhos a casar-se. Sua irmã mais velha, Fen, e seus quatro irmãos: Haun, Jens, Atam e Sem eram jovens. Mei era a caçula e por tradição deveria ser a última a casar-se.

“Isto não é justo.” Pensou decepcionada.

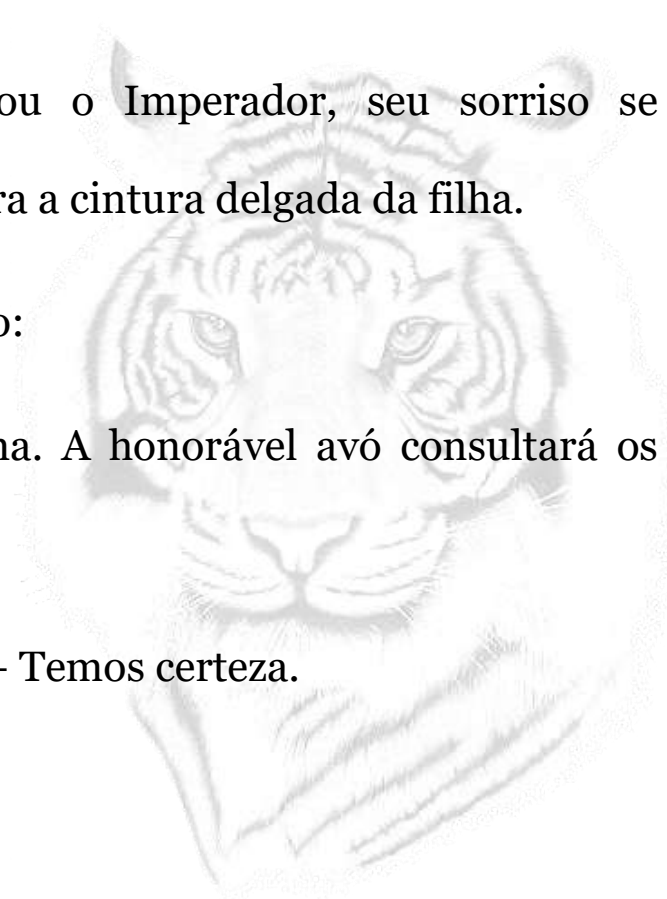
– Sim. – Respondeu sua bisavó. – E com um filho.

– Tem certeza? – Perguntou o Imperador, seu sorriso se alargando mais quando olhou para a cintura delgada da filha.

Mei tocou seu ventre, ofegando:

– Não! Não há certeza alguma. A honorável avó consultará os elementos outra vez.

– Sim. – Afirmou sua bisavó. – Temos certeza.



– Não. – Replicou Mei. – Nós temos.

– Este é um dia muito feliz! – O Imperador Zhang sorriu. Os dois anciões a ignoram enquanto falavam um com o outro.

– Sim, um dia muito feliz. – Concordou An. – Deve dar a notícia a minha neta imediatamente. Certamente ficará exultante ao ouvir as boas novas.

– De fato, a Imperatriz ficará muito contente com a união de Mei.
– Concordou o Imperador. – E ficará maravilhada com a notícia de um neto! – Com suas palavras, lançou um olhar secreto a sua bisavó. Mei ignorou a troca de olhar, incapaz de lidar com a situação neste momento.

“Ter um filho, casar? Com quem?” Não estava certa de que situação seria pior: um casamento ou um bebê. Na verdade, ela jamais considerara tais perspectivas. Nunca. Casar-se seria permanecer presa a Lintian, ainda mais do que estava agora.

– Não, isso não vai acontecer! – Protestou Mei. Segurando o ventre. Seu corpo inteiro tremia e não podia superar o fato de que

teria um bebê. Não estava preparada para isso. Um marido podia enfrentar; se fosse obrigada a fazê-lo, mas um bebê?

Tudo estava se passando rápido demais.

– Consulte-os outra vez, avó. Por favor.

An suspirou e moveu à terrina para fazê-lo. Passando sua mão sobre a água fria, agitou-a com seu dedo fantasma. Um suave brilho cobriu os traços transparentes da mulher quando seus olhos castanhos e etéreos se voltaram outra vez a um branco leitoso.

– Não há engano. Vejo-a grávida de um menino. Um bebê concebido com sangue real. Um Príncipe que não é da linhagem Zhang, seus caminhos se cruzaram e você encontrará tanto o pai de seu filho quanto seu marido.

– Lok. – Sussurrou o Imperador, confirmando seus medos. A expressão de seu pai se entristeceu com a menção do Príncipe Lok, mas quando ele viu que Mei o contemplava decepcionada, confuso, escondeu a expressão e outra vez sorriu. – O Príncipe Lok é uma boa opção. Deve partir para o Palácio da Montanha com seu irmão

para se encontrar com a família Song. Será a oportunidade perfeita para se conhecerem.

– Mas. – Mei engoliu em seco. – Não preciso ir. Só pedi para acompanhá-lo para sair...

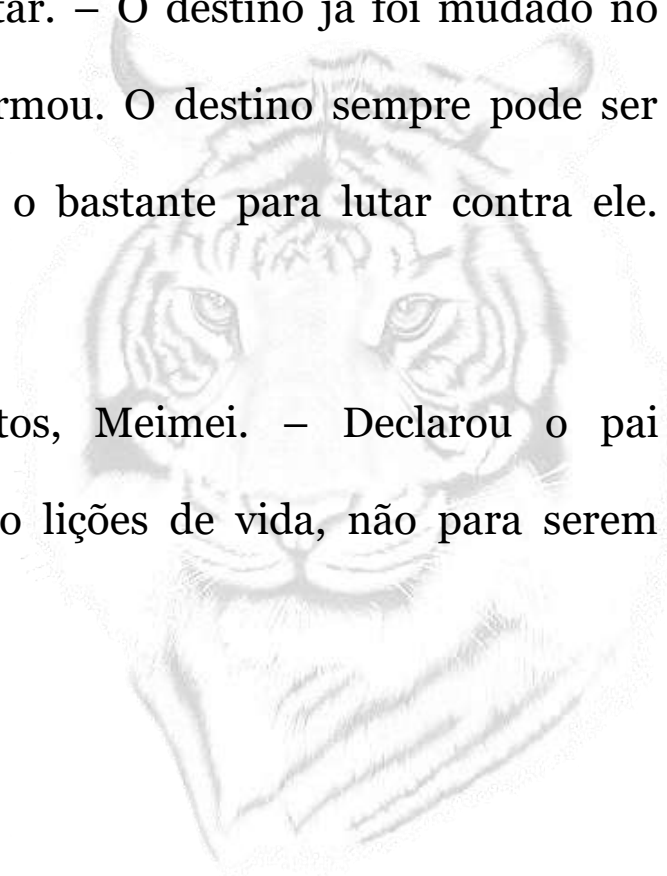
– Obrigado minha querida filha. – Declarou seu pai em voz baixa.

Mei mordeu o lábio e assentiu obediente, enquanto pensava, que só quisera escapar daquele lugar por algum tempo.

– Não pode fugir do destino. – Disse An. – No final, acabaram por se encontrar.

– Mas... – Mei tentou protestar. – O destino já foi mudado no passado, pai, você mesmo o afirmou. O destino sempre pode ser mudado pelos que são valentes o bastante para lutar contra ele. Deixe-me ficar aqui desta vez.

– Eram simplesmente contos, Meimei. – Declarou o pai decidido. – Contos usados como lições de vida, não para serem



levados literalmente. Além disso, já dissemos aos Song que você acompanharia seu irmão. Voltar atrás seria como um insulto.

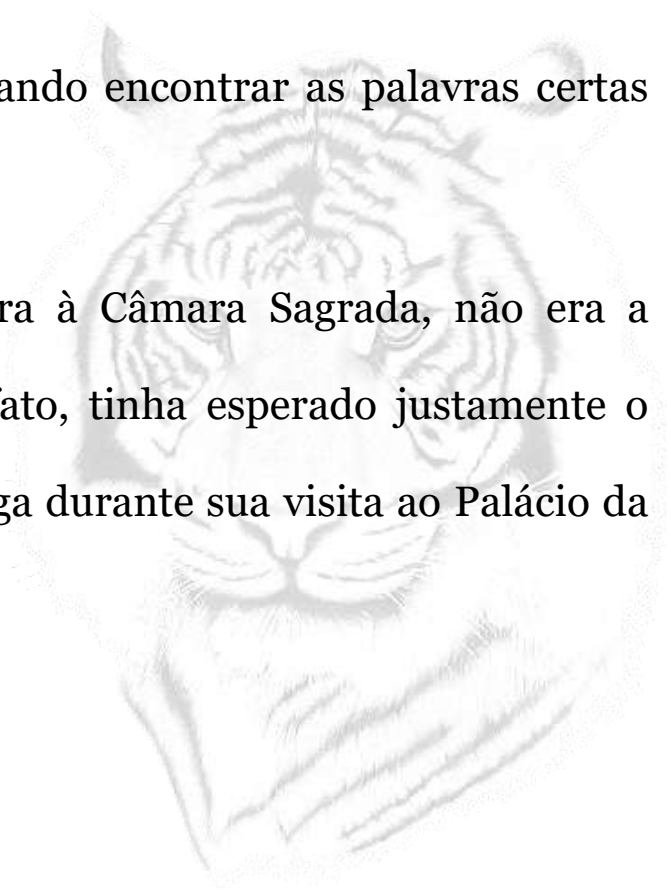
– Mas, Pai, você mesmo dizia que todos os contos são baseados na verdade, que...

– Não vejo nada mais e estou esgotada. – Interrompeu sua bisavó. Mei abriu a boca para continuar, mas um vento forte, de repente, carregou a figura da anciã sobre a oferenda de vinho antes que ela e a bebida desaparecessem, com jarra e tudo.

– Desejo-lhe felicidades, minha filha. – Disse o Imperador, acariciando seu ombro quando ficaram sozinhos. – Esta será uma viagem proveitosa.

A boca de Mei se abriu, tentando encontrar as palavras certas para protestar.

Quando sua bisavó a chamara à Câmara Sagrada, não era a notícia que esperava ouvir. De fato, tinha esperado justamente o contrário, queria aventura e intriga durante sua visita ao Palácio da



Montanha de Singhai. Em vez disso, conseguira um casamento e filho.

– Não há certeza de que isso vá acontecer, meu pai. Sussurrou Mei. - Minha bisavó pode ter interpretado mal o futuro. É difícil ter uma leitura real, de fato, do destino.

– O destino é só isso, minha filha. Destino. – O Imperador lhe deu um sorriso terno. – Ela lhe proporcionou uma grande bênção. Não lhe revelaria as premonições, se existisse a possibilidade de estar enganada. Deve se casar com o Príncipe Lok. Lembre-se de que tudo acontece por uma razão. Seu casamento será de grande importância para nosso povo e para o deles. Sellará a união entre nós, uma união que poderia unir nossos povos. Confio no destino para lhe abençoar com muitos anos de felicidade e um futuro feliz.

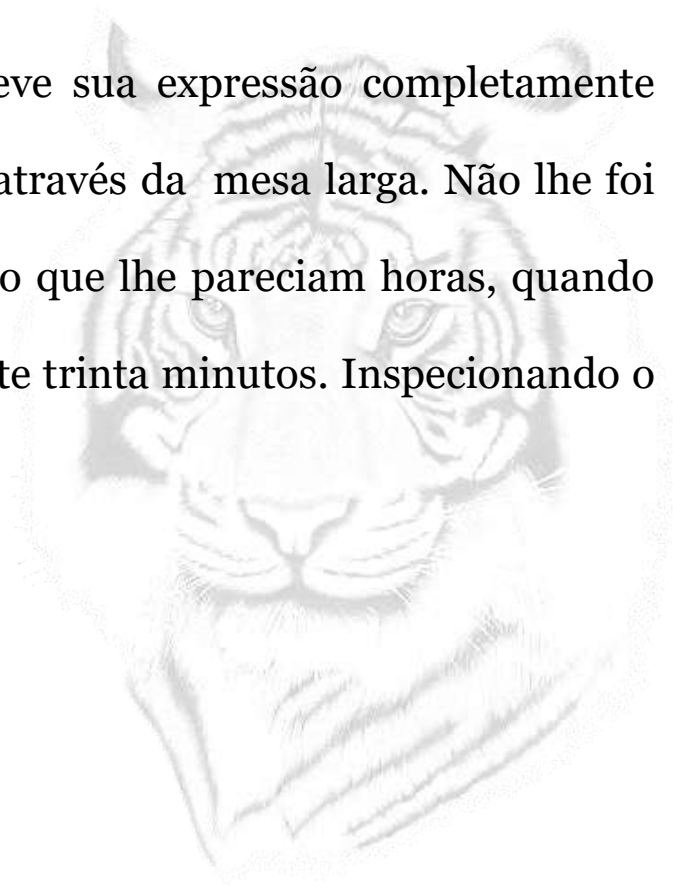
Mei abriu de novo a boca. Balançando-se sobre seus pés, uma sensação de fraqueza e desespero se apoderou dela. Sentiu os braços de seu pai ao seu redor quando seu corpo desfaleceu sem sentido no chão, absorvida pela escuridão da negação.



*Shan Gung Din (Palácio da Montanha), da dinastia
Song, Território Singhai.*

Duas semanas mais tarde...

A princesa Zhang Mei manteve sua expressão completamente desinteressada enquanto olhava através da mesa larga. Não lhe foi difícil. Estivera sentada no chão o que lhe pareciam horas, quando na realidade, se passaram somente trinta minutos. Inspeccionando o

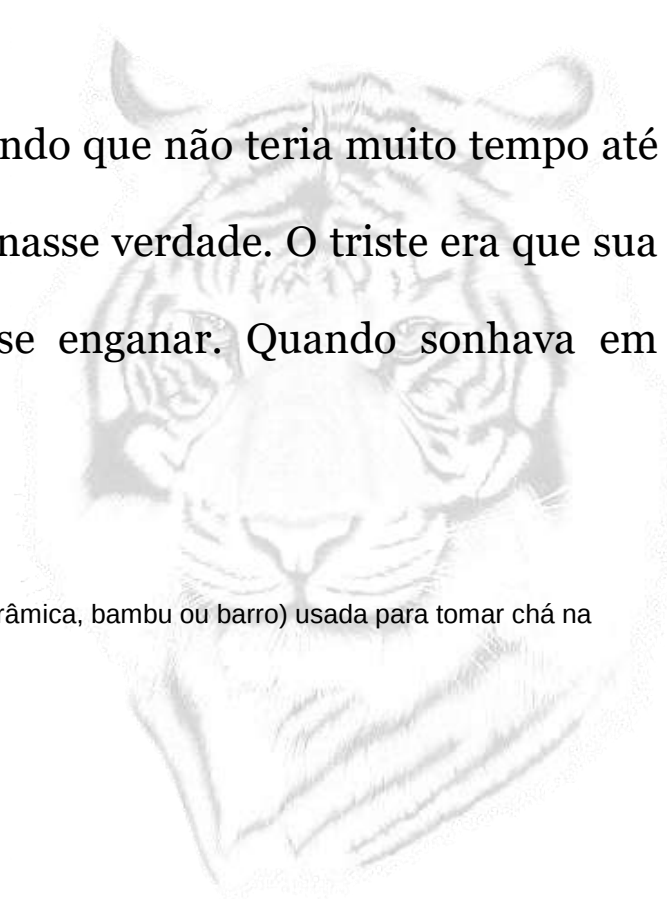


conteúdo do chawan¹ de chá diante dela, levantou-o aos lábios e bebeu outro gole do líquido quente. Fora preparado de forma diferente ao que estava acostumada, mas estava bom. Depois de estarem em Shan Gung Din, muitas das coisas eram assim, diferentes, mas toleráveis. Não era de se surpreender, suas culturas tinham estilos de vida distintos há muito tempo devido ao distanciamento imposto pelos dois governos.

Por quanto tempo suportaria até que se tornasse intoleravelmente diferente? Quanto tempo até que a solidão de estar em um lugar onde todos pensam que são culturalmente superiores aos outros? Quanto tempo até que se visse obrigada a casar com o príncipe Song Lok?

Mei olhou para o ventre, sabendo que não teria muito tempo até que a presságio de sua avó se tornasse verdade. O triste era que sua bisavó não era conhecida por se enganar. Quando sonhava em

¹ Utensílio semelhante a uma pequena terrina de (cerâmica, bambu ou barro) usada para tomar chá na China Antiga até hoje.



escapar do palácio, não era bem isto o que tinha em mente. De repente, a idéia de viver em outro lugar a assustou.

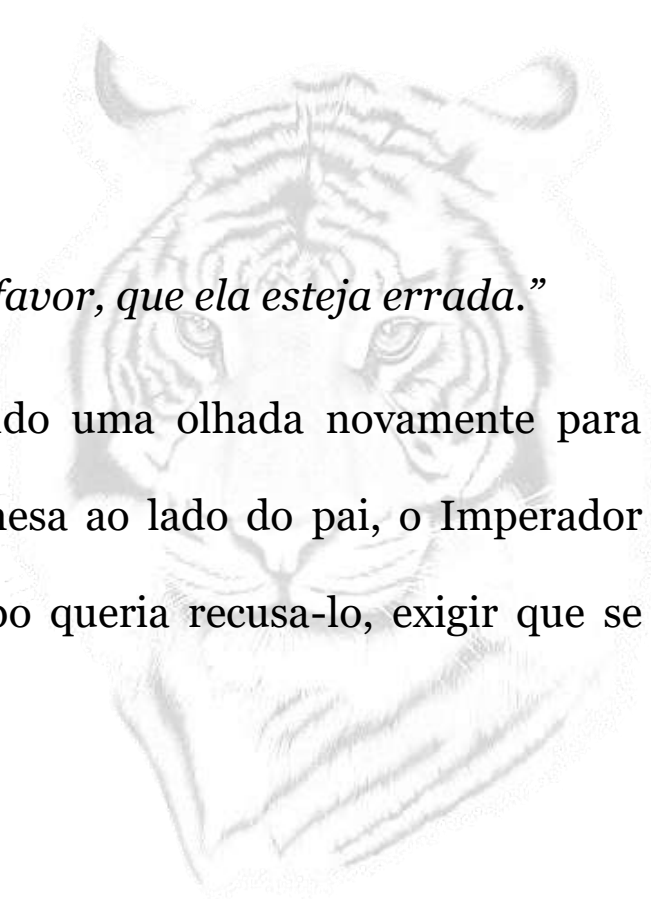
A mesa na qual estava sentada era baixa, ideal para ajoelhar-se para jantar. Almofadas protegiam seus joelhos enquanto se apoiava atrás em suas pernas. Estava perdendo a sensibilidade nelas, mas estavam no palácio do imperador Song de Shan Gung Din como convidados e não se atreveria a insultá-lo movendo-se em seu assento.

Mei se negou a pensar na predição de sua bisavó. O destino podia ser o destino, mas certamente prever o futuro nunca fora uma arte exata. Era possível que sua avó tivesse interpretado mal. Não era muito provável, mas possível.

“Certo?”

“Benditos Antepassados! Por favor, que ela esteja errada.”

Mei sufocou o gemido, jogando uma olhada novamente para Lok, sentado do outro lado da mesa ao lado do pai, o Imperador Song. Cada partícula de seu corpo queria recusa-lo, exigir que se

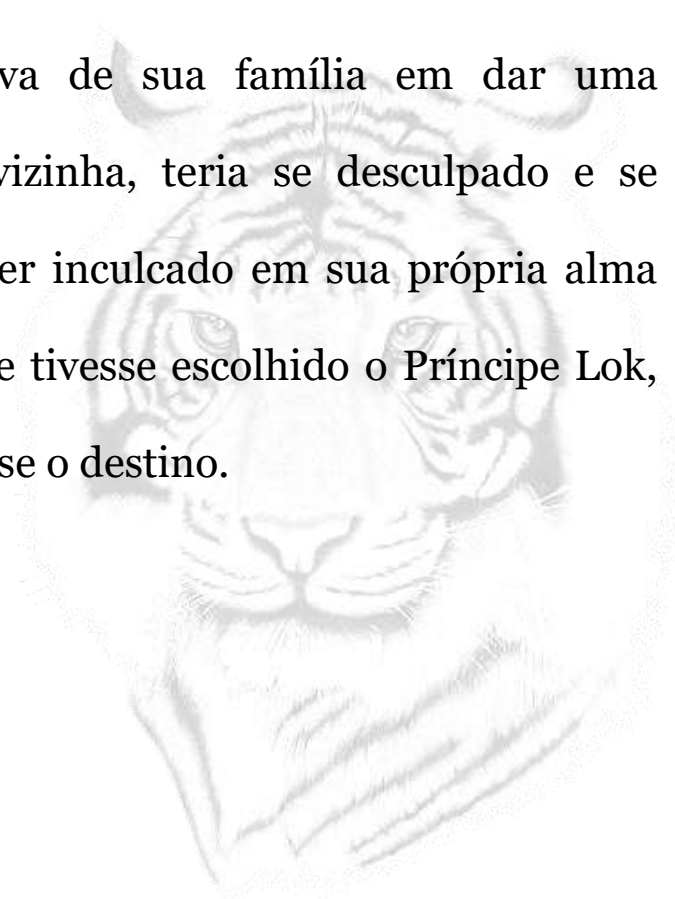


afastasse dela. Realmente esperavam que tivesse um filho com este homem? Viver neste palácio com um sogro e marido esnobes?

Não tinha duvidas de que o Imperador era um pomposo esnobe. Não, só pomposo e esnobe, não.

Era um pomposo esnobe elitista e seu filho era um pouco pior. Embora seu pai se decepçionasse se ela não quisesse casar-se com o Príncipe Lok, sabia que nunca a forçaria. Casamentos arranjados e forçados eram coisas do passado, embora os tramites das uniões tivessem que passar pelos astrólogos reais antes de serem discutidos. Mas até isso era somente uma cerimônia tradicional, embora desse uma estimativa do futuro do casal.

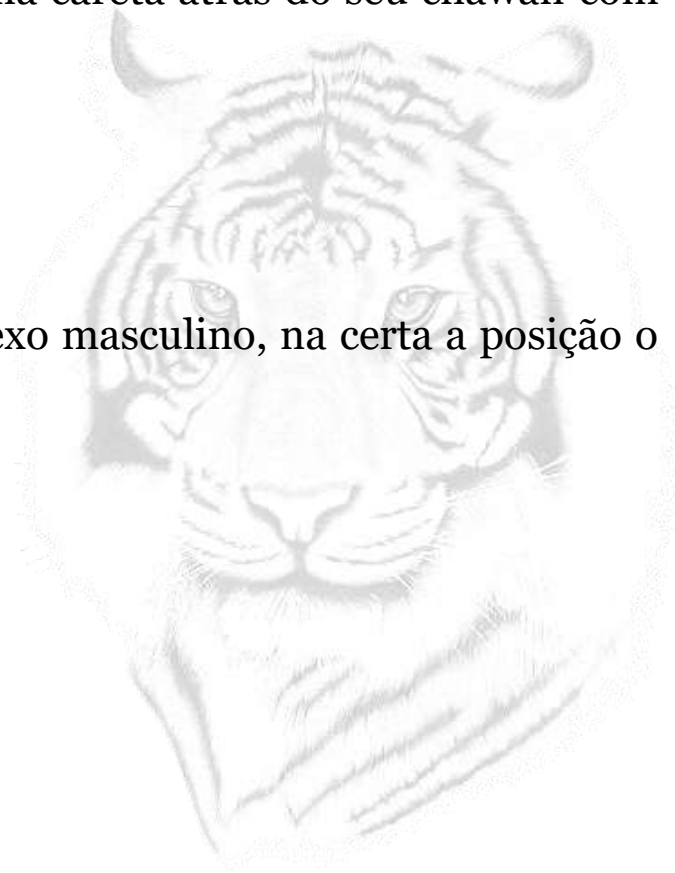
Se não fosse pela expectativa de sua família em dar uma impressão favorável a família vizinha, teria se desculpado e se retirado há muito tempo. O dever inculcado em sua própria alma sabia, que se o destino realmente tivesse escolhido o Príncipe Lok, então o dever exigiria que honrasse o destino.



Entretanto, se Lok não fizesse sua parte, não seria falta sua. Ou seria? Não tinha o dever de fazer querê-la. Não havia nenhuma razão para que ela fosse além de educada.

O Príncipe Lok, tal como ela, tinham a mesma posição social. Era perito em artes marciais antigas. Com seus antecedentes, se era esperado que tivessem muitas coisas em comum, ou ao menos que conversassem. Entretanto, assim que ficou a sós com o Príncipe, ele apenas se limitara a olhá-la com uma expressão neutra, só sondando-a. Provavelmente não acreditava que a filha caçula do Imperador Zhang fosse boa o bastante para ele. Mei perguntou a si mesma, se realmente ele consideraria alguma mulher boa o bastante boa para ele. Mei fez uma careta atrás do seu chawan com chá para que não pudessem vê-la.

Lok era o único herdeiro de sexo masculino, na certa a posição o faria naturalmente melindroso.



Ela esperaria o mesmo de Haun, embora futuro Imperador ou não, Mei nunca acharia uma mulher boa o bastante para seu querido irmão. Ainda não lhe tinham apresentado às irmãs trigêmeas de Lok. Já que a visita estava prestes a se findar, ainda estava em dúvida se seriam ou não apresentadas. Isso por si só já fora um pouco grosseiro da parte da família Song.

Mei voltou sua atenção novamente aos homens Song diante dela. Atrás dos dois membros da Família Real, havia uma longa fila de pu ren esperavam para atender a mesa. As pu ren eram criadas, que chegavam ao palácio para servir à família real, e esperando atrair um marido de importância entre a guarda real. Geralmente vinham de casas nobres ou de grandes comerciantes.

A família Zhang tivera sua parte justa de pu ren ao longo dos séculos, embora nenhuma estivesse empregada na corte de Mutong atualmente. Cada uma das mulheres usava um piem-fu, um traje de duas peças, de seda no estilo antigo, que se usava frequentemente nas velhas cerimônias quando seu povo tinha vivido na Terra. Variavam em padrão e cor, mas consistia em uma veste em forma

de túnica com mangas largas e quadradas que chegavam até os joelhos e uma saia que chegava até o chão. Apesar de alguns costumes antigos da terra já não serem aplicados na cultura moderna, o povo de Lintian se agarrava às tradições do passado.

Estava sentada ao lado de seu irmão, o Príncipe Zhang Haun, o primogênito e herdeiro do trono de Zhang. Haun era dez anos mais velho que ela, mas sempre foram unidos. Mei mentiria se não admitisse que sempre o tinha idolatrado. Quando era menina, parecia-lhe tão forte e poderoso. Agora, quando era mais velha, ainda pensava assim, mas também descobriu que o irmão era generoso e amável. Algum dia seria um grande governante.

– Princesa Mei. – O Imperador estrangeiro interrompeu seus pensamentos, os olhos arrogantes, vagando sobre sua roupa.

Mei não podia dizer se era aprovação ou desagrado em sua expressão, aborrecida, apesar de realmente não se importar com a opinião dele. Ela e seu irmão se trajavam em um estilo mais moderno, em vez dos costumes mais tradicionais que o povo de Singhai parecia preferir. Mesmo assim, seu traje era apertado ao

redor de sua cintura até quase cortar sua respiração. As pu ren tinham sido enviadas para ajuda-la a se vestir e insistiram em quase sufoca-la. Sem querer ofender a hospitalidade do Imperador Song, ela aceitara.

– Não disse uma palavra esta noite. – Inquiriu o Imperador Song.

– Por que falar quando posso ouvir o canto encantador de uma jovem pu ren? – Respondeu Mei, em voz baixa e doce.

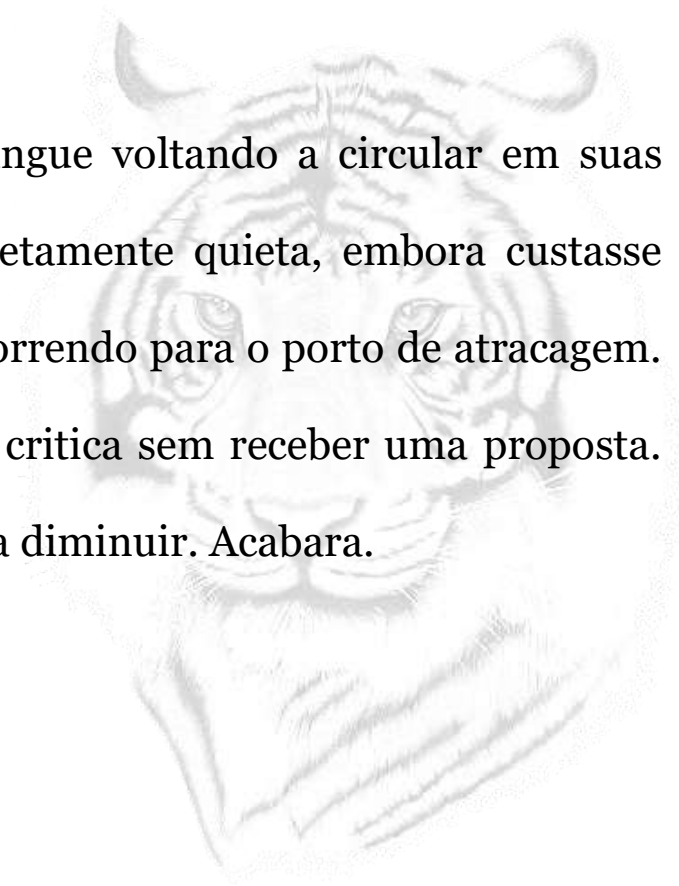
Viu que seu irmão ficava rígido a seu lado e sabia que estava contendo o riso. O pequeno espetáculo que ela encenara a família Song, era só isso: um espetáculo. Nunca fora mansa ou cordata em suas opiniões e convicções. Entretanto, sabia muito bem quando destilar seu veneno como uma serpente, e quando parecer ser apenas uma tímida flor bonita. Dominar tais artes era o que a tornava uma excelente negociadora. Como era a mais jovem e a caçula de seis irmãos, a negociação fora muito praticada. Do contrário, teria sido mimada absurdamente por seus cinco irmãos.

– Talvez em outra ocasião, irmã. – Disse Haun, antes que o imperador viesse a responder. – A nave nos espera.

Mei escondeu seu suspiro de alívio. Haun conhecia a profecia e a salvava de suportar à família Song por mais tempo. Suas negociações foram realizadas com sucesso, embora só o tempo dissesse se seriam satisfatórias ou não aos dois povos. Entretanto, se não fosse estas negociações, haveriam outras a tratar no futuro. Tal era a vida e responsabilidade de Haun. Embora não fosse oficial, os irmãos Zhang viam seu irmão mais velho tomar lentamente cada vez mais responsabilidades.

Haun se levantou, incitando os outros homens a fazer o mesmo. Mei foi a última a levantar-se.

A sensação de ardor pelo sangue voltando a circular em suas pernas a fez permanecer completamente quieta, embora custasse toda a sua vontade de não sair correndo para o porto de atracagem. Conseguira passar pela situação crítica sem receber uma proposta. O nó em seu estômago começou a diminuir. Acabara.



O Príncipe Lok não tinha demonstrado nenhum interesse. Sua bisavó estava enganada. Não teria que casar-se com ele.

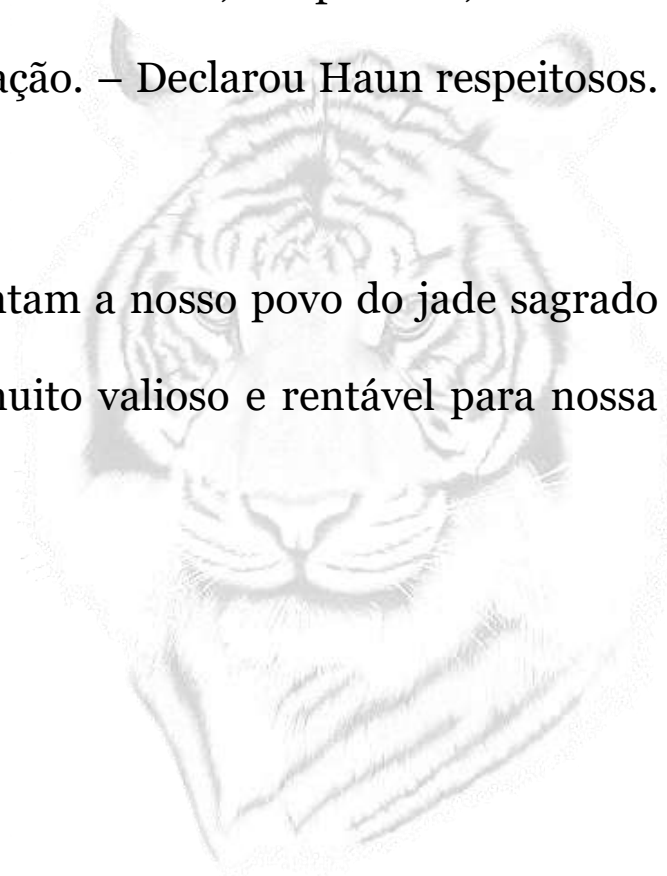
– Honrou-nos com sua visita, Príncipe Haun. – Disse Lok quando seu pai nada comentou. Mei cruzou as mãos diante dela, morrendo para se enfiar em um par de calças de seda e esticar as pernas. Parecia que o cinturão do traje esmagava suas costelas.

– Falaremos com a corporação mineira sobre as preocupações de sua família...

– Asseguro-lhe que não há nada para preocupar-se. – Interrompeu o Imperador, dando ao seu filho um olhar severo.

– Sinto não concordar com o senhor, Imperador, mas há realmente motivos para preocupação. – Declarou Haun respeitoso.
– O povo de Zhang...

– As minas de Lin Yao sustentam a nosso povo do jade sagrado roxo há séculos. O comércio é muito valioso e rentável para nossa



dinastia. Por que precisaríamos recorrer à fabricação de chandoo²?

– O Imperador franziu o cenho, levantando os braços.

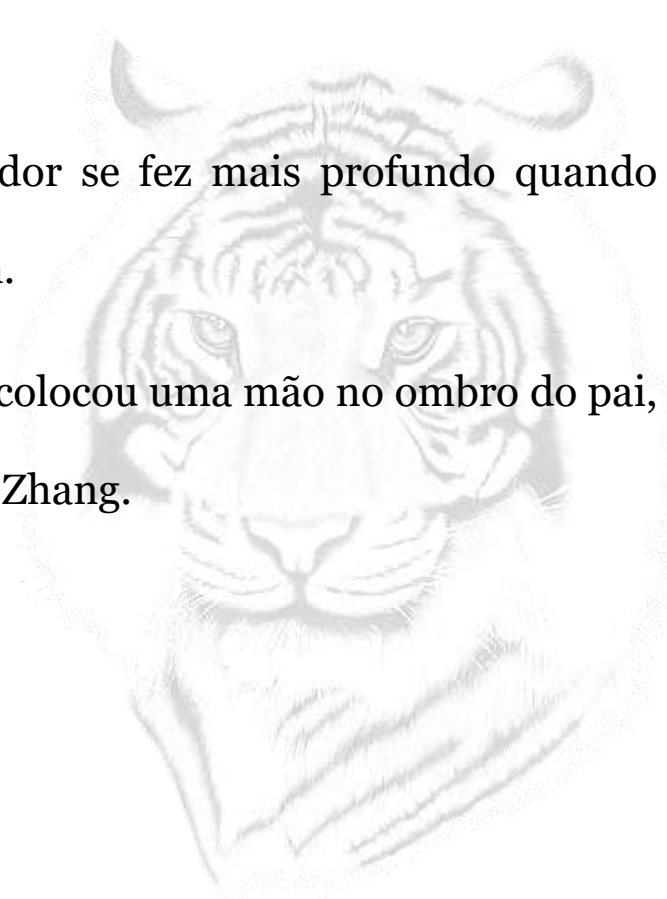
– Atreve-se a me insultar? Acaso pareço um comerciante de drogas intergalácticas?

– Não o senhor, Imperador Song. – Respondeu Haun, não se intimidando. Mei estava orgulhosa dele. O Imperador era um homem arrogante e volátil. – Mas talvez os proprietários do Lin Yao Mining Company sejam ou algum administrador deles. Quando analisamos as roupas retiradas das nave de transporte, foi encontrada a droga junto com o pó da mina. Tudo o que pedimos é que investiguem e acabem com isso. Considere-o um favor à família Zhang, sim.

O cenho franzido do Imperador se fez mais profundo quando olhou por baixo do nariz de Haun.

– Não devo favores a... – Lok colocou uma mão no ombro do pai, mas com o olhar fixo no Príncipe Zhang.

² Uma forma de ópio

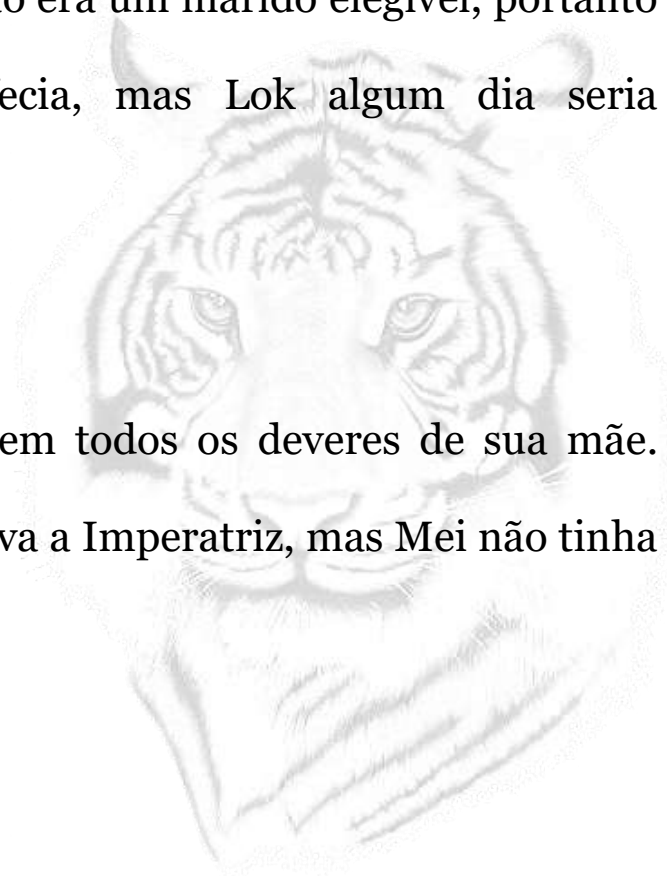


– Por favor, não considere a reação de meu pai como uma ofensa. Ouvimos seu pedido e agiremos. Não há nada mais a discutir. Dou-lhe minha palavra que irei pessoalmente às minas e investigarei o caso.

Mei observou a mão de Lok no braço do Imperador Song. Realmente não conhecia o Imperador ou a sua família muito bem, mas lhe parecia estranho à atitude do filho. O Imperador nada disse por ser interrompido, simplesmente assentiu com a cabeça. A idéia de que Lok assumia as tarefas para o Imperador como Haun assumia para seu pai, a desnorteou. Em sua cabeça, passara somente a idéia de casar-se com um Príncipe Song, não com o Imperador Song. O pai de Lok não era um marido elegível, portanto não era considerado na profecia, mas Lok algum dia seria imperador.

Imperatriz Song Mei.

Mei tremeu, quando pensou em todos os deveres de sua mãe. Não queria ser como a mãe. Amava a Imperatriz, mas Mei não tinha



o desejo de ser como ela, muito menos arcar com tantas responsabilidades.

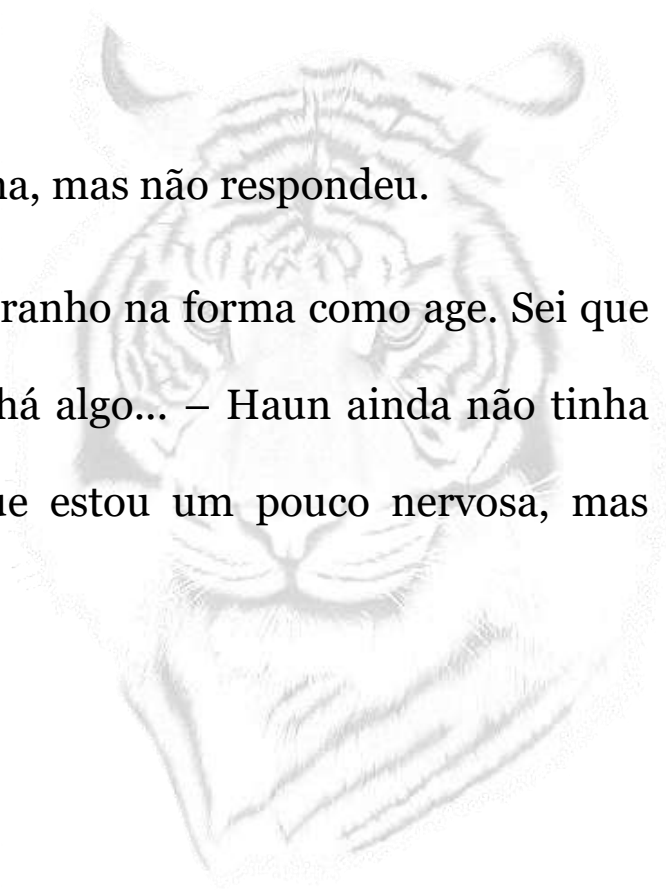
Haun se dobrou pela cintura, suas mãos com as palmas unidas diante do peito, em postura de respeito. Mei obediamente assentiu com a cabeça, embora não tivesse sido abordada. O sangue correndo alucinado enquanto os homens se despediam.

Haun se afastou da mesa baixa e lhe fez gestos para que o seguisse. Mei o obedeceu sem discutir, arrastando-se corretamente atrás dele por respeito. Quando já estavam a sós, apressou-se colocando-se ao lado do irmão. Respirando fundo, disse com perspicácia.

– Estão escondendo algo.

Haun arqueou uma sobrancelha, mas não respondeu.

– O Príncipe Lok... há algo estranho na forma como age. Sei que não conhecemos o homem, mas há algo... – Haun ainda não tinha respondido. – Sei que pensa que estou um pouco nervosa, mas tenho a sensação de que...



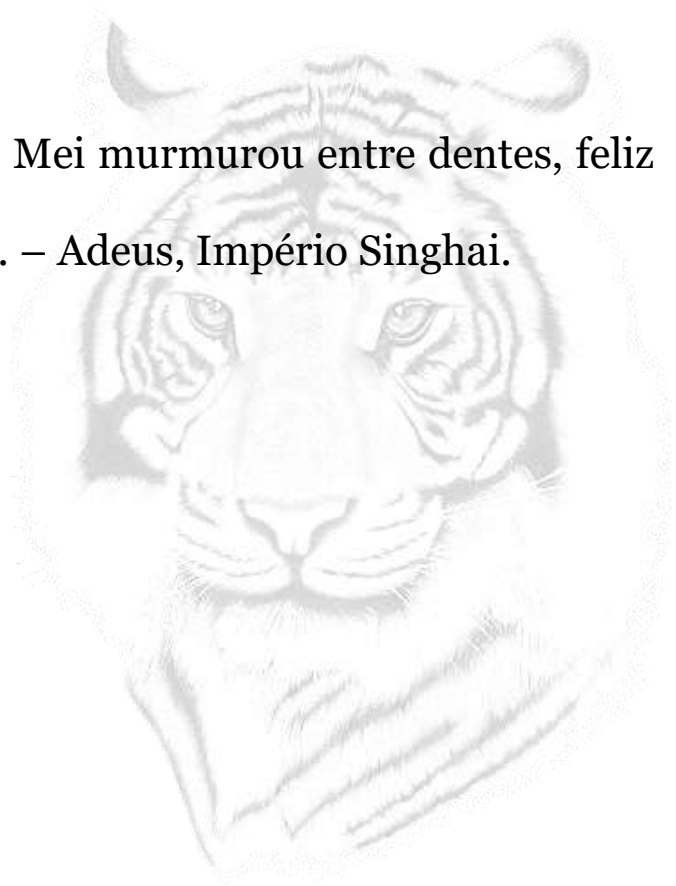
Haun parou e se virou sussurrando

– Minha querida, neste ar tem ouvidos e as paredes tem olhos, Meimei. – A boca de Haun sorriu levemente apesar enquanto os olhos dela se arregalaram. – E meu instinto me diz que não quer se casar com o Príncipe, seu julgamento pode não ser imparcial.

Mei suspirou, nada mais dizendo quando assentiu com a cabeça em acordo. Ele tinha razão. Seu julgamento daquela situação se devia ao desejo de não estar ali, não querer esse destino. Diminuiu o passo, ficando atrás do irmão enquanto o seguia ao porto de embarque no palácio. Ele tinha razão. Era possível que ela estivesse lutando contra o destino e tentando encontrar defeitos onde não havia nenhum.

– Zài–jiàn³, Shan Gung Din. – Mei murmurou entre dentes, feliz em deixar o Palácio da Montanha. – Adeus, Império Singhai.

³ Adeus em chins



Haun olhou por cima do ombro com um sorriso e ela percebeu que ele a tinha ouvido murmurando. Sem dizer uma palavra, voltou-se para frente. Mei sorriu as suas costas enquanto continuava em silêncio.



2

– Mas o que, em nome das estrelas, estamos fazendo aqui, Cap? – Evan Cormier grunhiu e passou os dedos através dos cabelos negros e curtos. Seus olhos estavam no palácio Lintianese diante deles. – Em que aquele idiota nos colocou agora? Disse a ele que deixasse a mulher em paz. Avisei que ela seria um problema, mas Rick conseguiu ver, algo além da própria luxúria, alguma vez? Não! E com um simples bater de pestanas, lá foi ele como um pequeno remloch⁴ estúpido atrás de uma trepadeira de saias.

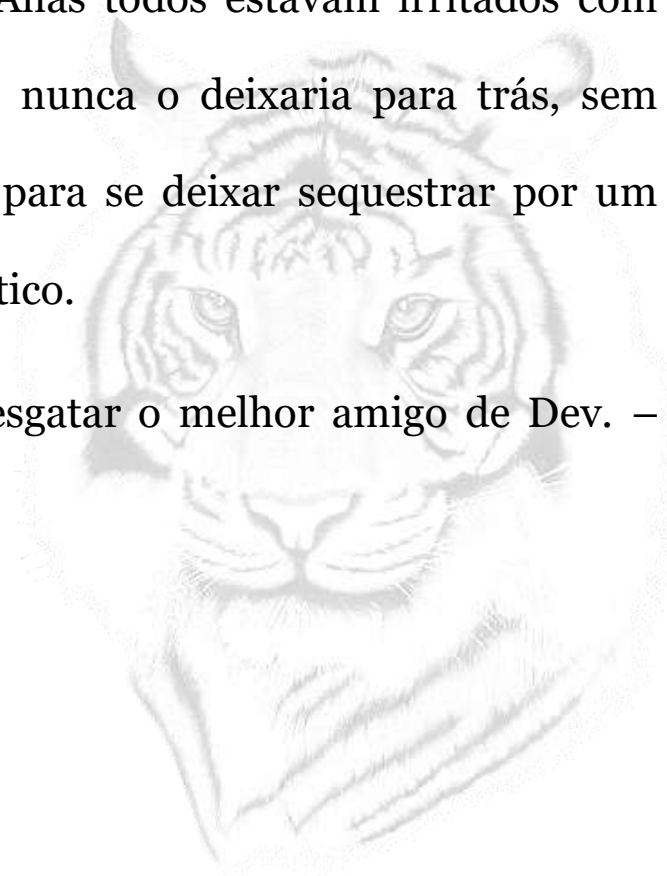
Jarek fitou Evan e escondeu um sorriso. Evan era um bom homem para ter em sua tripulação, um grande trabalhador e um inferno do tipo inteligente. O homem era parte telepata, um fato

⁴ Um dragão floral Grishelm

que não tinha compartilhado com muitos, e foi essa habilidade à que Evan se referia agora. Rick era o piloto da nave, Conquistador, e em cada centímetro um autêntico boa vida. Evan o tinha avisado sobre a feiticeira de cabelos escuros que tinha encontrado e flertado no porto estelar de Leinad onde pararam para reposição de peças, mas Rick não lhe dera importância. A feiticeira o tinha sequestrado, por alguma razão desconhecida para eles e o levava ao planeta Lintian. Embora, conhecendo Rick, como conhecia, ele teria aberto a bocarra e teria dito algo estúpido para insultá-la. Não era nada provável que ela o tenha levado por não conseguir viver sem ele.

Agora estavam ali em Lintian para salvá-lo. Jarek sabia que Evan estava irritado por este desvio. Alias todos estavam irritados com isso, mas Rick era seu amigo e nunca o deixaria para trás, sem importar o quão estúpido fosse para se deixar sequestrar por um comerciante de drogas intergaláctico.

– Bem, estamos aqui para resgatar o melhor amigo de Dev. –
Brincou Lochlann, secamente.



Ele era o único membro da tripulação do Conquistador oriundo do planeta natal Qurilixen de Jarek. Jarek era um Var, um shifter felino. Lochlann era um Draig, um shifter dragão. Em geral, Vars e Draigs eram inimigos em seu planeta natal, mas Jarek nunca encontrara uma razão lógica para isso. E exatamente por isso deixara seu planeta natal, e Lochlann acabara em sua companhia. No espaço, coisas como espécies e culturas tinham muito pouca importância. Cada diferença poderia ajudar na sobrevivência do grupo.

Dev bufou diante do comentário de Lochlann, mas não retrucou. O grupo de homens tentou conter a risada. Dev era meio Belvon, uma espécie que parecia demoníaca, tinham a pele vermelha e um temperamento rígido. Além da cor intensa, tinha características humanoides, só que de porte bem maior. Ele era os músculos da nave e uma pessoa solitária. Rick era o oposto de Dev.

O Belvon gostava de manter tudo em ordem. Rick adorava provocá-lo fazendo bagunça em qualquer lugar por onde andasse. Isso conduzia frequentemente a brigas homéricas e divertidas. Às

vezes quando a tripulação se aborrecia, provocavam uma discussão entre aqueles dois. Entretanto, se Rick estivesse com problemas, Dev sempre estava lá assim como todos para lhe dar uma mão. Nisso pareciam uma família.

Uma família de desajustados em seus mundos, Jarek pensou, soltando um pequeno sorriso. Não trocaria sua vida livre por nada do mundo.

– Pois bem, eu digo que deixemos Rick apodrecer aqui. – Resmungou Lucien, meio zangado. – Com a demora, posso perder minha noiva virtual. Você não tem idéia de quanto tempo perdi para conseguir uma fêmea com aqueles peitos? E agora estou aqui e ela lá, sozinha com os três seios e sem nenhum prazer. Pobre Fanessa!

– Você bebeu mais rum torganian? – Viktor, o irmão de Lucien, perguntou. Os dois discutiam constantemente, mas eram muito unidos. Se um deles dissesse que o céu era branco, o outro juraria que era azul só para contrariar. Eram meio humanos e meio Dere, tinham a pele branca leitosa, que estranhamente, contrastava com os olhos vermelhos com nuances de marrom e verde. Lucien era um

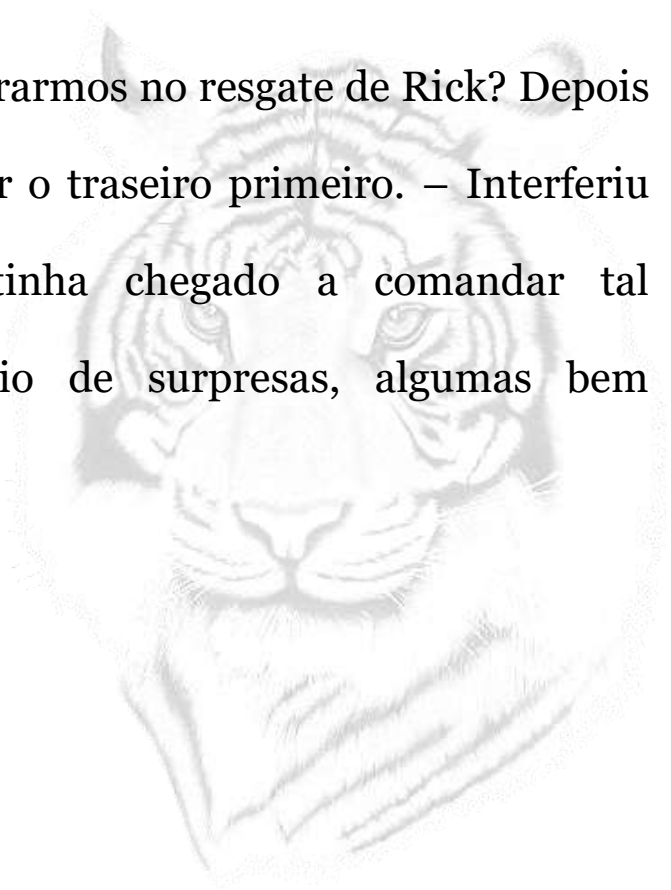
gênio em comunicações e Viktor era um mecânico dos infernos. O homem poderia consertar qualquer coisa. – Não podemos deixá-lo apodrecer aqui. – Viktor fez uma pausa. – O safado me deve créditos espaciais desde o último jogo de cartas.

– É isso mesmo. – Jackson, um oficial de segurança de cabelos loiro escuros, apoiando o companheiro. – E você me deve...

– Bem, ahn... – Viktor limpou a garganta. – Quase esqueci isso. Bem... Que tal cortarmos a dívida pela metade e simplesmente dizer que Rick lhe deve.

– Nada feito, amigo. – Disse Jackson. – Ele é um enrolado e prefiro não ficar com sua dívida.

– Pessoal, que tal nos concentrarmos no resgate de Rick? Depois discutiremos quem vai lhe chutar o traseiro primeiro. – Interferiu Jarek, perguntando-se como tinha chegado a comandar tal tripulação. O destino era cheio de surpresas, algumas bem desagradáveis.

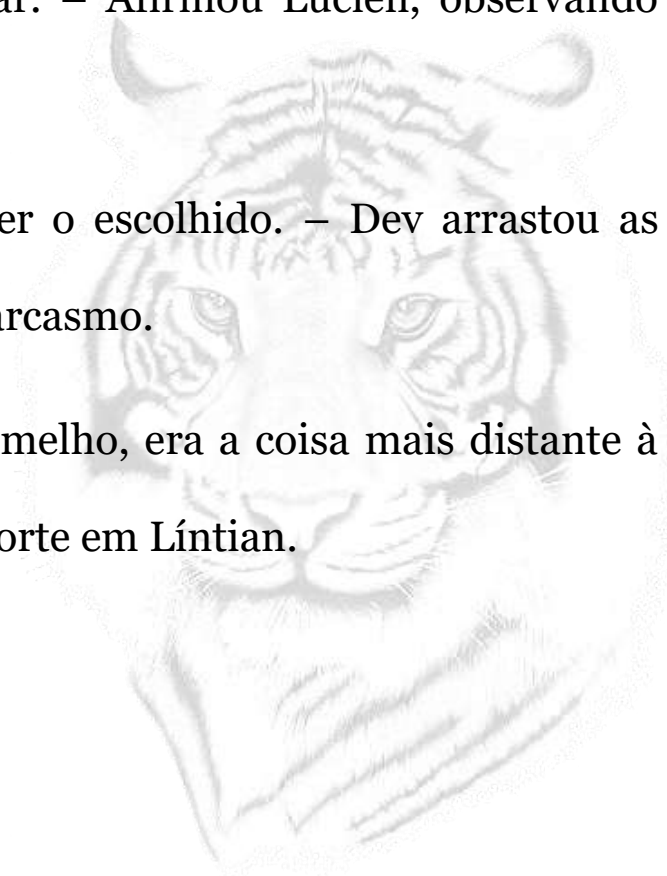


Então se esconderam atrás de uma grande porta de pedra, e levantaram o olhar para o palácio, logo acima, incrustado no cume plano de uma pequena montanha. Longas e largas, as escadas conduziam a base, esculpidas em pedra escura, extraída das minas do planeta. A meio caminho nas escadas, sua posição lhes permitia ver facilmente a entrada principal. Várias plataformas esculpidas e intercaladas nas escadas levavam a uma imensa cúpula, por todo o caminho havia grandes vasos de barro preto e estátuas de ouro incrustadas com jóias preciosas. Jarek ficou mais apreensivo. A dinastia Song era muito rica. E, definitivamente, não tinham medo de intrusos se expunham seu tesouro à vista da cidade logo abaixo.

– Um de nós vai ter de entrar. – Afirmou Lucien, observando Dev.

– Mas é claro, eu tinha de ser o escolhido. – Dev arrastou as palavras, seu tom carregado de sarcasmo.

Com seu gigantesco corpo vermelho, era a coisa mais distante à cultura humanoide de pequeno porte em Lintian.

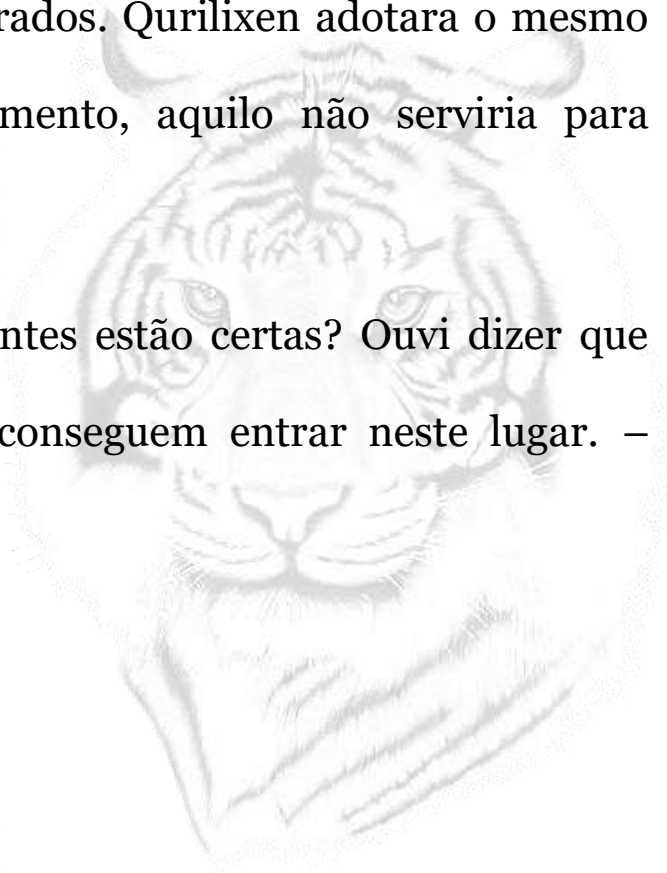


Jarek tentou não rir. Dev estivera convivendo e digladiando com Rick por tanto tempo no espaço, que adquirira seu humor sarcástico. Geralmente o homem era sério e calado por natureza.

– Muito bem, garotos, – Disse Jarek. – Um de nós tem que entrar e descobrir onde estão as minas de jade roxo. Minhas fontes me informaram que é onde levaram Rick.

Todos os olhos se voltaram novamente ao palácio. A localização das minas eram secretas e de máxima segurança, por mais dinheiro que oferecessem, ninguém soltara a menor informação sobre elas. O planeta era um mistério. Jarek podia respeitar a vontade deles em serem deixados em paz, sem a influência externa de outros povos ou interesses dos grandes conglomerados. Qurilixen adotara o mesmo esquema. Entretanto, neste momento, aquilo não serviria para encontrar Rick.

– Tem certeza de que suas fontes estão certas? Ouvi dizer que nem os ladrões mais ardilosos conseguem entrar neste lugar. – Comentou Lochlann.

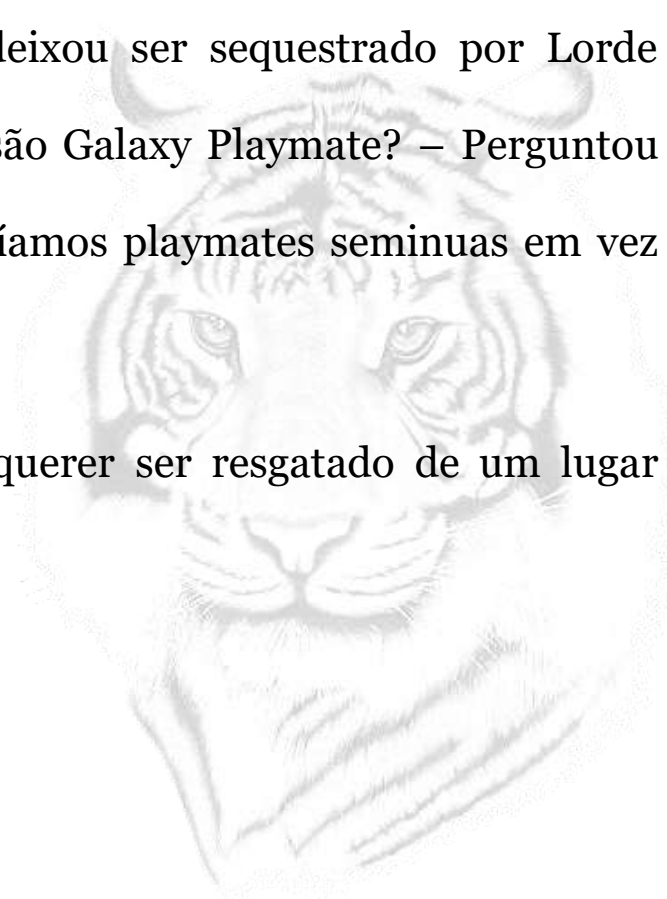


– Sim, protegem o jade roxo como as mulheres Tog protegem a seus homens. – Acrescentou Viktor. – Rick tinha que arrastar seu traseiro até aqui.

Jarek franziu o cenho. Tinha ouvido falar a mesma coisa. Lintian era um planeta isolado que muitos evitavam. O fato de sua localização estar muito afastada de qualquer outro planeta habitado, e mais os rumores de que era impossível burlar sua segurança, o fazia um planeta desalentador, pouco digno de um pirata espacial. Embora o valor do jade roxo fosse muito alto, um pirata não poderia gastar aquela fortuna se estivesse morto. Mas eles não estavam aqui pelo jade. Estavam ali por seu amigo.

– Por que o idiota não se deixou ser sequestrado por Lorde Maximus e aprisionado na mansão Galaxy Playmate? – Perguntou Lucien. – Pelo menos, enfrentaríamos playmates seminuas em vez de guerreiros letais.

– Isso é piada, Rick não ia querer ser resgatado de um lugar desses. – Disse Lochlann.



– Quem haveria de querer? – Acrescentou Jackson em voz baixa.

Todos os olhos ainda continuavam fixos no palácio.

– Bem, consegui passar através da cidade muito fácil antes. – Disse Jarek, esperando que seus homens aceitassem a tarefa como possível de executar. – A cautela é a chave. Este não é um lugar que se entre a tiros. Nunca teríamos chances contra todos esses guardas em um combate corpo à corpo, sem falar que nos superam em número. Será melhor que não saibam de nossa presença aqui.

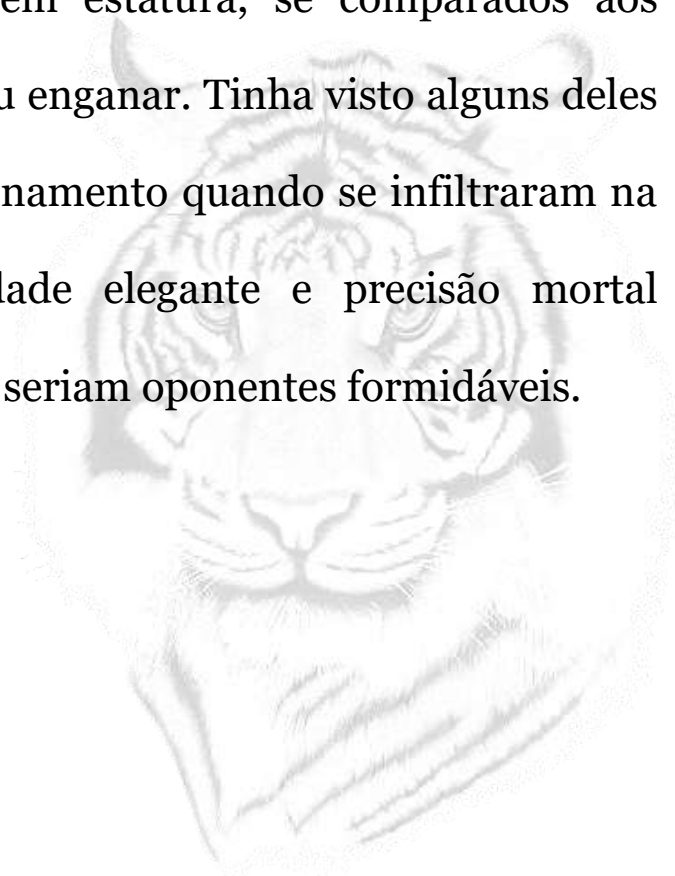
Os homens assentiram com a cabeça.

– Além disso, – Continuou Jarek – Ninguém tentou ultrapassar estas muralhas durante séculos. Devem ter a guarda um pouco relapsa. Não nos esperarão, se permanecermos discretos. Deve ser fácil entrar e sair dali.

O palácio era um edifício comprido. Tinha coberturas com beirais largos que se inclinavam para o céu. Uma larga passarela aberta suspensa por colunas atravessava a frente da grande estrutura. Uma porta de entrada se abria no centro, conduzindo

para dentro do edifício ou para fora, por uma longa fila de degraus ao mundo exterior. Havia guardas ao longo da passarela com colunas, as vestimentas soltas lhe recordava muito o vestuário dos Draig. Parecia confortável, e ao mesmo tempo prática para o uso militar. O edifício parecia crescer sobre a parede em uma ala fechada, descendo lentamente seu caminho do topo da montanha pelo lado até se unir a um edifício inferior que possuía sua própria entrada com colunas e guardas.

– Não acho que se aproximar da porta principal e entrar escondido irá dar certo. – Declarou Jarek, olhando os guerreiros de pele escura. Os cabelos longos presos em uma trança, mantendo-os fora do rosto. Eram menores em estatura, se comparados aos guerreiros Var, mas não se deixou enganar. Tinha visto alguns deles praticando em um campo de treinamento quando se infiltraram na cidade, moviam-se com agilidade elegante e precisão mortal quando lutavam, Jarek sabia que seriam oponentes formidáveis.



– Eu entro, – Demandou Jackson. – Escalo melhor que qualquer de vocês, e se o interior do palácio for construído como o exterior, serei capaz de entrar através do teto sem ser notado.

– Não, é muito arriscado. Tudo o que precisariam é alguém olhando para cima. – Jarek negou o oferecimento. – Há muitos guardas. Além disso, não sabemos como é o interior do edifício. O teto pode ser liso, sem nada a que se agarrar.

– Isso não nos deixa muitas opções. Se não podemos nos infiltrar as escondidas, teremos que lutar. – Decretou Dev com calma. Abriu sua boca para prosseguir com o argumento, mas a voz de Lucien o interrompeu.

– Hey... – Lucien soltou um grunhido cheio de luxuria. - Deem uma olhada na coisinha mais gostosa da cultura Lintianese?

Jarek automaticamente encontrou o que tinha chamado a atenção de Lucien. Uma mulher pequena e delicada saiu arrastando os pés do palácio, seguindo de perto um homem mais alto e que tinha os cabelos presos no alto da cabeça. Aquele coque parecia ser

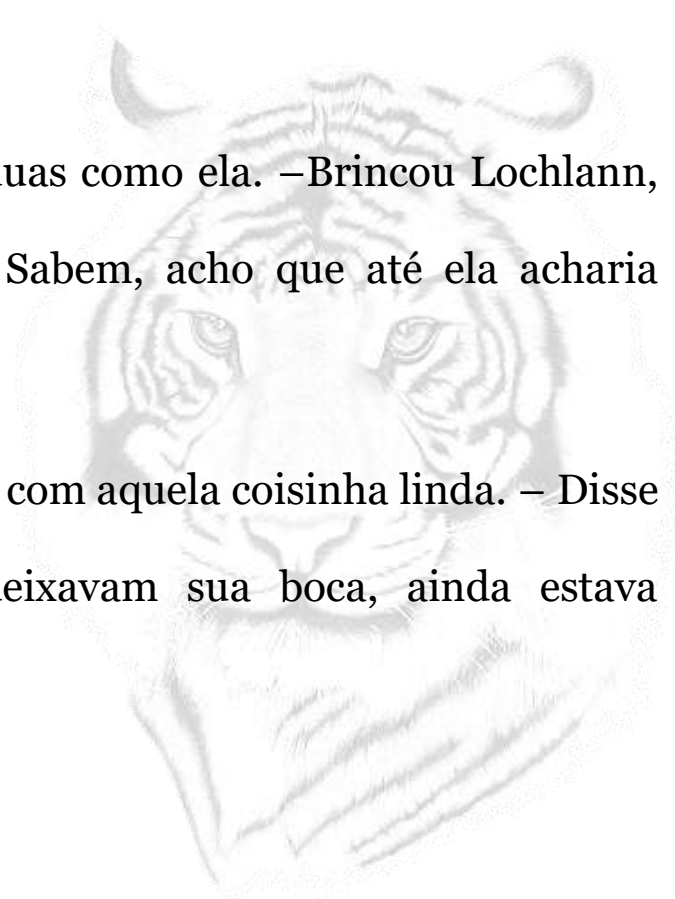
um estilo bem popular naquele planeta. Jarek imediatamente se deu conta que o homem pertencia à realeza, ou ao menos seria um nobre, dado a forma como se comportava e pela maneira como os guardas se inclinaram com respeito em sua direção. Entretanto, os guardas ignoraram totalmente à mulher.

Jarek não podia afastar os olhos dela. Seu coração acelerou em seu peito e sua respiração se fez mais rápida e profunda. A mulher era encantadora. O traje de seda abraçava seu pequeno corpo. Tinha os cabelos longos e escuros trançado e preso nos dois lados da cabeça.

– Aí, não é uma coisinha linda. – Adicionou Viktor, com voz macia.

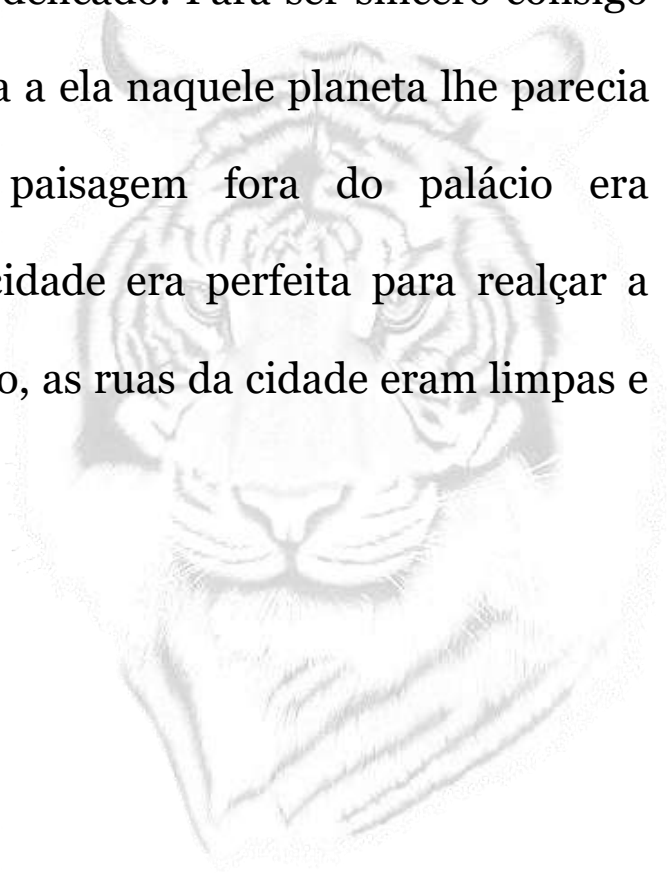
– Se é, eu me acabaria com duas como ela. – Brincou Lochlann, observando Viktor e Lucien. – Sabem, acho que até ela acharia vocês dois um pouco musculosos.

– Hey, ninguém vai se divertir com aquela coisinha linda. – Disse Jarek, enquanto as palavras deixavam sua boca, ainda estava



contemplando-a. Suas vísceras se apertaram com desejo. Como não estaria? Ela era maravilhosamente deliciosa. Seus olhos mudaram ligeiramente, soltando as rédeas de seu lado felino quando os estreitou nela, e como que sentindo que era espreitada, ela levantou o olhar. Gatos Sagrados, ela tinha olhos castanhos, e parecia tão vulnerável que implorava pela proteção de um homem, olhos amendoados e tão exoticamente sedutores que não conseguia afastar os olhos dela. Era tão delicada, quanto uma flor. Ela parecia uma flor, adornada em seda brilhante.

Desenhos pequenos, em padrões circulares, cobriam o traje, uma faixa com motivos florais, enfeitava o traje que ela usava. Era um adorno simples e sedutoramente delicado. Para ser sincero consigo mesmo, tudo o que se relacionava a ela naquele planeta lhe parecia maravilhoso no momento. A paisagem fora do palácio era exuberante e verde, dentro da cidade era perfeita para realçar a beleza ao redor dela. Sob o palácio, as ruas da cidade eram limpas e o povo imaculadamente vestido.



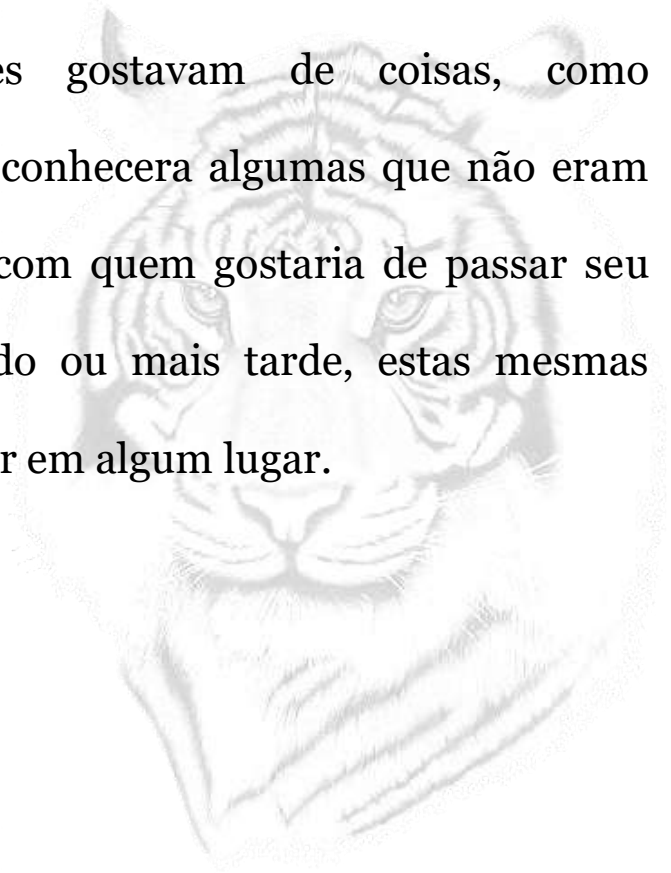
Uma pressão se desenvolveu entre suas coxas, enquanto Jarek se excitava só de olhar à mulher delicada. Era uma pena que fosse a puta de outro homem.

“Talvez pudesse comprá-la.” Sua libido gritou, furiosa.

“E depois fazer o que?” Sua razão discutiu obstinada.

“Você não quer ter ou ser responsável por uma mulher na nave ou fora dela. Você não é como seus irmãos. Não está destinado a ter uma família.”

Jarek sentira em tenra idade. Uma atração irresistível ao observar as estrelas. Não estava destinado a viver em um só lugar. Tinha uma imensa necessidade de aventura, curiosidade, uma forte atração pelo perigo. Mulheres gostavam de coisas, como estabilidade e um lar. Claro que conhecera algumas que não eram assim, mas não eram a mulher com quem gostaria de passar seu longo ciclo de vida. E mais cedo ou mais tarde, estas mesmas mulheres acabavam por se instalar em algum lugar.



Jarek tinha quatro irmãos e todos eles tinham companheiras. Três acabavam de ter filhos, e a esposa de seu irmão gêmeo estava grávida. Não era que precisava arranjar uma esposa e ter filhos. A linha de sucessores não dependia dele. Era livre para fazer o que quisesse.

– É tão deliciosamente pequena. – Disse Dev, sua voz demonstrando tanta apreciação masculina quanto os outros. Grunhiu, antes de acrescentar. – E delicada. Não duraria cinco segundos no VR4₅ lutando contra um Huthin. – Dev adorava praticar luta no simulador.

– Treinar luta armada com ela é a última coisa a me passar pela cabeça, rapaz, eu faria loucuras com essa coisinha. – Decretou Viktor.

Os olhos negros de Dev se estreitaram em advertência. Viktor rapidamente socou de leve o grande ombro de Dev para tranquilizá-lo.

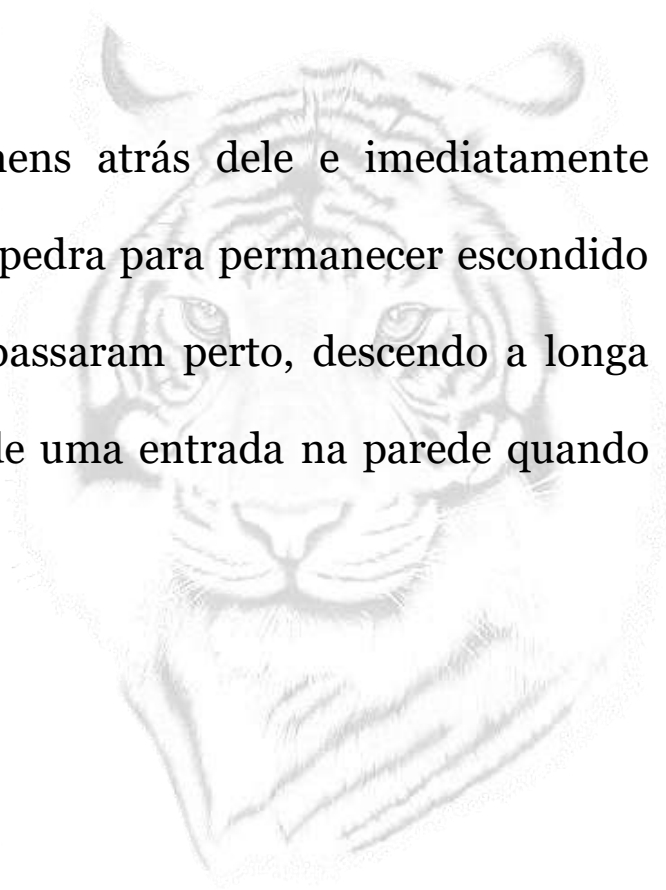
⁵ Um simulador holográfico.

– Hey, qual o problema meu amigo guerreiro duro e destemido, que nunca pensaria esmagar alguém menor que você, alguém assim como eu.

Dev grunhiu. Jarek sufocou a risada, mas não afastou o olhar da bela mulher por mais de um instante. Ela estava tão perto. O corpo do homem Lítianese bloqueava a visão dela parcialmente e se inclinou de lado para vê-la melhor. A jovem soltou um riso alegre, e Jarek sentiu-se atordoadado. Uma mão em seu braço o puxou para baixo.

– Hey Jarek, ainda está aqui, Capitão? – Perguntou Lucien. – Ou faz parte de seu plano ser visto e capturado? Porque se é, melhor nos conte.

Jarek fez um gesto aos homens atrás dele e imediatamente avançou lentamente ao longo da pedra para permanecer escondido quando a mulher e sua escolta passaram perto, descendo a longa escada. Jarek olhou do interior de uma entrada na parede quando se afastou deles.



– Tive uma idéia. – Jarek sorriu, sem deixar de olhar o traseiro da mulher. – Já sei como um de nós entrará no palácio.

– Como? – Perguntou Viktor, inclinando-se para jogar sua própria olhada nela.

O sorriso do Jarek se alargou quando fitou Viktor e seu irmão.

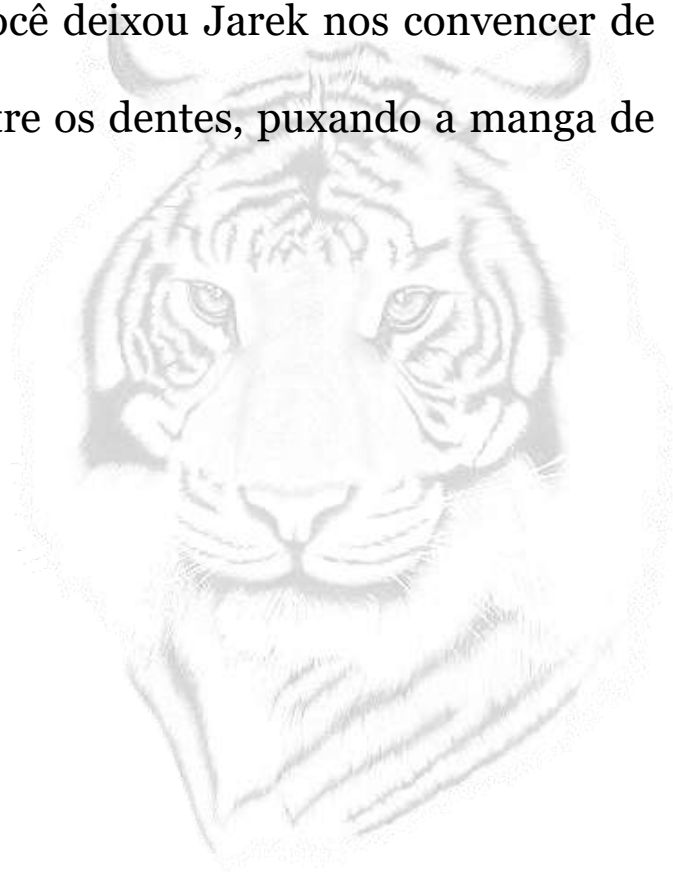
– Ou deveria dizer, vocês dois?



– Não posso acreditar que você deixou Jarek nos convencer de fazer isto. – Reclamou Viktor entre os dentes, puxando a manga de seda.

– Eu? – Perguntou Lucien.

– Sim, você mesmo, idiota!



– Hey, isto não foi idéia minha. – Replicou Lucien, apertando a bochecha. – Minha pintura está borrada?

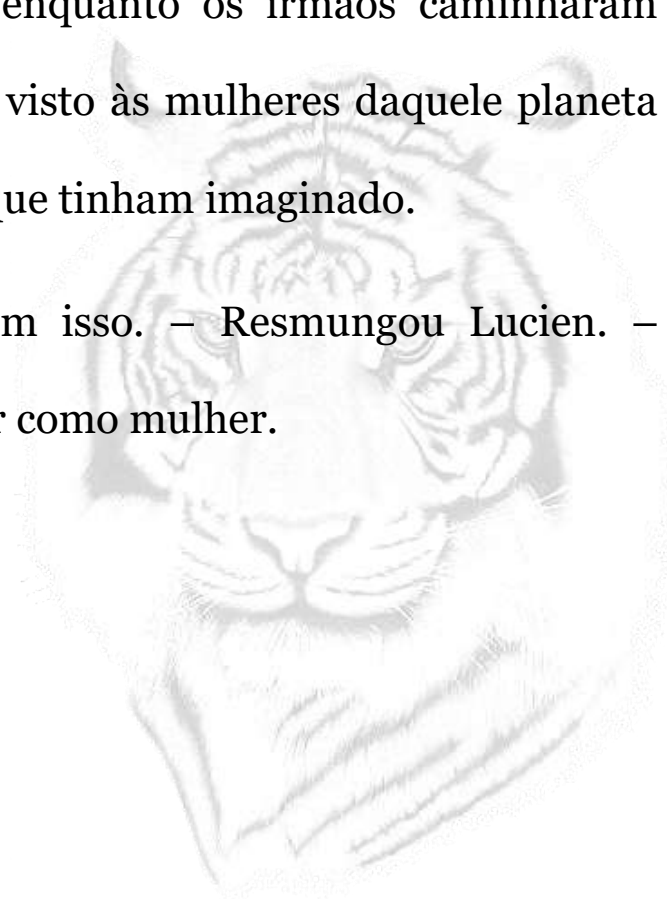
– Venha aqui, – O irmão se aproximou dele – Só borrou um pouco no canto dos lábios. Está linda. – Declarou Viktor.

– Que nada, a mamãe sempre disse que você era a mais bonita da família. – Lucien provocou o irmão. Ambos estavam ridículos, vestidos como uma mulher Lintianese.

Imediatamente Viktor se atirou contra o irmão. Lucien chocou-se contra o muro do palácio.

Tinham conseguido passar pelos guardas facilmente. Os dois guerreiros os tinham ignorado enquanto os irmãos caminharam arrastando os pés, como tinham visto às mulheres daquele planeta caminharem. Fora mais fácil do que tinham imaginado.

– Estrelas benditas! Para com isso. – Resmungou Lucien. – Alguém está vindo. Comece a agir como mulher.



Viktor imediatamente o soltou e começou a alisar a túnica.

Lucien fez o mesmo, baixando a cabeça e vigiando o homem que se aproximava.

O homem falou, mas suas palavras eram em Lintianese e nenhum deles se lembrou de implantar um tradutor do idioma. Fez um gesto para um lado e começou a caminhar como se esperasse que o seguissem. Viktor franziu o cenho e encolheu os ombros. O homem olhou para trás e disse algo de novo, desta vez mais firme.

Lucien jogou uma olhada ao irmão.

– Acha que devemos segui-lo?

– Genial. – Disse Viktor com sarcasmo. – Mas se o safado tentar passar a mão em mim deixaremos Rick aqui, sem dó nem piedade.

Os irmãos arrastaram os pés enquanto seguiam o homem. Este esperava com impaciência, arqueando uma sobrancelha antes de sacudir a cabeça. Seus olhos se arrastaram pelo traje feminino e fez uma careta.

Quando o guarda se virou, Viktor sussurrou:

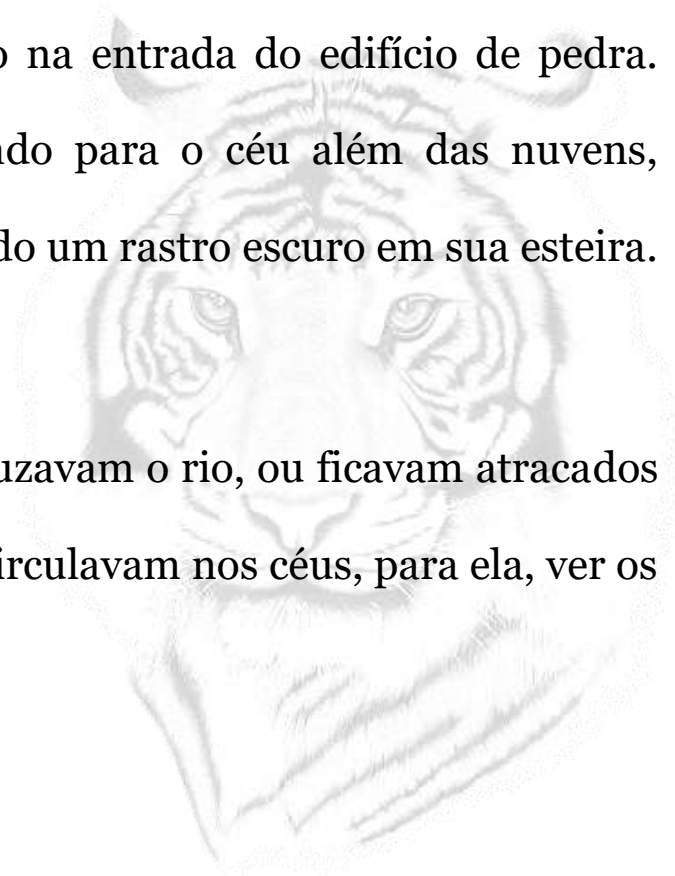
– Não sei se deveria me sentir aliviado ou insultado pela sua aversão.

Lucien rodou os olhos e lhe deu um empurrão para que se pusesse em marcha. Sem dizer uma palavra, arrastaram-se atrás do homem, pelo corredor do palácio adornado de ouro.



Mei seguiu seu irmão, perdida em pensamentos. O porto ao longo de Satlyun estava abarrotado de naves mercantes. Perto da água era o lugar onde se atracavam pequenas embarcações de luxo que pousavam e levantavam voo na entrada do edifício de pedra. Várias naves eram vistas partindo para o céu além das nuvens, algumas das mais antigas deixando um rastro escuro em sua esteira. O porto em si, era uma beleza.

Grandes navios de madeira cruzavam o rio, ou ficavam atracados nos molhes. Enquanto as naves circulavam nos céus, para ela, ver os

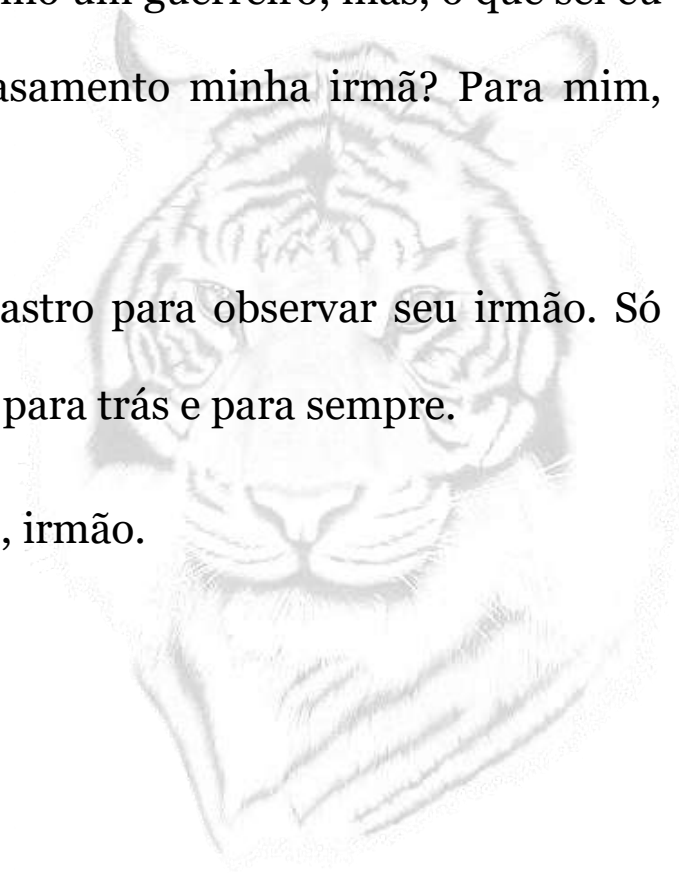


dois tipos de transporte assim de perto não era tão incomum, mas ainda se sentia fascinado pelo estranho contraste entre o velho e a tecnologia moderna. Embora os navios tivessem a aparência dos tradicionais, tinham algumas tecnologias modernas: com a capacidade de voar sobre a água quando as ondas se tornavam perigosas para a navegação. Mei às vezes lamentava o uso desta tecnologia, lutar contra a adversidade e contra os elementos da natureza, ao menos seria uma aventura.

– Você não acredita que o Príncipe seja o verdadeiro amor que a bisavó previu em seu futuro, Meimei? – Haun arqueou uma sobrancelha quando parou perto do navio real Zhang atracado. – O Príncipe Lok me pareceu forte como um guerreiro, mas, o que sei eu de escolher homens para um casamento minha irmã? Para mim, nenhum é digno de você.

Mei voltou sua atenção do mastro para observar seu irmão. Só quisera deixar o Império Singhai para trás e para sempre.

– Isso não foi nada engraçado, irmão.



Nesse momento, parte dela queria deixar seu planeta para sempre. Mas, olhando nos olhos escuros do irmão, sabia que nunca deixaria de vê-lo outra vez.

Ela era muito apegada a sua família.

– Sinto sua alma, Meimei, e conheço seu coração. – Haun riu entre dentes, seu lábio tremendo em um lado quando a puxou para o seu peito em um breve abraço. Ela colocou sua cabeça sobre seu peito consolador antes que a soltasse e ela se viu obrigada a dar um passo atrás. Haun abriu sua boca para continuar, mas um grito estridente vindo do palácio Song o interrompeu.

Automaticamente ele levantou o braço para protegê-la de qualquer alvoroço que fosse. Mei se inclinou para ver além dele.

Duas mulheres saíam correndo do palácio, com o que parecia mais de uma dúzia de guardas Song atrás delas. Suas túnicas se arrastavam no chão, estavam despenteadas e muito indecentes.

Mei tinha certeza de que vira um peito plano e pernas expostas.

– O que está acontecendo? – Perguntou Mei, franzindo o cenho.

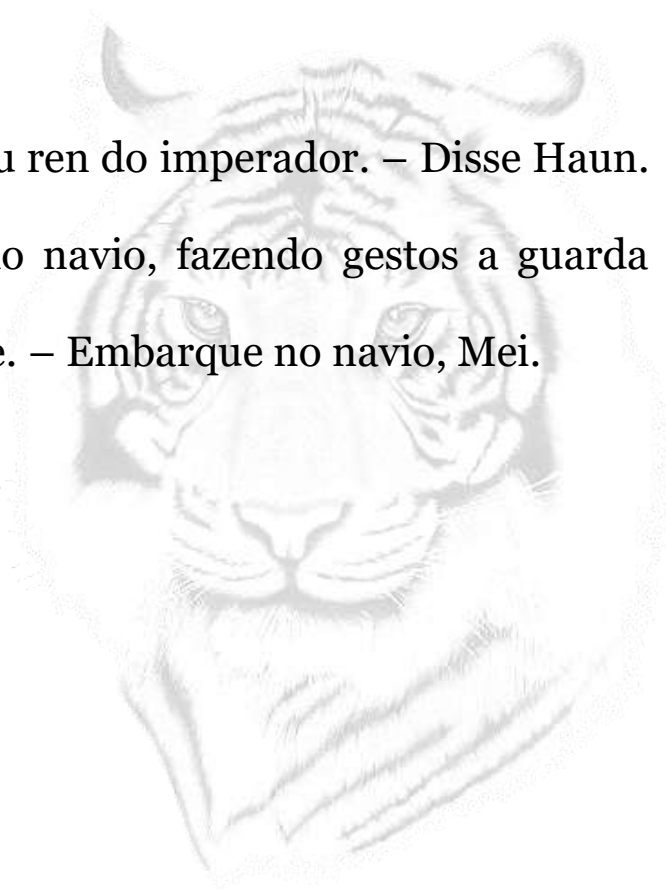
– Não sei. – Haun deu um passo adiante, seu corpo preparado para lutar.

De repente, cinco homens apareceram em uma das plataformas ao longo das escadas. O grupo de homens se uniu às mulheres na corrida pela montanha. Não estavam vestidos como os homens de seu planeta, de fato, mas pareciam piratas espaciais.

Já vira vários hologramas de piratas, lera sobre o perigo e o crescimento desta atividade ilegal. O imperador Zhang insistia em que todos os seus filhos fossem atualizados sobre o que acontecia fora do planeta. Mei se esticou, intrigada. O mais notável deles, era um gigantesco homem vermelho vestido todo de negro. Ao lado dele havia vários humanoides.

– Eles estão sequestrando as pu ren do imperador. – Disse Haun. Levantando a mão em direção ao navio, fazendo gestos a guarda Zhang para que se juntassem a ele. – Embarque no navio, Mei.

– Não, espere. – Protestou ela.



– Leve-a a bordo do navio, agora. – Haun ordenou aos guardas, agarrando-a pelo braço e empurrando-a para eles. Tropeçou, surpresa com aquela reação. Só estava tentando protegê-la, mas ficara bem irritada por lhe dizer o que tinha que fazer.

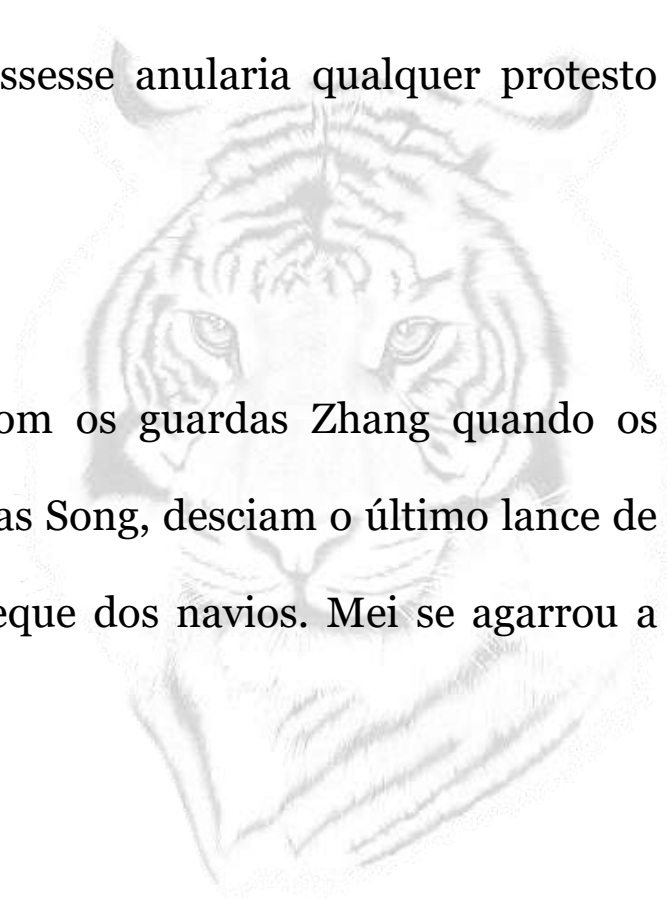
– Haun! – Protestou Mei, gritando quando um par de guardas Zhang a agarravam pelos braços e a puxavam para à passarela de embarque. – Soltem-me. Posso muito bem me proteger.

Os guardas a ignoraram. Mei sabia que seria inútil lutar, mas mesmo assim lutou. O corpete de seu vestido mantinha seu corpo rígido e seus protestos inúteis. Os guardas não a obedeceriam. Eles eram treinados para acatar somente a ordem do futuro Imperador.

Qualquer coisa que Haun dissesse anularia qualquer protesto que ela fizesse.

– Haun! – Gritou Mei.

Haun a ignorou. Avançou com os guardas Zhang quando os ladrões, perseguidos pelos guardas Song, desciam o último lance de escadas que davam acesso ao deque dos navios. Mei se agarrou a



amurada de seu navio. Negava-se a entrar enquanto olhava os eventos acontecendo logo abaixo. Uma suave brisa soprou ao seu redor, levantando as fitas de seu traje atrás dela, enquanto pressionava a seda contra a amurada. Seus guardas, obviamente, querendo ver a luta, não protestaram sua escolha de ficar enquanto estivesse ali e protegida.

Mei desejava ardentemente fazer parte da luta. Sendo uma princesa, não era comum que pudesse ver qualquer tipo de refrega. Um dos piratas chegou a plataforma de embarque no final das escadas. Os outros fizeram o mesmo, incluindo uma das mulheres cujo vestido de seda se rasgara de cima a baixo, quando escorregou nos últimos degraus sem muita elegância. Sem perder o ritmo, o grande homem vermelho agarrou à mulher pelo braço e a obrigou a se levantar quando passou por ela. A mulher coxeava ligeiramente a seu lado, mas ele a empurrava para frente e ela continuava a correr.

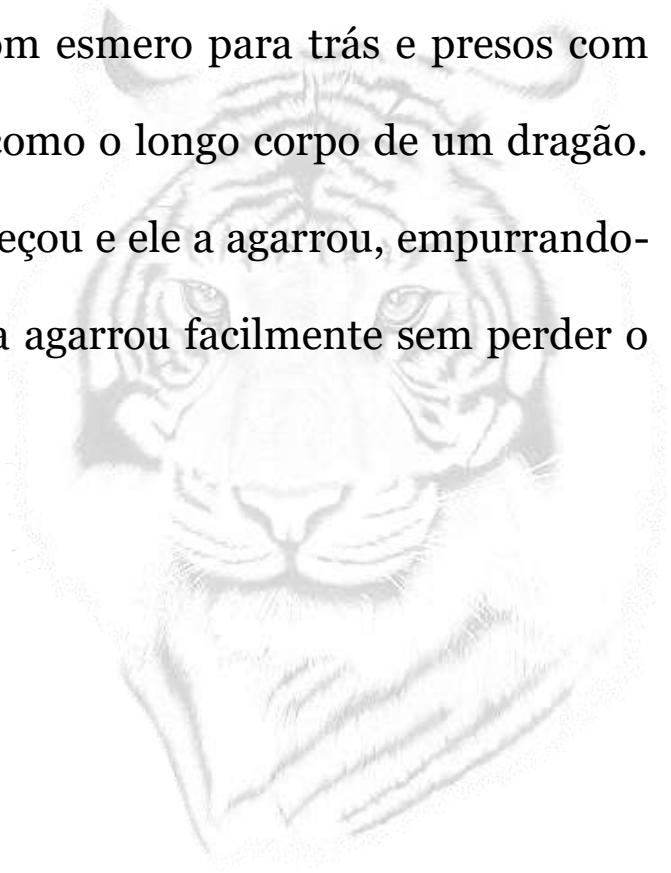
“Mas que tipo de mulheres seria estas?” Pensou abismada. Não se moviam como uma pu ren. *“Será que o Imperador Song as*

roubara de outro planeta? Aqueles homens seriam de seu povo, incumbidos de às resgatar?”

Mei sacudiu a cabeça, descartando automaticamente a idéia. O Imperador Song era muito esnobe para trazer mulheres estrangeiras a sua cama. *“Bem, mas certamente sequestrava mulheres dos recantos mais longínquos de seu próprio país...”*

“Não, Mei, não se atreva a pensar nisso, não seria justo, e está aborrecida com a idéia de casamento.”

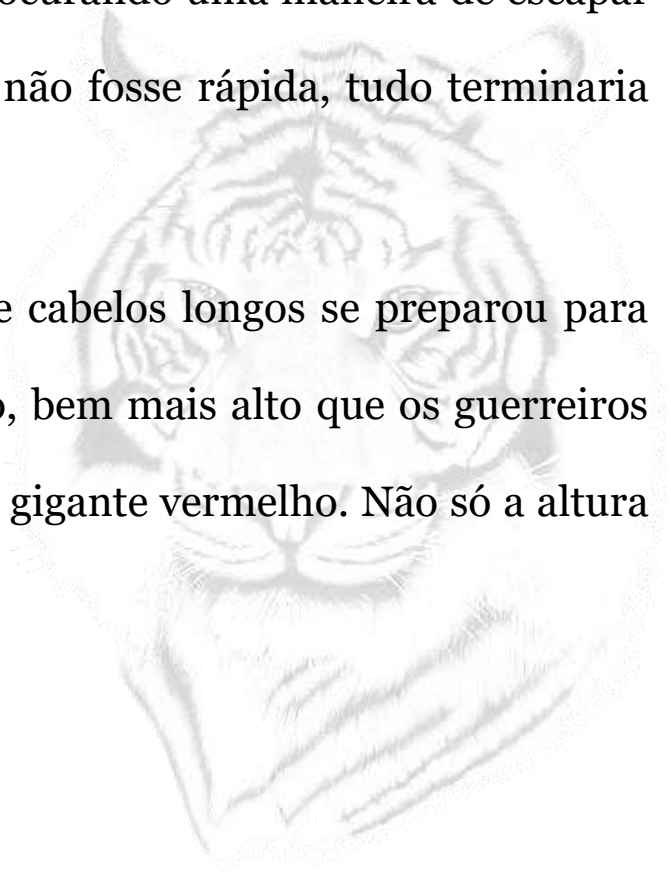
Quando os ladrões se aproximaram mais, conseguiu vê-los melhor. Um deles era moreno com cabelos longos e negros. Tinha marcas escuras em seu pescoço, e se perguntou o que significariam. As mechas estavam penteadas com esmero para trás e presos com um cordão que voava atrás dele como o longo corpo de um dragão. A mulher ao lado do homem tropeçou e ele a agarrou, empurrando-a para o grandão vermelho, que a agarrou facilmente sem perder o passo e seguiu os outros fugitivos.



Um dos guardas Song saltou, voando pelo ar para apanhar um dos criminosos. O homem das marcas no pescoço se voltou para ele. Os outros continuaram a correr. O homem de cabelo comprido gritou uma ordem a eles para que fossem a algum lugar. Mei se esticou, reconhecendo a linguagem. Era uma língua estelar. A curiosidade a incentivara a estudar as linguagens de outros planetas, principalmente as oficiais, que eram usadas no comércio e diplomáticas, só necessitou de um momento para traduzir as palavras.

– Piratas. – Sussurrou Mei, seus batimentos cardíacos se aceleraram de emoção ao notar que realmente eram piratas. Lançou uma olhada ao redor do navio, procurando uma maneira de escapar dos guardas e ajudar na luta. Se não fosse rápida, tudo terminaria em um piscar de olhos.

Outro grito soou. O homem de cabelos longos se preparou para enfrentar a guarda Song. Era alto, bem mais alto que os guerreiros Song, embora não tanto quanto o gigante vermelho. Não só a altura



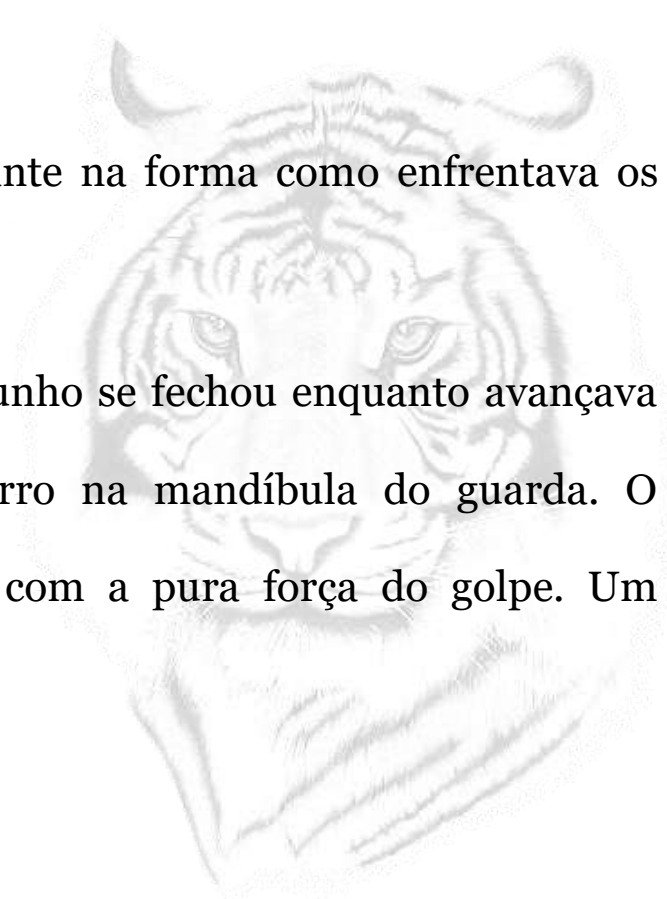
do homem, mais também seu contorno maciço intimidava os demais.

A roupa estrangeira que usava era reveladora, camisa ajustada ao peito largo, como uma segunda pele enquanto se movia. Cordões atravessavam seus lados, revelando a pele da cintura.

As calças se agarravam aos seus quadris e pernas, também abertas nas laterais e transpassadas com tiras do quadril até as botas. Seus braços eram fortes e musculosos, como se fizesse muito exercício. Ombros e peito largos completavam seu físico. Mei estava intrigada, observando com impaciência seu modo de lutar. Por sua postura, já podia perceber, que não fora treinado como seu povo nas antigas artes marciais.

Havia algo selvagem e arrogante na forma como enfrentava os guardas Song.

Era intrépido, valente. Seu punho se fechou enquanto avançava para frente, acertando um murro na mandíbula do guarda. O guerreiro Song voou para trás com a pura força do golpe. Um



segundo guarda atacou quando chegou ao pirata, jogando a perna para trás para encaixar uma chute frontal no ladrão. O pirata bloqueou, mas foi atingido no peito por outro guarda Song. Cambaleou para trás, mas não caiu. O pirata tinha absorvido o golpe, imediatamente revidando com um murro no estômago do guerreiro. O guarda cambaleou e o pirata saiu correndo antes que mais guerreiros se reunissem contra ele.

Haun se manteve afastado dos guerreiros Song, de maneira que só observava e esperava. Até que os Zhangs fossem obrigados a entrar na briga, não se envolveria. Mas estava preparado para oferecer seus serviços a seu anfitrião Song se assim os requeresse.

Mei jogou uma olhada ao redor. Algo a obrigava a mover-se quando sabia que não deveria fazê-lo. Era como um sussurro em seu ouvido, levado pela brisa, dizendo-lhe que enfrentasse o bandido. O instinto gritava para que fizesse algo. Pelos Antepassados. Tinha de estar nesta luta. Precisava sentir o sangue correndo em suas veias. Se seu destino fosse realmente ter uma vida em Shan Gung Din,

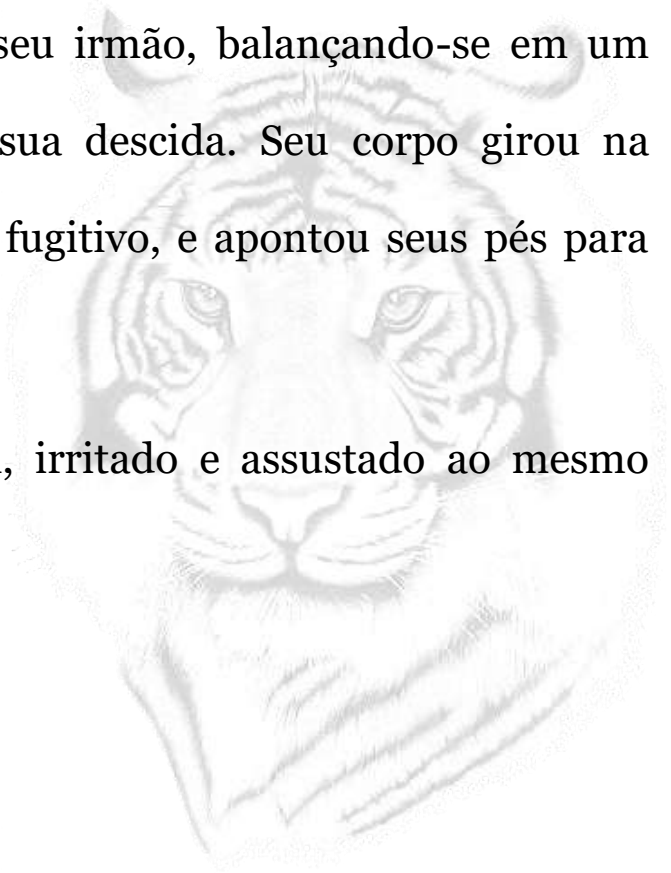
então a confrontaria com valentia. Talvez fosse algo que a ligaria para sempre ao Príncipe Lok.

O vento se fez mais forte, levando o turbilhão de água fria com ele. Seus sentidos gritavam. O vento recrudesceu, instigando-a agir.

Os dois que a guardavam apenas lhe deram um segundo olhar quando se afastou da amurada de madeira. Vendo uma corda presa ao mastro principal, Mei pegou uma faca debaixo das dobras da saia. Cortou-a, e envolvendo-a ao redor do braço enquanto corria até o outro lado do navio. Saltando, passou ao lado dos guardas a faca agarrada firmemente a sua mão livre. Os guardas gritaram, mas foi muito mais rápida que eles.

Mei voou sobre a cabeça de seu irmão, balançando-se em um arco no ar, tentando controlar sua descida. Seu corpo girou na direção de seu objetivo, o pirata fugitivo, e apontou seus pés para ele.

– Mei, não... – Gritou Haun, irritado e assustado ao mesmo tempo.



Ela não podia responder enquanto se concentrava em seu objetivo. Girando no ar, colocou suas pernas encolhidas a frente do estômago para que estivessem em posição de amortecer a queda enquanto se soltava. Voou sobre a cabeça do primeiro pirata. O tempo pareceu deter um instante quando seus olhos se encontraram com os dele. As pupilas castanhas eram tão escuras que seus olhos podiam ser negros. Ele pareceu surpreso ao vê-la e logo estendeu os braços como se planejasse ampará-la em vez de lutar com ela. Mei agarrou a faca, segurando-a apertado. Não queria machucá-lo, queria apenas capturá-lo.

No último segundo antes do impacto, ela tentou se esquivar dele e seu corpo se chocou contra o peito largo do homem. Ele grunhiu quando caíram, rodando por debaixo dela para poder absorver o peso de sua queda. No segundo em que tocou o chão, o pirata se colocou em cima dela, esmagando-a com seu peso. Sua mão enorme a agarrou pelos pulsos, segurando a mão com a faca contra o chão. Mei mal teve tempo de entender o que acontecera. Estava imobilizada e não lhe ocorreu lutar contra ele. Seus instintos lhe

gritando que ele não lhe faria nenhum mal. Ele era ainda maior do que tinha imaginado, seu corpo grande e musculoso pesando sobre ela. Seus sentidos notaram tudo aquilo em segundos: lábios firmes, olhos escuros, nariz reto e orgulhoso.

Os olhos de Mei outra vez se encontraram com os dele quando tentou mover o braço livre. Sua respiração quente soprou sobre sua bochecha e os lábios dele estavam tão perto. O ouro reluziu em seu olhar enquanto a fitava e sentiu cada centímetro quente dele enquanto a dominava. De repente, ele a agarrou pelos pulsos e a levantou com uma agilidade impressionante, a faca ficou ali no chão, totalmente esquecida.

Com o súbito movimento, sua mente se desanuviou, imediatamente sentiu-se zangada por ter sido tão facilmente imobilizada e desarmada. Como este homem pode ter absorver tantos chutes e ainda permanecer de pé? Os guardas imperiais Song eram a elite de lutadores do planeta Lintian e mesmo assim o pirata enfrentara sua fúria e continuou seu caminho como se fosse invencível.

Ou estaria sobre o efeito de alguma droga.

– Hey, delícia, gostei do seu entusiasmo, mas agora não é o momento para isso doçura. – A voz do homem era baixa e gotejava doçura. Mei franziu o cenho diante de tanta arrogância, e ele se limitou a continuar. – Prometo que, se ainda quiser brincar depois, ficarei encantado em ajudá-la a sair desse vestido sedutor e a deixar bem mais confortável.

Mei ofegou chocada pelo que tais palavras implicavam, imediatamente olhando o que ele queria *"ajudá-la a tirar"*. Nenhum homem jamais se atrevera a dirigir-se a ela de tal modo. Suas palavras grosseiras faladas no idioma de seu povo a irritaram profundamente, destemida e nada sensata respondeu no idioma mais usado nas comunicações interestelares.

– Agora é... O momento perfeito... Para lhe prender.

– Capitão! Vamos logo com isso! Lembre-se que temos que fugir.

Mei olhou por cima do ombro do pirata arrogante e encontrou o gigante vermelho esperando. Ouviu passos atrás dela e soube que

seu irmão corria para chegar até ela. Com sua ação irrefletida, havia aterrissado longe de onde ele estava. Balançando as pernas acima do chão, tentou chutar as pernas do homem. Teria funcionado, se o grandão vermelho não tivesse surgido ao seu lado, agarrando-a pela cintura e a jogou facilmente em cima dos ombros.

– Se queria vir conosco, tudo o que tinha a fazer era perguntar. – O homem de cabelos escuros, que obviamente era o capitão dos piratas, disse-lhe com uma piscada enquanto ela se debatia para livrar-se do corpulento homem vermelho. O Capitão se inclinou, recolhendo a faca só para colocá-lo em seu cinturão. – Dev, leva-a bordo da nave. Discutiremos o que fazer com ela mais tarde.

Mei piscou. Apesar de que cada detalhe do encontro parecerem horas, só se passaram alguns segundos antes que ela fosse levada sobre o ombro do grandão vermelho. Abriu a boca, mas os movimentos bruscos contra seu estômago impediram qualquer palavras de ser proferida.

O tal Dev era muito forte e nem tentou se soltar. Levantando a cabeça para cima, viu o irmão correndo atrás deles. Além dele

estava o palácio da montanha Shan Gung Din. De repente, ela não desejava e nem queria se libertar. Fingiu lutar, mas não usou todos os movimentos que conhecia para libertar-se do gigante. Intimamente pediu perdão a família.

Quando saltara do navio real Zhang não tivera a intenção de ser apanhada, mas agora se deixaria levar. Tentou se convencer de que era por querer salvar às pu ren sequestradas. Intimamente, sabia que estava se enganado. Queria fugir do futuro que sua bisavó predissera para ela. E acima de tudo, fugir do Príncipe Song Lok.



3

Jarek olhou por cima do ombro enquanto corria em direção ao Conquistador escondido à vista, em cima de um edifício do embarcadouro espacial. Com a capacidade inata de Jackson em escalada, o homem chegara à parte superior do edifício e atirara uma escada de corda para eles. Todos já estavam no terraço quando ouviu os motores da nave entrarem em combustão. Jackson se inclinava sobre a amurada, insitando-os a se apressarem.

Ouvindo resmungos, Jarek olhou sobre seu ombro quando alcançaram a escala. Dev carregava a bela mulher tão ansiosa em tentar escapar de seu amo, que tinha arriscado a vida saltando do navio. Jarek não queria outro passageiro, mas, que outra coisa poderia fazer? Deixá-la para ser castigada por tentar uma fuga?

Além disso, mentiria se dissesse que não se sentia atraído por ela. Houve um momento em que seus olhos se encontraram, enquanto voava direto para ele, havia tanta intensidade e ardor que ele sentiu um murro direto no estômago. Ficou cego, desejo líquido. Nesse momento, seu sangue desacelerou em suas veias, estava tão espesso que seu coração mal podia bombear. Abrira os braços para ela, incapaz de fazer outra coisa. Assim que o acertou como uma rajada no peito, tirando-lhe o ar dos pulmões e colocando a razão de novo em sua cabeça. Em meio a perseguição dos guerreiros imperiais, definitivamente não era um bom momento para estar despindo, mentalmente, mulheres em voo.

Mesmo uma tão deliciosa quanto está.

– Nem shi bai chi! – A pequena mulher gritou por cima do ombro de Dev, quando Jarek fez gestos para o homem subir primeiro. Jarek não a entendeu e não tinha tempo para analisar o tom de voz.

– Yang GUI zi!

– Fique calma, linda, a tiraremos daqui logo. – Jarek lhe assegurou, caso estivesse assustada. Voltou-se para um lado, vendo

os guardas que corriam na direção deles. – Não há razão para ter medo. Fazemos isto todo o tempo.

– Mas que conversa é essa... Umph... – Outro grito dela foi tolhido pelos movimentos bruscos de Dev ao subiu pela escala de corda com ela ainda sobre os ombros.

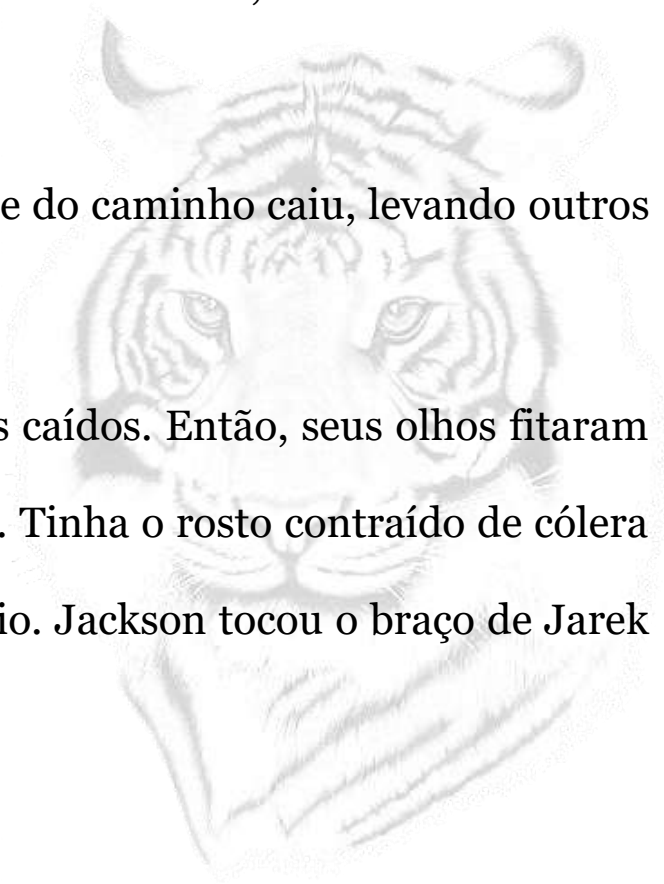
Dev estava no telhado em questão de segundos e Jarek subia logo atrás dele. Ao chegar ao meio da escada, o Capitão olhou para baixo, os guardas do palácio já subiam atrás deles.

– Vamos logo com isso. – Gritou Jackson, alcançando o braço de Jarek e puxando-o para cima.

Então, o capitão pegou a faca da mulher, cortou a escala de corda.

O guarda que estava na metade do caminho caiu, levando outros com ele.

Jarek riu, saudando os homens caídos. Então, seus olhos fitaram o nobre que era o amo da mulher. Tinha o rosto contraído de cólera e temor enquanto corria ao edifício. Jackson tocou o braço de Jarek



para chamar-lhe a atenção. Todos estavam a bordo da nave enquanto seguia Jackson ao deque de carga.

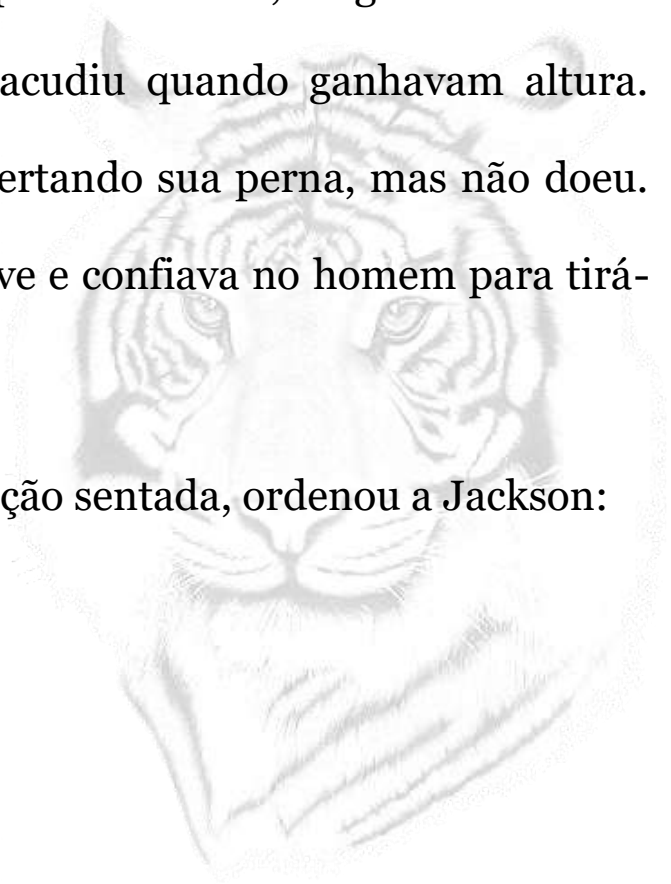
– Hey, o que estamos esperando, vamos dar o fora daqui! – Ordenou Jarek, saltando sobre a porta que se fechava. Olhou para o terraço antes que a fresta estreita da porta se fechasse bloqueando sua visão, vislumbrou o proprietário da mulher aterrissando sobre o edifício, como se tivesse saltado do chão.

– Super Nébula! – Jackson estava estupefato. – Você viu isso?

Respirando com dificuldade, Jarek riu, descansando sobre o chão metálico do deque de carga.

A excitação corria acelerada por suas veias, alegrando-o como nada mais poderia. A nave se sacudiu quando ganhavam altura. Uma caixa deslizou pelo chão, acertando sua perna, mas não doeu. Sabia que Lochlann pilotava a nave e confiava no homem para tirá-los dali.

Levantando o olhar de sua posição sentada, ordenou a Jackson:



– Vá a sala de máquinas e fique de olho nos motores até que estejamos fora de perigo. Não quero que se repita o que houve em Alphet. Não quero ter problemas se vierem atrás de nós.

– Pode deixar comigo. – O homem imediatamente ficou de pé, correndo para fazer o que lhe tinham ordenado.

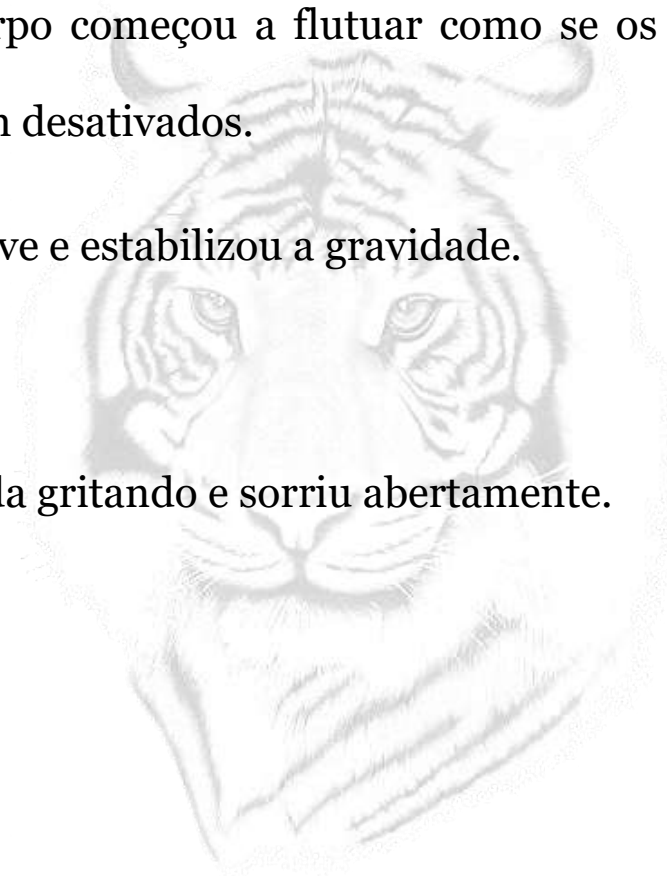
Dando um último suspiro profundo, Jarek chutou a caixa para longe dele e se levantou. A nave estremeceu e adernou um pouco para o lado, cambaleando ele caminhou para a cabine de comando. Luzes brilhantes se acendiam no corredor, correndo em tiras intermediárias das paredes ao teto. Jarek se chocou contra a parede, de repente, foi atirado para o lado oposto um segundo mais tarde. A nave se inclinara mais e seu corpo começou a flutuar como se os controles de gravidade estivessem desativados.

Lochlann logo endireitou a nave e estabilizou a gravidade.

– Arma dão!

Jarek ouviu a mulher resgatada gritando e sorriu abertamente.

– Daì ruò mù ji!



A coitadinha provavelmente estava louca de medo. Sendo o capitão, era seu dever "*consolá-la*", mas o faria mais tarde. No momento, tinha todo um exército Imperial em seu encalço.

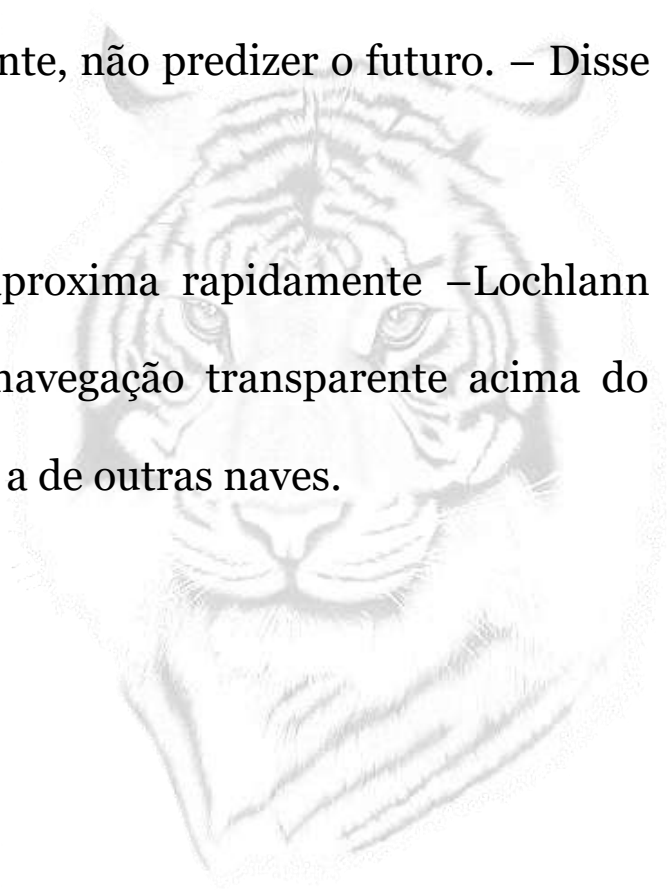
Chegando à cabine de comando, assentiu com a cabeça a Evan no assento do co-piloto. Lochlann estava em meio aos controles de comunicação e sensores de aproximação, quando ultrapassaram a atmosfera do planeta.

– Pela Forja de Bravon, Evan! – Grunhiu Lochlann, embora sorrisse abertamente. Cada um deles amava a adrenalina de lidar com o perigo, tais como: deixar para trás um exército bem mais numeroso. – Tome mais cuidado, não pressentiu o tiro?

– Posso ler mentes, seu ignorante, não predizer o futuro. – Disse Evan de bom humor.

– Temos uma nave que se aproxima rapidamente – Lochlann apontou um dos monitores de navegação transparente acima do console. Apontando sua posição e a de outras naves.

– Vem direto para nós.



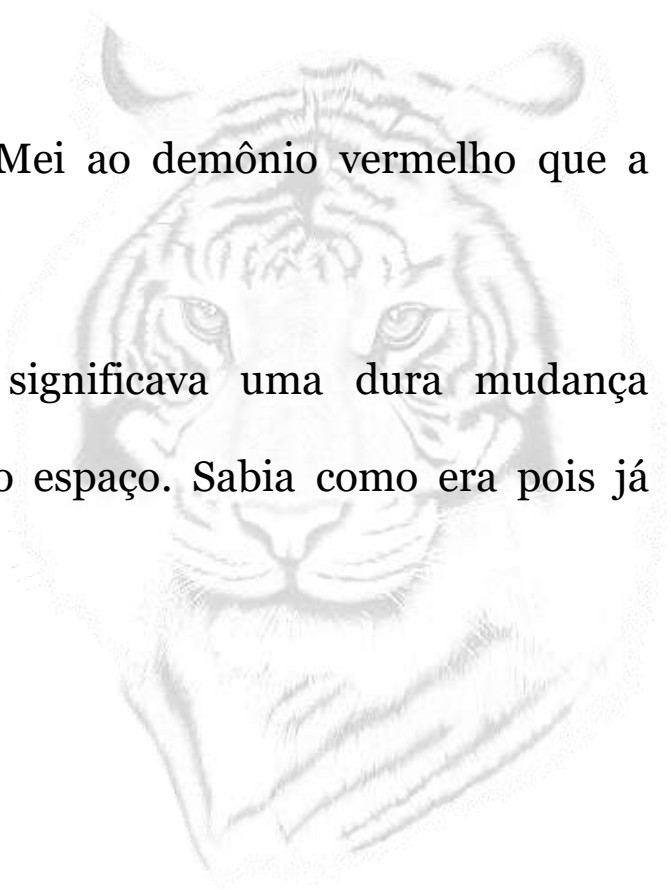
– É Lintianese. – Confirmou Evan com um toque no painel principal da nave. O desenho redondo da nave era distinto, lhe dando imediatamente a distância. – Parece que o rapazinho não ficou feliz de perder seu brinquedo.

– É, e sempre querendo chamar a atenção, não é mesmo? – Jarek riu. Agarrando-se à parte posterior da cadeira de Evan, quando Lochlann deu um giro de cento e sessenta graus para se evadirem. Contemplando a tela, Jarek ordenou. – Faz o que for preciso, Loch, mas nos tire daqui.



– Shen jing bing! – Gritou Mei ao demônio vermelho que a lançou sobre a pequena cama.

A nave se sacudiu, o que significava uma dura mudança atmosférica. Tinham alcançado o espaço. Sabia como era pois já

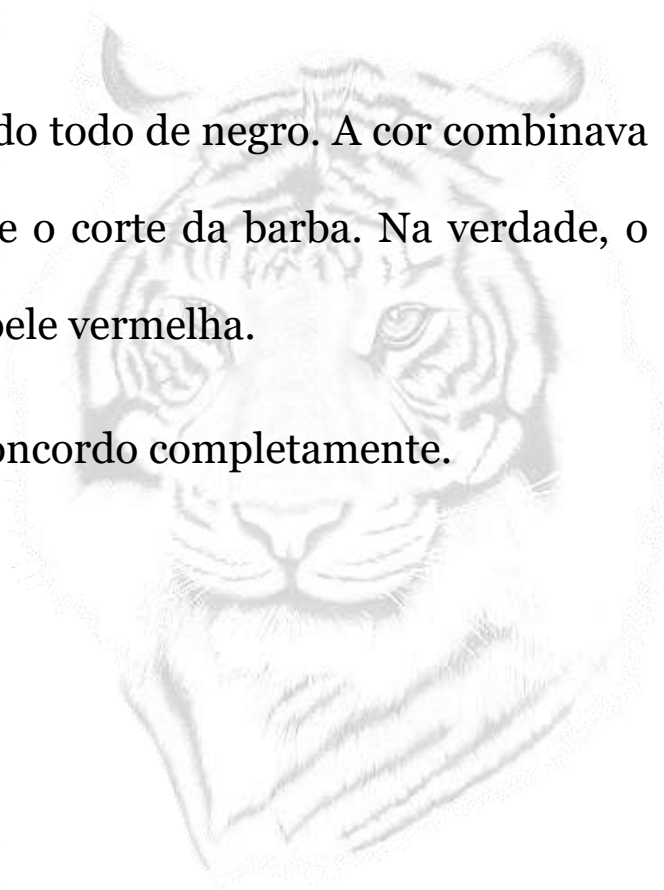


tinha deixado a órbita antes. Fora parte de sua educação: pilotar naves espaciais em caso de emergência.

A cabine era pequena, especialmente se comparada com o que estava acostumada. Faltava-lhe o luxo na decoração e desenho, já que era retangular e construída em sua maior parte de metal escuro. Entretanto, a cama parecia confortável e havia bastante espaço para mover-se ao redor. Um pequeno descontaminador instalado na sala ao lado. Pelo aspecto de tudo aquilo, os piratas não pareciam muito prósperos. Ela podia dizer pelo estilo da nave e pelo fato de terem se escondido no terraço do edifício de atracagem, que não era uma nave Lintianese. Acabando a avaliação rápida, voltou-se para seu captor, o gigante vermelho.

Dev sorriu abertamente. Vestido todo de negro. A cor combinava com seus olhos e cabelos curtos e o corte da barba. Na verdade, o conjunto era espetacular em sua pele vermelha.

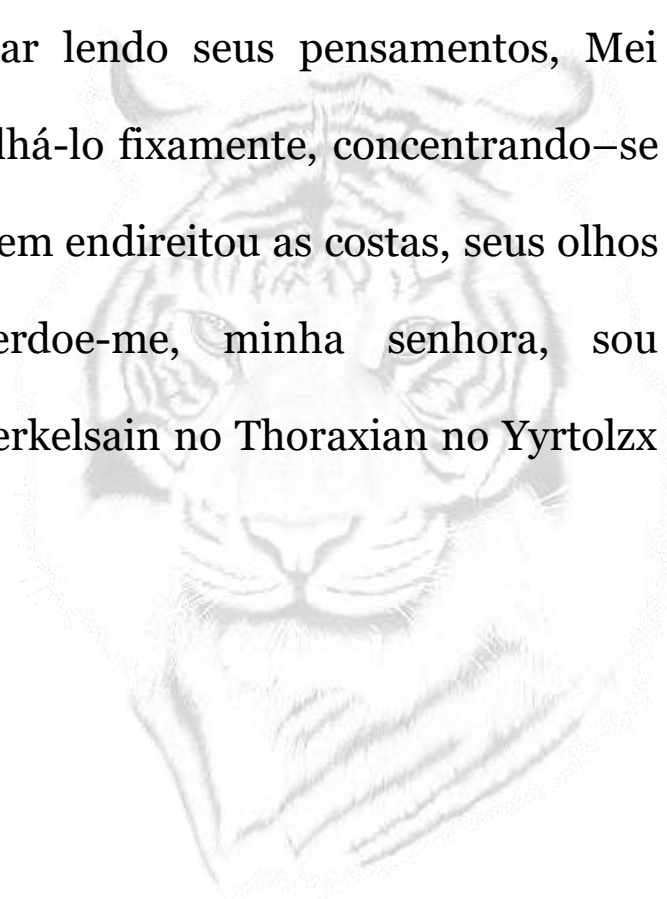
– Creia-me, minha senhora, concordo completamente.



Mei empalideceu. Entendera-a? Estivera gritando obscenidades antes mesmo de abordarem a nave. Pensando que nenhum deles sabia o que estava dizendo.

Ruborizada, respirou fundo. Olhando-o atentamente, certificando-se que não tentaria fazer-lhe algum mal. Sua postura não era de lasciva ou sensual, duvidava que tivesse má intenção. Algo lhe dizia sussurrante que não deveria ter medo dele. Sem contar que sabia várias maneiras para livrar um estuprador de sua virilidade.

– Duvido muito que a senhora tenha o tamanho ou habilidade que supõe ter. – O sorriso de Dev se alargou como se pudesse ler suas suspeitas. Parecia que estar lendo seus pensamentos, Mei estava assustada, só conseguia olhá-lo fixamente, concentrando-se em ocultar suas emoções. O homem endireitou as costas, seus olhos negros a percorrendo. – Perdoe-me, minha senhora, sou Salebinaben Johobik no Dehauberkelsain no Thoraxian no Yyrtolzx Devekin.



Mei franziu o cenho estupefata. Falava tão rápido. Pensou se concentrando.

Dev devagar repetiu:

– Salebinaben Johobik no Dehauberkelsain no Thoraxian no...

– Yytrolzx Devekin. – Dev assentiu, impressionado.

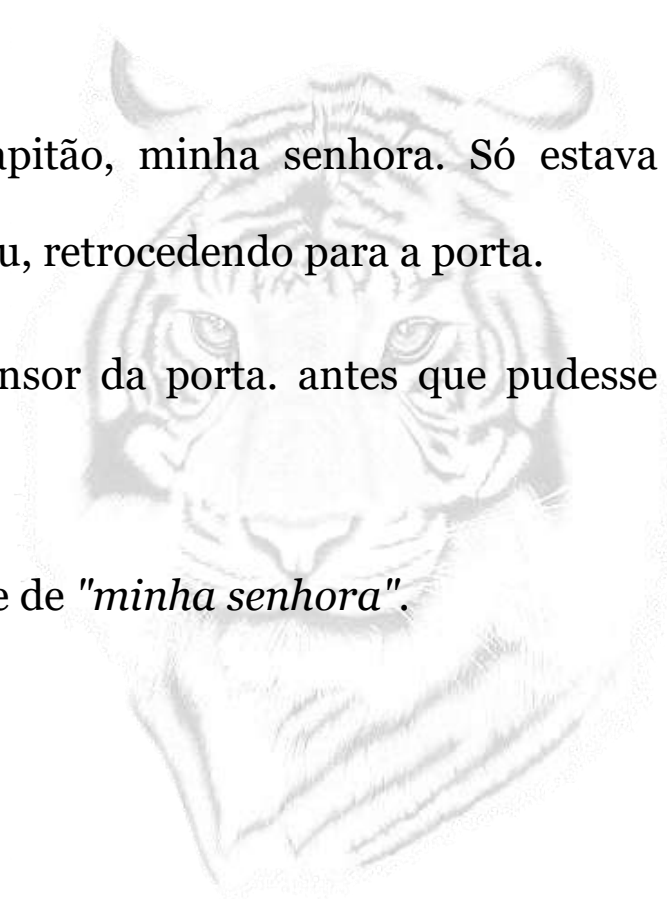
– Mas pode me chamar de Meshen Jing Bing se for mais fácil para a senhora.

– Seu líder o chama de Dev. Posso chamá-lo assim. – Mei levantou seu queixo, lhe lançando seu olhar mais imperioso. – Agora, quero saber onde estão as pu ren do Imperador Song e por que nos sequestraram.

– Terá que perguntar ao capitão, minha senhora. Só estava cumprindo ordens. – Dev assentiu, retrocedendo para a porta.

Ele levantou a mão até o sensor da porta. antes que pudesse fechá-la, ela disse:

– Sabe quem sou? Chamou-me de "*minha senhora*".



– Todas as mulheres a bordo desta nave são senhoras. –

Respondeu Dev, passando a mão pelo sensor. A porta se fechou entre eles. Mei respirou fundo. Ele estaria zombando de suas prisioneiras? O que estaria acontecendo.

Trêmula, pensou no Capitão pirata. Quando fora forçada a subir na nave, conseguira dar uma boa olhada no homem, para ser sincera, olhara mais do que quisera enquanto Dev a sustentava atravessada em seu ombro. Parecia humano, ou pelo menos, humanoide. Seus olhos tinham reluzido com manchas douradas o que significava que havia alguma mistura ao gene nele.

Se fosse dar um palpite, diria que era um transmorfo de algum tipo. A suposição a empolgou. Lera quase tudo sobre eles, jamais esperara encontrar a espécie, e ainda mais, presenciar uma mudança parcial ou completa.

Mei odiava admitir que o homem a intrigava a um nível quase primitivo. Sabia o que era luxúria e desejo. Tivera até alguns amantes em sua vida. Afinal, tinha quarenta e sete anos. Não era como se tivesse sido concebida ontem. Embora, em sua experiência

com os homens eles sempre foram mais recatados do que ela desejaria.

Olhando ao redor do quarto, tremeu de novo. As paredes se fechavam sobre ela quando o impacto de suas decisões a acertou com toda força. Em meio a luta, tudo o que pudera pensar era: em como queria que transcorresse a ação. O vento a instigara, chamando-a, dizendo-lhe que fosse com eles. O elemento surpresa fora uma tentação malvada. Sempre a incentivava em ir além do razoável. O vento estava dentro dela e a impulsionava a ser livre, como ele era, soprando onde, quando e como quisesse.

Assim, quando ela fora imobilizada sob o forte Capitão pirata, só desejara ser livre de seus deveres, se livrar do palácio dos Song, de seu futuro com o estóico Príncipe Lok. Queria a liberdade que o Capitão pirata representava. E, não podia se enganar. Desejava o pirata como amante. Havia perigo e excitação nele, uma tentação para o desconhecido.

Aquela sensação embriagadora fervia em seu sangue, fazendo seu coração pulsar tão rápido, que mal podia respirar. Havia sedução

implícita em sua postura e aparência. Ele era tudo o que não deveria desejar, mas ele representava, embora ao extremo, tudo o que sempre quisera ter.

Mas agora, a realidade do que fizera a chocara. Havia impulsos na vida que nunca deveria satisfazer. Era uma princesa. Eles, piratas. O que fariam quando descobrissem quem realmente era? Pediriam um resgate? Seria vendida em um leilão, como uma escrava sexual no mercado negro em Torgan? Uma princesa chegaria indubitavelmente a um preço exorbitante para tais homens. Então porque o vento lhe tinha sussurrado para ela se deixasse levar? Esta nave ou a tripulação teriam algo a ver com seu destino de casar-se com o Príncipe Lok? Seria este o caminho para mudar o destino? Teria que trocar a família, estilo de vida e seu lar pela liberdade? E, enquanto pensava nisso, sabia que não podia ou devia fazê-lo, mesmo que significasse ter de se casar com um homem que não poderia amar. Se o destino insistisse em casá-la com o Príncipe Lok, cumpriria seu dever e se casaria com ele. Haveria mais na vida que a felicidade conjugal e o amor. Consolaria-

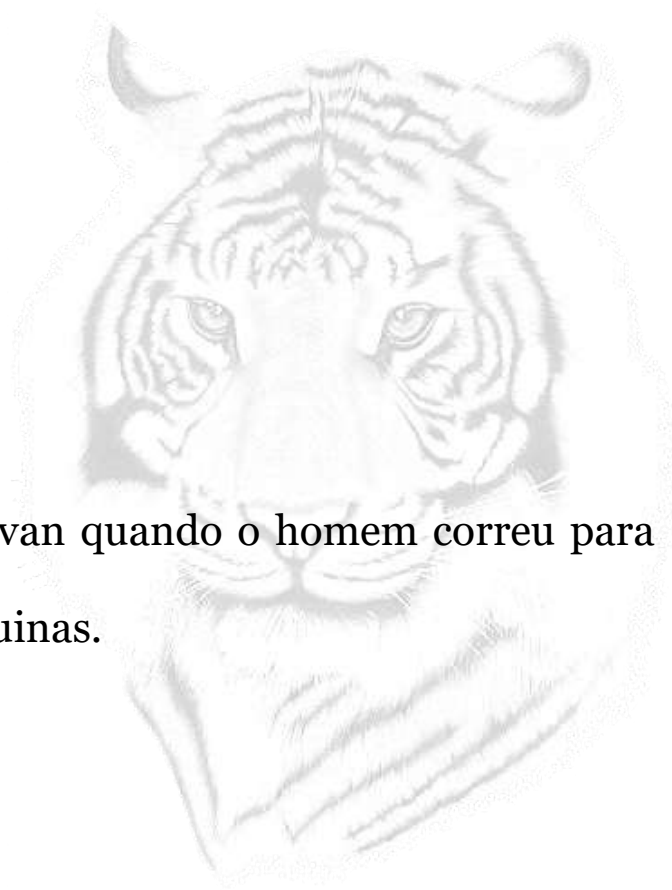
se com isso. E , com esperança, um afeto mútuo cresceria entre eles com o tempo.

A nave sacudiu erráticamente e sabia que estavam tentando escapar de seu irmão. Haun não ficaria de braços cruzados enquanto os piratas levavam sua irmã. E se o ferissem tentando resgatá-la? E se houvesse uma reação armada? E se o matassem? Como poderia viver consigo mesma?

– Benditos Antepassados. – Sussurrou, agarrando a manta que cobria a cama quando a nave balançando violentamente de um lado para o outro. O que fiz?



Jarek sentou-se na cadeira de Evan quando o homem correu para unir-se a Jackson na sala de máquinas.



Tinham perdido energia quando a nave Lintianese os atingira com uma saraivada de raios de energia.

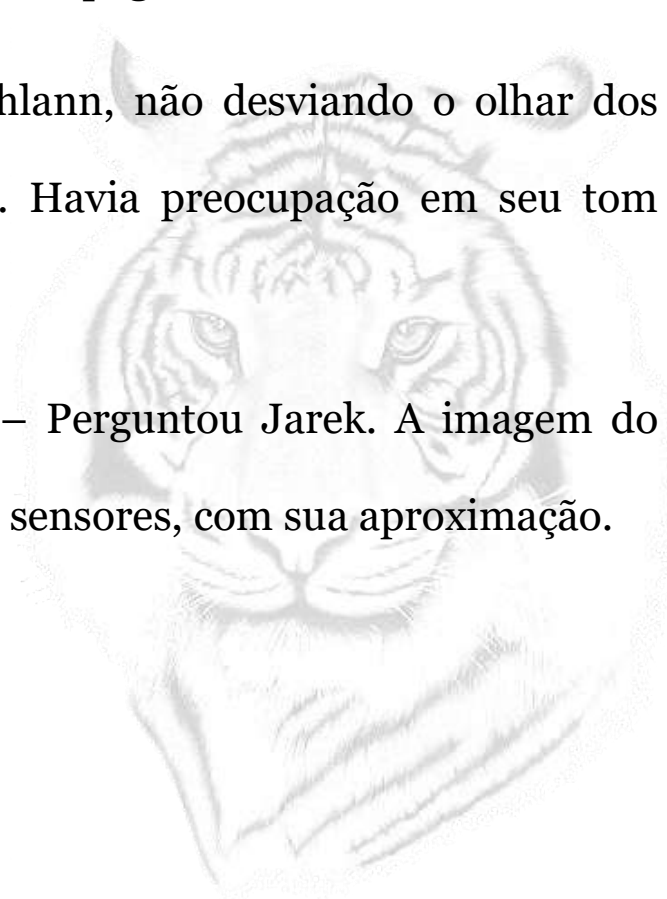
A grande tela de sensores diante deles turvou-se enquanto tentavam fugir do grupo de naves que os perseguiam através das estrelas. Precisavam de quase toda a energia da nave só para manter-se em velocidade máxima.

– Quem, nas estrelas ardentes, é esta mulher? – Grunhiu Lochlann.

– A concubina de um homem rico. – Respondeu Jarek, desviando a energia do sistema do suporte de vida para os propulsores. As luzes do corredor se apagaram.

– Invejo-o então. – Riu Lochlann, não desviando o olhar dos manchetes de navegação da nave. Havia preocupação em seu tom enquanto manobrava a nave.

– É mesmo, e por que isso? – Perguntou Jarek. A imagem do grupo de naves cresceu na tela de sensores, com sua aproximação.



– Bem, se ele mobilizou toda essa armada de uma hora para outra, a belezinha lá embaixo deve ser o máximo na cama. – Lochlann esboçou um amplo sorriso. Outro raio de energia os acertou, sacudindo-os. – Nova sangrenta, como eu sinto que Rick não esteja aqui.

– Se ele estivesse aqui, não estaríamos nesta confusão. – Declarou Jarek.

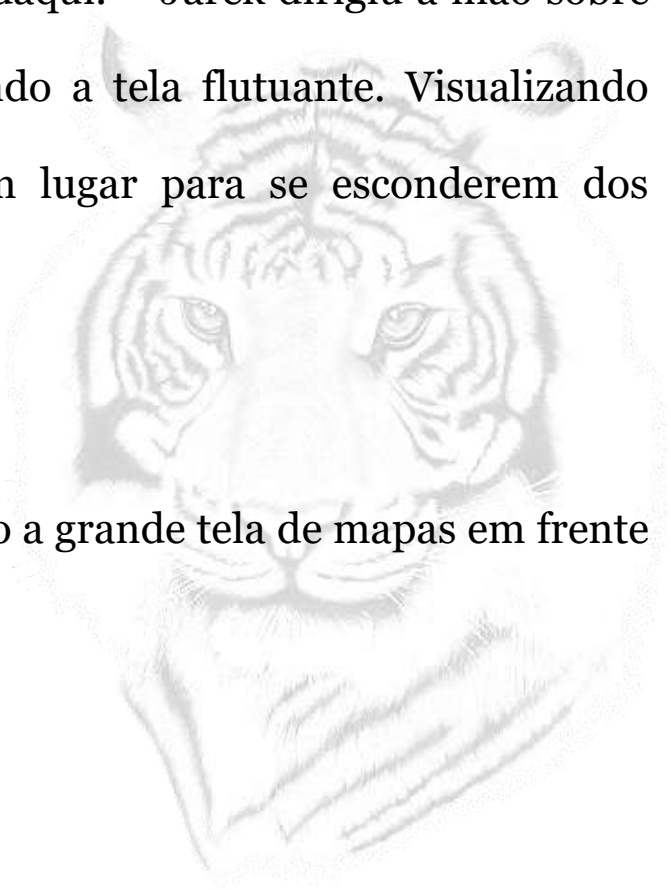
– Ah, mas é isso o que chamo de ironia. Então finalmente você concorda comigo. – Demandou Lochlann.

Outro atingiu a lateral da nave, sacudindo-os.

– Gatos sagrados! Só nos tire daqui. – Jarek dirigiu a mão sobre os sensores de navegação, subindo a tela flutuante. Visualizando mapas estelares, procurando um lugar para se esconderem dos Lintianeses.

– E para onde quer que eu vá?

– Ali. – Disse Jarek, apontando a grande tela de mapas em frente a eles.



– É uma piada, não vejo nada ali.

– Só nos leve para lá, Loch. Confie em mim.

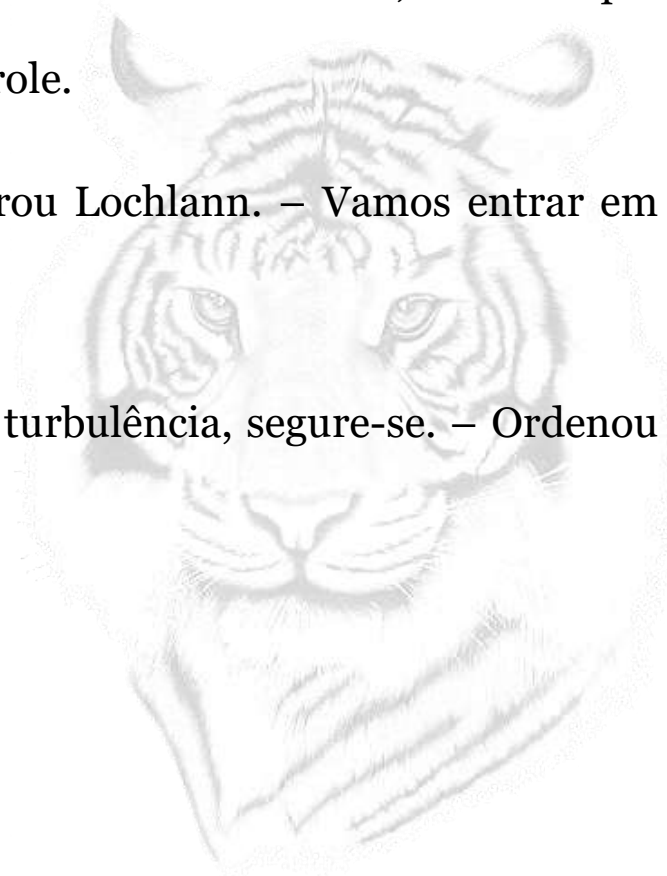
Lochlann girou a nave e se dirigiu diretamente para onde Jarek demarcara.

– Segurem-se! – Gritou Jarek pelo intercomunicador da nave quando determinou as coordenadas de navegação. Lochlann soltou os controles. A nave se reajustou e de repente, raios de luz formavam redemoinhos ao redor deles apesar da nave parecer voar em linha reta.

Fechou os olhos contra a sensação de enjôo que a visão do fenômeno espacial provocava, Jarek se manteve firme, sabendo que a nave já não estava sob seu controle.

– Por todos os Deuses! – Jurou Lochlann. – Vamos entrar em um magefeld!

– Sim, e logo vai haver muita turbulência, segure-se. – Ordenou Jarek.



Assim que as palavras foram proferidas, a nave começou a tremer, sacudindo-os de forma errática daqui para lá. Algo soou atrás deles no corredor, rolando no chão metálico, só para voltar a cair novamente quando a nave virou em um ângulo de trezentos e sessenta graus. O movimento fora tão rápido, que os puxou com força de seus assentos. Jarek nunca se alegrou tanto por terem o controle de gravidade em sua vida. De outro nodo, estariam todos presos ao teto agora.

Assim que entraram no magefeld, a nave ficara imóvel com uma sacudida repentina. Os dois foram atirados para frente, chocando-se com o console. A nave adernou a esquerda quando suas mãos golpearam alguns dos controles, mas corrigiram a posição quase imediatamente. Jarek respirou fundo enquanto dominava os controles. Depois de uma rápida verificação, disse:

– Escapamos deles.

– É, mas será melhor checarmos os sistemas agora. – Lochlann fez uma pausa e logo avisou. – Com certeza temos alguma avaria no casco ou nos propulsores.

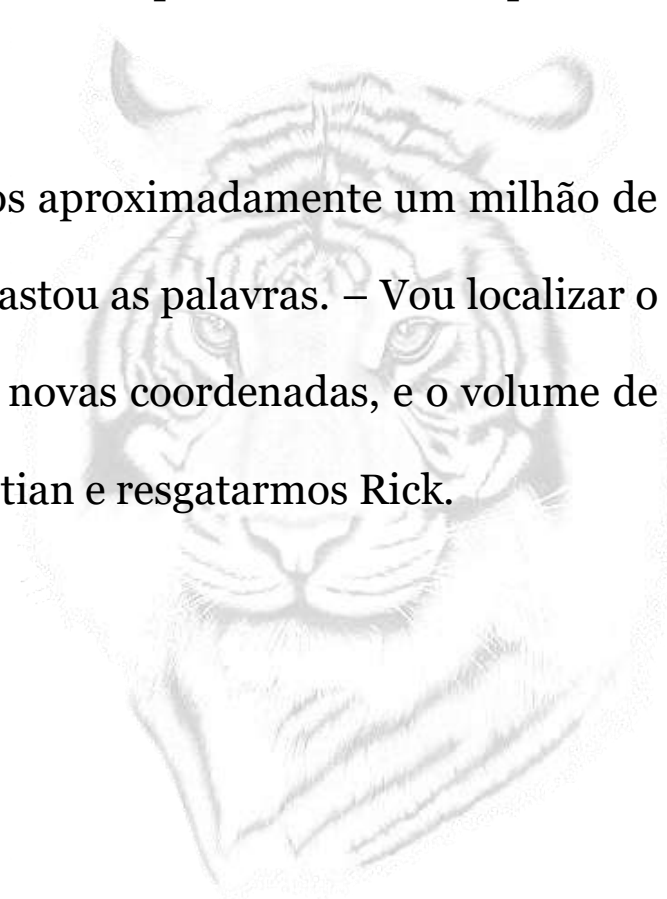
– Talvez a mulher saiba de algo que possa nos ajudar para resgatar Rick de Lintian. – Jarek pensou na mulher esbelta, tentando abafar sua atração sexual pela mulher enquanto se concentrava no que precisavam planejar para o resgate. – Pode saber algo sobre as minas.

– Onde estamos? – Perguntou Lochlann, levantando-se para apoiar-se no painel de controles.

Jarek monitorava as cartas estelares, quando encontrou a posição correta da nave.

– Estamos na entrada do quadrante X. Navegar em um magefelds não é exatamente uma ciência precisa. Só nós cospem em um lugar qualquer no final.

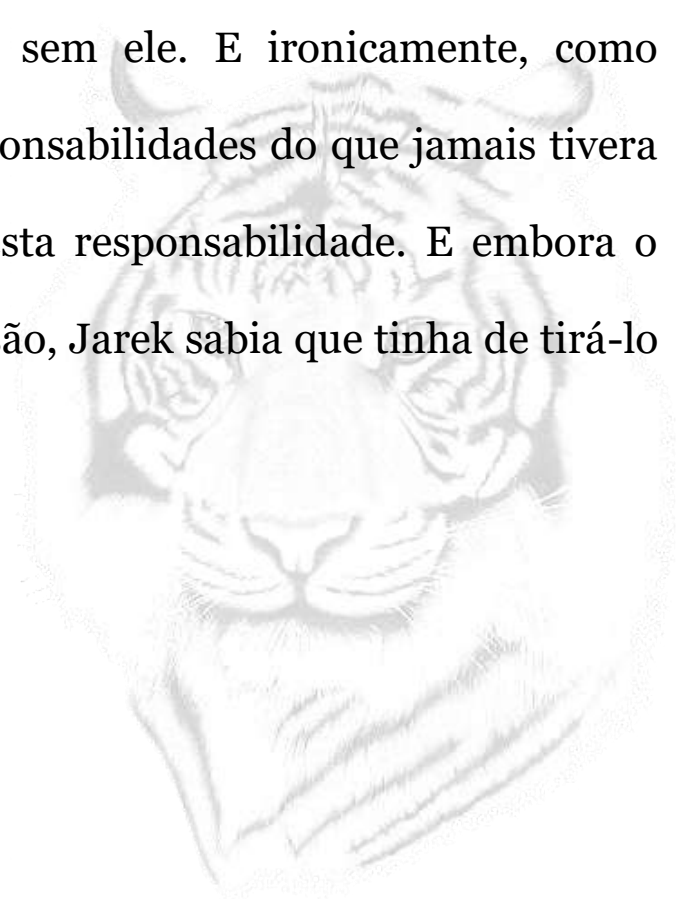
– Maravilhoso. Então só temos aproximadamente um milhão de portos a escolher. – Lochlann arrastou as palavras. – Vou localizar o porto mais próximo e calcular as novas coordenadas, e o volume de combustível para voltarmos a Lintian e resgatarmos Rick.



A mandíbula de Jarek se apertou. Embora nenhum deles quisesse admitir, cada minuto perdido só aumentava as chances de Rick não sobreviver, se é que, já não estivesse morto. Apesar das brincadeiras sobre matá-lo, todos ali gostavam dele como de um irmão. De um modo estranho, brincar com a situação os impedia de externar sua preocupação crescente.

– Sei que aquele safado está vivo e bem. – Decretou Lochlann a Jarek, colocando uma mão sobre seu braço. – Se há algum homem que sabe enrolar e enganar seu carcereiro, só pode ser o Rick.

Jarek assentiu. Pedira aos céus para ficar livre de responsabilidades. Em seu planeta, sua família tinha as coisas bem definidas, e se garantiam bem sem ele. E ironicamente, como capitão, assumira bem mais responsabilidades do que jamais tivera em Qurilixen. Rick era parte desta responsabilidade. E embora o homem se colocasse nesta confusão, Jarek sabia que tinha de tirá-lo disso.



– Agora, sobre a nossa prisioneira... – Lochlann escondeu um sorriso quando ativou o monitor de mapas. Começando a procurar um porto.

– Não é nossa prisioneira. Ela praticamente se pendurou em meu pescoço para escapar de seu amo.

Lochlann jogou uma olhada maliciosa a ele e levantou uma sobrancelha antes de voltar a sua tarefa.

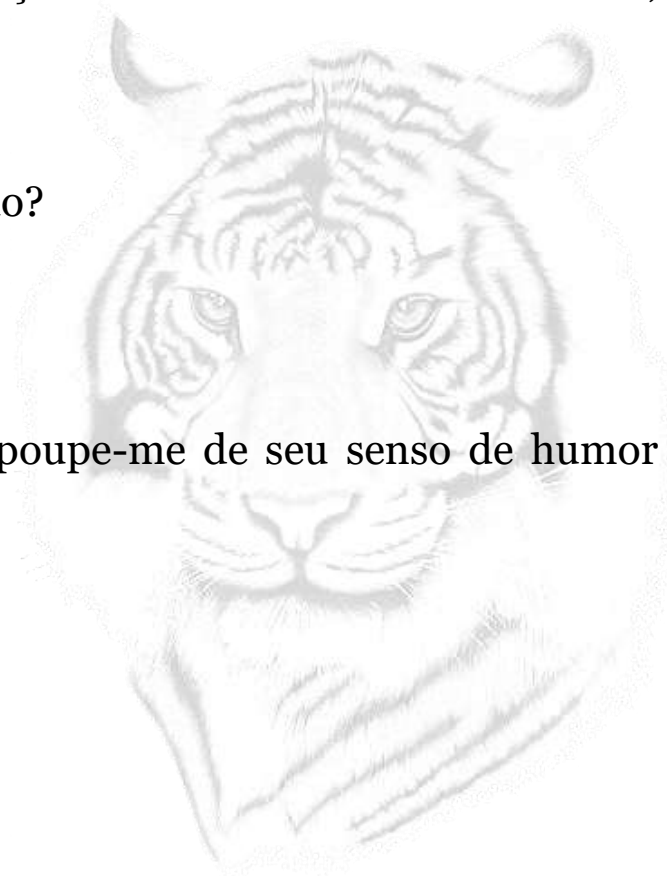
– Hey... – Insistiu Jarek. – Ela quase implorou para ser levada. Que outra coisa eu poderia fazer? Deixá-la lá para ser punida por tentar escapar? Meus princípios, jamais me permitiriam isso.

Lochlann riu, sacudindo a cabeça. Sem incomodar-se em olhá-lo, perguntando-lhe:

– Princípios é? Ou foi seu libido?

Jarek pigarreou.

– Ah, Pelos Gatos Sagrados, poupe-me de seu senso de humor deturpado.



– Se é assim, tudo bem.

– Vou ver que danos temos nos propulsores e no casco. – Jarek se moveu para deixar a cabine, sabendo que Lochlann o avisaria se houvesse qualquer sinal de perigo.

– Vai verificar os propulsores e o casco ou nossa mais recente aquisição? – Gritou Lochlann a suas costas.

Jarek estacou a porta, para responder ao amigo.

– Continue assim e o jogarei a pontapés de minha nave no planeta habitável mais próximo. Entendeu? – E saiu resmungando.

– Já entendi muito bem, Capitão. – Lochlann concordou com um sorriso malicioso.



– Exijo que libertem a mim e às pu ren.

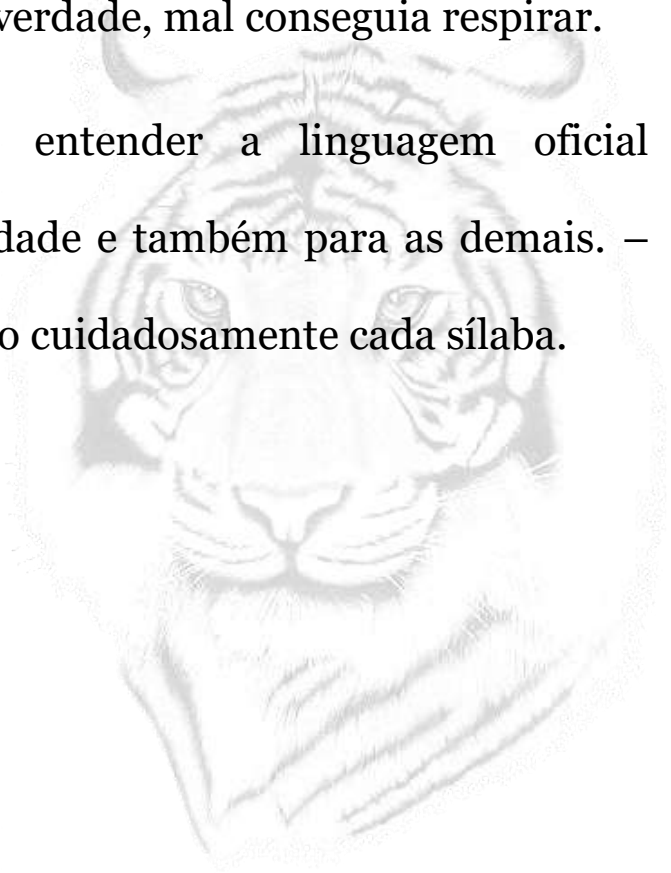


Jarek fitava sonhador à pequena mulher diante dele. Esse não era o agradecimento que esperava ao entrar em suas acomodações. Sua voz era tensa, mas ele se encantou com o tom suave como seda que ela usava. Uma voz quase rouca despejando toda cólera em cima dele.

– Seu sujeitinho asqueroso, exijo que eu e as outras mulheres sejamos libertadas imediatamente.

Jarek cruzou os braços sobre o peito e observava encantado à mulher. Era lindíssima, não só na aparência, havia algo a mais além de sua ira que lhe chamava a atenção. Seus olhos brilhavam e seu corpo estava rígido. Apoiado contra o batente metálico da porta, tentou aparentar indiferença. Na verdade, mal conseguia respirar.

– Será que não consegue entender a linguagem oficial intergaláctica? Exijo minha liberdade e também para as demais. – Seus lábios se moveram, formando cuidadosamente cada sílaba.



Na boca de Jarek se abriu um sorriso. Ela exigia liberdade, sério?

Pela expressão em seu rosto, sabia que o tipo de liberdade em que pensava não era o que ele tinha em mente.

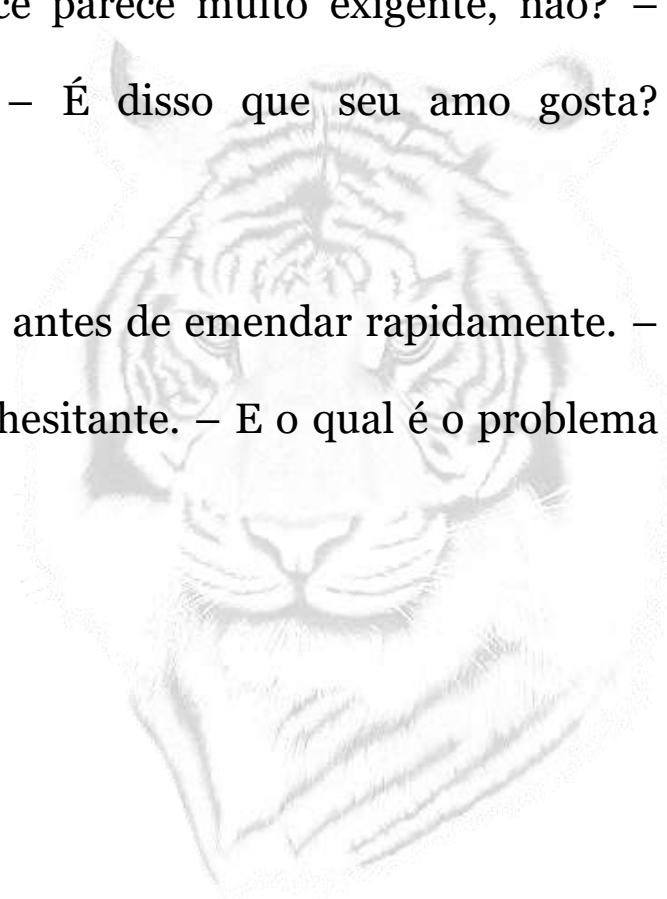
– Onde estão as outras? – A mulher deu um passo ameaçador para frente.

– Outras? – Repetiu Jarek, confuso. Logo, rindo, pensando em Viktor e Lucien vestidos de mulheres. Ela devia tê-los visto correndo com eles. – Ah, sim; as outras. Estão seguras e felizes de estarem a bordo.

– Serei a juíza disso! Exijo que me leve até elas.

– Sabe, para uma serva, você parece muito exigente, não? – Jarek comentou em voz alta. – É disso que seu amo gosta? Satisfazer os seus caprichos?

– Serva? – A mulher ofegou, antes de emendar rapidamente. – Sim,... Isso mesmo. – Declarou hesitante. – E o qual é o problema em mandar?



Jarek a observou atentamente. Enganara-se em sua suposição anterior. Ela não era nenhuma serva. Servos não demonstravam tanto orgulho, não teriam a audácia de desafiá-lo. Aqueles olhos eram muito incisivos e rápidos em fitá-lo de igual para igual. Mesmo uma serva rebelde baixaria o olhar e o fulminaria só nos pensamentos. Mas não esta. Ela o encarava sem baixar o olhos. Realmente se enganara em sua avaliação. Era mais provável que fosse uma nobre. Irmã? Esposa? Ou, e se fosse uma concubina, seria a concubina principal? Seja lá qual fosse sua posição, estava acostumada a ser ouvida e obedecida por outros.

– Qual é seu nome, serva? – Perguntou-lhe, dando um passo a frente, tentando intimidá-la. Se ela queria fazer aquele jogo, jogariam. A mulher não recuou, aumentando sua suspeita de que era muito mais do que dissera ser. Então, por que consentira em embarcar em sua nave se tinha posição e importância social?

– Primeiro você, pirata.

Pirata? Jarek tentou não rir. Nunca se considerara um verdadeiro pirata, embora alguns pensassem que ele e sua equipe fossem

criminosos. Já que ela estava mentindo sobre quem era, por que não devolver na mesma moeda?

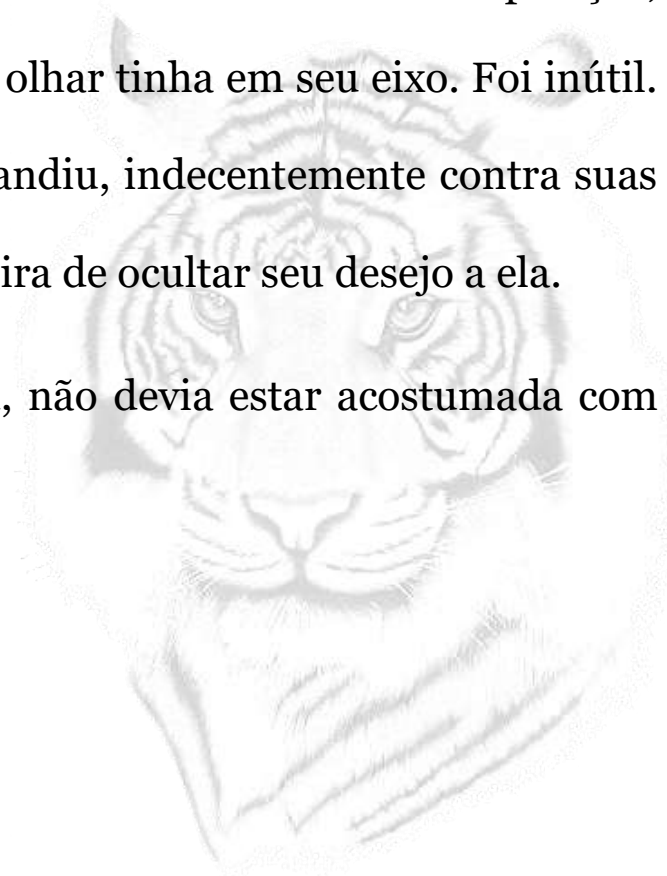
– Capitão Jarek o Belo, a seu dispor, minha senhora.

– Não sou uma senhora. – Declarou a mulher com cuidado. – Sou uma serva.

– Ah, bem, se tem duas pernas em vez de três, isso a faz uma senhora nesta nave. – Jarek sorriu abertamente.

Ela precisou de um momento, mas no instante em que, descobriu o instante o significado do que lhe dissera, seu rosto ficou vermelho e ela arregalou os olhos repuxados. Foi incapaz de responder-lhe. Seus olhos se dirigiram para suas coxas. Ele mudou de posição, tentando ocultar o efeito que seu olhar tinha em seu eixo. Foi inútil. A massa entre suas coxas se expandiu, indecentemente contra suas calças ajustados. Não havia maneira de ocultar seu desejo a ela.

É uma mulher nobre, pensou, não devia estar acostumada com aquela reação física.



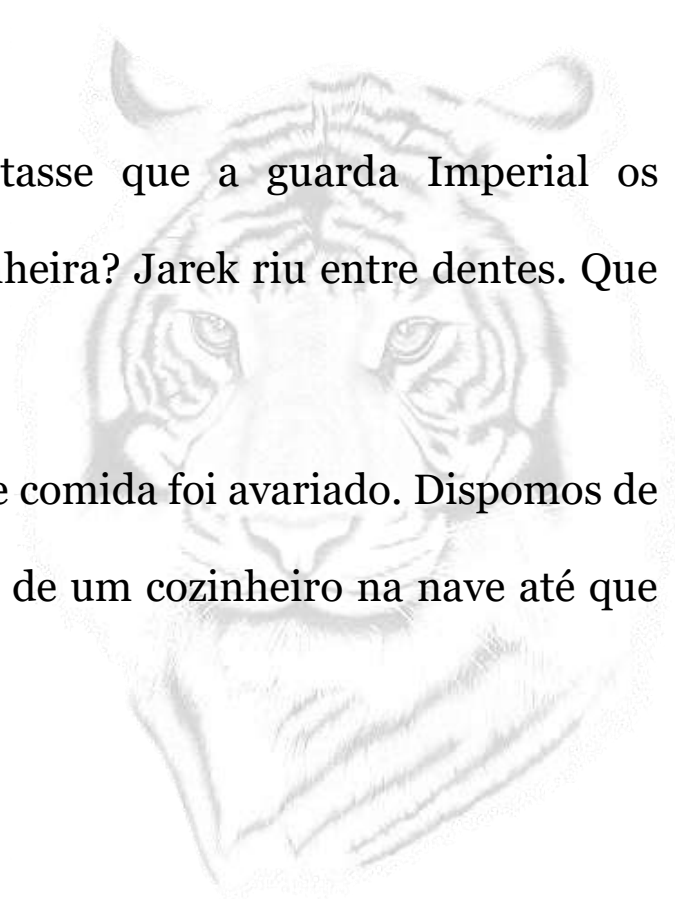
– Diga-me, serva, de que forma servia a seu amo? Tem alguma especialidade? – Perguntou, deixando em seu tom baixo, o sentido sexual. Um tremor percorreu a pequena figura enquanto a observava. Viu seus mamilos brotarem contra o traje de seda, os dedos dos pés se curvaram dentro das sapatilhas de seda delicadas. A eletricidade ziguezagueou entre eles, quente e latente. Pela maneira com que o olhou, ela percebera também. A química fora imediata, unindo-os. Queria saltar sobre ela, agir sem mais delongas, mas se conteve, sabendo que o prazer só cresceria com a negação.

A mulher pensou por um momento antes de dizer com cuidado.

– Cozinheira real.

Ela esperava que ele acreditasse que a guarda Imperial os perseguira apenas por uma cozinheira? Jarek riu entre dentes. Que assim fosse.

– Maravilhoso. O simulador de comida foi avariado. Dispomos de ingredientes crus e precisaremos de um cozinheiro na nave até que



possamos consertá-lo. Pode pagar sua viagem com o serviço, quero dizer, a menos que pense em algo mais?

– Pagar por minha viagem? – Hesitou ela.

– Sim, como cozinheira de nossa nave. A menos que exista algum outro serviço que deseje oferecer em troca da passagem? – Jarek se aproximou audaz, outra vez acariciando-a com o olhar. Seu virilha se apertou em sinal de protesto imediato pela negação sexual. Suas mãos se fecharam em punhos por vontade própria, já que as garras tentavam crescer nas pontas de seus dedos. Sabia que a besta estava em seus olhos, mal podia conte-la. Sentia o cheiro sutil em sua reação. Havia um pouco de medo, mas acima de tudo, interesse. Esta mulher não estava assustada com a reação do gato dentro dele. O fato de saber que não estava surpresa ou receosa por seu lado mais primitivo, excitava-o ainda mais.

– E por que deveria lhe pagar por minha passagem? Fui sequestrada, pirata. – Seus lábios se apertaram com desgosto. – Desde quando a vítima tem que pagar por ser sequestrada? Em todo caso, cuidar de mim, é sua responsabilidade.

– Acha mesmo, e talvez deveríamos trabalhar para que você entenda minha língua. Tenho tradutor a bordo se você precisar. Em primeiro lugar, mesmo se foi sequestrada, não há normas no código pirata dizendo que temos de cuidar de alguém e que esse alguém não tem que pagar por sua passagem. De fato. Em segundo lugar, e o mais importante, eu não a sequestrei, Fada, só a salvei.

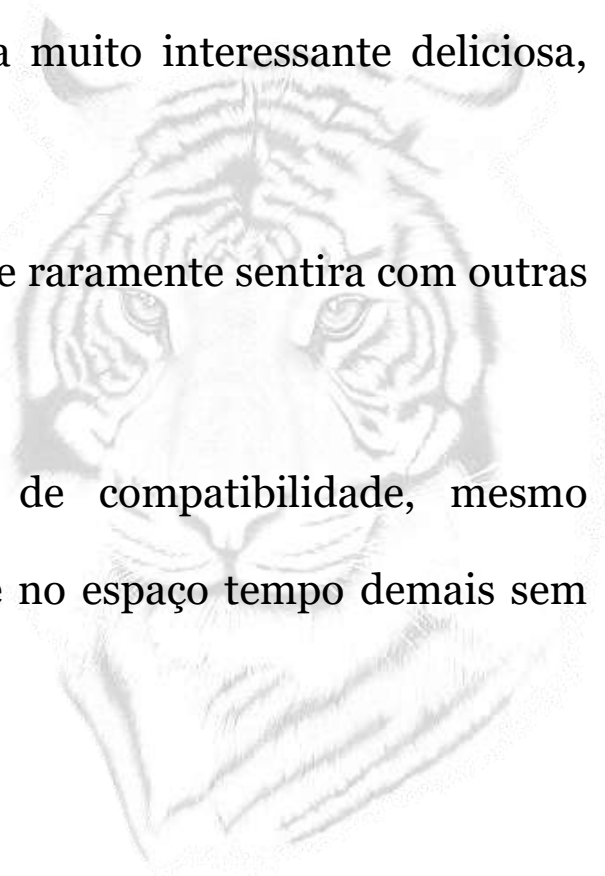
– Meu nome não é Fada. É...

– Que importância tem seu nome, você é somente uma serva, uma cozinheira, não? – Interrompeu-a, só para deixá-la zangada. Era simplesmente adorável quando se zangava. Quase sorriu com o pensamento, mas suprimiu o impulso.

Na verdade ela era uma coisinha muito interessante deliciosa, não devia se envolver com ela.

Já sentia algo em sua presença que raramente sentira com outras mulheres, familiaridade, talvez?

Tinha uma estranha sensação de compatibilidade, mesmo enquanto brigavam. Talvez estivesse no espaço tempo demais sem



uma mulher. Talvez o fato de seu irmão gêmeo, Reid, ter se unido a uma mulher depois de ter declarado que jamais se casaria.

Reid fora o último de seus quatro irmãos a cair. Jarek era o único Príncipe Var ainda livre e queria permanecer assim. Com a educação que tivera, e sabendo que unir-se por toda a vida não era sábio para os Var. Uma vez unido, não poderia ser desfeito. Um Var vivia um longo ciclo de vida e passaria muito tempo unido a sua companheira, que graças ao poder místico, que lhe dava esse tempo de vida, ela viveria tanto quanto ele; muita coisa podia acontecer nas centenas de anos que viveriam. Se um companheiro morresse, o outro seria condenado a passar séculos de dor. Muitos homens Var tinham morrido de tal destino.

Por isso Reid e ele nunca planejaram se apaixonar. É claro, isso foi antes de Reid cair, e com força. Jarek não desejava compartilhar a mesma sorte de seu irmão gêmeo.

Claro que seus irmãos eram felizes em suas uniões, felizes e esperando ou já com filhos recém-nascidos. Algum dia ele também desejaria ter um filho. Que homem não queria? Mas para isso só

precisaria de uma mulher qualquer, sem laços que os unissem, só a criança, e havia muitas dessas. Por que correr o risco de estar preso a uma só mulher e talvez passar séculos de infelicidade? Com tantas por aí.

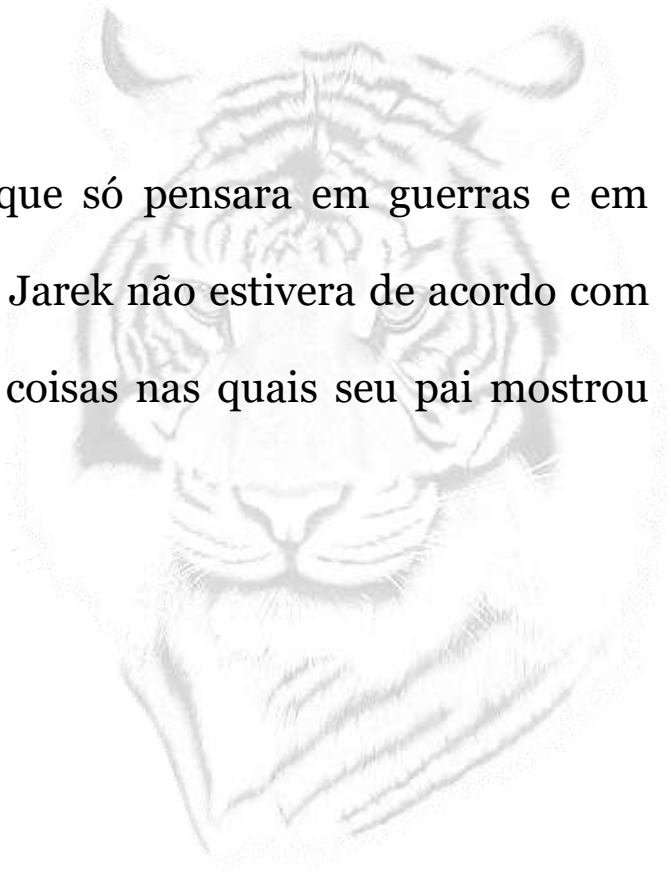
Seus olhos vagavam pela mulher. Gatos Sagrados! Por que estava pensando em uniões por toda a vida? O que provocou tais pensamentos?

Seu corpo queria sexo e sua mente, pensava em companheiras?

Era como seu pai sempre dizia. *“Toda mulher tem o poder de arruinar homens e reinos.”*

“E agora devo perguntar a você, meu filho, deixará que o arruíne?”

O rei Attor fora um homem que só pensara em guerras e em como vencê-las a qualquer custo. Jarek não estivera de acordo com seu pai muitas vezes, mas havia coisas nas quais seu pai mostrou sabedoria.



Desde que começara a viajar pelas galáxias. Jarek ouvira várias histórias de nações em planetas que simplesmente se destruíram pelo amor de uma mulher. Cada espécie tinha suas histórias de amor perdido, povos destruídos e mortes horrendas em nome do amor. Mas ele vira pessoalmente os maiores homens que conhecia caírem, seus irmãos. Não fora horrível que eles tivessem encontrado o amor, até gostava de suas cunhadas, mas seus irmãos dariam a própria vida, se preciso fosse, por suas mulheres.

Dissera a eles que não estava interessado em mudar a maneira de viver, e que não queria se preocupar com ninguém mais, além de sua tripulação. Era irônico que para ter o amor verdadeiro, teria que sacrificar uma parte de si mesmo.

Seus irmãos retrucaram que ele não queria uma companheira para a vida toda, para não admitir que, como todas as outras criaturas de sangue quente, realmente ele queria esse destino. Só se conseguiam as melhores coisas na vida, se houvesse algum risco em se perder. Sem riscos, não havia grandes recompensa. Disso ele sabia, e como Rick, delicadamente gostava de dizer em muitas

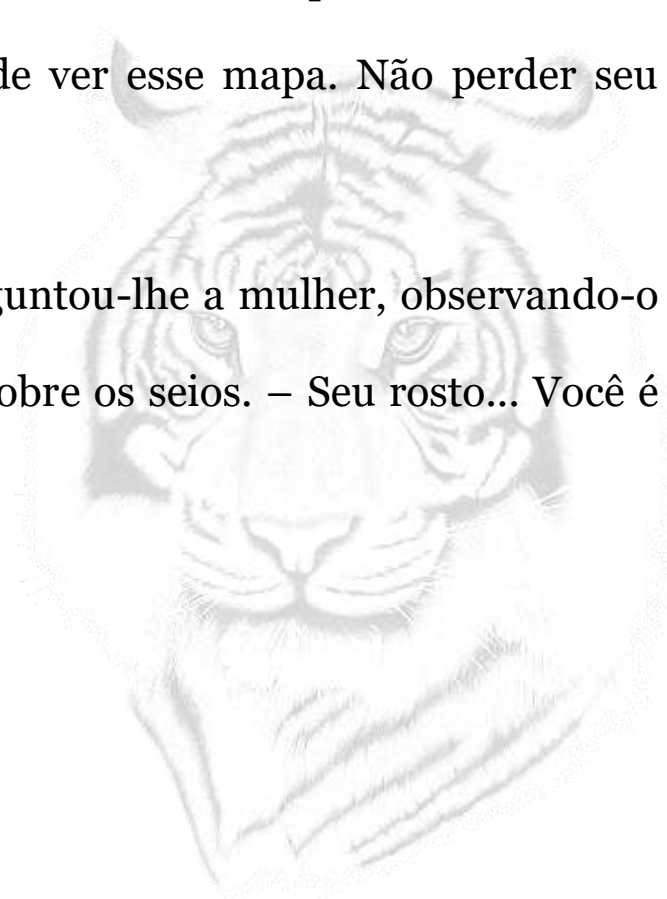
ocasiões, "*Mantenha seu monstro acordado*". Qualquer que fosse o significado disso.

Rick era um viciado em cultura da Terra do século XX e sempre vinha com algum ditado estúpido para confundi-los.

Jarek notou o silêncio pesado entre os dois, a mulher o olhava fixamente, com aqueles olhos castanhos, sondando-o. "*Pense em Rick*", grunhiu. Tinha deveres mais urgentes do que discutir com a pequena. Embora fosse divertido, teriam de esperar.

Primeiramente, tinham que reparar sua nave. Depois encontrar uma maneira de salvar seu amigo. Sabia que Lucien e Viktor tinham conseguido um mapa, embora não tivessem sido precisos ao relatar "*quanto ao como*". Jarek teria de ver esse mapa. Não perder seu tempo com mulheres.

– O que há com você? – Perguntou-lhe a mulher, observando-o com atenção. Cruzou os braços sobre os seios. – Seu rosto... Você é um shifter, certo?



Jarek levou uma mão ao próprio rosto. Sua pele parecia normal, então percebeu o formigamento da mudança parcial em seu rosto, enquanto contemplava os pequenos seios dela. As unhas afloravam na pele e olhou suas mãos. As garras se retraíam para trás em seus dedos e as palmas estavam manchadas de sangue onde se cravaram. Fechou as mãos e as levou para trás, escondendo-as, inspirou fundo. Era muito tarde. Ela as vira.

A essência de mulher encheu seu nariz. Era uma fragrância exótica, misturada ao cheiro inequívoco de desejo. Não estava surpreso por sua cabeça se nublar e ficar à deriva. A mulher também o queria. Seu membro se encheu ainda mais, imediatamente preparado para fazer uma oferta silenciosa ao corpo dela. Mas, olhando em seus olhos, percebeu que ela parecia um pouco assustada.

Gatos Sagrados! Não precisava daquela distração.

– Sou o capitão desta nave. – Disse Jarek, sabendo perfeitamente que não lhe daria a resposta que desejava. – E você, minha senhora, será minha cozinheira ou minha convidada?

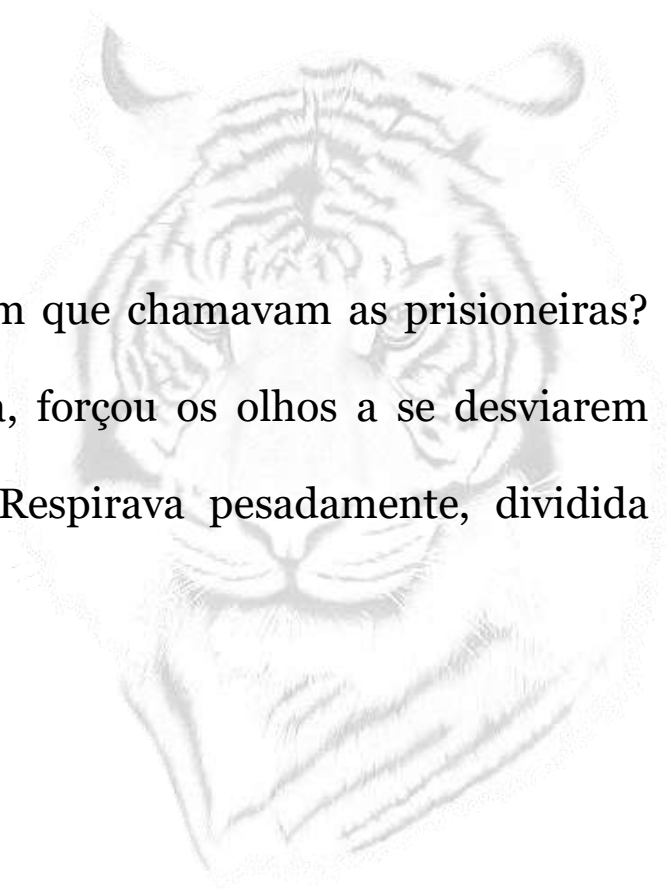
Com isto, saiu da cabine, travando a porta. Até que a nave estivesse com os propulsores em pleno funcionamento e os danos reparados, não queria se preocupar com a bela flor Lintianese em liberdade.

– Gaxìng jìandào nî! – A mulher gritou do outro lado da porta. Jarek sorriu. Realmente tinha que carregar o tradutor implantado com aquele idioma, embora por seu tom rouco não fosse muito difícil entender que estava bem zangada com ele. – Húndàn!



Convidada?

Mei franziu o cenho. Era assim que chamavam as prisioneiras? Convidadas? Sacudindo a cabeça, forçou os olhos a se desviarem para longe da porta trancada. Respirava pesadamente, dividida



entre a irritação e o desejo. Mas saber que o desejava só a deixou mais irritada.

Por que o miserável tinha que ser tão bonito? Tão excitante e perigoso? Ela poderia ter passado sem aquela sutil mudança de rosto. Sua testa se alargara um pouco, seus olhos tinham ficado dourados, parecia misterioso e quase selvagem. Parecia um predador, pronto a atacar. Pela excitação, que aquela pequena mudança, provocara em seu corpo, ela tinha de admitir que não oporia muita resistência ao ataque.

A quem queria enganar? Na verdade, ela quase saltara sobre ele como uma leoa no cio.

O capitão Jarek era um homem robusto e bem atraente, e parecia ter senso de humor. Trocara as roupas e soltara os cabelos, que caíam em ondas longas e escuras até a cintura, levantadas e jogadas para trás em suas têmporas, duas tranças afastavam os cabelos dos olhos. Agora que o tinha visto com mais calma, notou-lhe a pele escura, comparada a sua cútis mais clara.

As tatuagens negras contornavam um de seus braços, o desenho assimétrico desaparecendo sob sua manga, só para reaparecer em seu ombro e pescoço. Estava vestido com uma camisa de linho branca e solta, com as mangas dobradas para cima, e as calças negras ajustadas. Suas botas de couro estavam polidas. Ele a atraía e assustava na mesma medida, jamais sentira aquilo antes. O que a deixava mais zangada com ele e com ela mesma.

– Até agora agiram honradamente. – Sussurrou, embora ninguém mais estivesse no quarto para ouvi-la. – Espero que continue assim. No momento, mantereí minha boca fechada e verei o que mais poderei descobrir.

Deitando-se na cama, Mei contemplou o teto metálico.

– Computador, solicito autorização de segurança. – Demandou Mei. O computador central da nave não respondeu. Se Haun atingira essa nave com rajadas de energia, era muito possível que estivessem à deriva no espaço. Então, por que Haun não os abordara? Avariar uma nave para que esta não possa escapar e logo

invadi-la enquanto a nave estava indefesa seria o mais lógico, então...

Uma sensação nauseante se enroscou na boca de seu estômago. Agarrou a manta e a pôs debaixo do queixo.

O medo a contagiou quando imagens de uma explosão na nave de Haun invadiram sua imaginação. A calma que sentira minutos antes se dissipou.

– Antepassados benditos. – Mei sussurrou. – Por favor, mantenham Haun seguro. Farei o que preciso for para guardar meu irmão em segurança.



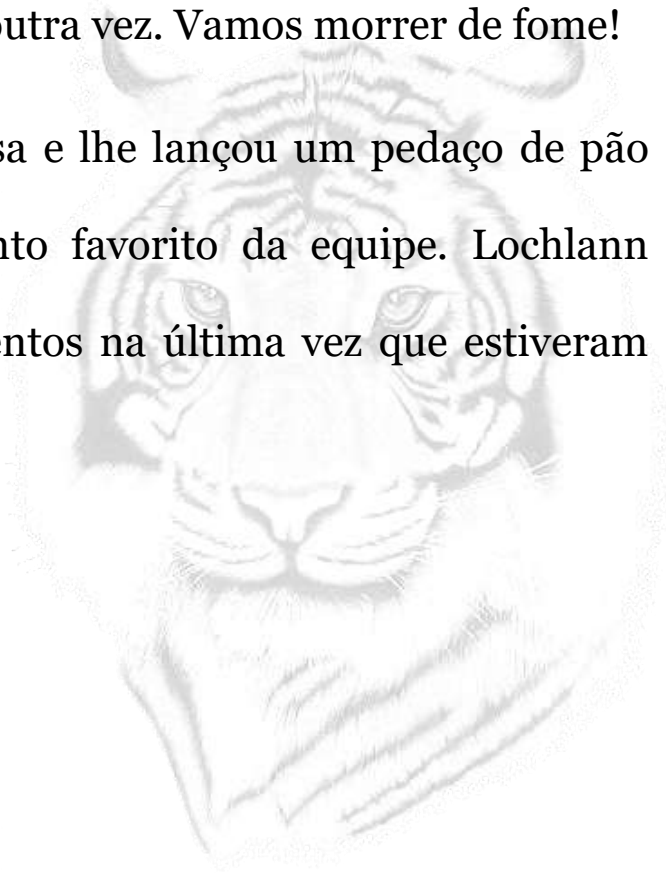
4

– Viktor, quero que desative em parte o simulador de alimentos. – Jarek ordenou, rindo das expressões confusas dos homens diante daquela ordem absurda. – Só programe a máquina para materializar ingredientes cruz.

– Está maluco? – Protestou Lucien, contemplando o irmão. – Nunca conseguiremos reativá-la outra vez. Vamos morrer de fome!

Viktor se inclinou sobre a mesa e lhe lançou um pedaço de pão azul de Qurilixen. Era o alimento favorito da equipe. Lochlann conseguira introduzir mais alimentos na última vez que estiveram no planeta.

– Você deve estar brincando.

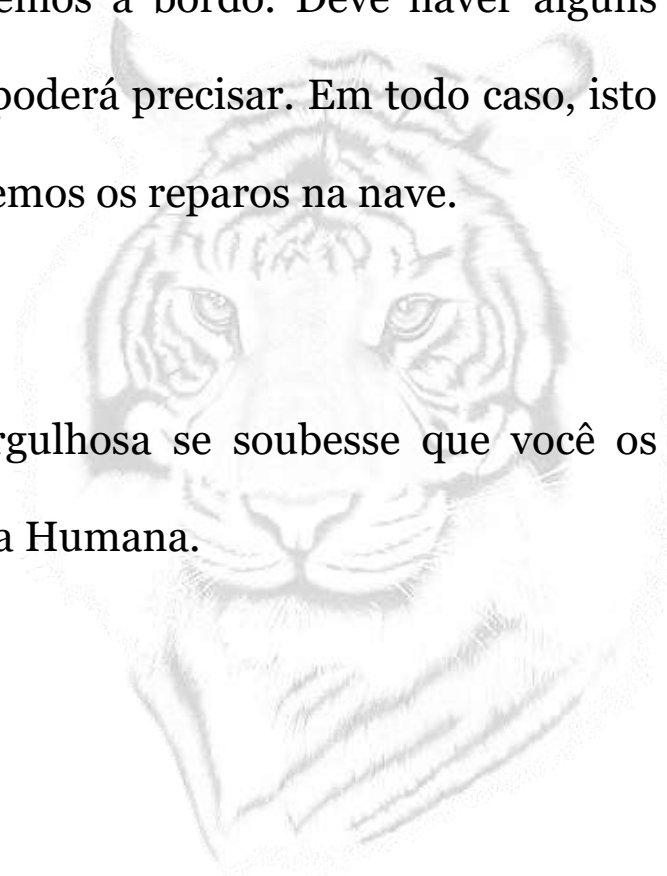


Estavam na área comum, uma sala espaçosa equipada com uma tela de imagens, jogos de mesa, sofás e cadeiras. Os homens passavam muito tempo ali, quando não queriam ficar sozinhos em seus quartos. Lucien, Viktor e Jackson se inclinavam sobre o mapa com um tradutor de mão tentando lê-lo. Dev observava em silêncio logo atrás deles, com os braços cruzados sobre o peito e olhos se estreitando em concentração.

– Não, nossa prisioneira se diz ser uma chef real. –Declarou Jarek. – Portanto, vamos ver se ela está dizendo a verdade. Evan, quero que a vigie telepaticamente enquanto ela cozinha. Se tentar nos envenenar, saberemos. Dev, vá ao deque de carga e abra um dos containers de salvamento que temos a bordo. Deve haver alguns utensílios de cozinha ali que ela poderá precisar. Em todo caso, isto a manterá ocupada enquanto fazemos os reparos na nave.

Lucien riu entre dentes.

– Sua cunhada ficaria tão orgulhosa se soubesse que você os roubou da Agência de Inteligência Humana.



– Nós os roubamos. – Corrigiu Jarek, com uma inclinação de cabeça significativa. Seu irmão mais velho, o rei Kirill se casara com Ulyssa, uma ex-agente do AIH⁶. Ela não falava muito dessa fase da sua vida, mas suspeitava que tivesse sido uma de seus agentes principais. – E não o roubamos da AIH. Roubamos à Comissão de Ciências.

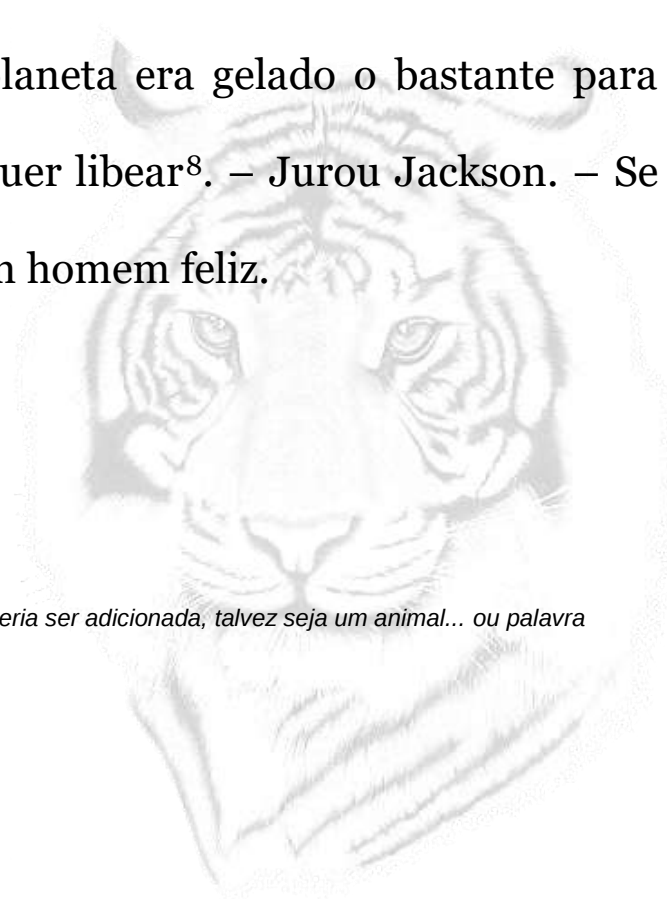
– E estavam extraindo minérios de um planeta primitivo, aquela estação era toda automatizada, simplesmente salvamos o que não estavam usando. Além disso, aposto que o CCE⁷ não tinha autorização dos nativos para estarem ali.

– Benditas estrelas! Aquele planeta era gelado o bastante para acabar com a virilidade de qualquer libear⁸. – Jurou Jackson. – Se nunca mais voltarmos lá, serei um homem feliz.

⁶ Agência de Inteligência Humana.

⁷ Comissão de Ciências Exploradoras.

⁸ não há nenhuma referencia no livro ou tradução, que poderia ser adicionada, talvez seja um animal... ou palavra inventada pela autora.



– Não é nossa culpa que tenha aceitado a aposta de Rick. –
Afirmou Lucien. – Não tinha porque sair nu da nave e depois se
cobrir de neve.

– Como não, – Protestou Jackson, seus olhos se arregalando
inocentemente. – Valia vinte créditos espaciais.

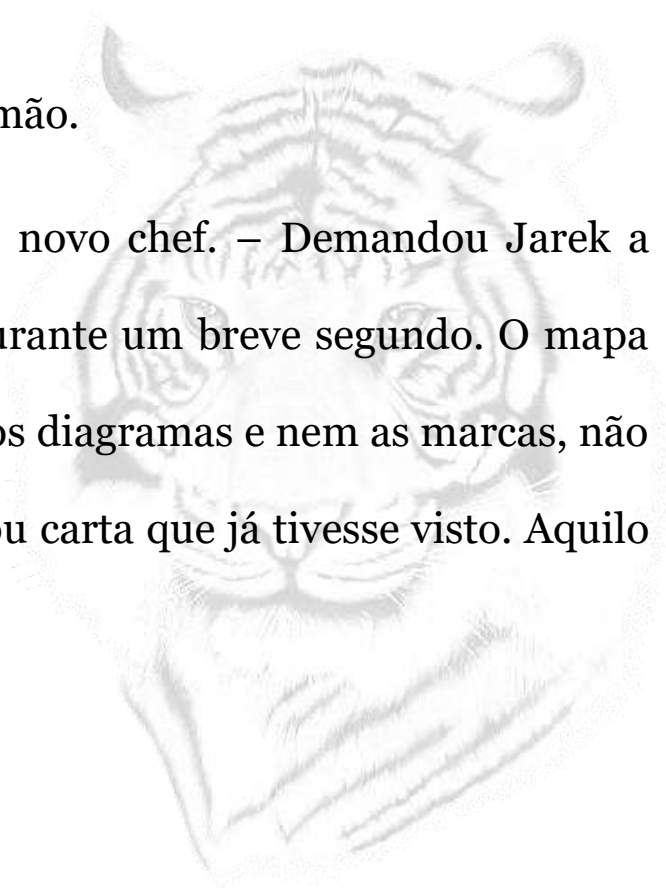
– E acrescentou um novo sentido ao termo da Terra que Rick
insiste em usar... Bolas azuis. – Brincou Lucien.

Os homens riram entre si. Jarek observava o mapa, tentando
memorizar as linhas enquanto os ouvia brincar.

– Mas convenhamos, – Lucien comentou. – E se não souber
cozinhar? Passaremos fome?

Viktor fez uma careta para o irmão.

– Bem, então você será nosso novo chef. – Demandou Jarek a
Lucien, rindo quando o olhou, durante um breve segundo. O mapa
era difícil de ler. Não reconhecia os diagramas e nem as marcas, não
se pareciam com nenhum mapa ou carta que já tivesse visto. Aquilo



fazia sentido. A cultura dos Lintianeses ficara isolada por muito tempo, tornando-a diferente e misteriosa.

– Com certeza seremos envenenados. – Declarou secamente Jackson. Viktor e Jackson gemeram, agarrando seus estômagos.

Lucien girou os olhos e gritou:

– Hey, não cozinheiro tão mau assim!

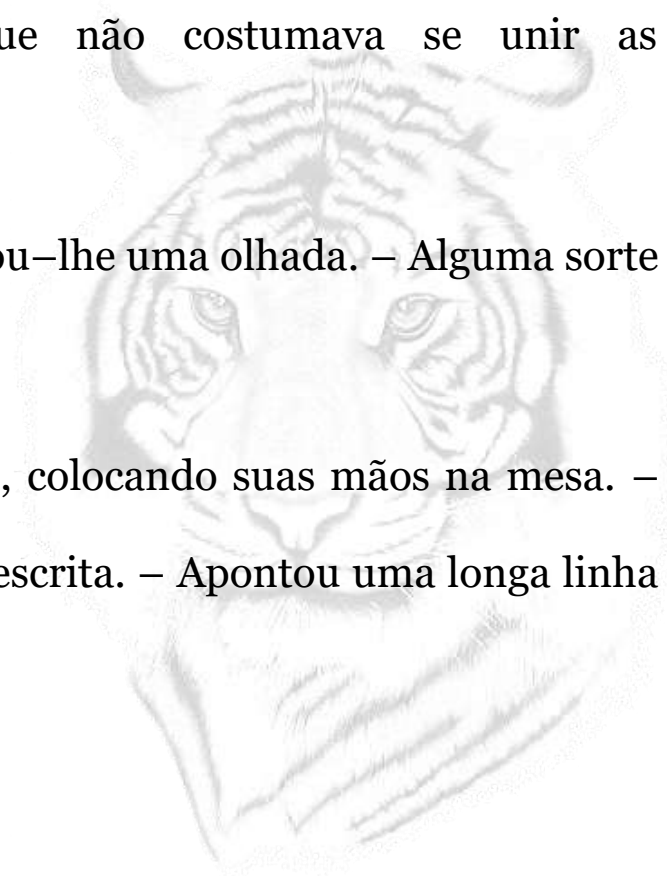
– Nem tão bem também. – Brincou Viktor.

– Ao menos deixe o programa para preparar as bebidas. – Sugeriu Jackson.

– Deveríamos estudar o mapa, isso sim. – Recordou-lhes Dev severamente. Era o único que não costumava se unir as brincadeiras.

– Você tem razão. – Jarek jogou-lhe uma olhada. – Alguma sorte com o tradutor?

– Nada. – Jackson respondeu, colocando suas mãos na mesa. – Não reconhece os símbolos ou a escrita. – Apontou uma longa linha



que se movia através de quadrados. – Suponho que isto seja um rio serpenteando o território, mas sem a tradução, não há nenhuma certeza, veja estes quadrados, poderiam ser casas ou demarcações de propriedades, terras para lavoura... Não sei. Estes símbolos não se parecem com nada que já tenha visto antes.

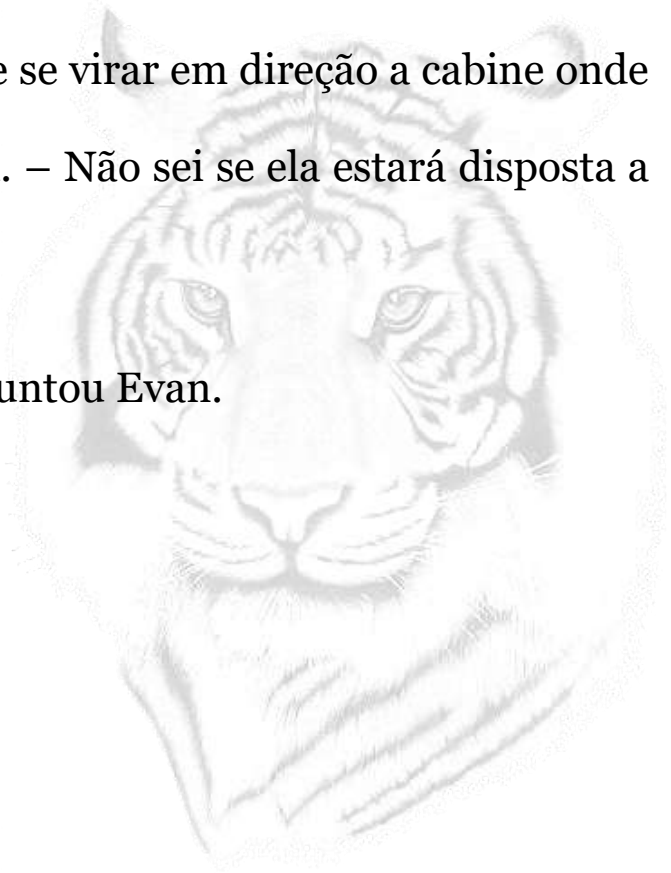
A escrita a qual Jackson se referia era uma série de desenhos quadrados alinhados de cima a baixo.

– E você Evan? – Perguntou Jarek, sabendo que era o mais instruído do grupo.

– Também não os conheço. – Respondeu.

– Precisamos que alguém nos traduza isso. – Concluiu Jarek, olhando ao redor da sala, antes de se virar em direção a cabine onde sua prisioneira esperava trancada. – Não sei se ela estará disposta a nos ajudar.

– E temos outra opção? – Perguntou Evan.



– Não. – Jarek respirou fundo. – Infelizmente, não temos.

Vamos carregar o tradutor da nave com o seu idioma o quanto antes. Já deveríamos ter feito isso antes.

– Não tivemos tempo. – Dev argumentou. – Primeiro devemos nos concentrar nos reparos.

– Faremos isso de imediato. Realmente não temos outra opção. Lucien, você primeiro. Não há muito que você possa fazer com as comunicações até que os sistemas estejam em funcionamento. Evan, vá com Viktor e desajustem o simulador de alimentos, depois leve a mulher para a cozinha e sonde seus pensamentos. Temos de saber se podemos confiar nela, no momento é o melhor que temos a fazer. O resto de nós ficara encarregado dos reparos da nave. Verei com Loch se conseguiu determinar nossa posição exata.

– Se eu tiver acesso ao computador. – Jackson expôs. – Talvez possa comparar o que supomos serem os rios, com as fotografias armazenadas nos registros. Isso nos ajudaria a ter uma idéia do que o mapa mostra.

– Boa idéia, faça-o. – Ordenou Jarek. – Neste momento o mapa e a mulher são nosso melhor trunfo para resgatar Rick.

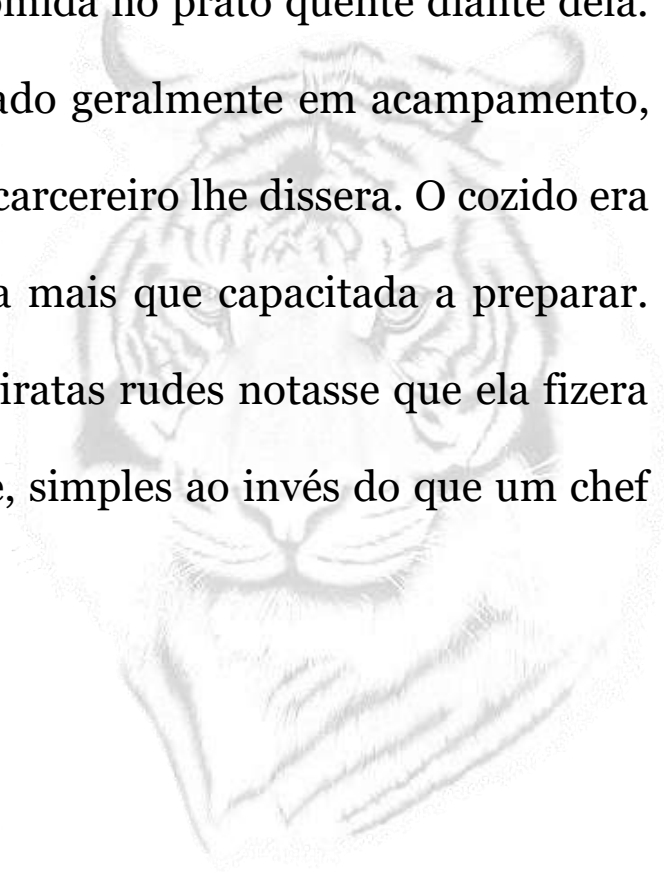
– Ele nos deve isso. – Grunhiu Dev, embora sua expressão mudasse.

Jarek assentiu com a cabeça.

– Espero que possamos salvar aquele seu traseiro idiota antes que aconteça o pior.



Mei distraidamente jogou a comida no prato quente diante dela. Esse tipo de aquecimento era usado geralmente em acampamento, foi mais ou menos isso que o seu carcereiro lhe dissera. O cozido era um prato simples, um que estava mais que capacitada a preparar. Duvidava que qualquer um dos piratas rudes notasse que ela fizera um prato bem popular Lintianese, simples ao invés do que um chef gourmet de seu planeta faria.

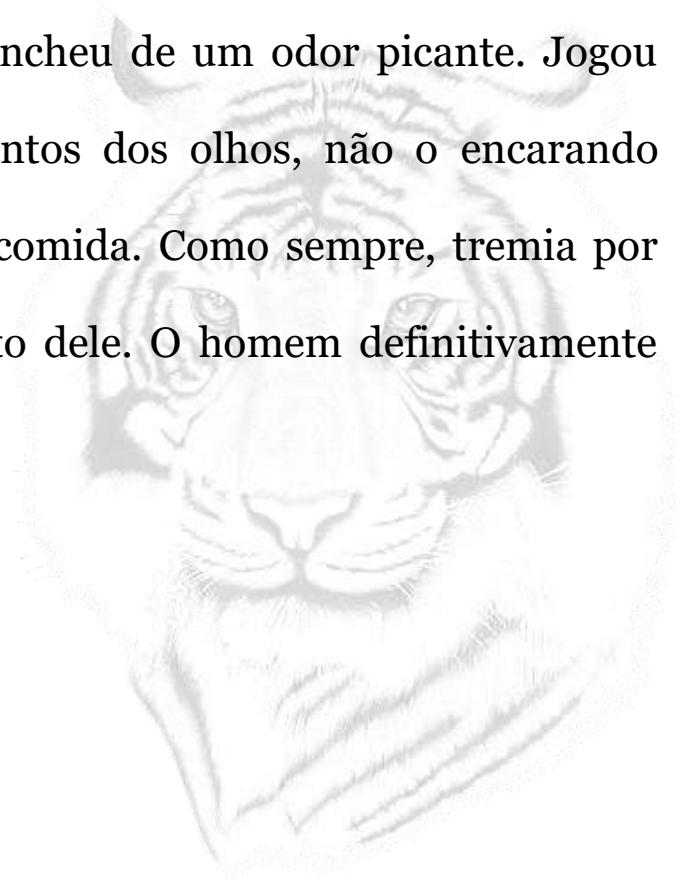


Riu baixinho apesar de sua angústia. Aliás, qualquer um dos brutos dificilmente conheceria um prato mais elaborado. Nem sequer reconheciam uma princesa quando viam uma.

Seu guardião, Evan, era cortês. Até tentou conversar com ela, mas não agradou a ela, quando ele mostrou muito interesse na sua tarefa. De vez em quando falava com ele em seu idioma. Não parecia entendê-la.

– Como as coisas vão por aqui? – A voz de Jarek veio da porta do refeitório. – O cheiro parece interessante.

A mão de Mei tremeu e deixou cair muita pimenta picante no prato. Crepitaram, fazendo subir um aroma quente no ar. Imediatamente, o refeitório se encheu de um odor picante. Jogou uma olhada a Jarek com os cantos dos olhos, não o encarando diretamente, enquanto mexia a comida. Como sempre, tremia por dentro, toda vez que estava perto dele. O homem definitivamente mexia com ela.



– Parece que está protestando em silêncio. – Evan declarou ao capitão.

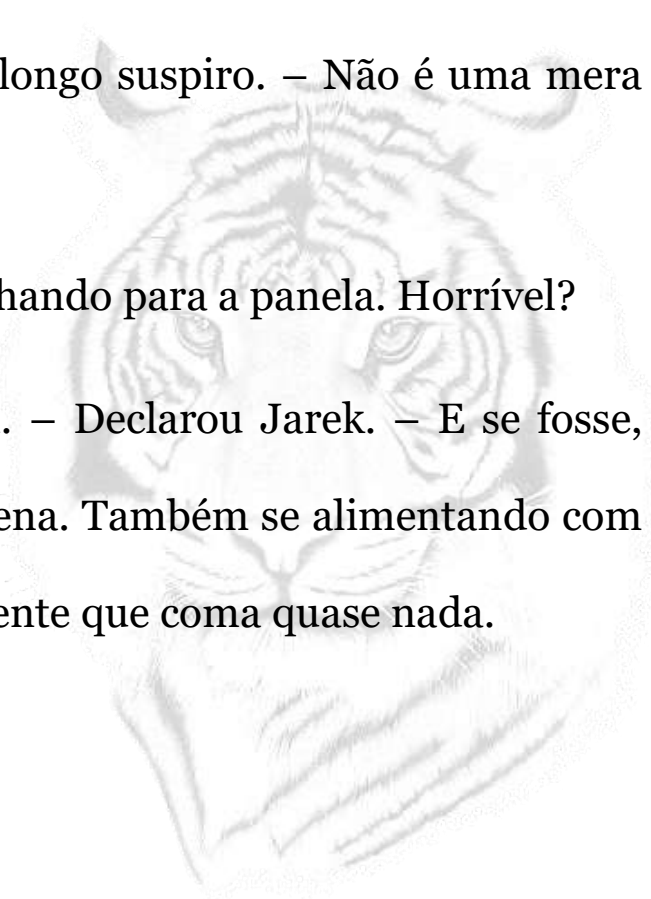
– Humm, adoro as silenciosas. – Jarek caçou, pegando uma vagem de ervilhas vermelhas da panela quente. Metendo-a na boca e mastigando. Mei o olhou e sorriu. A vagem estava coberta da pimenta picante que acabava de cair. Segundos mais tarde, saiu voando de sua boca enquanto tossia. – Gatos sagrados, Evan! Ela está tentando nos matar!

– Nossa, uma pequena pimenta é uma grande ameaça para você?
– Brincou Mei fazendo todo o possível para soar humilde. Ela apertou os lábios e continuou a remexer o conteúdo da panela.

– Ameaça? – Jarek soltou um longo suspiro. – Não é uma mera ameaça. O gosto é horrível.

Mei ofegou diante da ofensa, olhando para a panela. Horrível?

– Você não é cozinheira, Fada. – Declarou Jarek. – E se fosse, isso explicaria por que é tão pequena. Também se alimentando com uma dieta assim, não é surpreendente que coma quase nada.



Mei ficou boquiaberta e o olhou fixamente.

– Sou uma boa cozinheira! Treino na cozinha do palácio desde que era uma menina.

– Mas ainda digo que você não é uma boa cozinheira. Agora entendo por que seu povo é tão pequeno, também comendo uma coisa assim. É um milagre que ainda estejam vivos.

– Como? – Mei pegou uma vagem quente e a meteu na boca, tinha certeza de que estava boa, talvez um pouco picante, mas gostosa. – Não há nada de errado nesta comida.

– Se você o diz, Fada. – Jarek encolheu os ombros e caminhou ao seu redor.

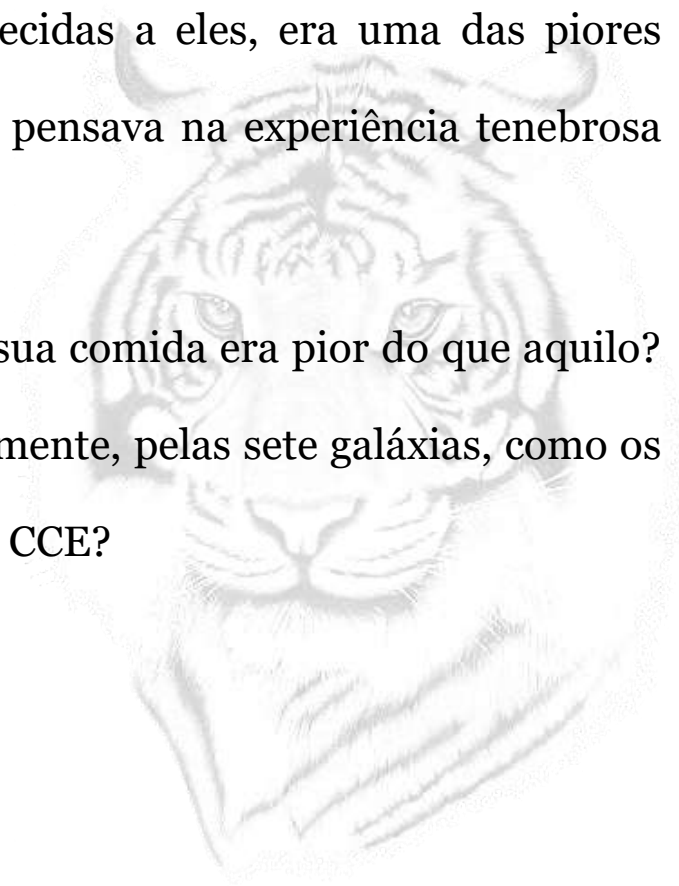
Mei se virou, com as mãos nos quadris, consciente de que estava mais perto do que o prudente. Tentou recuar um passo atrás apressadamente, mas seu quadril atingiu a mesa, estava encurralada. Levantando o queixo, olhou-o nos olhos. Foi um erro. Em seu olhar brilhavam manchas douradas. Quase imediatamente, suas pernas pareciam se derreter e seu ritmo cardíaco acelerou. Os

lábios dele se curvaram, movendo seus olhos para baixo quando lhe falou.

– Evan, temos suprimentos de emergência. Creio que as rações do CCE vieram bem a calhar.

– Rações do CCE? – Mei não podia acreditar no que ouvia. A Comissão de Ciências Exploradoras estacionara por algum tempo em Lintian para coletar amostras de solo a vários anos atrás. Acreditavam que os nutrientes encontrados ali poderiam ajudar outros planetas em que a agricultura não prosperava como em Lintian. Mei e seu irmão, Shen, ficaram no acampamento durante três dias fiscalizando a operação enquanto recolhiam as amostras. As rações secas que foram oferecidas a eles, era uma das piores coisas que provara. Sempre que pensava na experiência tenebrosa ainda lhe revolia o estômago.

E esse energúmeno dizia que sua comida era pior do que aquilo? Aturdida o olhou. Mas primeiramente, pelas sete galáxias, como os piratas conseguiram as rações do CCE?



– Peço perdão, meu senhor! Prometo me esforçar a provar que sou a melhor chef de meu planeta. – Mei mentiu descaradamente.

– Pobre planeta. – Respondeu Jarek falsamente compadecido.

– Novamente, peço seu perdão, meu senhor. – Declarou Mei, incapaz de pensar em algo melhor como resposta.

– Ah, meu coração, tenho pena de seu planeta se você for a melhor cozinha que Lintian tem a oferecer. – Jarek sorriu abertamente. Era um sorriso sedutor, provocador. Mei se perguntou se ele a olhava daquela maneira de propósito para desarmá-la. Se assim era, ele conseguira. Seu corpo já fervia com desejo e não podia desviar seus olhos daqueles olhos escuros. Ele era tão alto e grande. Havia algo de primitivo, quase animal em seu porte e em como se movia, sentia-se pequena, mas estranhamente protegida e vulnerável ao mesmo tempo. Não era parecido com os homens tranquilos e seguros com os quais convivera. Havia vida e vitalidade em cada expressão e movimento, alegria brilhava em seu olhar enquanto a fitava. O homem era um nobre, disso tinha certeza. Tanta desenvoltura cedia o passo a sua carência de decoro.

“Você não é uma princesa aqui.” Mei teve que recordar a si mesma. Finge estar no mesmo nível dele. Por isso a trata desse modo.

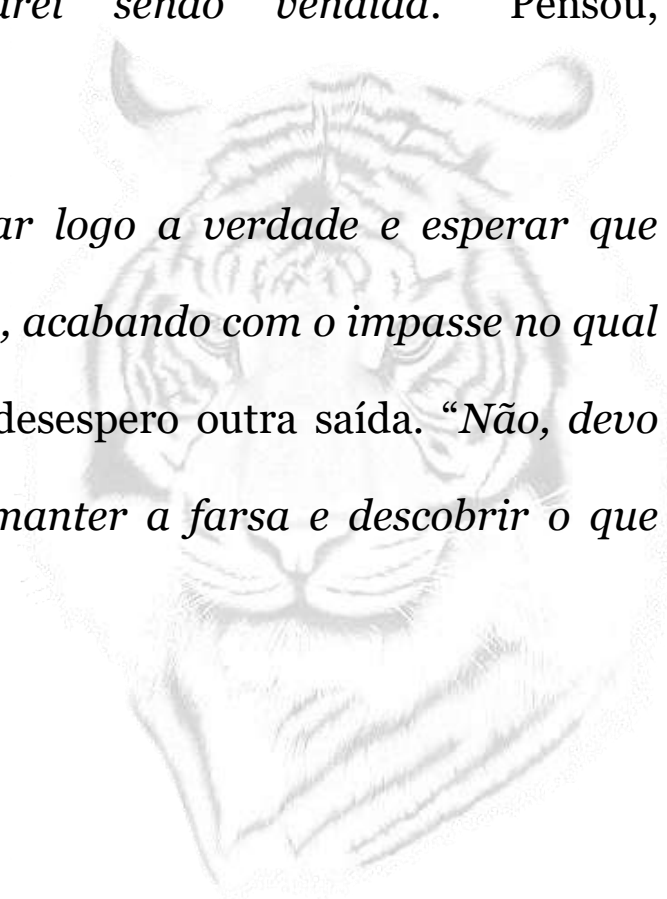
Mei franziu o cenho. Isso não era certo. Não estava e nunca estaria no mesmo nível dele.

Era uma prisioneira. Se soubesse que era uma princesa, não a trataria de forma diferente.

Entretanto, seu valor como prisioneira subiria. Talvez pedisse resgate a sua família? Ou simplesmente a venderia para acabar logo com isso?

“De toda maneira acabarei sendo vendida.” Pensou, desanimada.

“Não seria melhor lhe revelar logo a verdade e esperar que pedisse um resgate a sua família, acabando com o impasse no qual se colocara?” Imaginando com desespero outra saída. *“Não, devo esperar mais um pouco, devo manter a farsa e descobrir o que enfrentarei.”*



Seu corpo estremeceu.

E. Pelos Antepassados. Mantenha as coxas fechadas também!

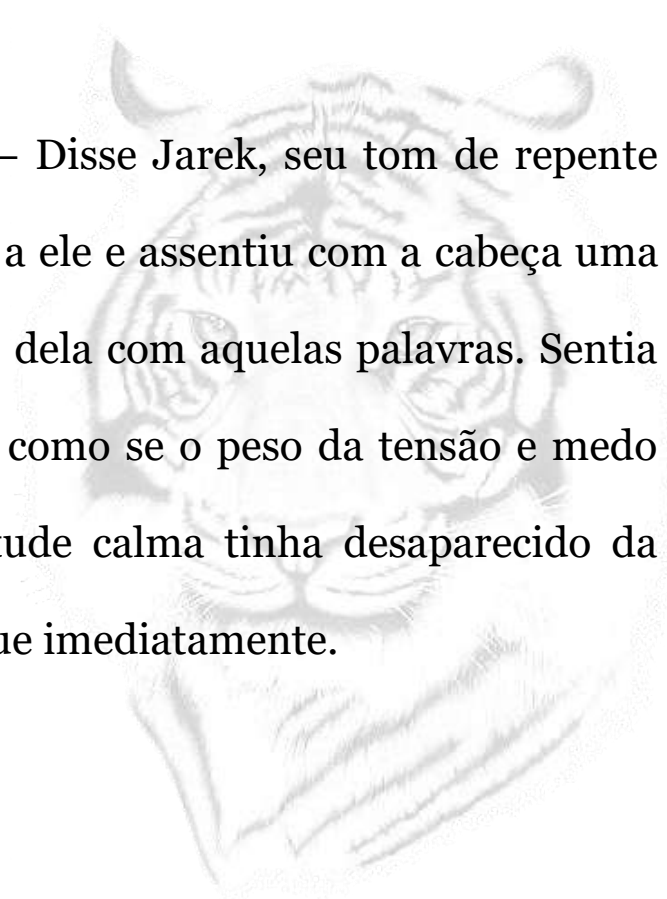
– O que aconteceu a nave que nos perseguia? – Perguntou, com um nó no estômago. Incapaz de movendo-se, ficou rígida, esperando que Jarek lhe respondesse.

– Escapamos deles entrando em uma magefeld. – Respondeu-lhe displicente, como se o fato acontecesse a ele todos os dias.

Mei estremeceu, não pôde evitá-lo. Imagens de Haun morto passaram por sua cabeça. Voltou-se para a panela, mas não se moveu enquanto perguntava em voz baixa:

– E a outra nave, nos seguiu?

– Não, não eram tão loucos. – Disse Jarek, seu tom de repente muito sério. Mei jogou um olhar a ele e assentiu com a cabeça uma vez. O aliviu se instalara dentro dela com aquelas palavras. Sentia que ele dizia a verdade, e sentiu como se o peso da tensão e medo abandonaram sua mente. A atitude calma tinha desaparecido da expressão dele, voltando quase que imediatamente.



– E onde estão as outras mulheres? – Perguntou, voltando a mexer no conteúdo da panela. Se eles não queriam a comida ela e as outras duas se refestelariam. Que ficassem com as rações asquerosas do CCE.

Jarek jogou um olhar a Evan e riu.

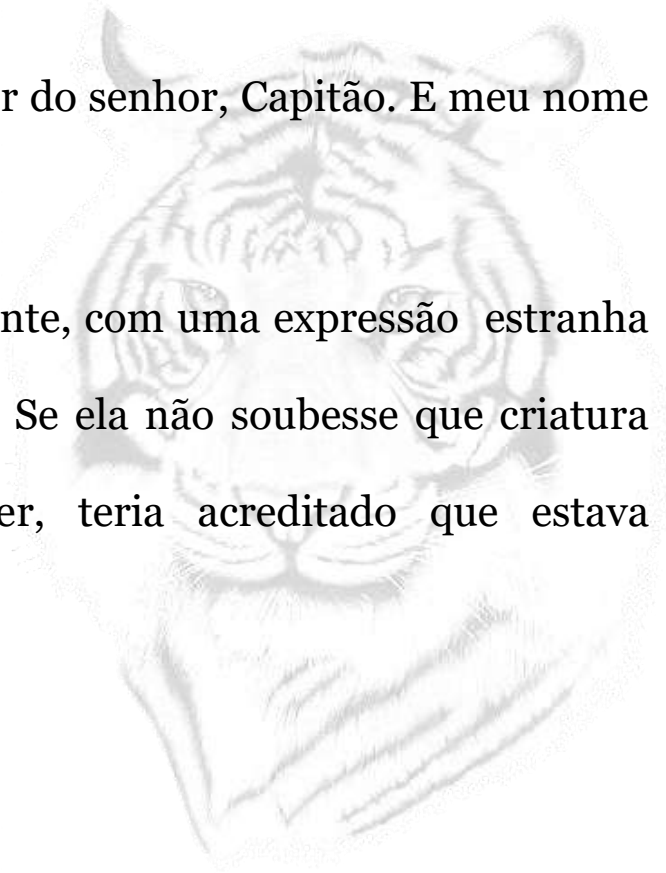
– Acha que nos sequestrar é divertido, chûnrén? – Questionou ela indignada.

– Ah, Fada, fere-me o coração. Ao menos conheça-me primeiro antes de me julgar um bruto estúpido e sem alma. – Jarek lhe piscou um dos olhos.

Mei empalideceu. Ele a entendera.

– Sei exatamente o que esperar do senhor, Capitão. E meu nome é Mei e não Fada.

– Mei. – Disse Jarek gentilmente, com uma expressão estranha em seu rosto enquanto a olhava. Se ela não soubesse que criatura desalmada um pirata podia ser, teria acreditado que estava



apaixonado por ela. – Ah, minha doce Mei, essas mulheres podem ser suas amigas?

– Sim. – Mentiu. – E quero ter certeza de que estão bem. Exijo que me deixe vê-las.

– Ah... Exige? – Ele riu, negando com a cabeça divertido. – Mei, você já viu Dev, não?

O sujeito grande e vermelho saiu de trás da porta como se tivesse estado de guarda ali todo o tempo. Mei ficou nervosa. Tinha pensado em fugir, e se alegrou em ter decidido não fazê-lo. Dev grunhiu. Era, sem dúvida, um guerreiro dos mais temíveis.

– Ele lhe fará companhia. – Demandou Jarek, fazendo gestos a Evan para que o seguisse. Dando a Mei seu sorriso mais provocante, sussurrou-lhe. – Seja uma boa menina, Fada. Não se meta em problemas.

Mei lhe mostrou a língua como uma garotinha mimada. Jarek lhe sorriu provocante, aquilo a atravessou como um raio. Divino. Agora seu corpo estava excitado e úmido. Reuniu toda sua força de

vontade para não demonstrar sua frustração. A última coisa que precisava agora era arder de desejo por seu arrogante captor.

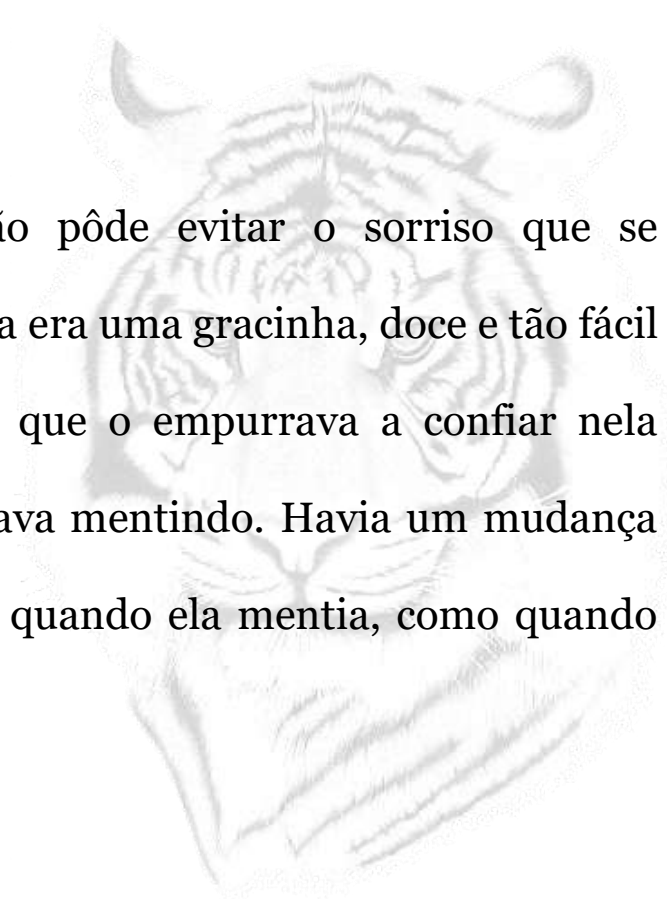
– Dev. – Jarek se despediu, enquanto ele e Evan saíram. – Já sabe o que fazer se ela não se comportar.

Dev assentiu com a cabeça uma vez. Mei estremeceu, perguntando-se qual seria o castigo.

Rapidamente voltou remexer o cozinho, fazendo todo o possível para ignorar seu gigantesco guardião enquanto silenciosamente amaldiçoava o Capitão pirata.



Jarek saiu do refeitório. Não pôde evitar o sorriso que se expandia em seu rosto. A pequena era uma gracinha, doce e tão fácil provocar. Havia algo nela, algo que o empurrava a confiar nela quando sabia que ainda continuava mentindo. Havia uma mudança sutil em seu perfume de mulher quando ela mentia, como quando



continuara afirmando que era uma cozinheira. A fragrância fora leve, mas era tão compatível a ela, que a tinha descoberto facilmente.

Quando estavam no corredor, longe do alcance de seus ouvidos, Evan disse:

– Fez bem em provocá-la, ao insultar sua comida. Foi a primeira leitura clara que consegui dela. É muito disciplinada. Não posso dizer se é porque está muito assustada, ou por ser tão reservada. Apenas pude sentir seu medo.

– Não creio que sinta medo de nós. – Declarou Jarek.

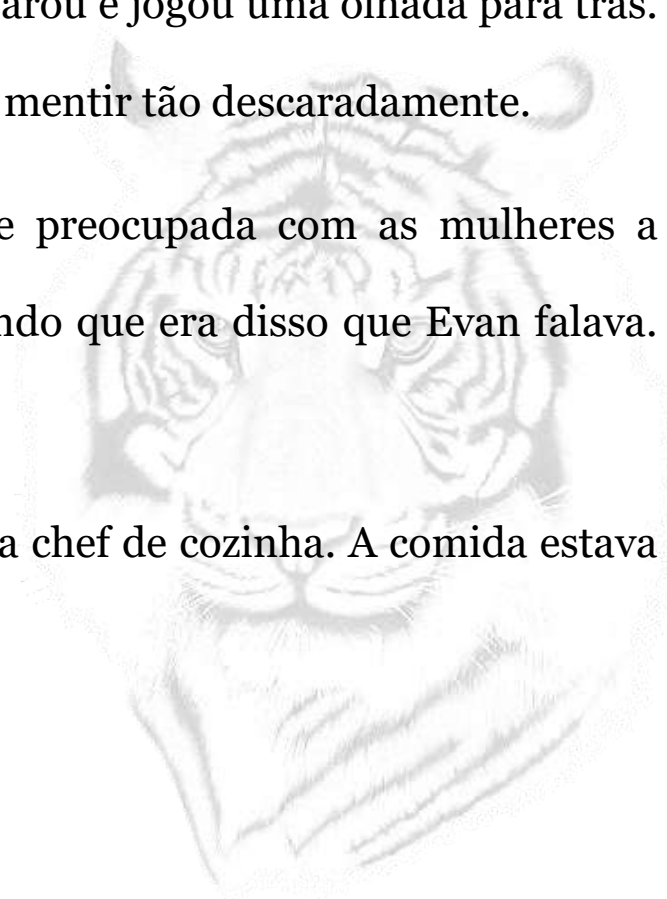
– Talvez esteja certo. – Evan parou e jogou uma olhada para trás.

– E parece não ter problemas em mentir tão descaradamente.

– Ela parecia bem convicta e preocupada com as mulheres a bordo. – Respondeu Jarek, sabendo que era disso que Evan falava.

– Ela estava blefando.

– Sem dúvida. E sobre ser uma chef de cozinha. A comida estava tão ruim assim?



– Não. – Jarek riu entre dentes. – Na verdade, é muito boa. Tive que me esforçar em impedir meu estomago de grunhir por mais.

Evan sorriu.

– Mas, ela não é uma chef de cozinha. Aposto minha vida nisso. Posso sentir o cheiro quando mente como quando disse, que conhecia as mulheres, deixe Vik e Lucien saberem disso, vão ficar insuportáveis com a atuação deles.

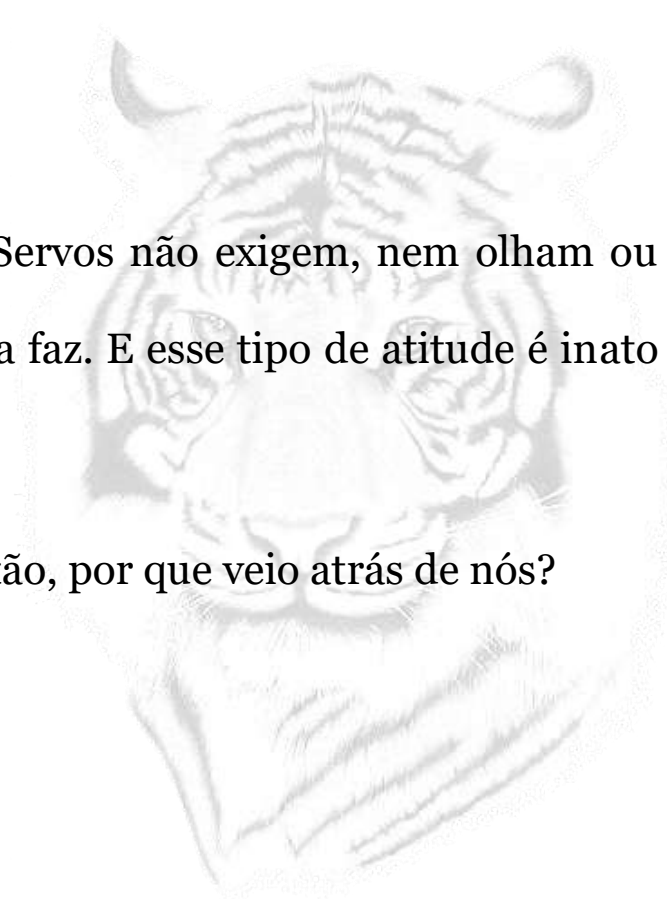
Jarek suspirou.

– De uma coisa eu tenho certeza, ela é nobre ou ocupa uma posição de poder. O homem com quem estava talvez fosse seu irmão ou marido.

– Está certo disso?

– Ah, sim. Ela tem postura. Servos não exigem, nem olham ou enfrentam os superiores como ela faz. E esse tipo de atitude é inato na pessoa.

– Concordo com você. Mas então, por que veio atrás de nós?



– Talvez tentasse salvar a vida das mulheres. –Jarek engoliu em seco. – Ou talvez evitar cumprir com seu dever e posição.

Conhecia todos as artimanhas para escapar das obrigações inerentes ao seu título. Fora assim que aprendera como se comportar despreocupadamente, então ninguém poderia dizer quem ele era, a menos que ele o dissesse.

– Infelizmente, não pude conseguir uma boa leitura de seus conhecimentos ou dialeto que pudesse esclarecer mais alguma coisa do mapa. Eu posso sentir quando mente, o resto parece estar bloqueado naturalmente.

Jarek respirou fundo.

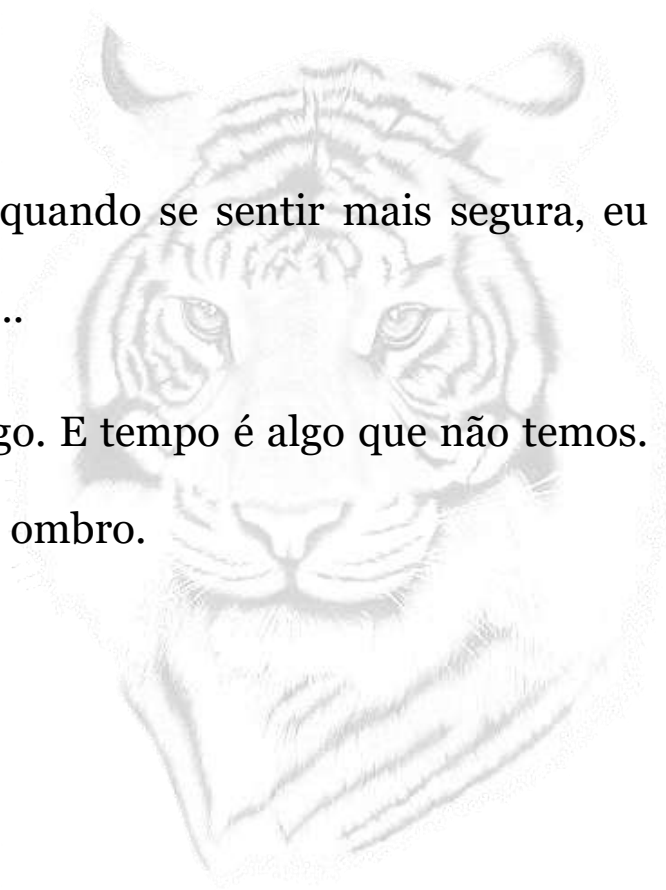
– O que me recomenda?

– Dê-lhe tempo. Quem sabe, quando se sentir mais segura, eu consiga captar mais alguma coisa...

– A vida de Rick está em perigo. E tempo é algo que não temos.

– Jarek lhe colocou a mão sobre o ombro.

– Sei disso.

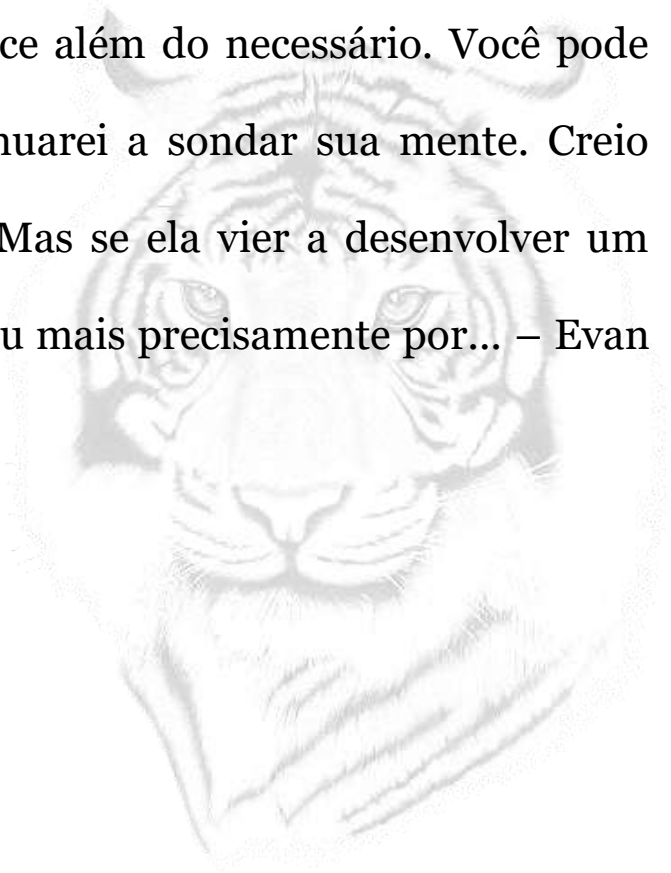


– Diga-me o que realmente se passa na cabecinha dela? – Jarek quis sacudir o homem, desesperado para ouvir o que ele descobrira sobre a mulher.

– Ela não é imune a seus encantos. Isso a deixa confusa e mais se sente interessada. Não tem essa reação comigo, ou com Dev. Foi seu único interesse desde o momento em que entrou no refeitório. Não sei por que, mas acho que ela gosta de você. Até demais.

Jarek sorriu. Como não poderia fazê-lo? As palavras do Evan alimentaram sua vaidade masculina.

– Veja bem... Não estou lhe dizendo isto para que se aproveite dos sentimentos dela. Fui claro? – Evan o admoestou severamente, lhe dando um aviso. – Não avance além do necessário. Você pode convencê-la a nos ajudar. Continuarei a sondar sua mente. Creio que com o tempo saberei mais. Mas se ela vier a desenvolver um afeto além do fraternal por nós, ou mais precisamente por... – Evan lhe dirigiu um olhar significativo.



– Por mim. – Terminou Jarek. Evan estaria dizendo que devia seduzi-la. Seu estômago se torceu. – Eu não quero agir dessa forma. Não sou tão frio para fingir um amor que não existe.

– Sei, também não gosto dessa idéia. – O sorriso de Evan era triste. – Há uma linha muito fina entre a luxúria e o amor, tome cuidado para não ultrapassá-la.

Jarek sabia que Evan não gostava de usar sua habilidade para ferir alguém. Muitas vezes saía pela tangente para não revelar o que sabia, a menos que soubesse da intenção de alguém em fazer mal à tripulação. Podia ver pela expressão no rosto do amigo que lhe doía fazer essa sugestão. Se fosse realmente como Evan dizia, seria o único caminho a seguir. Não tinham muitas opções.

– Só queria saber se ele está vivo ou morto. – Suspirou Jarek.

– Bem, se há alguém capaz de enrolar e fazer seu captor de bobo, esse é o Rick.

– Então parece que não tenho opção. – Jarek se voltou para olhar o corredor, onde estava o refeitório e Mei. Não é que fosse

difícil obrigar-se a tê-la em sua cama. De fato, seu corpo estava mais do que disposto a se atirar sobre a idéia. Fechou seus olhos um instante, imaginando. Vestida ainda com o vestido com o qual viera, tinha os belos cabelos longos soltos, caindo atrás das costas. As mechas sedosas incitavam seus dedos a passar entre elas, assim como a pele macia do seu pescoço chamava pela fome da boca dele. Tantas coisas já imaginava fazer com ela. Gatos Sagrados, ele precisava limitar sua imaginação.

– Acho bom você fazer logo isso. – Evan concordou, com o cenho franzido. – Como vai fazer, precisa de ajuda? – Perguntou cheio de ironia

– Não preciso de ajuda nisso. – Jarek levantou os braços e os levou acima da cabeça. Uma parte dele não gostava da idéia de seduzi-la. A outra ansiava a oportunidade, mas não queria enganá-la. Detestava o risco de que poderia machucar seus sentimentos, o que certamente aconteceria se Mei acabasse se apaixonando por ele. Sempre gostara de ser honesto com os relacionamentos desde o começo. Com ela, não poderia arriscar-se. Teria que fazê-la se

interessar pelo destino dele e da tripulação, e assim ela estaria mais que disposta a ajudá-los. Era isso ou arriscar-se a perder seu amigo para sempre.

– Rick se sacrificaria por nós. – Declarou Evan convicto.

Jarek sabia que Evan estava lendo seus pensamentos. Assentiu com a cabeça uma vez concordando e entendimento.

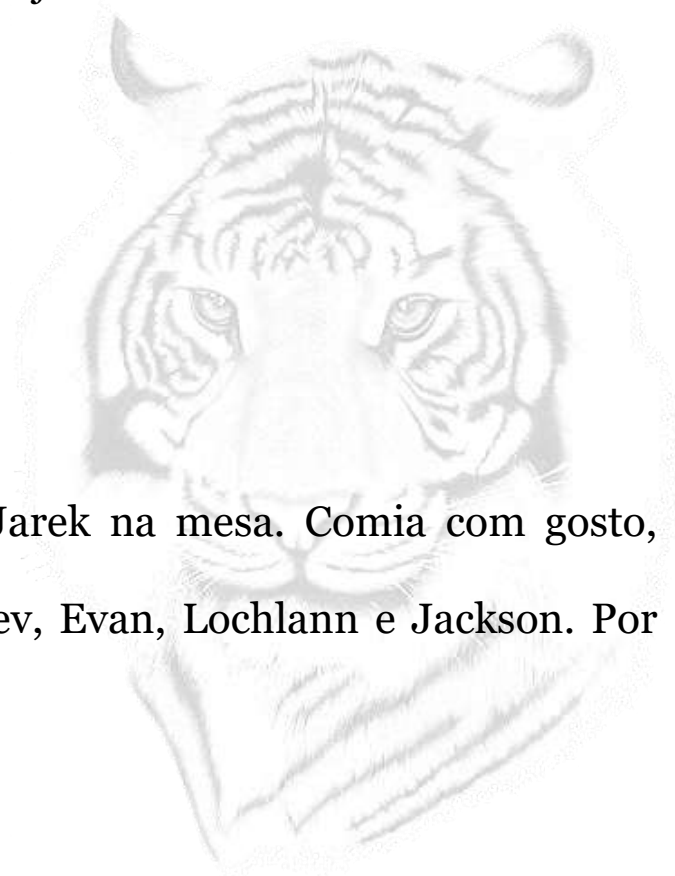
– Todos em algum momento da vida sempre acaba se magoando.

– Concluiu Evan. – Mas o tempo e a distância curam qualquer magoa.

– Nem sempre, meu amigo. – Jarek respirou fundo. – Mas não tenho escolha. Farei isso ainda hoje. Será a história de amor mais rápida da história.



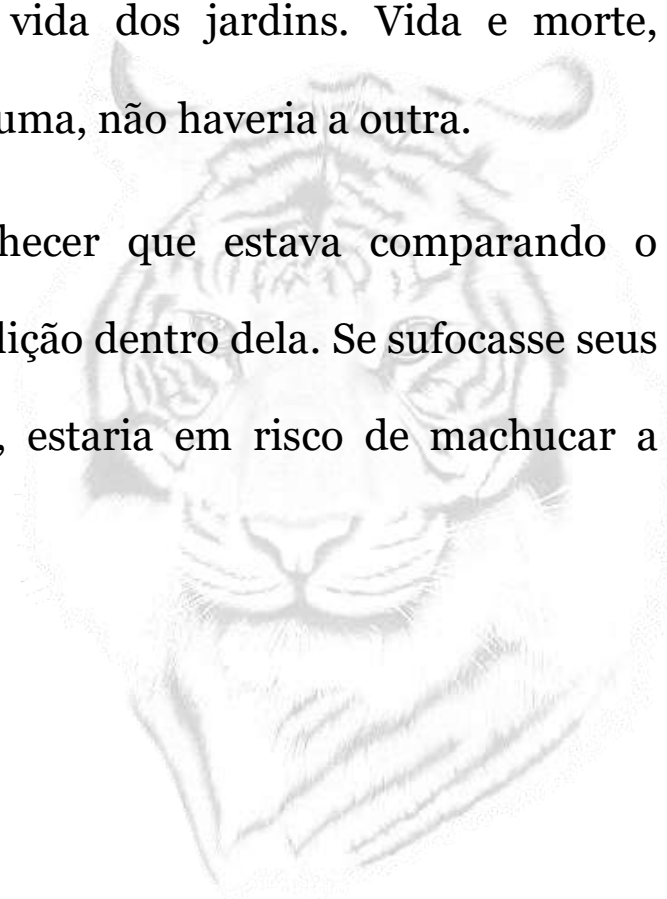
Mei franziu o cenho ao ver Jarek na mesa. Comia com gosto, como todos os outros faziam, Dev, Evan, Lochlann e Jackson. Por



que então, o Capitão pirata devorava a comida se, segundo ele, estava horrível?

Ele a fitava, sorrindo com malícia enquanto mastigava. Seu coração saltou no peito e o estômago se agitou, como se as asas do qizajian se chocassem dentro dela. As criaturas aladas que frequentemente vira nos jardins do palácio Zhang. Seus corpos eram pequenos em comparação a suas grandes asas negras. O que os fazia sagrados era o antigo caractere “7” do planeta Terra. O sete era o número da má sorte. Significava a morte. Seu povo acreditava que matá-los seria atrair a morte e portanto era permitido que voassem livres dentro e fora do palácio. Isso sem mencionar, que o qizajian era necessário para a vida dos jardins. Vida e morte, contraposições necessárias. Sem uma, não haveria a outra.

Não podia deixar de reconhecer que estava comparando o qizajian e os sentimentos em ebulição dentro dela. Se sufocasse seus sentimentos pelo Capitão Jarek, estaria em risco de machucar a uma parte de si mesma?



“Não seja tola e sentimental. É claro que não pode sentir algo por ele. E Lok? E a previsão de sua bisavó? Estou predestinada a me casar com Lok. Um relacionamento com o capitão Jarek, mesmo que fosse breve, seria desafiar o destino.”

Mas uma voz baixa insistia em lhe sussurrar: *“Ele é seu e você tem de ser dele”*; enquanto lhe subia um calor do baixo ventre: *“Você ainda não foi prometida a ele. É livre para desfrutar dos cuidados de outros homens.”* Lok realmente não fizera a proposta a seu irmão. Só o destino fora prognosticado. Talvez ter o pirata como amante fosse uma forma do destino pedir perdão a ela, pela necessidade de ser obrigada a unir-se ao Príncipe Lok. *“Talvez ele realmente seja um belo presente do destino.”* Pensou mais animada. *“Não foi por isso que você saltou através do ar para lutar contra os piratas? Queria uma última aventura antes de se casar.”*

Não havia dúvida em sua mente que estava destinada a casar-se com Lok. Entretanto, nenhum momento de intimidade se passara entre eles. E, se o destino a quisesse casada com o Príncipe Song, certamente voltaria sã e salva a Lintian. Então assim que chegasse,

seria entregue a ele? Alguma coisa aconteceria em sua ausência para que seu casamento passasse a ser uma necessidade? Lok proporia um casamento por um sentimento de culpa por ela ter sido sequestrada em seu território? O Príncipe Lok não parecia interessado nela, mas, e se o tivesse interpretado mau? E se ela tivesse desejado tanto para que isso não acontecesse que passara a ignorar todos os sinais de sua atração?

Jarek sua última oportunidade de ser estar livre para viver o que sempre desejou? Pelos Antepassados, quando sua mente pararia com tantas perguntas?

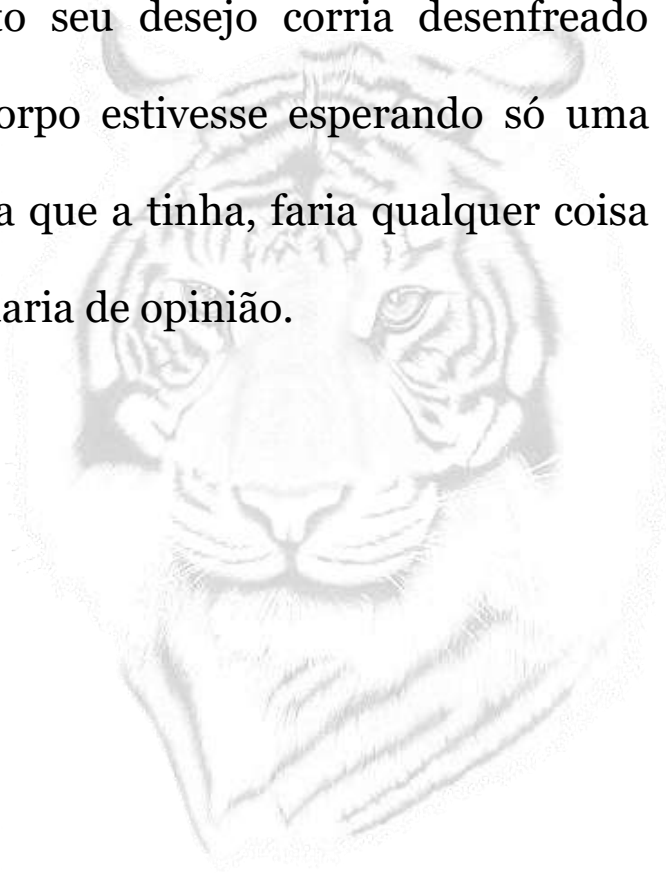
Mei estremeceu diante da nova linha de pensamentos, sem saber se estava desculpando-se para justificar sua atração pelo homem. Nada além de sexo poderia acontecer entre eles, mas ele era homem, e seduzi-lo seria muito fácil. Se o olhar fixo nela não fosse uma indicação, a ereção dura que tinha se erguido em sua presença, era uma certeza. Ele a desejava, talvez tanto quanto ela o queria. Mastigando pensativamente, fechou mais as pernas.

O olhar fixo de Jarek atraiu o dela, repentinamente sério. Suas fossas nasais se dilataram um pouco, como se pudesse sentir seu desejo repentino. Um dos homens disse algo, atraindo sua atenção de novo, mas ela não podia se concentrar naquela conversa com o sangue fervendo dentro dela. Mei deu uma dentada apressada, fazendo todo o possível para ocultar sua reação.

Esses pensamentos levaram a outros, esqueceu de comer enquanto contemplava a boca de Jarek. Movendo-se lentamente, tomando pequenos bocados de comida. Que tipo de amante seria?

Intrépido e selvagem como se esperaria de um pirata? Retorceu-se em seu assento. A boca dele se deteve e suas fossas nasais se abriram uma vez mais enquanto seu desejo corria desenfreado dentro dela. Era como se seu corpo estivesse esperando só uma permissão para devorá-lo e, agora que a tinha, faria qualquer coisa para se assegurar de que não mudaria de opinião.

De repente Jarek grunhiu alto.



– Fora. – Jarek ordenou. Os homens se voltaram para ele em meio a conversa, surpresos e espantados. Mei nem sequer ouviu uma resposta, somente grunhidos de protestos. Olharam Jarek sem se mover.

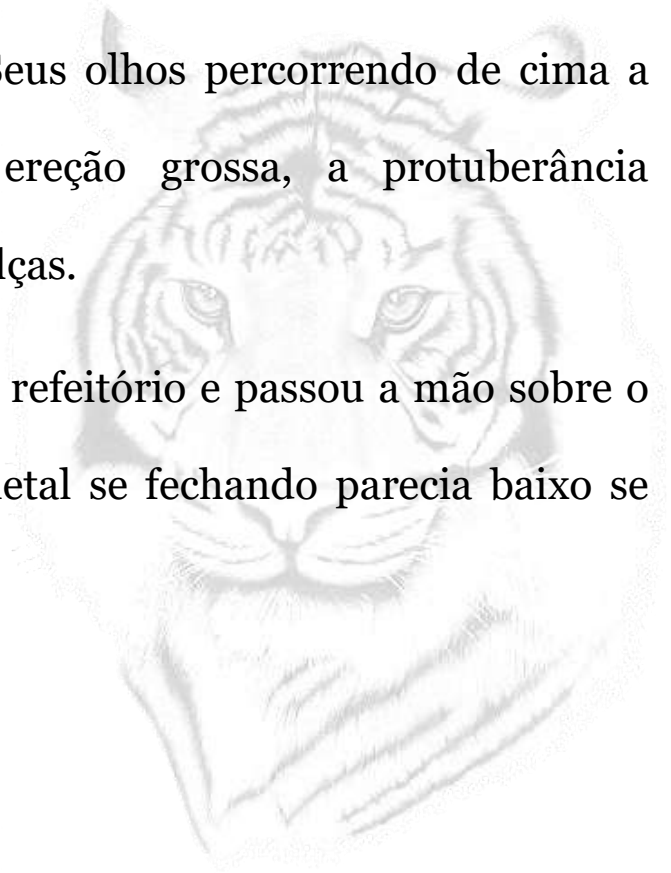
– Eu disse para fora. Agora.

Os homens se levantaram imediatamente, levando seus pratos com eles enquanto saíam do refeitório.

O murmúrio de vozes cada vez mais distante enquanto se afastavam.

Jarek respirava com dificuldade. Mei podia sentir o poder animal, o dòngwù, a besta querendo sair. Sua atitude indômita a excitava. Devagar, levantou-se. Seus olhos percorrendo de cima a baixo seu corpo tenso, uma ereção grossa, a protuberância proeminente lutando contra as calças.

Ele aproximou-se da porta do refeitório e passou a mão sobre o sensor, fechando-a. O som do metal se fechando parecia baixo se



comparado ao batimento de seu coração e o som da própria respiração pesada.

Mei permaneceu a vários passos dele, tentando se conter para não saltar sobre ele. Nunca sentira nada assim, era uma sensação estranha. Quanto mais o desejava, mais calor sentia, era como se ele emitisse algum tipo de feromônio poderoso ao qual não conseguia resistir. O cheiro da comida desapareceu, substituído pelo embriagador cheiro de homem.

“Nunca ninguém saberá desse segredo. Este pirata será meu segredo mais precioso.” Pensou, já antegozando o momento.

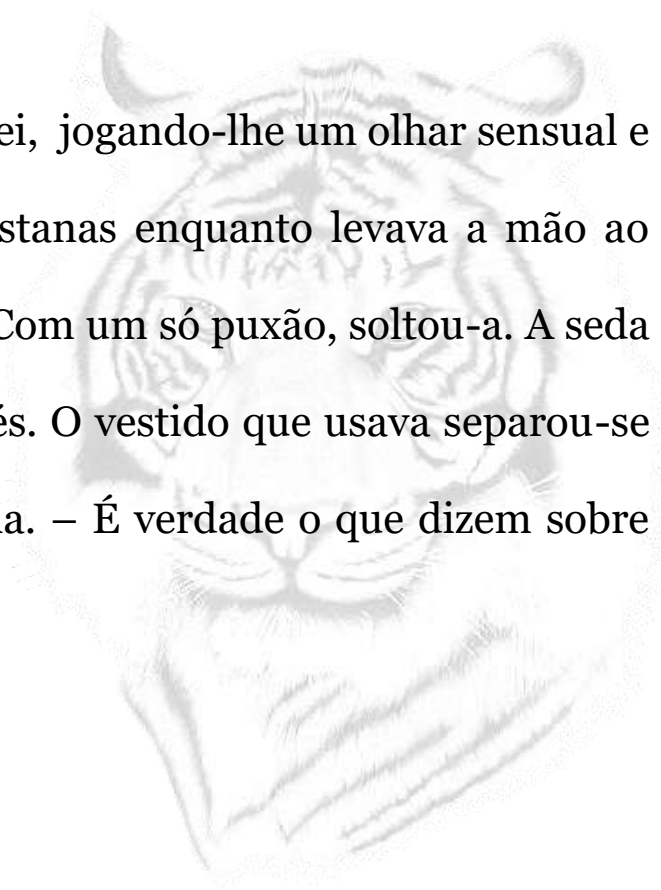
Mei respirou fundo. Cada célula de seu corpo ansiando por ele. Seus olhos não conseguiam sequer se afastar do corpo dele. Era um homem tão grande, se comparado aos amantes que já tivera. O pensamento a excitou mais ainda. Quisera uma aventura e aqui estava ela.

Parte de si sentiu-se mal por usá-lo desse modo, mas ele também a queria, não havia razão para não se aproveitarem desse momento.

Afinal ele era um pirata, e estes estavam acostumados a tomar o que queriam, não? Sua motivação era egoísta, seu plano era levá-lo para a cama, e quando chegasse o momento certo, tirá-lo de lá. Não haveria nenhum risco para qualquer um deles. E, se ele realmente apreciasse sua companhia, talvez a levasse para casa em agradecimento pela diversão. O plano tinha mérito. Mei sorriu lentamente, sentindo-se muito malvada e travessa. O plano de levar o Capitão Jarek para a cama, começaria já.

Olhou ao redor da sala espaçosa. As terrinas de comida ainda estavam sobre a mesa, o que restara do que tinha cozinhado, bem a mesa serviria no momento. Serviria o Capitão Jarek em seu "refeitório".

– Diga-me, Capitão. – Disse Mei, jogando-lhe um olhar sensual e modesto por debaixo de suas pestanas enquanto levava a mão ao faixa larga presa em sua cintura. Com um só puxão, soltou-a. A seda bordada caiu ao chão, aos seus pés. O vestido que usava separou-se de sua cintura, mas ainda a cobria. – É verdade o que dizem sobre os piratas?



Jarek avançou lentamente, com os olhos vagando sobre ela.

Detiveram-se em seus quadris e seios, enquanto lambia os lábios.

– E o que dizem?

– Dizem que têm apetites insaciáveis: comida, riquezas, mulheres... – Mei meneou os ombros, fazendo o vestido cair parcialmente, expondo o colo para ele, seus seios permaneciam cobertos. A respiração de Jarek se prendeu, enquanto contemplava seu pescoço. Um tremor de expectativa a percorreu diante daquele olhar ardente. As manchas douradas voltaram a seus olhos, que ardiam com o desejo. Suas coxas se apertaram com força enquanto seu corpo ficava rígido. A antecipação a empurrava para ele.

– Está perguntando para verificar a veracidade? – Um grunhido baixo rondava suas palavras. Estava tão ofegante quanto ela, sua voz áspera. Lambeu os lábios, atraindo o olhar dela ao seu volume.

– Ou está querendo negociar?

– Sabe que quero minha liberdade. – Mei não se incomodou em mentir. – E estou disposta a ser muito boazinha em troca dela.

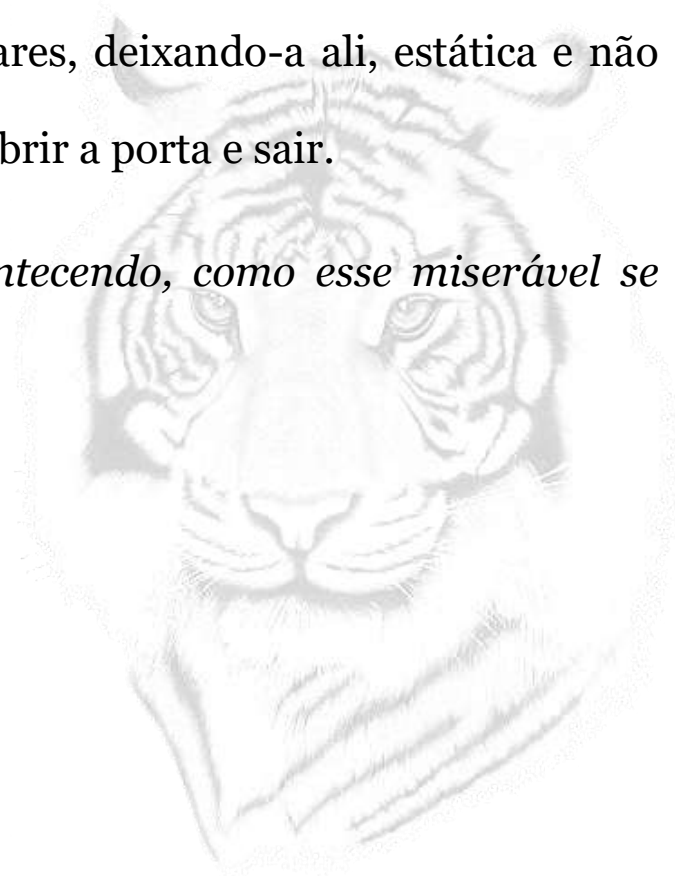
A respiração de Jarek se soltou e parecia se esforçar em prestar atenção a suas suaves palavras.

Mei então resolveu adotar uma atitude meiga e cordata. Homens grandes e fortes como ele, gostavam mais de mulheres submissas. Isso os fazia se sentirem poderosos, e ela não tinha pudor algum em usar a sua vaidade masculina para manipulá-lo.

– Não será necessário. – Jarek afirmou depois de um longo momento. Inspirou fundo e baixou a cabeça. Mei ficou aturdida demais para falar. Ele estaria desprezando-a? Quando era mais do que evidente seu desejo. Por que não se jogava sobre ela agora mesmo? – Você não precisa... Dev a acompanhará até sua cabine.

Jarek girou sobre os calcanhares, deixando-a ali, estática e não acreditando, enquanto o olhava abrir a porta e sair.

“Aquilo não podia estar acontecendo, como esse miserável se atrevia a rejeitá-la?”



Ficou tanto tempo estática, que nem sequer percebera Dev chegar à porta e ficar a observá-la em silêncio até o momento em que saiu de seu estupor.

Tão majestosamente quanto pôde, pegou a faixa do vestido e rapidamente a amarrou ao redor da cintura. *“Como o cretino se atrevera? Como Jarek podia repudiá-la quando era óbvio o desejo em seu olhar? Por que fizera isso?”*

– Minha senhora? – Disse Dev. – Devo levá-la a sua cabine.

A cólera cresceu dentro dela enquanto assentia com a cabeça. A raiva era mais fácil de lidar do que a dor da rejeição.

Rigidamente, acompanhou Dev de volta a sua cabine.

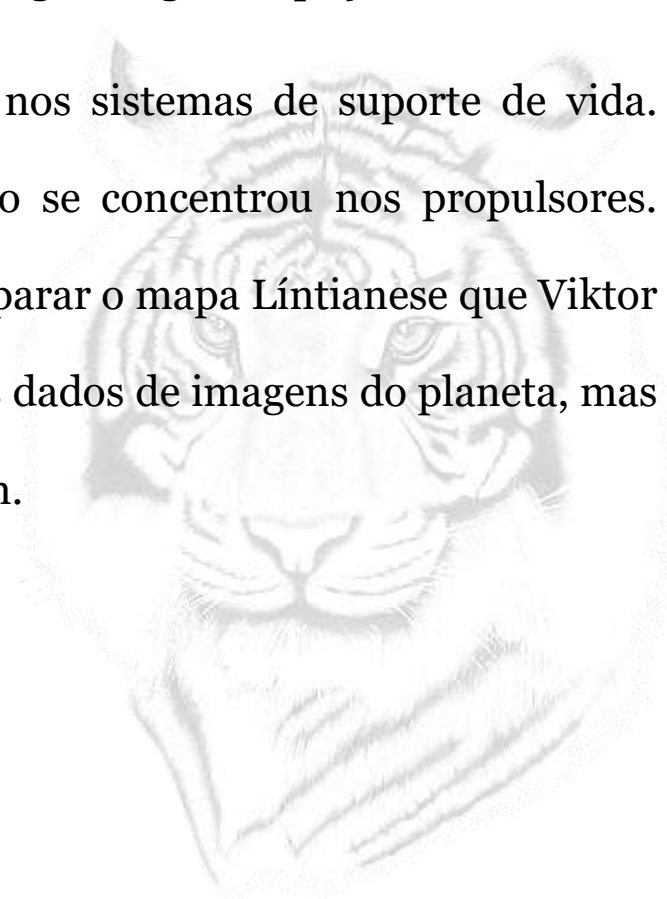


5

Jarek estava desconsertado e frustrado. Era tarde, mas fizeram progressos nos reparos da nave. As ondas de raio da espaçonave Lintianese torraram muitos de seus painéis e sensores, mas Dev era capaz de consertar ou substituir a maior parte dos circuitos, e deixar a nave operante.

– Foi bom termos encontrado aquela estação do CCE. – Foi tudo o que Dev disse enquanto lhe entregava algumas peças.

Os primeiros reparos foram nos sistemas de suporte de vida. Uma vez reparados, a tripulação se concentrou nos propulsores. Jackson não tivera sorte em comparar o mapa Lintianese que Viktor e Lucien tinham roubado, com os dados de imagens do planeta, mas ao menos já sabiam onde estavam.



Lochlann encontrou sua localização atual nas cartas estelares. Infelizmente, ainda estavam à deriva no espaço, longe de qualquer porto com peças sobressalentes e de combustível. Tinham que consertar os propulsores, antes que os encontrassem ali, quase indefesos.

– Nova sangrenta! – Gritou Jackson, sentando-se. Atirando uma ferramenta no chão. A peça bateu contra o chão metálico, parando do outro lado da pequena sala de máquinas. – Odeio essa nave estúpida!

Jackson deu vários chutes na parede, resmungando em voz alta cada vez que seu pé acertava o metal. Quando saiu zangado, o restante deles, sorriram. Embora todos tivessem sentido a frustração do homem. Depois de uma caminhada enérgica e talvez uma pancada ou outra nas paredes, Jackson voltaria e trabalharia mais que qualquer um deles.

– Então. – Disse Jarek para aliviar o estado de ânimo, e para tirar Mei da mente. Uma Mei deitada sozinha na cama. Mei, deixando cair a faixa no refeitório. Os olhos escuros e exóticos de

Mei levantando-se para ele sob suas belas sobrancelhas. – Humm...

E então Vik, Lucien?

– Sim, capitão? – Disseram os dois em uníssono.

– Como conseguiram o mapa? – Perguntou Jarek, fingindo observar a chave laser cuidadosamente. Viktor e Lucien se olharam.

– Ah, vamos rapazes! Não estão envergonhados por terem feito nada depravado, certo? – Evan brincou. – Vamos entender que não gostaram da experiência e que foi tudo em nome da amizade.

– Isso mesmo. – Adicionou Jackson da porta, com uma garrafa do rum vermelho de Qurilixian trazido por Jarek e Lochlann na última vez que tinham estado em casa. Jackson parecia mais calmo e tinha um olhar cheio de malícia. – Afinal chegaram aqui com a roupa toda desarrumada?

Jarek largou o laser quando Jackson lhe entregou a garrafa aberta. Tomou um gole. A bebida era forte e desceu como fogo. Limpou os lábios com a mão e a passou a Dev, que tomou também um gole, e a passou sobre a cabeça de Viktor a Evan.

– Não houve nada. – Disse Viktor, seus olhos caindo na garrafa.

– Apenas vimos o mapa e o pegamos. – Acrescentou Lucien.

– Foi só uma questão de entrar e sair, tudo muito simples. –

Viktor tentou alcançar a garrafa, mas foi passada longe dele outra vez.

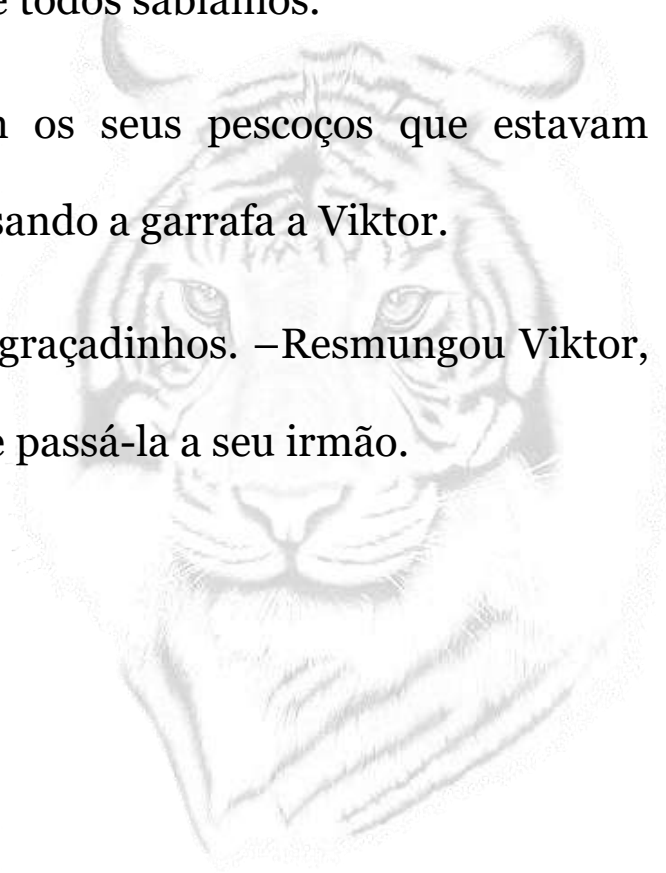
– Entrar e sair, assim, sem mais nem menos? – Brincou Jackson.

Os homens riram e a garrafa passou novamente a cada um, exceto os dois irmãos.

– Vamos, nos deem de beber. – Viktor exigiu. – Deveriam estar agradecidos, isso sim. Nós arriscamos nossos pescoços entrando no palácio Lintianese. Era perigoso, e todos sabíamos.

– Estão certos de que eram os seus pescoços que estavam arriscando? – Brincou Jarek. Passando a garrafa a Viktor.

– Ha, ha, ha, vocês são tão engraçadinhos. – Resmungou Viktor, antes de agarrar a garrafa, beber e passá-la a seu irmão.



– Mas foi ele quem disse que só foi entrar e sair. –riu Lucien. –

Não me lembro de nada disso. Embora tenha havido um momento enquanto procurava o mapa e você estava na maior conversa com aquele anãozinho...

– Ah, seu cretino! – Viktor franziu o cenho e lhe roubou a garrafa antes que Lucien o impedisse. Jarek riu com os outros. Tudo fora uma boa brincadeira espontânea.

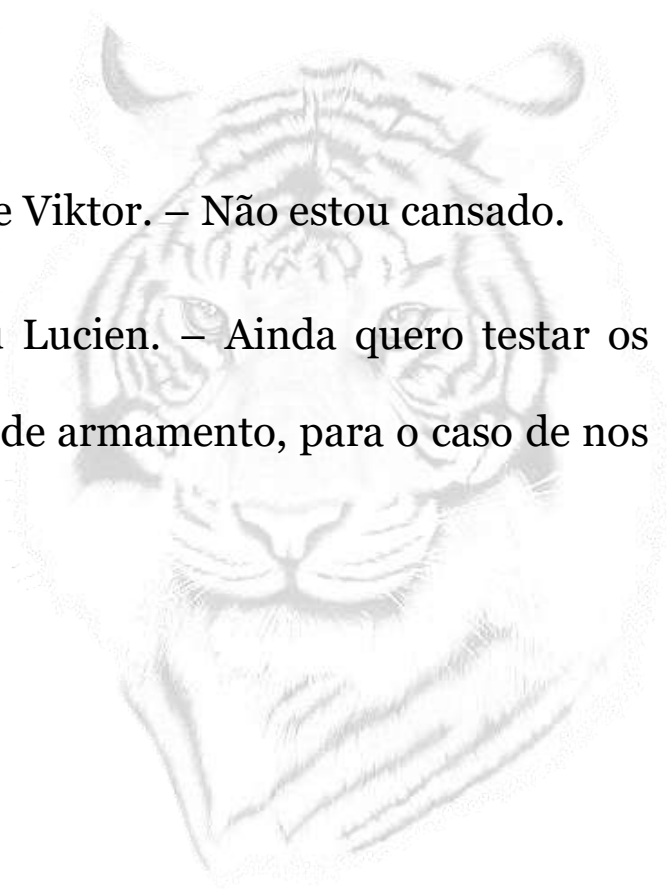
– Já é tarde, e estamos cansados. – Comentou Jarek. – Melhor trabalharmos em turnos.

– Se deixarem a garrafa de rum, farei primeiro. – Se prontificou Lochlann.

Jarek assentiu com a cabeça.

– Fico com você. – Ofereceu-se Viktor. – Não estou cansado.

– Eu também. – Acrescentou Lucien. – Ainda quero testar os sensores de distância e o sistema de armamento, para o caso de nos encontrarem aqui a deriva.



– Bem. – Jarek concordou. Dev era o único que continuaria a trabalhar, fosse seu turno ou não. – O resto de nós, deve dormir um pouco. Faremos turnos de quatro horas.

– E o capitão? – Perguntou Jackson, passando devagar um trapo sujo sobre um painel no qual estivera trabalhando.

– Eu o que? – Perguntou Jarek.

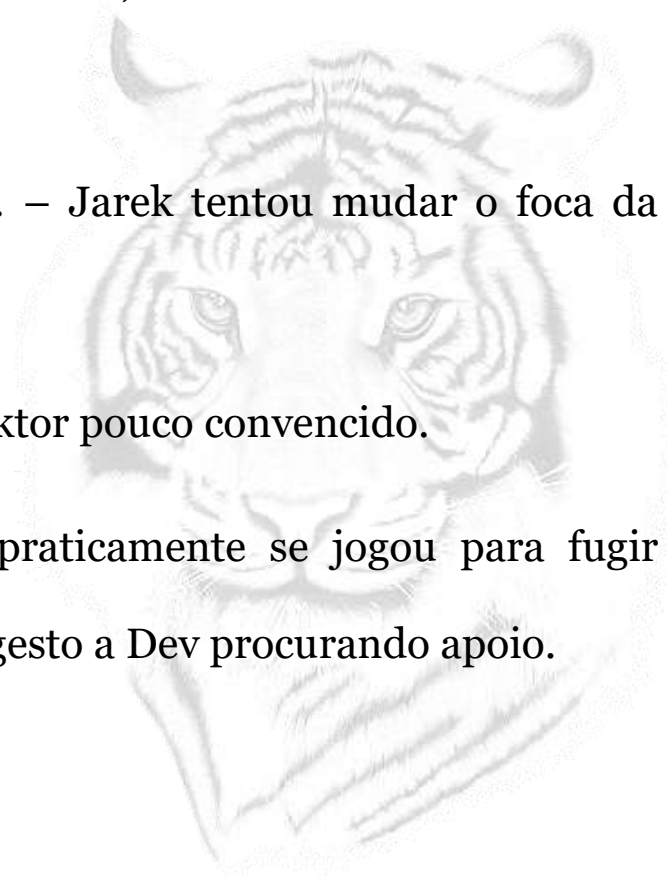
– Vai ficar aqui ou... Hum, vai cair na cama? – Quando disse as últimas palavras, Lucien arqueou as sobrancelhas.

– De fato capitão, não devia... Bem, sabe... Interrogar à prisioneira? – Perguntou Lochlann, dando uma cotovelada no braço de Evan. Sorrindo maliciosamente, e tentando conter as gargalhadas.

– Ela não é uma prisioneira. – Jarek tentou mudar o foco da conversa. – Nós a resgatamos.

– Tem certeza? – Declarou Viktor pouco convencido.

– Dev, você estava lá. Ela praticamente se jogou para fugir daquele homem. – Jarek fez um gesto a Dev procurando apoio.



– Para mim, parecia que tentava lutar com você, isso sim. –

Afirmou Dev, sempre estóico.

– Ah, vocês são impossíveis. – Jarek queixou-se. – Vou para a cama. – Diante das risadas, acrescentou, frustrado. – E sozinho.

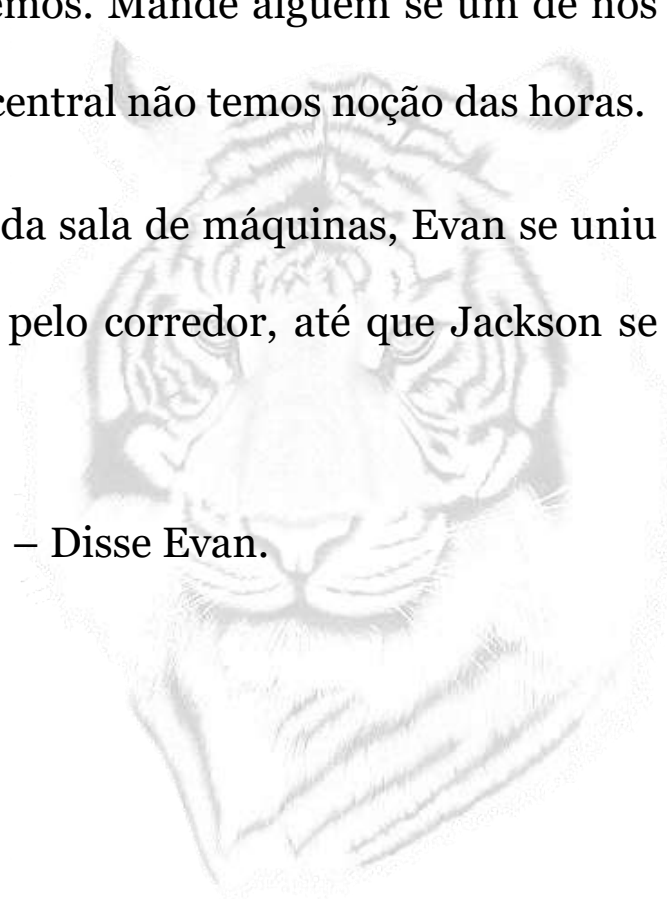
– Hey, não há nada para se gabar nisso. – Jackson lhe deu uma palmada no braço enquanto se movia para unir-se a ele. – Lembre-se que durmo na cabine ao lado, com meus ouvidos bem abertos, no caso de termos qualquer companhia.

Jarek grunhiu diante do brilho escarnecedor em seus olhos inteligentes, ele manteria seu tigre sob rígido controle.

– Quatro horas e nos revezaremos. Mande alguém se um de nós não acordar. Sem o computador central não temos noção das horas.

Enquanto atravessava a porta da sala de máquinas, Evan se uniu a eles. Caminhavam em silêncio pelo corredor, até que Jackson se virou para entrar na cabine.

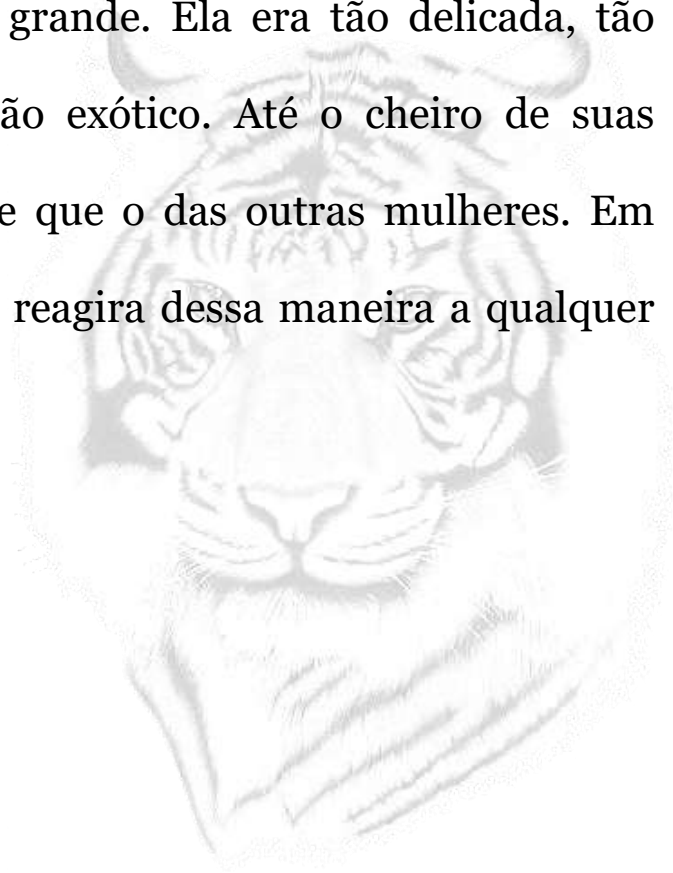
– Espero que tenha um plano. – Disse Evan.



– Não se preocupe, já tenho um. – Mentiu Jarek. Pensou em Mei, ainda sentindo o cheiro de seu desejo por ele persistente em sua memória. A fera selvagem nele queria sair, caçar e reclama-la. O impulso era forte, forte demais para seu gosto.

– Você foi bem convincente, lá no refeitório. – Evan comentou. – Um cortejo lento é bonito e tal, mas não temos tempo. Talvez devesse procurá-la e perguntar se precisa de algo. Assegure-se de que esteja confortável e talvez acessível.

Jarek riu entre dentes, embora não achasse nada divertido. Cada nervo nele ardia por possuí-la, fazê-la dele. Isso o assustou. A paixão era forte, quente e exigente. Cada piscada, via seu corpo curvilíneo fluir sobre seu corpo grande. Ela era tão delicada, tão pequena. Seu rosto era lindo, tão exótico. Até o cheiro de suas partes íntimas parecia mais doce que o das outras mulheres. Em seus sessenta e dois anos, nunca reagira dessa maneira a qualquer mulher.



– Fique tranquilo. Vou procurá-la e fazer o que é preciso. – Jarek se perguntou por que estava tão relutante em fazê-lo, já que sentia tanto desejo e nenhuma relutância da parte dela.

– Pela forma como se olhavam no jantar... – Evan fez uma pausa, sorrindo abertamente. – Sabe, não é preciso ser um telepata para saber o que está havendo entre vocês. Realmente, estou até surpreso por você não a ter tomado ali mesmo, no refeitório.

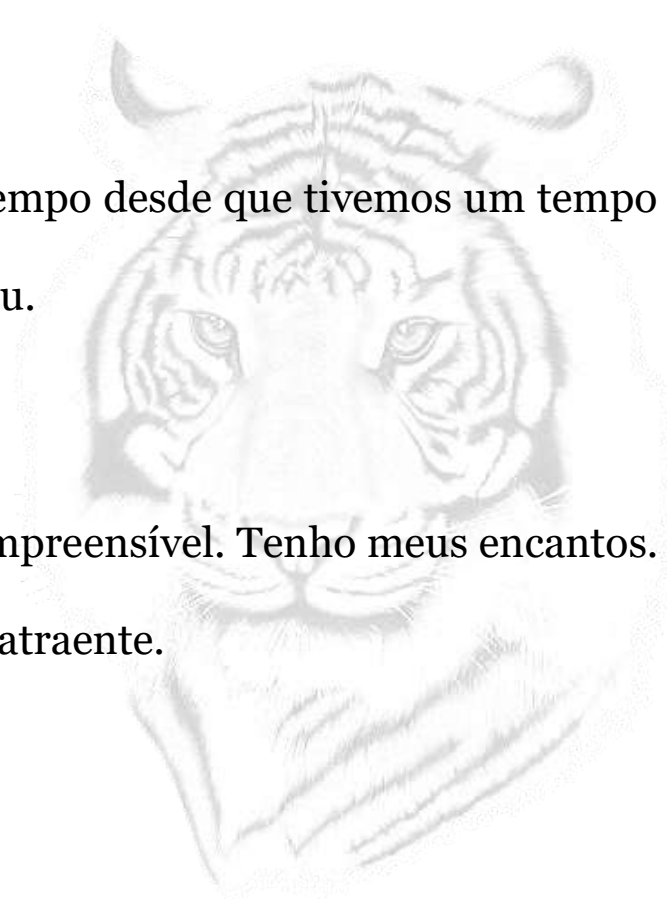
– É claro que a desejo. É linda, atraente e extremamente sensual. – Jarek gesticulou com a mão, como se aquilo não fosse grande coisa.

– Concordo com você. – Evan declarou, levantando as sobrancelhas.

– Bem, e já se passou algum tempo desde que tivemos um tempo livre, para se divertir. – Continuou.

– Hum–hmm. Um pouco.

– E que ela me deseje é até compreensível. Tenho meus encantos. Muitas mulheres me acham bem atraente.



– Mas é claro.

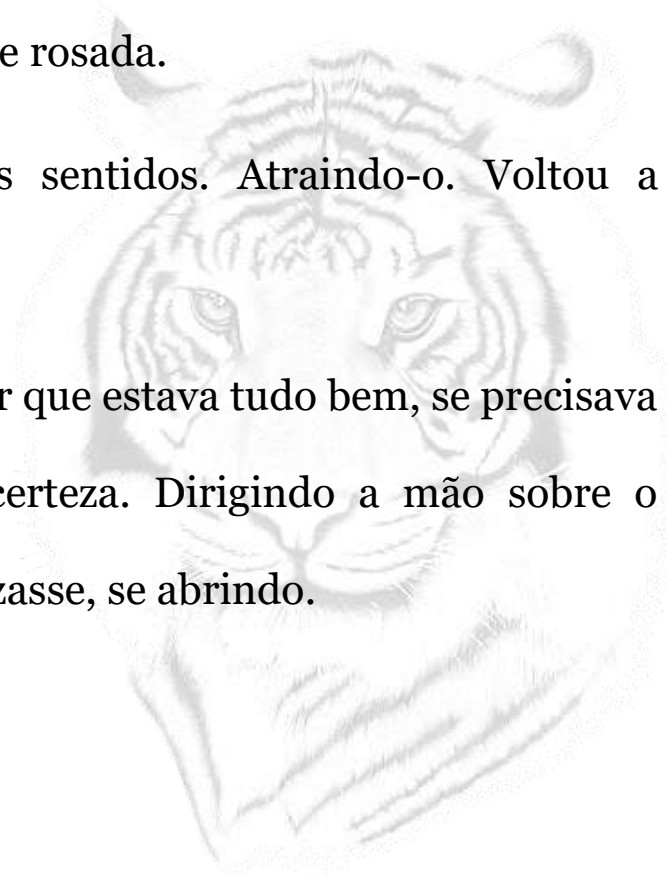
– Oh, Gatos Sagrados! Feche a boca, Evan. Não quero ouvir mais uma de suas tolices. – Jarek caminhou mais rápido.

Maldito telepata! Acha que sabe tudo.

Jarek parou de repente, encontrando-se a porta da cabine de Mei. Levantou a mão para o sensor, hesitou, inspirou fundo e a baixou outra vez. Olhando fixamente a porta de aço, não podia se mover. Deixou que seus sentidos mudassem, se apurassem para que pudesse senti-la atrás da porta de metal. A imaginação o ajudou enquanto a via deitada na cama, seu cabelo escuro solto espalhado ao redor de seu rosto, as linhas sombreadas dos olhos fechados, as sobrancelhas escuras contra a face rosada.

O cheiro dela envolveu seus sentidos. Atraindo-o. Voltou a levantar a mão.

Apenas uma olhada para saber que estava tudo bem, se precisava de alguma coisa. Só para ter certeza. Dirigindo a mão sobre o sensor, esperou que a porta deslizasse, se abrindo.



Seus olhos mudaram com o poder de Var e imediatamente foram à cama.

Um colchão vazio foi tudo que encontrou antes que um punho atingisse seu rosto. E acertou seu nariz. O golpe foi forte, pegando-o de surpresa. Estivera tão focado em conter seus desejos, que baixara a guarda. Recuando, grunhiu quando um joelho o golpeou no abdômen. Sentiu o cheiro de Mei sem vê-la. E ela novamente o golpeou, levando ao chão com uma força surpreendente.

Jarek grunhiu enquanto a ouvia correr pelo corredor. Seus passos eram ligeiros, mas descobriu sua direção facilmente. Saltando, iniciou a perseguição.

– Mei! – Avisou com dureza, esfregando a mandíbula. Seu murro fizera um bom estrago. Estava impressionado.

– Afaste-se de mim, pirata. – Ouviu seu sussurro. De repente, seus passos pararam.

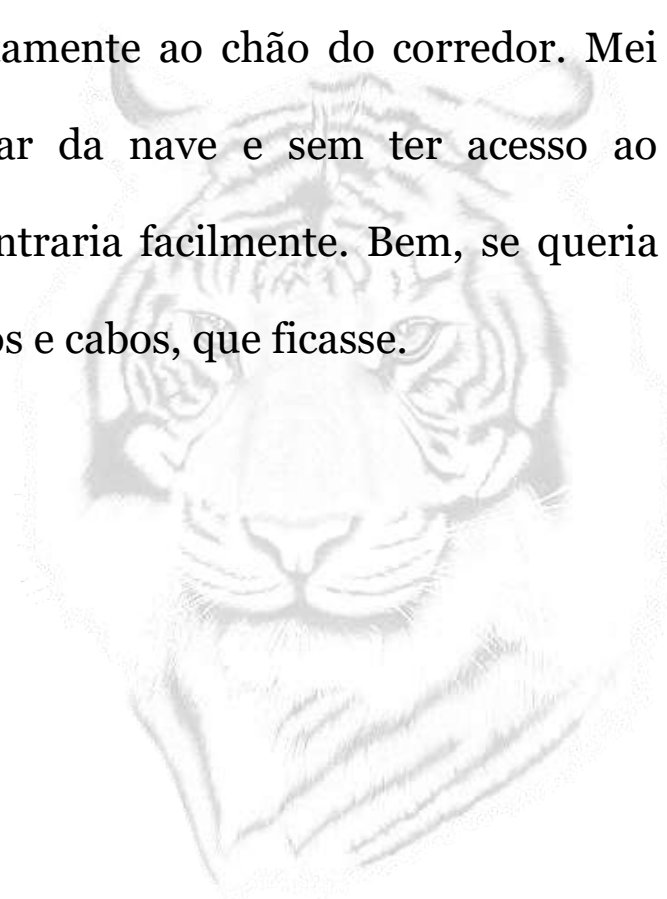
Jarek correu mais depressa, certo de que estava a ponto de pegá-la. Franzindo o cenho quando não a agarrou imediatamente, parou,

inalando o ar ao redor. Não ouvira nenhuma das portas do elevador. Apanhando um leve rastro dela, levantou o olhar.

Um dos painéis fora retirado do teto no corredor. Cabos pendurados em um espaço estreito e escuro, ela era pequena e esses dutos a levariam a quase todos os lugares da nave. Saltando, agarrou a beirada do duto e levantou seu peso para poder olhar através do buraco, sua visão cortou facilmente a escuridão. Não havia sinal de Mei, a diabinha fora muito rápida em se afastar, só restava seu doce cheiro. Ele era muito grande para entrar ali, talvez Lucien e Viktor pudessem entrar e ir atrás dela, mas precisava deles trabalhando nos reparos.

Zangado, desceu o corpo lentamente ao chão do corredor. Mei poderia estar em qualquer lugar da nave e sem ter acesso ao computador central, não a encontraria facilmente. Bem, se queria dormir sobre o frio, em meio a fios e cabos, que ficasse.

Não poderia sair da nave.

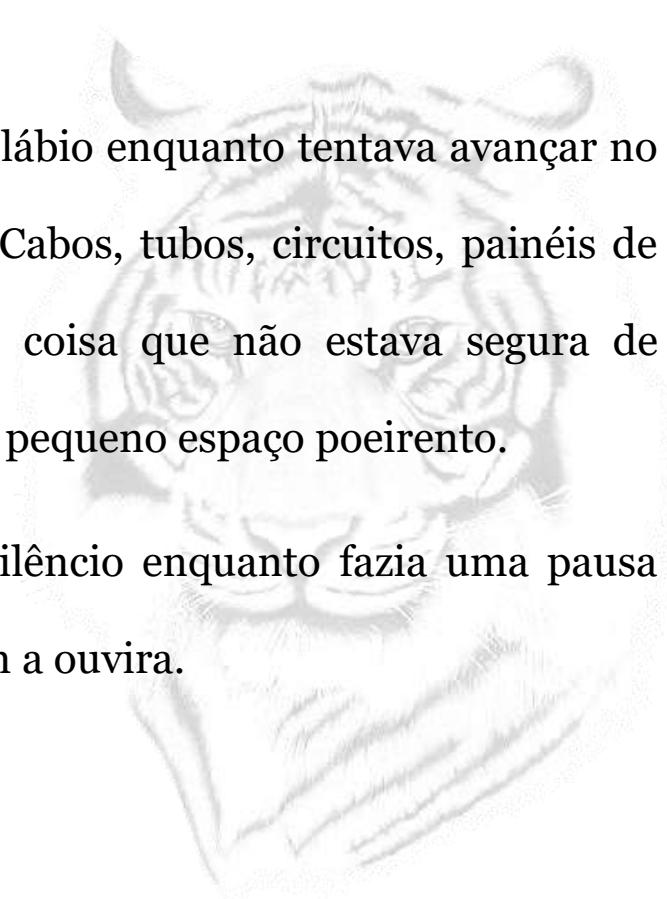


Esfregando o queixo dolorido, voltou a sala de máquinas e avisou aos rapazes que tivessem cuidado com o que diziam porque Mei estava a solta, pegou o mapa de Jackson e retornou a seus aposentos. Claro que poderia gastar toda a noite procurando-a, mas tinha a sensação de que seria perda de tempo. Afinal Mei não era uma matadora, não machucaria seriamente nenhum membro da tripulação. Além disso, cada um sabia se cuidar muito bem. Tocando o rosto, riu entre dentes. Talvez devesse preocupar-se um pouco.



Mei resmungou, mordendo o lábio enquanto tentava avançar no lugar estreito da rede de dutos. Cabos, tubos, circuitos, painéis de acesso ao computador e outras coisa que não estava segura de nomear, se amontoavam naquele pequeno espaço poeirento.

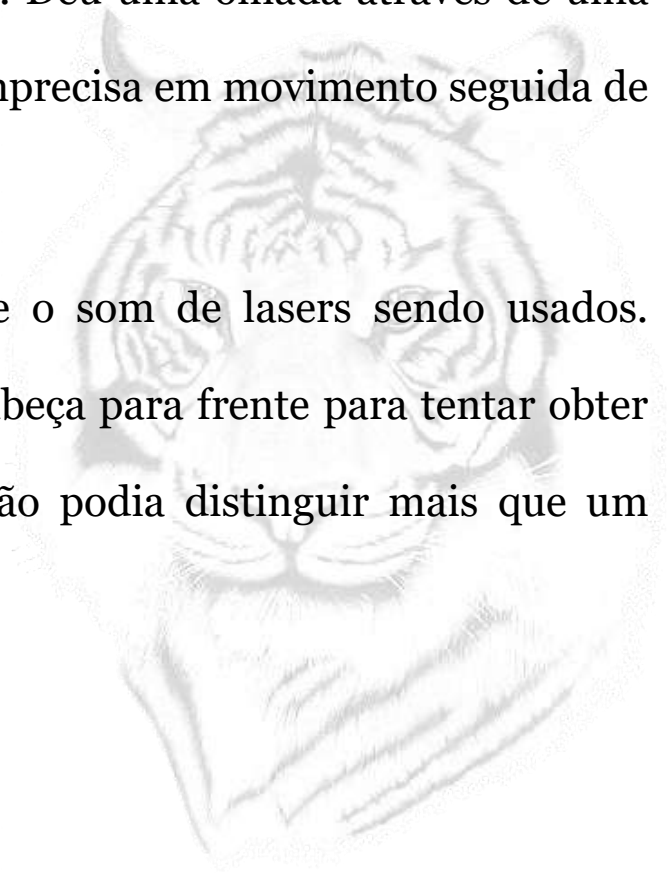
Espirrando, amaldiçoou em silêncio enquanto fazia uma pausa para se assegurar de que ninguém a ouvira.



Homens! Será que não podiam manter a nave limpa? Há droides para este tipo de coisas! É surpreendente que este pedaço de lata flutuasse devido ao modo que cuidavam dela!

Um fraco fio de luz revelou um droide de limpeza quebrado mais a frente, riu sem humor. Ali parecia ter pó demais até para que o robô fizesse seu trabalho. Empurrou a pequena unidade de seu caminho e avançou, se arrastando lentamente para frente. O duto podia ser estreito, mas teve de rir quando pensou em quão perfeito fora. Não havia jeito de Jarek vir atrás dela. Embora, fosse um bocado divertido vê-lo se entalando, se tentasse. Parou ao ouvir ruídos, seguiu o som. O murmúrio de vozes cresceu constantemente. Era a tripulação. Deu uma olhada através de uma fresta no teto, viu uma mancha imprecisa em movimento seguida de risadas.

Houve mais ruído metálico e o som de lasers sendo usados. Ajustou seu peso, inclinando a cabeça para frente para tentar obter uma visão melhor. Foi inútil. Não podia distinguir mais que um



amontoado impreciso de cores quando os homens se moviam além de sua linha de visão.

Mei tentou respirar devagar para não inalar tanto pó e espirrar.

– Tenho certeza de que Rick está bem. – Um deles disse.

– De qualquer maneira não há nada que possamos fazer neste momento. – Respondeu o outro.

Mei se aproximou mais, voltando a cabeça para olhar através da fresta. A voz lhe parecia familiar, mas falavam baixo para que ela distinguisse quem era quem.

– Acha que a mulher ficará bem se movendo pelos dutos?

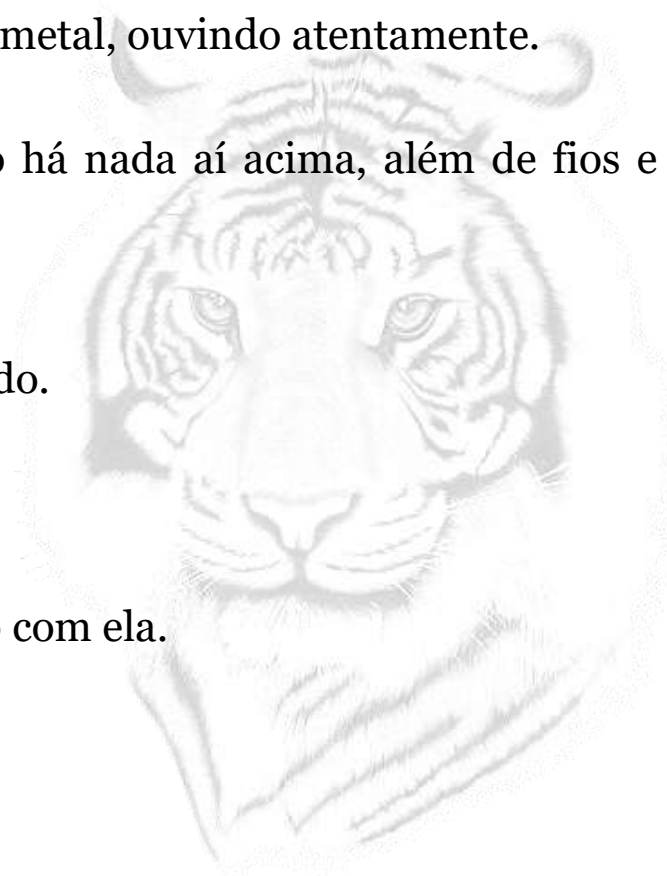
Mei pressionou sua orelha no metal, ouvindo atentamente.

– Claro que ficará, Evan. Não há nada aí acima, além de fios e cabos.

– Jarek não pareceu preocupado.

– Passe-me essa garrafa.

– Hey, eu não tinha terminado com ela.



Uma onda de risos seguida de um som alto como se alguém atirasse um instrumento repentinamente no chão.

– Lochlann, já descobriu onde estamos?

Até o momento não ouvira a voz de Jarek, supôs que não fazia parte desse grupo. Um relance de pele vermelha passou abaixo dela, era Dev.

– Em algum lugar ao longo do quadrante X, é tudo o que sei.

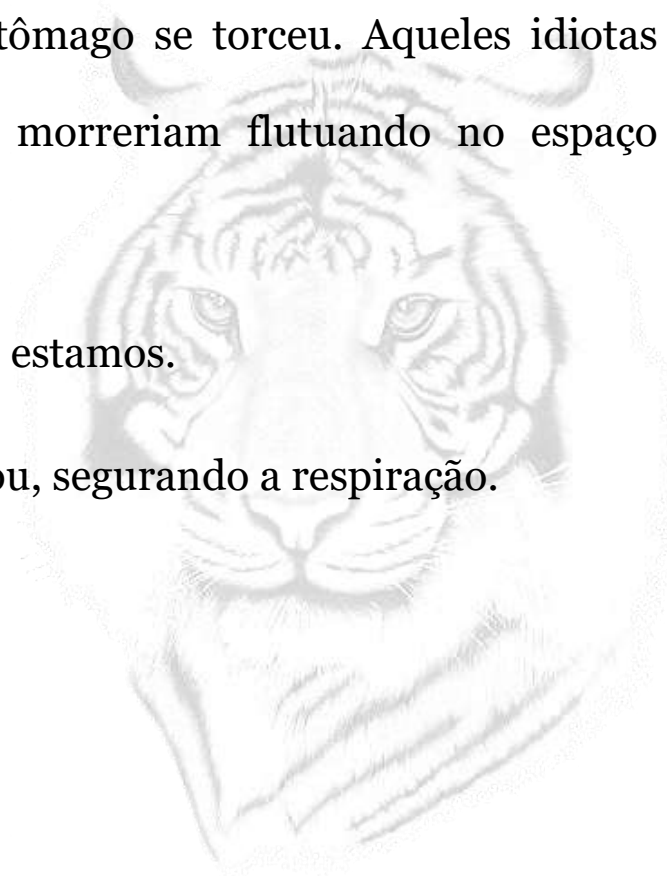
– Ótimo. – Houve uma pausa e o som de uma garrafa ao se esvaziar. – Estamos à deriva no espaço.

– Não há nada nas proximidades.

Mei franziu o cenho. Seu estômago se torceu. Aqueles idiotas conseguiram se perder? Todos morreriam flutuando no espaço como lixo galáctico?

– Nunca ninguém saberá onde estamos.

Pareciam preocupados. Esperou, segurando a respiração.



“*Sozinhos em meio às estrelas.*” Um dos homens rompeu a cantar. Sua voz não era má, embora o tom da música fosse estranho a seus ouvidos.

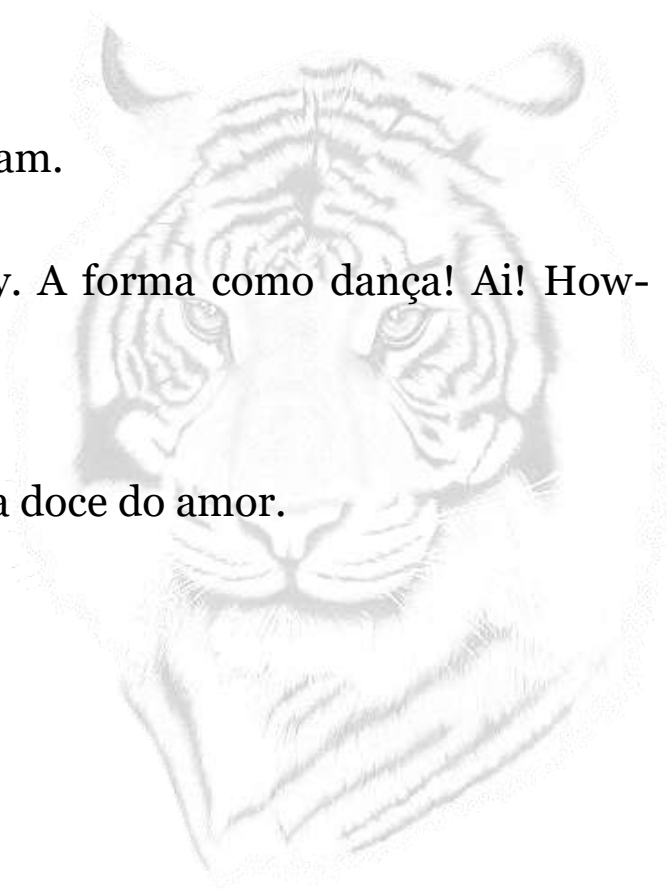
“*Minha compa-nhei-raaa galáctica e eu.*” Se uniram os outros, em um refrão horrível enquanto cantavam sobre as estrelas, noite, e os braços carinhosos de prostitutas bem dotadas.

Mei reprimiu uma risada, cobrindo a boca com os dedos, um sorriso se desenhou em seu rosto. Pousando a cabeça sobre a placa de metal, limitou-se a ouvi-los. Não pareciam nada cruéis ou violentos. Não detectou nenhuma malícia neles. Estranho, se não tivesse presenciado o sequestro com os próprios olhos, não pensaria que fossem piratas.

Quando a canção terminou, riram.

– Ai, sinto tanta falta da Ruby. A forma como dança! Ai! How-ooo!

– Humm... Topaz, minha deusa doce do amor.



– Diamond, de olhos brilhantes como as estrelas e o corpo de uma... Ai, ai, ai...

– Não ouviu os rumores, Vik? Diamond se casou. Com um talzinho chamado Liam. Ele é agora seu guarda-costas e não se pode estar a menos de cinquenta metros dela.

– Não! Não me diga isso! – O que chamava Vik exclamou.

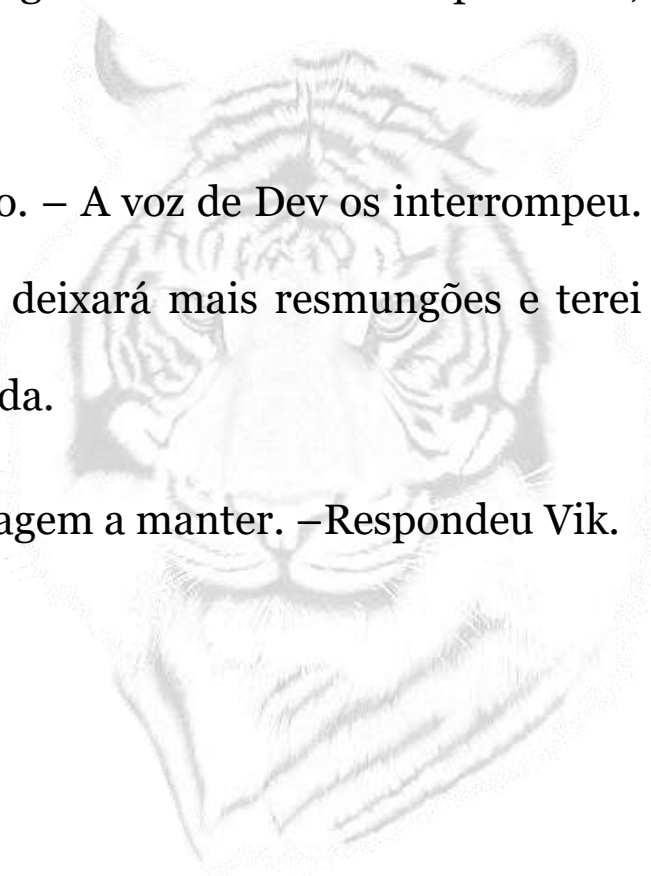
– Eu adoraria possuir aquele corpo novamente. E falando de um homem com sorte! Tive momentos deliciosos com todas as três. Bem que tentei ter as três ao mesmo tempo, só que me disseram não.

– Oh, estou certo de que o julgaram muito homem para elas, Jackson.

– Que tal mudarmos de assunto. – A voz de Dev os interrompeu. Agora o reconhecia. – Isso só os deixará mais resmungões e terei que ouvir seus lamentos a noite toda.

– Hey, homem! Temos uma imagem a manter. – Respondeu Vik.

Outra vez o som das risadas.



– Mulheres, vocês não reconheceriam um amor verdadeiro mesmo que ele os derrubasse. – Dev se queixou.

– Realmente me derrubou uma vez. – Vik comentou. – Tinha um monstruoso gancho de direita. Ai, que soberba criatura, deliciosa.

Um grunhido soou.

– Ha, ha, então alguém aqui é suscetível? Acho que o Dev precisa de um pouco de ação.

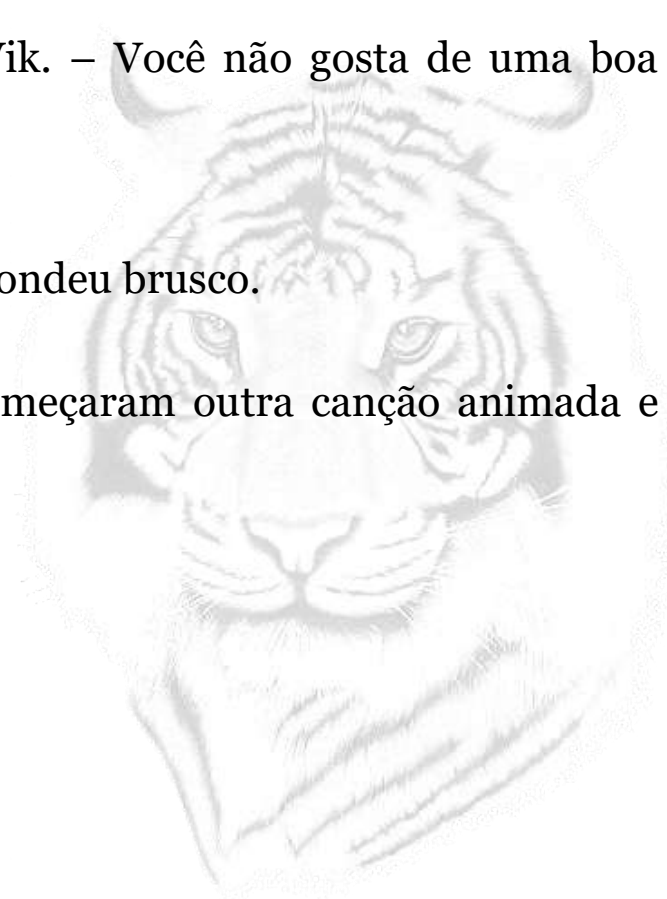
– Só um pouco... – Uma gargalhada se espalhou no ar.

– Oh, não, outra vez. – Protestou Dev, sua voz áspera suplicando.

– O que há, Dev? – Gritou Vik. – Você não gosta de uma boa canção?

– Eu prefiro o silêncio. – Respondeu brusco.

Os homens imediatamente começaram outra canção animada e rústica.



“Nosso nascimento foi difícil, isso nos foi dito, por mães rameiras que seduziram nossos pais deixando-os sem razão. O médico estava bêbado, e o pobre do médico caiu de costas, quando saímos, como um raio e nascemos com um rugido.”

Mei mordeu o dorso da mão para não rir. A canção era péssima, pior que a primeira. Nunca ouvira nada tão ruim. Quem seriam esses homens.

As vozes vigorosas continuaram a cantar.

“Subindo das trincheiras de Olé Skull e Bones, limpamos a fria e negra nave até brilhar, o capitão era um mal educado, mas a tripulação muito atenta se fez famosa com um último disparo.”

“Não há terra firme para nós, pegamos o que nos trás o céu, e será assim até o dia que morreremos. Não há lágrimas por um pirata, rapazes, por eles ninguém derramará. Vivemos a vida com o que conseguimos.”

“E agora navegamos, procurando ouro e tesouros, isso nunca nos envelhecerão. O vento em nossas velas e mastros, as estrelas a

nossos pés, enquanto saqueamos mulheres morenas, com sabor de chocolate, e bom hidromel.”

Uma onda de risadas se espalhou quando terminou a canção. Mei se apoiou nas mãos, avançando lentamente para trás da mesma maneira que veio. Tinha uma nave a explorar antes que a encontrassem e tinha de saber algo sobre as mulheres sequestradas.

Começaram outra canção de piratas, fazendo Dev resmungar ainda mais. Sabia pelo modo como cantavam, que a bebida fazia efeito. O ruído metálico se fez mais forte enquanto trabalhavam.

“Maravilhoso.” Pensou mal humorada. *“Perdida no espaço com um grupo de piratas bêbados. Nem sua querida bisavó, prevendo a vida futura, poderia ter imaginado isto.”*

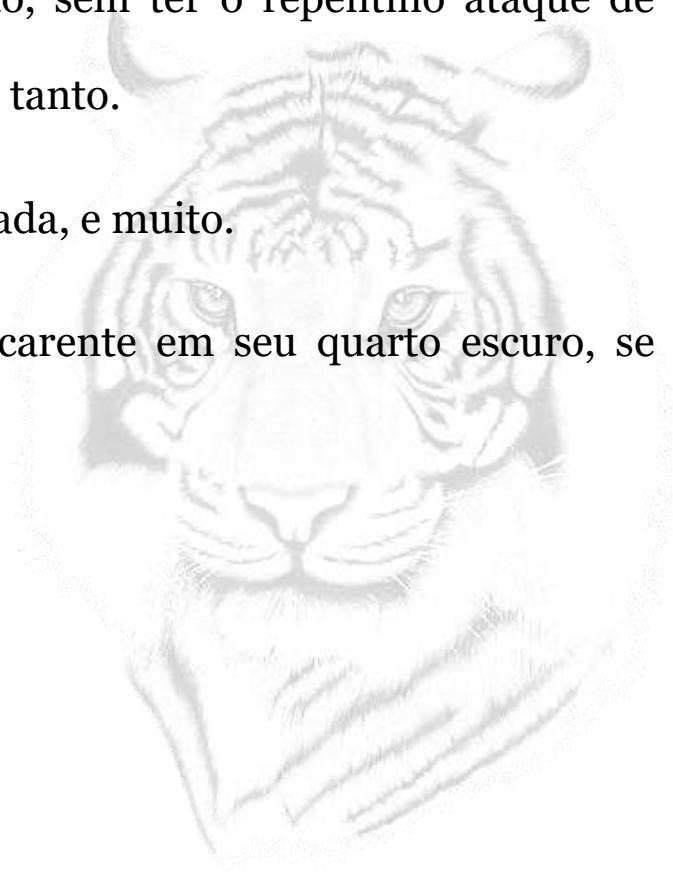


6

Jarek se alongou, mas não abriu os olhos. Um som baixo o tinha despertado, não que estivesse dormindo muito bem, para começar. Estivera sonhando com Mei, fazendo amor com ela. Seu pênis estava ereto de desejo, tão duro e suas bolas tão cheias que logo explodiria. Por que não aceitara sua oferta no refeitório? Se tivesse lhe dado o que ela queria no ato, sem ter o repentino ataque de consciência, seu corpo não doeria tanto.

Desejava aquela coisinha delicada, e muito.

Respirou fundo. Agora, só e carente em seu quarto escuro, se sentia um idiota.



Passeou os sentidos de shifter pelo quarto, viajando sensorialmente no grande espaço. Era a cabine do capitão, a maior cabine da nave. O tapete espesso e azul cobria o chão de metal amortecendo os passos. No canto esquerdo havia uma pequena mesa redonda com um computador integrado na base de madeira escura. Poderia acessar qualquer coisa imaginável ali.

Duas cadeiras com almofadas, estavam junto à mesa. Um sofá de na cor creme com painéis computadorizados nos braços e um monitor instalado especialmente para que pudesse ver as velhas transmissões da Terra. A maior parte consistia em velhos documentários da Terra, principalmente descrevendo atos de acasalamento, tinha obrigado Viktor a compartilhar sua grande coleção. Era um os dos favoritos na nave. Entretanto, também havia muitos filmes de ação. Alguns bem divertidos, outros tinham grandes explosões e lutas bem criativas que as tornavam agradáveis de assistir. Particularmente gostava das que os seres humanos voavam dançando por cima das cabeças, enquanto lutavam com os pés e mãos girando ao redor. Nunca encontrara um humanoide com

uma habilidade tão elegante, mas pela forma como os Lintianeses se moviam chegava bem perto.

Não descobrindo nada naquele lado, lançou seus sentidos shifter para o outro lado. Sua cama estava junto a parede. Retraía-se proporcionado mais espaço, não que realmente achasse necessário. Um grande descontaminador com assentos e a porta ficavam em frente ao sofá. Jarek não sentiu nada ali.

Então, o cheiro sutil de Mei passou sobre ele. Ela estava perto. Expandiu seus sentidos, não se movendo enquanto a procurava. Estava acima dele, no teto. Jarek tinha o costume de dormir nu, e mexeu as pernas como se estivesse sonhando. Puxou o lençol até o peito, para cobrir sua ereção que aumentava constantemente sua rigidez.

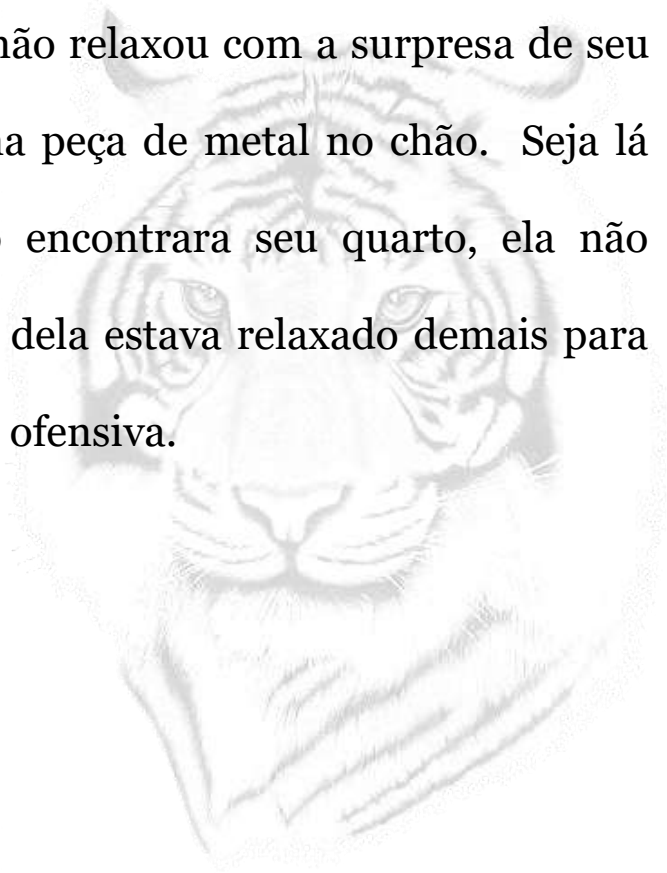
Estava tão concentrado em seus sentidos, que chegou a ouvir como ela continha a respiração e logo depois acelerava. Ela o espionava. Jarek se obrigou a manter a calma enquanto cada nervo tencionava com desejo. Gemendo baixinho, jogou o lençol para baixo, expondo a ponta de sua ereção. Precisou de toda sua energia

para não se tocar. Dobrou os joelhos, abrindo mais as pernas. Era erótico, pois sabia que Mei o observava, deixando-a ainda mais excitada do que já estava. Um som leve, como o de um painel no teto sendo erguido, chamou sua atenção. Sentiu no ar a agitação de movimentos.

Estaria entrando no quarto?

Mei caiu com destreza e em silêncio no chão. Ele esperou, sentindo sua hesitação e medo. Ela não fugiria.

De repente, a tensão trancada dentro dele explodiu, fazendo ficar mais atento. Viu um brilho metálico em sua mão sobre a luz fraca do painel na parede. Agarrou-a pelo pulso, bloqueando qualquer ataque. Não foi necessário. Sua mão relaxou com a surpresa de seu assalto, fazendo-a deixar cair uma peça de metal no chão. Seja lá qual fosse sua intenção quando encontrara seu quarto, ela não levava a cabo seu plano. O corpo dela estava relaxado demais para tentar surpreendê-lo em uma luta ofensiva.

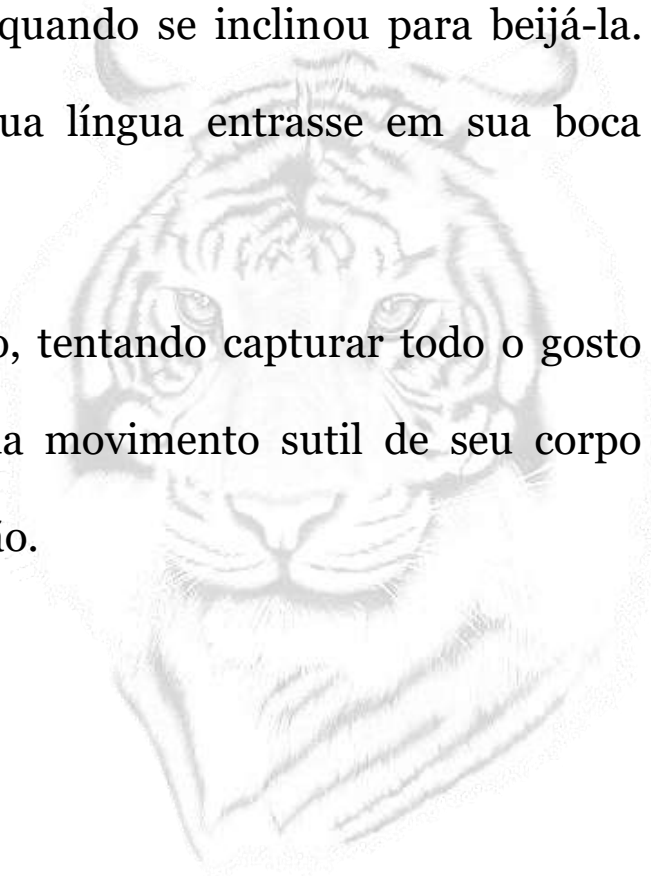


Os olhos de Mei se encontraram com os seus enquanto ele ficava de pé ao lado da cama. O ar se tornara quente e sentiu o calor se concentrando entre suas coxas. Ela baixou o olhar, detendo-o na ereção rígida e grossa. Ele seguiu seu olhar. Só a roupa dela se interpunha entre eles. Saber disso foi arrebatador e irresistível.

Jarek a puxou para si. Seu corpo pequeno se encaixara no seu e automaticamente forçou sua ereção nela. A maciez e o calor que o corpo dela lhe proporcionava, combinado a leveza da seda em sua roupa, o deixaram embriagado. Nem o pó por ter se arrastado pelos dutos da nave, tinham diminuído seu perfume de fêmea excitada.

Alcançando o rosto com as mãos, acariciou-lhe o queixo, deslizando os dedos para frente quando se inclinou para beijá-la. Ela ofegou, mas permitiu que sua língua entrasse em sua boca complacentemente.

Jarek a devorou com esse beijo, tentando capturar todo o gosto dela. Respirar seu ar, sentir cada movimento sutil de seu corpo enquanto aceitava sua aproximação.

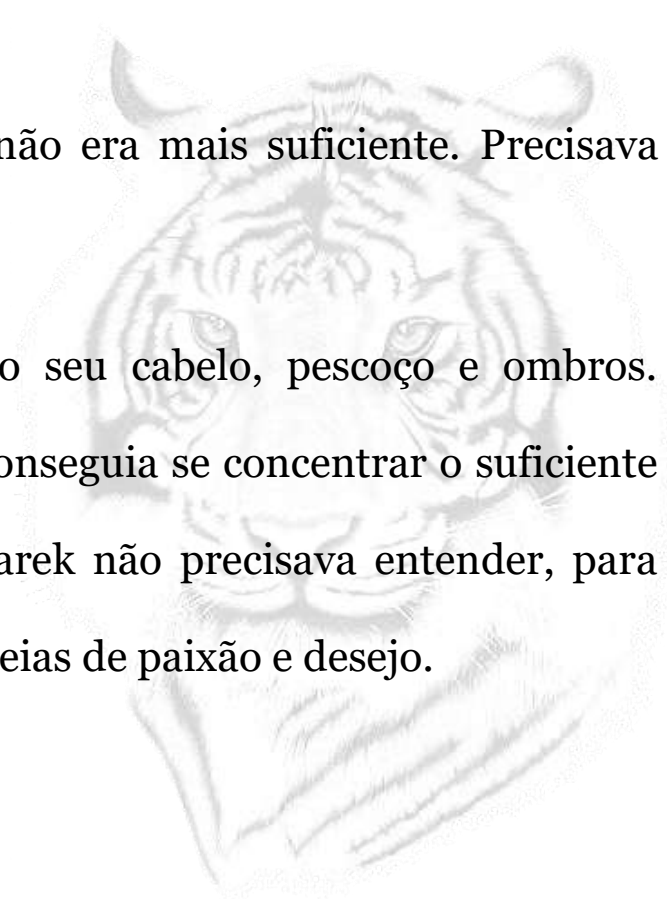


Pensamentos de usá-la para salvar Rick sumiram. Estava perdido no momento, preso no feitiço de Mei. Quem quer que fosse, nesse momento, era dele. Toda dele.

Mechas macias de seu cabelo se enredaram em seus dedos. Empurrou-os ao longo da seda, adorando o modo como deslizavam entre seus dedos. Suas mãos encontraram os ombros, deslizando-os facilmente na seda que cobria seu traseiro redondo e macio. Apertou-o, levantando-a ligeiramente de encontro ao corpo antes de deslocá-la para baixo. Era tão doce, macia e quente, que não resistiu em repetir a mesma ação outra vez, a medida em que a levantava e descia ao longo de seu corpo maior e duro. O som leve de sua risada flutuou sobre ele.

Logo, a seda sobre sua pele não era mais suficiente. Precisava sentir sua pele nua.

Mei gemeu baixinho, tocando seu cabelo, pescoço e ombros. Enquanto sussurrava, mas não conseguia se concentrar o suficiente para entender sua linguagem. Jarek não precisava entender, para saber o que diziam as palavras cheias de paixão e desejo.



Resmungou em resposta.

Com impaciência, passou as mãos sob o vestido de seda. Ela estava nua por baixo, e ele se alegrou. Uma das mangas do vestido caiu de lado, expondo um seio pequeno e pálido. Um grunhido escapou do fundo de sua garganta, incapaz de colocar em palavras o que sentia no momento, seu instinto animal vindo à tona sem poder conte-lo.

Agarrando-a pelos quadris, levantou-a. Mei jogou os braços ao redor de seu pescoço, mantendo o beijo profundo. Suas pernas se abriram e o enlaçaram ao redor da cintura enquanto sua vulva úmida pressionava firmemente contra seu abdômen. Ela se movia excitada contra ele. Não se incomodou em deitar-se. O desejo era urgente.

Guiando seus quadris, atraiu-a ao longo de sua excitação. Levantou-a para cima e a baixou, fazendo com que a umidade de seu corpo o molhasse. Ela ofegou, arqueando-se para trás. Jarek imediatamente afundou o rosto no seio nu, logo em seguida o

abocanhando e chupando alternadamente. Seu cheiro e sabor eram divinos. Adorou a forma com o seio pequeno enchia sua boca.

Jarek encontrou sua abertura, puxando-a para baixo sobre seu eixo já preparado. Como imaginou, sua entrada era estreita, agarrando-se eroticamente a ele a medida em que a esticava para preenchê-la. A umidade dela era divina facilitando sua entrada, esticando-a mais, fazendo com que a penetrasse completamente.

Mei gemeu ofegante, mas não recuou quando ele começou seus impulsos. Jarek firmou os pés no chão, dobrando os joelhos ligeiramente enquanto movia seus quadris em pequenos círculos.

Mei o empurrou no peito. Pego de surpresa, caíram sobre a cama. Ela aterrissou sobre ele, seu membro profundamente dentro dela com o impacto da queda.

Jarek gostou da nova posição. Mei o arranhou no peito, movendo-se acima dele meneando os quadris em círculos. Ele sentiu que os músculos internos dela se contraíam ao longo dele, apertando-o mais ainda. Alucinado, agarrou-lhe os quadris, passou

as mãos ao longo da cintura coberta pelo vestido de seda, abrindo o vestido ao meio para acariciar sua pele do vale entre os seios. Um deles estava nu, e o outro coberto pela seda, os massageou, fazendo seus mamilos se enrijecerem ainda mais.

Mei se movia com graça, enquanto mantinha seu próprio ritmo. Jarek a deixou tomá-lo a sua maneira, pousando os olhos nela para apreciar o espetáculo erótico. A pequena o montava, com os lábios entreabertos, as pálpebras pesadas de desejo. Gemia apaixonadamente enquanto se movia mais e mais rápido. Adorou ver a seda do vestido envolvendo seu corpo enquanto ela dançava sobre ele.

Com as mãos, ele forçou suas coxas já abertas, a se separarem ainda mais. Mei gemeu, um som baixo e gutural de prazer e aprovação. O som o enfeitiçou completamente. Seu corpo se movia com graça enquanto ela se inclinava para trás.

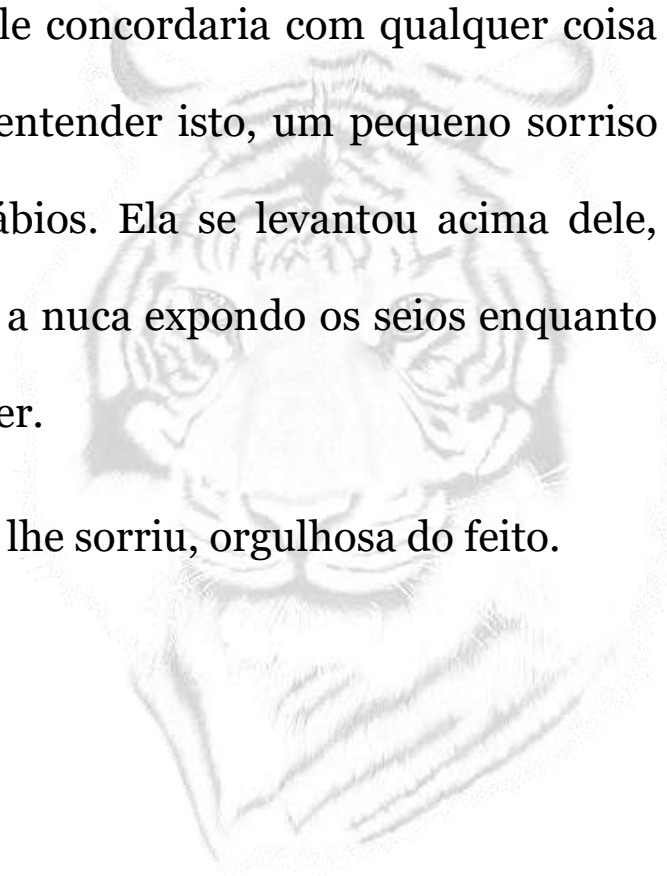
A imagem era demais. Jarek sentia que explodiria a qualquer instante. Agarrou-a pelos quadris estreitos e firmes, tentando controlar seus movimentos. A pequena mão alcançou suas bolas,

massageando-as. Ficou tenso, em segundos derramaria sua semente nela. A ejaculação era quase dolorosa apertando seu abdômen e inchando ainda mais o pênis. Seu corpo estremeceu, preparando-se, subitamente ela lhe apertou firmemente as bolas. O gesto parou o fluxo de sua semente quando ele chegou ao clímax. Jarek grunhiu, sua ereção ainda mais dura enquanto tremia com um gozo parcial.

– Ainda não. – Sussurrou ela, ainda apertando suas bolas enquanto se movia mais. Era uma tortura divina. – Mostrarei a você como chegar mais longe, prolongar o momento, economizar suas energias.

Aturdido e completamente cativado assentiu com a cabeça concordando. Nesse momento, ele concordaria com qualquer coisa que ela ordenasse. Mei pareceu entender isto, um pequeno sorriso felino curvou o canto de seus lábios. Ela se levantou acima dele, levantando as mãos e as levando a nuca expondo os seios enquanto usava as pernas para subir e descer.

Uma risada gutural saiu dela e lhe sorriu, orgulhosa do feito.



– Eu gosto quando seus olhos brilham assim, qin ài de. Está tentando se esconder de mim, sei que é um shifter.

Jarek grunhiu, preso entre a necessidade de reclamá-la com sua semente e o efeito que tinha sobre ele, controlando-o com os movimentos sutis de seus músculos.

– Que espécie? – Demandou Mei, sem mover-se.

– Gato. – Ofegou, com voz entrecortada, sem poder evitar. Com a palavra sentiu que seu corpo se umedecia e o apertava mais. Gatos Sagrados, ele morreria com imenso prazer. O pensamento tornava mais difícil de se controlar. Ela o tinha a sua mercê e os dois sabiam.

Os Var eram criaturas essencialmente sensuais, mas brincar com a besta, usar a mesma natureza predadora poderia levá-lo a uma paixão incontrolável. O enlouqueceria, seria incapaz de parar se começasse. Jarek tentou recuperar o controle, mas Mei parecia ter outra coisa em mente.

– Deixe-me vê-lo? – Sussurrou. – Não necessariamente totalmente transformado, mas poderia soltar partes da criatura:

presas, garras, voz e olhos. – Suas coxas o apertavam novamente, sabia que qual seria a sua resposta.

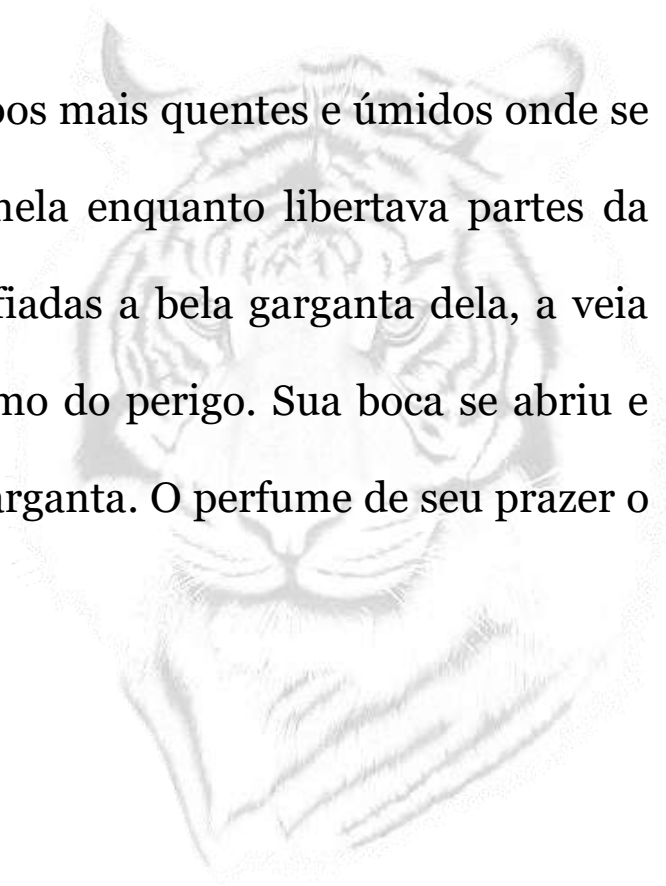
– Tem certeza? Não se deve brincar com a besta que há dentro de mim. Uma vez solta, será difícil fazê-la voltar para dentro de mim.

Mei assentiu com a cabeça, com um meio sorriso em sua linda boca.

– Por favor, qin ài de, quero vê-lo.

Imediatamente, deixou que seus olhos mudassem, deixando que suas presas saíssem, e as garras aflorassem nas pontas de seus dedos.

Mei ficou mais úmida. Os corpos mais quentes e úmidos onde se uniam. Não havia medo algum nela enquanto libertava partes da fera. Ele levou uma das garras afiadas a bela garganta dela, a veia pulsou acelerada com o entusiasmo do perigo. Sua boca se abriu e ela se alongou, expondo mais a garganta. O perfume de seu prazer o abalou, atissando à besta nele.

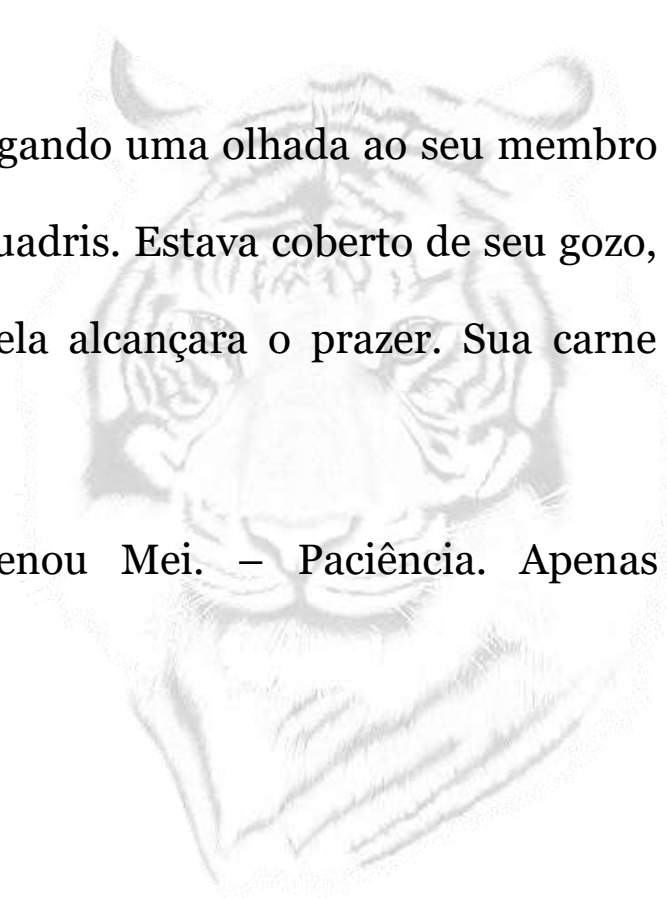


Dirigindo a garra afiada entre os seios, rodeou-os lentamente, aproximando-a dos mamilos salientes e endurecidos com perigosa lentidão. Ela gemeu, como se o ato a deixasse mais desesperada em sua excitação. Vagarosamente, ele levou a garra abaixo de seus flancos, deixando o som da fera escapar em sua garganta.

Jarek então alcançou o broto sensível entre suas coxas. Beliscando-o com a garra afiada, só o suficiente para fazê-la chegar ao clímax, ele sorriu abertamente. Seu corpo o apertou ainda mais firme e gritou de prazer, ainda segurando suas bolas. Pela maneira que se comprimiu ao redor de seu membro inchado foi quase doloroso, uma dor gloriosa. Assim que ela terminou, afastou-se lentamente dele.

– Mas... – Começou Jarek, jogando uma olhada ao seu membro duro que se sobressaía de seus quadris. Estava coberto de seu gozo, reluzindo com a prova de que ela alcançara o prazer. Sua carne ansiava se aliviar nela.

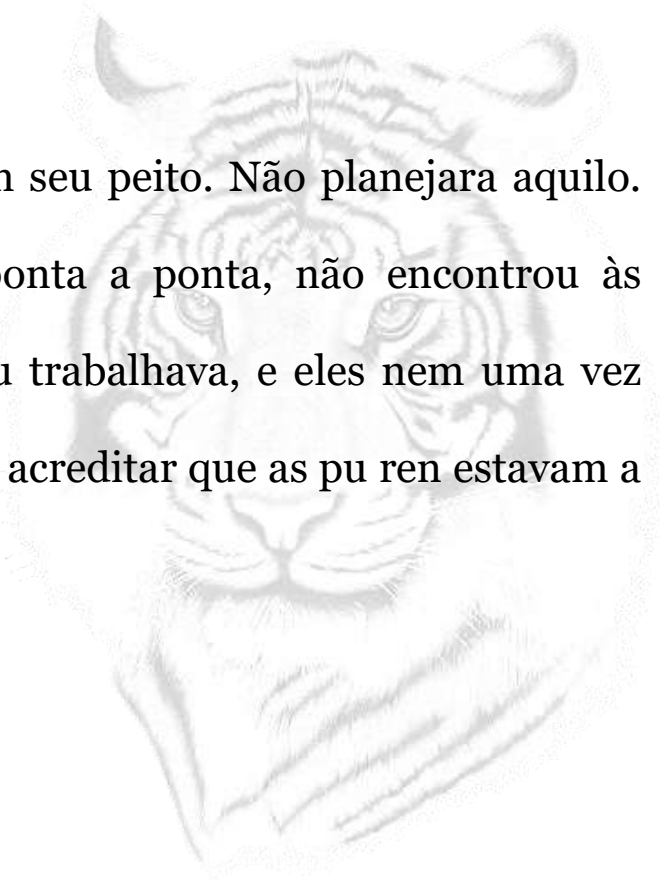
– Shh, qin ài de. – Ordenou Mei. – Paciência. Apenas começamos.





Mei estava um pouco cansada devido ao clímax tão surpreendente. Fora tão rápido que não conseguira conter o gozo. Mas, quando o Capitão pirata tocou seus clitóris com a garra, sucumbira. O homem certamente sabia como dar prazer. Ela sorriu, muito satisfeita com ele. Como amante, foi uma escolha perfeita. Precisava pensar em uma oferenda especial de agradecimento ao destino que o levara a ela.

Seu coração batia acelerado em seu peito. Não planejava aquilo. Depois de explorar a nave de ponta a ponta, não encontrou às mulheres. A tripulação dormia ou trabalhava, e eles nem uma vez mencionaram algo que a levasse a acreditar que as pu ren estavam a bordo.



Seria possível que as tivessem deixado para trás? Mei não acreditou nisso. Piratas sequestravam e roubavam. Era seu meio de vida.

Mas quando ela olhava o Capitão, aquilo não parecia se aplicar a ele. Seus olhos eram amáveis, e quando a tocou, fora tão apaixonado e gentil.

Jarek a tinha surpreendido por estar nu sob os lençóis. O plano fora imobilizar e submetê-lo a um interrogatório para saber onde estavam as servas. Mas, quando encontrou adormecido, toda a vontade de lutar, a abandonou e o desejo em seu corpo ganhou vida.

E quando o malvado se moveu no sono, atirando os lençóis no chão e então viu a ponta de sua serpente altiva, quase se jogara do teto em cima dele.

Soltando a faixa da cintura, se levantou ficando ao lado da cama e fez deslizar o vestido de seda do seu corpo. Os olhos dele se estreitaram. Viu-os facilmente na luz tênue. Eram os olhos de um predador, a íris dourada a observando atenta. O pênis longo, grosso

e ereto, como uma oferta irrecusável. Lambendo os lábios, soube o que significava lhe negar seu alívio, mas queria assegurar-se que a saciasse primeiro. Não só o seduziria para encontrar às pu ren e voltar para casa, ela o queria para ter as lembranças desses momentos de desejo e prazer antes que se visse obrigada a casar-se com o Príncipe Lok. Sabia que nunca mais voltaria a ver Jarek depois de que se separassem.

Mei afastou os cabelos dos ombros e elegantemente passou seus braços ao longo do corpo. Suas mãos deslizaram, sem tocar a própria pele enquanto presenteava os olhos de Jarek com um banquete visual.

Mei então passou lentamente a se acariciar, preparando o corpo para uma nova rodada, de propósito evitando olhar e tocar Jarek quando ele já estava em um estado de excitação plena. Seu corpo estava um pouco dolorido pela penetração do pênis grande e grosso, mas não se arrependia. De todos os seus amantes, definitivamente, Jarek era o mais dotado.

Seu corpo despertou e ela o olhou sugestivamente, virou-se dando as costas para a cama. Em segundos Jarek se posicionou atrás dela, e ela se pôs a rir, enquanto as mãos dele deslizavam com entusiasmo ao longo de seus quadris. Beijou-a na parte externa da coxa, criando com a língua, uma trilha quente sobre seu flanco e traseiro. Firmemente, ele a virou de frente a ele e passou a língua por seu umbigo, enquanto a tocava por toda parte.

Mei fitava sua expressão apaixonada quando Jarek levantou o rosto através do vale de seus seios. Quando a tocou, suas mãos eram seguras, firmes. Ordenava e adorava ao mesmo tempo.

Sons baixos e selvagens eram soltos por ambos, quando ele colocou a cabeça entre suas coxas. Passou um tempo tocando-a, acariciando sua vulva de cachos curtos com o rosto. Salpicando beijos ligeiros pela linha de seus pêlos íntimos. De súbito, a boca quente e gulosa se fechou sobre suas dobras, separando-as perversamente com a língua enquanto a beijava voraz. Jarek levantou-lhe a perna sobre o ombro. Mei ficou sem fôlego. Os dedos se cravaram em seus quadris, mantendo-a imóvel, enquanto

chupava seu clitóris com força. Arqueou-se para ele, ainda de pé, enquanto ajoelhado diante dela, devorava-a. Jarek deslizou um dedo dentro dela. O gozo se aproximando e crescendo nela como nunca antes.

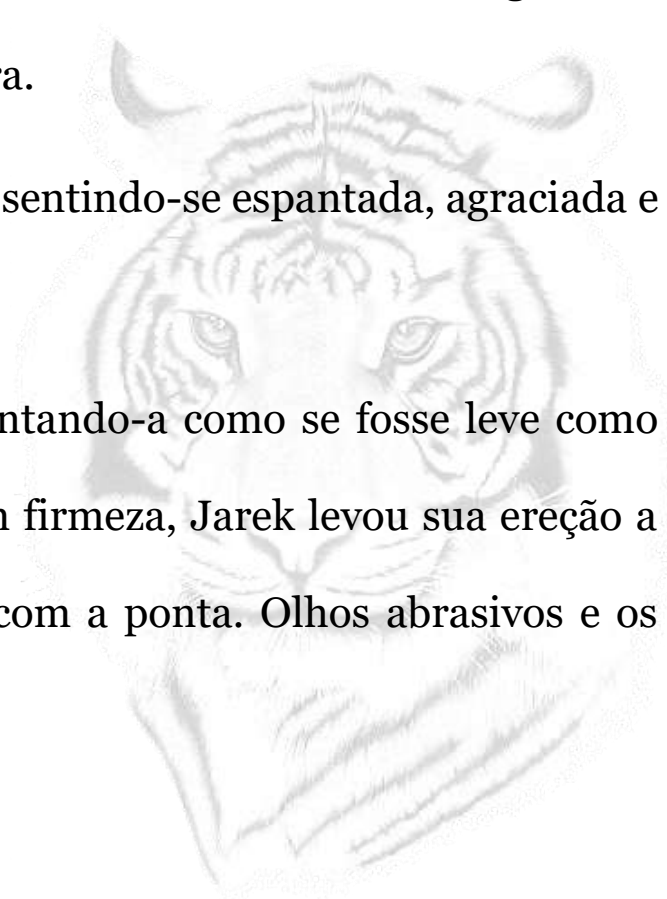
– Jarek. – Gemeu, chorosa. – Qin ài de!

– Ah, minha pequena, não se segure, venha para mim!

Com um grunhido bestial, ele se levantou, sustentando seu corpo com os braços, levantou-a, se dirigindo a cama e se deitaram. Beijando-a profundamente, manobrando o corpo entre suas coxas. Olhou para o rosto dele, observando cada uma de suas reações. Seus cabelos longos e escuros caindo sobre ela, fazendo-lhe cócegas. Era o homem mais atraente que já vira.

Mei riu de seus pensamentos, sentindo-se espantada, agraciada e protegida por sua grande força.

Nunca tivera um amante levantando-a como se fosse leve como um quizajian.. Lentamente e com firmeza, Jarek levou sua ereção a ela, primeiramente a sondando com a ponta. Olhos abrasivos e os

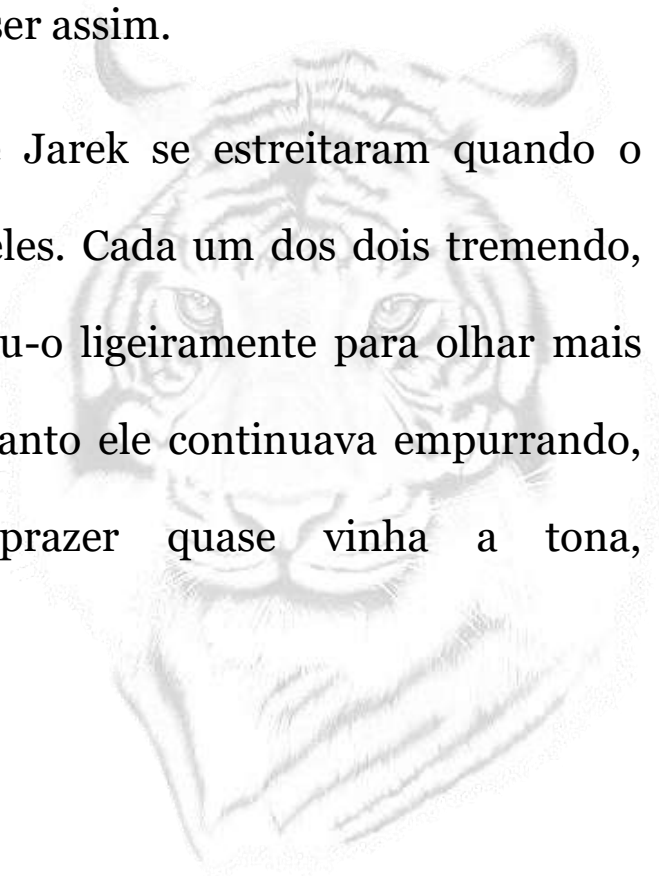


lábios entreabertos procuravam sua boca. As respirações se juntaram e se misturaram.

Seu corpo chorou enquanto ele se empurrava dentro dela. Seu membro estirando os músculos para que se adaptasse a ele. Com tanto controle que quase a enlouqueceu, penetrou em seu canal escorregadio, preenchendo seu corpo em lentos e agonizantes centímetros. Seus olhos se fecharam enquanto esperava o momento em que a estacaria por completo, reclamando-a plenamente.

Mei sentiu que sua essência a completava de corpo e alma, como jamais acontecera antes. Até mesmo respiravam no mesmo compasso. Cada movimento era perfeito, sincronizado, como se tudo aquilo estivesse destinado a ser assim.

Os olhos escuros ardentes de Jarek se estreitaram quando o ponto culminante cresceu entre eles. Cada um dos dois tremendo, cada tremor sincronizado. Afastou-o ligeiramente para olhar mais atentamente em seus olhos enquanto ele continuava empurrando, lenta e profundamente. O prazer quase vinha a tona,



inconscientemente arranhou seus braços, empurrando seu corpo para ele, exigindo e aceitando.

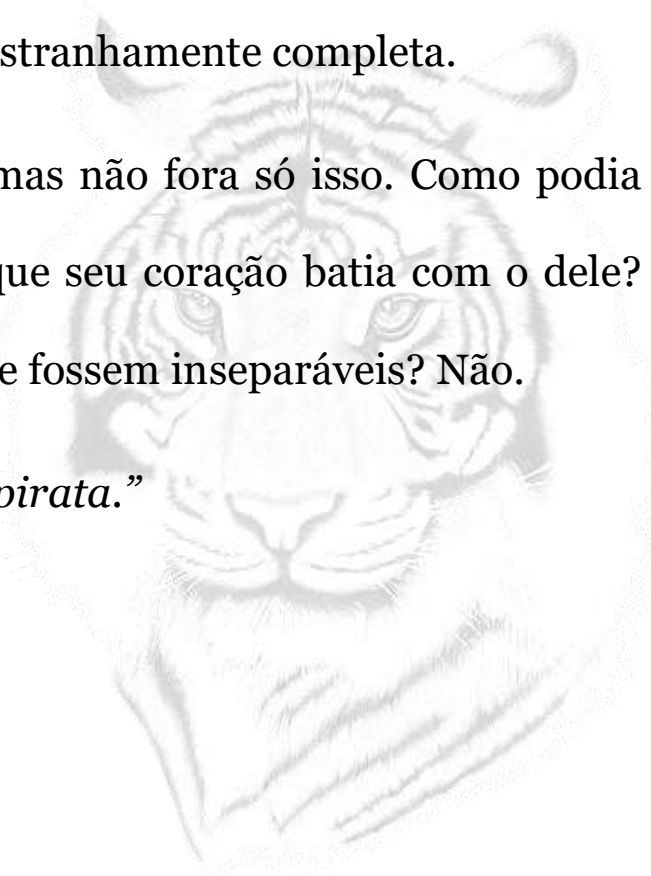
O gozo os atingiu com força. Seus corpos tensos, trêmulos quando Jarek ejaculou dentro dela. Mei gemeu, o som foi repetido pela boca dele. Uma necessidade pungente de o agradar de toda forma possível gritou dentro dela. Nesse momento, queria lhe dar tudo. Aquelas emoções a surpreenderam.

Finalmente quando os tremores diminuíram, seus lábios a libertaram do beijo abrasador.

Jarek a baixou lentamente, mantendo-a presa entre seus braços. Mei estava confusa e se negou a olhá-lo diretamente outra vez. Houvera uma conexão, sentia-se estranhamente completa.

Sabia que fora somente sexo, mas não fora só isso. Como podia senti-lo de tal maneira? Parecia que seu coração batia com o dele? Como se suas almas se fundissem e fossem inseparáveis? Não.

“Não posso confiar nele. É um pirata.”



Mei respirou fundo, deixando que o coração se acalmasse. Apesar de não desejar, sentia-se tão confortável e segura em seus braços. Pensou em se afastar, mas estava tão cansada.

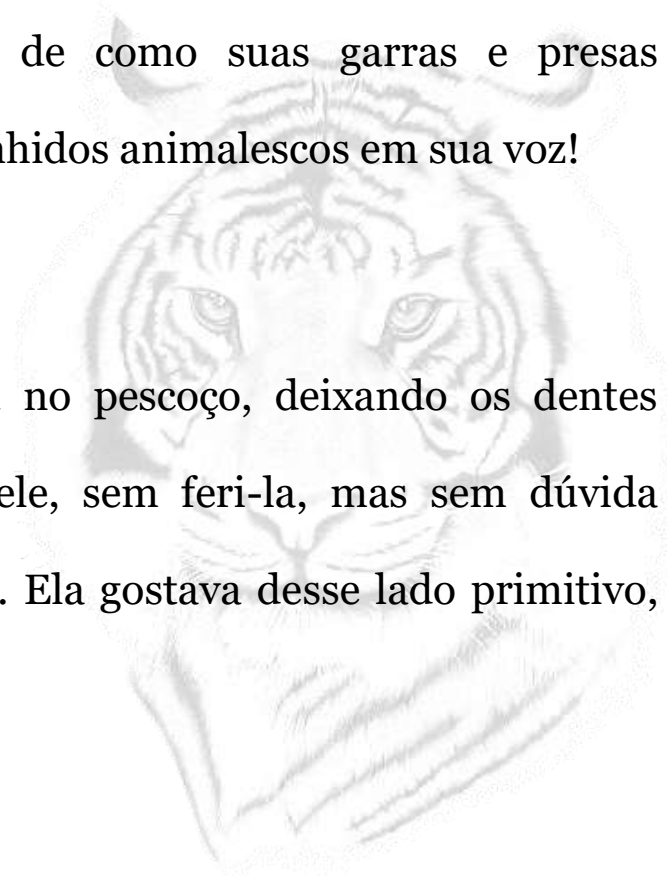
Tudo acontece por uma razão. Sua bisavó lhe diria isto. Estava na nave pirata por alguma razão? Esses momentos teriam algo a ver com seu futuro?

– Em que está pensando? – Perguntou Jarek.

– Em minha casa. – Respondeu Mei. Não era uma mentira. Pensava em casa. Agora que tinha confirmado suas suspeitas de que ele era um shifter, teria de tomar cuidado. Muitos de sua espécie poderiam sentir uma mentira ou o medo a distância. Um arrepio a atravessou quando lembrou-se de como suas garras e presas surgiram, sem mencionar os grunhidos animais em sua voz!

“Ohohh. Delicioso.”

Jarek se inclinou e a beijou no pescoço, deixando os dentes afiados deslizarem sobre sua pele, sem feri-la, mas sem dúvida demonstrando seu poder e força. Ela gostava desse lado primitivo,



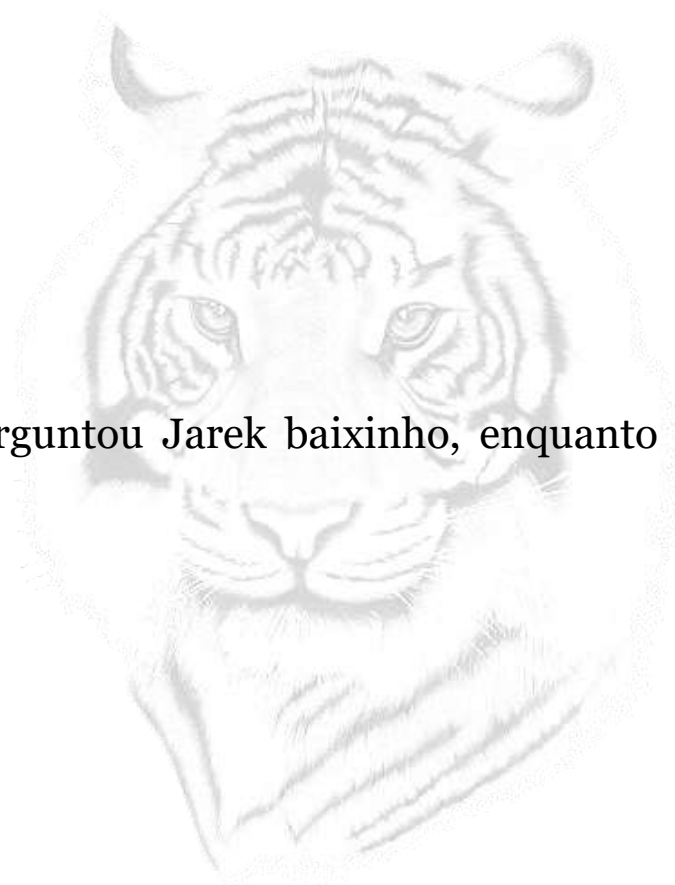
principalmente no modo que seu corpo se movia. Parecia estar sempre à espreita, elegante e tremendamente sensual.

Ela se arriscou em lhe lançar um breve olhar. Nas profundezas turvas de seus olhos, flutuava um mar dourado. Mei gostou da mudança em seu olhar. O perigo a excitava. Era estranho, mas não queria mentir se não fosse preciso. Nunca se sentira assim, tão conectada ao amante, tão satisfeita e esgotada depois do sexo.

Jarek era tudo o que queria e estava fora de seu alcance, jamais seria dela.



– Sente falta de seu lar? – Perguntou Jarek baixinho, enquanto ajustava Mei sobre seu peito.



Seu corpo estava satisfeito, mas sua mente e alma queria mais dela. Desejava saber tudo sobre ela. Algo naquela criatura tão pequena o capturou. E, Gatos Sagrados! Não se importava em perder-se nela.

– Lamenta ter fugido de lá?

Fugir? Não queria dizer ser sequestrada? Mei encolheu os ombros, evitando responder.

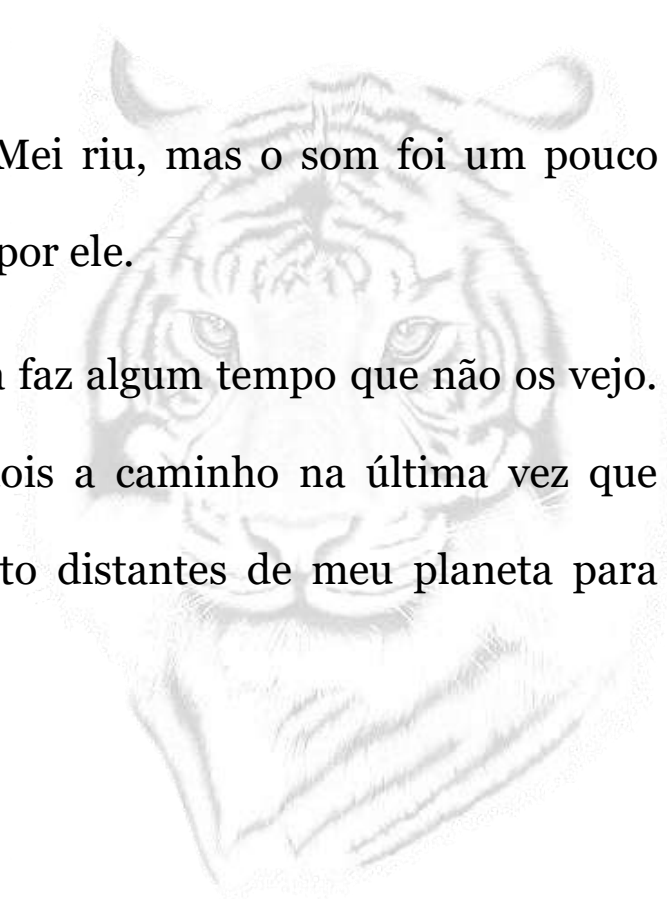
– Você tem família? – Mei perguntou.

Jarek se perguntou por que relutava em falar de sua família.

– Humm, sim, quatro irmãos, todos casados, e agora acho que tenho quatro sobrinhos.

– Não sabe com certeza? – Mei riu, mas o som foi um pouco triste. Era como se sentisse pena por ele.

– Eu... – Jarek suspirou. – Já faz algum tempo que não os vejo. Sei de dois nascidos e outros dois a caminho na última vez que estive em casa e estivemos muito distantes de meu planeta para



receber transmissões. Mas acredito que todos nasceram a estas alturas e estão bem.

– Todos? São todos meninos?

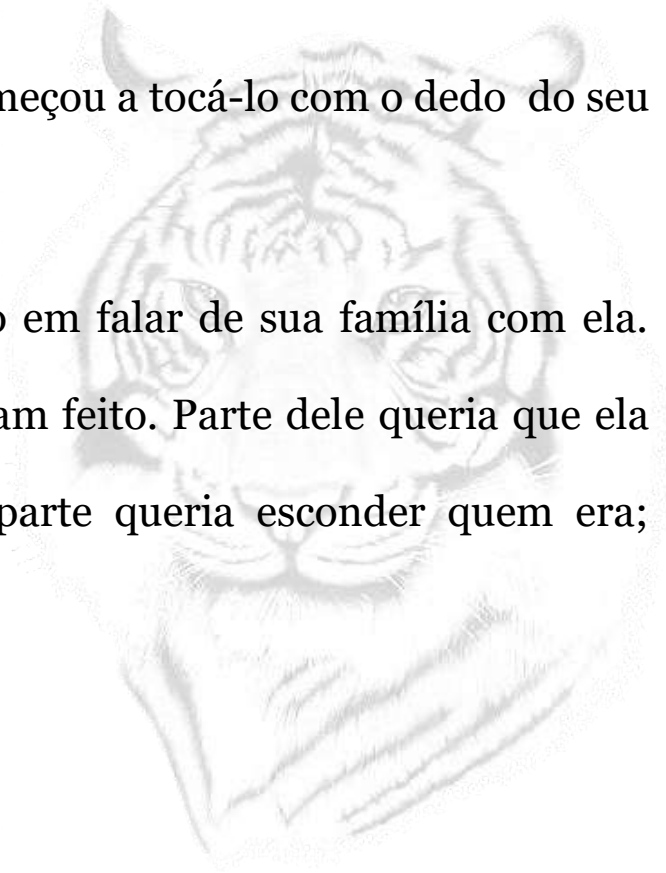
– Sim, os Var só podem ter filhos homens. Bem, quase todos. Só nasce uma menina em um milhão, por isso acho pouco provável que tenha uma sobrinha.

– Var. – Repetiu em voz baixa, moldando sua boca ao redor da palavra, tentando imitar seu tom mais brusco. – Var.

Jarek riu quando rodou sobre as costas e pensou na família. Estivera a caminho de seu planeta para vê-los, quando Rick fora capturado. Tudo fora deixado de lado para resgatá-lo.

– Como se chamam? – Mei começou a tocá-lo com o dedo do seu queixo até seu peito.

Jarek respirou fundo, nervoso em falar de sua família com ela. Parecia tolice depois do que tinham feito. Parte dele queria que ela ficasse impressionada. A outra parte queria esconder quem era;



querendo que gostasse dele por si mesmo, e não por seu título de nascimento. Não era o Príncipe Jarek, não aqui, no espaço.

– Entenderei se não quiser falar sobre isso. – Mei pareceu magoada. Jarek beijou sua têmpora para tranquilizá-la.

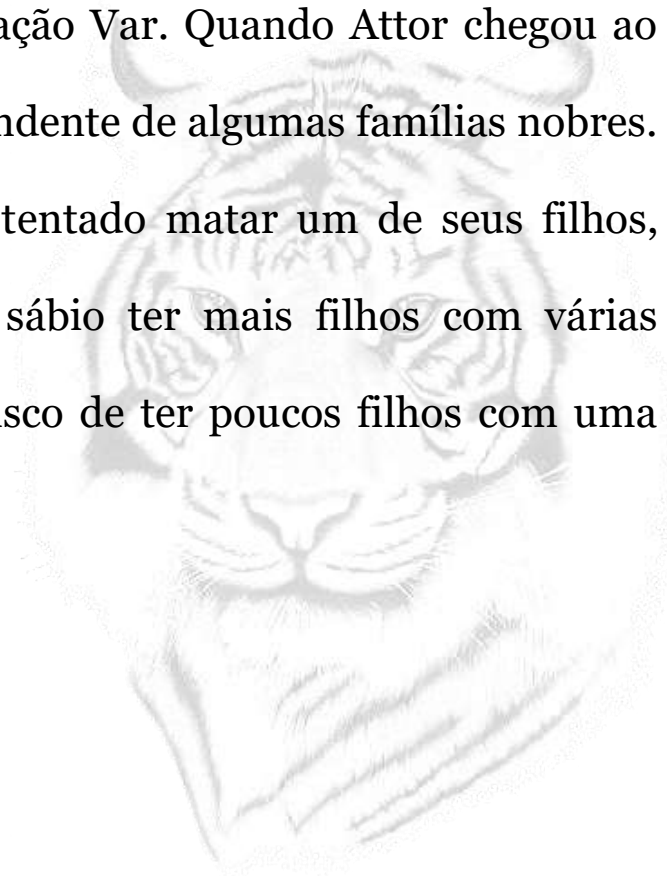
– Meu irmão mais velho se chama Kirill. – Começou, sentindo saudades de sua família. – Kirill agora era o Rei de Var, tomara posse depois da morte do pai. O Rei Attor morrera em batalha não há muito tempo. Fora um bom Rei, trabalhou duro para melhorar as condições de vida de sua gente, mas também fizera coisas erradas, instigava a guerra contra os Draig, e incentivava os homens de Var a beberem o nef para conter a libido, esta bebida os tranquilizava sexualmente e lhes dava controle na cama.

Há muito tempo atrás as coisas eram diferentes para os habitantes de Var. Foi um tempo em que imperava o descontrole na cama e fora dela, um tempo em que as emoções governaram cabeças e corações. Eles agiam temerariamente e por puro instinto. Jarek as vezes pensava que seus antepassados tinham razão. A vida era muito curta para conter os prazeres sensuais, ou qualquer prazer

mundano. Felizmente, seus irmãos concordavam com ele e aboliram a prática de beber tal substância.

O velho Rei fora um homem duro, que conteve seu afeto de pai a todos os filhos O Rei Attor tivera um harem com muitas mulheres e nenhuma tivera seu amor. Attor ainda incentivava os homens de Var a demonstrar seu valor com a infidelidade e com o desapego de emoções. Instigava os homens a demonstrar grande vigor e habilidade na cama, e mostrar coragem no campo de batalha.

O avô de Jarek havia tido somente uma mulher e quando Attor nasceu ela morreu, seu avô jamais tivera o desejo de ter um filho com outra mulher. Embora levasse mulheres a sua cama, deixou Attor sozinho para conduzir a nação Var. Quando Attor chegou ao trono, acabou por se tornar dependente de algumas famílias nobres. Uma dessas famílias realmente tentado matar um de seus filhos, mostrando a ele que era mais sábio ter mais filhos com várias companheiras do que correr o risco de ter poucos filhos com uma companheira de toda a vida.

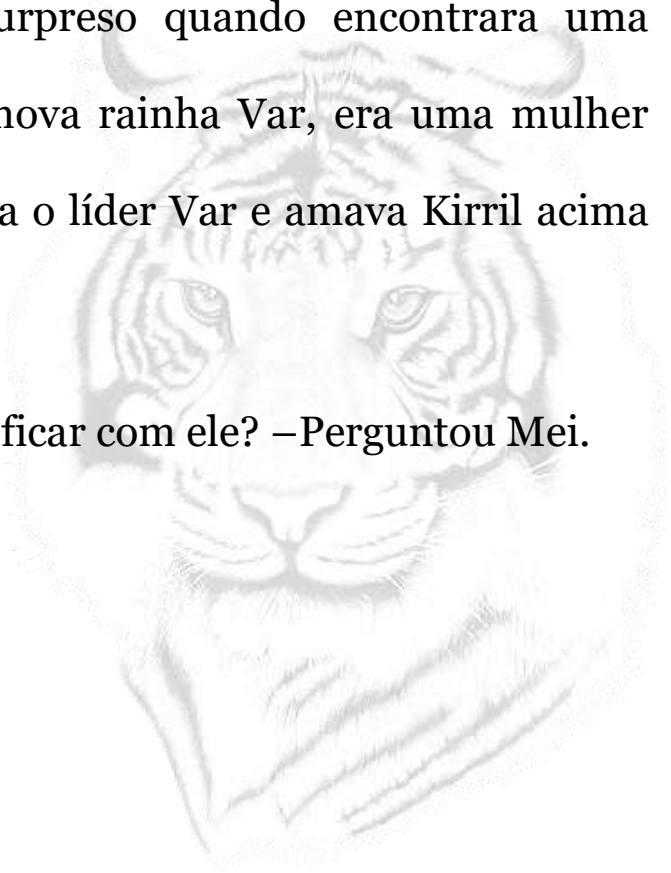


Quinn era seu irmão caçula, e embaixador do povo Var. Reid era o comandante das Outlands e Falke era o Comandante da Guarda. Oficialmente, Jarek estaria aprendendo diplomacia e outras culturas. Era importante que o povo Var conhecesse os costumes de outros povos para estarem preparados para fazer acordos e negociações; como quando ele fora chamado para resolver o sequestro de Falke por Sam. Mas na maior parte do tempo, era livre para fazer o que quisesse e quando fazê-lo.

– Kirill é casado com Ulyssa. Antes de se casar com meu irmão, trabalhava como agente da AIH. E era muito boa em seu trabalho.

Kirill logo depois da coroação, foi o primeiro a se apaixonar por uma mulher. E ficara muito surpreso quando encontrara uma companheira de vida. Ulyssa, a nova rainha Var, era uma mulher decidida, inteligente, perfeita para o líder Var e amava Kirril acima de tudo.

– E ela deixou o trabalho para ficar com ele? – Perguntou Mei.

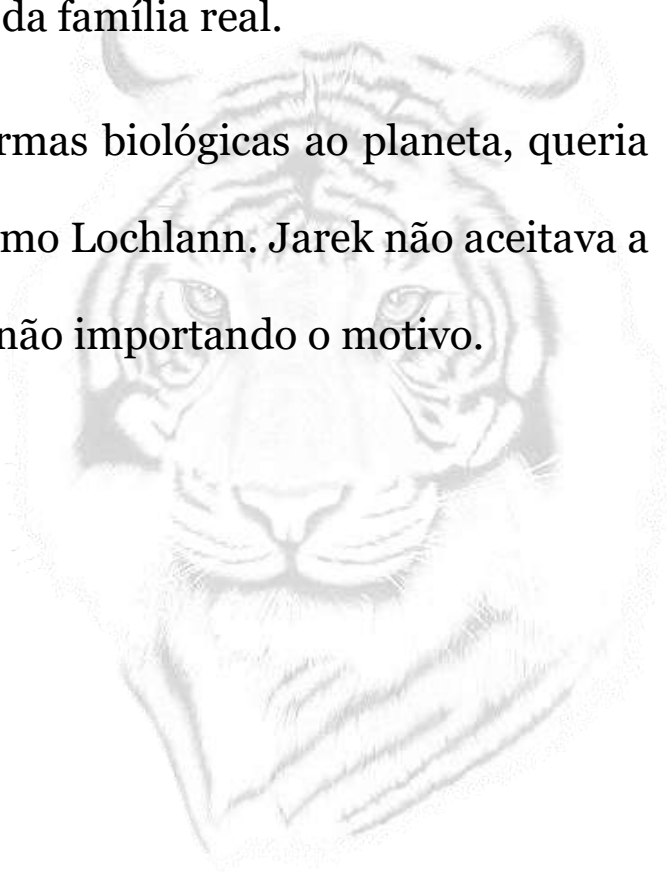


– Sim. – Respondeu Jarek, mas não pensando muito nisso. O perfume doce de Mei estava ao seu redor. Seu corpo delicado sobre o seu, dava-lhe inenarrável prazer.

– Tori era uma medica cientista da CCE. Veio a meu planeta Qurilixen para investigar um possível acidente biológico de contaminação. Quando terminou o caso, casou-se com meu irmão Quinn.

O Príncipe Quinn era o Embaixador Var. Na verdade, Tori não fora ao seu planeta apenas para investigar um acidente biológico de contaminação. Fora a Qurilixen para cuidar de algo muito pior, armas biológicas. A Dra. Tori Elliot era muito inteligente, séria. Uma boa escolha para fazer parte da família real.

O pai de Jarek havia trazido armas biológicas ao planeta, queria matar os Draig, shifters dragão como Lochlann. Jarek não aceitava a aniquilação de toda uma espécie, não importando o motivo.



Felizmente, Kirill, pensava o mesmo e estava trabalhando pela paz. A guerra era injustificada e absurda, só velhos preconceitos que levantavam sua cabeça.

– E ela deixou o trabalho também para ficar com ele? –
Perguntou Mei.

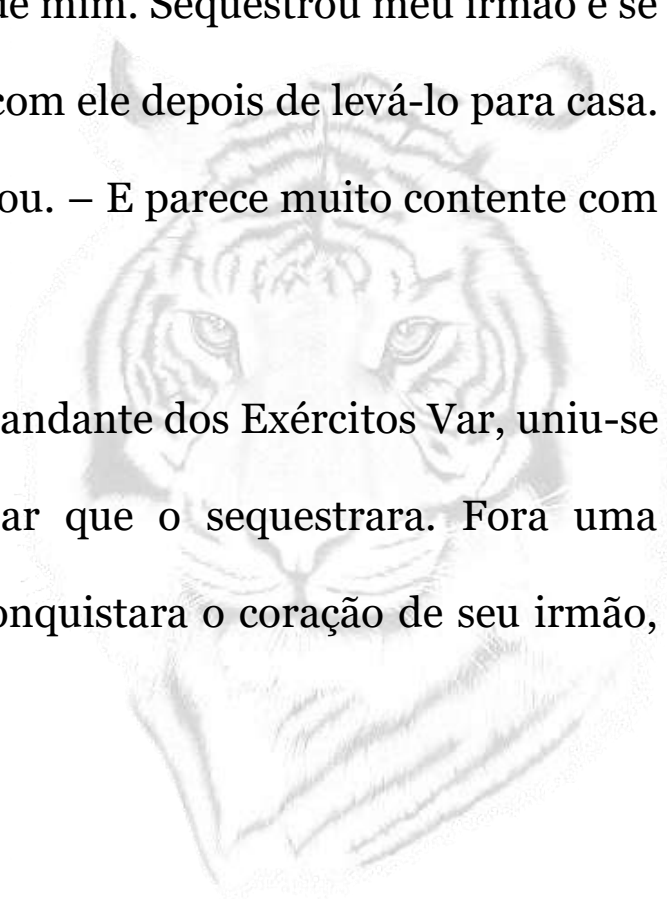
– Sim. – Jarek olhou para baixo, perguntando-se qual a razão de repetir a mesma pergunta. – Falke se casou com Sam depois disto.

– Ah, deixe-me adivinhar, ela é uma boa pessoa e deixou o que fazia para ficar com ele?

– Bem, na verdade, Sam era a Capitã da tripulação desta nave, com exceção de Jackson, Loch e de mim. Sequestrou meu irmão e se apaixonou por ele. Decidiu ficar com ele depois de levá-lo para casa.

– No último momento, acrescentou. – E parece muito contente com a decisão.

Quando o Príncipe Falke, Comandante dos Exércitos Var, uniu-se por toda a vida a Capitã estelar que o sequestrara. Fora uma surpresa geral. Mas Samantha conquistara o coração de seu irmão,



de alguma maneira fizera o grande e irascível guerreiro se render.

Entretanto Samantha também era muito inteligente, mas não era uma ex-agente como Ulyssa e nem cientista como Tori. Pelo contrário, era uma pequena tirana, cabeça dura, e os irmãos apreciavam essas qualidades nela. De fato, para irritação constante de Falke, todos eles gostavam de instigá-la. Era o reembolso de quando Falke fora o responsável pelo treinamento de guerreiros dos mais jovens.

– Você sabe de tudo isso, e não sabe se tiverem os bebês? – Mei falou com um suave tom de incredulidade.

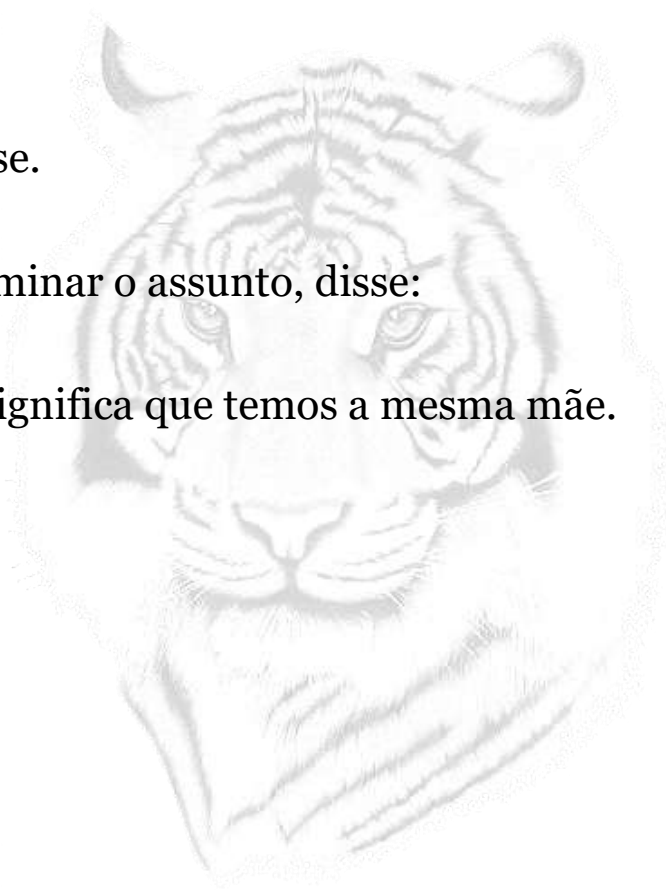
– Minhas cunhadas estavam felizes na última vez que as vi. – Defendeu-se Jarek.

– Ah... – Foi tudo o que ela disse.

Pensando que seria melhor terminar o assunto, disse:

– E há meu irmão gêmeo, ah, significa que temos a mesma mãe.

– Entendi a palavra.



– Seu nome é Reid. Casou-se com uma mulher que não tinha um lar ou família. Seu nome é Jasmine.

Aí, pensou, isso devia fazê-la feliz.

Jarek estava presente quando Reid conheceu Jasmine. A mulher fora abusada e constantemente drogada por seu marido, que mais tarde foi desmascarado como não sendo verdadeiro. Reid a tinha salvo disto e Jasmine por sua vez o tinha salvo de si mesmo.

O falso primeiro marido foi decapitado pela Máfia Médica.

– Pergunto-me se ela pensa da mesma forma que as outras. – Queixou-se Mei em voz baixa. Jarek abriu a boca para defender a família ainda mais, quando ela mudou de assunto. – E as crianças?

– Meus sobrinhos? – O orgulho brotou em seu pensamento. Jarek estava feliz pelas benções recebidas pelos irmãos. Gostava dos meninos e parecia que gostavam dele. Ficaria orgulhoso de segurar seus sobrinhos nos braços e ajudar a criá-los, do modo Var. – O que têm eles?

– Algum deles tem nome? – Perguntou-lhe.

– Bem, só sei dois. – Passou a mão ligeiramente sobre o braço dela, aproximando-a mais enquanto falavam. As palavras fluíam naturalmente entre eles.

– E...? – Indagou ela, dando-lhe um tapinha no peito. Jarek recolheu um fio de seu cabelo e esfregou sua textura macia entre o polegar e indicador.

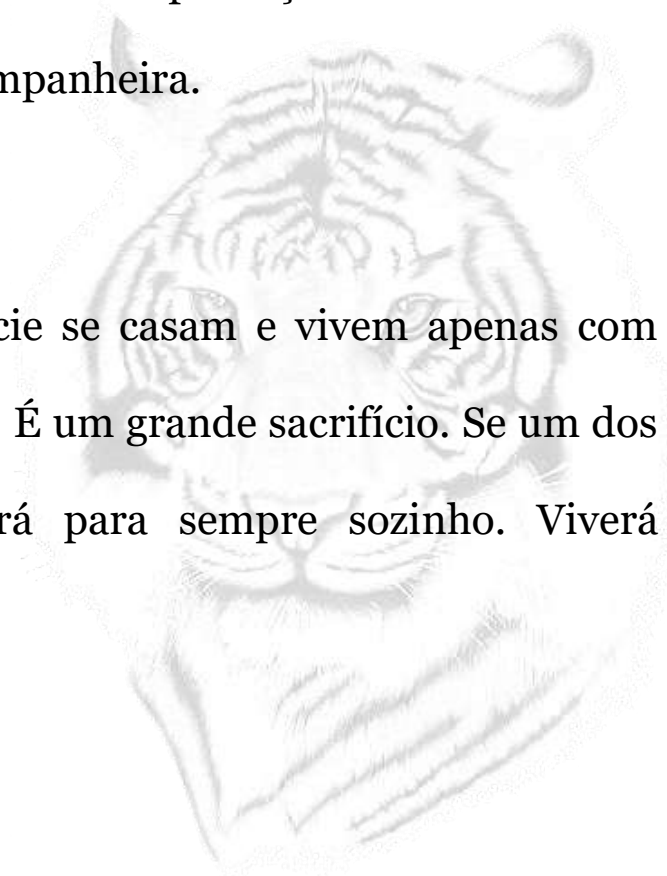
– O filho de Kirill, chama-se Korbin e o de Quinn, Roderic.

Mei permaneceu calada por um momento enquanto permanecia em seus braços.

– Meus irmãos estão unidos por toda vida com elas – Disse Jarek. Por alguma razão sentia nela desaprovação. – Nenhuma de minhas cunhadas é uma meio companheira.

– Não entendi. – Ela riu.

– Os machos de minha espécie se casam e vivem apenas com uma mulher para o resto da vida. É um grande sacrifício. Se um dos companheiros Var morre, ficará para sempre sozinho. Viverá



solitário e sem produzir filhos por centenas de anos. É um grande sacrifício, não acha?

Mei não respondeu. Jarek franziu o cenho, perguntando-se por que estava preocupada com isso. Nada daquilo lhe dizia respeito. Seus irmãos eram outra história. Ele se preocupava com o que podia acontecer se acaso um deles perdesse a esposa. Certamente, o fato, destruiria qualquer um dos irmãos.

Uma união por toda vida era mais comum nas classes baixas: comerciantes, agricultores, caçadores e soldados, homens que não podiam ter mais de uma companheira em um planeta tanta carência de mulheres. Em seu planeta, Qurilixen, a radiação azul tornava quase impossível a concepção de meninas, as mulheres chegavam ao seu planeta graças ao intercâmbio com outros planetas, a maioria vinha por vontade própria, às outras, só os Gatos Sagrados poderiam saber, o sequestro e tráfico vindos de outros planetas, eram coisas comuns.

– Ah, deixe-me adivinhar, uma meio companheira não desfruta desta cortesia, certo? – Perguntou Mei.

– Não. Um Var pode tomar uma companheira de vida ou várias meio companheiras, nunca lhe será permitido viver dos dois modos. Meu pai tinha muitas mulheres e todos, exceto eu e meu gêmeo temos mães diferentes. – *“Humhum, por que estava falando tanto? Era como se não pudesse manter seus pensamentos para si mesmo. O que estava acontecendo? O orgasmo fritara seus miolos?”* – Meus irmãos fizeram um grande sacrifício.

– Já mencionou isso. – Mei declarou secamente.

– Não é sábio nos unirmos por toda a vida. Uma vez feito, não se pode desfazer. Vivemos por séculos e passamos essa dádiva a nossos companheiros de vida. – Ela o olhou, franzindo o cenho confusa.

– Há um poder místico que nos guia, e esse poder é devido à radiação de nosso sol azul. – Jarek fez uma pausa. Tentou permanecer calado, mas sua boca parecia ter vida própria. Era como se uma parte dele quisesse revelar tudo sobre si. Grande, agora parecia uma mulher carente de atenção depois de fazer sexo. – Muita coisa poderia acontecer durante essas centenas de anos. Se um companheiro de vida morrer, o viúvo seria condenado a séculos

de dor. Muitos não suportam tal destino. – Acaso estaria se repetindo? Sentiu-se um verdadeiro idiota. Esperou que ela fizesse mais perguntas.

– E seus irmãos fazem o que? Além de amar as mulheres que dão a luz aos seus filhos.

O tom de Mei foi baixo e mordaz.

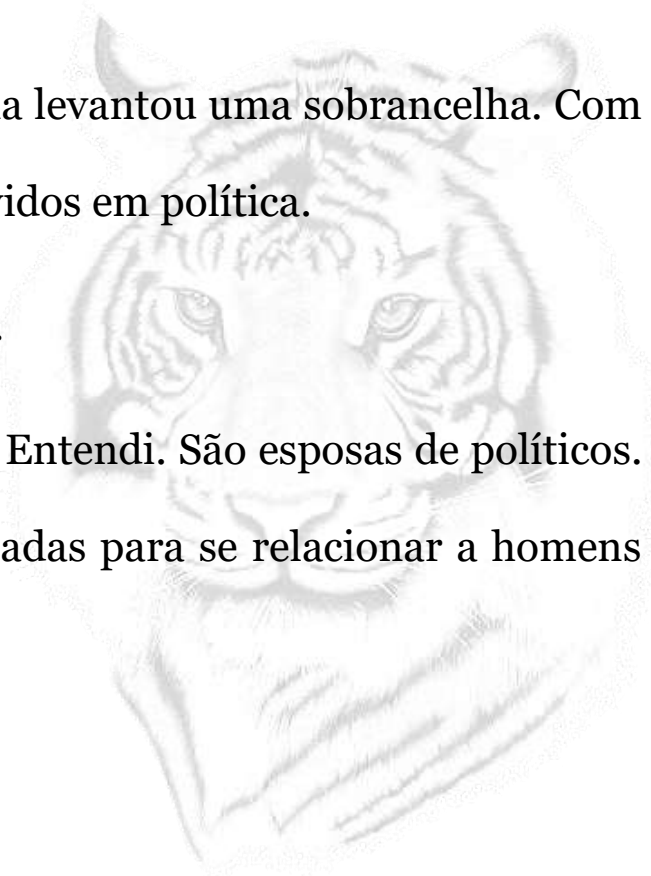
Jarek se aprumou, virando-a para olhá-la nos olhos. Havia mais nas mulheres Var do que a maneira depreciativa usada por ela. Mas, como poderia defender uma união por toda a vida? Attor não era um bom exemplo a ser mencionado. Ele tivera um harém.

– E... ? – Ela insistiu.

– Meus irmãos... – Hesitou e ela levantou uma sobrancelha. Com cuidado, terminou. – Estão envolvidos em política.

Não era uma completa mentira.

– Ah... – Sussurrou. – Política. Entendi. São esposas de políticos. Tem razão. Elas devem ser adequadas para se relacionar a homens



com tarefas tão intrincadas e de tempo integral. Realmente, seus irmãos tiveram sorte em suas escolhas.

Jarek assentiu

– Acaso mencionei que eu adorei do que cozinhou para o jantar?

Que só tentei provoca-la para ver sua reação. – Sorriu.

Mei riu divertida.

– Eu sabia que você tinha gostado! – Cutucou-lhe o flanco com o dedo.

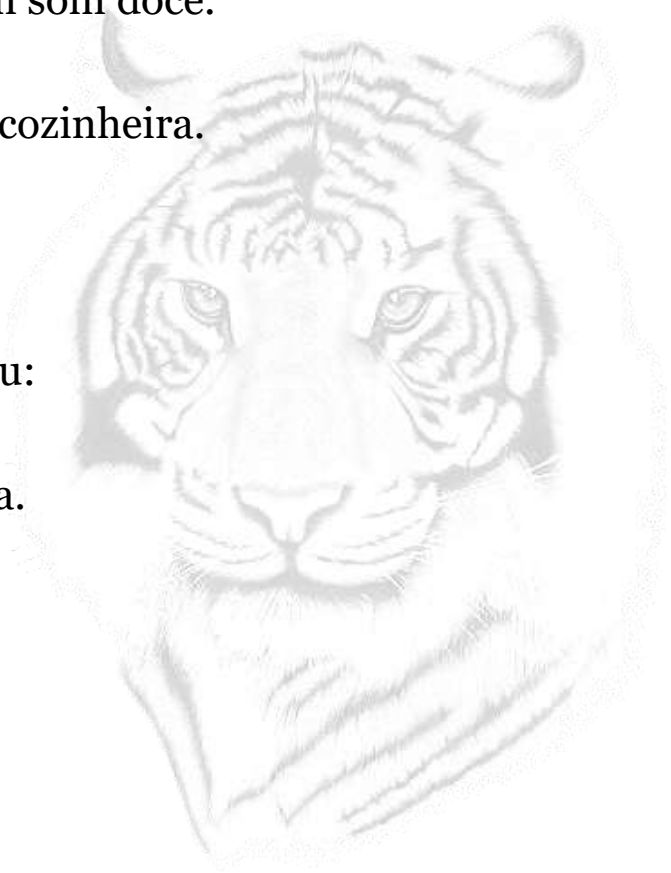
– Então que tal falarmos um pouco de sua família? – Tinha monopolizado a conversa, agora era a vez dela. – Todos são chefs de cozinha? – Mei riu de novo, foi um som doce.

– Não, eu menti. Não sou uma cozinheira.

– Então?

Ela sorriu enigmática e declarou:

– Eles também estão na política.



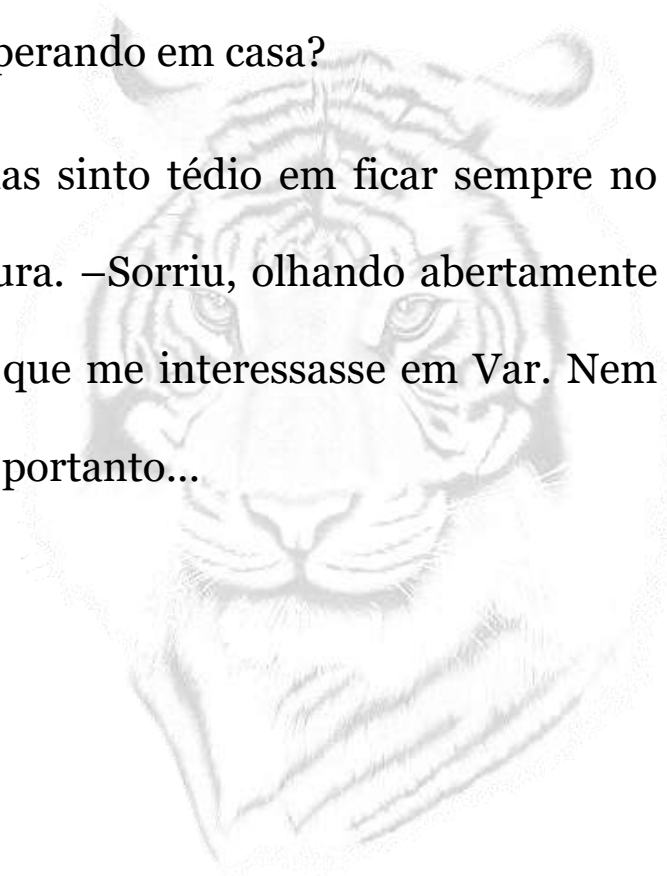
Jarek se perguntou se ela estaria dizendo a verdade. Era difícil sentir suas reações, principalmente quando sua libido estava a toda. A sensação de seu corpo nu na cama, perto dele, tornava muito difícil concentrar-se.

– E você bonitão, decidiu percorrer outro caminho. – Disse rindo. – Acho que é por isso que ainda não voltou ao seu planeta. Não creio que ser pirata, contribua para engrandecer a reputação da família, certo?

– É, algo assim. – Disse Jarek.

– Então, o que houve, qin ài de? Você não gosta muito do marasmo de viver em seu planeta, certo? Nenhuma companheira de vida ou meio companheira lhe esperando em casa?

– Hum, sinto muito, Fada, mas sinto tédio em ficar sempre no mesmo lugar. Eu gosto de aventura. – Sorriu, olhando abertamente os seus seios. – Não havia nada que me interessasse em Var. Nem era necessária a minha presença, portanto...



– Nem talvez uma meio companheira em algum lugar do espaço com que eu deveria me preocupar? – Perguntou maliciosa.

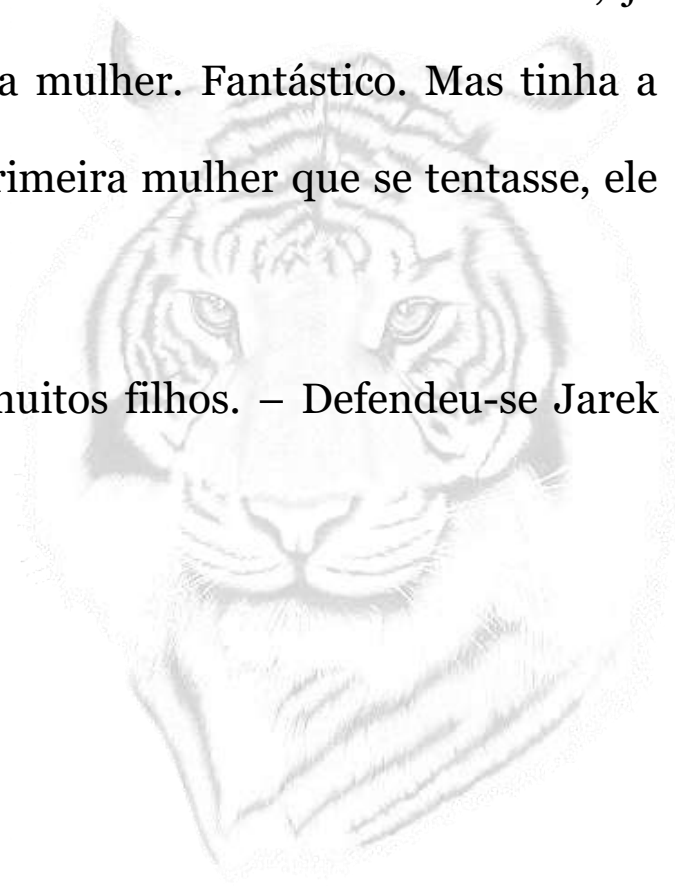
– Huumm, não, nenhuma para se preocupar. – Seu tom de voz baixou, e não conseguiu evitar que seu olhar vagasse até se fixar na pequena faixa de pelos escuros entre suas coxas. – Sou livre como uma flor solar, que gorjeia nos bosques de meu planeta de origem

– Ah, mal posso acreditar que além de ser um Capitão pirata também é um poeta.

Ele encolheu os ombros.

– Acha que algum dia encontrará uma mulher que o encerrará em uma gaiola? – Perguntou Mei timidamente. Só de olha-la, já sabia que ela não queria ser essa mulher. Fantástico. Mas tinha a sensação que ela poderia ser à primeira mulher que se tentasse, ele estaria inclinado a permitir.

– Um homem Var deve ter muitos filhos. – Defendeu-se Jarek em voz baixa.



– Ah, mas não se precisa casar-se para isso. – Mei contra-atacou.

– De fato. – Respondeu Jarek, embora para ele não fosse opcional. Para carregar seu filho, a mulher teria que ser reclamada por ele. Não tolerava a idéia de tirar um bebê de sua mãe e não permitiria que a mãe lhe negasse o convívência com o bebê. E encontrar uma mulher disposta a navegar sem rumo no espaço, seria um desafio quase impossível. Naves espaciais e portos estrangeiros não eram lugares ideais para se criar um filho, ele ainda não estava disposto a deixar a vida que tanto ansiara.

– Bem, meu terrível pirata, que tal esquecermos toda essa conversa, hein? Temos coisas muito mais interessantes a tratarmos em nossa cama. – Mei se voltou de lado e acariciou sua coxa. Ainda estava sentado e ela deslizou a mão facilmente por sua perna até alcançar seu membro se enrijecendo.

Jarek, estranhamente, sentiu-se pesaroso por ela descartar tão facilmente a conversa, e triste por constatar que, além do sexo, não haveria nenhum tipo de vínculo entre eles. Com a mão em punho,

bombeando ao longo de sua longitude, estimulou-o até que ereção se completasse.

Jarek gemeu, jogando para trás a cabeça aprovando.

– Antes de irmos mais longe, qin ài de. – Mei sussurrou. – Quero sua palavra.

– No que?

– Serei sua mulher nesta nave, e de ninguém mais. Não serei passada de um homem a outro. – Afirmou decidida

Jarek lhe tocou o rosto docemente, queria aplacar seus temores. Nenhum deles tinha maltratado uma mulher de tal modo.

– Não tem o que temer, Fada, esta nave é minha. Meu território. E, enquanto estiver sob minha proteção, nenhum mal lhe acontecerá. – Sua voz baixou. – Juro que a protegerei com minha vida.

“A protegerei com minha vida.” Mei sorriu. Foi um sorriso tímido, delicado. Seus olhos se fixaram em sua boca. Jarek a olhou

maravilhado. Como era possível parecer tão inocente e ser tão desinibida ao mesmo tempo?

– Dou-lhe minha palavra de honra. – Afastou os cabelos negros de seu rosto, gostando da idéia de possuí-la de tal modo, declará-la sua, ainda que fosse apenas sua amante na nave. Na verdade, não podia reclamá-la mesmo que quisesse. Sabia muito pouco sobre ela. *“Continue se dizendo isso, Jarek.”*

– Fale-me sobre você, Fada. – Acariciou sua face. – Por que fugia?

– Shh... – Sacudiu a cabeça em negação. – Mais tarde, qin ài de. Agora quero você novamente.

Era uma ordem que Jarek não queria desobedecer. Puxou Mei para seus braços, beijando-a profundamente. Sua boca era uma droga viciante. Sua língua quente e aveludada deslizou contra a dele, enredando-o em um beijo profundo, que roubava até o fôlego.

Mei o empurrou sobre a cama, salpicando beijos abaixo de sua garganta enquanto empurrava sua cabeça para trás. Deslizava as

mãos sobre sua pele enquanto lambia um rastro perversamente delicioso em seu pescoço, lambeu seus mamilos, mordendo-os delicadamente para o centro de seu peito e abdômen. Rodeou-lhe o umbigo antes de avançar lentamente mais abaixo, alcançando finalmente a ereção rígida e pulsante.

Ela beijou ao longo de seu pênis, terminando sobre o eixo grosso e subindo, antes de abocanhar a ponta em sua boca. Jarek olhou quando ela o envolveu com a boca e mãos. Era puro erotismo. Quando estava perto de culminar, soltou-o e subiu sobre ele.

Seus cabelos se derramavam sobre seu ombro. Era um espetáculo glorioso. Ela baixou sobre ele, sussurrando palavras que mal podia entender. Jarek a deixou tomá-lo a sua maneira, quando o ritmo passou a ser mais rápido, necessitado. Ela era uma raposa ardilosa na cama, tão insaciável quanto ele. Não podia deixar de olhar com assombro alguém que finalmente era seu igual na cama.

Jarek gozou outra vez com ela sobre ele, deixou que suas sementes entrassem em seu corpo quente e trêmulo. Depois ela desabou sobre ele, o corpo satisfeito. Jarek abraçou-a, sem se

importar com o peso ofegante. E quando ela adormeceu sobre seu peito, permaneceu acordado, e pensativo.

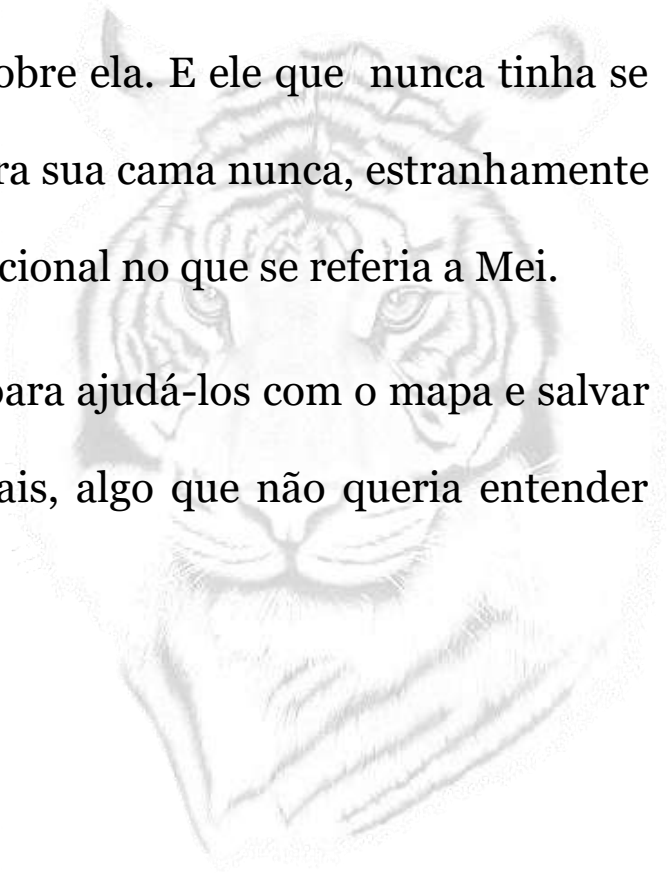


7

Jarek suavemente afastou Mei de seu corpo, beijou-a na têmpora antes de deixá-la deitada.

Saiu da cama e vestiu-se rapidamente. Tinha que revezar a turma de reparos da nave. Quando a deixou em seu quarto, lançou-lhe um último longo olhar. Sentia-se próximo a Mei em um nível primário, mas desejava ardentemente conhecê-la melhor. Gatos Sagrados, ele queria saber tudo sobre ela. E ele que nunca tinha se incomodado com quem levava para sua cama nunca, estranhamente nutria agora uma curiosidade irracional no que se referia a Mei.

Talvez por ter de confiar nela para ajudá-los com o mapa e salvar Rick. Ou quem sabe seja algo mais, algo que não queria entender realmente nesse momento.



Jarek franziu o cenho, enquanto caminhava pelo corredor vazio.

Respirou fundo antes de unir-se à tripulação. Para sua surpresa, toda a tripulação estava ali e trabalhando. E todos lhe lançaram olhares de cumplicidade assim que entrou na sala de máquinas.

– Decidiu comparecer a seu turno, Capitão? – Brincou Lucien, sem largar o que estava fazendo.

– Hey, eu ordenei que arrancassem da cama qualquer um que não aparecesse. Isso me incluía. – Queixou-se, dando um sorriso forçado. A culpa o golpeou com força. Agora não era o momento para distrações, Rick dependia deles. – Como estão os reparos?

– Tudo bem, Capitão sabemos que está fazendo o necessário para ajudar Rick. – Declarou Evan em voz baixa, só para o Capitão ouvir.

Jarek reprimiu um riso cansado, desejando pela primeira vez que Evan não fora tão sagaz.

– A comunicação está quase restaurada. – Disse Lucien. – Experimente agora. Os painéis de comando estão em funcionamento e preparados para seguir viagem. Logo o

computador central será reiniciado e nos colocará nas coordenadas de navegação. Quase tudo está operacional, Capitão.

– Excelente. – Jarek os congratulou.

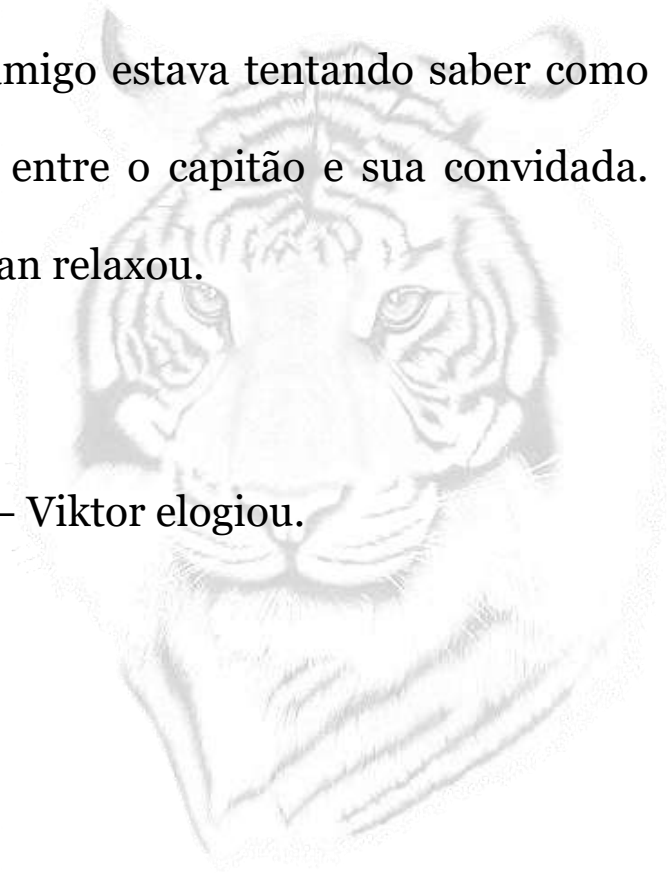
– Bem, mas temos um probleminha. – Afirmou Viktor. – Usamos algumas peças do simulador de alimentos que só está funcionando parcialmente no momento, até chegarmos a um porto e fazermos reposições de peças, teremos que nos virar com o que temos a bordo.

Os homens gemeram com malícia. Jarek se absteve de comentários.

– É bom termos Mei a bordo, não? – Evan o observava atentamente. Jarek sabia que o amigo estava tentando saber como as coisas estavam transcorrendo entre o capitão e sua convidada. Jarek assentiu com a cabeça, e Evan relaxou.

– É mesmo. – Disse Dev.

– É uma excelente cozinheira. – Viktor elogiou.



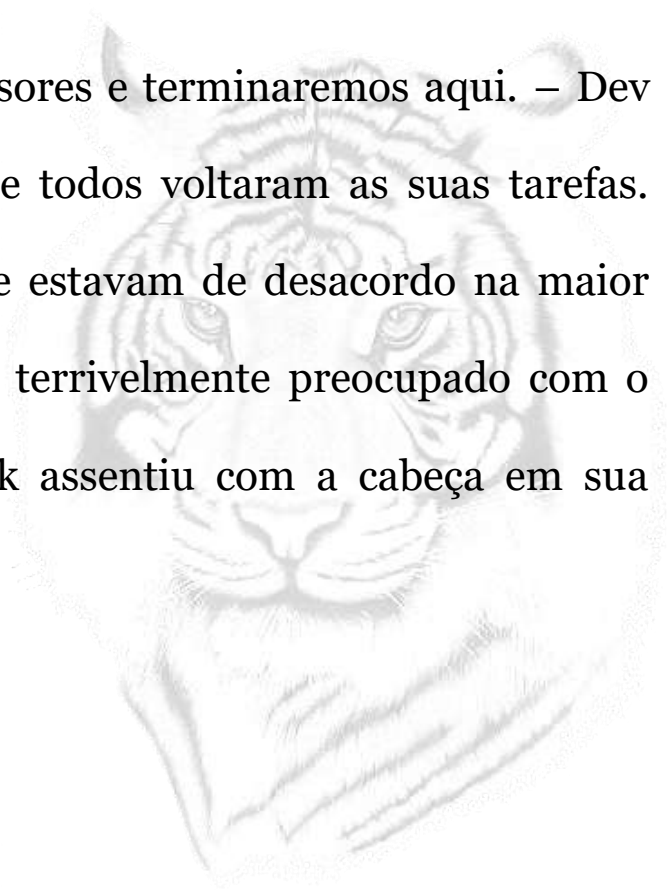
– Antes que a deixemos onde quer que seja, acha que se pedirmos com jeitinho, ela formularia o programara da unidade com algumas de suas receitas? – Perguntou Lucien.

Os homens se viraram para ele, os rostos com expressões esperançosas. Jarek riu entre dentes, dizendo:

– Verei o que posso fazer.

Sorrisos de agradecimento brilharam na sala de máquinas. Negou com a cabeça. Programar o simulador, não seria uma prioridade, mas entendia seus desejos. Comer comida formulada por programadores de outros planetas, era quando muito, tedioso e as vezes bem arriscado.

– Vamos só ajustar os propulsores e terminaremos aqui. – Dev afirmou, finalizando a conversa e todos voltaram as suas tarefas. Jarek o fitou. Rick e Dev sempre estavam de desacordo na maior parte do tempo, mas Dev estava terrivelmente preocupado com o companheiro desaparecido. Jarek assentiu com a cabeça em sua



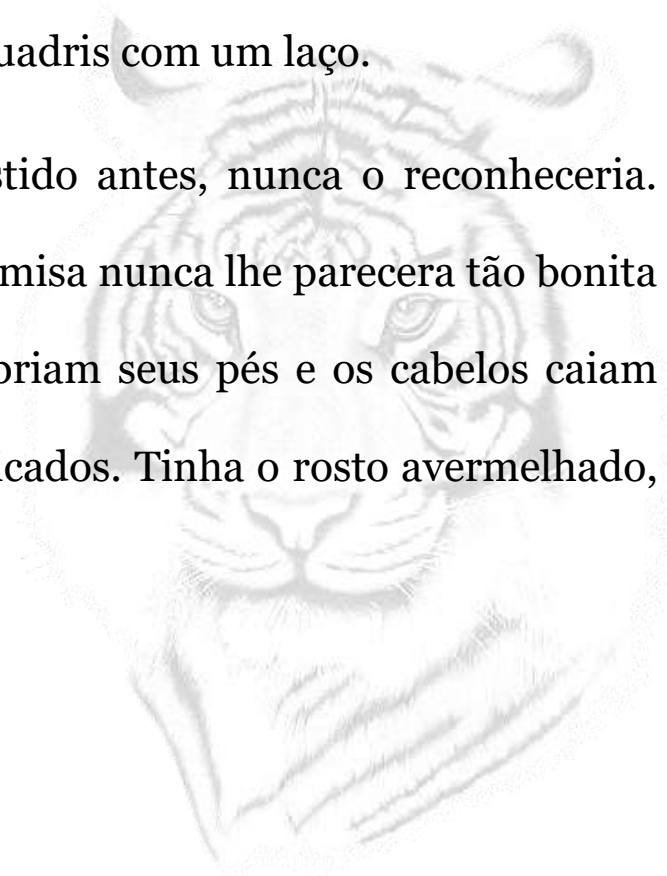
direção. Todos estavam preocupados e dariam o máximo de si para resgatar o amigo.

– O porto mais próximo daqui está a aproximadamente umas doze horas. – Disse Lochlann. – Faremos as reposições e abasteceremos a nave, chegaremos a Lintian em...

Jarek assentiu lentamente. Abriram a boca para responder, mas parou quando notou que todos estavam olhando sobre seu ombro. Voltou-se para a porta, e viu Mei.

Usava uma de suas camisas. A peça solta e escura estava amarrada a sua cintura, ressaltando uma faixa estreita de pele sobre seu ventre. Transformara o vestido em uma saia amarrara a faixa larga de seda que envolvia seus quadris com um laço.

Se ele não tivesse visto o vestido antes, nunca o reconheceria. Jarek umedeceu os lábios. Sua camisa nunca lhe parecera tão bonita e sensual. Sapatilhas escuras cobriam seus pés e os cabelos caíam em ondas sobre seus ombros delicados. Tinha o rosto avermelhado,



tinha a aparência de uma mulher depois de sair da cama de um homem. Seus olhos estavam claros, brilhantes e sem vergonha.

Jarek engoliu em seco, confuso demais para encontrar as palavras. Jogou um olhar aos amigos atrás de si. Pareciam sofrer do mesmo mal que ele. De queixo caído, enquanto contemplavam à bela mulher a entrada.

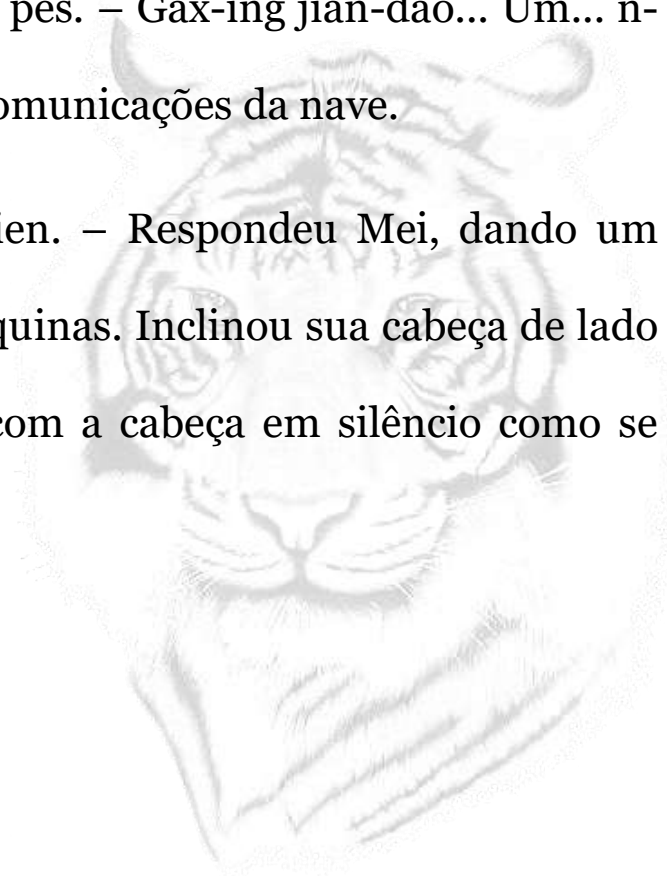
Dev rompeu o silêncio.

– Seja bem vinda, minha senhora.

– Obrigada. – Disse Mei.

– Hum, G-gax. – Gaguejou Lucien, dando um passo adiante enquanto tropeçava nos próprios pés. – Gax-ìng jian-dào... Um... n-
Î. Sou Lucien. Encarregado das comunicações da nave.

– Prazer em conhecê-lo, Lucien. – Respondeu Mei, dando um passo para dentro da sala de máquinas. Inclinou sua cabeça de lado e os observou. Lucien saudava com a cabeça em silêncio como se nunca tivesse visto uma mulher.



– Olá. – Viktor avançou, passando ao lado do irmão embasbacado. – Eu sou Vicktor. Sou o engenheiro mecânico da nave. Posso arrumar qualquer coisa que precisar, minha senhora.

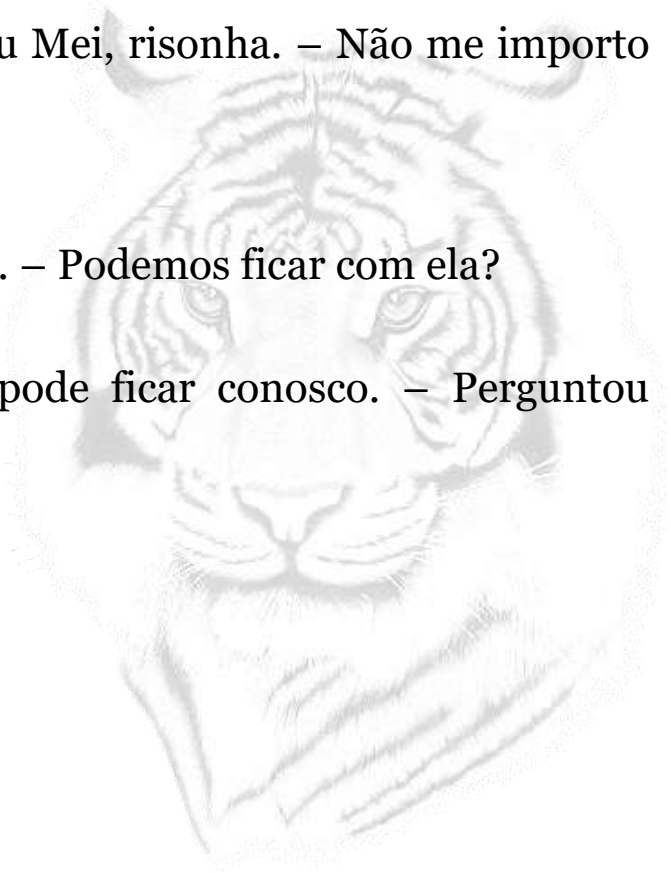
– Prazer em conhecê-lo Viktor. – Mei o cumprimentou com um pequeno sorriso. – Você é quem me obrigou a cozinhar?

– Sim. – Respondeu Viktor ofuscado com o sorriso. Então, pensou no que acabara de proferir e acrescentou. – Quero dizer, não, não, foi Jarek que quebrou o simulador de comida. Eu vou arrumá-lo para a senhora agora mesmo. – Mei levantou uma delicada sobrancelha. – Ah, bem, agora não posso. –Corrigiu-se. – Usamos uma parte... E... É muito bonita, minha senhora.

– Não se preocupe. – Declarou Mei, risonha. – Não me importo de cozinhar.

– Ai, Jarek. – Suspirou Lucien. – Podemos ficar com ela?

– Isso mesmo, Capitão, ela pode ficar conosco. – Perguntou Viktor, sem fôlego. – Por favor?



Jarek riu. Os olhos de Mei se estreitaram um pouco, parecia zangada.

– Hey, vocês são as pu ren? – Demandou com o olhar fixo em Lucien e Viktor.

Os tripulantes se puseram a rir, exceto os irmãos Dere que olhavam com vergonha o chão. Jarek ficou impressionado com sua rápida observação.

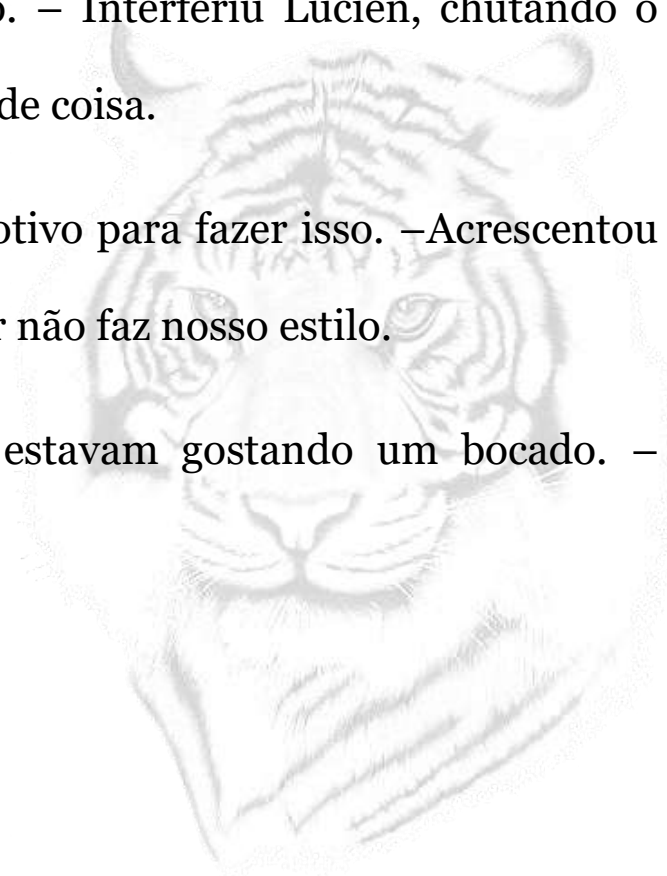
– Vocês são as pu ren que vi fugir do palácio do imperador Song, certo?

– Bem, senhora... – Começou Viktor.

– Não é o que está pensando. – Interferiu Lucien, chutando o chão. – Não gostamos desse tipo de coisa.

– Bem, tínhamos um bom motivo para fazer isso. – Acrescentou Viktor. – Vestir roupas de mulher não faz nosso estilo.

– Mas parecia que os dois estavam gostando um bocado. – Brincou Lochlann.



Mei se aproximou, observando a todos com cuidado. Finalmente, seus olhos escuros se voltaram para Jarek. Suas entranhas se torceram em resposta. Ela só precisava fazer isso para afetá-lo. Mal conseguia respirar quando Mei o olhava desta maneira. Era como uma descarga elétrica correndo em seu sistema nervoso, como se alguém lhe desse um balaço no coração.

Gatos Sagrados! Como é deliciosa. Tudo parecia correr em câmara lenta enquanto a olhava. Seu corpo desejando estar perto dela. Ela o intrigava também. Tudo sobre Mei o fascinava total e completamente.

– Não há outra mulher nesta nave, certo? – Exigiu.

Jarek soltou um sorriso envergonhado e encolheu os ombros. Avançando lentamente, ela o deteve tocando-o com o dedo ligeiramente em seu peito. Olhou-o e sorriu, completamente desavergonhada com que os outros poderiam pensar sobre seu gesto. De fato, seus olhos o reclamavam, tal como sua expressão aberta. Sua mão pousou acima de seu coração e se ergueu, olhando–

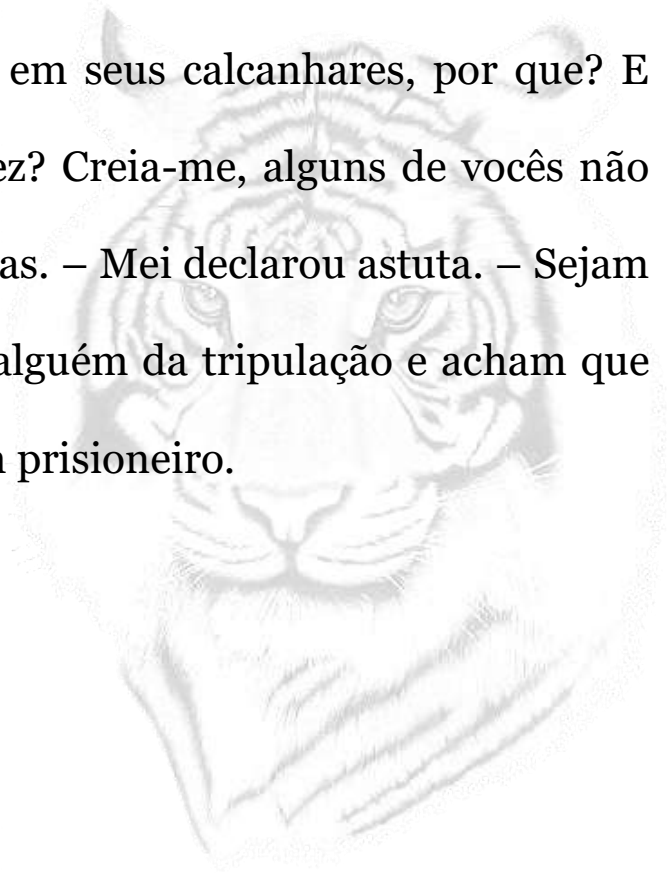
o fixamente como se quisesse que o resto da tripulação soubesse que ele era dela.

– Então o que roubou do Imperador Song? – Mei manteve sua mão no peito, enquanto os olhava um a um.

Lucien e Viktor limpavam as gargantas e olhavam para os lados. Evan e Jackson voltaram a trabalhar no propulsor. Dev não se moveu. Lochlann sorriu abertamente.

– E quem disse que roubamos algo? – Jarek perguntou, olhando-a. Adorou que ela não estivesse envergonhada por ser sua mulher.

– Não estou entendendo? Foram ao palácio Song, saíram correndo com a guarda imperial em seus calcanhares, por que? E agora planejam voltar lá outra vez? Creia-me, alguns de vocês não ficarão nada bem vestidos de servas. – Mei declarou astuta. – Sejam francos, vocês estão procurando alguém da tripulação e acham que o Imperador Song o tem como um prisioneiro.



– Não queremos causar problemas a seu Imperador. –

Assegurou-lhe Jarek, surpreso com sua percepção.

– O Imperador Song? – Mei riu. – Não é meu Imperador. Singhai não é meu lar.

– Era uma prisioneira? – Perguntou Dev. O coração de Jarek se apertou ao imaginá-la em situação de perigo.

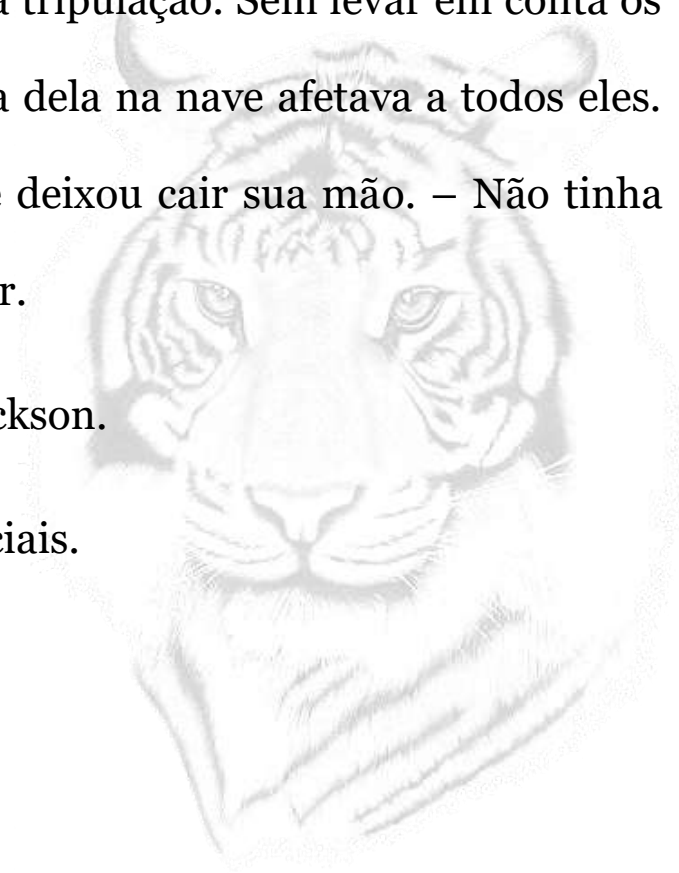
– Viu Rick nas prisões? Conhece-o?

– Não era uma prisioneira, era uma convidada do Imperador Song. – Mei afirmou. Os olhos dela se fixando nos seus.

– Então, por que tentou escapar, se era uma convidada? – Jarek não tinha nada a esconder de sua tripulação. Sem levar em conta os próprios sentimentos, a presença dela na nave afetava a todos eles. Mei levantou uma sobrancelha e deixou cair sua mão. – Não tinha intenção de fugir. Queria era lutar.

Dev riu e estendeu a mão a Jackson.

– Me deve vinte créditos espaciais.



– Queria lutar e contra mim? – Sorriu Jarek, incrédulo.

Mei ofegou, fingindo ofender-se.

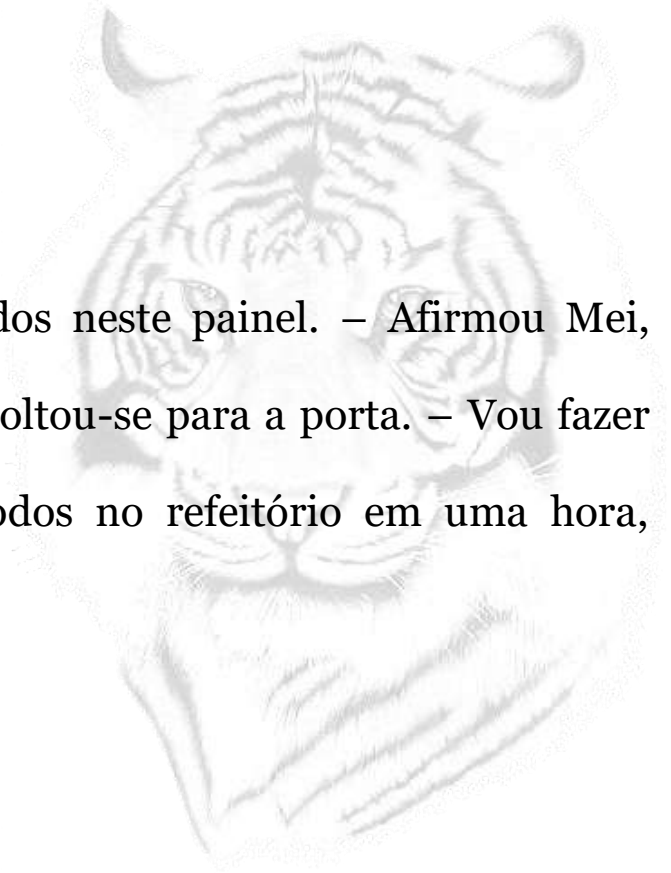
– Como se você não tivesse percebido!

– Mas doçura, você se atirou em meus braços. – Comentou Jarek, sabendo que estava sendo arrogante. Não podia evitá-lo. Ela era adorável. – Achei que você foi incapaz de resistir a meu encanto, mesmo a distância.

– Que Meus Antepassados me ajudem. – Ela deu-lhe um tapinha no seu peito. Passou diante dele, e chegando ao propulsor, pegou um laser e o entregou a Evan que estava entretido nos reparos. – Ao menos você poderia fingir para aplacar meu ego. Faça de conta que o machuquei.

Jarek riu.

– Evan os cabos estão cruzados neste painel. – Afirmou Mei, entregando o laser a Lochlann. Voltou-se para a porta. – Vou fazer algo para o almoço. Quero a todos no refeitório em uma hora,



limpos e asseados, se quiserem comer. Aviso-os de que não jantarei com um bando de lajiyaoguài.

Quando Mei se foi pelo corredor, os homens riram. Jarek ficou na porta olhando-a se afastar.

– O que é um alaji yaoguài?

– Estrelas benditas, se sei. – Jurou Viktor. – Mas se ela não gosta, não serei eu a contrariá-la.

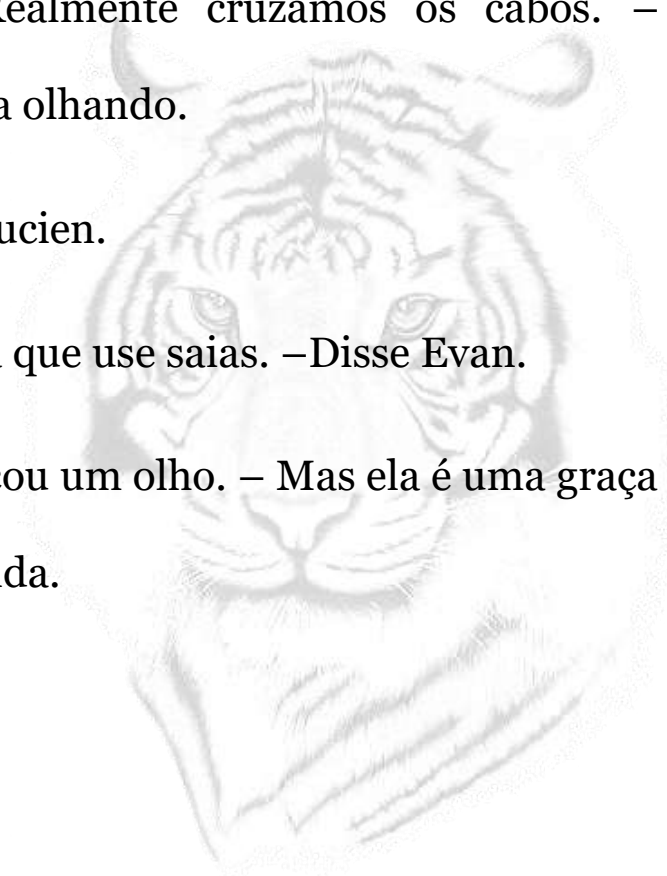
– Imagine, uma coisinha como ela, dominando um bando de marmanjões. – Disse Jackson, rindo entre dentes enquanto sacudia a cabeça.

– Diabos, ela tem razão. Realmente cruzamos os cabos. – Lochlann olhou onde Mei estivera olhando.

– Eu gosto dela. – Anunciou Lucien.

– Você gosta de qualquer coisa que use saias. – Disse Evan.

– Tem razão. – Lucien lhe piscou um olho. – Mas ela é uma graça e atacou o capitão, é bem destemida.



– Ou muito tola. – Dev aparteou, aparentemente sem emoção.

– Como ela sabia sobre Rick? – Perguntou Jarek quando Mei já não estava à vista.

– Certamente por um de nós. Estávamos falando dele aqui. Pode ter estado em algum duto perto de nós – Lochlann deu de ombros.

– Mas isso não importa. Evan disse que ela é uma boa pessoa.

– Evan. – Disse Jarek.

Evan limpou a garganta.

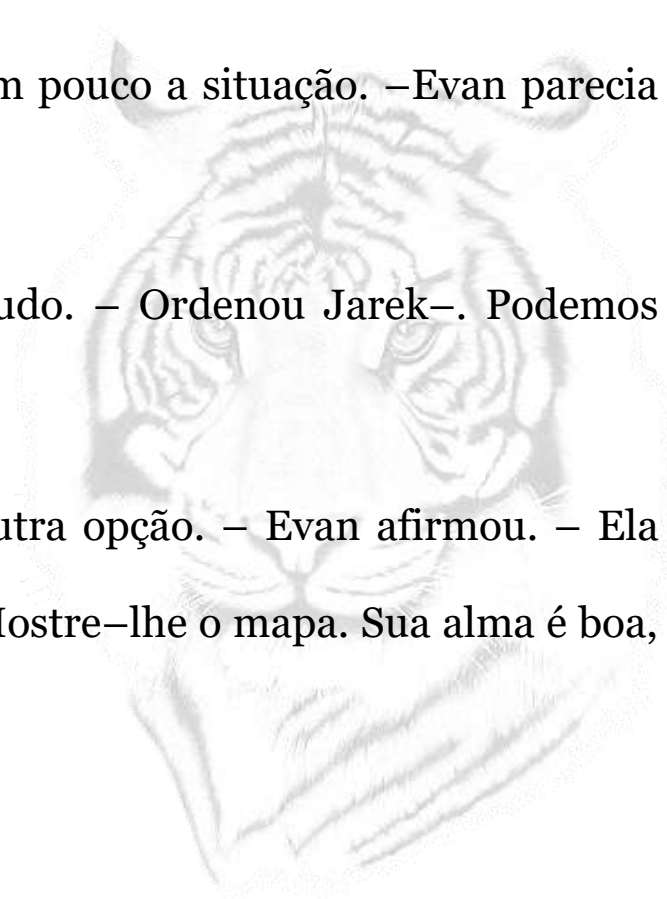
– Bem, Mei é uma boa pessoa.

Jarek arqueou uma sobrancelha e cruzou os braços.

– Eu posso ter manipulado um pouco a situação. –Evan parecia culpado.

– Muito bem, desembuche tudo. – Ordenou Jarek—. Podemos confiar nela?

– Não creio que tenhamos outra opção. – Evan afirmou. – Ela parece gostar de você, Capitão. Mostre-lhe o mapa. Sua alma é boa,



embora sempre haja o risco de que esconda algo ou que sua lealdade a manterá fiel a outros contra nossos objetivos.

– Duvido que ela esteja com os traficantes de drogas. – Apontou Dev.

– Sinto-me obrigado a lançar a advertência. – Reiterou Evan. Todos sabiam que não gostava de usar seus dons, apesar de, às vezes ser necessário. Nunca se queixara disso, mas ele tinha um ar melancólico.

– Mensagem recebida. – Lucien respondeu. – Continuo a gostar da pequena. Creio que podemos confiar nela.

– Já disse isso antes. – Vicktor o repreendeu.

– Parece que todos gostam dela. – Declarou Dev.

Lochlann e Jackson assentiram. Jarek suspirou.

– Muito bem. Terminemos os reparos, depois Evan nos colocará no curso para o porto mais próximo. Falarei com ela depois de comermos. – Jarek respirou fundo e fez gestos a Evan para que o seguisse. Quando estavam sozinhos no corredor, disse: – Ok, além

de ter manipulado “*um pouco*” a situação o que mais está me escondendo?

– Nada mais, Capitão, juro. Ela é realmente difícil de ler. Mas quando o senhor entrou no refeitório, ela mostrou... Ah... Muito interesse. Era evidente demais, não é necessário ser telepático para comprovar o fato. Toda a tripulação notou.

– Ser alcoviteiro está um pouco fora de sua especialização, se é que me entende?

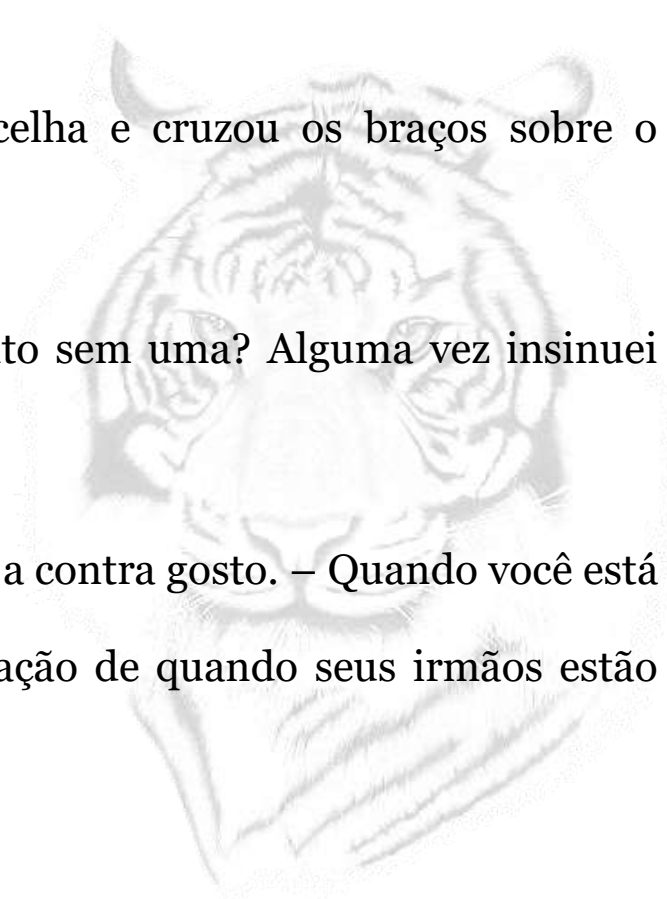
Evan deu de ombros.

– Seus irmãos parecem bem satisfeitos por terem encontrado suas companheiras.

Jarek levantou uma sobrancelha e cruzou os braços sobre o peito.

– E acaso não pareço satisfeito sem uma? Alguma vez insinuei que me sinto solitário?

– Tudo bem. – Evan suspirou a contra gosto. – Quando você está perto dela, tenho a mesma sensação de quando seus irmãos estão



perto das esposas. É exatamente a mesma coisa. É grandioso, intenso, tão forte que me faz estremecer até me dá um pouco de náusea. Para falar a verdade, às vezes, é um pouco difícil estar perto de vocês. Sentir esse tipo de paixão delirante e não ter o mesmo é uma tortura. Sentir que Mei é sua alma gêmea e não o empurrar nessa direção é inconcebível para mim. Sei o quão obstinados foram seus irmãos ao lidar com suas paixões. Estar perto de Reid e Falke quando as encontraram em seu caminho, foi... Bom... Digamos apenas que eu preferiria me sentar em uma banheira cheia de ácidos lopen. Por mim, por favor, Capitão, não me faça passar outro inferno sendo obrigado a sentir outro Príncipe Var encontrando e negando o amor por qualquer tolice, sei que o senhor foi educado por um pai que era carente de amor e compaixão, é compreensível, mas não arrisque a felicidade por algo tão ínfimo.

Jarek não se moveu. Evan respirou fundo e continuou.

– Quando Falke se apaixonou por Sam, não foi de muita ajuda ser franco sobre seus sentimentos pela Comandante. Mas, Reid, é seu gêmeo, e sinceramente foi... – Evan assobiou, balançando a

cabeça como se ainda pudesse sentir a tensão sobre o Príncipe Reid e os infortúnios em relação a sua esposa Jasmine. – Não. Não quero isso na minha cabeça.

Jarek bufou um pouco irritado.

– Ah, você não quer isso *“na sua cabeça”*?

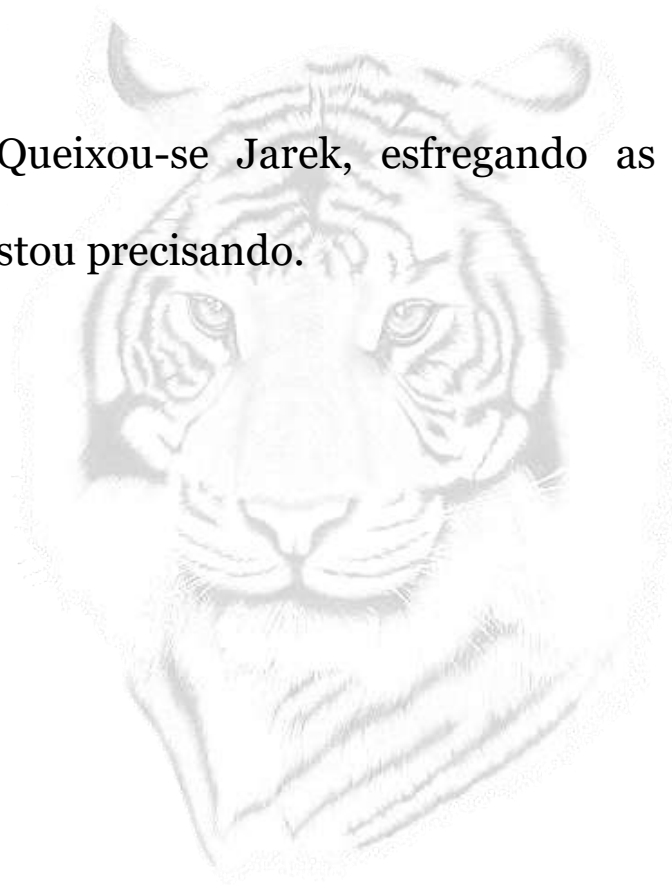
– É claro. – Evan concordou, assentindo entusiasmado com a cabeça. – Obrigado por entender. Ah, e quando se encontrarem no quarto esta noite, que tal um *“case comigo”* depois fale do mapa com ela, seria genial. Sabe, assim me salvaria de passar semanas a lê-lo meditar sobre seus desejos só para vê-lo chegar à conclusão, que está mais do que claro para mim, e aparentemente para todos os outros, que você e Mei parecem pertencem um ao outro, assim como seus irmãos a suas esposas. Realmente, acho que os homens Var enxergam suas amadas assim que batem os olhos nelas, mesmo que suas mentes não estejam dispostas a concordar com seus instintos primitivos. Nunca conheci uma espécie com um objetivo tão decidido quando se trata de... Diabos, nem sei como chamá-lo. Parece um dispositivo de rastreamento que quando encontra o

objeto de seu interesse se nega a mudar de direção até que o alcance? É, acho que posso usar isso como uma analogia. Bem, o senhor a encontrou. Boa sorte com o pedido. Ah, não se esqueça de lhe dizer como se sente quando está com ela. Os Vars, às vezes, têm problemas com isso. Não se esqueça, também de lhe dizer que é por toda a vida, e explique bem o que significa, só para que a outra parte saiba o que vai acontecer. E acima de tudo, declare seu amor em voz alta e com convicção para que Mei entenda a situação.

Jarek abriu a boca, mas ficou sem fala.

– Sim, acho que isso cobre todas as falhas. – Evan lhe deu uns tapinhas no ombro e, assobiando, entrou de novo na sala de máquinas para ajudar os outros.

– Que Diabos foi isso. – Queixou-se Jarek, esfregando as têmporas. – Justamente do que estou precisando.



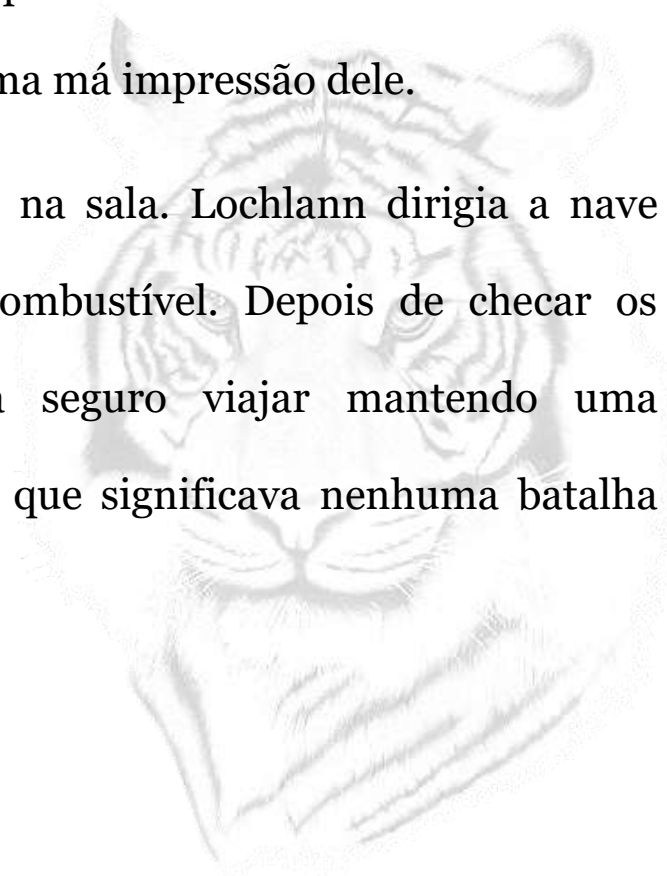


– De qualquer maneira, Rick terminou gastando todo o dinheiro da busca do tesouro em contratar...

Jackson parou seu relato, de repente um pouco vermelho de vergonha.

Mei riu e piscou maliciosa, olhando-o através da mesa do refeitório. Ela era adorável. Jarek estremeceu. Assim que as histórias começaram, ele sabia que seria uma má idéia. A última coisa que queria era Mei tendo uma má impressão dele.

O cheiro de comida flutuava na sala. Lochlann dirigia a nave para um porto em busca de combustível. Depois de checar os sistemas, decidiram que seria seguro viajar mantendo uma velocidade baixa e constante. O que significava nenhuma batalha



com outras naves, ou estariam em problemas. Seria uma viagem lenta pelo quadrante X.

Até atracar no porto, nada tinham a fazer, salvo esperar. Mei preparara outra refeição com arroz, verduras fritas e pãozinhos de sementes. Jarek estava impressionado, embora ainda não acreditasse que era de fato uma cozinheira profissional. Ela parecia tranquila e satisfeita enquanto falava e ria com a tripulação. Era como se os conhecesse a muito tempo.

– Então? – Insistiu Mei.

– Uh-hum. Gal-e... Uf... Pl-ate... Ah... Ma-sion. –Murmurou Jackson, agarrando uma bola de arroz frito e levantando-a como Mei lhes tinha mostrado que se fazia. Encheu sua boca. Quando acabou de mastigar, disse entusiasmado. – Nhanham, isto está realmente bom. Acha que pode programar essa receita em nosso simulador quando conseguirmos consertá-lo?

– Ah, sim, boa idéia. – Disse Jarek. – Se não se importar, quero dizer.

– Nham, isso mesmo. – Concordou Lucien, dando um grande bocado e fez um espetáculo ao desfrutá-lo.

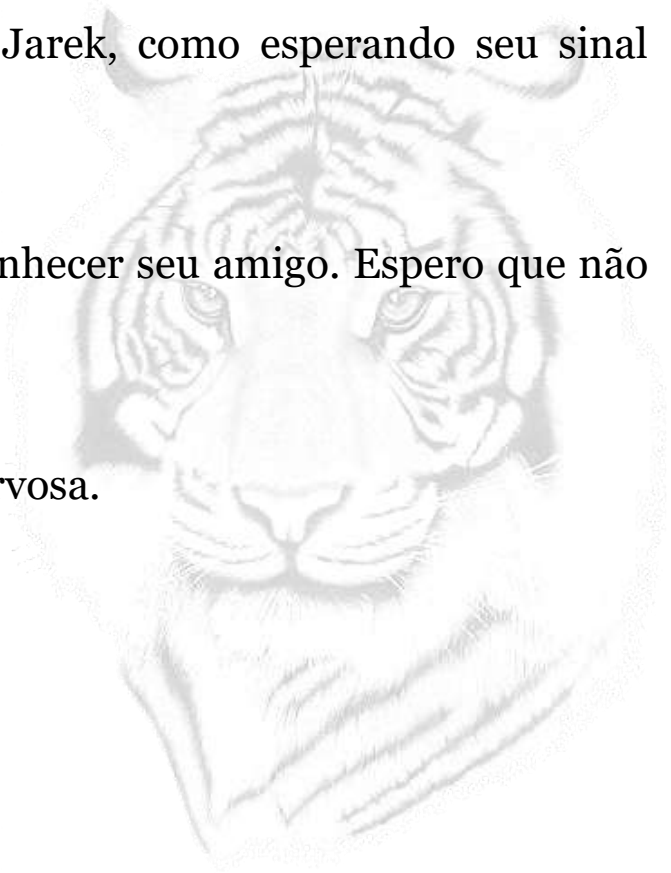
– Galaxy Playmate Mansion? – Perguntou Mei, ignorando seu constrangimento.

Os homens engasgaram. Partes de arroz voaram da boca de Jackson, que aterrissaram no prato de Viktor. Este o olhou fixamente durante um segundo, deu de ombros e pegou outro bocado. Lucien balançou a cabeça.

– É uma nave abarrotada de mulheres. Começa com "*Gal*" e termina com "*masion*". E, Rick esteve lá, não é muito difícil imaginar o resto. – Mei lhe piscou um olho. Os homens ficaram em silêncio. Então se viraram para Jarek, como esperando seu sinal para reagir. Mei se pôs a rir.

– Interessante. Gostaria de conhecer seu amigo. Espero que não demorem a resgatá-lo.

A tripulação relaxou, rindo nervosa.



– Estiveram na Galaxy, hein? – Mei se aproximou de Jarek ao lado, sussurrando. Ela arqueou uma sobrancelha em sua direção, aparentemente satisfeita quando ele pareceu adequadamente culpado.

– Tentávamos arrancá-lo de lá. – Justificou-se Jarek diplomaticamente.

– Boa resposta. – Mei lhe piscou um olho, inclinando-se para lhe dar um beijo no rosto, como se fazê-lo fosse a coisa mais natural do universo. – Meu querido, não precisa corar.

Os homens caíram na gargalhada.

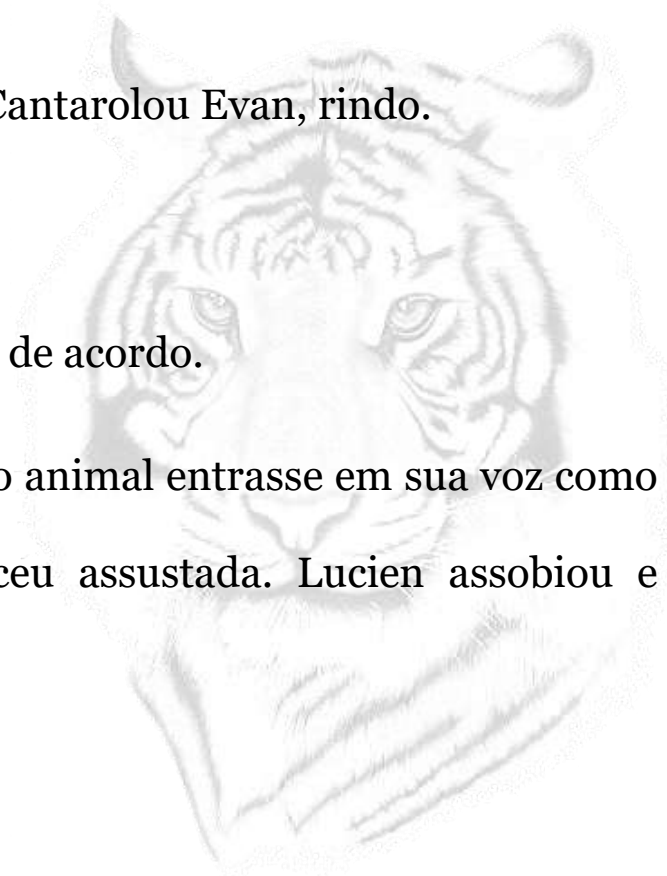
– O Capitão fica uma beleza quando cora. – Brincou Jackson.

– Absolutamente adorável. – Cantarolou Evan, rindo.

– Muito doce. – Disse Lucien.

– Encantador. – Viktor esteve de acordo.

Jarek grunhiu, deixando que o animal entrasse em sua voz como aviso. Sua tripulação não pareceu assustada. Lucien assobiou e



lançou um pãozinho coberto de sementes em Jarek. Sem pestanejar, Jarek apanhou e o meteu na boca.

– Humm, delicioso. – Disse enquanto mastigava. Já estava mais que satisfeito, mas não conseguia parar de comer. Seu olhar se fixou em Mei, sua paixão pela comida passando a se concentrar nela. Permitindo que um rosnado surdo entrasse em suas palavras, sussurrou a ela intencionalmente. – Delicioso.

Mei ruborizou, olhando o prato, pegou um dos pãozinhos e o meteu na boca. A risada dos homens só aumentou e as histórias recomeçaram uma vez mais.

Após a refeição, a pedido de Jarek, Mei o acompanhou pelos corredores. Ela envolveu o braço ao redor da cintura dele. Seu quadril roçando-lhe a perna enquanto caminhavam.

Jarek nunca havia se sentido tão completo em toda sua vida. Era como se Mei pertencesse a esse lugar, ao lado dele, como se estivesse ali sempre. Não podia explicar e realmente nem queria

tentar. Seja lá o que fosse, jamais se adaptara tão prontamente a outra pessoa.

Evan tinha razão. Havia mais entre eles que só uma mera aventura. Talvez estivesse enganado no que se referia a um compromisso permanente, afinal crescera em meio a idéias preconcebidas sobre as relações ente homens e mulheres. Era estranho que com apenas uma noite, Mei o fizera pensar de outro modo. Evan se enganara em só uma coisa, ele não tinha a obstinação de seus irmãos. Não era um homem que fugia de seus sentimentos. Por isso viajava agora no espaço. Seus sentimentos o tinham levado ali. Alguns até poderiam pensar que fugia da responsabilidade no espaço. Mas Jarek não via assim. Seguia somente seu coração.

Jarek envolveu seu braço ao redor das costas de Mei, parando no corredor para atraí-la para um abraço. O impulso de beijá-la era forte e não resistiu a isso. A doce boca se abriu para a sua; e imediatamente aceitando seu toque. Ele gemeu quando ela se

pendurou nele, gostando do modo como se moveu contra ele enquanto envolvia as pernas ao redor da cintura dele.

Rindo, Jarek a afastou um pouco.

– Gatos Sagrados nunca conheci alguém como você. Cada vez que a olho minhas mãos começam a suar, ansiosas por tocá-la.

– Conheço a sensação. – Brincou ela, beijando-o de novo. Ela tentou beijá-lo novamente, mas ele afastou o rosto. – Qual o problema?

– Falo sério, Mei. – Afirmou. – Nunca me senti assim com uma mulher antes. Eu...

Os olhos dela se entristeceram um pouco enquanto ele dizia as palavras e não as pôde terminar. Ela o brindou com um beijo na bochecha e deslizou as pernas até o chão. Deixou-a afastar-se e ficar diante dele. Imediatamente, seu corpo desejou tê-la mais perto outra vez.

– Jarek, eu também gosto de você. Nunca me senti assim tampouco. – Suspirou, colocando seu braço enlaçado ao dele

enquanto caminhavam no corredor. Jarek notara a tristeza nela.

Talvez fosse saudade de seu lar. Talvez estivesse preocupada com o futuro. Talvez estivesse muito assustada para acreditar nas intenções dele.

Talvez estivesse escondendo algo. Sabia muito bem que havia muito dele que não dissera a ela.

“Muito rápido.” Pensou. “Seja sensato”.



8

Mei ficou olhando o mapa que Jarek colocara diante dela. Estavam na cabine dele, o que tornava mais difícil concentrar-se. As lembranças do que fizeram ali transbordaram em sua mente, esforçou-se em abafar o desejo e concentrar-se no assunto que tinham em mãos. Seu coração esmurrava as paredes de seu peito e suas mãos tremiam. Olhou o pergaminho por um longo momento, tentando conter a súbita onda de náuseas e medo antes de levantar o olhar.

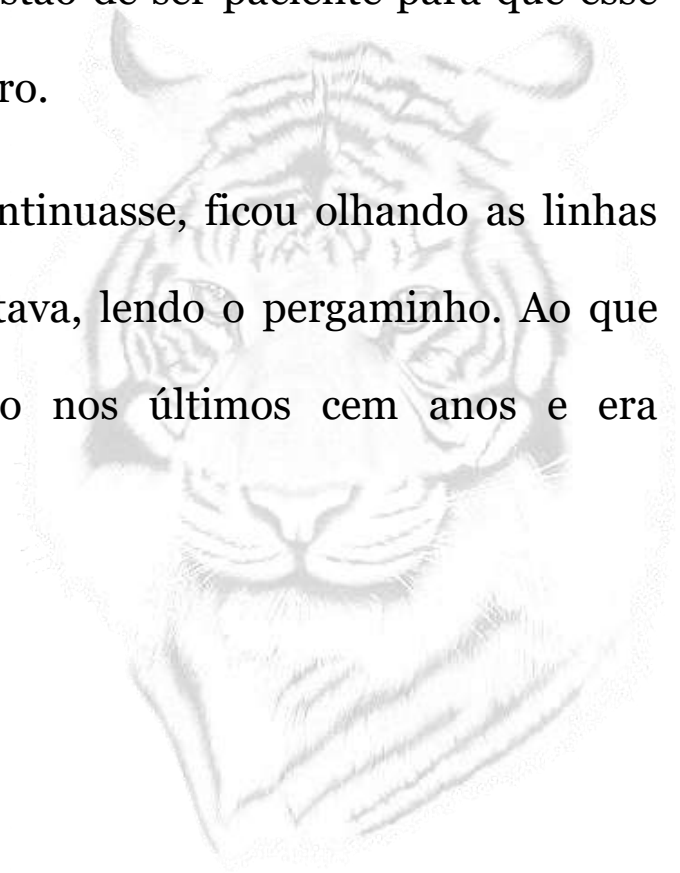
– Onde disse que encontrou isto?

– No palácio do Imperador Song. É por isso que a guarda perseguia Viktor e Lucien. – Respondeu Jarek. – Eu... Sinto que posso confiar em você. Eu preciso, quero confiar em você.

Mei assentiu, engolindo em seco. Por alguma razão, ao olhar seus olhos sérios, sentiu que confiava nele também. Havia muitos segredos nadando no olhar escuro de Jarek, mas enquanto ele falava, toda dúvida que se erguia nela, se fora.

Não era como antes, quando ainda estavam se conhecendo e ainda escondendo-se. O mero prazer físico que compartilharam se tornara algo diferente, havia uma conexão, uma sincronia entre eles, às vezes, sentia o coração dele batendo no mesmo compasso que o dela. Mei não era tola. Sabia que teria de tomar cuidado. Jarek continuava a ser um desconhecido. Entretanto, confiava nos próprios instintos. O vento a instigara a ir atrás dele. O destino tinha um plano. Era só uma questão de ser paciente para que esse plano tomasse forma e ficasse claro.

Esperando para que Jarek continuasse, ficou olhando as linhas familiares que o mapa representava, lendo o pergaminho. Ao que parecia, o mapa foi desenhado nos últimos cem anos e era inquietantemente preciso.



– Nosso amigo, Rick, foi sequestrado por traficantes de drogas intergalácticos. – Ele esclareceu. – É gente perigosa.

– O que Rick estava tratando com eles? – O queixo de Mei se apertou e ela mordeu o lábio inferior enquanto pensava. Sua atenção passando do mapa a Jarek, embora não o encarasse. Todos os seus instintos e treinamento como negociadora subiam a tona.

– Não sabemos. – Respondeu. Mais uma vez, não duvidou dele. – Rick, caso ainda não tenha suspeitado, é um sedutor contumaz. Meteu-se com a mulher errada no momento mais inoportuno, e ficou preso em seu jogo. Ele estava com ela quando foi sequestrado.

Mei levantou o olhar do mapa para se concentrar em seus olhos.

– Achamos que este mapa nos levará a alguma mina de jade roxo em seu planeta. Precisávamos encontrar essa mina e ouvimos rumores que havia um mapa no palácio de Shan Gung Din em Singhai. Só que este mapa não se parece com nada que já tenhamos visto. Não conseguimos entendê-lo e nossos tradutores não serviram de nada. Nem pudemos localizar certos pontos geográficos

no território de Singhai. Francamente, começo a acreditar que nosso risco não será útil para ajudar-nos a encontrá-lo.

Mei assentiu com a cabeça, mantendo os olhos baixos.

– Tem certeza de que eram traficantes de drogas?

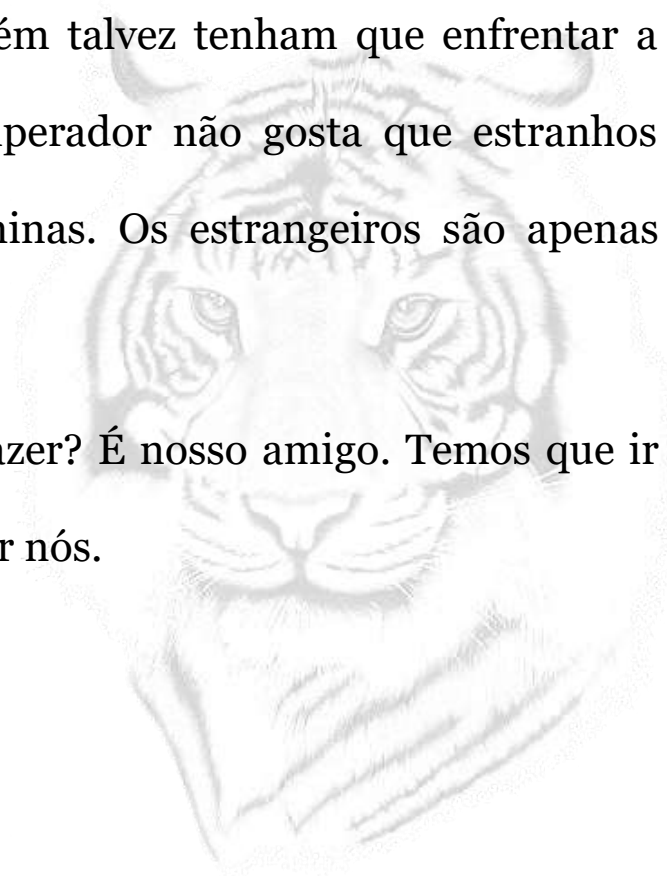
– Absoluta. – Disse Jarek. – Por favor, Mei. Juro que não queremos fazer mal a ninguém ou levar algo que não seja nosso. Só queremos resgatar nosso amigo.

– Sabe que ele pode já estar morto. – Disse Mei.

Jarek assentiu com a cabeça e não disse nada.

– E vocês podem morrer se forem atrás dele. Não só lidaram com traficantes perigosos, mas também talvez tenham que enfrentar a guarda imperial de Song. O Imperador não gosta que estranhos invadam seu palácio ou suas minas. Os estrangeiros são apenas tolerados em meu planeta.

– E o que mais poderíamos fazer? É nosso amigo. Temos que ir atrás dele. Rick faria o mesmo por nós.

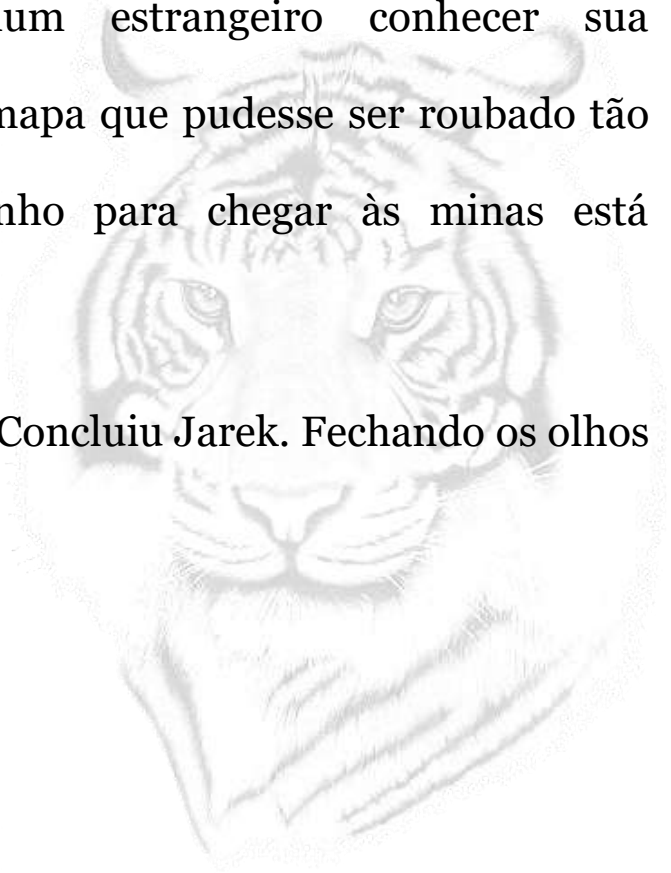


– É uma atitude muito honrada, Capitão. – Mei assentiu em sinal de aprovação. – E leal. Sei que sua família tem orgulho de você, mesmo que não aprove suas escolhas.

– Mei...

– Este mapa não é das minas. – Mei o interrompeu intranquila. Se Jarek estava dizendo a verdade, tinha que encontrar uma maneira de informar Haun. – Na verdade, não encontrará um mapa que os leve às minas. Sei que o caminho às minas se esconde nos afrescos em relevo ao longo das paredes, tetos e pisos do palácio Shan Gung Din. A menos que lhe entreguem a localização, nunca a encontrará. Essas minas tem um valor enorme para o Império Singhai. Não deixaram nenhum estrangeiro conhecer sua localização, e jamais fariam um mapa que pudesse ser roubado tão facilmente do palácio. O caminho para chegar às minas está escondido dentro do palácio.

– Então o mapa nos é inútil. – Concluiu Jarek. Fechando os olhos com força.



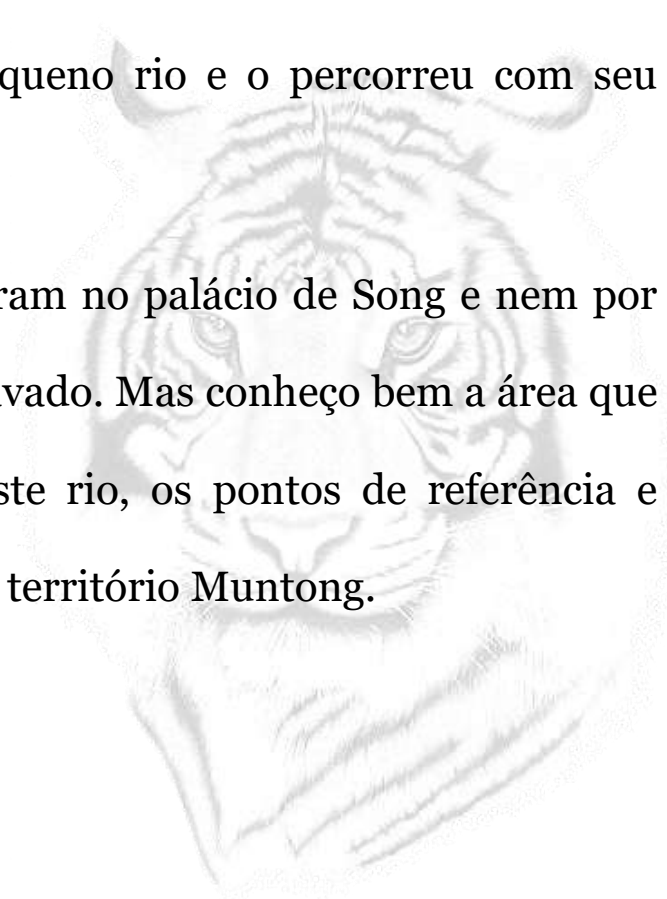
Mei pousou a mão sobre o mapa deslizando o indicador sobre a superfície.

– Para você sim, não para mim. Seu computador não pode fazer comparações entre o mapa e o relevo do Império Singhai porque isto aqui não descreve o Império Singhai. Este é o Império Muntong, do outro lado do rio Satlyun de Singhai.

– Lochlann levantou e comparou todos os relevos geográficos. – Disse Jarek, ainda se aferrando à esperança de que ela estivesse enganada, que o mapa ajudaria a encontrar o amigo. – Este mapa não bate com nenhum sítio geológico. Viktor e Lucien o encontraram, e o trouxeram por ter o símbolo de Singhai gravado.

Mei tocou o curso de um pequeno rio e o percorreu com seu dedo, sentindo saudade.

– Não sei por que o encontraram no palácio de Song e nem por que tem o símbolo de Singhai gravado. Mas conheço bem a área que este mapa descreve. Conheço este rio, os pontos de referência e edifícios. É a Cidade Honrosa, no território Muntong.



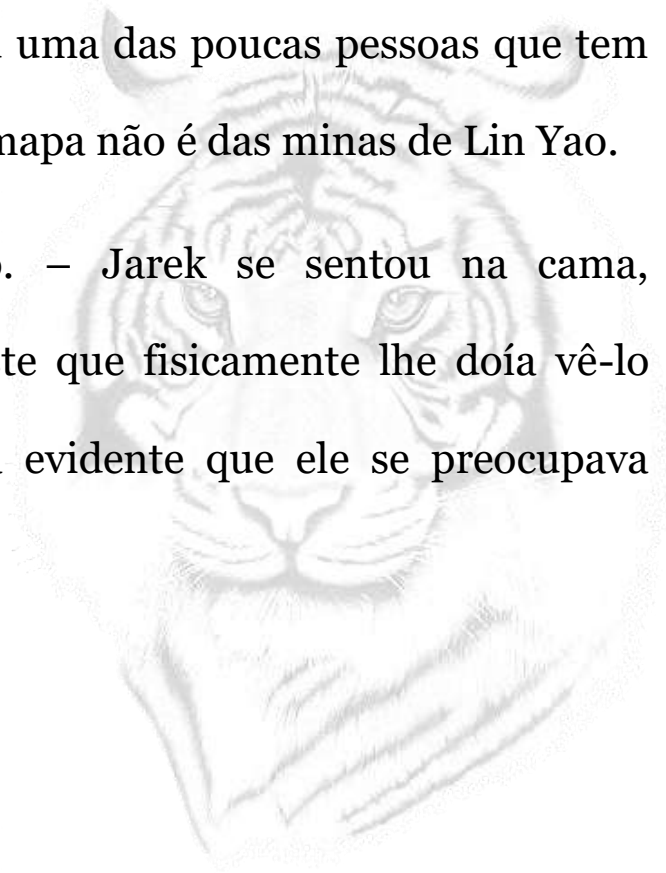
– Cidade Honrosa?

– É assim que chamamos o palácio Zhang. – Respondeu, pensando em sua família. – O Imperador Song não deveria ter acesso a esse mapa. Veja estes símbolos? Referem-se às câmaras secretas no palácio. Só a família real e alguns poucos sabem de sua existência. Isso significa que alguém informou ao Imperador Song. E estas marcas são os corredores e camaras secretas sob o palácio. – Mei passou o dedo sobre os desenhos. – A sala do tesouro. A cripta sob a Sala dos Mortos, que está ao lado da sala para Reverenciar os Antepassados.

– E como você sabe de tudo isto?

– Porque vivi neste lugar. Sou uma das poucas pessoas que tem acesso a eles. – Declarou. – Este mapa não é das minas de Lin Yao.

– Então, Rick está perdido. – Jarek se sentou na cama, suspirando, com o rosto tão triste que fisicamente lhe doía vê-lo assim. Compadeceu-se dele. Era evidente que ele se preocupava



com seus homens. Antes de conhecê-lo nunca pensaria que um pirata pudesse ter honra ou dignidade.

– Não. Posso levá-lo as minas de Lin Yao. – Mei se ofereceu para guia-lo. – Mas preciso saber se fez uma cópia desse mapa? Seu computador o copiou?

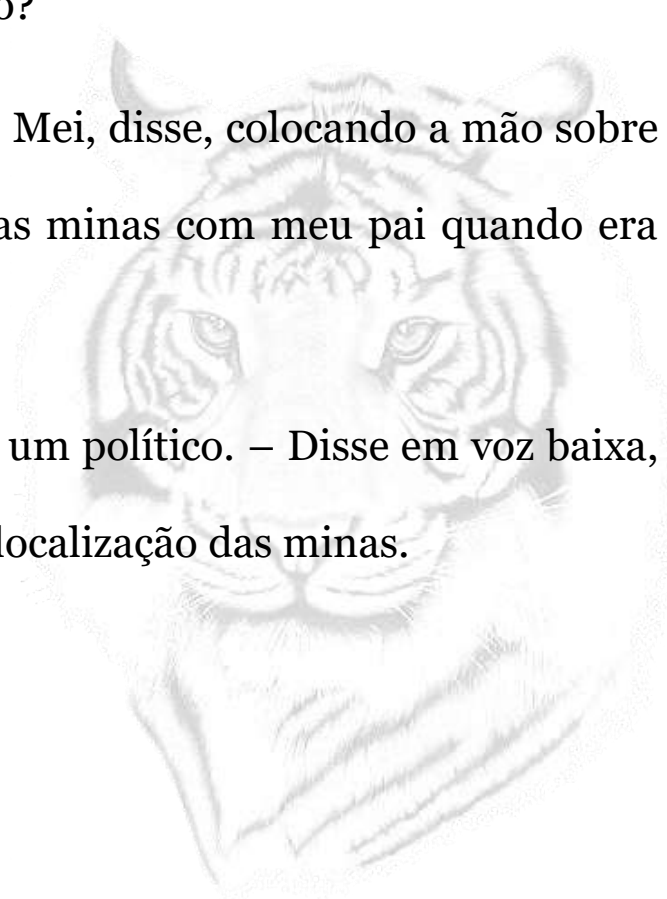
– Sim.

– Então devo insistir para .que as elimine.

– Deixarei inclusive que veja quando os eliminar do sistema. Não tenho uso para esta informação. – Jarek assentiu com a cabeça, enquanto se levantava olhando-a com curiosidade. – Se tudo o que disse é secreto, como sabe de tudo?

– Isto representa o meu lar. – Mei, disse, colocando a mão sobre o mapa. – É minha pátria. E vi as minas com meu pai quando era uma menina.

– Contou-me que seu pai era um político. – Disse em voz baixa, para si mesmo. – Então nos dê a localização das minas.

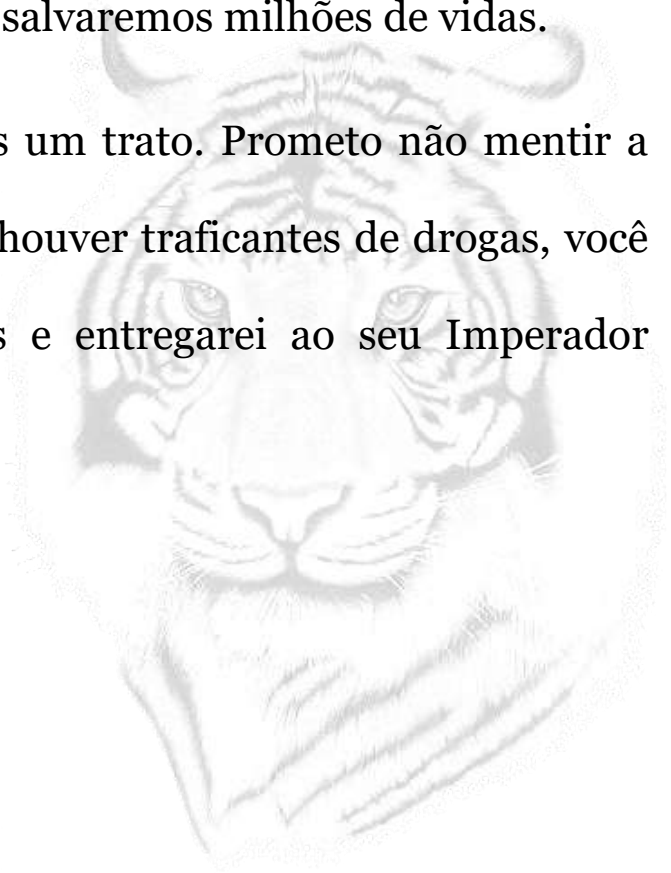


– Não, vou acompanhá-los. – Enrolou o mapa. – E depois mostrarei o mapa a meu pai, dizendo de onde veio tal informação.

– Não, você não vai conosco de maneira alguma. –Jarek lhe tocou o rosto. – Quero que permaneça na nave onde estará segura. Prometi protegê-la e é isso o que tenho a intenção de fazer.

– Não, este é meu lar, Jarek. – Mei segurou o mapa enrolado para dar ênfase. – O Imperador Song não deveria ter acesso a este mapa. E se os traficantes de drogas estão nas minas, preciso vê-los com meus próprios olhos. Quero saber por que estão aqui. Isto afeta a população de meu planeta. Gente inocente está morrendo envenenada por chandoo, uma droga que suspeitamos estar vindo de lá. Se encontrarmos as provas, salvaremos milhões de vidas.

– Mei, não é seguro. Façamos um trato. Prometo não mentir a você. Dou-lhe minha palavra. Se houver traficantes de drogas, você saberá. Gravarei suas atividades e entregarei ao seu Imperador todas as provas que conseguir.



– Irei com você, quer queira ou não, Jarek. Ou não direi a localização das minas. Sinto muito, mas é assim que deve ser. A família real Zhang confia em mim, vai me ouvir. O Imperador não o conhece; você jamais conseguirá se aproximar dele. Sua palavra não significa nada aqui. Não confiariam em um pirata. Quanto a gravar qualquer coisa, não funcionará. A entrada da mina desliga qualquer tipo aparelho de monitoramento ou de rastreamento para proteger seu segredo do mundo exterior.

– E por que a família Zhang a ouviria? – Exigiu Jarek. – Se terei de arriscar sua vida e as nossas, devo ter uma razão maior. Darei a informação à Família Real e tomaram a decisão que quiserem. Direi o que vi. Se forem responsáveis, investigaram e descobrirão que digo a verdade. Mas primeiro, vou resgatar meu tripulante.

– Jarek. – Mei respirou fundo. Muita coisa mudara depois de ver o mapa. De repente compreendeu por que o destino quisera que presenciasse a fuga, a ânsia de lutar contra os piratas, o embarque na nave de Jarek. Tudo isso em razão do mapa, e principalmente para descobrir que o Imperador Song tinha espiões dentro do

palácio de sua família, espiões que revelaram onde haviam as salas e corredores secretos. Para provar que havia drogas nas minas Lin Yao, drogas que matavam seu povo. – Aceitarão minha palavra porque faço parte da Família Real.

– O que?

– Sou a princesa Zhang Mei. Estava no palácio Shan Gung Din para ajudar nas negociações com o Imperador Song. Queríamos permissão para entrar nas minas e investigar o tráfico de chandoo. Mas o Imperador nos negou a permissão, e se comprometeu a investigar. Quase tenho a certeza de que, se o Imperador Song encontrar drogas, não nos dirá. Talvez já saiba, ou esteja envolvido. Não confiamos em Song. Nossas dinastias mantem o comércio, mas nossas culturas permanecem afastadas. O homem com quem você me viu é o príncipe Zhang Haun, meu irmão e futuro Imperador de meu povo. Ele deve saber o que está acontecendo. Como vê Jarek, preciso acompanhá-lo. É meu dever comprovar pessoalmente se os traficantes de drogas estão lá. Não há tempo para nada mais. – Levantou o mapa. – Este mapa, só comprova o perigo que a Família

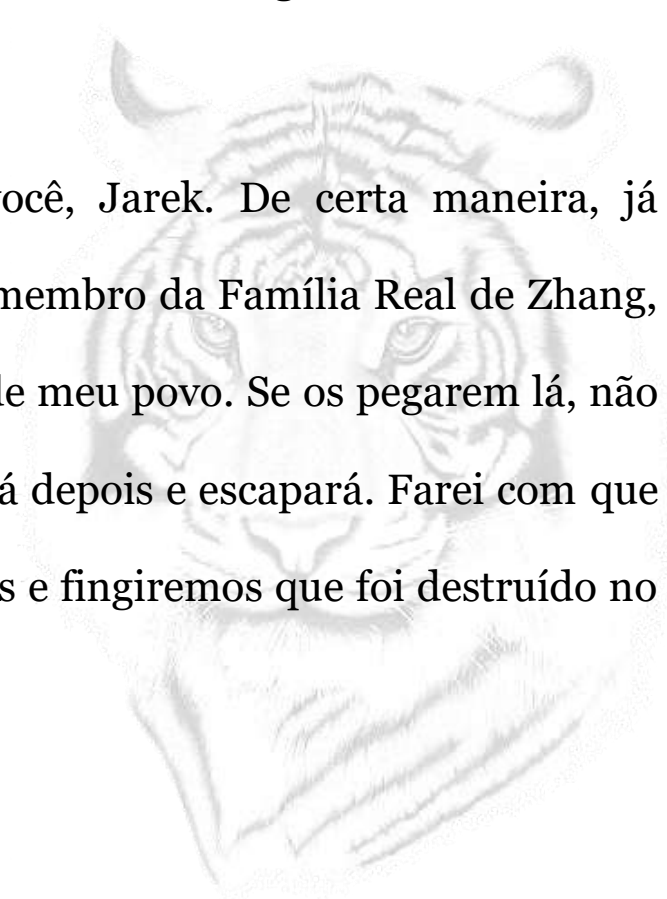
Real está correndo. No entanto, temos a surpresa do nosso lado. Ninguém sabia que vocês iriam ao palácio. Não esperarão que você volte, ainda mais comigo. É um pirata, Jarek. Pensarão que não tem moral. Acreditarão que me raptou para pedir resgate ou me vender como escrava.

Jarek não se moveu.

– Rezo aos Meus Antepassados para que pensem assim. Do contrário, será extremamente perigoso para vocês e para minha família. Não tememos malfeitores fora da lei, Jarek, apenas não queremos perder nossa forma de vida.

– Prometo-lhe que não prejudicaremos ninguém. –Tocou-lhe o rosto brevemente e o soltou.

– Eu quero acreditar em você, Jarek. De certa maneira, já acredito. Mas, como Princesa, e membro da Família Real de Zhang, sou responsável pelo bem-estar de meu povo. Se os pegarem lá, não haverá problema. Você me soltará depois e escapará. Farei com que meu irmão os deixe escapar ilesos e fingiremos que foi destruído no



espaço, junto com o jade roxo que pegaram. Francamente, foi uma sorte terem encontrado o mapa. Minha família ficará agradecida. Quanto a me sequestrar, o destino age de formas misteriosas. Seu amigo foi sequestrado para trazê-lo para este planeta, e encontrar o mapa. O sequestro serviu para que eu tivesse acesso a este mapa. O destino. Minha família entenderá isto também.

Ele nada disse. Mei podia ver que queria falar, mas conteve-se.

– Se fosse a vida de sua família que estivesse em jogo, seus irmãos, sobrinhos e cunhadas, não faria o mesmo? Não tentaria salvá-los? Protegê-los? Isso é o que sinto em relação a meu povo. Ou como você se sente no que se refere a Rick e sua tripulação. Estou certa de que faria tudo a seu alcance para se assegurar de que nenhum deles viesse a se machucar? Sei que está fazendo exatamente isso. Não somos um povo guerreiro e primitivo, sabemos nos defender e toda a galáxia sabe disso. Um grupo menos corajoso não se arriscaria a infiltrar-se no palácio Song para resgatar um de seus tripulantes. Você, mais do que ninguém, entendeu muito bem meu raciocínio, não?

Jarek assentiu com a cabeça uma vez, com os lábios apertados.

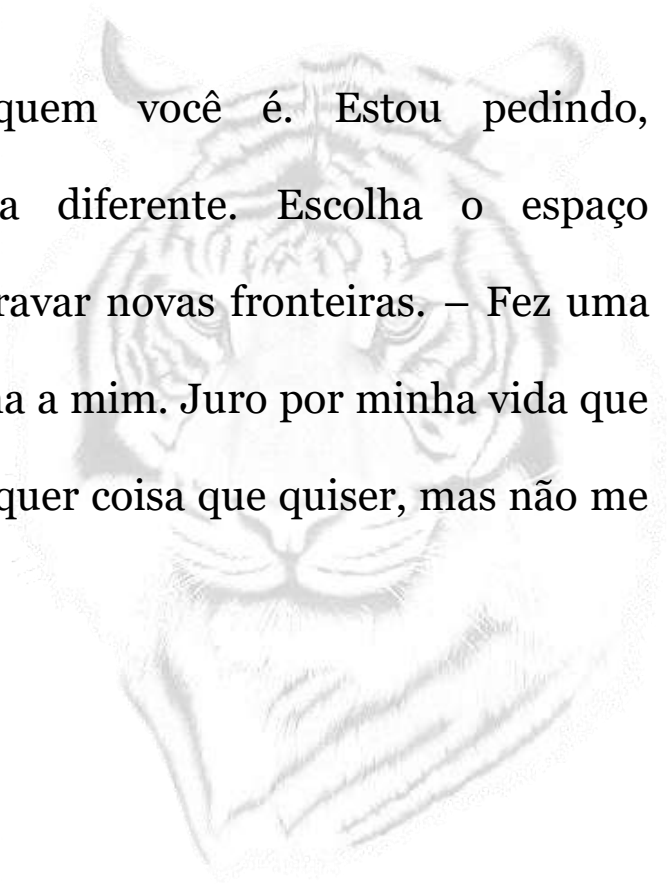
– Xièxie nî, Jarek. Obrigado.

Ele respirou fundo, tentando ordenar os pensamentos e explicar a ela o que sentia.

– Mei, conheço muito bem a mim mesmo para saber o que quero. E eu quero você. Não serei capaz de deixá-la em seu planeta quando eu partir. Levarei-a até as minas para que veja o que está acontecendo, permitirei que diga a sua família o que encontrarmos, e você entregará o mapa, mas eu lhe imploro Mei. Não me peça para deixá-la lá.

– Jarek...

– Mei, mesmo sabendo quem você é. Estou pedindo, implorando. Escolha uma vida diferente. Escolha o espaço desconhecido e o desejo de desbravar novas fronteiras. – Fez uma pausa, suavizando a voz. – Escolha a mim. Juro por minha vida que jamais a desapontarei. Farei qualquer coisa que quiser, mas não me peça para deixá-la.



Mei sentiu seu coração disparar em um ritmo frenético no peito. Não esperara algo assim dele. Cada pedaço dela queria dizer sim, gritar e rir de alegria. Então olhou o mapa em sua mão, seu lar, sua família, o futuro.

Princesa Song Mei, esposa de Song Lok, futura Imperatriz Song.

O destino era cruel por tentá-la com a oferta de Jarek.

Ela agora percebia que seu futuro seria decidido pelo que encontraria nas minas. Não sabia exatamente como aconteceriam as coisas, mas Talvez seu casamento salvaria seu planeta e os Lintianeses. Se encontrassem os traficantes de drogas intergalácticos nas minas de Lin Yao levantaria muita desconfiança entre os dois impérios. Agora, mais que nunca, sabia que um possível casamento poderia salvar a todos da guerra, da destruição de tudo o que lhe era importante. A guerra os enfraqueceria, abriria os impérios a outros planetas e interesses. Pessoas morreriam, provavelmente até seus irmãos e amigos da infância.

– Não posso. – Sussurrou. Nunca duas simples palavras lhe foram tão dolorosas de dizer. – Sinto muito.

Ele ficou rígido, parecendo ter sido golpeado. A dor surgiu em seus olhos.

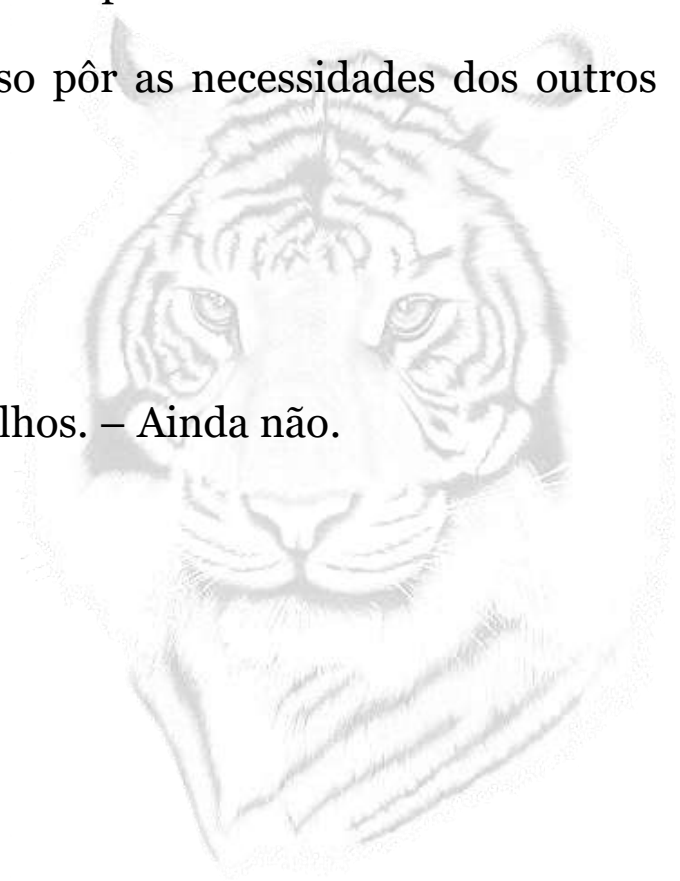
– Tem razão. É muito cedo para pedir algo assim. É só que... Sinto sentimentos fortes por você, carinho, alegria, é difícil explicar... Não quero perdê-la.

Lágrimas deslizavam por seu rosto quando assentiu.

– Sei que isto parece loucura, mas você também é importante para mim. Mas não podemos continuar com isso, Jarek. Tenho responsabilidades com meu país, meu povo e família. Você não sabe o que é ser uma princesa. Preciso pôr as necessidades dos outros acima das minhas.

– Já é casada?

– Não. – Disse, limpando os olhos. – Ainda não.



– Então, por que? Por que ao menos não considera minha proposta? – Jarek a atraiu para si. – Não estou lhe pedindo para que renuncie a sua posição, ou que corte os laços com sua família.

Ela sentiu o desejo dele por ela evidente contra seu ventre. Era a mesma chama que a consumia. Um fogo que ardia por este homem, um Capitão pirata.

– Jarek entenda, tenho uma família. Meus pais e irmãos, Haun, Jin Atam, Shen. Minha irmã, Fen. Não posso abandoná-los.

– Sei que tem um dever e honra. Senti isso em você desde o primeiro momento em que a vi. Mas seu planeta é governado por outros. Como disse, você tem irmãos e familiares. Eles podem conduzir seu povo sem sua presença. Venha comigo. Deixe-me amá-la.

– Amar?

– Sim. – Sussurrou, abraçando-a com força. – Amar.

– Jarek, eu...



– A levarei para Lintian sempre que precisarem de você, juro.

Não há razão para que não possa contatá-los, ou que os veja quando sentir saudade. – Insistiu.

– Jarek preciso contatá-los imediatamente. – Respondeu, remoendo aquelas palavras. – Precisam saber do mapa e das minas. Meu irmão, na certa, cuidará deste assunto.

– Assim que as comunicações forem restabelecidas, falará com ele. A nave de seu irmão nos acertou em cheio.

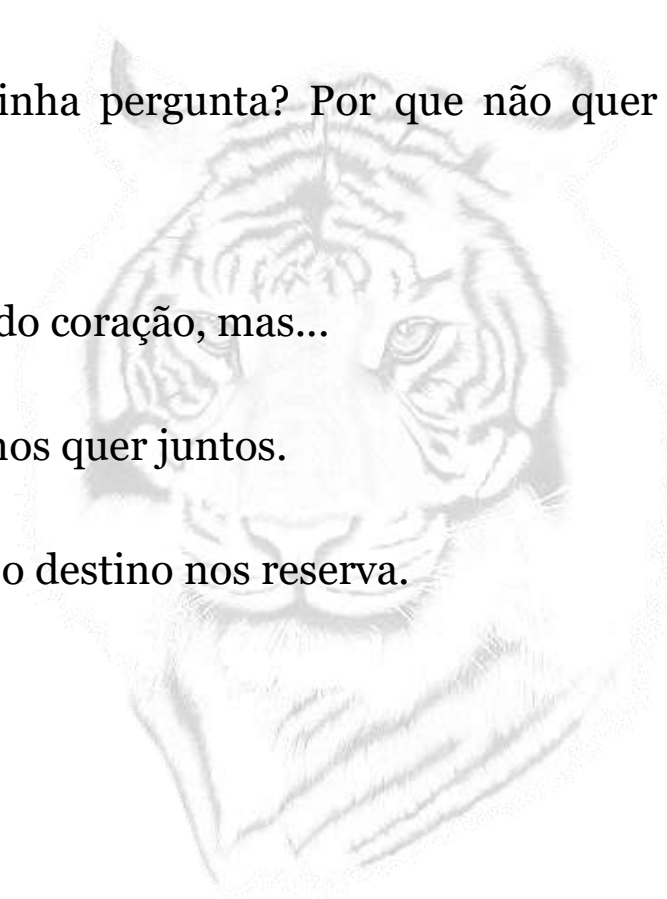
– Bem, ele tem um bocado de orgulho da Ming Tian. – A nave de seu irmão era o que havia de melhor em seu planeta. Haun lhe dedicara tempo e planejamento.

– Ainda não respondeu a minha pergunta? Por que não quer nem considerar em ficar comigo?

Mei queria lhe dizer sim de todo coração, mas...

– Entenda que o destino não nos quer juntos.

– Você não pode prever o que o destino nos reserva.



– Há muito que não sabemos um do outro.

– Então me diga. É por isso que quero que fique comigo. Vamos nos conhece e ver se o que sentimos pode crescer e amadurecer. Por favor, diga que virá comigo depois de resgatarmos Rick. Visitaremos meu planeta. Quero que conheça minha família. E, depois de algum tempo passado comigo, e você ainda pensar da mesma maneira, prometo levá-la de volta a Lintian.

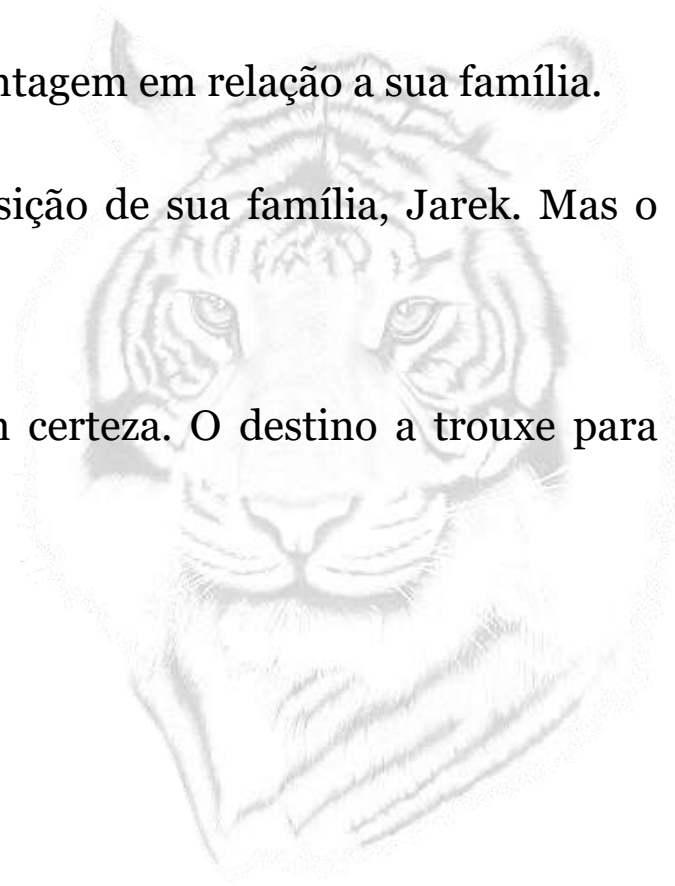
Conhecer a família dele e outros mundos? A idéia era atraente e muito tentadora.

– Sua família? – Sussurrou.

– Não nasci um pirata. – Afirmou. – Minha família é nobre. Certamente isso me dará uma vantagem em relação a sua família.

– Não duvido da honra e posição de sua família, Jarek. Mas o destino...

– Não há como prevê-lo com certeza. O destino a trouxe para mim. Você mesma disse isso.



– Sei o que o destino me reserva, já foi previsto, Jarek. – Não podia olhá-lo, não suportaria ver a expressão em seus olhos, parecia perdido e ferido. – Casarei com Song Lok, o Príncipe herdeiro do trono Song.

– Você o ama? – Jarek afastou o cabelo de seu rosto, deslizando as mãos por suas costas em círculos pequenos.

– Não, mal o conheço. – Era tão bom ser abraçada por Jarek, parecia tão certo.

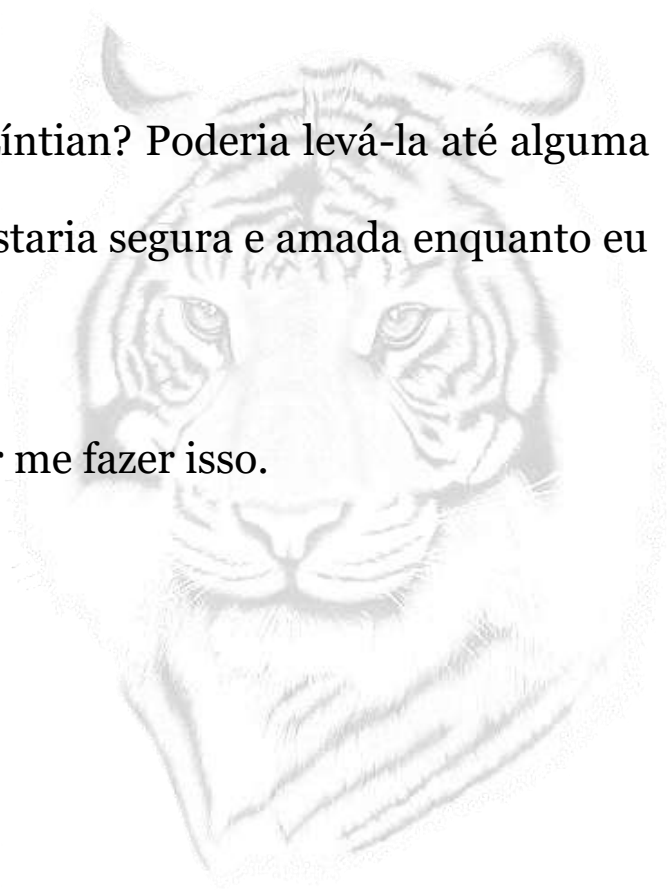
– Então é um casamento arranjado?

– Sim, de certo modo.

Ele a abraçou mais forte.

– E se não a levar de volta a Lintian? Poderia levá-la até alguma galáxia longínqua, prometo que estaria segura e amada enquanto eu viver.

– Então nunca o perdoaria por me fazer isso.



– Muito bem. – Suspirou Jarek pesadamente, mas não a soltou.

Suas mãos continuaram procurando, deslizando até encontrar seus quadris e traseiro. Levantou-a contra ele, gemendo no fundo da garganta, enquanto seus corpos se procuravam. – Vou levá-la de volta a Lintian. Mesmo sofrendo, farei o que me pede.

– Sei que o fará. Há muita dor em você, mas também honra. Vejo isso, Jarek.

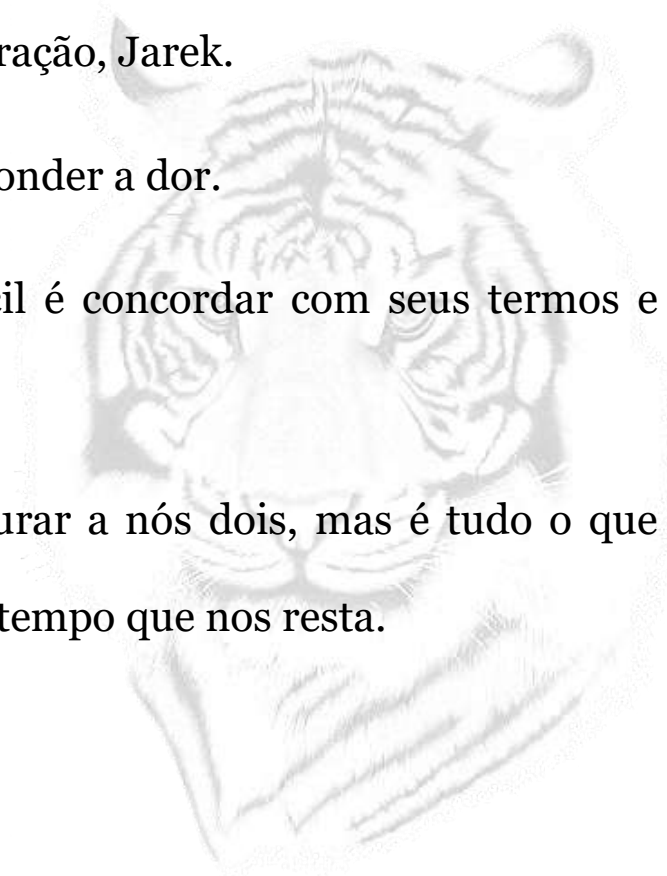
– E o que acontecerá até chegarmos a Lintian?

– Lok pode pretender minha mão em casamento, e meu povo pode contar com meu dever e honra, mas por favor, vamos aproveitar esses momentos que temos juntos. Eu gostaria de ter estas lembranças, lhe dar meu coração, Jarek.

Jarek fechou os olhos para esconder a dor.

– Você não sabe o quão difícil é concordar com seus termos e depois perdê-la.

– Por favor. Sei que vou torturar a nós dois, mas é tudo o que posso lhe oferecer. Ame-me pelo tempo que nos resta.



– E depois?

– Respeitaremos o que destino planejou. Jure que deixará que eu faça o que devo fazer?

– Não sei se conseguirei.

– Jure. Você precisa entender. As necessidades de meu povo deve vir antes das nossas.

– Entendo mais do que supõe.

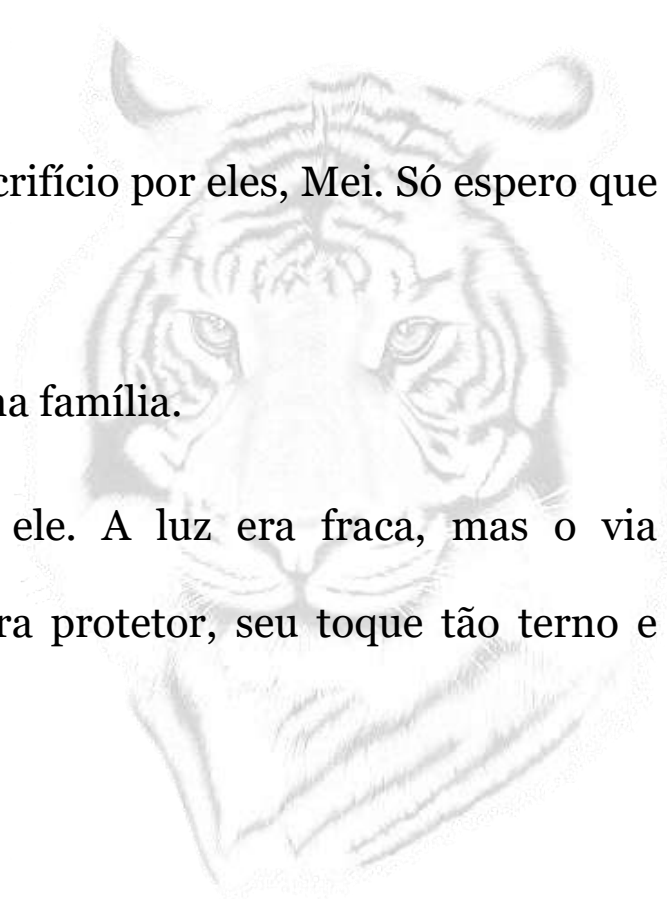
– Esta nave é seu reino e a tripulação seu povo, assim como eu, você tem responsabilidades para com eles.

Jarek a abraçou ainda mais apertado, como se tivesse medo de deixá-la ir.

– Está fazendo um grande sacrifício por eles, Mei. Só espero que o apreciem.

– É meu dever e eu amo minha família.

Mei levantou o olhar para ele. A luz era fraca, mas o via claramente. Seu corpo grande era protetor, seu toque tão terno e

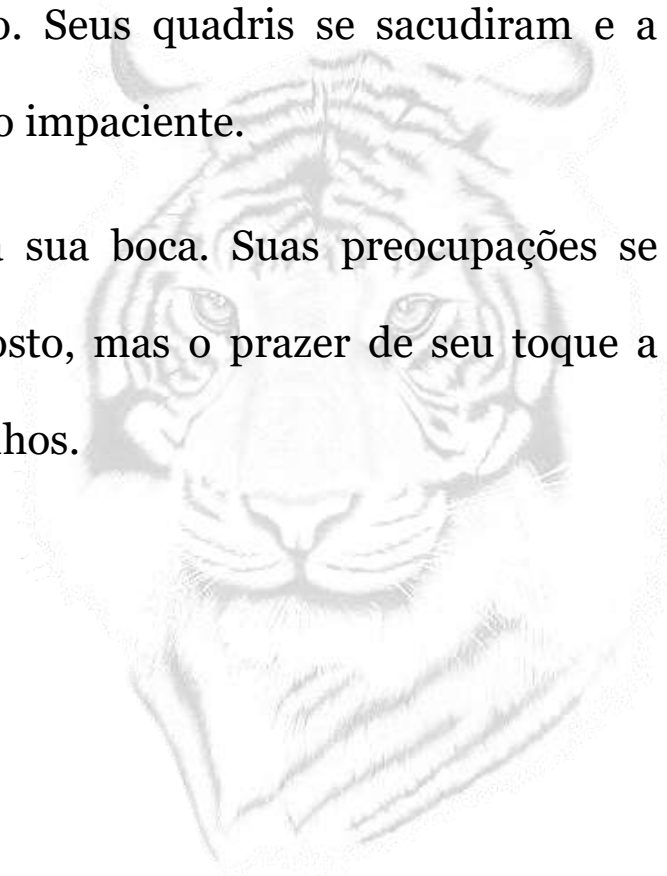


apaixonado. Mei passou as mãos sobre seus braços, acariciando os músculos fortes enquanto jogava os braços ao redor do pescoço dele. Seus lábios se separaram, convidando-o silenciosamente a beijá-la. Jarek aceitou o convite sem hesitar.

O que mais gostava em Jarek era que ele não hesitava quando queria algo. Quando a beijou, foi cheio de paixão. Queria que esse momento nunca terminasse.

Mãos quentes subiram por seus flancos, deslizando sobre o tecido e rasgando a camisa que pegara emprestada dele. Revelando seus seios. Não usava nada por baixo e ele encontrou seus mamilos facilmente. Pressionando-os com os polegares, Jarek provocou uma onda de prazer sobre seu corpo. Seus quadris se sacudiram e a umidade surgiu em uma aceitação impaciente.

– Jarek. – Sussurrou contra sua boca. Suas preocupações se foram. Adorava fitar seu belo rosto, mas o prazer de seu toque a angustiava e precisou fechar os olhos.



Era a primeira vez em sua vida que não sentia a pressão da responsabilidade sobre todos, à espreita no fundo de sua mente. Toda sua vida, fora consciente do que fazia e de quem era. Sempre sentira uma sensação de angústia em saber que suas ações poderiam ser registradas e analisadas de forma negativa. Seus amantes foram cuidadosamente selecionados, os encontros sigilosamente pensados. Poucos homens valeram a pena, a maioria fora escolhida mais por desejo físico, e pela necessidade de estar perto de alguém além da família. Mas com Jarek, era diferente. Não temia ser vista por ninguém. A tripulação a vira, não quisera provocar uma quebra do decoro. Podia tocar Jarek sem culpa, sem pensar.

Foi uma liberdade que jamais experimentou. Mei queria ficar com ele, ali no espaço, entre as estrelas para sempre.

Ela se moveu contra seu corpo. A seda da saia deslizando entre eles, os corpos juntos, se esfregando. O membro grosso e excitado se instalou junto a seu ventre, pressionando-a ainda debaixo de suas calças. Respirando ofegante, movia-se e se esfregava contra ele.

Dirigindo as mãos ao longo de seu peito, ela arrancou sua camisa tentando não interromper o contato dos lábios.

Nem em seus mais loucos sonhos ela imaginara encontrar uma boca tão apaixonada e determinada, dando e tomando. O tempo desapareceu durante o beijo, até que tudo se resumir a sua pele pressionada à dele. As roupas tinham desaparecido e seus corpos se moviam em um frenesi de carícias. As mãos se explorando a mando da carne enquanto ele audaciosamente tocava onde bem lhe aprouvesse: seios, quadris, acariciando seu traseiro firme, e a puxando para frente.

Pequenos gemidos de prazer escaparam dela, marcado por sons primários, animando os gemidos. Cada segundo crescia uma paixão feroz. Balançou os quadris contra os dela, grunhindo de prazer enquanto a beijava. Sem conseguir ao menos respirar, se viu obrigada a romper o beijo, ofegando em busca de ar enquanto inclinava sua cabeça para trás.

Jarek a levantou. Riscando um caminho ardente abaixo de sua garganta com a boca. Sentiu o roçar perigoso dos dentes afiados,

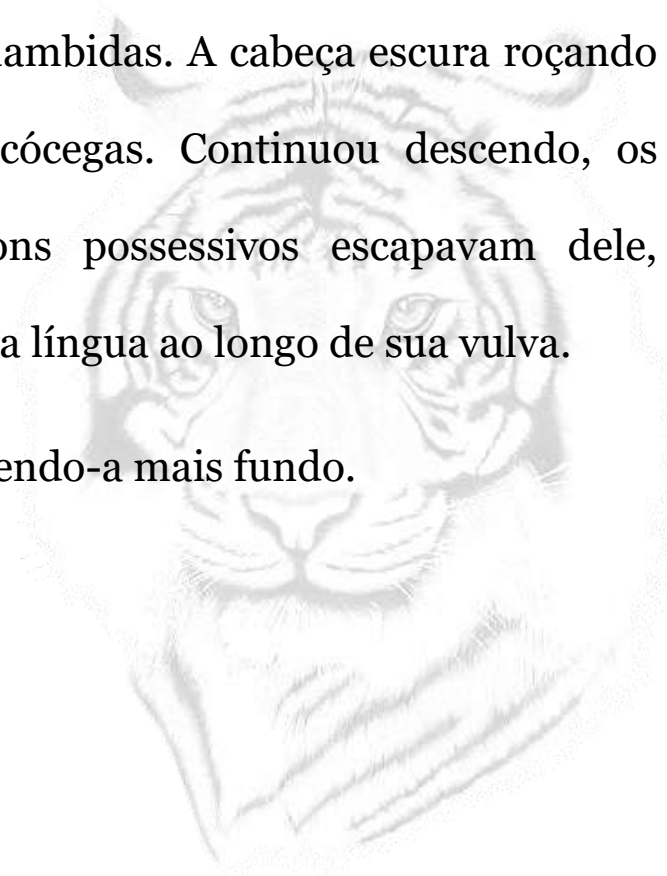
mas tudo lhe dizia para confiar nele, que ele nunca faria mal a ela. Mordiscou a carne só para acalmar a leve irritação com a língua larga e um pouco áspera. O som cortante de sua respiração se misturava aos batimentos do coração que retumbavam em sua cabeça.

– Há algo de especial em você, Mei. – Sussurrou-lhe entre beijos acalorados e leves mordidas. – Algo que não posso resistir.

A boca quente capturou seu mamilo e o chupou, beijando-o antes de passar ao outro lado. Mei ofegou: seu sabor, cheiro e tato inundando-a de gozo.

Um sorriso curvou os lábios dele, enquanto fazia um caminho para baixo distribuindo beijos e lambidas. A cabeça escura roçando seu ventre, seus cabelos fazia cócegas. Continuou descendo, os lábios roçando suas coxas. Sons possessivos escapavam dele, vibrando nela quando ele passou a língua ao longo de sua vulva.

– Humm... – Ele gemeu, lambendo-a mais fundo.



A visão erótica do rosto pressionado contra ela era extraordinária. Agarrou-lhe os cabelos.

Ele a segurava pelos quadris, mantendo-a na posição vertical quando a abocanhou ferozmente. E então, se afastou com um sorriso felino distribuindo pequenos beijos ao longo de seu corpo enquanto se levantava. Com um movimento suave, levantou-a em seus braços. Mei se agarrou a ele, ofegando contra seu pescoço quando a levou até a cama na parede.

– Computador. – Ordenou. – Cama.

A cama deslizou da parede e ele a depositou nela no segundo em que deixou de mover-se.

Mei estremeceu quando se separaram durante um segundo breve. O corpo dele caiu sobre o seu. Sem aviso, deslizou as pernas entre as suas. Sua ereção encontrando a abertura molhada, pronta e ansiosa esperando-o. O gosto dela estava em sua boca quando a beijou. Ele gemeu, brincando com ela quando deslizou o membro excitado ao longo de sua fenda. Ela conteve o ar nos pulmões, e ele o

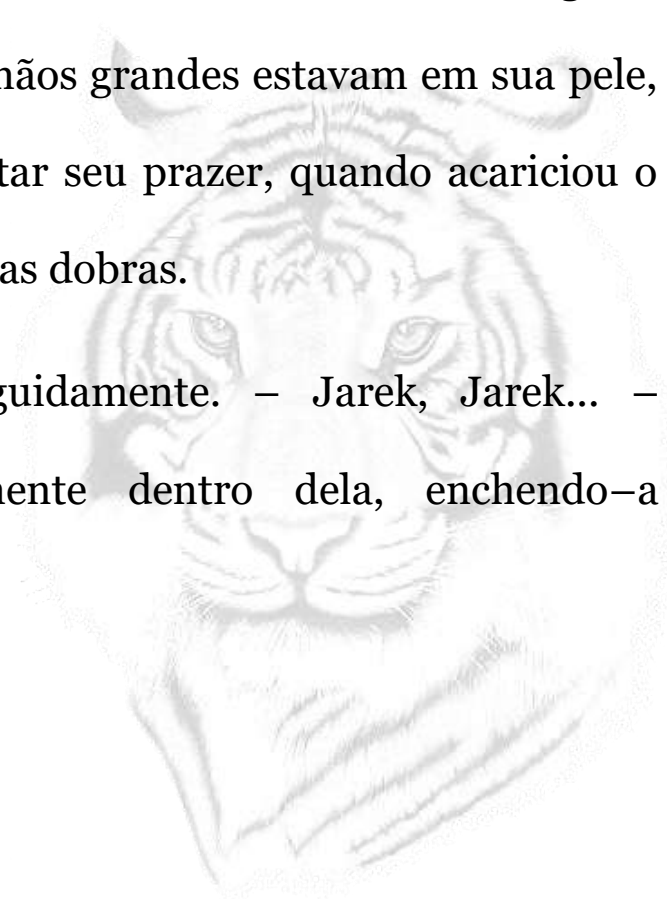
fez de novo, dançando junto a sua abertura até deixa-la louca de luxúria. Ela meneava contra ele. A ponta dele roçou seu clitóris, revolvendo suas paixões até que se acendeu fogo sobre sua pele, pondo suas coxas em chamas.

– Qin ài de. – Gritou Mei, pedindo mais. Estava molhada, mais que pronta. Seus quadris se levantaram, tentando fazê-lo penetra-la. Ele sorriu de seu ardor. – Jarek, humm. Por favor.

Então ele empurrou, entrando lentamente em sua passagem escorregadia, enchendo seu corpo em pequenos movimentos, agonizantes.

No quarto iluminado seus olhos se encontraram. Mei ofegava, respirando com dificuldade. As mãos grandes estavam em sua pele, descendo entre eles para aumentar seu prazer, quando acariciou o broto sensível escondido entre suas dobras.

– Jarek. – Sussurrou, seguidamente. – Jarek, Jarek... – Finalmente ele estava totalmente dentro dela, enchendo-a



plenamente. Jarek gemeu, movendo seus quadris em pequenos círculos. Mei gritou pelo prazer alucinante.

– Ah, minha Fada, é tão macia e quente. – Jarek sorriu e a beijou e mordiscou no ombro.

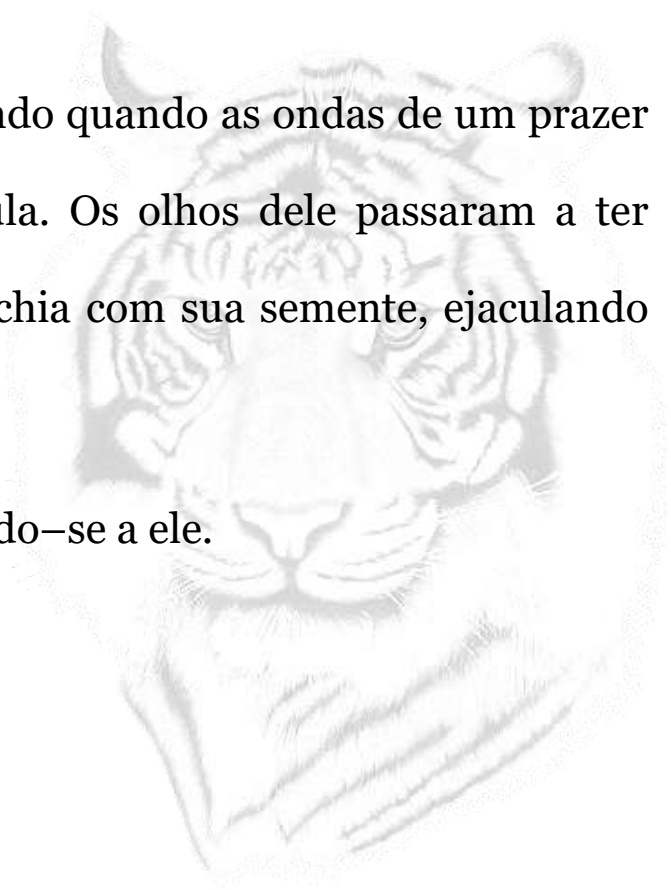
Seus olhos voltaram aos dela. Movendo os quadris, bombeando lento e fundo. O prazer crescia entre eles. Ele não afastou o olhar.

– Mais. – Suplicou-lhe. – Qin ài de, mais!

Jarek então começou a investir mais duro e rápido, subindo à medida que se movia rapidamente dentro dela. Ela cravou os dedos em seus longos cabelos negros, adorando a maciez das mechas sedosas contra suas palmas.

Explodiram juntos, estremecendo quando as ondas de um prazer intenso os sacudiam até a medula. Os olhos dele passaram a ter reflexos dourados enquanto a enchia com sua semente, ejaculando dentro dela.

– Jarek. – Sussurrou, abraçando-se a ele.



– Amo você, Mei. – Declarou simplesmente, enquanto se virava e a colocava em cima dele. Envolveu seus braços ao redor dela. – Quero ficar assim para sempre.

– Nunca conheci alguém como você. – Respondeu-lhe.

Ele riu e falou determinado:

– E nunca mais conhecerá outro, minha Fada.

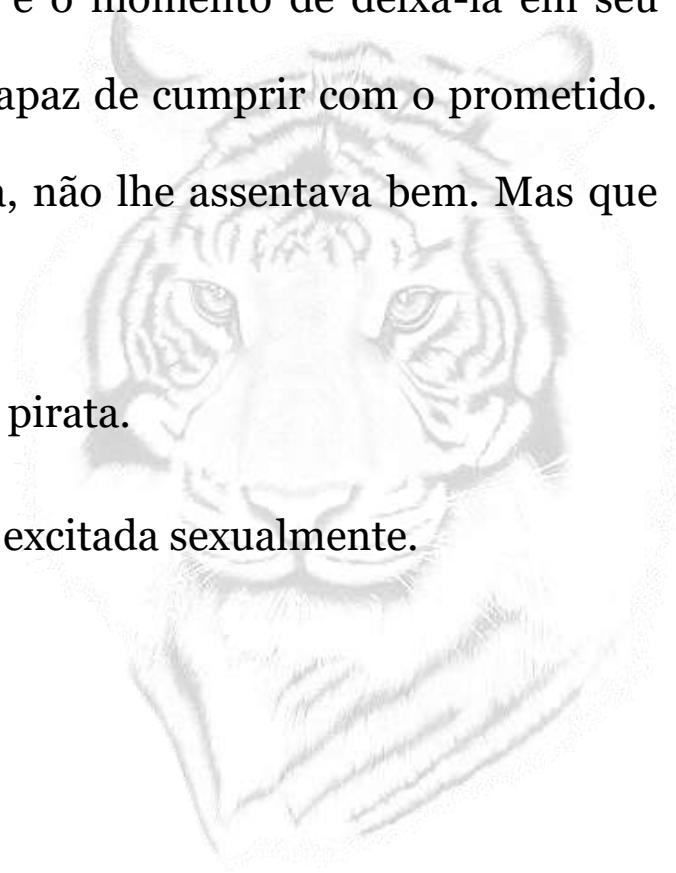


9

Jarek nunca se sentira tão feliz, mas como um vinho muito doce, poderia se tornar amargo, ao saber que sua felicidade não podia durar. Seu coração estava pesado e seu tempo com Mei parecia escurecer a medida que se aproximavam de Lintian. Quando a abraçava, tudo estava bem e no lugar. Mas, pouco a pouco, a realidade se fazia mais presente e o momento de deixá-la em seu planeta de origem, o tornava incapaz de cumprir com o prometido. Saber que acabaria por magoá-la, não lhe assentava bem. Mas que mais poderia fazer?

Deixou-a acreditar que era um pirata.

Um, porque parecia ficar mais excitada sexualmente.



Dois, ela insinuava que se fosse algo mais, teria que tomar outras medidas. E realmente, ele considerava-se um pouco pirata além de Príncipe. Não era uma mentira total deixá-la acreditar no que lhe dava tanta tranquilidade.

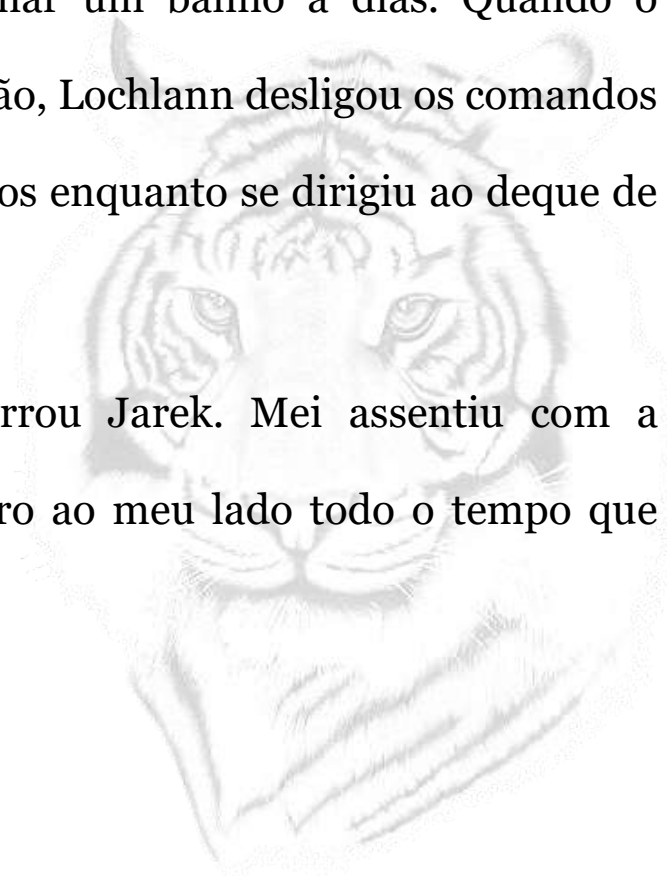
Todos os dias, Mei cozinhava para a tripulação e eles degustavam com prazer. Zombavam e brincavam com Viktor por ter sido flagrado armazenando comida em sua cabine, pois ele ficara temeroso de passar mal com as refeições feitas por Mei. Os homens zombavam sem piedade do coitado, às vezes, o proibindo de comer com eles, enquanto degustavam os pratos refinados feitos por Mei. Viktor ficava de cara amarrada enquanto mordida o pão azul e endurecido de Qurilixen, atormentado pelo cheiro que vinha do refeitório. No final, sempre se rendiam e o deixavam se unir a eles.

Quando não estavam comendo, estavam trabalhando. A nave Lintianese causara muito estrago. Passaram-se muitos dias até chegarem a um porto espacial em busca de combustível e reparos mais elaborados. A nave não estava cem por cem, mas não podiam perder mais tempo.

Mei se colocou ao seu lado na ponte quando Lochlann conduziu a nave através das portas do porto. O metal da nave de atracagem parecia velho e em mau estado. Sinais de disparos a laser se espalhavam sobre a superfície exterior do porto. Jarek se repreendeu. Este não era o tipo de lugar que queria levar apresentar a Mei. Começou a preocupar-se com o que ela pensaria. Se estava acostumada ao luxo, este porto espacial a convenceria de que a vida no espaço não valeria a pena.

Sua testa se estreitou quando viu cada detalhe da situação pela primeira vez. Tentou encarar aquilo do ponto de vista feminino. As rachaduras no casco de atracagem saltavam à vista e os trabalhadores pareciam não tomar um banho a dias. Quando o Conquitador se colocou em posição, Lochlann desligou os comandos e se levantou. Alongando os braços enquanto se dirigiu ao deque de carga.

– Está preparada? – Sussurrou Jarek. Mei assentiu com a cabeça. – Lembre-se que a quero ao meu lado todo o tempo que ficarmos aqui.



Dev já estava no deque quando a escotilha se abria para que pudessem sair. Mei obedeceu ficando bem perto dele. Jarek se alegrou. Seria perigoso perdê-la de vista.

Lançou-lhe um olhar preocupado e se surpreendeu ao ver um grande sorriso e entusiasmo em seu rosto.

A mão dela se agarrou a seu braço, mas os olhos exploravam o lugar com entusiasmo.

Um ser enorme e estranho, com tentáculos que flutuavam como braços ao redor da cabeça, prendeu a nave na posição. Fazia sons arrepiantes, e cada vez que tocava algo, um som de sucção parecia se espalhar no grande hangar. Dev o observava com cuidado para se assegurar que tudo corresse bem. A criatura não parecia muito contente com a supervisão, mas um olhar Dev o impediu de causar um escândalo.

– Loch, você se encarrega do combustível. Evan, quero que vá com Lucien e Vik, e confira os reparos externos na nave e não se esqueça das peças de reposição. – Jarek aproximou Mei ainda mais

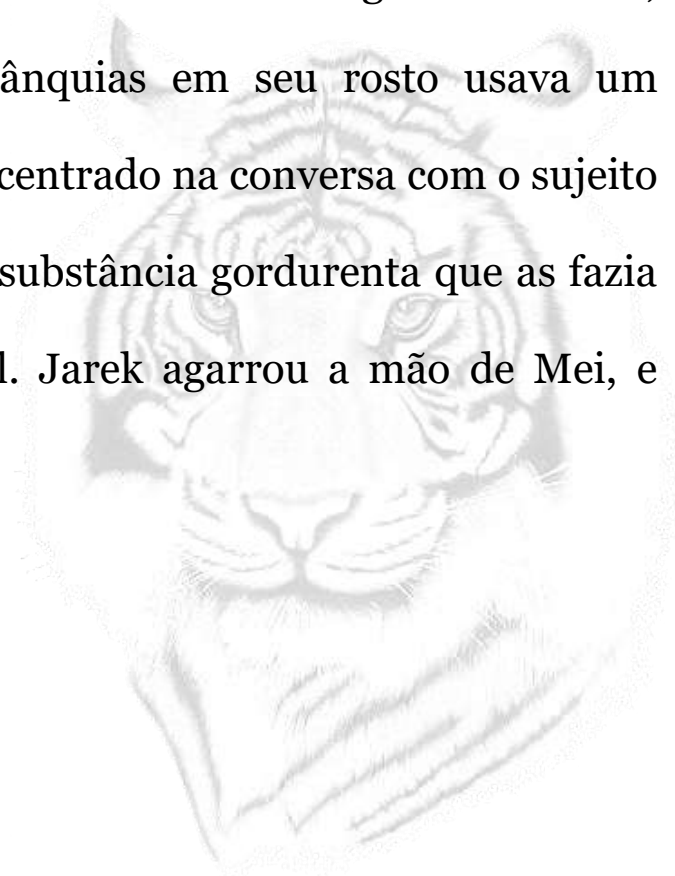
dele, segurando-a pelo braço com firmeza. – Eu e Mei nos encarregamos dos suprimentos.

Evan assentiu com a cabeça. Gritando, disse:

– Vik, Luc! Vamos, temos tarefas a cumprir!

– Genial! E eu que esperava negociar um bom rum! – Respondeu Lucien, caminhando pela passarela.

Lochlann agitou a mão no ar, fazendo gestos a um humanoide azul com o cabelo crespo. Evan riu e os três se dirigiram a saída. Outras criaturas estavam na área de atracagem também. Mei levantou a mão fascinada, apontando para um homem de pele azul e prateada que brilhava como se estivesse coberto de água. A seu lado, um homem alaranjado com brânquias em seu rosto usava um capacete cheio de água. Este, concentrado na conversa com o sujeito azul, esfregava as mãos em uma substância gordurosa que as fazia brilhar como as do homem azul. Jarek agarrou a mão de Mei, e puxou-a para trás.



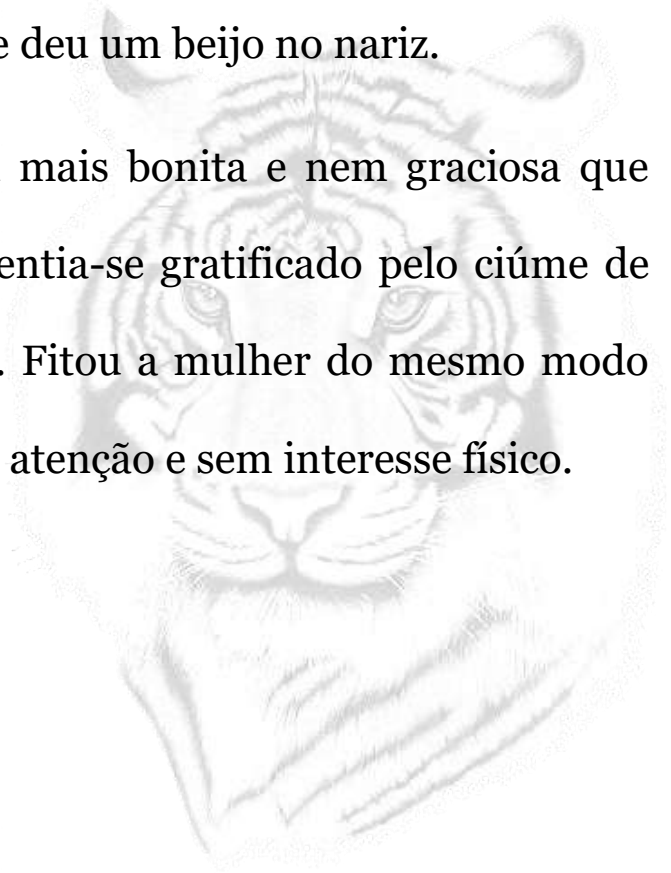
– Não os encare ou se sentirão ofendidos. – Rogou-lhe silenciosamente. Automaticamente ela olhou para o outro lado.

Nisso, uma mulher com cabelos azuis e a pele verde chegou à porta da saída. Usava um top marrom que mal cobria seus seios, e um pedaço sumário de couro ao redor da cintura. Era muito bonita e bem exótica, tinha grandes olhos azuis que brilhavam como as estrelas. Caminhava graciosamente com os pés nus, como se quisesse dançar. A mulher sorriu a Jarek e ele cortes, a saudou com a cabeça.

Mei o empurrou com força no flanco. Jarek piscou surpreso ao vê-la fulminá-lo com o olhar.

Amorosamente, agarrou-a e lhe deu um beijo no nariz.

– Para mim não há ninguém mais bonita e nem graciosas que você, Fada. – Disse a verdade. Sentia-se gratificado pelo ciúme de Mei, mas não quisera provocá-la. Fitou a mulher do mesmo modo que observava tudo ao redor, com atenção e sem interesse físico.



– E é bom que não se esqueça. – Ameaçou ela, cravando os olhos na mulher como se estivesse disposta a lutar para manter "*seu homem*". A mulher inclinou a cabeça e prosseguiu seu caminho até uma pequena nave atracada mais a frente.

– Maravilha, será melhor que parta logo. – Resmungou Mei, entre dentes. Jarek a atraiu para si.

As marcas ao longo da porta de saída eram símbolos universais de serviços, banhos descontaminadores, comida e alojamento. Jarek não pediria alojamentos neste porto para passar a noite. Em geral, sua tripulação e ele gostavam de passar fora da nave para variar e ficarem afastados uns dos outros. Se até em família a convivência prolongada e restrita trazia desavenças, certa distancia costumava trazer equilíbrio as viagens. Entretanto, aquele porto espacial não parecia ter acomodações adequadas, não se arriscaria a colocar Mei em um lugar repugnante, com insetos espaciais e roedores que se escondiam debaixo de cada superfície.

Jarek caminhou com o Mei para a saída.

– Está com fome?

– Estou mais curiosa que faminta. – Respondeu. – Este lugar é fascinante.

– Fascinante? – Refletiu ele, olhando ao redor. Jamais usaria essa palavra para descrever o aspecto desse porto.

– Mas é claro. Parece o tipo de lugar para se encontrar algum aliúmáng... – Mei inclinou a cabeça se concentrando. – Liúmáng gánster.

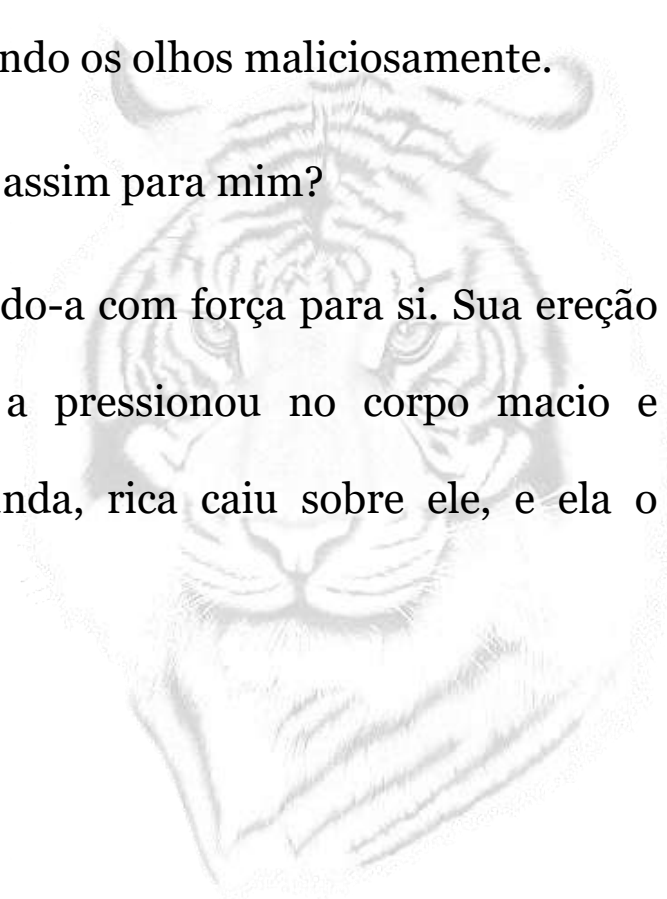
Jarek riu, o som baixo e gutural.

– Você é um pequena muito perigosa.

Mei sorriu abertamente, piscando os olhos maliciosamente.

– Acha que pode arranjar algo assim para mim?

Jarek se virou para ela, puxando-a com força para si. Sua ereção estava grossa e dura, quando a pressionou no corpo macio e cheiroso dela. Sua risada profunda, rica caiu sobre ele, e ela o



envolveu com os braços ao redor de seu pescoço. Jarek deixou que a besta se refletisse em seu olhar e ela imediatamente estremeceu.

– Nî hão mêi. – Sussurrou ele.

– Você é gostoso também. – Disse ela. – Meu gato pirata.

– Gato pirata?

– Sabia que se pode conseguir acomodações em lugares como esse. Que acha de conseguirmos uma boa cabine e você, quem sabe, mudaria de forma como vem me prometendo fazer.

– Mei... – Começou.

– Ah, vamos? Não me negará isso outra vez, certo, qin ài de? – Ela se levantou nas pontas dos pés, pressionando um beijo ligeiro, que tocou seu queixo. – Não me faça implorar. Não tem deveres para com a nave ou a tripulação esta noite, nada a fazer. Sua tripulação tem as tarefas e depois vão querer se divertir um pouquinho. Estou certa de que poderemos dar uma escapada durante algumas horas para nos divertirmos também, certo?

– Minha linda Princesa, está tornando as coisas mais difíceis de resistir. – Sussurrou.

– Então nem tente. – Beijou-o de novo, atrevida e ousada. A boca dela se abriu para reclamar a sua, a língua lutando para abrir caminho através de seus dentes. Uma gargalhada se ouviu, mas a ignoraram. Estavam de pé no meio do caminho, mas não se importavam. Jarek sentiu que alguém grosseiramente o empurrava para conseguir para chegar à saída. Foi empurrado para frente até que as costas de Mei ficarão no batente da porta.

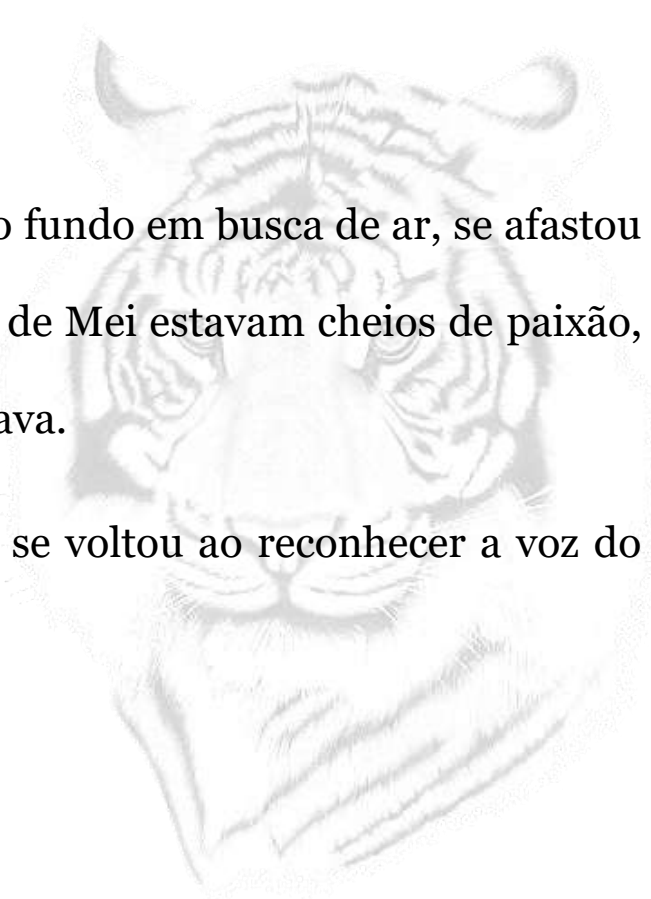
– Capitão!

Jarek mal ouviu a palavra.

– Capitão Jarek!

Era Dev. Ofegante e respirando fundo em busca de ar, se afastou alguns centímetros dela. Os olhos de Mei estavam cheios de paixão, e seu aroma era tudo o que o rodeava.

Jarek não podia falar, quando se voltou ao reconhecer a voz do amigo.

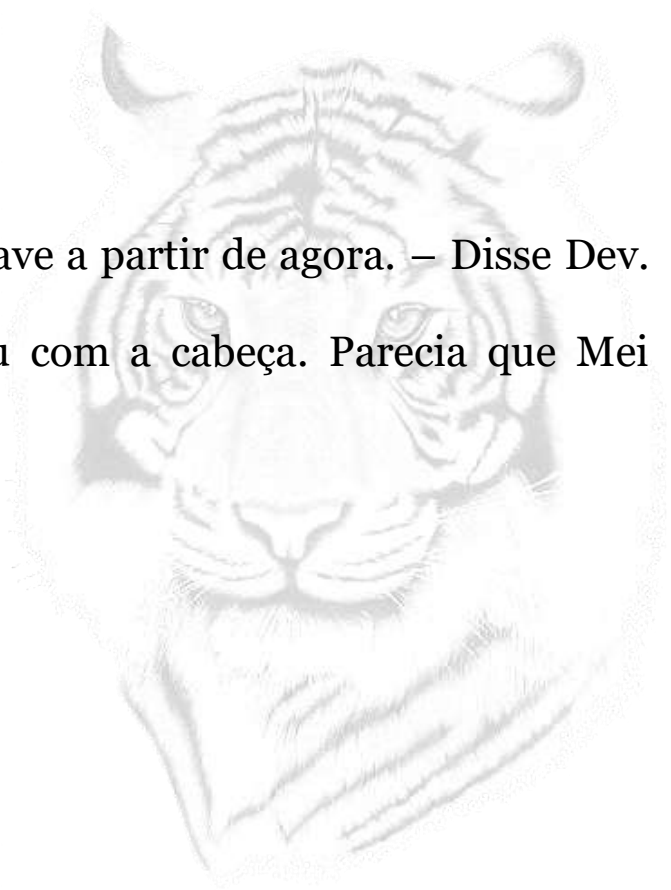


– Este sujeito diz que tem alguém aqui que pode nos ajudar com os reparos externos. – Dev disse em voz alta, não se aproximando muito deles. – Parece que estamos com sorte, ele é um engenheiro Letame.

Jarek assentiu. Os Letames eram famosos por suas habilidades de manipular e moldar os metais e a eletricidade com a mente. Os Letames eram encontrados raramente. A espécie fora quase extinta devido a avareza e ganância de outras espécies mais fortes e havia rumores de que os poucos sobreviventes eram controlados pela Máfia Médica que escolhia a quem seria oferecido os seus dons, lhe parecia até estranho que um Letame admitisse sua existência em qualquer lugar.

– Bom. – Gritou Jarek.

– Todos devem ficar fora da nave a partir de agora. – Disse Dev. Jarek levantou a mão e assentiu com a cabeça. Parecia que Mei conseguiria o que queria.



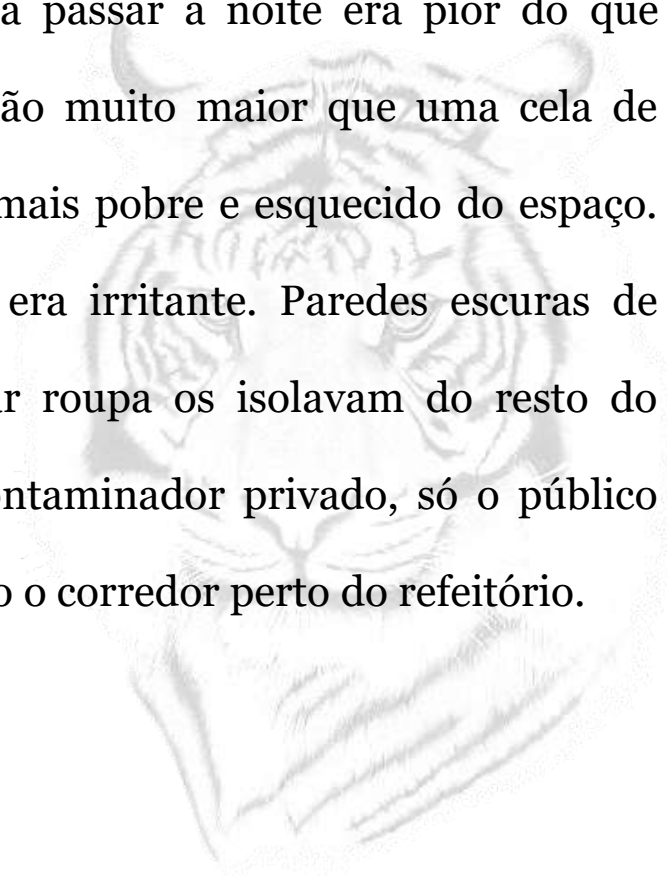
– Ficarei de olho nos reparos. – Acrescentou Dev. Jarek assentiu com a cabeça, mas o homem já estava subindo o deque de carga.

– E o mapa da Cidade Honrosa. – Sussurrou Mei preocupada.

– Não se preocupe, vou trazê-lo com algumas coisas que precisaremos. – Jarek se voltou para retornar à nave. E Mei o acompanhou.



A cabine que Jarek pagou para passar a noite era pior do que imaginara. Era um quadrado, não muito maior que uma cela de prisão do tipo cinco no recanto mais pobre e esquecido do espaço. As luzes piscavam e zumbiam, era irritante. Paredes escuras de sujeira e ganchos para pendurar roupa os isolavam do resto do porto. Não havia nenhum descontaminador privado, só o público que se podia acessar atravessando o corredor perto do refeitório.

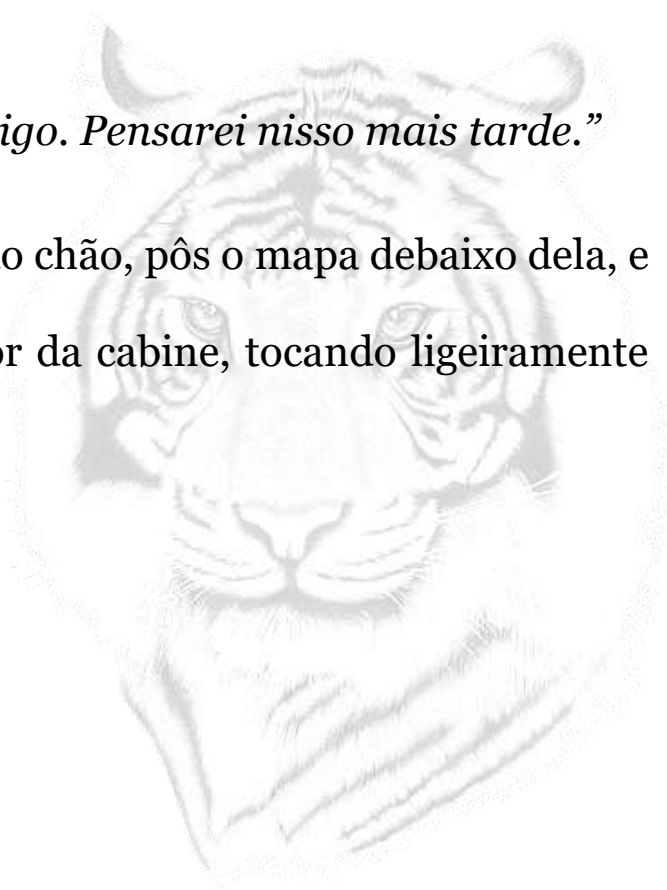


As paredes estavam cheias de buracos. Material grosso os preenchia para dar intimidade, sustentados em seu lugar por pequenas grades. De um lado, atrás da parede uma música estranha soava, vozes baixas e misteriosas eram acompanhadas por algum tipo de instrumento de corda.

Jarek respirou fundo, envergonhado de trazer Mei para um lugar assim. Gatos Sagrados, nenhuma cama! Como a convenceria a viver com ele quando a colocava nesta situação? Certo que agora ela parecia curiosa e satisfeita, mas para ela aquilo era algo novo, uma aventura. Jamais aceitaria isso como estilo de vida. Qualquer esperança que tivera em convencê-la a escolhe-lo sumia rapidamente.

“Terei que forçá-la a ficar comigo. Pensarei nisso mais tarde.”

Sentando-se na esteira tecida do chão, pôs o mapa debaixo dela, e fitou Mei. Ela caminhava ao redor da cabine, tocando ligeiramente tudo ao seu alcance.



– Não creio que já tenha entrado em um lugar mais sujo. – Disse Mei. Quando as palavras a deixaram, um inseto de dez patas disparou pelo chão. Três olhos giravam ao redor da cabeça marrom da criatura. Era do tamanho do pé de Mei. Ela gritou, saltando sobre a criatura quase subindo nos ombros de Jarek.

– Acho que mudei de opinião. Que tal voltarmos à nave?

– Ah, venha aqui, Fada. Talvez eu consiga fazê-la esquecer de onde estamos, hein? – Jarek ofereceu a mão para ela.

Mei a segurou, mas o puxou para que ele se levantasse em vez de o acompanhar na esteira.

– Ah não, meu querido pirata, vai me levar para jantar.

– Vou?

– Com certeza.

– Humm... – Disse a contra gosto. – Se tenho que fazê-lo, será feito.

Mei riu.



– Então vamos Fada.

Jarek fez uma careta.

– Homens não são Fadas.

– Sério? – E perguntou timidamente. – Afinal o que é Fada?

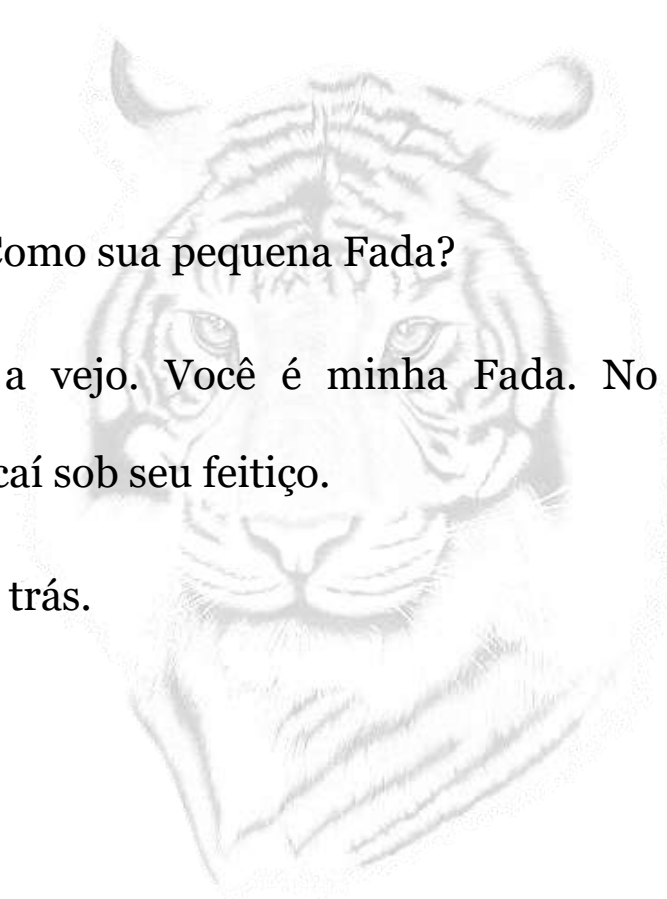
– Em meu planeta há uma lenda, contado que há muito tempo atrás, quando meu povo se estabeleceu em Qurilixen, existiam mulheres muito belas, mas bem pequenas, do tamanho de meu polegar; que voavam com asas quase transparentes e pulverizavam pó mágicos sobre os homens Var, fazendo-os ficarem loucos de amor forçando-os a fazer tudo que a pequena Fada pedisse. Eram escravos por amor.

Mei sorriu.

– É assim que me vê, Jarek? Como sua pequena Fada?

– Sim, é exatamente como a vejo. Você é minha Fada. No primeiro momento em que te vi, caí sob seu feitiço.

Mei riu, jogando a cabeça para trás.



– Eram os meus pés que o acertaram, qin ài de.

– Foi magia, minha Fada.

– Delírios.

– É possível.

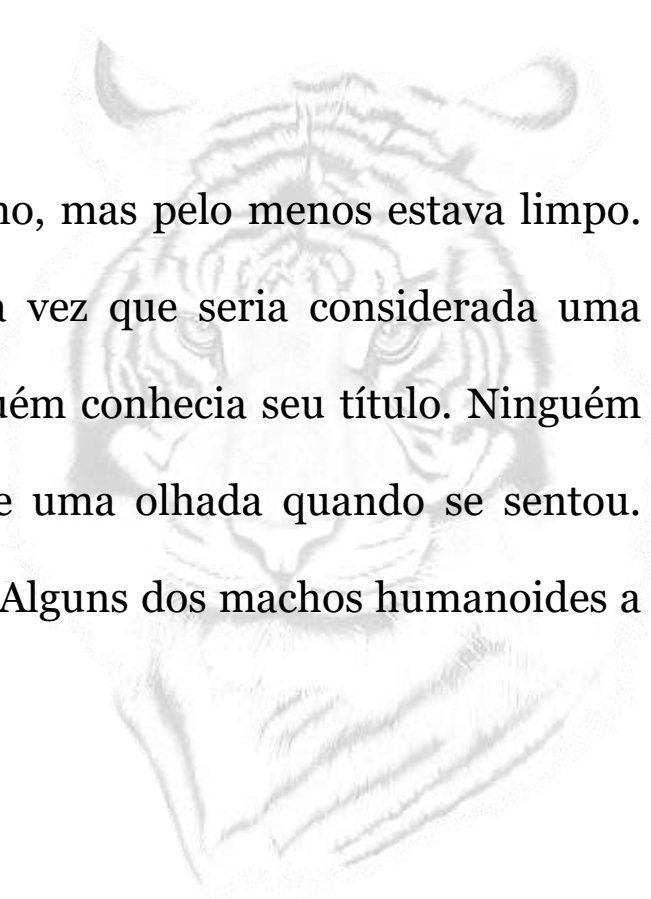
– Vamos logo com isso, pirata. – Mei se agarrou as lapelas da camisa dele. – Vai ou não me convidar para jantar.

Jarek riu, segurando–a.

– O que você quiser, Princesa.



O refeitório era pequeno e velho, mas pelo menos estava limpo. Mei olhava tudo. Era a primeira vez que seria considerada uma pessoa comum em público. Ninguém conhecia seu título. Ninguém se inclinou ou lhe jogou mais de uma olhada quando se sentou. Bem, não fora exatamente assim. Alguns dos machos humanoides a

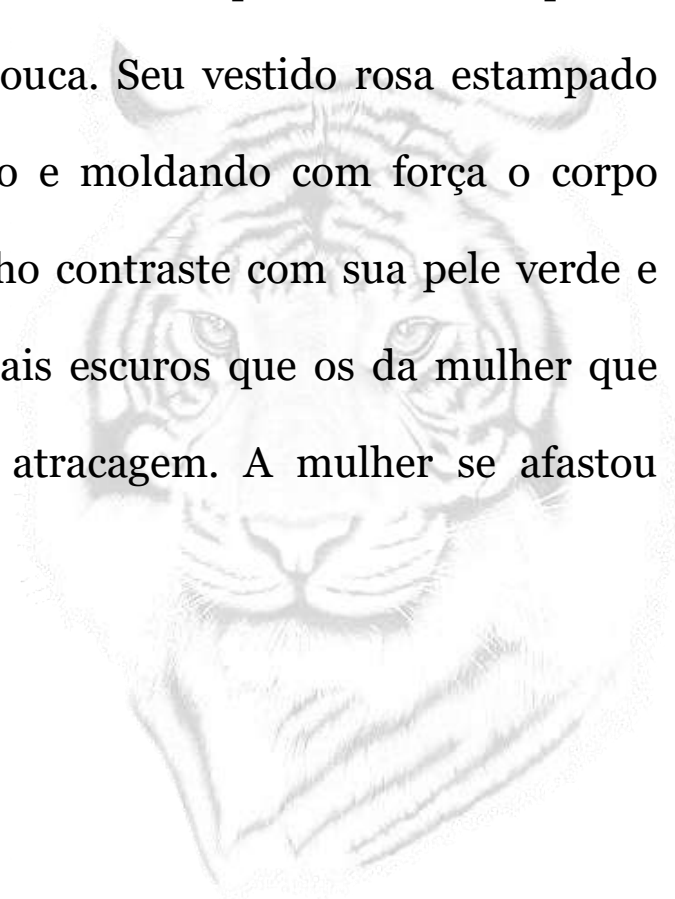


olharam com cobiça e Jarek, como um macho de sua espécie possessivo, grunhiu e os ameaçou com os olhos felinos e presas aparentes. Chegou até a levantar uma mão cheia de garras para o sujeito que se atreveu a aproximar-se de sua cadeira.

Mei adorou tanta possessividade. Gostou de se ver protegida por ele com tanto empenho, embora pudesse cuidar de si mesma, se acaso houvesse uma briga. Uma mulher baixinha e de estrutura gelatinosa lhes trouxe uma bandeja com comida e deixou cair sobre a mesa com um ruído metálico. Nem sequer tinham feito o pedido.

– A senhora é psíquica? – Perguntou Mei a mulher.

– Não coisinha, isso é a única coisa que servimos aqui. – Respondeu a mulher, com voz rouca. Seu vestido rosa estampado com flores vermelhas, apertando e moldando com força o corpo gelatinoso; formando um estranho contraste com sua pele verde e cabelos azuis, embora fossem mais escuros que os da mulher que flertara com Jarek na área de atracagem. A mulher se afastou rebolando.



– Moço, você sabe como tratar uma garota. – Brincou Mei. A expressão de Jarek se fechou ligeiramente e olhou ao redor. Ela agarrou-lhe a mão, chamando sua atenção. – Hey, só estava brincando.

Jarek estava pesaroso e acabrunhado ao fitá-la.

– É o que lhe parece, Fada? – Jarek cortou um pedaço grande da carne em seu prato descascado. Mordeu, mastigando-a pensativamente. – Não é tão ruim.

Não soava nada convencido. Mei foi um pouco mais delicada quando cortou um pedaço bem menor da carne. Devagar, levou a boca, tocando-a com a ponta da língua. O molho era forte e doce, fora cozida com um condimento estranho que não conseguia reconhecer. Não era muito apetecível. Reuniu toda a coragem e colocou o pedaço inteiro na boca. Fez todo o possível para mastigar e engolir sem pensar muito no sabor da coisa.

Mei estava bem consciente dos olhos de Jarek sobre ela, e fez todo o possível para sorrir e fingir que gostou daquilo. Ele estava

excepcionalmente silencioso enquanto jantavam. Ela tentara conversar e sem obter sucesso, contentou-se em olhar ao redor. Não havia muito para se ver. Uma besta peluda e fedorenta sentara-se com um homem de olhos vermelhos. Ao menos ela pensou que fossem machos. Era um pouco difícil de saber.

– Olá, Capitão. – Evan sentou-se na cadeira ao lado de Jarek. Inclinou-se, cortou um pedaço da carne, com os dedos a meteu na boca. – A nave foi abastecida.

– Bem, resolvemos quase tudo. – Disse Viktor, sentando-se ao lado de Mei. Fez um gesto indicando seu prato. – Já terminou?

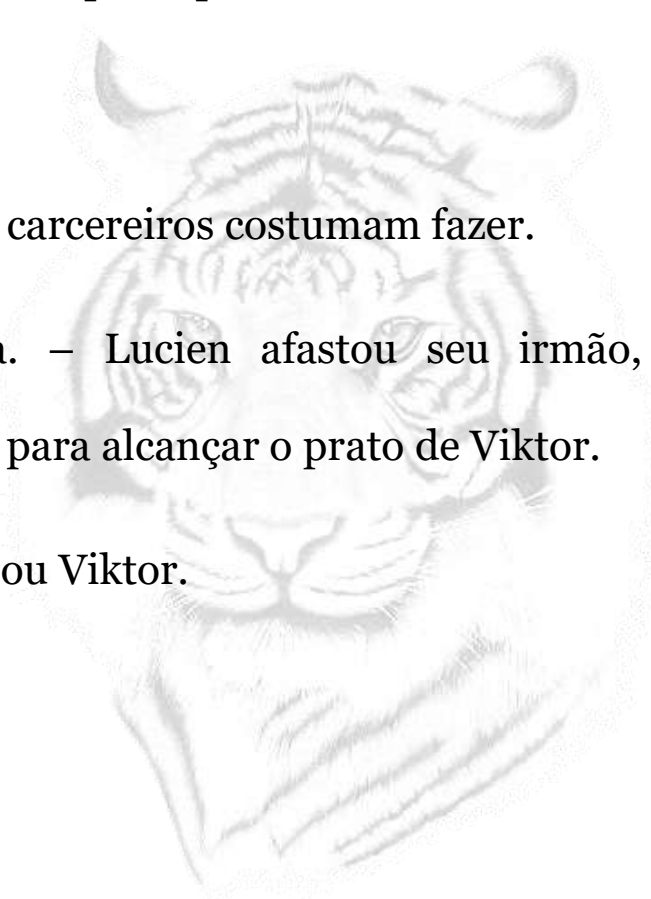
Mei riu silenciosamente e passou o prato para ele.

Viktor riu cheio de ironia.

– Humm, exatamente como os carcereiros costumam fazer.

– Oh, mas está uma delícia. – Lucien afastou seu irmão, esmagando Mei ao lado da parede para alcançar o prato de Viktor.

– Hei, vá pedir o seu. – Protestou Viktor.



– Ah, Cap. Estamos com sorte. Consegui rum.

Lucien ignorou o irmão, sem deixar de comer.

– Afinal por que vocês precisam de tanto rum? – Perguntou Mei.

Lucien pareceu horrorizado. Atônito, disse:

– Rum.

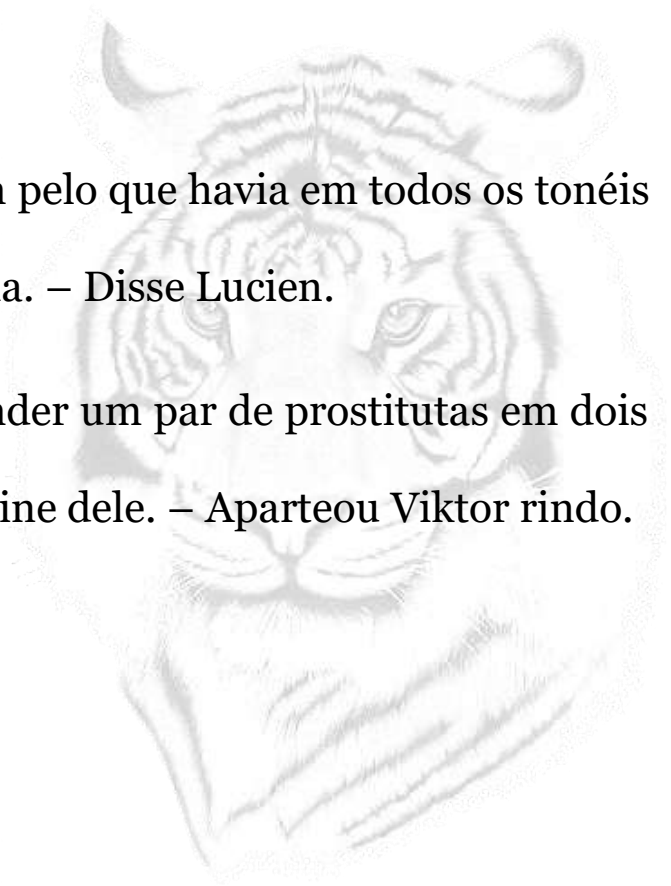
Jarek sacudiu a cabeça.

– Se continuar com isso vai acabar com problemas. Dev o colocará em quarentena outra vez.

Mei observava Jarek, enquanto ele sorria e até ria para os rapazes, mas havia tristeza e arrependimento em seus olhos quando a fitava.

– Ah, ele fez aquilo não foi bem pelo que havia em todos os tonéis que eu coloquei a bordo na surdina. – Disse Lucien.

– Não terá sido por você esconder um par de prostitutas em dois toneis e depois as levar para a cabine dele. – Aparteou Viktor rindo.



– Dev não gosta de surpresas? – Perguntou Mei naturalmente.

Claro, o homem era estóico, mas nunca imaginou que desprezaria a atenção feminina. Certamente já encontrara mulheres que gostavam de homens grandes e vermelhos.

– Ele? Talvez seja até perigoso colocá-lo em uma situação dessas. – Disse Jarek.

O rosto de Lucien expressava desgosto quando prosseguiu em voz baixa.

– Não imaginei que se assustaria tão facilmente. Pensei que estava lhe fazendo um favor. Afinal, está sempre resmungão e pensei...

– Oi, Dev! – Viktor exclamou, cortando a fala do irmão.

– Capitão não encontramos muitas avarias externas na nave. O Letame finalizou os reparos e poderemos partir assim que terminar o abastecimento de combustível e suprimentos. – Dev informou, unindo-se a eles na mesa. Olhando para a bandeja, inspirou fundo.

– Humm, picadinho de elteeb.

– Elteeb? – Perguntou Mei, olhando para baixo.

– Sim, reconheceria esse fedor em qualquer lugar no espaço. –

Dev assentiu com a cabeça, sempre sério.

– E o que exatamente é um elteeb? – Indagou, estivera tão preocupada com Jarek que não pensou em perguntar o que lhes fora servido.

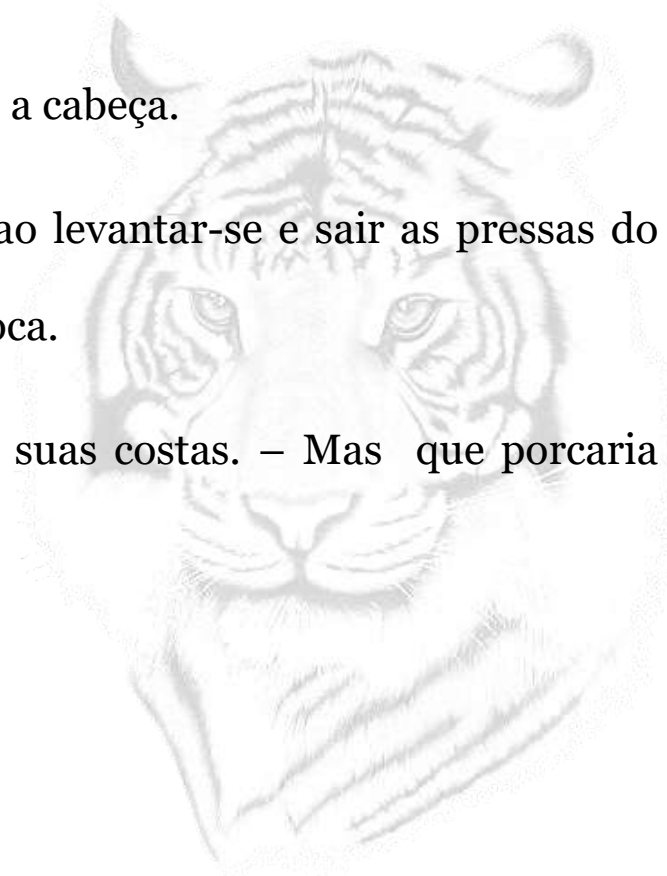
– Bem, é uma espécie de um inseto marrom com seis a doze patas segundo sua idade. – Dev levantou as mãos vários centímetros à frente. – Mais ou menos deste tamanho.

– Com três olhos? – Perguntou Mei, contemplando o prato, agora vazio. Seu estômago se rebelou. Seria o inseto da cabine?

– Acertou. – Dev assentiu com a cabeça.

– Qu tamade! – Ofegou Mei ao levantar-se e sair as pressas do restaurante com a mão sobre a boca.

– Mei. – Ouviu Jarek dizer a suas costas. – Mas que porcaria vocês têm na cabeça?



Mei não parou até chegar ao corredor. A imagem do inseto correndo pelo chão não deixava sua mente. Não conseguiu conter por mais tempo a náusea. Vomitou no chão do corredor. Jarek estava logo atrás dela, segurando-a. Um velho droide de limpeza saiu da parede. Movia-se devagar, mas começou a limpar o desastre.

Mei se inclinara usando a parede e Jarek como apoio. Fechou os olhos. Durante muito tempo, ficou nesta posição, respirando fundo para acalmar o mau estar. Quando por fim consegui falar, disse:

– Eu comi um inseto..

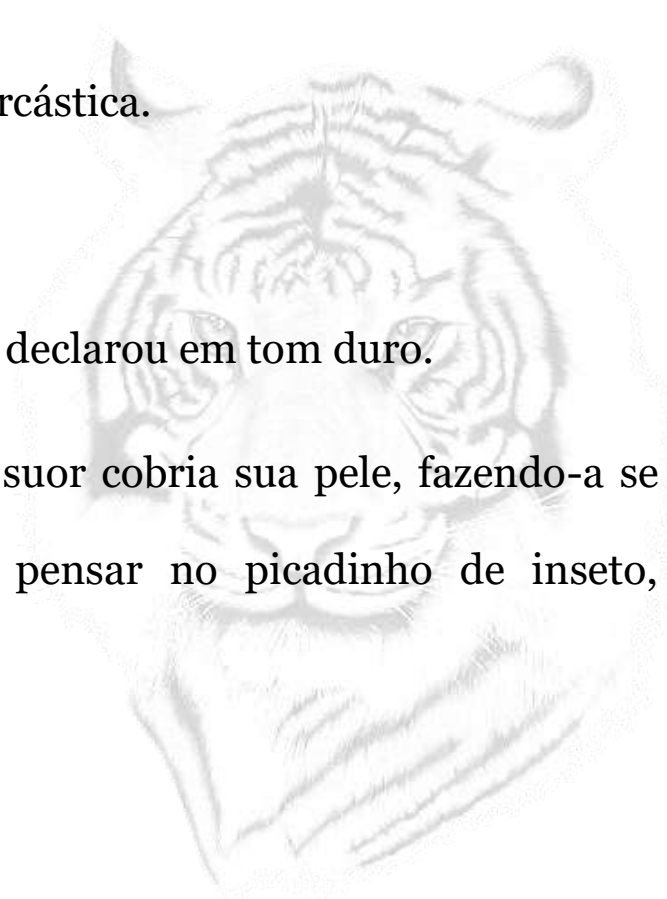
– Zhè bìng bù huài. –Tranquilizou-a Jarek. – Não é tão ruim quanto imagina.

Ela soltou uma gargalhada sarcástica.

– Quero voltar a nave.

– Partiremos em breve. – Ele declarou em tom duro.

Ela o fitou. Uma camada de suor cobria sua pele, fazendo-a se sentir pegajosa. Tentando não pensar no picadinho de inseto,



observou-o com cuidado. Será que a paixão já se acabara? Cansara-se dela?

– Quero voltar a nave. – Respondeu ela, não dizendo o que sentia em seu coração. O que acontecera?

Antes, tudo o que sentiam, era dito. Agora se via obrigada a se conter. Será que era por estarem a caminho de Lintian? Estaria pensando que um certo distanciamento tornaria a separação entre eles mais fácil? Se ele pensava assim, Mei não concordava.

Nada tornaria mais fácil deixá-lo.

– Vamos para a nave. – Jarek a amparou quando ela se inclinou sobre ele. – Creio que lhe fará bem descansar um pouco.

– Temos que pegar o mapa primeiro. – Mei murmurou. – O deixamos na cabine.

Jarek franziu o cenho, mas assentiu com a cabeça. Caminharam em silêncio. Ele abriu a porta da cabine e desapareceu. Mei pensou brevemente na noite romântica que planejava. Não havia romantismo em quartos infestados de insetos.

– Você o colocou em outro lugar? – Perguntou Jarek.

Mei negou, tirando o olhar do chão onde procurava insetos.

– Não. Estava debaixo da esteira.

Jarek se voltou, seus olhos agora totalmente mudados. Suas fossas nasais dilatando-se.

– Alguém esteve aqui.

Mei correu o olhar da porta e o lançou pelo corredor. Tentou ouvir o vento, mas o ar no corredor permaneceu estático. Este era o problema no espaço. Nenhum vento. Seu ritmo cardíaco acelerou e seu corpo estremeceu de temor. Jarek se moveu atrás dela que se virou, bem a tempo de ver o corpo dele se transformar em um grande felino. Listras negras atravessavam o dorso musculoso e alaranjado. Os pelos do rosto eram brancos com manchas pretas. Contemplou-a com os olhos profundos e insondáveis da fera, arreganhou a boca e soltou um grunhido baixo e feroz da garganta.

Mei brincara com ele sobre a mudança, mas nunca imaginara nada assim, fora tão rápido. Agora Jarek rugiu, levantando a grande

cabeça. Viu suas presas quando abriu mais a boca. Dentes longos e afiados a assustaram. Mei recuou lentamente no corredor junto à parede, ficou tão apavorada que suas costas bateram na parede metálica. Um dos painéis da parede estava mal encaixado e com a borda virada, sua camisa ficou presa no pedaço de metal enquanto se afastava da fera, estava presa e encurralada. Sua mente se encheu com os rumores de que alguns shifters perdiam o controle quando se transformavam. Jarek seria um deles? Era por isso que não deixava vir a fera quando ela praticamente implorava durante o prazer?

Implorara tantas vezes, mas ele sempre tinha algo que fazer: reparos, cuidar da navegação, fazer amor com ela. Mei não o pressionara e agora estava em apuros.

– Jar... – Ela tentou pronunciar seu nome. Só um sussurro deixou seus lábios. Ela fechou a boca e ficou completamente imóvel.

Os olhos do felino se estreitaram. Eram familiares a ela, o castanho esverdeado e as pupilas rasgadas. As garras mortais

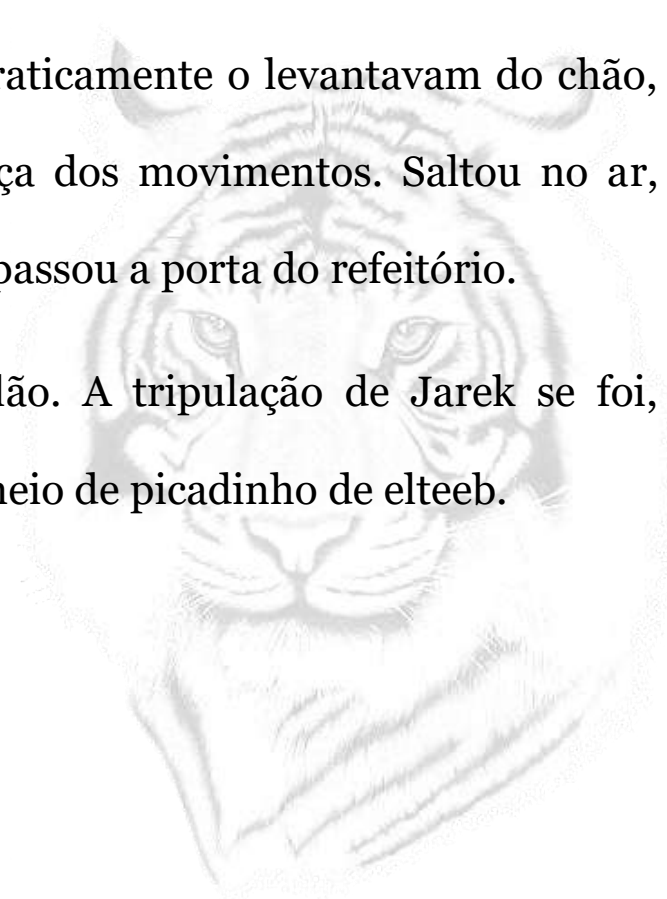
surgiram nas patas sorrateiras e grandes. Não havia dúvida de que fora feito para matar.

Um rugido estrondoso saiu da boca grande e cheia de dentes. Mei gemeu de medo, esquecendo todo seu treinamento de auto defesa quando ele correu para o final do corredor. Ela fechou os olhos com força. O som abafado das patas enormes batendo no metal cessou quando ela abriu os olhos. Com um suspiro, olhou o outro lado. Jarek se fora. De repente, percebeu que ele somente tentara afastá-la do caminho para poder procurar o mapa.

Correu atrás dele, e viu sua cauda quando entrou em um corredor lateral. Mei correu mais. Ele se dirigia ao refeitório.

As patas potentes de Jarek praticamente o levantavam do chão, demonstrando a elegância e força dos movimentos. Saltou no ar, saindo de sua visão quando ultrapassou a porta do refeitório.

Mei parou na entrada do salão. A tripulação de Jarek se foi, menos Dev que tinha um prato cheio de picadinho de elteeb.



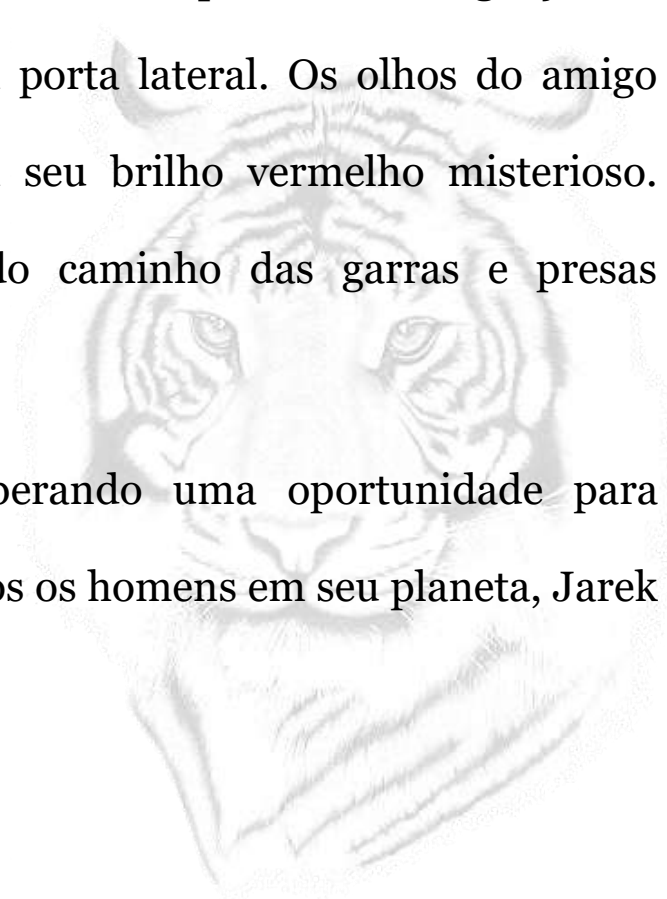
A besta peluda de cheiro asqueroso saltou de seu assento na entrada. Pedras vulcânicas surgiram agarradas em meio aos pelos emaranhados. Um verde brilhante encheu seus olhos, cravando-os em Jarek.

Dev levantou-se e já se posicionou em frente aos dois humanoides. Havia muitas espécies nas galáxias, mas Mei se surpreendeu com a altura da besta peluda quando esta se levantou. Era muito mais alta que Dev e tão corpulento.

Mei se afastou quando Jarek se colocou a frente do ser peludo. De repente, se atracaram.

Em instantes o refeitório entrou em polvorosa. A garçonete gelatinosa desapareceu por uma porta lateral. Os olhos do amigo pálido da besta brilhavam com seu brilho vermelho misterioso. Recuou um passo para fora do caminho das garras e presas cortantes.

Mei observava a briga, esperando uma oportunidade para ajudar, e sabendo que, como todos os homens em seu planeta, Jarek



não gostaria de sua intromissão. A tensão era latente no local. Jarek rugiu. A besta grunhiu. Ambos tiravam sangue um do outro. A besta cortou a omoplata de Jarek. Este respondeu afundando os dentes no braço peludo.

Um movimento na porta atraiu a atenção de Mei. O homem pálido fugia. Dev, também o viu. Fez um gesto para investir entre os homens que lutavam. A besta peluda esfaqueou Dev brutalmente atingindo-lhe o peito e fazendo um corte aberto. Mei viu nesse momento uma oportunidade. Correu por trás de Jarek. Uma leve agitação no ar tocou sua face, acompanhada por um som abafado.

A besta atirara uma adaga na direção dela.

Não se deteve ao se lançar pela porta, inclinando-se sob o batente. O corredor era mais escuro e traiçoeiro que o resto do porto espacial. Uma luz tênue tornava mais difícil a visão. Brilhando em uma linha estreita ao longo da parede. Alguns elteebbs corriam e se escorriam enquanto ela caminhava pelo corredor, desaparecendo e reaparecendo nos buracos das paredes. Alguns até mesmo corriam

no teto. Mei estremeceu de nojo, obrigando-se a seguir em frente.

Recusava-se a acreditar que comera aquela coisa.

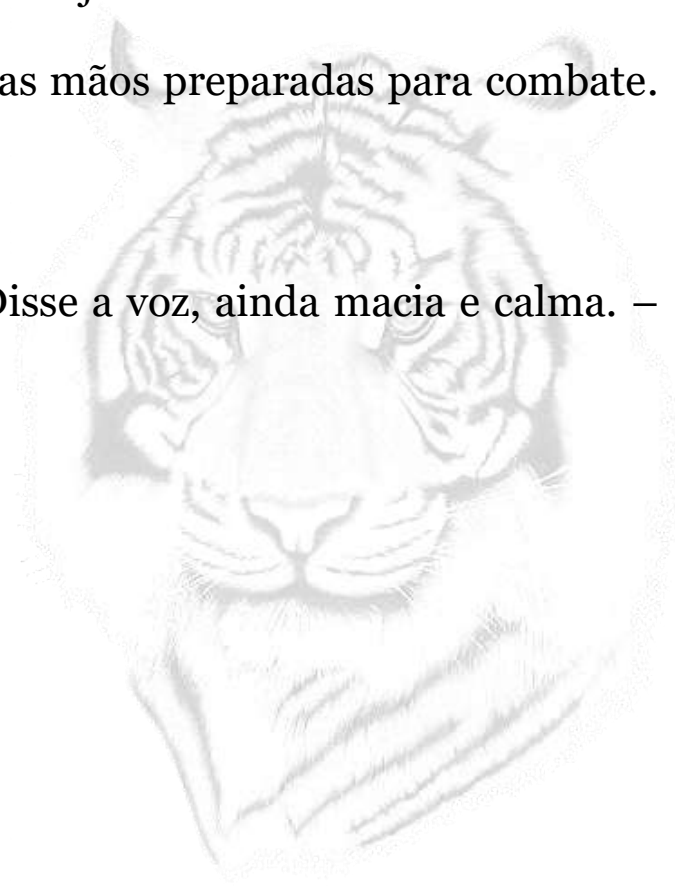
Quanto mais avançava, o fedor aumentava no corredor. Subitamente parou, preparando-se para reagir. Não deixaria que o homem pálido escapasse, não se ele estava com o mapa. Uma réstia de luz iluminava o corredor e ela detectou um cheiro estranho.

– Saia do buraco em que se escondeu, covarde. – Resmungou, estreitado os olhos.

– Mas que coisa feia, palavras violentas saindo de uma boquinha tão bonita.

As palavras foram sussurradas junto ao seu ouvido. Ela se sobressaltou, dando a volta com as mãos preparadas para combate. Nada havia ali.

– Ah, reage rapidamente. – Disse a voz, ainda macia e calma. – Você é uma delícia, pequenina.



– Vai me achar mais deliciosa quando o deixar estendido no chão. – Mei girou, chutando. A última palavra resmungada, quando tentou atingi-lo. Seu pé acertou o ar.

– De certo estarei no chão, mas entre suas pernas doçura. – Burlou a voz.

Mei sentiu o toque de uma mão em seu traseiro, apertando ligeiramente. Imediatamente reagiu; desta vez o acertando em cheio no queixo. A pele branca brilhou na luz tênue enquanto o homem recuou tropeçando para trás. O sujeito se aprumou esfregando a mandíbula e os olhos vermelhos se arregalaram surpresos.

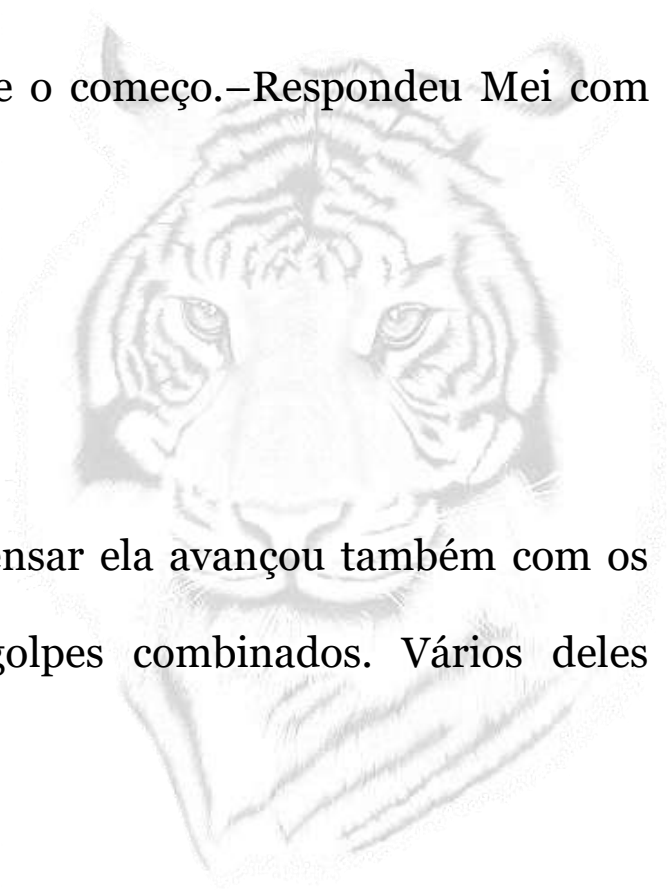
– Você me acertou. – Acusou agora irritado.

– Bem, essa era a idéia desde o começo.–Respondeu Mei com um sorriso satisfeito.

Ele avançou.

– Pagará por isso, doçura.

Mei aceitou o desafio, sem pensar ela avançou também com os braços e pernas distribuindo golpes combinados. Vários deles

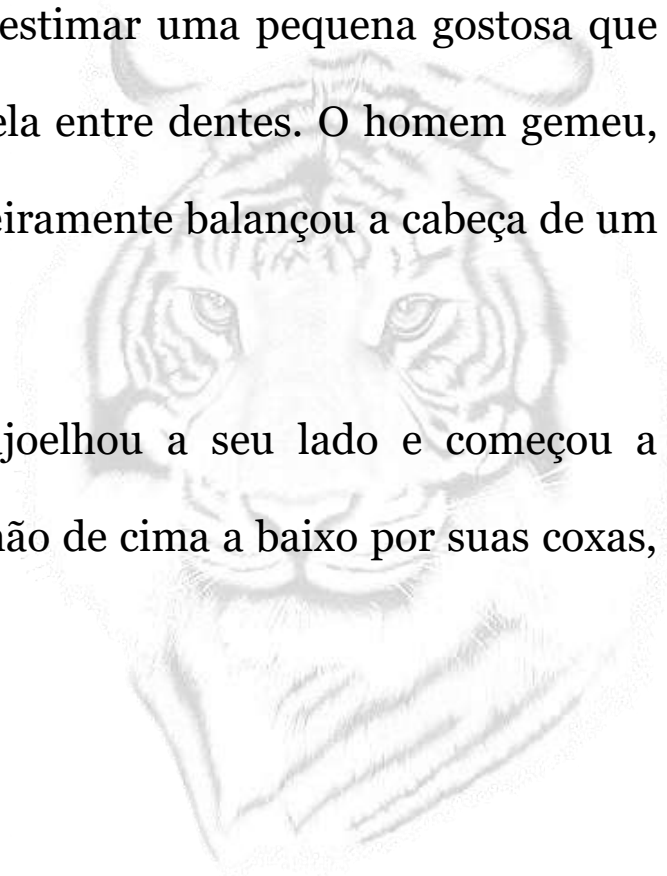


efetivos. O homem também a atingiu com um soco do lado direito do rosto. Mei estremeceu, mas não baixou a guarda. Não era a primeira vez que era atingida por um punho masculino, mas era definitivamente um dos mais fortes.

Zangada, lutou vigorosamente. Um instinto cego se apossou dela até seus movimentos se tornaram automáticos. De repente, atingiu o ombro do homem pálido que desabou no chão, aturdido. Respirando afogueada, ficou em pé sobre ele, pronta para reagir caso ele se levantasse. Mei treinara muitas vezes com suas irmãs até que conseguisse lançar um homem três vezes maior que cada uma delas, no chão.

– Seu idiota, viu o que é subestimar uma pequena gostosa que não é para seu deleite? – Disse ela entre dentes. O homem gemeu, as pálpebras pesadas quando ligeiramente balançou a cabeça de um lado a outro.

Sem perder tempo, ela se ajoelhou a seu lado e começou a procurar o mapa. Deslizando a mão de cima a baixo por suas coxas, subiu até seus quadris.



– Gatos Sagrados! Mei!

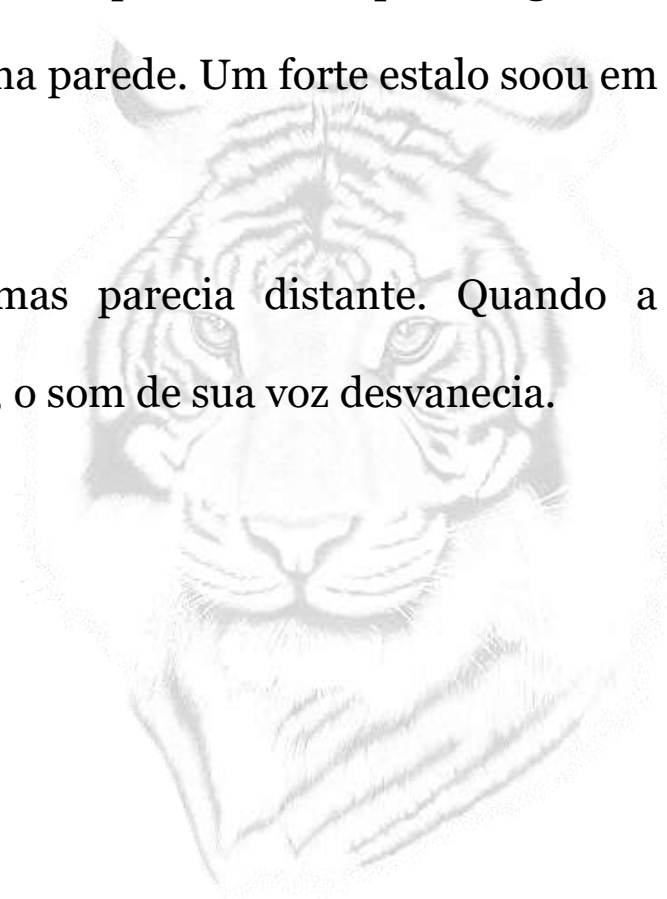
Mei se virou quando ouviu o rosnado de Jarek. Para sua surpresa, o Capitão pirata, deliciosamente nu, surgia em sua forma humana. O sangue gotejava de alguns ferimentos no corpo, nos ombros um corte fundo, o rosto estava arranhado e na perna esquerda havia marcas de dentadas. Seu cabelo comprido e escuro, ondulando ao aproximar-se correndo. Mei perdeu a concentração no que estava fazendo quando avistou aquele físico espetacular.

– Mei, que Demônios está fazendo? – Exigiu.

– Encontrar... – Não terminou as palavras. Os olhos do homem pálido encontraram os seus e ele piscou. Um punho grande encontrou seu rosto, lançando-a na parede. Um forte estalo soou em sua cabeça e a visão se turvou.

Ouviu o rugido de Jarek, mas parecia distante. Quando a escuridão alcançou seus sentidos, o som de sua voz desvanecia.

– Mei! Me...!



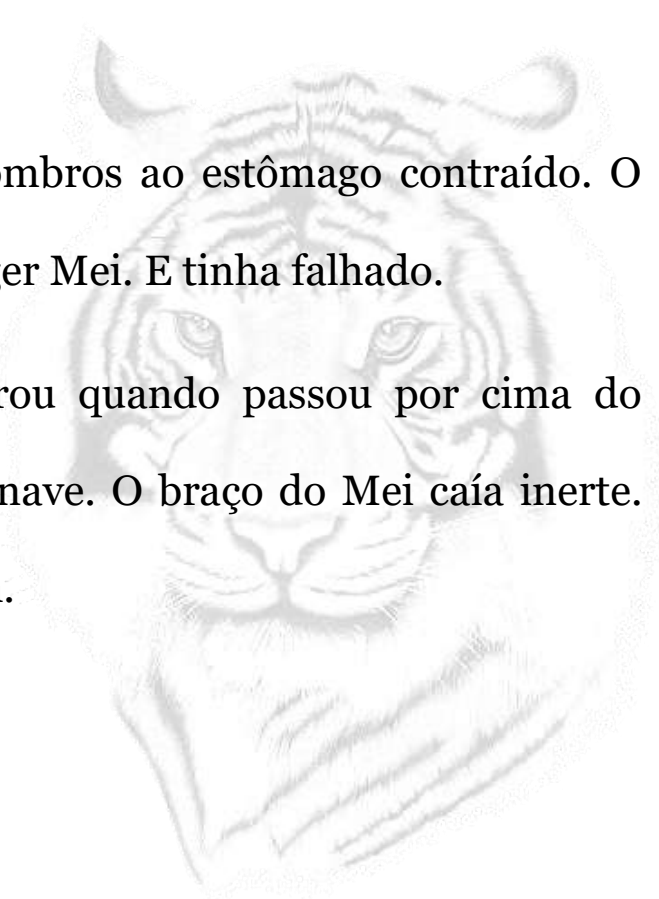


Jarek urrou quando viu Mei caída no corredor. O homem pálido no chão já estava de pé e se tornava uma sombra imprecisa de movimentos antes que Jarek os alcançasse. Era a criatura mais rápida que já vira.

Embora quisesse persegui-lo, sabia que Mei precisava de cuidados. Ajoelhou-se ao lado dela e rapidamente a examinou para ver se havia ferimentos antes de se levantar com ela nos braços. Caminhava apressado em direção ao refeitório, segurando-a junto a si.

A tensão se estendendo dos ombros ao estômago contraído. O medo o sacudia. Prometera proteger Mei. E tinha falhado.

Passando pela porta, não parou quando passou por cima do lykan inconsciente e se dirigiu à nave. O braço do Mei caía inerte. Jarek chegara a área de atracagem.



– Tire-nos daqui agora. – Ordenou a Evan quando o amigo ativou a prancha de embarque.

– Estamos partindo. – Respondeu, correndo para a cabine. Jarek amaldiçoou. Levando Mei direto à cabine médica. A nave sacudiu quando os motores ligaram.

– Gatos Sagrados, Mei. Por que não ficou onde eu pudesse protegê-la?



10

Mei gemeu mexendo a cabeça. Piscando quando olhou ao redor. Estava no quarto de Jarek e na nave. Levou um momento, de repente, as lembranças a invadiram e se sentou, ofegante.

– O mapa.

– Shh, está tudo bem, estamos com ele. – Jarek declarou, fazendo-a voltar a deitar-se. Tocou sua testa, acariciando os cabelos e jogando-os para trás, queria acalmá-la.

Mei levantou o olhar indagando:

– O homem pálido?

– Escapou.

– Ele não estava com o mapa?



– Não, o Lykan o tinha. – Com essas palavras, a expressão de Jarek endureceu um pouco.

– O que houve? – Mei tentou sentar-se outra vez, mas as mãos dele a contiveram. – Dev...? Está...?

– Dev está bem. Você foi a única a se machucar. – Sua expressão agora se tornava torturada e zangada ao mesmo tempo. – Gatos sagrados, Mei! Não percebe que poderia estar morta? O que estava pensando ao perseguir um ser que você nem tem idéia do que é? E se ele estivesse com amigos como ele? E se...? E se a matasse? Nem sequer parou para pensar no que estava pretendendo fazer?

– Sinto muito Jarek, eu... – Mei franziu o cenho. – Espere um momento, por que estou pedindo desculpas? Posso cuidar muito bem de mim mesma. E se o cara pálido estivesse com o mapa? Enquanto você estava ocupado lutando contra a bola de cabelo gigante, teria escapado. Nada disso teria acontecido se você não aparecesse pelado e me distraído. Somente queria proteger minha família.

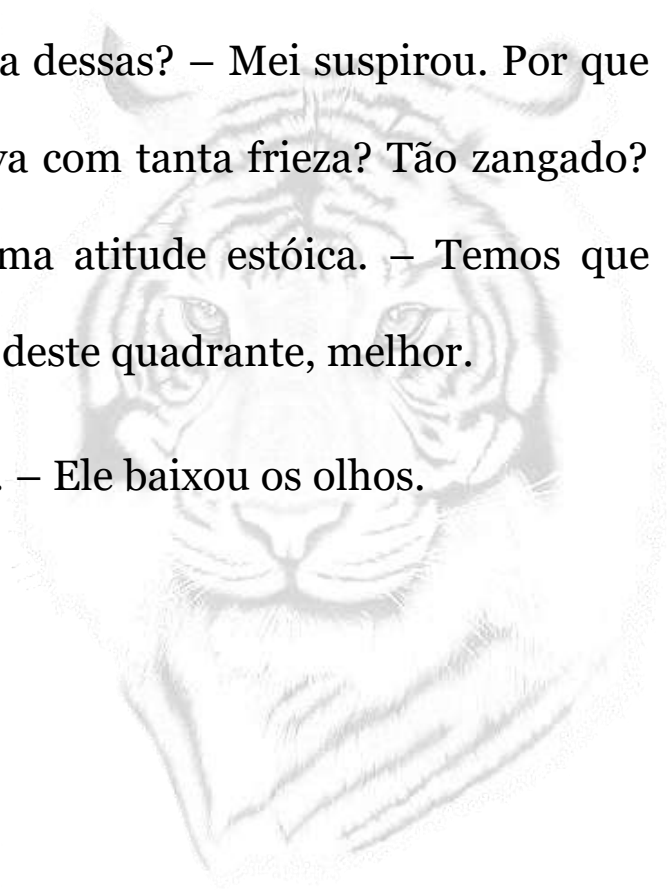
– Mas ele não tinha o mapa. Deveria ter acreditado em mim para consegui-lo de volta. – Sua mão ficou imóvel em sua cabeça.

– Poderia estar com ele. – Mei bateu na mão dele enquanto se sentava. Jarek tentou tocá-la e lhe deu outro tapa. Avançando pouco a pouco até o final da cama e levantou-se.

– Não, o mapa estava com o Lykan. Foi o cheiro do Lykan que descobri no quarto e se você soubesse algo sobre essa espécie, saberia que são criaturas avaras e nada propensas a compartilhar, mesmo com os amigos. – Os lábios de Jarek se apertaram em uma linha dura e a olhou, sem sair do lugar. Era quase como se estivesse assustado em se mover.

– E como eu saberia uma coisa dessas? – Mei suspirou. Por que ele estava assim? Por que a olhava com tanta frieza? Tão zangado? Levantou o queixo, mantendo uma atitude estóica. – Temos que partir. Quanto mais cedo sairmos deste quadrante, melhor.

– Estamos próximos a Lintian. – Ele baixou os olhos.

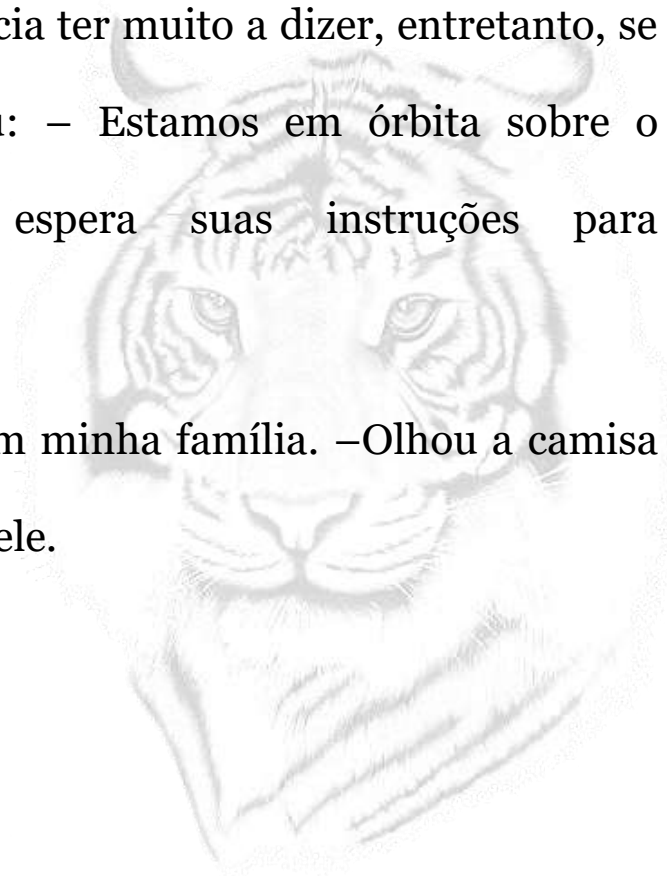


Mei arregalou os olhos, surpresa. Olhou ao redor como se pudesse ver através das paredes metálicas. Já? Quanto tempo estivera inconsciente? O desespero a dominou.

– Estamos? – Não, não estava pronta para deixá-lo. O que lhe restara de seu tempo com ele? Não podia ter terminado. Observou sua expressão dura, não conseguia parar de se perguntar se ele ainda a queria. Seus sentimentos por ela foram fantasias? Uma maneira de passar o tempo? Seu coração doía, sabia que quando lhe disse que a amava, havia dito a verdade. – Jarek precisamos conversar...

– Mei... – Hesitou. A paixão formava redemoinhos em seus olhos, fundido a cólera fria. Parecia ter muito a dizer, entretanto, se calara. Em tom baixo declarou: – Estamos em órbita sobre o Império Singhai. Lochlann espera suas instruções para aterrissarmos.

– Devo entrar em contato com minha família. – Olhou a camisa grande que usava. Era uma das dele.



– Perdão, Fada, mas as comunicações ainda estão inoperantes. –

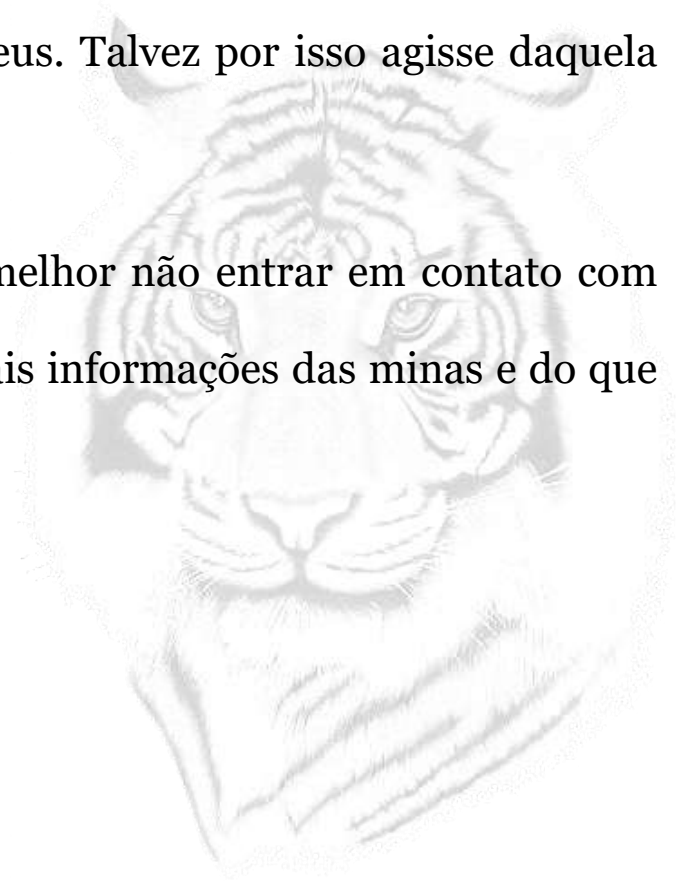
Enquanto falava, encaminhou-se a um armário de metal embutido na parede.

Passando a mão no sensor, abriu a gaveta e tirou peças de roupas dobradas.

– Humm, Viktor e Lucien pegaram essas roupas, por assim dizer, emprestadas, mas não lhes caiu muito bem. Sinto por não a deixarmos na Cidade Honrosa, mas não posso me arriscar que alguém saiba que estamos aqui antes de resgatarmos Rick.

Mei sacudiu a cabeça. Fechando os olhos por um momento, tentou sufocar a dor e se concentrou no que devia fazer. Jarek não parecia preocupado em dizer adeus. Talvez por isso agisse daquela forma.

– Concordo. Creio que será melhor não entrar em contato com minha família até que termos mais informações das minas e do que está havendo lá.



Seu pai e irmão não gostariam que fosse às minas sem eles, em todo caso, Jarek também não a deixaria se envolver naquilo. Pediria a ela para que ficasse na nave. Entendia sua preocupação, mas precisava ter certeza do que estava acontecendo. Além disso, quanto mais postergasse a volta para casa, mais tempo teria com ele. Podia parecer tolice, mas queria se agarrar a cada momento que lhes restaria. Já estava bem irritada consigo mesma por perder o tempo que estivera inconsciente.

– Qin ài de, preciso lhe dizer. – Disse em voz baixa. – Quero que saiba que não vejo o que há entre nós, apenas como uma aventura que acaba quando não há mais que atração sexual. Preciso saber que se lembrará de mim com carinho, mas também quero que encontre a felicidade. Preciso, tenho de saber que está feliz.

– Mei, eu estou... – Interrompeu-se, inspirando fundo, só para que uma suave maldição deixasse seus lábios quando exalou. – Sinto ter me zangado com você, Fada. – Imediatamente avançou, abraçando-a com força. – Estava tão temeroso de sua reação por não ter sido capaz de protegê-la.

– Jarek. – Mei sussurrou com uma lágrima escorregando por seu rosto. – Não quero que nosso tempo juntos termine.

– Não há porque terminar, Mei. – Afirmou decidido. – Ainda pode vir comigo.

– Preciso me casar com o Príncipe Lok. – Disse tristemente. – É meu dever.

– Mas não está comprometida com ele, nem o ama. Juntos podemos mudar o destino.

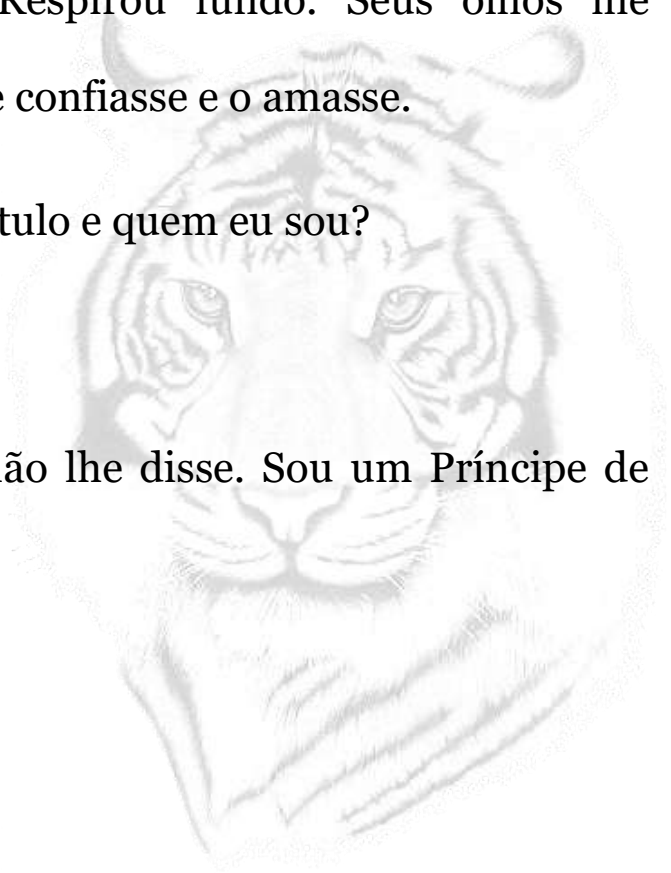
– Minha família...

– Se teme a reação de sua família não se preocupe, aceitarão meu título e quem eu sou. – Respirou fundo. Seus olhos lhe suplicando para ficar com ele, que confiasse e o amasse.

– O que quer dizer com meu título e quem eu sou?

Jarek ficou tenso.

– Mei, há certas coisas que não lhe disse. Sou um Príncipe de Var por nascimento.



– Você... Um príncipe? – Perguntou, surpresa. Mei o olhou desconfiada. – Por direito? Você? Um pirata?

– Sim... Não. Um príncipe, sim; um pirata, na verdade, não.

– Mentiu para mim? – Mei estava muito espantada. Jarek a apertou mais nos braços, não queria que ela se afastasse irritada.

– Fada, não foi exatamente uma mentira. Você achou que eu fosse um pirata, e eu... – Atraiu-a para mais perto. O rosto dele desceu para o dela enquanto a olhava nos olhos. – Aqui, no espaço, sou o Capitão Jarek, o líder desta nave. Nunca uso meu título, a menos que precise fazê-lo, por exemplo: Quando tenho que representar minha família ou meu planeta como embaixador. Sua família honrará meu título e a minha a aceitará com alegria.

– Mas... – Ela franziu o cenho, aturdida. – Você foi exilado? Não tem deveres a cumprir?

– Não conseguiria viver no palácio, mas meus deveres nunca diminuíram. Se o futuro de minha família ou planeta depender de meu sacrifício, não haverá hesitação de minha parte. Mas na

verdade não sou tão necessário. – Riu baixinho, descendo a boca para perto da dela. – Meus irmão têm tudo sob controle.

Mei queria se aproximar mais, até que as bocas se encontrassem em um beijo ardente, até que seus corpos se fundissem e se tornassem um, mas estava muito confusa por aquela revelação para ir de encontro a ele.

Jarek? Um príncipe? Podia entender facilmente sua posição, melhor que qualquer um, sim, mas não era só um título. Havia deveres que devia cumprir. Mesmo enquanto ela estava ali na nave e livre, ainda podia sentir o peso de sua educação.

– Mei, você pode ser leal a sua família e ao seu povo mesmo não vivendo dentro do palácio. Veja que ainda sirvo a meu povo aqui, nas estrelas. Se minha família precisar de mim, tudo o que têm a fazer é me chamar. Garanto a você que funciona. A princípio, meus irmão ficaram aborrecidos com minha decisão, mas a aceitaram e apoiam. Provei a eles que ficar aqui seria necessário para nossa defesa e prosperidade. O conhecimento que tenho da galáxia não poderia ser adquirido se estivesse preso a Qurilixen. Deixe-me

mostrar-lhe o que podemos aprender no espaço e voltaremos a nossos planetas sempre que quisermos ou for necessário.

Mei entendia isso. Não se pode escapar dos deveres, mas ele tampouco, estava correndo para eles. Entretanto, diferentemente da família de Jarek, a dela realmente precisava que voltasse a seu planeta. Por essa razão, inveja-lhe.

– Por que então não cruzou meu caminho primeiro? Por que não me sequestrou antes de ir ao palácio do Príncipe Lok? – Mei sabia as respostas. O Príncipe Lok e seu casamento assegurariam a paz.

– Não compreendendo.

– Só queria que o destino pudesse ter sido diferente. – Mei deixou cair sua cabeça contra o peito. Doía-lhe a cabeça e o pescoço. As mãos de Jarek foram imediatamente a seus ombros e começaram a lhe massagear o pescoço, como se ele pudesse sentir seu desconforto. Mei gemeu. Aquelas mãos sempre lhe davam prazer e, neste momento, eram reconfortantes enquanto percorriam de cima a baixo, ao longo de sua coluna. – É melhor entrarmos em orbita

assim que o sol se por no Império Song, a localização das minas ficam próximas a um povoado, será mais seguro pousarmos de madrugada.

– Faremos como diz.

– Quanto tempo nos resta?

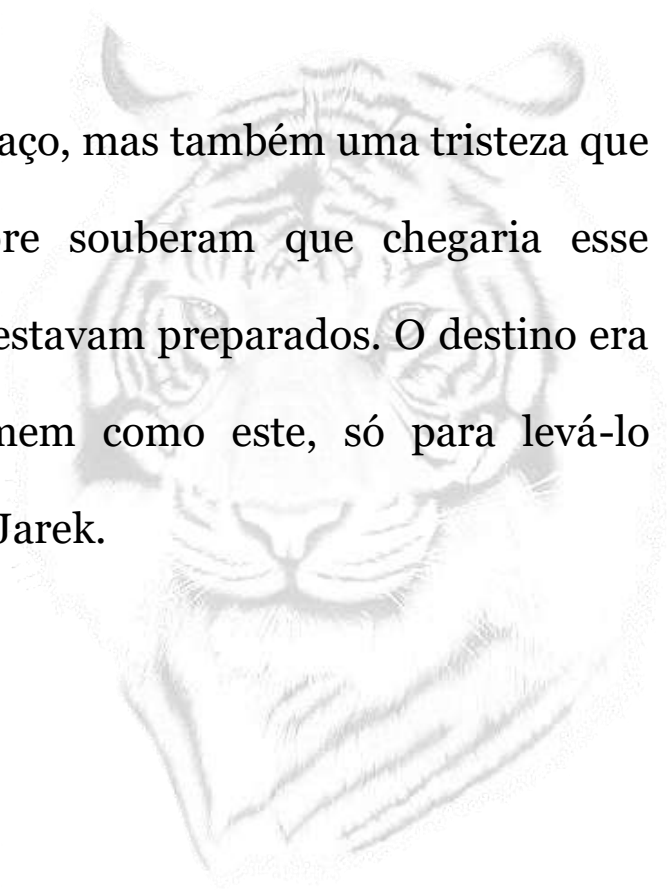
– Algumas horas.

– Humm, tempo demais para esperar e pensar no que pode acontecer, e muito pouco até que tenhamos de nos separar. – Suspirou Mei. – Fará amor comigo outra vez?

Jarek respondeu com um beijo. Seu toque era suave e terno quando a abraçou forte.

Havia tanta paixão em seu abraço, mas também uma tristeza que podia se igualar à dela. Sempre souberam que chegaria esse momento, entretanto, ainda não estavam preparados. O destino era cruel por lhe entregar um homem como este, só para levá-lo embora. Seu Príncipe pirata. Seu Jarek.

– Wo ai nem. – Sussurrou.



Jarek se afastou só o suficiente para olhá-la nos olhos.

– Eu a amo, Fada.

Que mais se poderia dizer entre eles que já não tivesse dito? Seu olhar escuro salpicado de ouro. Perfeito para ela! Como é bonito este homem. Seu coração doía diante da ideia de deixá-lo e sabia que jamais sentiria esses sentimentos por outro homem.

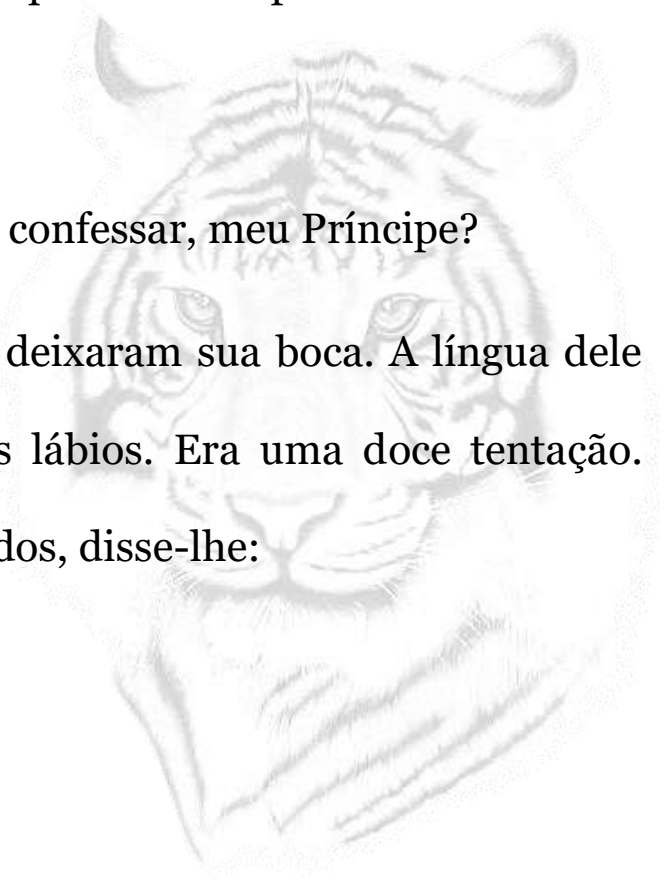
– Jarek, você faria de mim uma meio companheira? – Perguntou-lhe esperançosa. – Não posso me casar com você, mas... – Deu-lhe um sorriso tímido.

– Eu a fiz minha na primeira vez que fizemos amor, quando senti tanto prazer dentro de você e senti que nossos espíritos se uniam.

Mei abriu os olhos.

– Há mais segredos que queira confessar, meu Príncipe?

Beijou-a logo que as palavras deixaram sua boca. A língua dele deslizando provocante sobre seus lábios. Era uma doce tentação. Entre beijos cada vez mais profundos, disse-lhe:



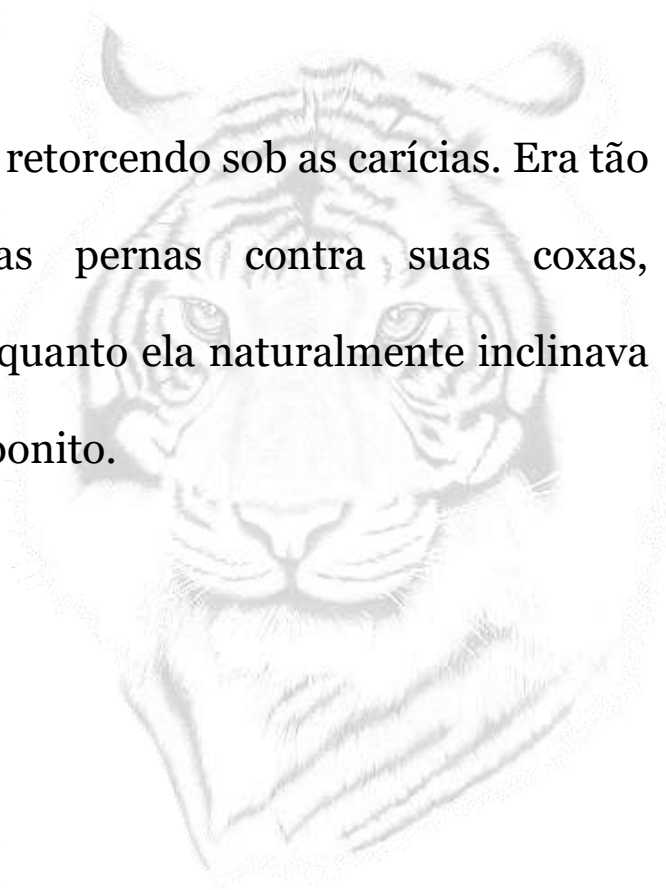
– Nenhum... Que... Queira... Revelar... Neste momento, Fada.

Mei riu quando a impediu de responder. Jarek a tomou nos braços e a depositou na cama. Seu peso maior a dominando quando lhe tirou a camisa que usava, separando o tecido para poder devorar seu pescoço e seios com beijos ardentes.

Levantou-se, parcialmente na cama, tirando a camisa. Jarek sempre era tão sensual, não importando o que estivesse fazendo. A luz realçava os músculos tensos de seu peito e abdômen plano. Levou seu corpo meio nu sobre ela novamente. Colocou suas mãos sob a camisa dela encontrando a carne quente de seus quadris. Um som ligeiro a abandonou, incitando-o a continuar lambendo e mordiscando seu pescoço.

– Nî hão mêi. – Mei ofegava se retorcendo sob as carícias. Era tão bom. Movia sem descanso as pernas contra suas coxas, enganchando-se ao redor dele enquanto ela naturalmente inclinava o corpo para o dele. – Você é tão bonito.

Jarek riu.



– Ah, minha Fada, você é muito mais bonita que eu. Poderia ficar olhando você para sempre.

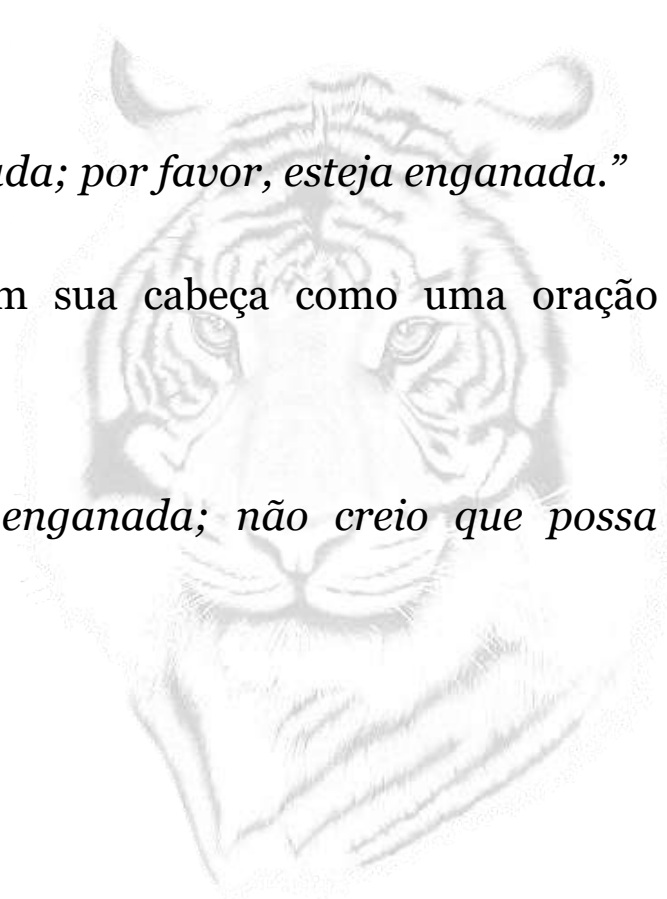
Seus olhos vagavam por seu corpo. Parando em seus seios. Inclinando-se, massageou o pequeno globo com a mão, rodeando o mamilo com o polegar até o casulo endurecer.

Ela devolveu o beijo vorazmente, sorvendo a língua larga em sua boca. Pequenos gemidos saíram de sua garganta, pedindo-lhe que continuasse. Deslizou as mãos sobre os músculos duros dos braços, acariciando-o em todas as partes que conseguia alcançar. Fizeram amor muitas vezes e ela memorizara cada pequena nuance de seu corpo. Seria uma lembrança que levaria com ela nos anos que viriam.

“Avó, por favor, esteja enganada; por favor, esteja enganada.”

O pensamento se repetia em sua cabeça como uma oração desesperada.

“Por favor, tem que estar enganada; não creio que possa desistir dele.”



Entretanto, sabia que não podia arriscar o bem-estar de seu povo.

O sacrifício era parte de sua vida.

Quando sua perna tocou a ereção rígida, ele deslizou as mãos para baixo até encontrar-se entre suas coxas. Seu corpo estava molhado e pronto para ele.

Jarek grunhiu no fundo da garganta. O som a fez tremer de desejo e lembrou-se de quanto era perigoso o outro lado dele, quando se transformava em tigre. Ele sempre tivera esse efeito nela. Só com um olhar, e ela já estava molhada e ansiosa por ele. O fato de que ele gostasse de fazer sexo, tanto como ela, era estimulante. Apertou seus dedos ligeiramente contra seus ombros e ele sorriu contra sua boca, sabendo o que queria.

Acariciou com os lábios, distribuindo beijos entre seus seios e arrastando a língua meio áspera sobre seu ventre. Beijou-a no umbigo, alcançando-lhe os quadris, e puxou a saia de seda para expor-lhe as coxas exuberantes, que se separaram em um convite

sensual. Seus cabelos longos faziam cócegas em sua pele enquanto a explorava com a boca. Então agarrou suas coxas e as ajeitou sobre os ombros, sua boca quente e ofegante encontrou seu clitóris.

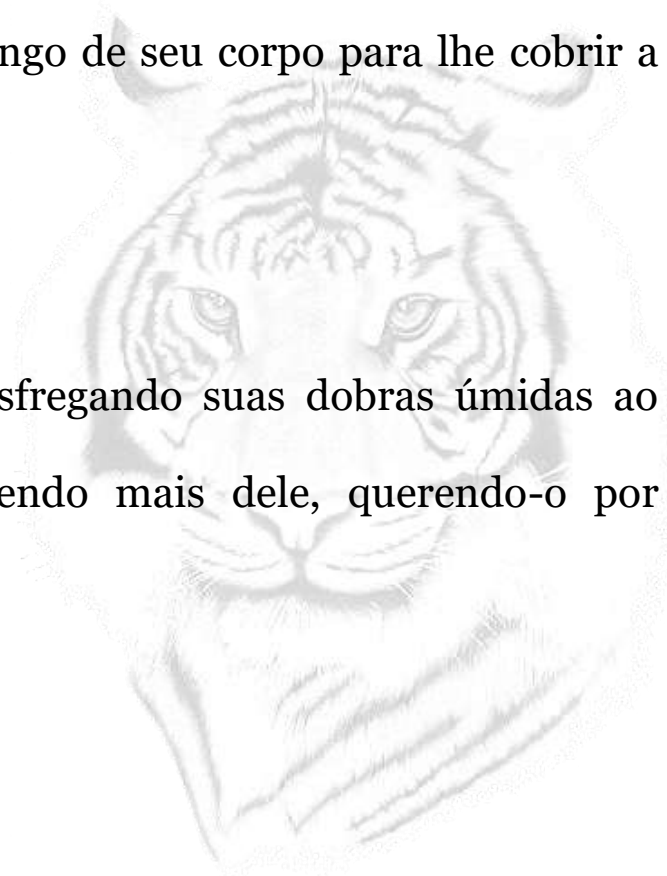
Jarek movia a língua, pressionando-a ao longo das dobras sensíveis, separando-as, bebendo seu sabor. Suspirando de prazer. Ela gemeu, colocando as mãos entre seus cabelos para lhe guiar os movimentos.

– Bâobèi. – Ofegou. – Meu amor... Não pare.

Ele se fez mais agressivo. Mei se aproximava de um prazer intenso. Aquela língua sabia acariciá-la à perfeição. Gritou, segurando sua cabeça com força entre suas coxas. Ele sorriu e imediatamente levantou-se ao longo de seu corpo para lhe cobrir a boca com a dele.

– Humm... Jarek... Jarek.

Seus quadris se sacudiam, esfregando suas dobras úmidas ao longo do abdômen duro, querendo mais dele, querendo-o por inteiro.



Jarek se levantou para tirar as calças. Uma vez livre, uniu seu corpo ao dela. Saboreava a sensação dele deslizando aos poucos para dentro dela, preenchendo-a. Mei o abrigava profundamente dentro de si, e gemeu em agonia quando ele se retirava. Agarrou-se as mechas escuras e sedosas. Seu cheiro inundando seus sentidos e os lábios ainda guardavam resquícios de seu próprio sabor neles.

Sua alma gritava, enquanto o prazer crescia dentro de seu corpo. Mei queria que este momento durasse para sempre. Atraiu-o para si. Ele a penetrava mais forte, rápido, mais fundo, respondendo ao grito silencioso de seu corpo por mais e mais. Um segundo clímax se aproximava.

Ela tremia, ofegava, suspirava por mais. A tensão se reuniu nos quadris e sabia que estava próximo. Jarek subiu-lhe os joelhos, como ela gostava, pondo a quantidade perfeita de pressão sobre ela enquanto bombeava para dentro e fora. Era demais. De repente, explodiu, tremendo com o orgasmo forte. Fechando os olhos, as luzes explodiam sob suas pálpebras. Contraíu seus músculos internos com força, fazendo com que ele a acompanhasse no gozo,

enchendo-a com suas sementes. Respirando com dificuldade, caiu sobre ela. Mei o abraçou, sem se importar com o peso que a esmagava docemente.

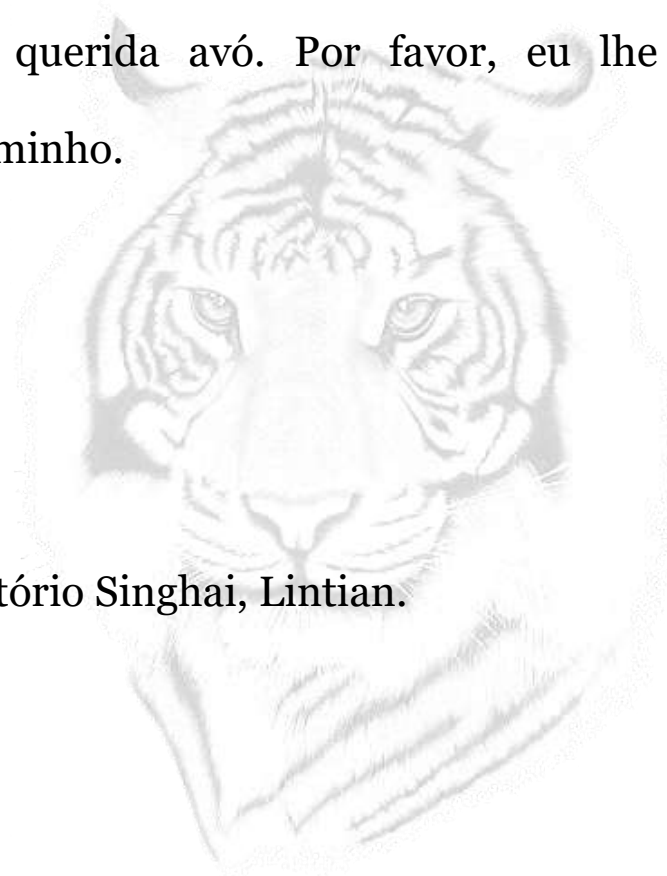
– Precisamos nos vestir. – Sussurrou. – Já devíamos estar na cabine de comando para dizer a Lochlann onde pousarmos.

Mei assentiu com a cabeça, deixando-o ir. Jarek parecia relutante enquanto se afastava. De pé junto à cama, estendeu sua mão a ela e a puxou para levantá-la. Beijou-a docemente, retirando os cabelos de seu rosto suado. Mei deu um sorriso triste, incapaz de falar. Ele assentiu com a cabeça, entendendo e não dizendo nada tampouco.

Por favor, esteja enganada, querida avó. Por favor, eu lhe imploro, destino, de-me outro caminho.



Fora das minas Lin Yao, Território Singhai, Lintian.



Jarek fitou as costas de Mei logo a frente. Por mais que tenha suplicado para que permanecesse na nave, Mei se negou a ficar para trás. Infelizmente, não tivera muita escolha nisso, já que era a única a conhecer o caminho as minas.

Fazer amor lhe deixara uma sensação agri-doce no peito. Conhecía a honra que havia nela, e sabia do risco que assumiu ao sequestra-la, mas não tivera opção. Enquanto ela ficara inconsciente, pôs-se em contato com o irmão de Mei. O homem estava bem zangado, como era de se esperar, só conseguiu acalmá-lo depois de lhe dizer que Mei tinha uma mensagem para ele. Deliberadamente mentira a Haun, dizendo que era parte de seu destino, o que a levou a nave de Jarek. O príncipe de Zhang entendeu imediatamente as palavras, mas quis conversar com ela, Jarek fingiu que não pudera entender o pedido, devido a problemas com as comunicações, enquanto brincava com os controles do comunicador.

Então Jarek se comprometeu a enviar o mapa ao palácio através de uma capsula mensageira quando estivessem mais perto do

planeta. O Príncipe Haun exigirá a volta da irmã, Jarek o convencerá de que ela estava segura e a devolveria em breve. Fechando os olhos, tentava se convencer de que o selo da Família Real de Var gravado na cápsula com o mapa, o ajudaria a tranquilizar o homem quanto a sua honra e posição.

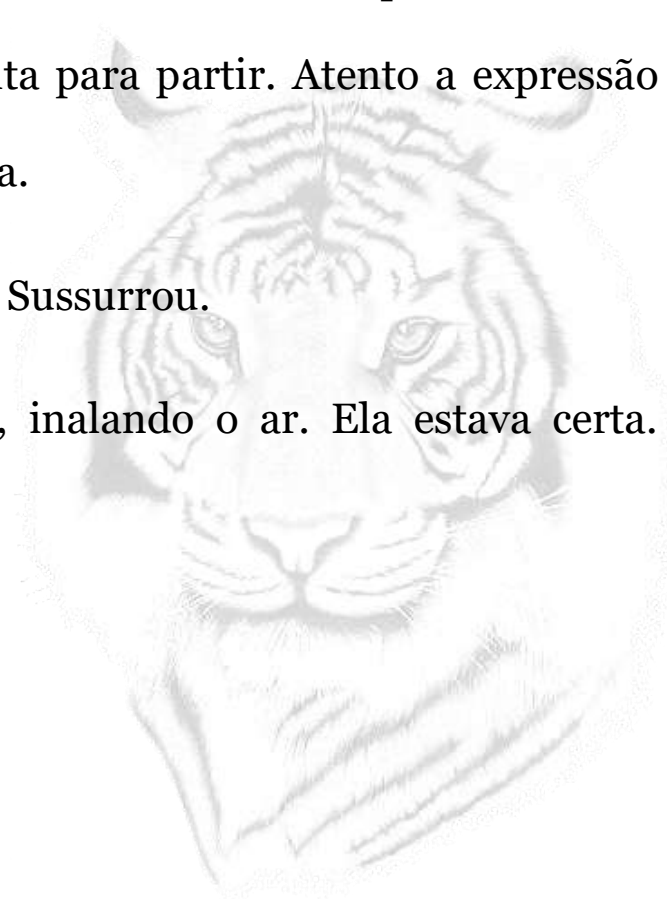
Mas neste momento, prestes a fazer o ato mais covarde de sua vida, não se sentia muito honrado.

– Shhh... – Mei os avisou em voz baixa. – Vem vindo alguém.

Jarek a fitava atento. Estavam alinhados junto a ribanceira de uma colina. Lucien e Lochlann ficaram na nave de prontidão para o caso do Conquistador ser descoberto ou se houvesse problemas nas minas. Jarek queria a nave pronta para partir. Atento a expressão de Mei, levantou uma sobrancelha.

– O vento está avisando-me. – Sussurrou.

Jarek assentiu com a cabeça, inalando o ar. Ela estava certa. Alguém se aproximava.



Abaixo deles, o vale estava coberto de pequenas flores roxas e azuis. A única entrada da mina ficava no vale, além da colina. Os campos se estendiam até onde seus olhos podiam ver. Pequenas casas se agrupavam, umas perto das outras, formando um pequeno povoado, destacando-se contra um céu azul e sem nuvens. Lintian realmente era o mais próximo ao paraíso que qualquer outro planeta nas galáxias conhecidas. Aquilo só lhe aumentou a culpa ao afastá-la de tanta beleza.

Obrigou-se a não pensar nisso. Segundo Mei, o povoado próximo era somente uma fachada para as minas Lin Yao Mining Corporation. Até as pequenas propriedades agrícolas, com os campos arados prestes a serem semeados, pareciam tão reais, que Jarek não teria sido capaz de notar a diferença sem sua ajuda.

Um homem saiu da mina. Olhou ao redor, protegendo os olhos. Logo se voltando, fez um gesto com o braço e uma criatura de pelos vermelhos, surgiu se movendo pesadamente, sendo conduzida por dois camponeses. O animal de carga puxava uma carroça atrás dele.

– Jade roxo? – Perguntou Jarek em voz baixa.

Mei negou com a cabeça.

– Não, o jade só é extraído a noite. É a lei. O Imperador Song teme que a posição da mine seja detectada do espaço.

– Com a tecnologia atual isso não faz diferença. – Disse Viktor. – Qualquer nave pode escanear o planeta na escuridão se tiverem o equipamento adequado. – Mei lhe sorriu, mas nada disse.

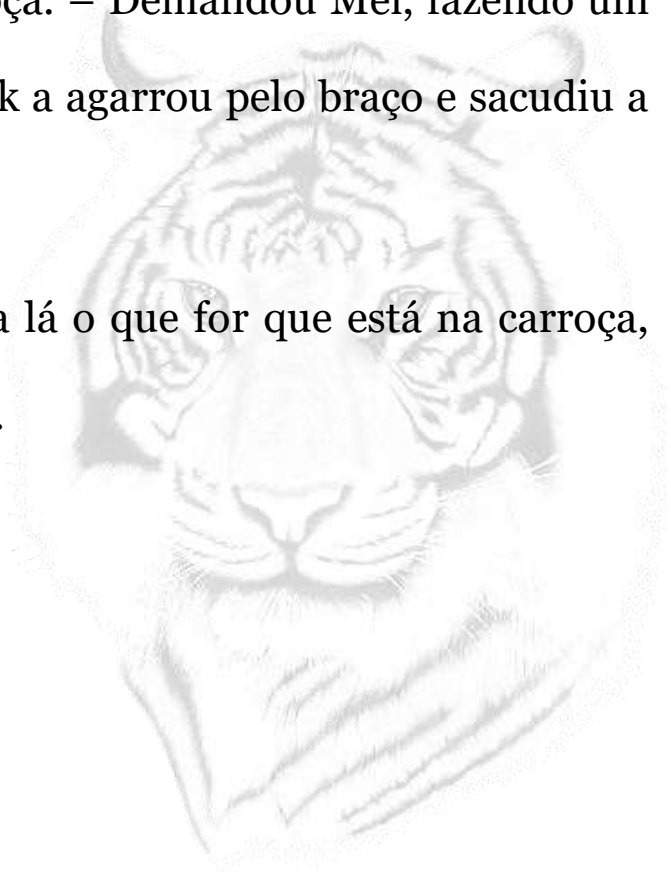
– Darei a volta. – Declarou Dev. – Evan, você vem comigo.

Jarek assentiu com a cabeça concordando. Dev e Evan eram o apoio, e permaneceriam fora de vista, antes que corressem ao longo da colina.

– Quero ver o que há na carroça. – Demandou Mei, fazendo um movimento para seguir Dev. Jarek a agarrou pelo braço e sacudiu a cabeça negando.

– Vai ficar perto de mim. Seja lá o que for que está na carroça, haverá também dentro das minas.

– Mas...



– Não vale a pena se arriscar, talvez sejam ferramentas de mineração ou entulho. – Não a soltou. ela se calou e ficaram esperando enquanto a besta lenta besta arrastava a carroça vagorosamente. Quando o pequeno grupo de viajantes finalmente desapareceram ao longe, Jarek indicou ao grupo que prosseguissem.

Jackson encabeçava a fila. Como melhor escalador, sabia exatamente onde precisariam colocar os pés para descer pelo escarpado ingreme. Quando ele chegou ao fundo da campina, estendeu as mãos. Viktor saltou, agarrando as mãos de Jackson para silenciar o salto. Jarek fez o mesmo, e voltou-se para ajudar Mei. Ela usava um par de calças de Lucien, emprestadas. Era um pouco maior que ela, mas fora o que conseguira.

Jarek estendeu as grandes mãos para ela, Mei lançou uma olhada sobre o ombro dele e saltou do escarpado. Girando no ar, aterrissou suavemente em pé no chão. Jarek a fitou impressionado.

– Vamos. – Ordenou ele, correndo para a entrada da mina. Mantinha os olhos na direção de onde a carroça tinha emergido. A

relva macia sendo esmagada sob seus pés. Sua fera lamentava os rastros que estava deixando para trás, mas o tempo era primordial no momento.

Jarek ampliou seus sentidos. O caminho a frente estava livre. Forçou-se a ir mais rápido, jogando uma olhada a Mei para se assegurar de que o seguia.

Chegando a entrada das minas, viu o movimento de Dev em uma colina mais abaixo. Jarek o saudou. Sabia que ele viria atrás deles se acaso houvesse problemas e entrariam.

As estalactites e estalagmites⁹ cresciam ao lado da entrada e eram como mandíbulas saídas do teto e chão ao longo do caminho. Mei passou a dianteira, ultrapassando Jarek antes que ele pudesse impedilá-la. Apreensivo apressou-se a acompanhá-la. A rocha se abria iluminada com luzes baixas. Jarek notou alguns lugares onde havia sinais de queimaduras de lasers nas paredes. O chão de terra estava cheio de pedras soltas.

⁹ São as formações minerais mais fáceis de serem encontradas em cavernas. As estalactites pendem do teto na forma de cones pontudos. Já as estalagmites têm aspecto parecido, mas crescem no sentido contrário, do chão para cima.

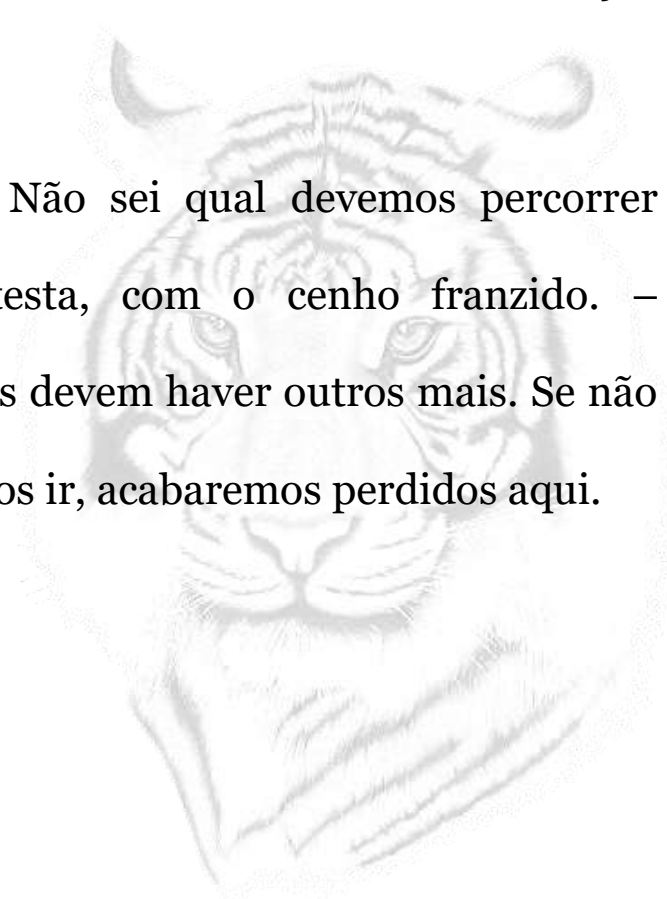
A luz tênue na caverna era um grande contraste com a do exterior. O pé de Viktor escorregou. Todos se imobilizaram, esperando para ver se alguém os ouvira. Quando nenhum alarme soou, continuaram a caminhar no longo corredor da mina.

Mei parou quando chegaram a uma câmara arredondada. Seis túneis se convergiam na entrada principal. Ligando uma lanterna, Mei baixou seu foco de luz em um determinado lugar na parede. Iluminou por cima das entradas, mostrando os símbolos Lintianese esculpidos grosseiramente sobre eles.

– Gatos Sagrados! Estamos encrocados. – Ela gemeu

– Qual é o problema? – Perguntou Jarek, sorrindo com satisfação quando ela imitou seu linguajar.

– Vê isso, são só números. Não sei qual devemos percorrer primeiro. – Mei esfregou a testa, com o cenho franzido. – Provavelmente além destes túneis devem haver outros mais. Se não soubermos para que setor devemos ir, acabaremos perdidos aqui.



– Que tal esse túnel. – Disse Viktor, apontando a terceira entrada que tinha uma espécie de barricada diante dela, bloqueando o acesso. – Se estivesse fazendo algo ilegal, usaria essa entrada para vigiar ou evitar a intromissão de qualquer visitante indesejado.

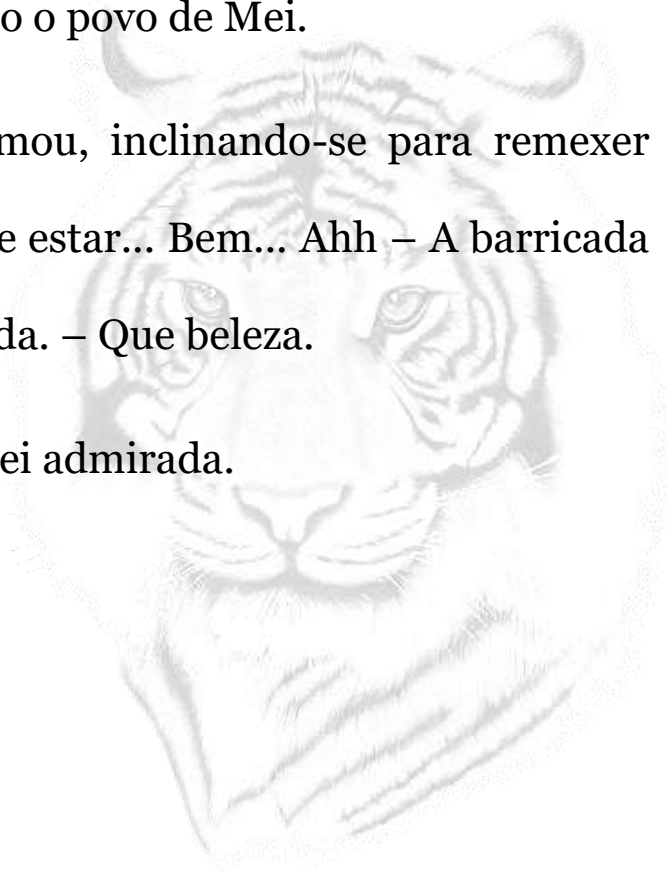
– Que ideia brilhante, meu amigo. – Disse Jarek em aprovação, dando-lhe um tapa nas costas. Viktor grunhiu. Jarek aceitou a possibilidade enquanto puxava Mei para o lado e a ultrapassava rapidamente. Ouviu seu grunhido irritado, mas ela não protestou em voz alta.

Jarek passou as mãos por cima da barricada, tentando ver a forma mais fácil de atravessá-la e se havia movimento atrás dela. Não era um homem pequeno como o povo de Mei.

– Por aqui. – Viktor os chamou, inclinando-se para remexer algumas pedras na parede. – Deve estar... Bem... Ahh – A barricada se abriu como uma porta camuflada. – Que beleza.

– Como sabia? – Perguntou Mei admirada.

Viktor sorriu.



– Bem, tive uma juventude um tanto tumultuada. Na verdade, pensei que se quisessem entrar ou sair, devia haver uma porta por aqui.

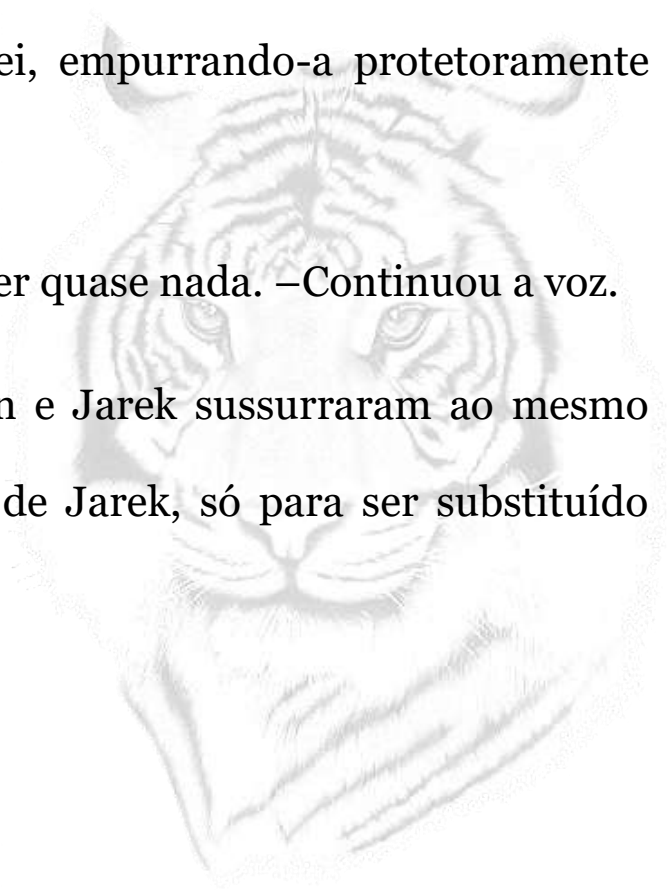
– Brilhante. – Declarou Mei e ultrapassando novamente, Jarek tomou a dianteira. Este franziu o cenho enquanto a seguia de perto. O túnel parecia longo e reto. As luzes se atenuavam durante um trecho, e se intensificava no caminho a frente.

– Ah, doçura não fique zangada. – Disse uma voz no corredor a frente. Era inglês. – Comportar-se é um termo tão amplo e aberto à interpretação. Quando lhe prometi que me comportaria, mas não defini de que maneira.

Jarek agarrou o braço de Mei, empurrando-a protetoramente para trás dele.

– Vamos lá doçura, não vai doer quase nada. – Continuou a voz.

– É o Rick. – Viktor, Jackson e Jarek sussurraram ao mesmo tempo. O aliviou correu através de Jarek, só para ser substituído imediatamente pela cautela.



– É ele? – Perguntou Mei. – Que está acontecendo?

– Sim é o safardana. – Disse Jarek, ainda não sabendo o que estava acontecendo.

– Parece fácil demais, Capitão. – Disse Viktor. – Entramos aqui e "*poof*" encontramos Rick sem problemas? Isso não é coisa dele.

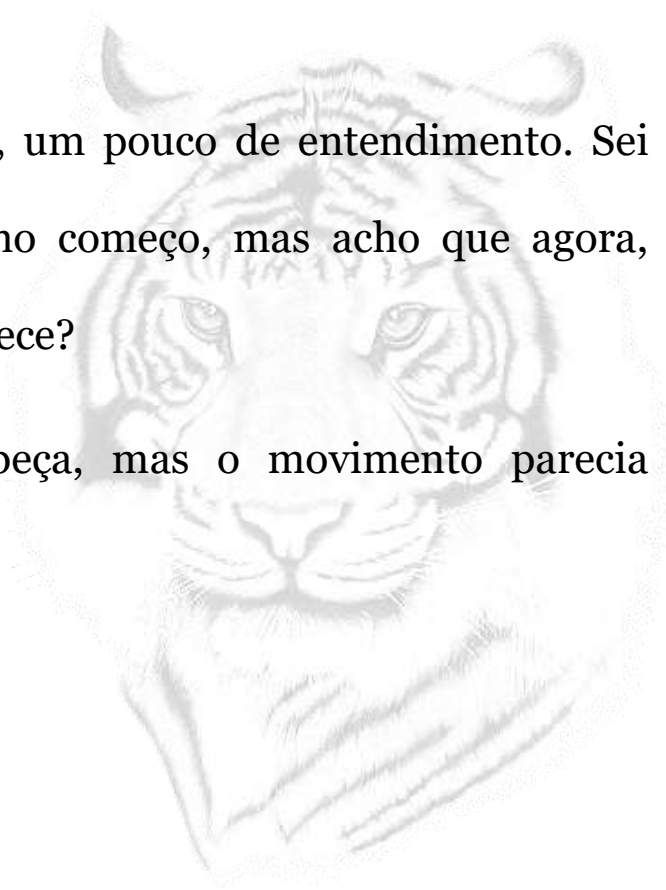
– Francamente, doçura, estou decepcionado. – Rick continuou a dizer. – Durante todo este tempo fui um cara dos mais agradáveis que já conheceu. E agora, nenhum carinho ganho de você? Nem uma resposta pronta? Nenhum comentário sarcástico?

– Algo está muito errado aqui. – Declarou Jackson.

Jarek respirou fundo.

– Talvez consigamos por fim, um pouco de entendimento. Sei que tivemos alguns problemas no começo, mas acho que agora, poderemos nos entender, não parece?

Jackson assentiu com a cabeça, mas o movimento parecia relutante.



– Jackson, volte e veja se não fomos seguidos. – Sussurrou Jarek.

– Não sinto o cheiro de ninguém atrás de nós, mas não me arriscarei. – Jackson assentiu com a cabeça e fez o ordenado. – Mei, fique aqui com Viktor. – Jarek não a queria ali, mas ficar entre ele e Jackson seria o lugar mais seguro para ela tendo em conta as circunstâncias.

– Não. – Começou ela se debatendo.

Viktor a segurou quando quis segui-lo. Jogou uma olhada ao amigo, ela parecia zangada antes de assentir a Jarek.

– Tome cuidado. – Ela pediu.

Jarek assentiu com a cabeça. Voltou-se para onde vinha à voz de Rick. Avançou pelo corredor, deixando que as garras crescessem nas pontas dos dedos e as presas despontassem nas gengivas.

Uma kuz intensa se espalhava pelas paredes da mina escura. Sentiu o calor de Mei em sua pele.

Além de Rick e Jarek, havia outros dois. Ouviu-se um grito abafado e o som de uma bota deslizando no chão de cascalho, rugiu

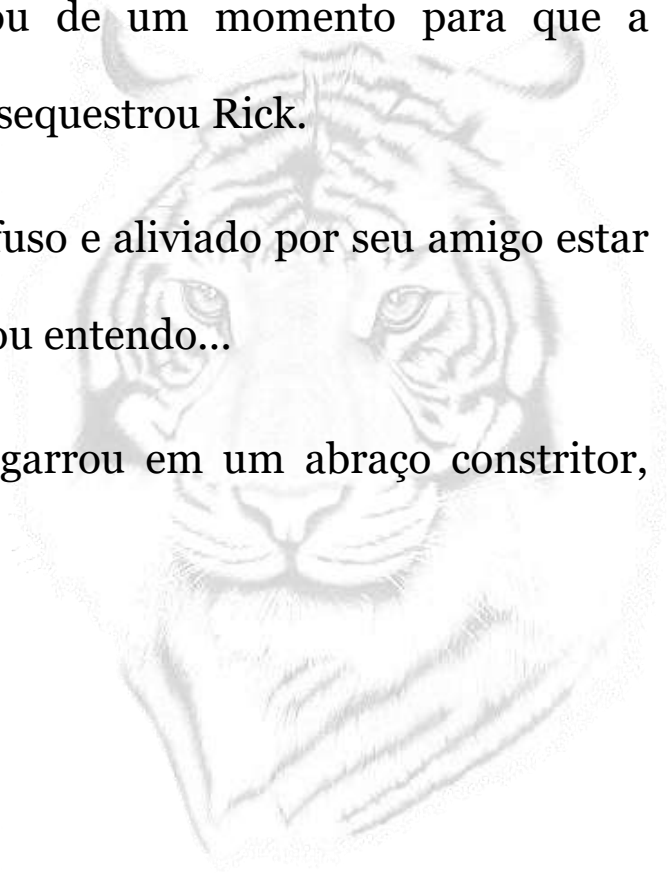
para surpreender seus inimigos. Entrando no salão de rochas, estava preparado para lutar. Seu braço retrocedeu, preparado para rasgar a garganta de qualquer traficante de drogas.

– Santas Pelotas Espaciais! – Exclamou Rick. – Capitão? É você?

Jarek piscou. Seu olhar lançando-se ao redor do lugar. Rick de pé, com as mãos nos quadris e com um olhar de surpresa no rosto. A seu lado estava um lintianese. Quando sequestrara Mei, este homem estava ao seu lado, seu irmão. Seu estômago se revolveu. Como o Príncipe Zhang chegara tão rápido? Estaria também envolvido com o comércio de drogas? E por que Rick estava livre? No meio do salão havia uma mulher amarrada a uma cadeira. Surpreso e desconfiado, precisou de um momento para que a reconhecesse como a mulher que sequestrou Rick.

– Rick? – Jarek sentia-se confuso e aliviado por seu amigo estar bem. – Você está... Bem? Não estou entendendo...

Rick avançou até Jarek e o agarrou em um abraço constritor, rindo a gargalhadas.



– Benditas Estrelas, que bom vê-lo por aqui. Hei como me encontrou, hein? Ah não importa, eu devia saber que você o faria. – Disse a Jarek, estapeando com força as costas de Jarek.

– Mas que loucura é essa. – Jarek o agarrou e sacudiu antes de se soltar do abraço esmagador. – Gatos Sagrados, como você conseguiu escapar? Afinal o que está acontecendo? Venho aqui esperando resgata-lo e o encontro atormentando uma mulher.

– Ah, Capitão. Este é o príncipe Zhang Haun de, uh, Império Moon. – Disse Rick, recuando para dar espaço ao Príncipe Haun.

– Muntong. – Corrigiu Haun, em tom brincalhão.

– Claro, isso mesmo, Muntong. – Rick sorriu, dando uma palmada forte nas costas do Príncipe. Este piscou surpreso diante de um contato tão familiar. – De qualquer maneira, o Príncipe salvou meu traseiro. E avisou-me que esperávamos alguém, mas não suspeitei que fosse você. Meu dia está cheio de sorte.

Jarek relaxou. Rick parecia cansado e alquebrado. Um hematoma amarelado manchava seu rosto no lado esquerdo, estava muito

magro, suas roupas tinham visto dias melhores, se penduravam andrajosas e sujas em seu corpo.

– Gatos sagrados, Rick! Você precisa de um banho urgentemente. – Jarek enrugou o nariz, antes de rir.

– Jarek? – Ele ouviu a voz de Mei.

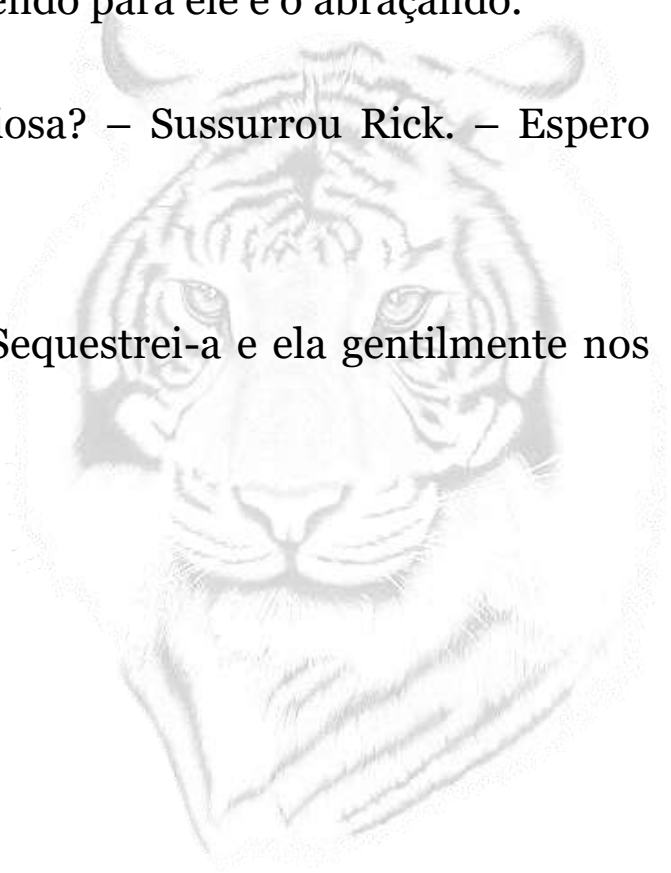
Jarek, devagar se virou e seu sorriso desvaneceu. Ela estava na entrada e tinha os olhos sobre o irmão.

– Meimei. – Disse Haun, o rosto se abrandando quando falou com a irmã em sua língua natal. Rick parecia confuso. Jarek, entendia perfeitamente. – Minha querida.

– Gege. – Exclamou Mei, correndo para ele e o abraçando.

– Quem é essa criatura deliciosa? – Sussurrou Rick. – Espero que não seja a mulher dele?

– É a irmã, a Princesa Mei. Sequestrei-a e ela gentilmente nos ajudou a encontrar estas minas.



– Não me diga que a sequestrou para trocá-la por mim. – Disse Rick espantado. – Quero dizer, sei que valho a pena, mas você não aprendeu nada, não se lembra do que aconteceu quando sequestramos Falke?

– E o que deveria ter aprendido? – Disse Jarek, mal prestando atenção enquanto ouvia Mei assegurar a Haun que a tinham tratado bem e que estivera em segurança o tempo todo. Até mesmo lhe garantiu que caíra nos braços de Jarek de propósito e partira com ele de boa vontade.

– Que se pode apaixonar quando há um sequestro. Como aconteceu a seu irmão e Sam. – Rick sacudiu a cabeça. – No entanto, se não houver problemas. – Rick olhou à prisioneira. – Não há amor.

Jarek franziu o cenho. Rick estava citando um ditado da Terra do século vinte, outra vez.



– Pelas Estrelas Ardentes, o que significa? – Perguntou Jarek, sua voz mais aguda do que pretendia. Que ninguém se apaixonara? Mas que sujeito complicado.

– Haun, o que está fazendo aqui? – Perguntou Mei.

– O príncipe Jarek tentou entrar em contato comigo em Muntong. Insistiu em falar comigo, e Jin respondeu em meu lugar, mais tarde ele me informou o teor da mensagem. Também me informou sobre o mapa e como era seu destino segui-lo até sua nave para enfim, encontrá-lo. Tudo está perdoado, Meimei. Nossa família entende porque agiu desta maneira. E estou muito feliz de que esteja a salvo, minha irmã.

O Príncipe Jin? Jarek franziu o cenho. Por isso Haun chegara às minas antes deles. Já estava no lado Singhai do planeta.

– Peço perdão, por meu irmão Jin tê-lo enganado, mas foi necessário. – Disse Haun. Jarek assentiu com a cabeça, nada preocupado com aquilo. Havia outras coisas em sua cabeça. Se Haun estava ali, manteria Mei a seu lado. Como ela supunha que a

levaria até o irmão, o que faria para afastá-la dele? Não poderia ferir o Príncipe. Ela jamais o perdoaria.

“Mei não me perdoará por obrigá-la a ficar longe de tudo que conhece e ama.”

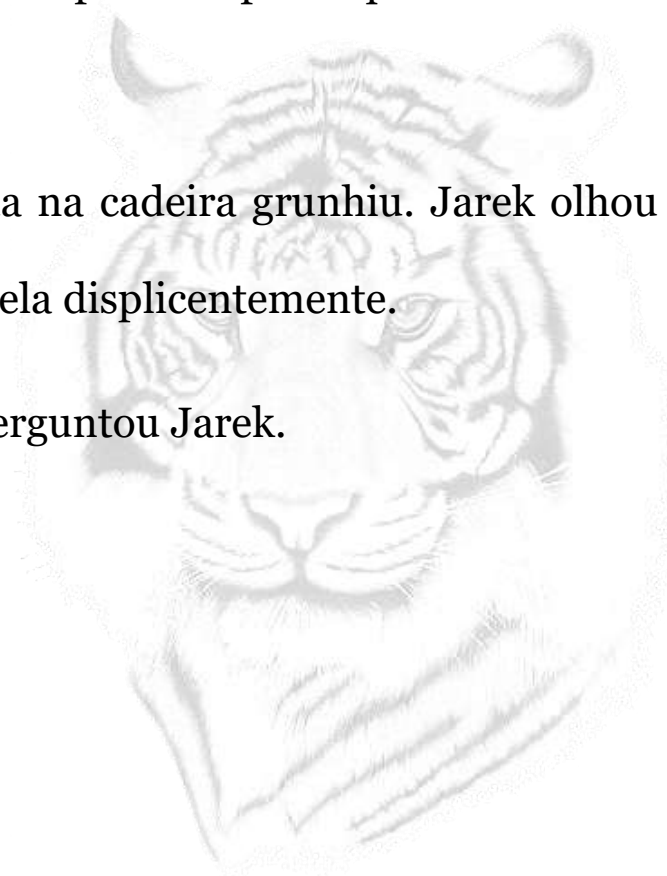
Jarek fitou os olhos de Mei. O salão rochoso estava em silêncio. Lágrimas se formavam em seu olhar. Ela estava tentando lhe dizer adeus.

– O que havia na carroça que acabou de sair daqui? – Perguntou Mei.

– Eram nossos guardas disfarçados. Levam as provas de que a droga chandoo está chegando ao planeta por aqui. Uma nave aguarda nossa volta.

– Argh! – A mulher amarrada na cadeira grunhiu. Jarek olhou para Rick que acariciava a nuca dela displicentemente.

– O que acontecerá a ela? – Perguntou Jarek.



– Virá conosco para que seja julgada e castigada. – Disse Rick.

Jarek viu algo estranho nos olhos do amigo, algo que jamais imaginara ver.

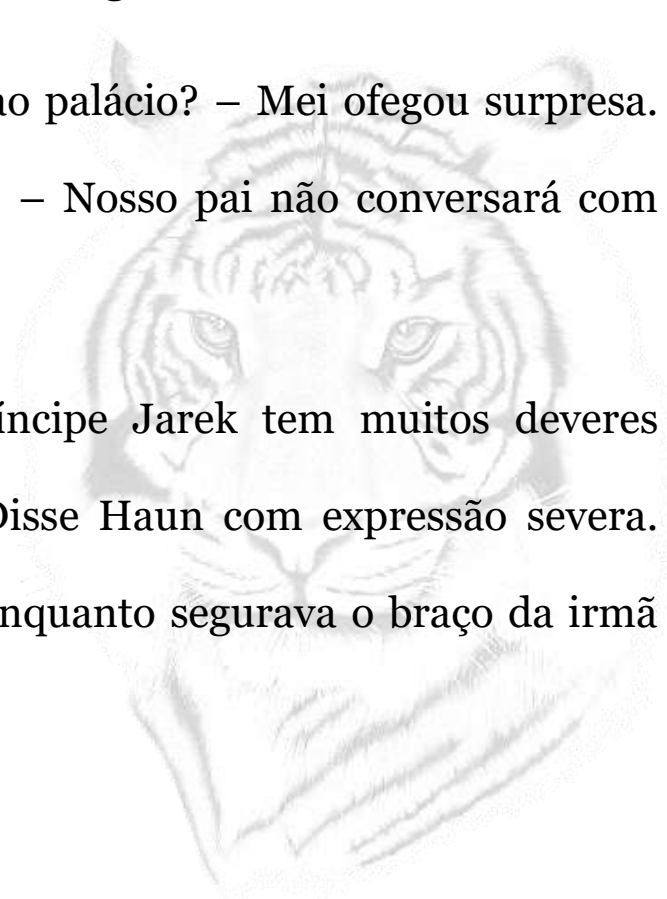
– Agradeço por nos devolver minha irmã, Príncipe Jarek. – Haun declarou. – Se devolver agora o mapa, tudo será perdoado e terá a gratidão eterna de minha família.

Jarek olhou ao chão.

– Está em minha nave. Achei que seria mais seguro guardá-lo ali. – Haun assentiu concordando. – Muito bem. Mais uma vez eu e minha família agradecemos. Diga-me onde sua nave pousou para recuperarmos o mapa e que cada um siga seu caminho.

– Não os levaremos conosco ao palácio? – Mei ofegou surpresa. Quase desesperada, apressou-se. – Nosso pai não conversará com eles?

– Estou certo de que o Príncipe Jarek tem muitos deveres esperando por sua atenção. – Disse Haun com expressão severa. Fitou Jarek com frieza e aviso, enquanto segurava o braço da irmã



com firmeza. – Vamos Mei. Esperaremos fora das minas. Quanto antes estiver segura em casa, melhor me sentirei.

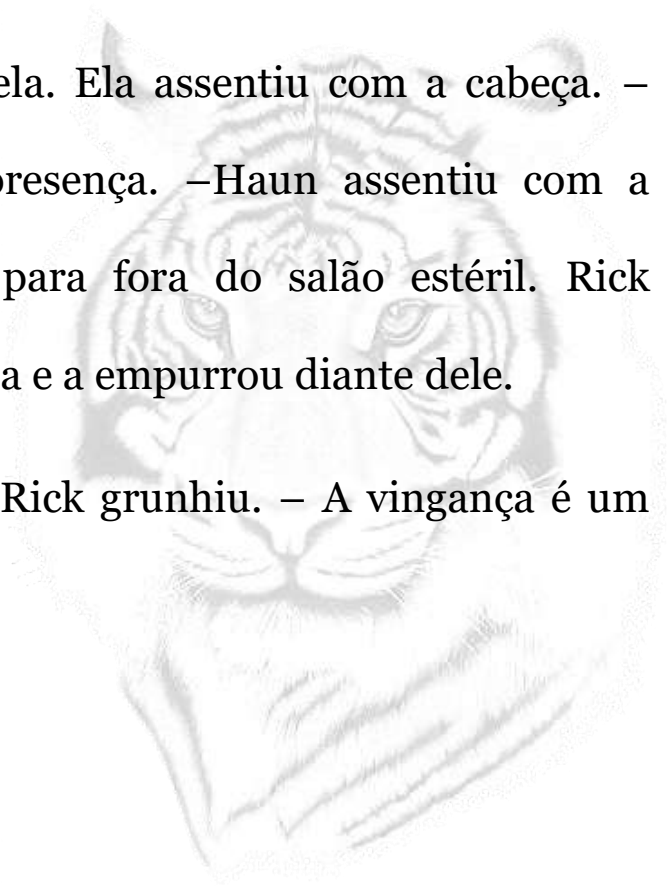
– Eu... Por favor, Haun. Devemos ao menos uma cortesia. Por favor. – Mei sussurrou, supondo que Jarek não os ouviria, mas com sua audição Var, entendia a conversa facilmente. – Pelos Nossos Ancestrais, é uma questão de honra.

Haun a fitou estranhamente, em seguida, virou-se para o Príncipe de Var, com um sorriso.

– Príncipe Jarek, perdoe-me por minhas palavras precipitadas. É claro que está convidado ao palácio. Meu pai, o Imperador e a Imperatriz Zhang sentiram uma grande honra em recebê-los.

– Mei? – Jarek se dirigiu a ela. Ela assentiu com a cabeça. – Ficaremos honrados com sua presença. – Haun assentiu com a cabeça antes de conduzir Mei para fora do salão estéril. Rick levantou sua prisioneira da cadeira e a empurrou diante dele.

– Vamos com isso doçura. – Rick grunhiu. – A vingança é um prato que se come frio.



A mulher grunhiu, amaldiçoando-o através da mordança. Rick riu, uma brincadeira que parecia dura. Jarek se perguntou o que exatamente acontecera a seu amigo despreocupado para fazê-lo agir de maneira tão sinistra. A mulher tropeçou, mas Rick agarrou-a pelos pulsos atados para mantê-la ereta e caminhando.

Jarek inspirou fundo, a sós no salão. Precisava encontrar uma maneira de levar Mei com ele ao palácio. Seu coração já doía com a ideia de deixá-la. Mas, como poderia afasta-la de Haun? O homem não parecia querer deixá-la fora de suas vistas durante muito tempo. Jarek podia compreender. Também se sentia protetor para com ela.

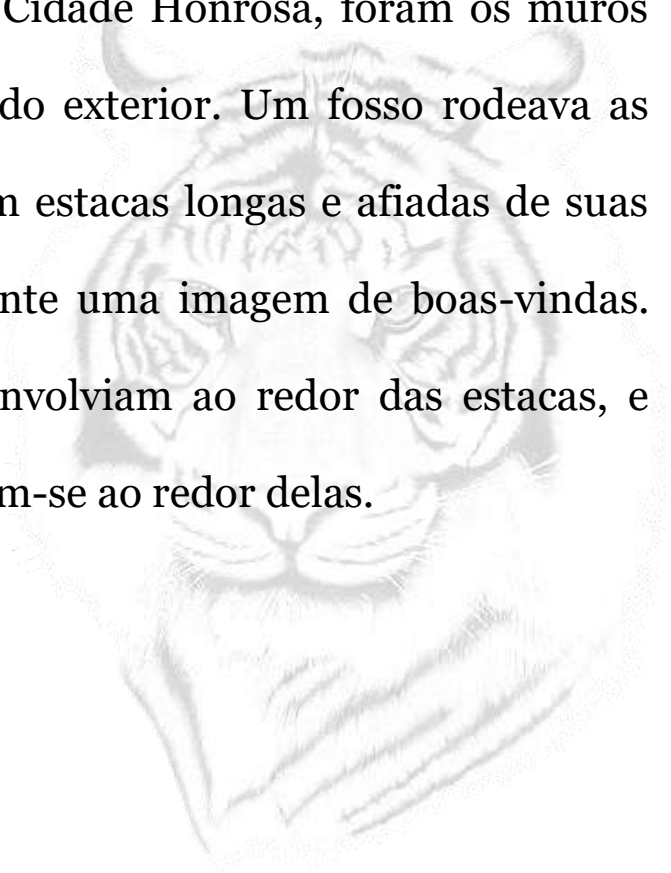
– Perdoe-me, Mei, por fazer algo que certamente vai magoá-la. – Sussurrou. Decidido, seguiu os amigos.



11

*Palácio Imperial da dinastia Zhang, Cidade Honrosa,
Território Muntong, planeta Lintian.*

A primeira visão que teve da Cidade Honrosa, foram os muros altos que bloqueavam o palácio do exterior. Um fosso rodeava as paredes, em suas águas emergiam estacas longas e afiadas de suas profundezas. Não era propriamente uma imagem de boas-vindas. Videiras de folhas azuladas se envolviam ao redor das estacas, e pequenos peixes coloridos, moviam-se ao redor delas.



Em Var, seu lar se destacava no alto do vale circundante, não conseguia se imaginar vivendo em um lugar assim, seria como estar preso na própria casa. Sentia claustrofobia só em pensar nisso. Ao menos em sua nave podia se dirigir a qualquer lugar, com uma quantidade infinita de planetas a escolher.

A entrada, grandes portões de madeira pesada com dragões dourados esculpidos e guardados por uma fileira de guardas, abriram-se para lhes dar passagem.

Além dos portões, um mundo exuberante, faustoso e oculto da Cidade Honrosa se descortinava para eles. Jarek olhou os jardins espetaculares. A pátria de Mei era um paraíso entre os planetas. Quando pousara sua nave no pequeno porto comercial próximo ao grande rio, encontraram um próspero povoado cercado por um grande bosque de folhas espinhosas que cobriam as árvores. Campos de flores gigantescas e vermelhas, contrastavam contra as folhas amarelas e azuis.

Dentro dos muros do palácio, os caminhos conduziam através do complexo que levava ao palácio, jardins extensos e bem cuidados.

Tudo parecia limpo e ordenado. Não se via uma flor seca ou uma folha morta em qualquer parte. Tochas demarcavam a passarela. Jarek sabia que em Lintian não podiam contar com a luminosidade da lua, pois estava muito distante, sabia também que naquele planeta não faziam uso de fontes tecnológicas de energia, a não ser as naturais. Quase não usavam sistemas informatizados, produtos industrializados ou combustíveis. Tudo era artesanal.

Apesar da complexidade da planta, os edifícios pareciam simples e confortáveis, os jardins magníficos de todo o complexo é que se destacavam . Pelo mapa, sabia que haviam edifícios dispostos em um retângulo gigante, muitos edifícios tinham funções diferentes, desde um campo de tiro no quartel da Guarda Imperial, aos armazéns de grãos. Também havia um pequeno riacho que serpenteava dentro das paredes. Era uma pequena cidade construída unicamente para o prazer da Família Real.

Mei tinha atravessado o rio Satlyun em um navio com o irmão, enquanto Jarek os sobrevoava como escolta. A prisioneira de Rick era motivo de especulação e divertimento entre sua tripulação,

nunca tinham visto uma mulher enfurecer ou provocar tanto Rick, como esta o fazia. Ele a chamava de escrava na maior parte do tempo, junto com vários outros nomes pejorativos, mas queriam saber o que houvera e quem era ela.

Pelo que já sabiam desde o começo, a mulher era uma traficante de drogas e Rick estivera no lugar e hora errada. Enquanto a perseguia enamorado e não aceitando um não como resposta, Rick a seguira e a trancara em um quarto de um hotelzinho barato do planeta, mas os amiguinhos dela os encontraram e decidiram levá-lo como prisioneiro. Enquanto esteve cativo ficou a mercê da mulher. Jarek imaginava que ao ficar várias semanas amarrado a uma cadeira tornaria Rick mais cauteloso. Intimamente, tinha suas dúvidas. O mais estranho de tudo isso era que quando a mulher fitava Rick, mesmo havendo muita cólera no olhar, podiam ver algo mais. Algo que fazia Evan evitar a presença dos dois, praticamente fugia quando Rick se aproximava.

Ao sentir o olhar de Mei sobre si, Jarek a olhou com ansiedade. Não estivera a sós com ela desde que entraram nas minas. Lançou-

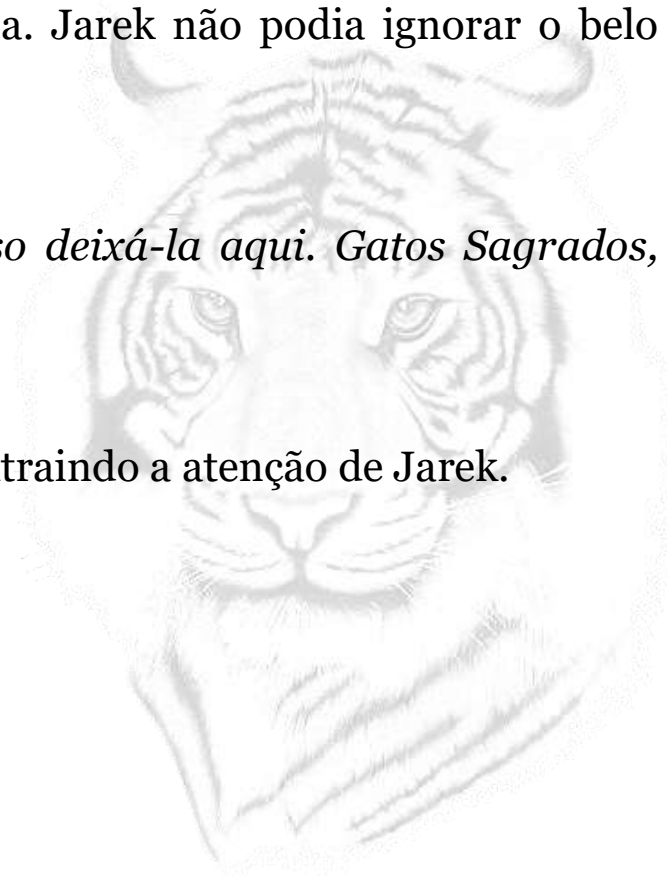
lhe um sorriso triste e forçou-se a resistir ao impulso de se dirigir a ela. Estava tão bonita, vestida como a princesa Lintianese que era. Seu coração doía com a necessidade de abraçá-la, seu corpo a desejava alucinadamente. A dor era tão intensa, que estava certo de que morreria aos poucos e angustiosamente se a deixasse para trás. Sentira sua ausência terrivelmente enquanto estivera inconsciente.

“Mas que direito eu tenho de afastá-la da família e deste paraíso? O que posso lhe oferecer? O espaço? Portos espaciais imundos, noites intermináveis viajando entre as estrelas somente tendo ele e sua tripulação como companhia?”

A culpa e a angústia se debatiam dentro dele e perdeu parte de sua determinação de sequestrá-la. Jarek não podia ignorar o belo palácio enquanto caminhavam.

“O que devo fazer? Não posso deixá-la aqui. Gatos Sagrados, não posso!”

Haun sussurrou algo a irmã, atraindo a atenção de Jarek.

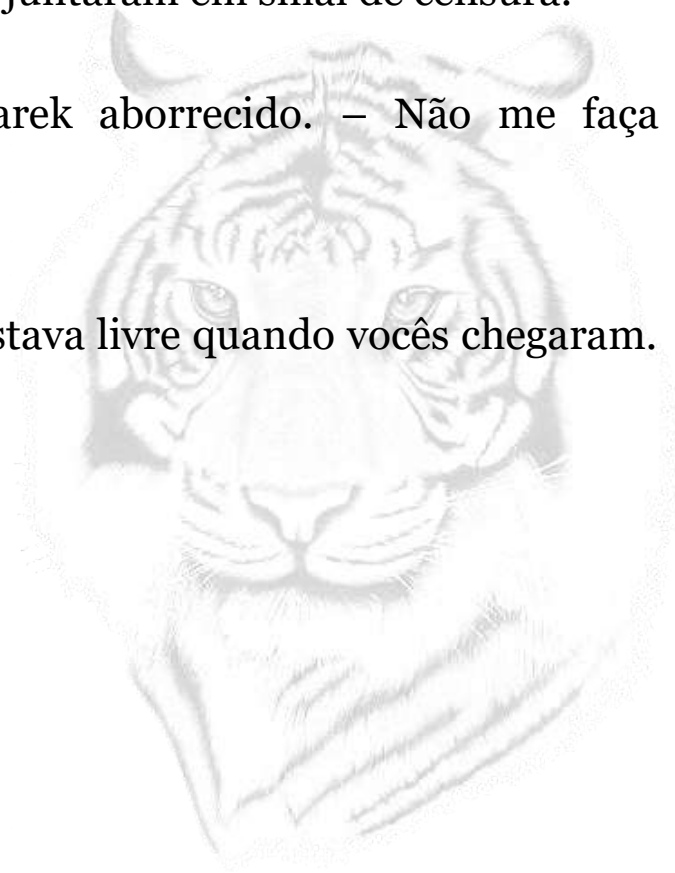


– Olhe para isso. – Sussurrou Evan a seu lado. O amigo falava com Jackson, mas Jarek olhou na mesma direção. Estranhas flores rosadas desabrochavam e se entrelaçavam a flores azuis com o formato de estrelas de oito pontas ao longo do caminho. Pequenas criaturas aladas voavam sobre as pétalas. Seus corpos eram pequenos comparados a suas asas grandes e negras. Formando o número "7" quando suas asas se dobravam no voo

– Bem Capitão, você deveria me agradecer. –Declarou Rick – Não acha o lugar uma delícia? Têm tanta organização, tudo tão certinho, que deve ser um tédio viver aqui. – Rick praticamente gritou as palavras que chamou a atenção de Mei e Haun, Mei tentou não rir, mas os lábios de Haun se juntaram em sinal de censura.

– Fique quieto. – Pediu Jarek aborrecido. – Não me faça lamentar por tê-lo resgatado.

– Me resgataram, mas se já estava livre quando vocês chegaram.
– Rick riu malicioso.



– Fique quieto. – Jarek ordenou, sem dar importância ao que o amigo dizia. Às vezes pensava que Rick pretendia irritar a todos com o que aprendia dos costumes da Terra do século XX, quando na verdade Rick realmente gostava da vida que os humanos tinham, já o pegara várias vezes contrabandeando transmissões de filmes antigos.

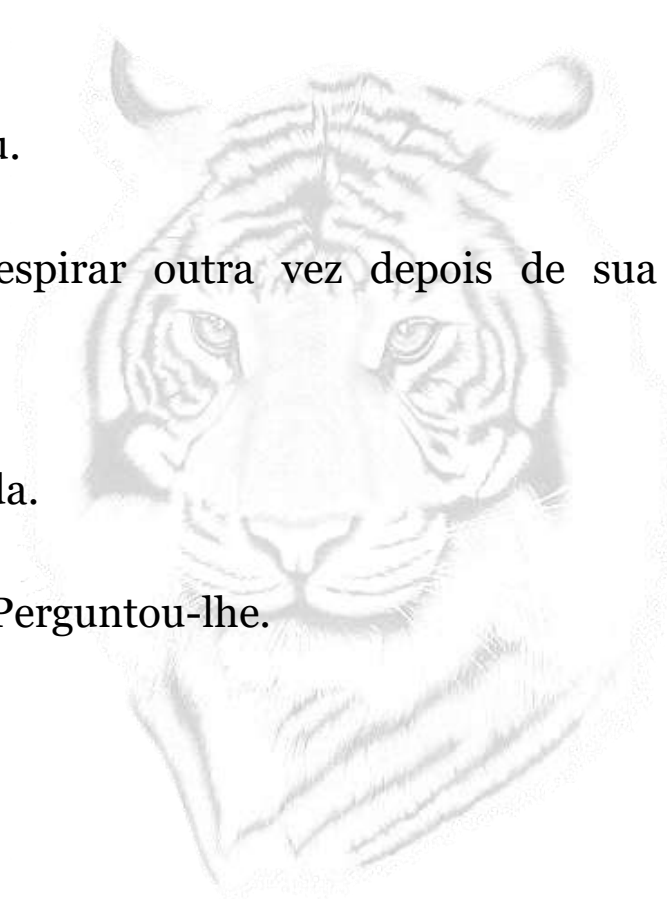
De fato a Cidade Honrada era um lugar espetacular, cada detalhe fora planejado com atenção para dar prazer aos sentidos, dos telhados curvos apontando para o céu, aos caminhos revestidos de mosaicos intrincados que os levavam a alguns dos edifícios sagrados. Mei diminuiu sua caminhada atrás do irmão para andar ao lado de Jarek.

– Sinto sua falta. – Murmurou.

Jarek sentiu que poderia respirar outra vez depois de sua admissão.

– Também sinto sua falta, Fada.

– O que achou do meu lar? – Perguntou-lhe.



Jarek não conseguia tirar os olhos de cima dela.

– Lindo, encantado, fabuloso.

Ela se ruborizou e olhou ao redor.

– Haun está nos levando para o Salão da Sabedoria Infinita, lá vocês conheceram minha família. E por favor, ordene a Rick para que fique calado... – Seu tom caiu quando lançou ao homem em questão, um olhar cauteloso. – Não é que eu não goste dele, mas suas maneiras não são apropriadas para a presença de meu pai.

– Não se preocupe, Fada. – Declarou Jarek e se virando para Rick, ameaçou. – Uma palavra proferida por você ao Imperador ou a sua esposa, e nunca mais terá permissão para desembarcar em um planeta ou estação espacial alguma. Fui claro? – Rick empalideceu e assentiu com a cabeça. Nenhuma permissão para desembarcar a Rick significava nada de companhia feminina.

– Obrigada. – Mei se desculpou a seguir. – Entenda eles são um tanto antiquados e não o considerariam suas declarações tão

divertidas quanto eu. De fato, provavelmente o trancariam na prisão.

– Estou de pleno acordo, será melhor para todos se evitarmos algum incidente diplomático. – O estômago de Jarek estava embrulhado. Já lutara com homens e criaturas enormes, sem hesitar, enfrentara a Guarda Imperial e roubara mapas de fortalezas impenetráveis. E a idéia de conhecer os pais dela o deixava mais apreensivo que qualquer outra coisa na vida.

Mei o tocou no braço brevemente, deixando que seus dedos se enroscassem ao redor de seu bíceps antes de soltá-lo. Ela sorriu, os olhos revelando seu desejo por ele. Foi uma verdadeira tortura não poder toca-la. Deixando a mão inerte, ele se voltou para um edifício. O Salão da Sabedoria Infinita estava localizado no centro do complexo. Era a maior estrutura que tinha visto ali até agora, era alto, construído sobre uma torre de pedras, cercado por um grande pátio e os jardins fantásticos. E como todos os edifícios, tinha o telhado de telhas amarelas e paredes vermelhas.

– Veja. – Sussurrou.

Jarek detectou um leve tremor em sua voz. Mei quase nunca demonstrava apreensão, então, por que tanto nervosismo agora?

Haun os conduziu para dentro de um imenso salão. A tripulação de Jarek se calou. Rick caminhava entre Lochlann e Evan, com a boca bem fechada, como se temesse o que viria. Jarek escondeu um sorriso. Lochlann e Evan pareciam preparados para agarrá-lo e arrastá-lo para a saída mais próxima se fosse necessário.

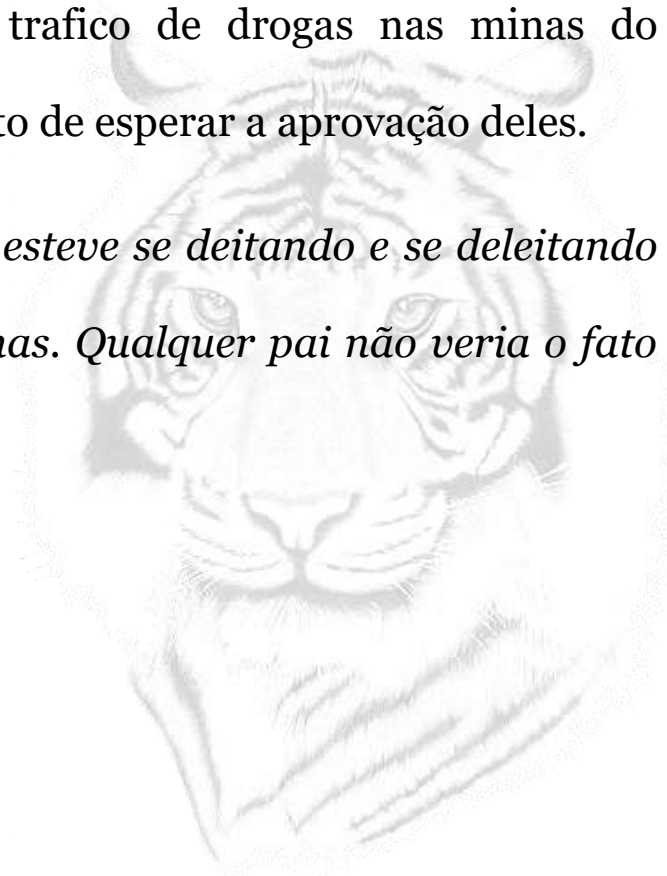
Lucien e Viktor ficaram na nave para vigiar à prisioneira, porque alguém tinha que ficar, e escolhera o número errado. Dev caminhava atrás de todos, lhes guardando a retaguarda. Jarek sabia que estava pronto para um possível ataque. Em parte porque não conhecia o lugar e não confiava no Imperador Zhang. Dev era naturalmente desconfiado e sempre esperava o pior das pessoas, depois de ter sido ridicularizado e temido como demônio, por anos, estava preparado para ser atacado sem razão ou provocação. Infelizmente os Belvons eram uma espécie temida e desprezada na galáxia e Dev, devido a sua herança mista, fora inclusive maltratado e banido do planeta natal. Sua precaução não era gratuita

Ao avançarem pelo salão, Jarek notou que Mei se distanciava ligeiramente dele, assegurando-se de que haveria espaço entre eles. Zangado Jarek não queria mais se inclinar diante dos pais dela. Simplesmente a proclamaria como sua companheira de vida. Seus amigos o ajudariam a fugir com ela, se fosse preciso e sem fazer perguntas.

Com este pensamento formando redemoinhos em sua cabeça, o olhar de Jarek correu ao redor do salão, sem ver nada, procurou o Imperador e a Imperatriz.

Conhecia os tramites da realeza muito bem, pertencia a uma Família Real também. Era um pretendente digno e prestara um grande serviço ao descobrir o trafico de drogas nas minas do pretenso rival. Tinha todo o direito de esperar a aprovação deles.

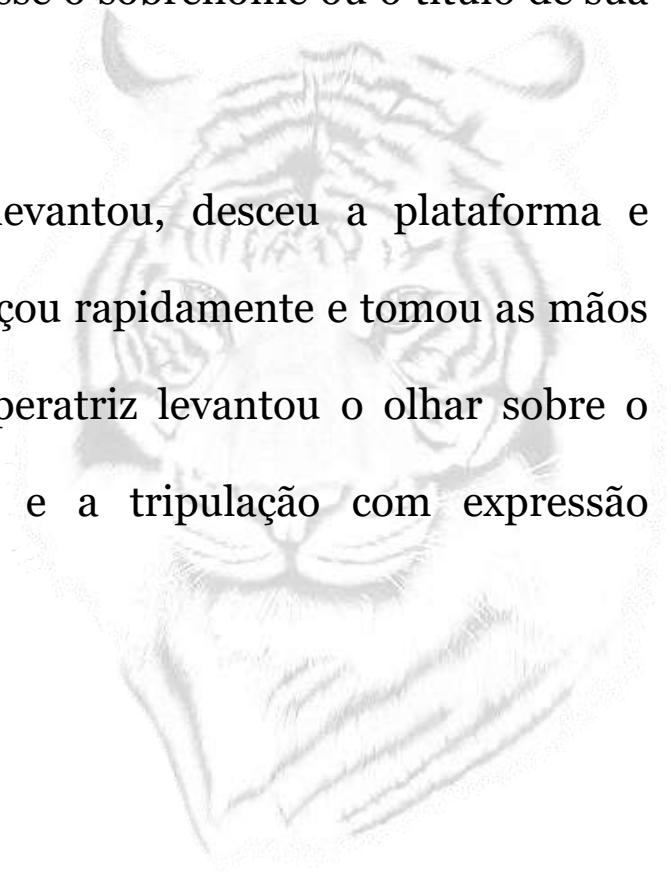
“Isso mesmo idiota, também estive se deitando e se deleitando com a filha deles durante semanas. Qualquer pai não veria o fato com alegria.”



Jarek respirou fundo, sentindo-se como um menino Var no primeiro dia de treinamento para guerreiro sob o comando imponente do Príncipe Falke. Embora, preferisse enfrentar centenas de irmãos mandões em batalha a afrontar às duas pessoas de aparência quase frágil que tinha diante de si.

O Imperador e a Imperatriz Zhang se sentavam em tronos elevados no salão. Dragões dourados esculpidos em espiral ao redor do casal real. O imperador tinha um longo bigode que caia na dianteira da túnica. O casal trajava túnicas de seda amarela, bordadas com dragões imperiais vermelhos e muitos símbolos antigos. Já vira vários desses símbolos esculpidos em quase toda superfície, Jarek presumia que fosse o sobrenome ou o título de sua casa.

– Mei! – A imperatriz se levantou, desceu a plataforma e caminhou até sua filha. Mei avançou rapidamente e tomou as mãos da mãe, tranquilizando-a. A Imperatriz levantou o olhar sobre o ombro da filha, fitando Jarek e a tripulação com expressão



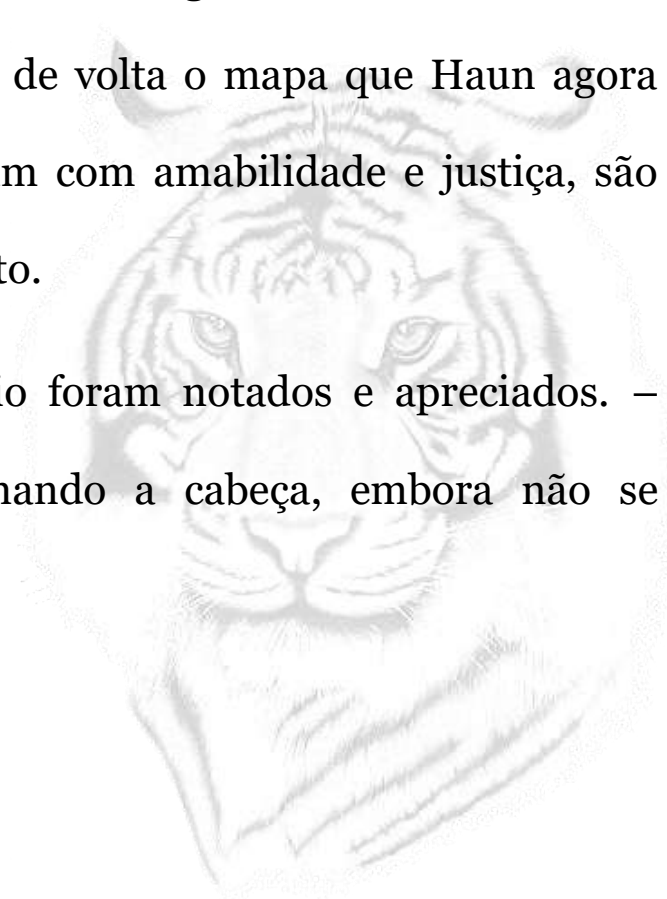
agradecida. – Agradeço-lhes por terem cuidado de minha filha, Príncipe Jarek de Var, e por seu serviço à Dinastia Zhang.

– Foi um prazer lhes servir, Imperatriz. – Jarek se inclinou para frente.

A Imperatriz sorriu e estendeu a mão ao rosto da filha. Sussurrou-lhe algo e a beijou antes de soltá-la.

– Meu Imperador. – Mei inclinou a cabeça para o pai, antes de levantar a mão. – Quero lhe apresentar, o Príncipe Jarek de Var e sua tripulação; Rick, Lochlann, Jackson e Dev. Foi graças a sua hospitalidade e ajuda que me foi permitido cumprir os planos do destino, descobrindo os traficantes de drogas dentro das minas de Yao Lin. Também conseguimos de volta o mapa que Haun agora tem em mãos. Eles nos honraram com amabilidade e justiça, são dignos de nossa amizade e respeito.

– Seus préstimos ao Império foram notados e apreciados. – Respondeu o Imperador, inclinando a cabeça, embora não se levantasse do assento.



– Príncipe Jarek. – Disse Mei, voltando-se para este. – É uma honra lhe apresentar a minha família, o Imperador e a Imperatriz Zhang. – Fez gestos a seus irmãos, chamando a atenção de Jarek sobre eles. – Príncipe Jin, Príncipe Atam, a Princesa Fen e o Príncipe Shen.

Cada membro da família real inclinou sua cabeça quando seu nome era dito. Jin o olhou por um momento a mais, com um leve sorriso em um lado da boca. Jarek se surpreendeu. De certa maneira, o jovem o fazia se lembrar de seu irmão Falke. Jin não parecia um militar como Falke, mas algo nele lhe chamara a atenção, havia seriedade e uma rigidez fria. Era difícil descrever.

– Minha família está em dívida por sua grande ação e nós gostaríamos de lhes oferecer o Dragão de Ouro. – Declarou a Imperatriz. O Príncipe Atam se virou e levantou uma almofadinha amarela de uma mesa que havia atrás dele. Estendendo os braços, apresentou-lhes uma pequena estatueta.

– Aceito seu presente em nome de minha tripulação. – Respondeu Jarek, pegando a figura e lhe dando a atenção

apropriada para o momento. Presenciara várias cerimônias para entender o que esperavam dele. Voltou-se e a entregou a Lochlann.

A Imperatriz sussurrou algo a sua filha e Mei assentiu com a cabeça. Fez um gesto a Jarek e a tripulação que a seguissem enquanto caminhava pela salão. Já do lado de fora, ela soltou um longo suspiro.

– Creio que vocês os impressionou.

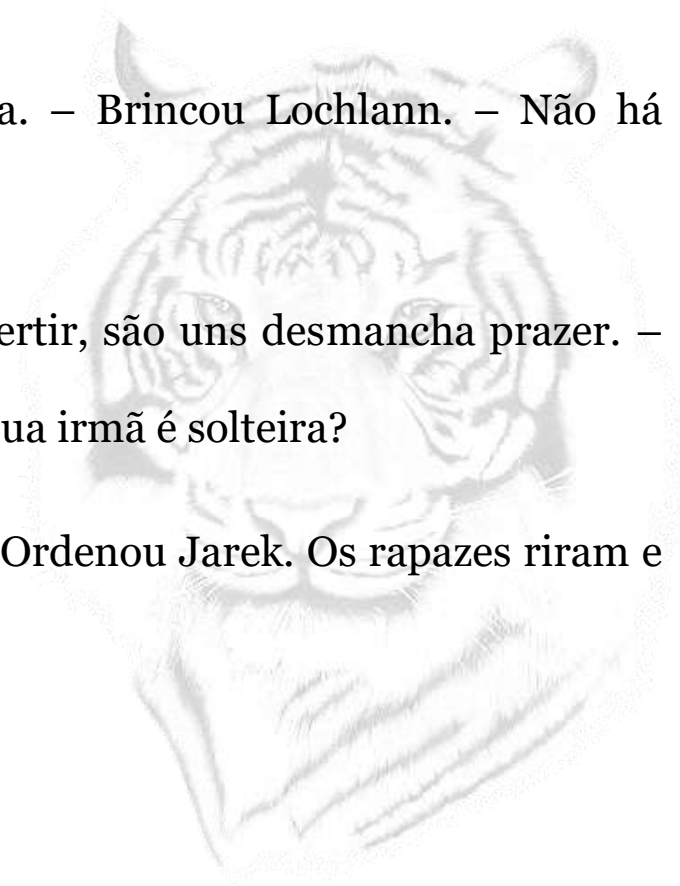
Os rapazes assentiram com a cabeça, voltando seu olhar para trás.

– E isso é tudo? – Perguntou Rick. – Só isso! Por que vocês complicam tanto as coisas?

– Você ficar de boca fechada. – Brincou Lochlann. – Não há nada de simples nisto.

– Ah, vocês não sabem se divertir, são uns desmancha prazer. – Disse Rick rindo. – Hey...? Mei, sua irmã é solteira?

– Nem sequer pense nisso. – Ordenou Jarek. Os rapazes riram e Rick se queixou.



– Fen é muito gentil e educada para você, Rick – Disse Mei –
Provavelmente estaria aborrecido no final de uma hora.

– Gentileza e educação nunca me aborreceram. –Assegurou-lhe
Rick.

– Não –Afirmou Jarek.

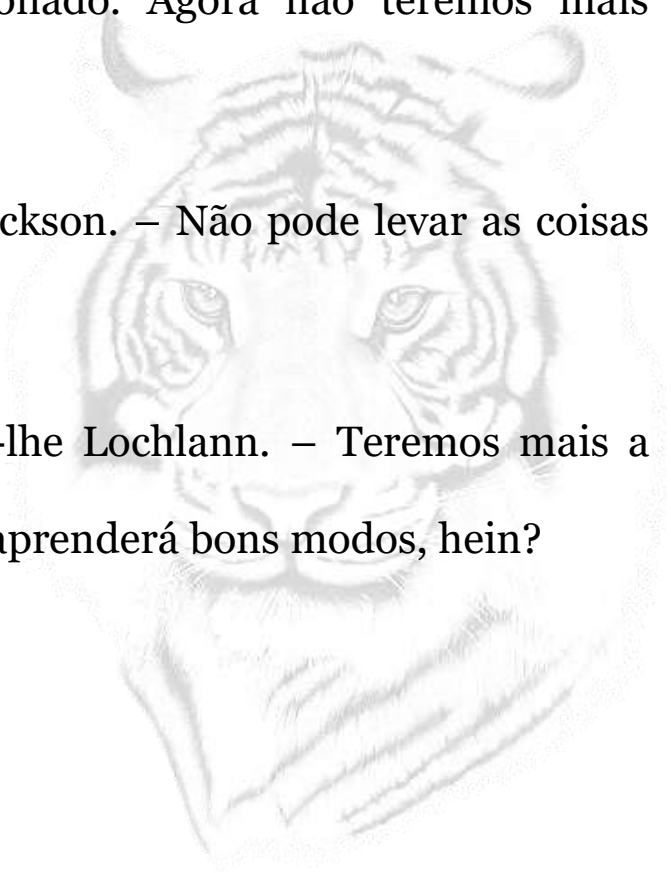
– Vamos, Rick. – Disse Lochlann. – Vamos planejar sua volta à
mansão Playmate Galaxy, hein?

– Do jeito que as coisas andam, não haverá mais passeios à
mansão. – Grunhiu Rick enquanto os amigos o separavam de Mei e
Jarek que estavam em frente à Sala da Sabedoria Infinita.

– Vejam só. Ele está apaixonado. Agora não teremos mais
nenhuma diversão a bordo.

– Ah, meu amigo. – Disse Jackson. – Não pode levar as coisas
para esse lado.

– Isso mesmo. – Assegurou-lhe Lochlann. – Teremos mais a
companhia feminina, quem sabe aprenderá bons modos, hein?



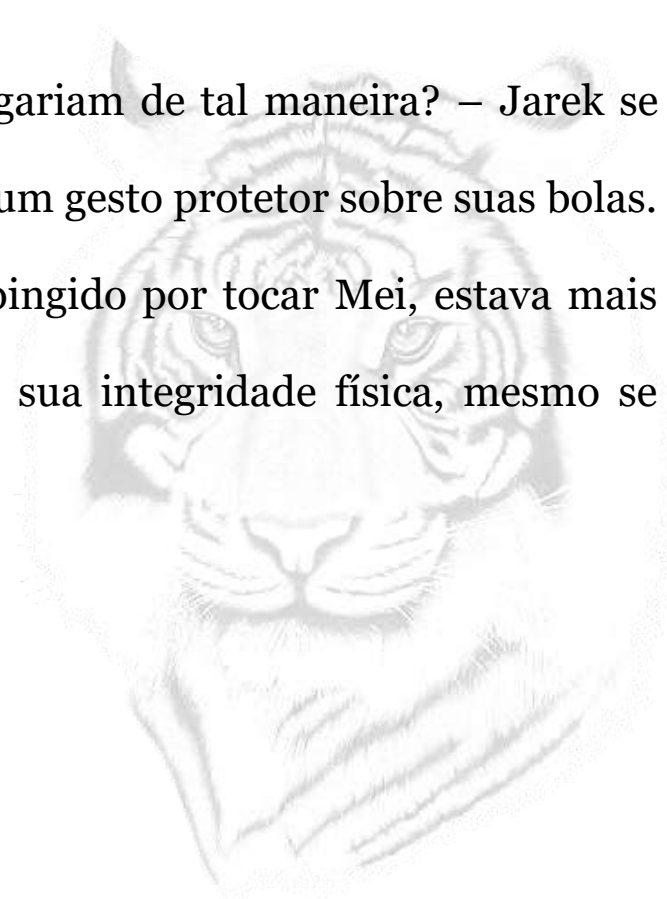
Mei riu baixinho, negando com a cabeça diante da conversa animada, então dirigiu sua atenção a Jarek.

– Minha mãe me deu instruções para que lhes ofereça um repasto antes que se vá. E se ofereceram para reabastecer sua nave de combustível, suprimentos e reparos para compensar o ataque de Haun. Quando estive com Haun, entrei em contato com meu pai e contei tudo o que aconteceu.

– Tudo? – Jarek perguntou, tentando sorrir. O olhar o traiu. Estava muito triste.

– Não, nem tudo. Não devo revelar tudo, qin ài de. Não se você quiser conservar certas partes de sua anatomia, entendeu?

– Não acredito que me castigariam de tal maneira? – Jarek se inclinou e sua mão se moveu em um gesto protetor sobre suas bolas. Embora tal castigo lhe fosse impingido por tocar Mei, estava mais que disposto a arriscar a vida e sua integridade física, mesmo se perdesse essa parte tão especial.



– Não, estava brincando com você. – Declarou baixinho. –

Minha cultura não é tão arcaica assim. Sabem que tais coisas podem acontecer entre um homem e uma mulher, em certas ocasiões isso é tolerado.

– E eles sabem que você mesmo sendo uma flor selvagem, para eles, achariam muito difícil me manter domado, Fada.

– Como o vento. – Uma lágrima deslizou por seu rosto. Piscou, como se tentasse conte-las, e mais uma se juntou a ela.

Jarek se posicionou para impedir que seus homens a vissem transtornada, queria protegê-la de qualquer indiscrição.

Notou então que os amigos se afastaram deles e ficou agradecido pela intimidade.

– Não quero, não posso deixá-la Mei. Quero ficar com você para sempre. Então, deixe-me ser seu servo. Viverei aqui perto de você.

– Deixaria o espaço por mim? – Ela fungou pelo nariz.

– Deixaria a eternidade por você, meu amor. Minha Fada, eu daria a vida só por mais um segundo contigo. – A mão de Jarek se

fechou em punho. Não poder tocá-la era uma tortura. – Mei só me diga o que tenho de fazer para ficar com você. Farei o que for preciso. Por favor, não me faça deixá-la. Não creio que possa conseguir fazê-lo.

– Eu gostaria que houvesse uma maneira, Jarek. Mas... – Mei respirou fundo e segurou as mãos dele nas suas. – Sabe que o deve ser feito. Eu prometo-lhe, Jarek, que não haverá um dia sem que eu pense em você. O que está em jogo é algo muito além de nós. O destino me viu com Lok. Desafiá-lo traria o desastre a meu povo. Não posso ser responsável por isso. Não posso. Não conseguiria viver assim. Por favor, não continue... Ou não serei forte o bastante para cumprir meu dever.

– Nem sequer tentará? – Jarek lhe suplico. – Diga a eles que serei...

– Meu amante? Não poderemos manter uma farsa tão grande, não conseguiríamos fingir outra coisa, e tampouco meus pais e um marido seriam tão permissivos nessas coisas. – Mei fechou os olhos e mais lágrimas deslizaram pelo rosto triste. – Sinto muito, Jarek.

Meu lugar é esse. – Fungou pelo nariz. – Meu dever está aqui. Não posso deixar para trás, os que dependem de mim, sou o que sou. Nunca me perdoaria e meu maior medo é que chegará o tempo que você também se ressentiria com isso.

– Estive pensando em raptar você e levá-la comigo à força. –
Confessou Jarek de cabeça baixa.

– Não pode.

– Sei disso. Mas, a amo tanto, Fada. Você é minha companheira de vida.

– Jarek, não, não faça isso. – Ofegou Mei. – Não pode fazer isso. Você me contou que um Var fica preso a companheira, que definha aos poucos... Você não terá a chance de encontrar alguém que o faça feliz. Não quero que viva assim. Não o quero com um coração morto. Por favor... Não conseguirei viver com isso na alma, não... Por favor...

– Sinto muito, Fada. Mas já está consumado. Não posso voltar atrás. Meu corpo, minha mente, minha alma, a reconheceram como

companheira e só você. Tudo o que quero é você e nada mais. –

Jarek a atraiu para ele.

Sua boca a submeteu voluntariamente e a beijou profundamente. A língua de Mei lutou com a sua enquanto desesperadamente se abraçavam.

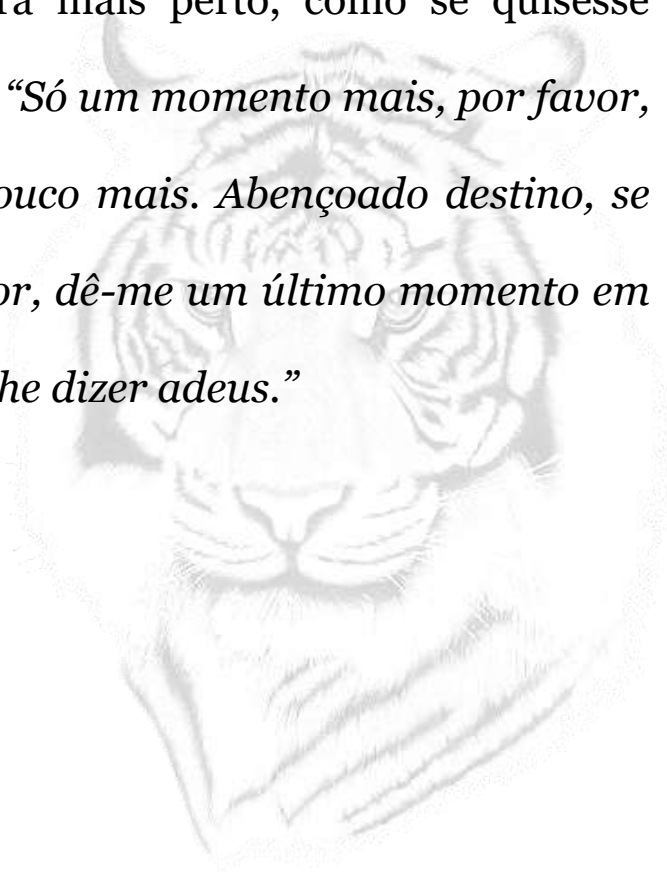
– Humm...

O som não foi registrado em suas mentes. Estavam abraçados e não podiam se afastar.

– Capitão? – Rick avisou, sem sucesso falou mais alto. – Capitão Jarek!

Alucinado Jarek a atraiu para mais perto, como se quisesse absorvê-la em seu corpo e mente. *“Só um momento mais, por favor, só me deixe ficar com ela um pouco mais. Abençoado destino, se for para tirá-la de mim, por favor, dê-me um último momento em seus braços antes que tenha que lhe dizer adeus.”*

– Zhang Mei!



Um grito horrorizado o tirou daquele êxtase. Jarek piscou pesadamente, olhando por cima da cabeça de Mei. Precisou de um momento para sair do turbilhão de sentimentos e desespero. O beijo de Mei estava em seus lábios, e também as pernas dela envolviam sua cintura. Horrorizado, deu-se conta de que os pais dela os fitavam aturdidos. Voltando seu olhar a Mei, deu-se conta de que estava sendo um pouco mais lenta em recuperar a razão.

– Mei, – Sussurrou, não sabendo como agir. Ela se agarrava desesperadamente a ele como se não quisesse soltá-la nunca mais. Seu rosto ainda molhado pelas lágrimas, provará o sal delas em seus lábios, sentiu a umidade delas secando em sua face.

Mei ofegou quando Jarek pronunciou seu nome, deslizando para baixo em seu corpo. Ele mudou de posição, tentando ocultar a ereção. Foi inútil. Colocara seu melhor par de calças que também eram as mais justas. Não havia como esconder o que sentia por Mei. Mesmo sem a evidente massa entre suas coxas, estava certo que veriam o amor nele por ela. Esperou que assim fosse. Rezou ao

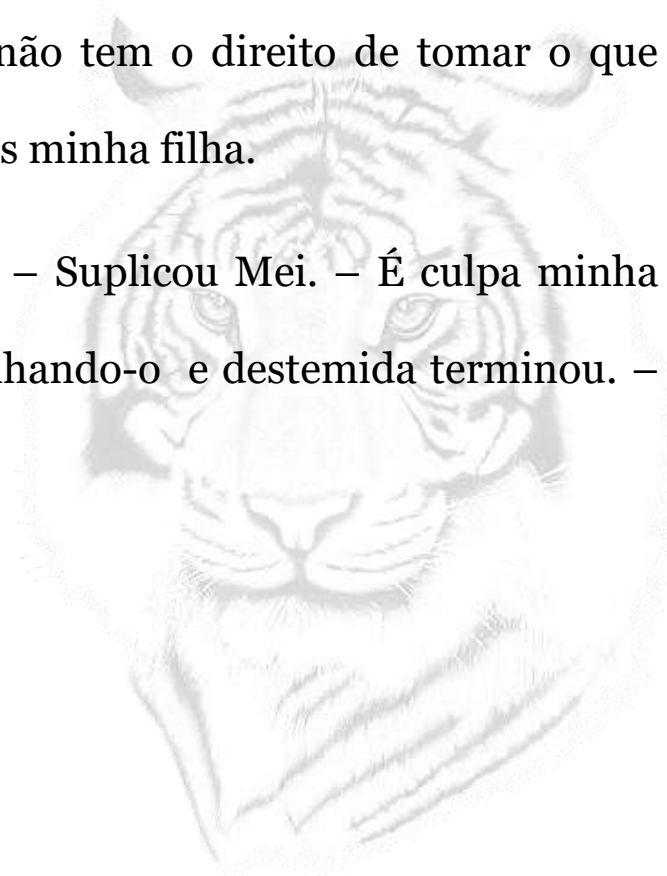
destino, a seus deuses, e a deuses que nem sequer conhecia, que o ajudassem.

– Zhang Mei! – Repetiu a Imperatriz. O rosto de Mei empalideceu e ela passou as mãos sobre os olhos, secando-os antes de se virar para ficar em frente aos pais. Inclinou a cabeça. Seus irmãos estavam atrás da Imperatriz, fitando a irmã atentamente. O Imperador, com o olhar, fulminou Jarek. – O que pensa estar fazendo?

– Por favor. – Disse Jarek, colocando-se protetoramente diante da amada. – Isto é culpa minha. Ela não...

– Príncipe Jarek. Embora sejamos gratos. – O Imperador declarou bem zangado. – Você não tem o direito de tomar o que quiser como prêmio, muito menos minha filha.

– Meu Imperador, por favor. – Suplicou Mei. – É culpa minha também. Jarek é ... – Hesitou, olhando-o e destemida terminou. – É meu amante.



A Imperatriz ofegou. Haun não se moveu, mas olhava a irmã com expressão impenetrável. Os olhos do Imperador se estreitaram sobre Jarek. A Princesa Fen sorriu, ocultando atrás da mão enquanto se apoiava no ombro do Príncipe Shen. O Príncipe Atam observava cuidadosamente a todos, nem aprovação ou condenação deixando a entender o que pensava sobre a situação.

– Mei? – A Imperatriz conseguiu falar, com a voz tremula e confusa.

– Digo que ele é meu amante. – Repetiu Mei, aproximando-se mais de Jarek. Tomou-lhe a mão. – Eu o amo. Ele é meu coração. Por favor, meu Imperador. – Fez uma pausa antes de acrescentar. – Pai, eu o amo.

– Mas, o Príncipe Lok, – Disse o Imperador. – É seu destino.

– Mei. – A Imperatriz deu um passo adiante. – Por favor, pense no que está fazendo. Sei que os Song não são o que escolheríamos para você, mas esta questão não atinge só a nós. Trata-se de Lintian. É o que nosso povo precisa e como podemos servi-los melhor. – Fez

um gesto indicando Jarek. – Este pretendente não tem nada a oferecer ao futuro de nosso povo e nem a uma Princesa Zhang.

– Nós não temos tal certeza. – Interrompeu o Príncipe Jin. – Devemos ao menos ouvir o que Mei tem a dizer.

A Imperatriz lhe lançou um olhar duro. Quando esta se virou, dando-lhe as costas, o jovem Príncipe tentou dar a sua irmã um sorriso tranquilizador.

– Não estou falando de meu futuro como uma Princesa Zhang. Falo de meu futuro como mulher. Conheço meus deveres. – Disse. A mão dela tremia na de Jarek, que desesperadamente queria colocá-la em um abraço protetor. – E sei que devo sacrificar meu amor pelo dever. Sei o que estão me pedindo. Mas quando falamos disso... Quando dizem que tenho de... Pai? Por favor, eu amo Jarek. Não podem considerar meus sentimentos...?

– Imperador, por favor, ouça-me. O conhecimento que tenho do universo não se pude conseguir em meu planeta natal, Qurilixen. Mei pode ser leal a sua família e ao seu povo mesmo que não viva

aqui, assim como minha família e meu povo dependem de meu conhecimento do universo, também podemos estar a serviço de seu Império. Humildemente peço que me aceitem como marido de sua filha, minha companheira. E juro pelas almas de meus antepassados que dedicarei minha vida a ela. E, se precisarem de nós, estaremos aqui. – Jarek os fitou sério, esperando que vissem seus sentimentos sinceros.

– Fala muito bem, Príncipe Jarek. – Disse o Imperador, assentindo com a cabeça. – Mas não é o seu destino que está em questão.

– Perdoe-me por contrariá-lo, mas não foi o meu destino que me fez encontrar sua filha? Não foi ele que me fez encontrar o mapa e depois os traficantes de drogas? – Jarek tocou o ombro de Mei.

– Meu pai, ao menos considere que nas visões de nossos antepassados nem sempre dizem exatamente o que o destino nos reserva. Não, que eu ache que a bisavó esteja errada, mas talvez devêssemos considerar que pode haver outras opções? – Jin tentou ajuda-los.

– Jin, sei que suas intenções são boas e sei que se respeita nosso passado, mas agora é a decisão de Mei que importa.

A Imperatriz lançou ao filho outro olhar duro.

– Mãe, digo isto não só por Mei, mas também pelo futuro de seus outros filhos. – Jin deu um passo adiante. – Não vejo motivos para que Mei tenha de renunciar ao amor pela honra. Sabe que honro as tradições, e que daria minha vida pelo Império. Mas, se Mei encontrou o amor, penso...

– Tudo já foi decidido. – O Imperador interrompeu o filho. – Príncipe Jarek, posso ver que seus sentimentos por minha filha são sinceros, mas... – Fez um gesto como se encerrasse a discussão. ds

– Filha tudo isso não foi decidido por nós. – Afirmou a Imperatriz, partindo de onde seu marido se calou, – Foi o destino. O destino escolheu o Príncipe Lok para você, minha filha.

– Seu lugar sempre será com o pai de seus filhos!

Jarek se virou com a surpresa da voz do intruso, e ficou estarecido ao ver um ser transparente se dirigia a eles flutuando na

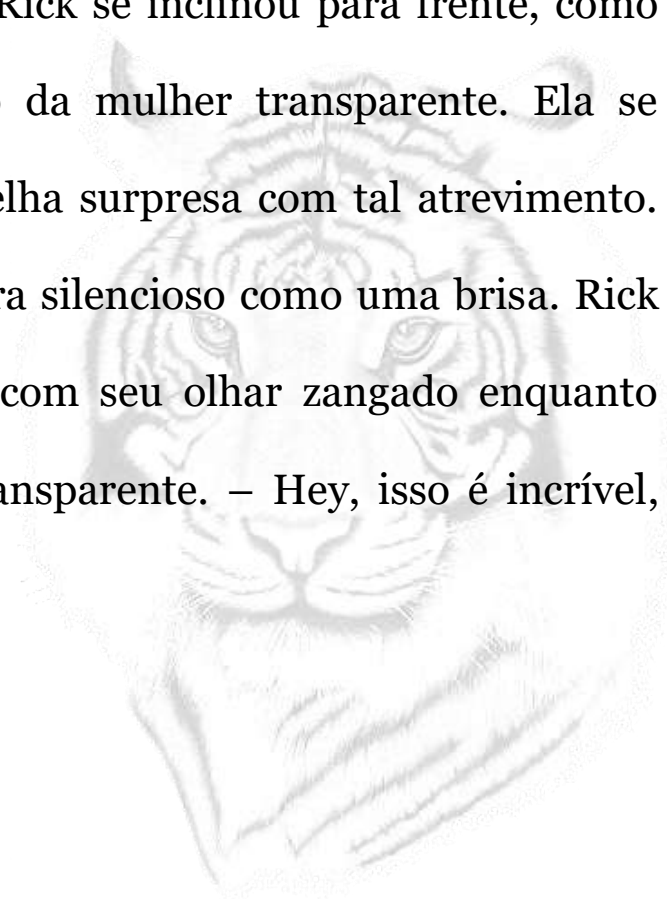
escada do Salão da Sabedoria Infinita. O espírito feminino estava vestido com uma túnica Lintianese, embora o estilo não fosse exatamente igual ao das mulheres vivas dante dele. As mangas longas flutuavam atrás dela enquanto a brisa trazia seu corpo para frente, fazendo algumas mechas de cabelos prateados se agitarem ao sabor da brisa.

– O que é isso. – Resmungou Lochlann.

– Parece ser um fantasma. – Disse Jackson.

– Não consigo acreditar em meus olhos. – Replicou Lochlann espantado.

– Santas Bolas Espaciais. – Rick se inclinou para frente, como se fosse colocar o dedo dentro da mulher transparente. Ela se voltou, arqueando uma sobrancelha surpresa com tal atrevimento. Cada movimento feito por ela, era silencioso como uma brisa. Rick não parecia nada constrangido com seu olhar zangado enquanto passava a mão em seu braço transparente. – Hey, isso é incrível,



não há nada sólido aqui, só ar frio. – Rick tentou tocá-la novamente e o espírito deslizou para longe de seu alcance.

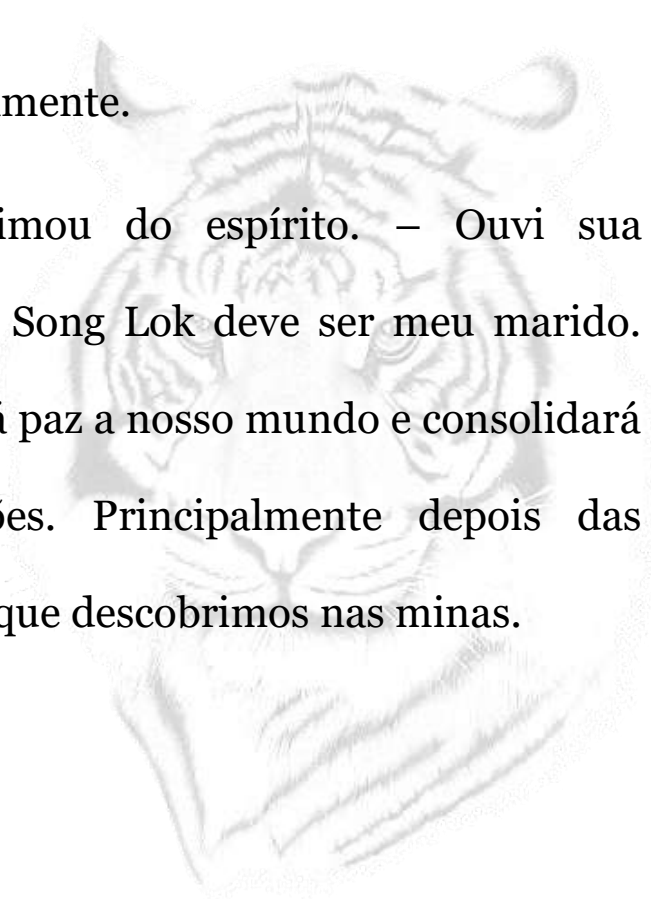
– Esta é minha bisavó, Zhang An. É nossa antepassada que nos guia e protege. – Disse Mei a Jarek. Rapidamente apresentou o espírito aos outros, sem se importar em haver feito a apresentação deles a seu pai. Jarek a saudou com a cabeça, não muito certo do que dizer a um espírito.

– Avó, – A Imperatriz avançou até o espírito. – Não se preocupe, podemos cuidar disto.

– Verdade? – Uma pergunta que não deixava a margem a suas dúvidas.

A Imperatriz recuou respeitosamente.

– Bisavó, – Mei se aproximou do espírito. – Ouvi sua premonição e sei que o Príncipe Song Lok deve ser meu marido. Entendo que meu casamento trará paz a nosso mundo e consolidará as relações entre nossas nações. Principalmente depois das desconfianças despertadas com o que descobrimos nas minas.



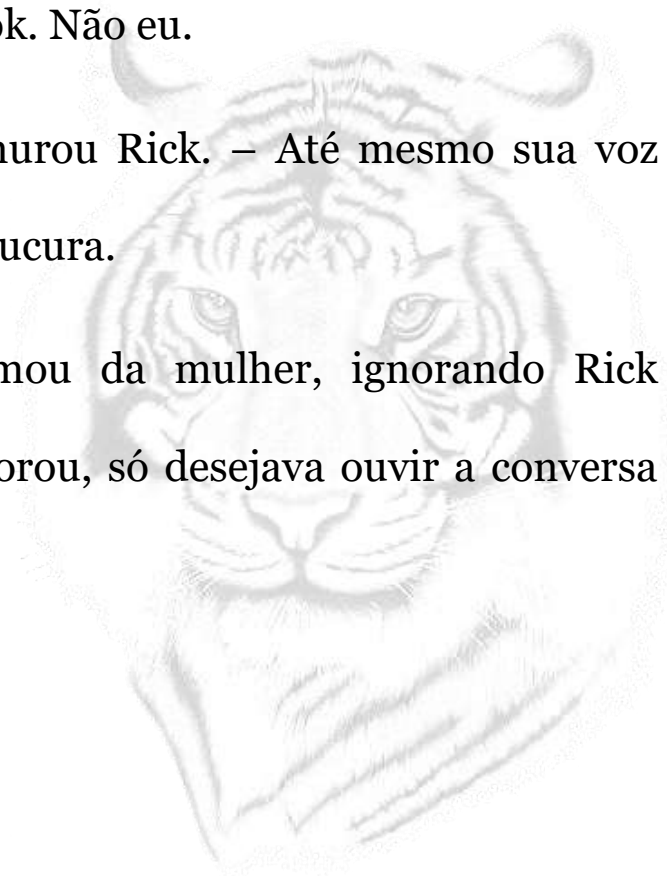
– Humm...Disse isso a você, minha filha? – Ouviu-se o fantasma fungar pelo nariz, um som nada elegante.

– Sim, disse que consultou todos os sinais, –Insistiu Mei. – Não se lembra? Consultou os Ossos do Oráculo, a Terrina da Adivinhação, até mesmo o vento lhe disse. A senhora disse que viu meu destino. Por favor, não se lembra?

– Filha, lembro-me ter consultado todos os poderes para me certificar de seu futuro, mas nunca lhe disse que devia casar-se com o Príncipe Lok. Minha querida, disse apenas que um homem estrangeiro, de sangue real cruzaria seu caminho e que ele seria tanto o pai de seu filho, como seu marido. Você e seu pai é quem decidiram que seria o Príncipe Lok. Não eu.

– Estrelas Benditas. – Murmurou Rick. – Até mesmo sua voz tem o som da brisa. Isso é uma loucura.

– Mas... – Mei se aproximou da mulher, ignorando Rick totalmente. Jarek também o ignorou, só desejava ouvir a conversa entre o espírito e Mei.



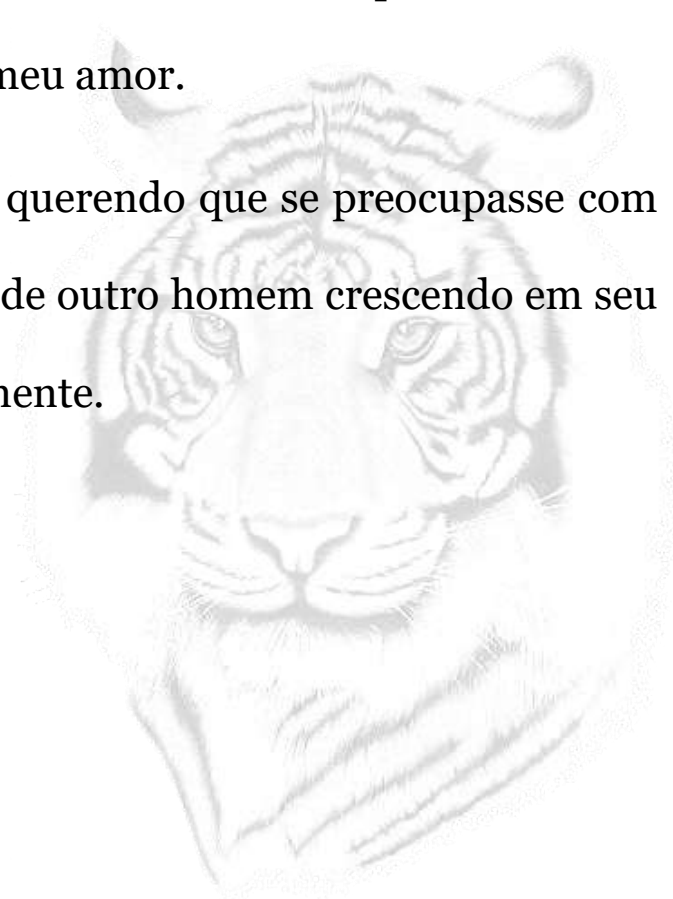
Estavam falando de seu futuro, de seu coração. Não tinha tempo para preocupar-se com Rick se este conseguisse trancar seu traseiro em uma prisão por insultar a Família Imperial Zhang. Cuidaria disto mais tarde.

– O Príncipe Lok não tem o sangue real Zhang e foi o primeiro homem fora de minha família que cruzou meu caminho. Esse casamento assegurará a paz.

– Seu lugar é ao lado do pai de seu filho. – An insistiu com palavras lentas e cuidadosas.

– Sei que darei a luz um filho. – Mei lançou a Jarek um olhar de pesar e baixou a vista, incapaz de encarar a dor na expressão dele. – Jarek, me perdoe por dizer isso, meu amor.

Ele negou com a cabeça, não querendo que se preocupasse com ele. Embora pensar que um filho de outro homem crescendo em seu ventre, o entristecesse profundamente.



– Por favor, Avó? – A Imperatriz se impacientava. – Chega de premonições. Acabe logo com isso. Minha filha está sofrendo. Se sabe alguma coisa, diga agora.

– Que premonições? Quem está falando em premonições? Para mim é mais que evidente. – An bufou e riu.

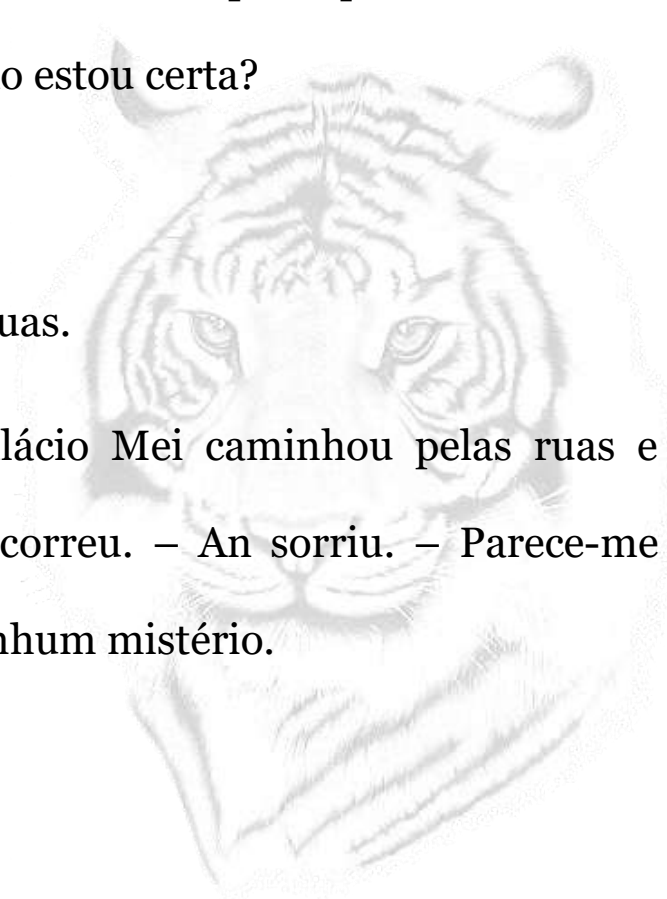
– Mei foi com Haun ao Império Song, selaram acordos comerciais e até foi pedido que o Imperador Song investigasse os rumores sobre o trafico de drogas nas minas de Lin Yao.

– Mas o Príncipe Lok não foi o primeiro estrangeiro que Mei viu. – An se voltou para Jarek. – Você caminhou na cidade de Mountain Palace, não é verdade? Caminhou por aquelas ruas antes que Mei visse o Príncipe Song, não estou certa?

Jarek assentiu com a cabeça.

– Realmente caminhei pelas ruas.

– Viram. Para chegar ao palácio Mei caminhou pelas ruas e cruzou os caminhos que ele percorreu. – An sorriu. – Parece-me uma explicação bem simples. Nenhum mistério.

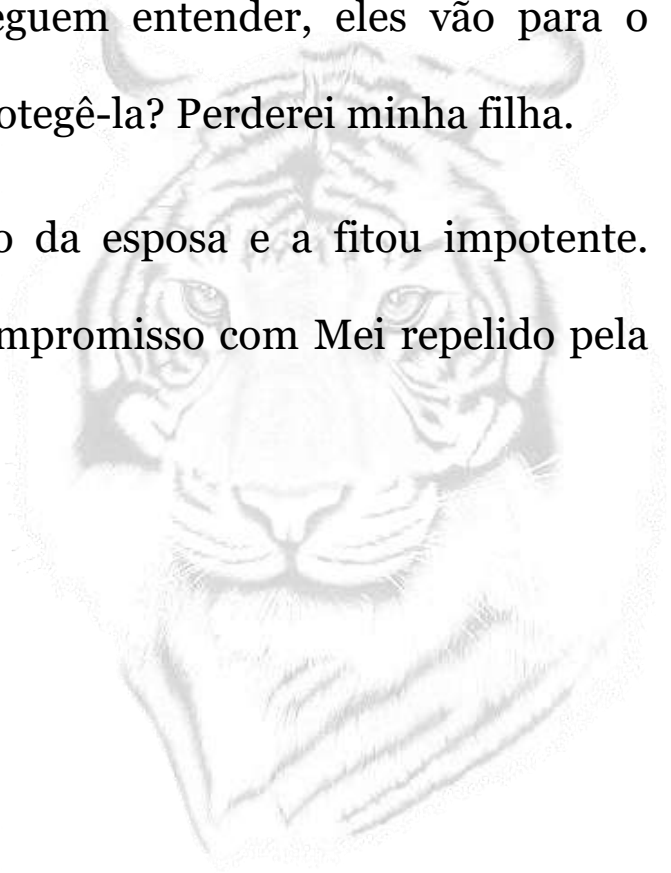


Os olhos redondos de Mei se viraram para Jarek, que sentiu a esperança crescer no peito. Se a velha senhora não fosse transparente, alegremente a abraçaria.

An sorriu, saboreando seu momento de brilhantismo.

– A senhora não pode ter certeza disso. – A Imperatriz exigia uma explicação melhor. O Imperador chegou ao seu lado, e tocou seu braço. O gesto não a deteve. – Não há como saber que seus caminhos se cruzaram. Está dizendo tolices, anciã. Deixe a minha filha em paz. Esta decisão pertence aos vivos. Já é ruim querer enviá-la ao outro lado do Satlyun. Agora vem com essa história mirabolante... Onde acha que isso a levará...? Não entendem...? Ela vai embora com ele. Não conseguem entender, eles vão para o espaço... Nós não vamos poder protegê-la? Perderei minha filha.

O Imperador segurou o braço da esposa e a fitou impotente. Jarek sentiu a dor por ter seu compromisso com Mei repellido pela mulher tão abertamente.



– Talvez, – Declarou An. – Mas ela deve se casar com o pai de seu filho ainda não nascido.

Jarek levou um momento para dar-se conta do a ansiã estava insinuando. Mei ficou sem ar e levou a mão ao ventre. Todos ficaram terrivelmente silenciosos por um longo momento, enquanto todos contemplavam a Mei.

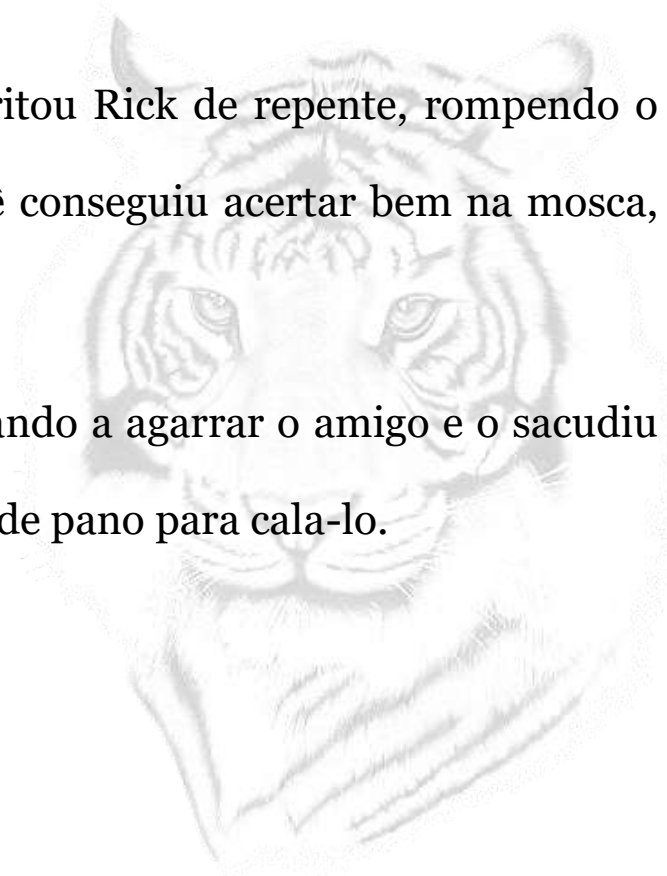
– Meu amor? – Disse baixinho, tocando seu ventre. – Fada?

Mei mordia o lábio, parecendo tão atordoada quanto ele se sentia. A alegria encheu sua mente.

Mei estava grávida de um filho dele! Agora, certamente seus pais não podiam colocar empecilhos à felicidade deles.

– Muito bem, Capitão! – Gritou Rick de repente, rompendo o silêncio incômodo. – Velho, você conseguiu acertar bem na mosca, hein...!

– Rick. – Dev grunhiu, chegando a agarrar o amigo e o sacudiu violentamente, como um boneco de pano para calá-lo.



– Ah, vamos lá! – Gritou Rick. Dev o soltou. – Eu não quis embarçar ninguém.

– Mas que jovem mais insolente... – An começou a virar para Rick.

– Hey, devagar aí, meu doce fantasma. – Disse Rick, sorrindo abertamente a velha senhora. – Vai ter a sua oportunidade comigo. Não precisa provocar o Dev.

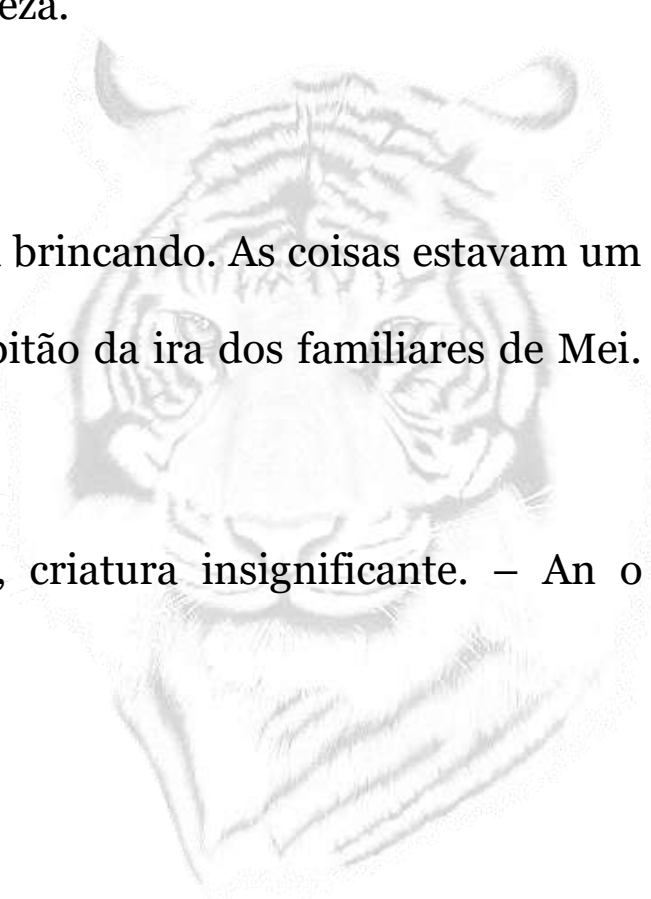
O espectro de An tremeu quando o rosto se pintou com o rosa. Furiosa, apontou-lhe o indicador.

– Ensinarei a você o que é respeito, criatura insignificante. E você vai se inclinar a minha grandeza.

Rick empalideceu.

– Ah minha senhora, só estava brincando. As coisas estavam um pouco tensas e tentei salvar o Capitão da ira dos familiares de Mei. Sabe, aliviar o estado de humor.

– Não me faça amaldiçoá-lo, criatura insignificante. – An o avisou.



– Rick, ao menos uma vez na vida, respeite um aviso e fique quieto. – Evan o admoestou.

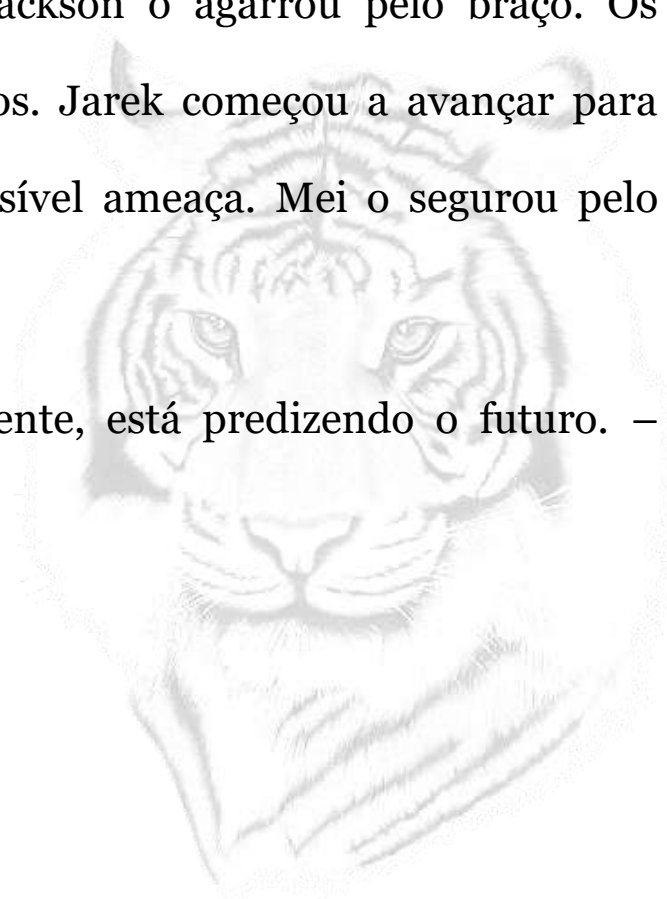
– Tudo bem senhora, fique calma. Humm... Cuidado com o coração. – Disse Rick ignorando as palavras prudentes de Evan. – Não precisa nos ameaçar com seu grande poder.

– O que significa? Cuidado com o coração? –Sussurrou Mei. Jarek encolheu os ombros, sem fazer idéia do significado.

– Ah, então você gosta de fazer gracinhas, hein? –Desafiou. – Vejamos o quanto é engraçado o que lhes reserva o meu poder.

A tripulação fulminou Rick com o olhar por colocá-los novamente em complicações. Jackson o agarrou pelo braço. Os olhos de An se tornaram brancos. Jarek começou a avançar para proteger os amigos de uma possível ameaça. Mei o segurou pelo braço e negou com a cabeça.

– Ela não os tocará fisicamente, está predizendo o futuro. – Assegurou-lhe.



– Juntos viajarão pelo espaço. Presos e unidos aos cinco elementos. – Sua voz adquiriu um tom sinistro. – O caminho da felicidade será áspero a todos vocês.

– O que está querendo dizer? – Sussurrou Lochlann.

– Ela diz a verdade, Evan? – Perguntou Jackson.

– Não sei. – Disse Evan. – Não posso ler os pensamentos de espíritos.

– Parabéns, você é mesmo o cara mais idiota do universo. – Jackson deu uma cotovelada em Rick.

Os olhos do An se limparam e ela sorriu vingativa, claramente sabendo de algo que eles nem sequer conseguiam imaginar.

– Encontrarão o amor oculto no mistério dos cinco elementos. Um elemento destinado a cada um de vocês. O elemento os levará a sua futura felicidade. Mas o destino não está claro. Se não a reconhecer e a perder, cada um ficará para sempre sozinho.

– Elementos? – Inquiriu Lochlann. Os cinco membros da tripulação pareciam horrorizados e empolgados ao mesmo tempo.

– Que elementos?

– Lembrem-se. O segredo do futuro se esconde nos cinco elementos: metal, água, madeira, terra e fogo. – O fantasma sorriu de forma terrível.

– Qual é o meu elemento? – Perguntou Jackson.

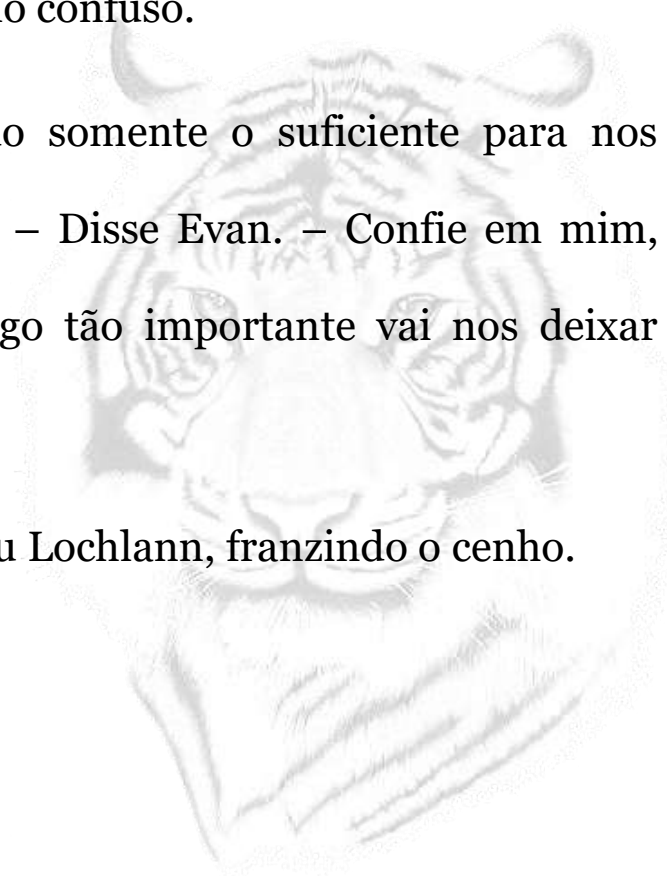
– E o meu? – Perguntou Lochlann.

– Ah... Isso vocês têm de descobrir... – Com isso, An desapareceu, desaparecendo em meio a uma repentina rajada de vento.

– Como predizendo o futuro pode ser uma maldição? – Perguntou Rick, franzindo o cenho confuso.

– Ela foi ardilosa nos dando somente o suficiente para nos consumir de ansiedade e terror. – Disse Evan. – Confie em mim, saber uma pequena parte de algo tão importante vai nos deixar loucos.

– Metal, madeira... – Começou Lochlann, franzindo o cenho.



– Água, terra, fogo – Terminou Evan.

– Dev só pode ser o fogo, isso é obvio. – Afirmou Rick – Eu devo ser o metal porque meu corpo é uma rocha de músculos.

– Creio que os elementos se referem às mulheres que estamos destinados. – Declarou Evan. – Não a nós.

– Mas ela não disse isso. – Protestou Rick. – Sei que sou o metal.

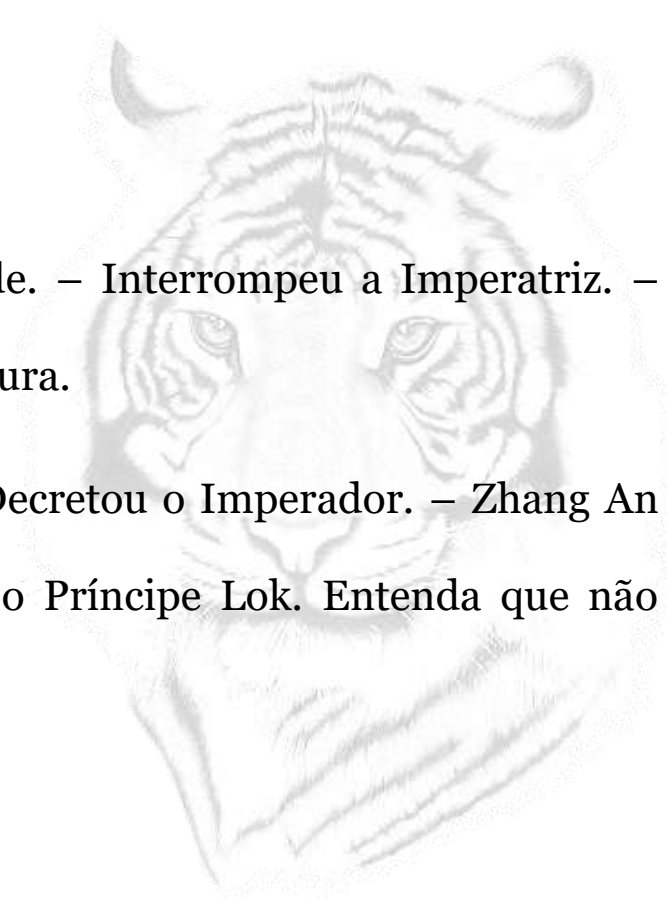
Ao ver que seus homens estavam ilesos, Jarek se voltou para Mei e tocou seu ventre. Estava tão feliz. Nada mais poderia lhe dar maior alegria. Sua Princesa carregava seu filho.

– Fada. – Sussurrou, maravilhado. Seu coração se enchia de esperança.

– Jarek. – Disse. – Qin ài de!

– Não aceito está barbaridade. – Interrompeu a Imperatriz. – Mei, por favor, não faça essa loucura.

– A escolha é só de Mei. – Decretou o Imperador. – Zhang An está certa. Pensamos que fosse o Príncipe Lok. Entenda que não



podemos negar ao Príncipe Jarek o que não negaríamos a Song Lok.

Ainda mais quando Haun me informou que o Príncipe Song não mostrou nenhum interesse por Mei. O destino traçou o rumo e parece que nossa filha o percorreu com alegria. Filha, você aceita o Príncipe Jarek de Var.

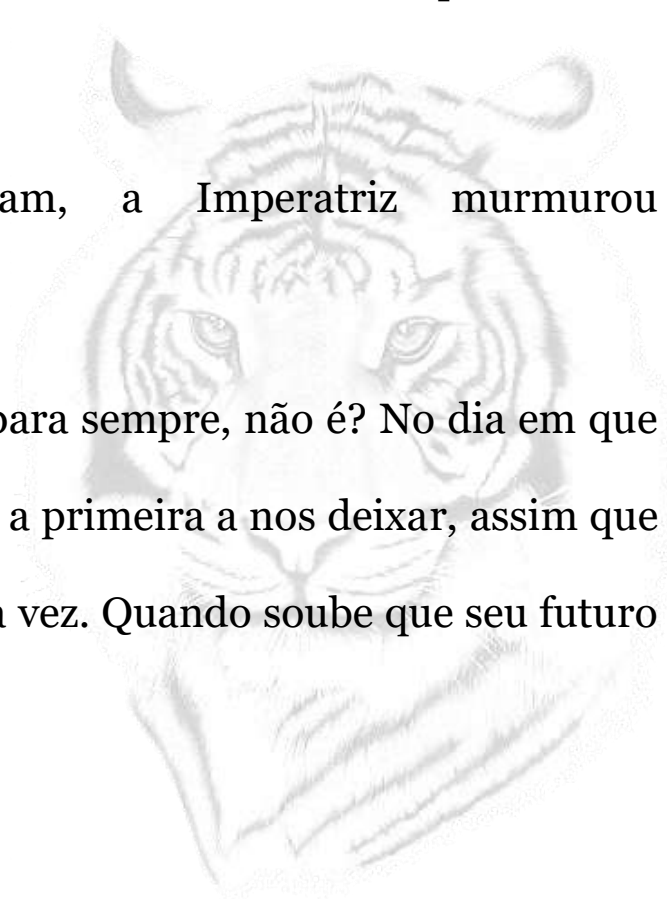
– Mei? – A Imperatriz deu um passo adiante, com o rosto súplice.

– Eu escolho o Príncipe Jarek. – Mei respondeu sorrindo. Jarek a abraçou, incapaz de conter a felicidade enquanto a agarrava e a girava nos braços.

Mei o beijou, gemendo que o amava em sua boca enquanto ele a fazia girar loucamente.

Quando finalmente pararam, a Imperatriz murmurou tristemente:

– Minha filha vai nos deixar para sempre, não é? No dia em que você nasceu Mei, soube que seria a primeira a nos deixar, assim que olhei em seus olhos pela primeira vez. Quando soube que seu futuro



era com o Príncipe Lok, fiquei contente pelo destino não ser tão mau como eu temia. Do outro lado do Satylun você estaria perto de nós, muito mais perto que nas estrelas.

Mei se soltou de Jarek e foi até a mãe.

– Mãe, prometo que viremos aqui muitas vezes, sempre estaremos em contato.

Haun foi o primeiro irmão a avançar.

– Mei sempre me pareceu querer a liberdade do vento e a mantivemos presa durante muito tempo. O Príncipe Jarek falou sabiamente. O saber que encontrará no espaço fará com que nosso governo e planeta se tornem mais seguros para nosso povo. Seus conhecimentos nos ajudarão no futuro. O destino escolheu sabiamente.

Uma lágrima deslizou pelo rosto de Mei. Jarek ficou atrás, deixando-a ter esse momento com a família. Fez gestos a seus amigos para que se fossem. Estes o fizeram silenciosamente; ainda atordoados pelo que tinham ouvido de Zhang An. Jarek já podia ver

as perguntas em seus rostos. Mais tarde, castigariam Rick por fazer que a premonição rancorosa acontecesse.

– Seja feliz, Meimei. – Disse Haun a irmã. Havia um pouco de tristeza em sua voz, mas assentiu com a cabeça a Jarek. – Você escolheu bem.

Com suas palavras, os outros irmãos Zhang correram até ela.

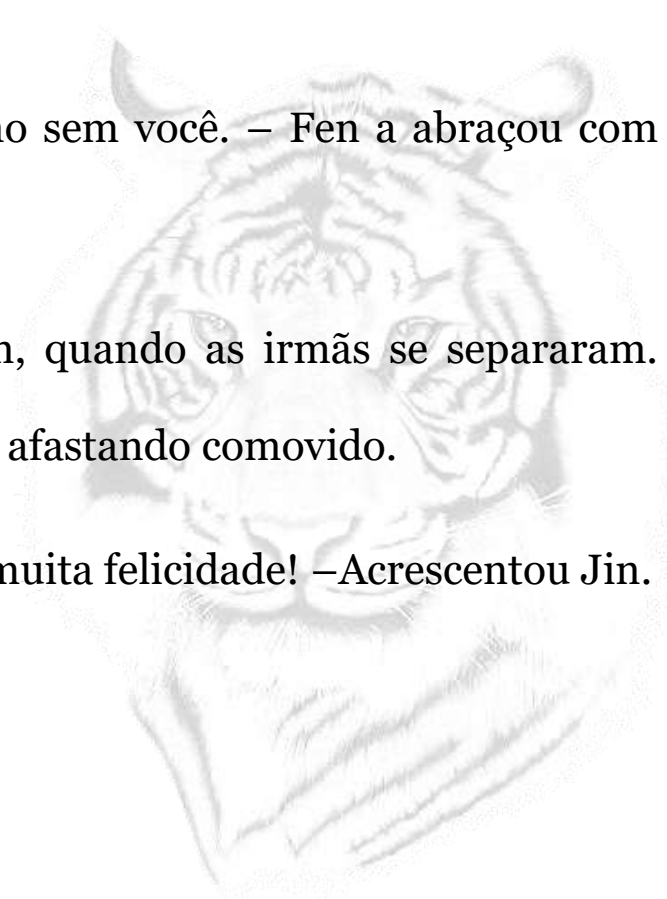
– Sim, Mei. – Fen a abraçou chorando. – Sentiremos sua falta. Por favor, não deixe de mandar notícias. Prometa que sempre entrará em contato conosco?

– Não se preocupe, sempre estaremos em contato com vocês. – Mei afirmou decidida.

– O palácio não será o mesmo sem você. – Fen a abraçou com força.

– Ah, pequena. – Disse Shen, quando as irmãs se separaram. Sorriu abraçando Mei e depois se afastando comovido.

– Irmã, seja abençoada com muita felicidade! – Acrescentou Jin.



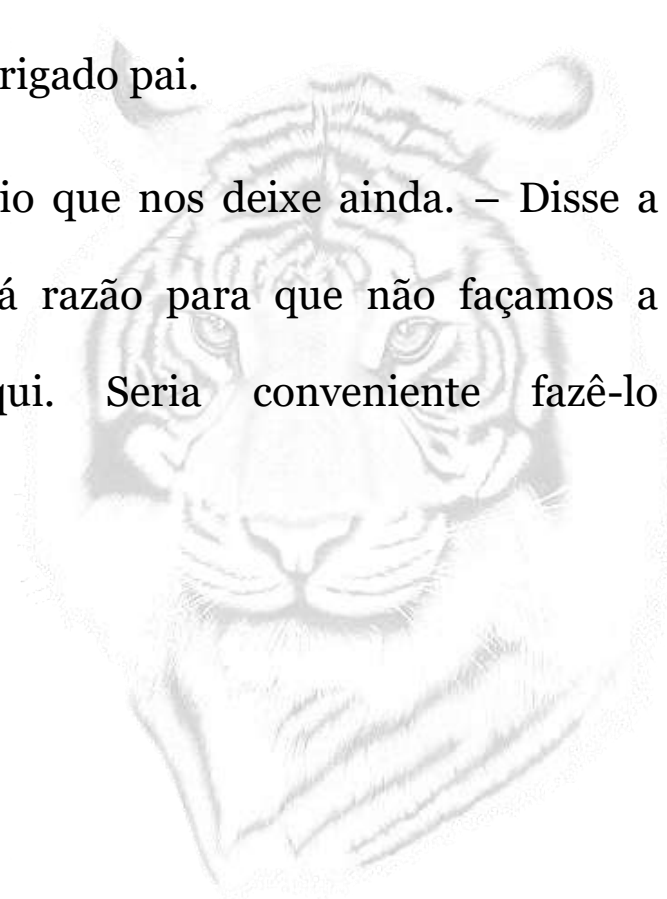
Atam se aproximou de Jarek, estendendo as mãos unidas em saudação, o que levou os outros irmãos a fazerem o mesmo. Jarek os saudou com a cabeça, agradecendo, pois sabia o quanto significava que a família dela a apoiasse nesta decisão. E se isso a fazia feliz, ele também ficava feliz.

O Imperador se aproximou dela, olhando para seu ventre antes de assentir lentamente.

– Aqui sempre será seu lar, Mei. Eu, como os outros, sabia que algum dia nos deixaria. Seus olhos fugiam deste lugar e seu espírito sempre foi muito livre para ser confinado dentro destes muros. Vá com minha bênção, filha.

– Xièxie nî. – Disse Mei. – Obrigado pai.

– Entretanto, não é necessário que nos deixe ainda. – Disse a Imperatriz apressada. – Não há razão para que não façamos a cerimônia de casamento aqui. Seria conveniente fazê-lo rapidamente pelo bebê.

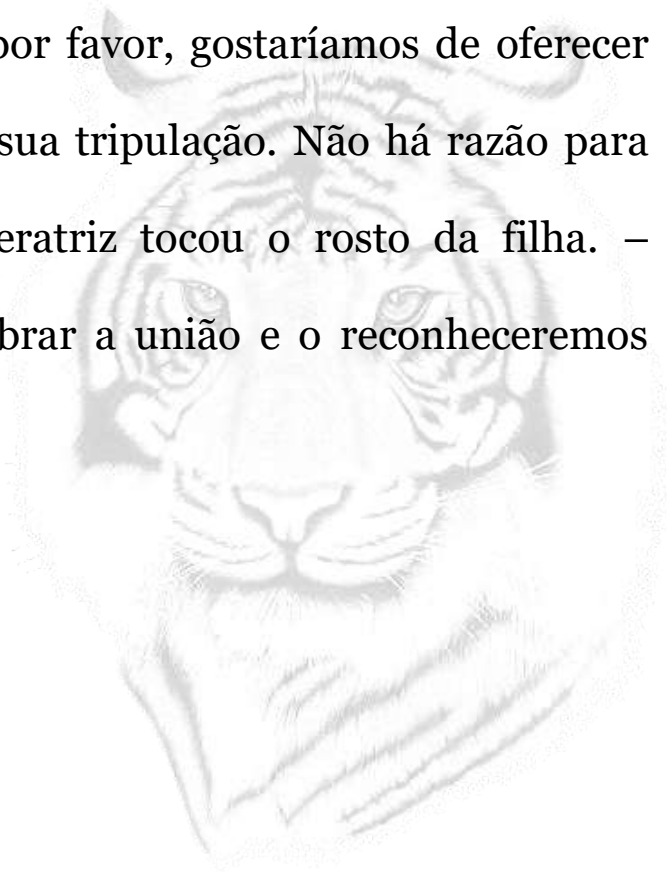


– Mãe já estamos por assim dizer, casados. – Disse Mei, rapidamente adicionando quando viu sua mãe franzir o cenho. – Segundo os costumes do povo de Jarek, chama-se união por toda a vida, é o mesmo que o casamento feito por nós. – Mei lançou um olhar a Jarek e sorriu.

A Imperatriz olhou para o marido.

– Diremos que se casou segundo os costumes estrangeiros do marido. – Disse o Imperador Zhang. – Assim não haverá falatórios sobre o bebê nascendo antes do tempo. Evitará qualquer escândalo.

– Mas ainda devem fazer uma oferenda, como é nosso costume. – Insistiu a mãe de Mei. O Imperador assentiu com a cabeça, concordando. – Príncipe Jarek, por favor, gostaríamos de oferecer nossa hospitalidade ao senhor e sua tripulação. Não há razão para partir imediatamente. – A Imperatriz tocou o rosto da filha. – Faremos um banquete para celebrar a união e o reconheceremos como nosso filho.



– Será uma honra, senhora. – Para Jarek não importava onde estava, desde que Mei estivesse por perto.

“*Sua esposa.*” O simples pensamento era espetacular.

– Venham. – O Imperador pediu, fazendo a família se dirigir a ala familiar no palácio. – Atam irá procurar sua tripulação Príncipe Jarek e os convidará para jantar conosco esta noite.

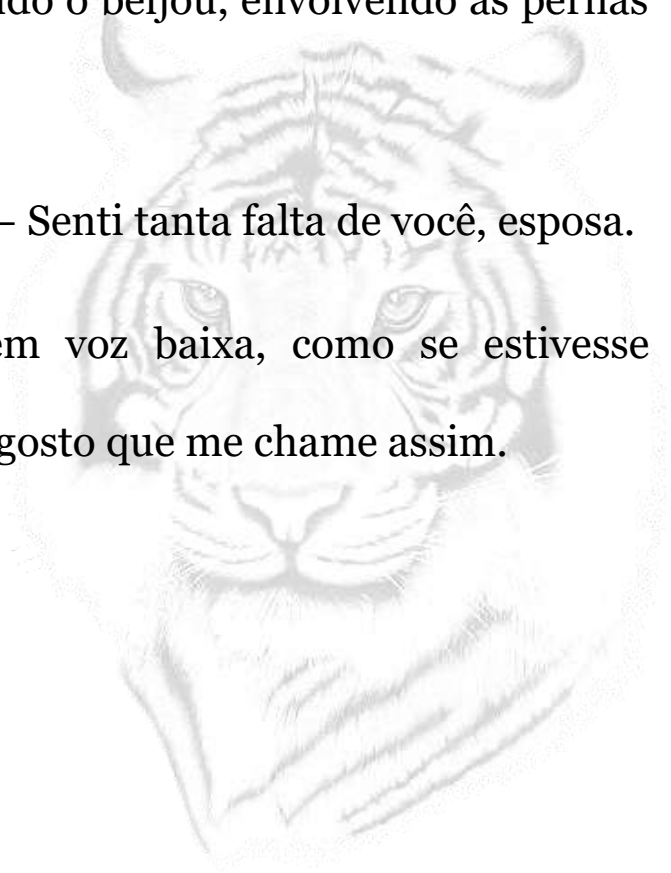
Atam obedeceu o pai imediatamente. Os outros seguiram o Imperador. Quando ficaram sozinhos, Mei gemeu e saltou para os braços de Jarek.

– Nunca imaginei que pudesse ser tão feliz, qín ài de. Eu...

As palavras se perderam quando o beijou, envolvendo as pernas ao redor da cintura dele.

– Ah, Fada. – Jarek grunhiu. – Senti tanta falta de você, esposa.

– Esposa? – Repetiu ela em voz baixa, como se estivesse maravilhada com a palavra. – Eu gosto que me chame assim.



– Ah, minha doce e bela Fada. – Beijou ligeiramente a ponta de seu nariz. – Amo você mais que a quantidade de estrelas espalhadas pelas galáxias.

Mei sorriu, seu coração estava cheio de alegria e sua expressão brilhava quando o olhava. Para Jarek, Mei era perfeita. Inclinando-se para um beijo, ela sussurrou junto a sua boca.

– E eu o amo muito além disso, meu marido pirata.

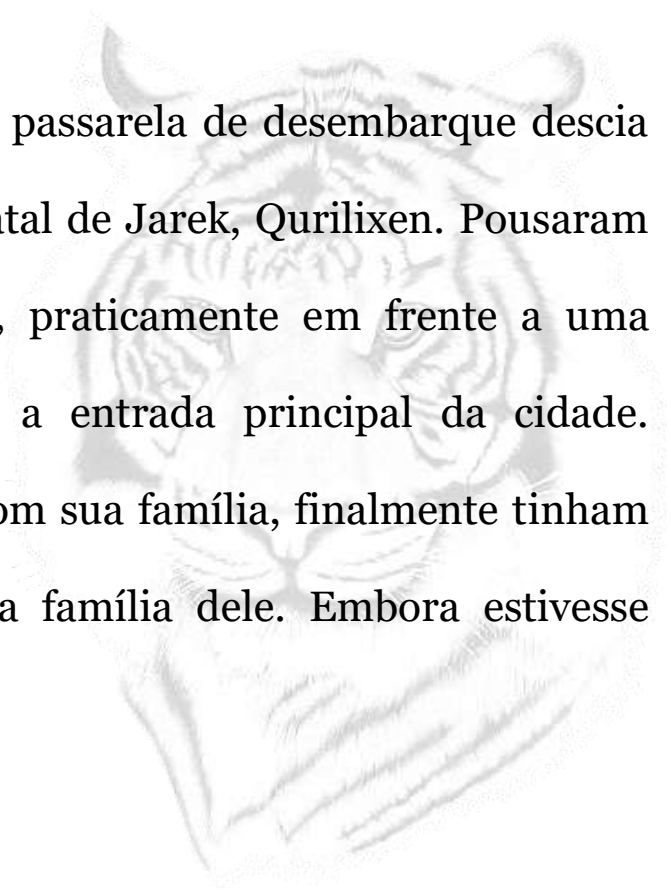


12

Palácio Var, planeta Qurilixen.

Dois meses depois.

Mei inspirou fundo enquanto a passarela de desembarque descia lentamente no solo do planeta natal de Jarek, Qurilixen. Pousaram muito próximos ao palácio Var, praticamente em frente a uma grande escadaria que conduzia a entrada principal da cidade. Depois de passar algum tempo com sua família, finalmente tinham deixado Lintian para conhecer a família dele. Embora estivesse



nervosa em conhecê-los, Jarek lhe tinha garantido que a adorariam com certeza. E lhe tinha contado também sobre alguns de seus costumes, o que a ajudaria a estar mais preparada.

Mei fitou Jarek enquanto ele se aproximava, estendendo o braço. A tripulação ainda estava a bordo, liberando os sistemas. Seu marido gato estava excitado demais por voltar para casa e muito ansioso para ser de alguma ajuda a eles. Só em ver o prazer nele, o dela se intensificou.

Quando se vestira essa manhã, Mei não estava certa do que usar e experimentara quase tudo o que trouxera a nave. Jarek usava uma camisa justa, com cordões cruzados nas laterais debaixo dos braços até os quadris. As calças eram do mesmo estilo, mostrando sua pele entre os cordões cruzados que seguiam do quadril até a parte superior da coxa. O material era macio, aquela roupa lhe dava vontade de agarrar e abraçá-lo com força. Com a combinação dos hormônios da gravidez e sua sexualidade exacerbada, Mei o empurrou para cama em questão de segundos.

Depois de terem feito amor Jarek a tinha ajudado a escolher um vestido de seda com dragões vermelhos simples que se ajustava a sua silueta como uma luva. Não estava tão bem vestida quanto teria gostado, mas Jarek lhe assegurou que estava bonita.

Mei olhou ao redor. Qurilixen era bem parecido a Lintian quanto a paisagem e relevo.

Enquanto em Lintian havia a elegância dos Palácios Imperiais, Qurilixen parecia indomável, do palácio no alto da colina, ao bosque com folhagem enormes, e o fato de que em todo o planeta havia muito mais shifters masculinos viris. Até o ar parecia estar cheio de entusiasmo e energia, que seu organismo podia sentir.

– Tudo aqui é espetacular. – Disse. – Estranhamente, sinto-me cheia de energia.

– É o sol azul. – Jarek explicou, apontando o céu azul-esverdeado. O matiz único da atmosfera no planeta era devido aos três sóis, dois amarelos e um azul que o iluminavam interruptamente. Deixando o planeta na luz do dia constantemente,

à exceção de uma única noite do ano, quando todos os sóis se alinhavam perfeitamente e a escuridão inundava a superfície. – Lembra-se de quando lhe disse sobre os nascimentos em Qurilixen, a cada milhão de crianças somente um é do sexo feminino?

Mei assentiu com a cabeça.

– É devido ao nosso sol azul. A radiação nos dá uma vida longa e vitalidade. Mas ao longo das gerações, modificou nossa genética para haver só varões fortes e grandes, somente herdeiros de guerreiros. – Sorriu tocando seu ventre. – Como nosso filho. Acho que nossa visita a este lugar será boa para você e para ele.

– Hey, não quero que fique muito grande. – Protestou Mei, fechando as coxas automaticamente diante do pensamento. – Pelo menos até que saia.

Jarek riu. Mei não achou muita graça naquilo, mas deixou passar. Haveria muito tempo para se preocupar com o tamanho do filho de Jarek crescendo em seu interior. Uma brisa se agitou ao redor, fazendo-a estremecer. Mei sorriu, fechando os olhos.

– O que o vento lhe diz? – Perguntou Jarek aceitando plenamente seus dons.

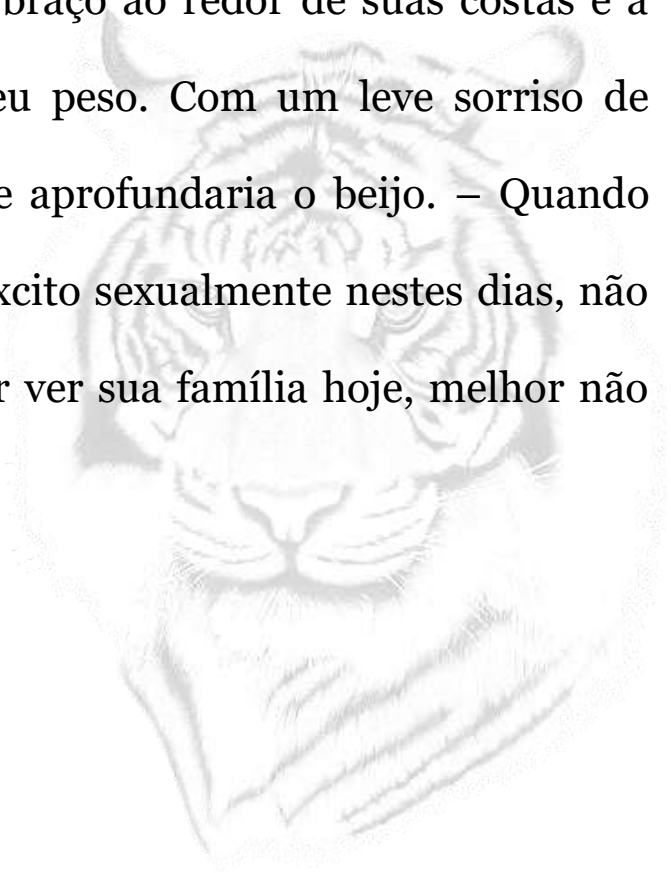
– Diz que correrá tudo bem no nascimento. – Disse sorrindo.

– Que o vento sempre nos traga bons augúrios. – Disse, atraindo-a para mais perto. – E o que mais?

– Humm... – Mei retorceu os lábios diante do pensamento. – Também diz que você é o macho mais atraente de sua espécie.

– E você concorda com o vento? – Jogou-lhe um sorriso presunçoso.

– Hum, humm. – Ela se levantou nas pontas dos pés para dar-lhe um beijo. Jarek deslizou um braço ao redor de suas costas e a manteve estável, equilibrando seu peso. Com um leve sorriso de alegria, ela se afastou quando ele aprofundaria o beijo. – Quando lhe disse o quão facilmente me excito sexualmente nestes dias, não estava brincando. Se ainda quiser ver sua família hoje, melhor não me provocar.



Jarek gemeu, mas se afastou. Oferecendo-lhe o braço, conduziu-a escada acima. Mei tentou se concentrar na paisagem, algo para distrair sua mente e as mãos, de seu magnífico marido.

A imensa área verde, que Jarek pediu a Rick para sobrevoar, era de tamanho gigantesco. Composto por árvores tão grandes e de um colorido exuberante, que a deixaram espantada e maravilhada.

Quando Jarek lhe disse que seu irmão gêmeo, Reid, construirá uma casa dentro de uma árvore, não se surpreendeu. Árvores gigantescas, com cascas vermelhas e folhas em vários tons de azul. Samambaias amarelas se espalhando pelo solo, contrastando com a terra vermelha da superfície, faziam da flora algo único em toda a galáxia.

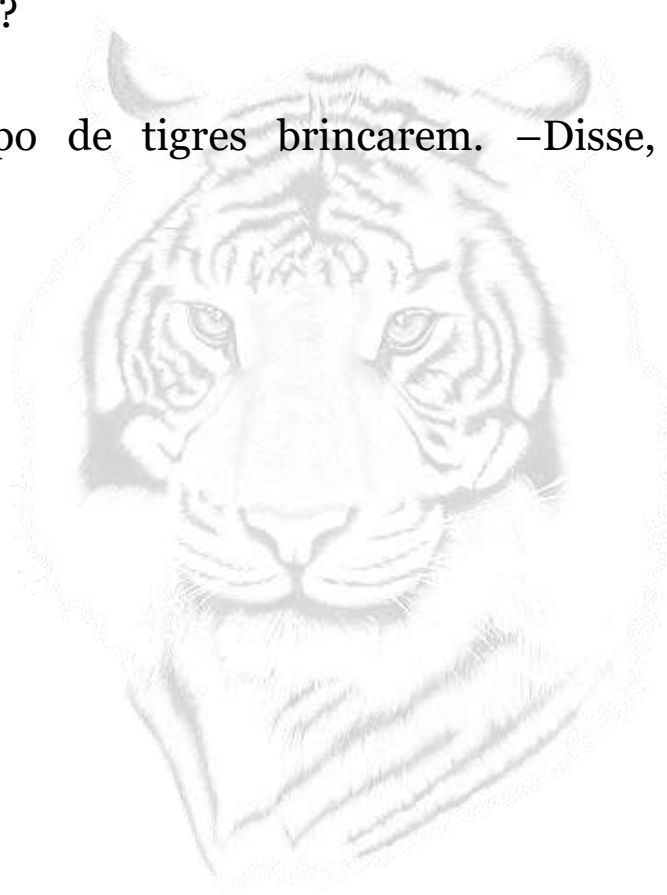
E quanto mais se aproximavam do palácio, as samambaias amarelas escasseavam. A estrutura do castelo parecia alcançar o céu, colunas altas e torres quadradas se destacavam contra o céu azul-esverdeado. Perdeu-as de sua linha da visão enquanto caminhavam pela passarela até a parte inferior da escada. Jarek a sustentava pelo braço, caminhando lentamente.

Seu marido passara a ser super protetor agora que a gravidez estava mais evidente. Qualquer coisa o deixava mais nervoso e atento ao seu bem-estar. Mei se negou a submeter-se a essa proteção constante e para ela, asfixiante. Quando a irritava demais, desaparecia através dos dutos no teto da nave. Seu novo passatempo levaria algum tempo, mas ela planejava explorar todos os dutos. Já tinha encontrado algumas coisas interessantes ali, como um antigo taser¹⁰ que devia ter pelo menos cem anos e o sapato de uma mulher. Nenhum dos homens a bordo vira algo parecido antes e pela camada de pó que se condensara sobre ele, devia ser muito velho.

– No que está pensando, Fada?

– Nada mal para um grupo de tigres brincarem. – Disse, sorridente.

– Nem todos são tigres.



¹⁰ Pistóla elétrica.

– Como assim? – Mei perguntou surpresa. – Será que há shifters dragões por aqui? Ouvi dizer que as duas espécies não se davam muito bem.

– Não é bem assim. Os Draig possuem a metade norte do planeta. Nós governamos a metade sul. Entre os Draig só há dragões, e entre os Var há toda forma de felinos. Reid e eu somos tigres. Quinn é um puma, Kirill uma pantera negra e Falke um tigre branco. Há realmente, uma tremenda expectativa em saber que tipo de felino se tornará a criança.

– Quando ocorre a primeira mudança? – Perguntou Mei, de repente dando-se conta do que havia em seu interior. Mesmo se o bebê se parecesse com o pai, e tivesse suas características genéticas, não faria nenhuma diferença para ela.

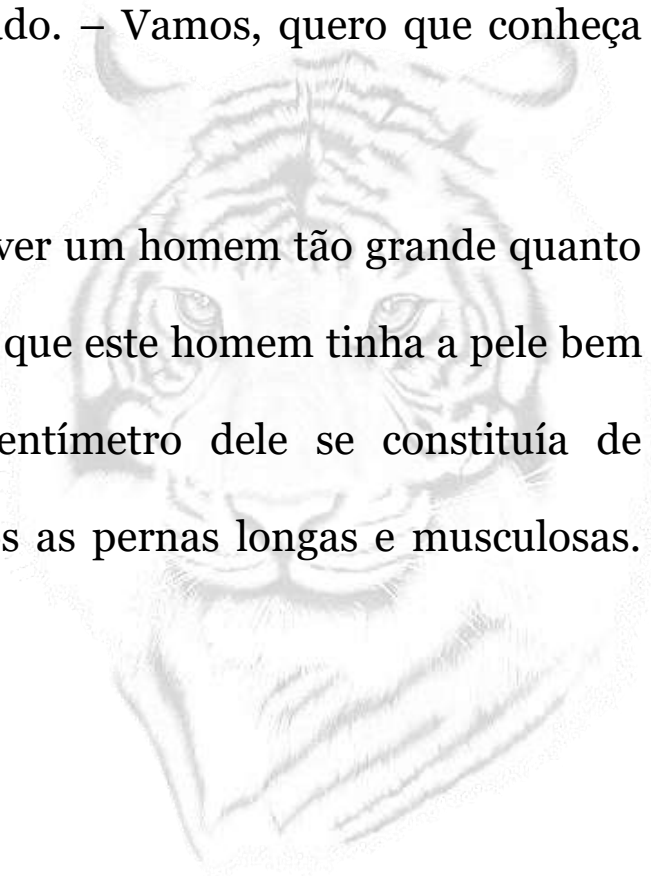
– No primeiro ano. O tempo para cada criança é diferente e, geralmente, as mudanças ocorreram aos poucos. São realmente adoráveis, ninguém resiste a eles, são bolinhas de pelos bem agitadas. Você também não vai conseguir resistir a eles. – Mei riu, ela confiava que seu marido faria sempre o melhor para todos.

Quando por fim chegaram ao topo. Mei sorriu enquanto olhava para cima. Uma grande estrada levava ao palácio Var.

Escapando do abraço protetor de Jarek, ela se apressou no caminho para ver melhor a cidade que tinham visto antes da aterrissagem. Um grande vale se espalhava além dos portões do palácio. Casas construídas com tijolos cinzentos, contrastando com as ruas de terra vermelha, formavam um imenso labirinto em todas as direções. Tapetes e mantas impressionantes se penduravam ao sol nas janelas. Grandes vasos de barro estavam sobre os degraus, alguns com flores e outros com folhagens nativas. As paredes eram decoradas com mosaicos de azulejos.

– Mei. – Disse Jarek a seu lado. – Vamos, quero que conheça minha família.

Ela se voltou bem a tempo de ver um homem tão grande quanto Dev sair pela porta do palácio. Só que este homem tinha a pele bem morena, não vermelha. Cada centímetro dele se constituía de músculos, desde os ombros largos as pernas longas e musculosas.



Não sorriu quando a olhou. Ele mal conseguia disfarçar a ferocidade, temerosa, aproximou-se mais do marido.

Jarek se apressou a abrigá-la entre os braços.

– Tudo bem, Fada. Este é Falke, meu irmão e Comandante da Guarda, e chefe das forças armadas de Var.

– Falke. – Mei inclinou a cabeça, o saudando. – Ouvi muitas coisas sobre você.

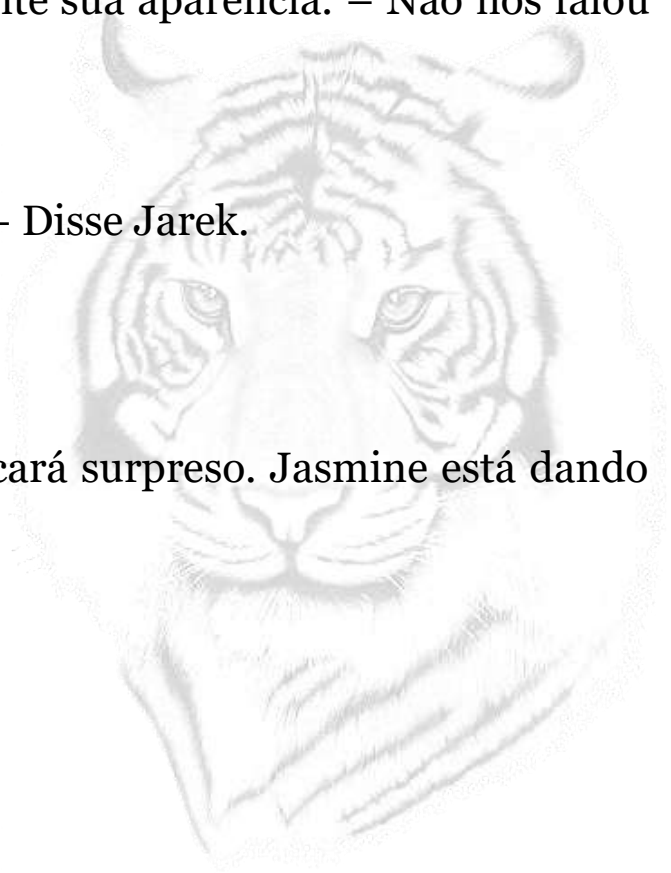
– Meu irmão, esta é Mei. – Jarek fez uma pausa. – Minha esposa.

– Esposa? – Perguntou Falke, com um sorriso se estendendo em seu rosto. Aquilo mudou totalmente sua aparência. – Não nos falou de uma esposa!

– Queria fazer uma surpresa. – Disse Jarek.

Falke se pôs a rir.

– Meu irmão, você é quem ficará surpreso. Jasmine está dando a luz.



– Agora? – Perguntou Jarek.

Falke assentiu.

– Quando recebemos sua mensagem nos avisando de sua chegada. Já havíamos mandado outra, avisando do nascimento. Venha. Estamos esperando nos aposentos de Quinn.

– Então Reid, está aqui? No palácio? – Perguntou Jarek, seguindo Falke que se dirigia a porta.

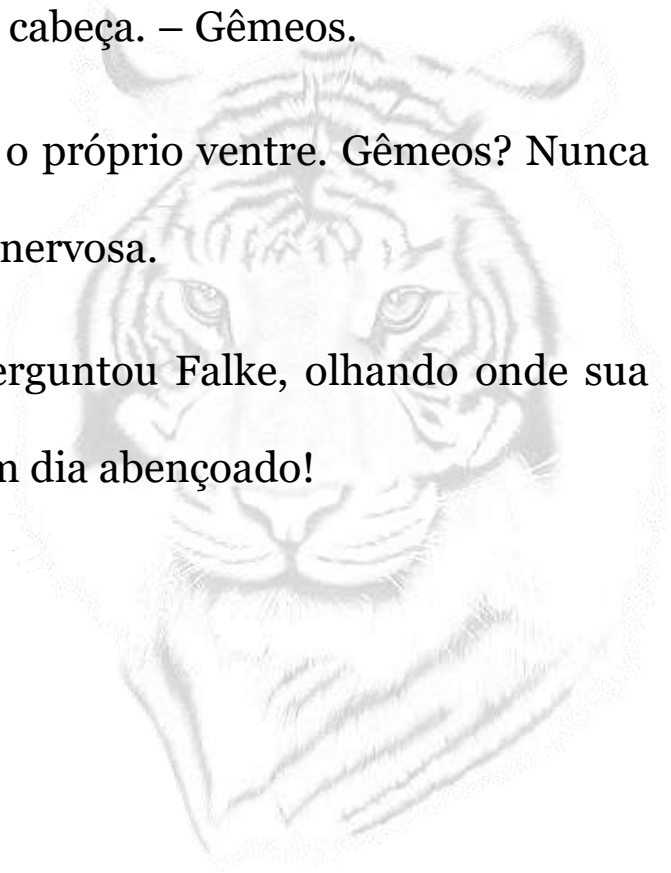
– Está aqui a quase dois meses. Nossa rainha exigiu que Jasmine ficasse aqui até o nascimento dos bebês.

– Bebês? – Perguntou Mei, assimilando a palavra.

– Sim. – Falke assentiu com a cabeça. – Gêmeos.

– Mas... – Mei piscou e tocou o próprio ventre. Gêmeos? Nunca pensara nisso. De repente, estava nervosa.

– Está grávida também? – Perguntou Falke, olhando onde sua mão estava. – Este é realmente um dia abençoado!



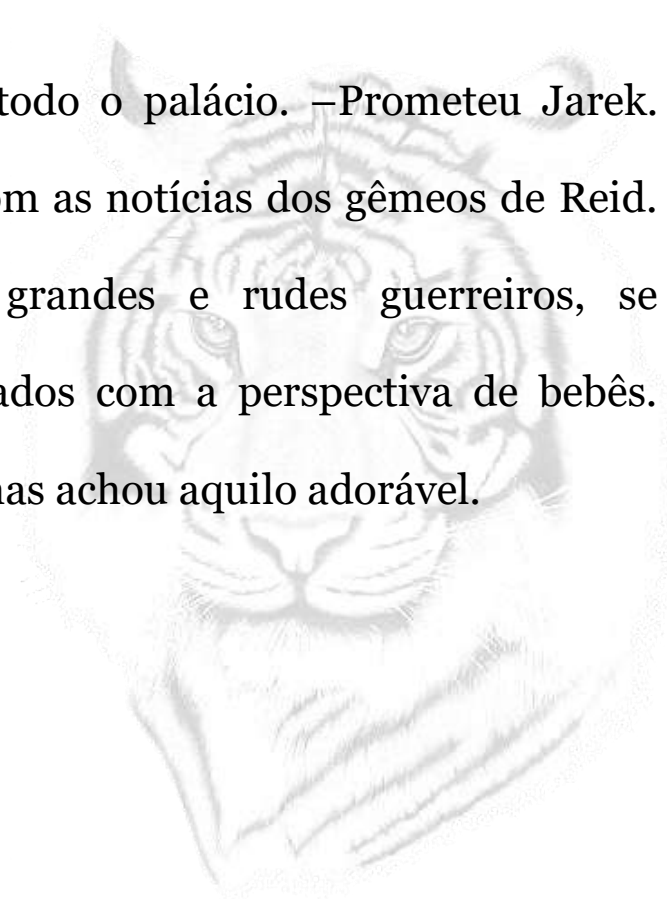
Jarek a conduziu ao interior, parando quando encontraram um jovem que os aguardava na entrada da área familiar do palácio.

– Tal, por favor, informe minha tripulação do ocorrido e digalhes para esperarem no salão de banquetes. Avise aos criados para atendê-los.

– Seja bem vindo, meu Príncipe. – Tal, um guarda do palácio, respondeu antes de sair para cumprir as ordens.

– É lindo. – Mei falou admirada, olhando ao redor da antecâmara do palácio. Se achou o exterior impressionante, o interior lhe tirava o fôlego. Maravilhada contemplava os mosaicos intrincados nas entradas arqueadas.

– Mais tarde lhe mostrarei todo o palácio. – Prometeu Jarek. Sorrindo, claramente excitado com as notícias dos gêmeos de Reid. Realmente, para um par de grandes e rudes guerreiros, se mostravam extremamente excitados com a perspectiva de bebês. Nunca se atreveria a lhes dizer, mas achou aquilo adorável.



Os irmãos a levaram rapidamente por duas portas abertas que conduziam a um salão de banquetes vazio. Mei diminuiu os passos ao ver o imenso salão com a cúpula de vidro e mosaicos intrincados das paredes ao piso. Havia grinaldas de flores enormes ao longo das paredes e sobre várias mesas espalhadas ao redor. Mei tentou parar para admirar toda aquela opulência.

– Tínhamos preparado a cerimônia de casamento para Reid e Jasmine esta noite. – Disse Falke, notando sua distração. – E agora celebraremos o seu casamento também.

Jarek a instou para que andassem mais rápido, de modo que, agora Mei quase corria para manter o mesmo ritmo deles. Tropeçou, e Jarek a levantou nos braços.

– Posso caminhar. – Protestou.

– Ah, mas eu prefiro carregá-la. – Não a soltou até que estivessem na ala pessoal do Príncipe Quinn. Falke se limitou a sorrir, como se essas coisas acontecessem frequentemente. Considerando os costumes quase bárbaros daqueles homens, supôs

que fosse muito provável que acontecesse. Com Jarek aprendera muitos costumes de seu povo, o decoro entre eles era quase inexistente.

Sem anunciar-se, Falke entrou na antecâmara dos aposentos de Quinn.

– Olhem só o que encontrei nos portões!

Seu marido lhe contara que o Príncipe Quinn se casara com a Princesa Vittoria, ou Tori, como a família a chamava. A antecâmara tinha uma decoração simples, paredes de tons creme e detalhes em azul. O chão de ladrilhos brancos se estendia da porta principal, tudo era elegante e imaculadamente limpo. Dois homens se sentavam em sofás grandes diante de uma grande lareira. Almofadas se espalhavam pelo chão, como se fossem um convite irresistível para um aprazível descanso ou algo bem mais excitante. Um pequeno felino negro dormia em uma das almofadas.

Arcos decorativos levavam a uma cozinha e outro dormitório, este menor e no centro dele, um dossel que abrigava um lindo

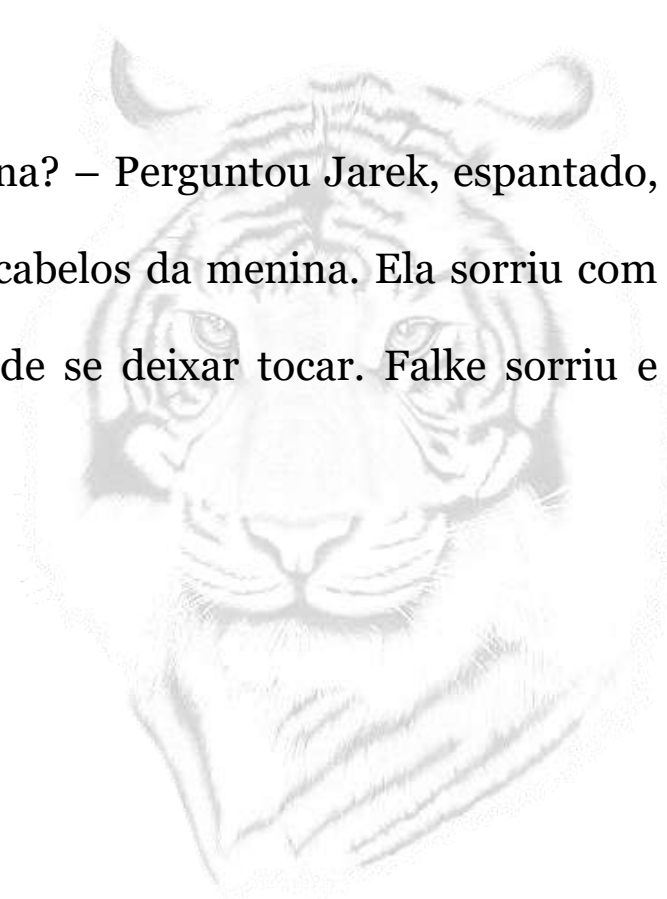
berço. Uma parede de vidro, tão grossa que não se podia ver através dela, curvava-se ao redor de um lado da antecâmara. Uma entrada ao lado da lareira, perto da cozinha, dava lugar a um bela sala de café da manhã.

Diante das palavras proferidas por Falke, Jarek a deixou no chão. Os homens se levantaram e correram para saudar com entusiasmo o irmão desbravador espacial, com abraços e tapinhas amigáveis nas costas, uma menina pequena surgiu de trás do sofá e gritou.

– Dá, dá! – Caminhava como um patinho até Falke, levantando os bracinhos gordinhos e sorriu formando covinhas no rostinho adorável.

– Gatos Sagrados. Uma menina? – Perguntou Jarek, espantado, levantado o braço para tocar os cabelos da menina. Ela sorriu com doçura, cheirando a mão antes de se deixar tocar. Falke sorriu e apresentou a filha.

– Payton, este é seu tio Jarek.



A menina balbuciou de alegria e apoiou o rostinho contra a mão grande de Jarek.

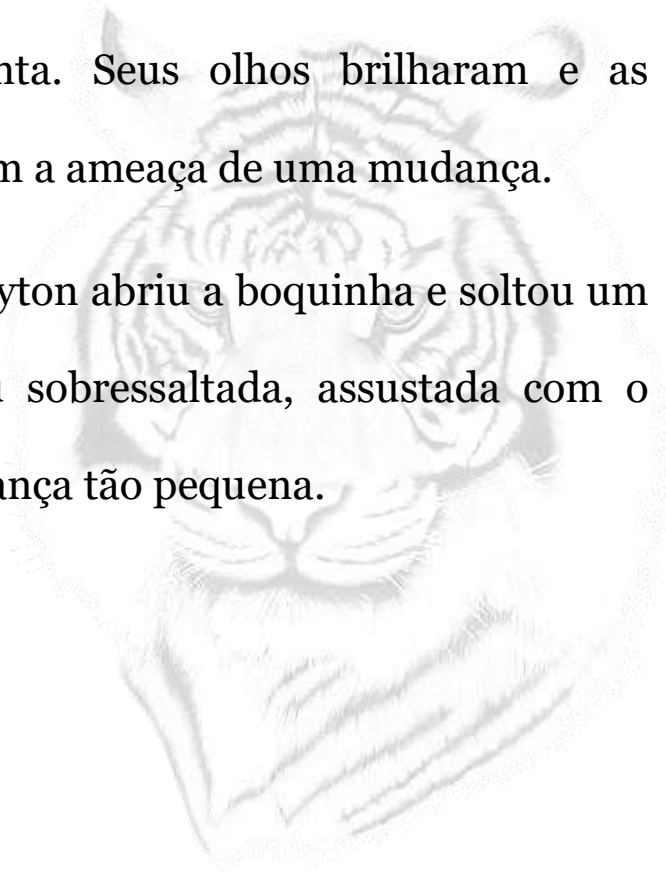
– Realmente é uma em um milhão. – Disse Mei. Falke não poderia ficar mais orgulhoso quando assentiu com a cabeça.

– Mei, este é meu irmão, o rei Kirill, e este é seu filho, Korbin. – Disse Jarek, indicando o pequeno felino escuro dormido em uma das almofadas.

Kirill lhe sorriu. Tinha os mesmos olhos escuros de Jarek.

– E este é Quinn, o embaixador oficial de Var – Declarou Jarek, apontando outro homem que se levantou do chão. – E o pequeno que está com ele é meu sobrinho, Roderic. – Roderic mal se conteve, grunhindo no fundo da garganta. Seus olhos brilharam e as pequenas presas despontaram com a ameaça de uma mudança.

Girando nos braços do pai, Payton abriu a boquinha e soltou um rugido ensurdecador. Mei pulou sobressaltada, assustada com o som ameaçador vindo de uma criança tão pequena.



– Payton. – Falke a admoestou, embora o orgulho paterno fosse evidente em sua expressão. – Querida já lhe disse que não se deve rugir dentro de casa, não é mesmo?

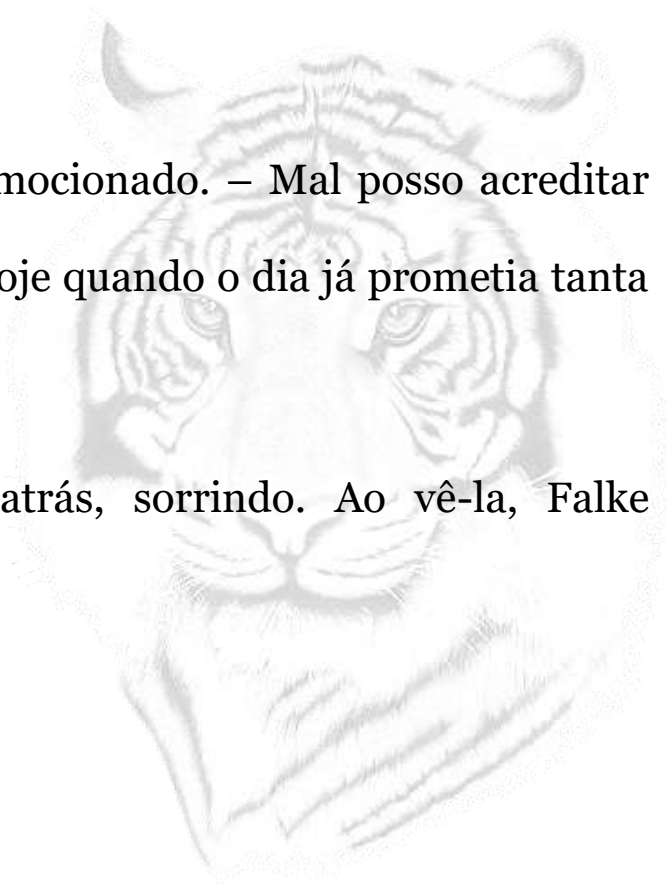
– Torry, dá, dá. – Balbuciou a pequena, mordendo um dedo e parecendo arrependida.

– Ouvi Payton, algum problema? – A voz vinda do outro lado da antecâmara era de um homem idêntico a seu marido. Só lhe faltavam as marcas escuras que Jarek tinha nos braços e pescoço. – Jarek!

– Reid. – Jarek correu para abraçar o irmão gêmeo. – Que alegria meu irmão, neste dia maravilhoso desejo a você e sua amada, muita felicidade!

– Obrigado. – Reid parecia emocionado. – Mal posso acreditar que esteja aqui, principalmente hoje quando o dia já prometia tanta alegria!

Mei permanecia um passo atrás, sorrindo. Ao vê-la, Falke chamou a atenção dos irmãos.



– Irmãos, apresento-lhes à Princesa Mei, minha esposa. – Disse Jarek.

– E está grávida. – Adicionou Falke, como se não pudesse manter o segredo por mais tempo. O coração de Mei acelerou no peito. Jarek parecia tão orgulhoso quando a apresentou. Os irmãos já excitados explodiram em felicitações e entusiasmo, querendo saber toda a história. Realmente era uma cena muito feliz. Jarek respondia por ela o melhor que podia, já que todos falavam entusiasmados ao mesmo tempo.

– Reid! – Uma mulher os repreendeu, atravessando a mesma porta da qual Reid tinha saído momentos antes. Tinha os cabelos castanho avermelhado que brilhavam à luz vinda da lareira. – Avisei-os para que ficassem calmos e em silêncio. Jasmine... – O choro forte de um bebê a interrompeu e a mulher se apressou a retornar ao quarto. Reid correu atrás dela, querendo retornar a sua esposa.

– Oh, Gatos Sagrados! – Gritou Reid depois de uma pausa. – Jasmine?

Jarek, Falke, Quinn e Kirill imediatamente se apressaram em chegar a porta, mas a mesma mulher lhes barrou a entrada.

– Ulyssa! – Kirill indagou preocupado.

– Lyssa. – Payton arrulhou contente.

– Tudo bem, minha pequena Princesa. – Disse a mulher. – Precisamos de silêncio para Jas-jas.

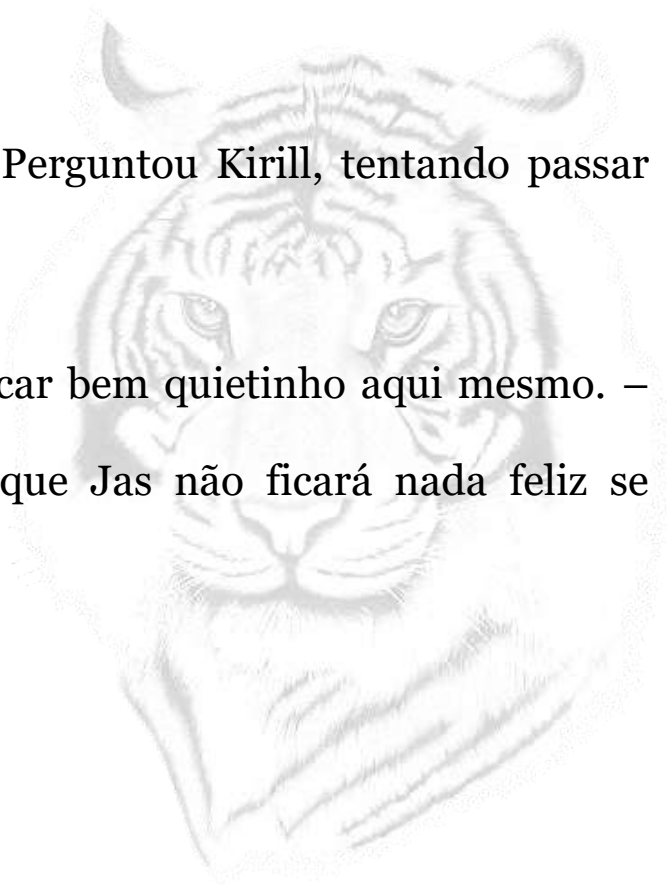
– Jas-jas. – Repetiu Payton, assentindo com a cabecinha.

– O que houve, Ulyssa? – Quinn a inquireu ansioso. – Jasmine está bem?

– Ela está bem, cansada, mas bem. – Ulyssa, Mei sabia que ela era a rainha, disse.

– Acoteceu alguma coisa? – Perguntou Kirill, tentando passar pela esposa e entrar no quarto.

– Nada disso, o senhor vai ficar bem quietinho aqui mesmo. – Ordenou. – Posso lhe garantir que Jas não ficará nada feliz se



entrarem agora. Eu e as outras meninas os queremos do lado de fora e bem quietinhos, fui clara?

– Aiiii... – Uma mulher gritou. – Lyssa...

– Não os deixe entrar! – Outra mulher gritou zangada. – Quinn, mantenha seus irmãos longe daqui!

– Sim, Tori. – Gritou Quinn. – Mas está tudo bem!

– Sim, está tudo bem querido. – Foi a resposta da mulher. – Agora deixe-me fazer meu trabalho.

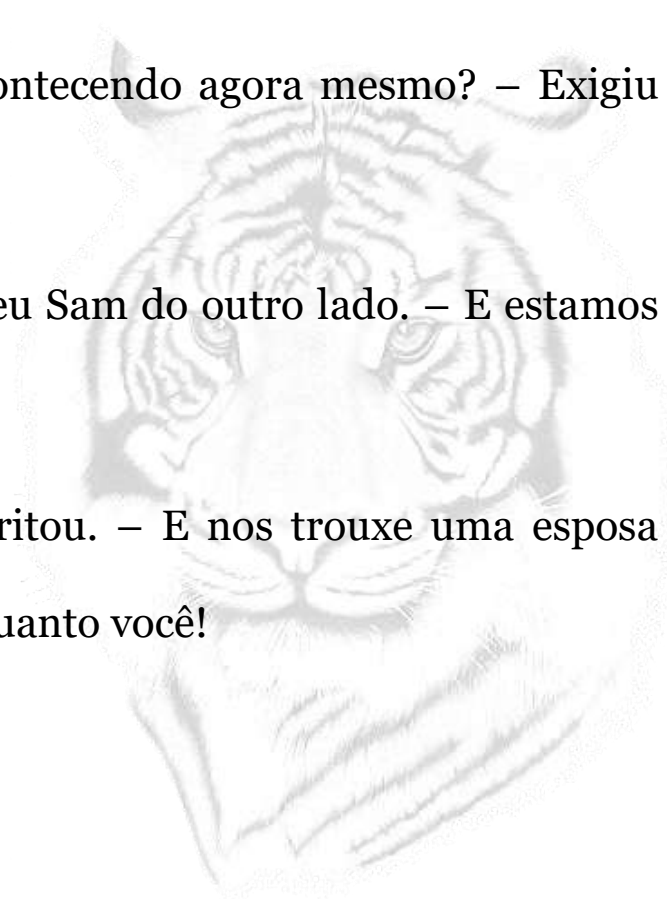
– Sam? – Falke gritou.

– Sim! – Respondeu Sam.

– Quero saber o que está acontecendo agora mesmo? – Exigiu Falke.

– Tudo está bem, – Respondeu Sam do outro lado. – E estamos ocupadas no momento!

– Jarek está aqui. – Falke gritou. – E nos trouxe uma esposa grávida com ele. É tão pequena quanto você!



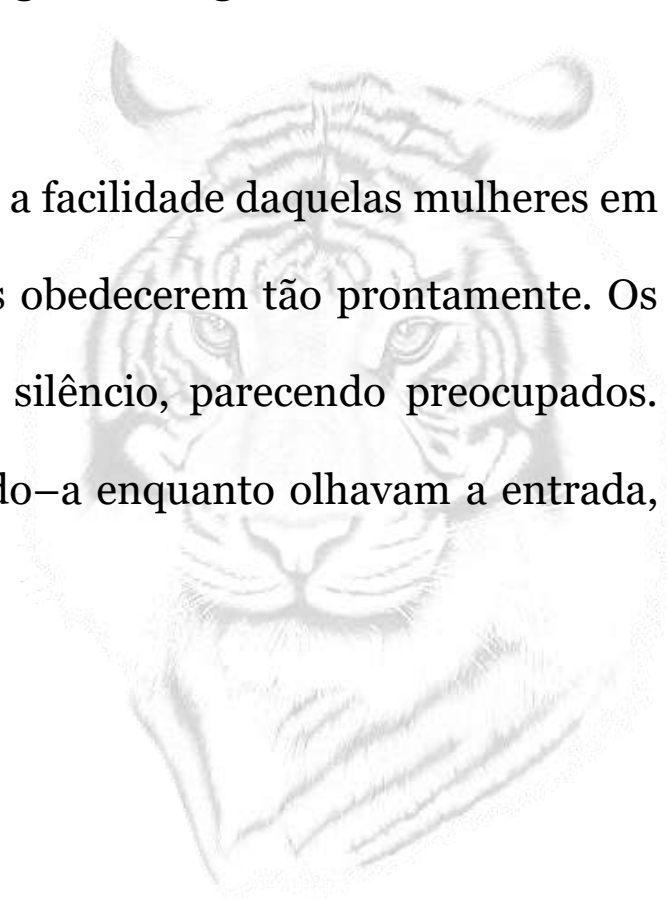
– O que? – A palavra foi gritada em uníssono, por um coro de vozes femininas.

– Disse que Jarek está aqui e trouxe uma esposa grávida com ele e é tão pequena quanto Sam... – Falke repetiu.

– Ouvimos na primeira vez. – Gritou Sam. – Estrelas Benditas, lá vem outra! Força, Jas. Falke diga a Jarek que não se atreva a sair deste planeta ou vou... – A ameaça dela se perdeu em meio a outro grito feminino.

– Basta, vocês me entenderam! – Ulyssa os empurrou para longe da porta antes de se voltar outra vez. – Não entrem. – Jogou um olhar breve a Mei, fez um gesto e logo voltou correndo ao quarto.

Mei sentiu vontade de rir com a facilidade daquelas mulheres em darem ordens aos maridos e eles obedecerem tão prontamente. Os irmãos votaram a se sentar em silêncio, parecendo preocupados. Jarek a sentou no colo, abraçando-a enquanto olhavam a entrada, esperando por notícias.



De repente Reid saiu.

– Meninas!

– O que? – Os irmãos disseram ao mesmo tempo.

– Gêmeas! – Proclamou Reid, segurando um bebê em cada braço. – Juro-o por nosso pai morto. São meninas. Fiz Tori conferir para me assegurar de que nada caiu pelo caminho. São meninas.

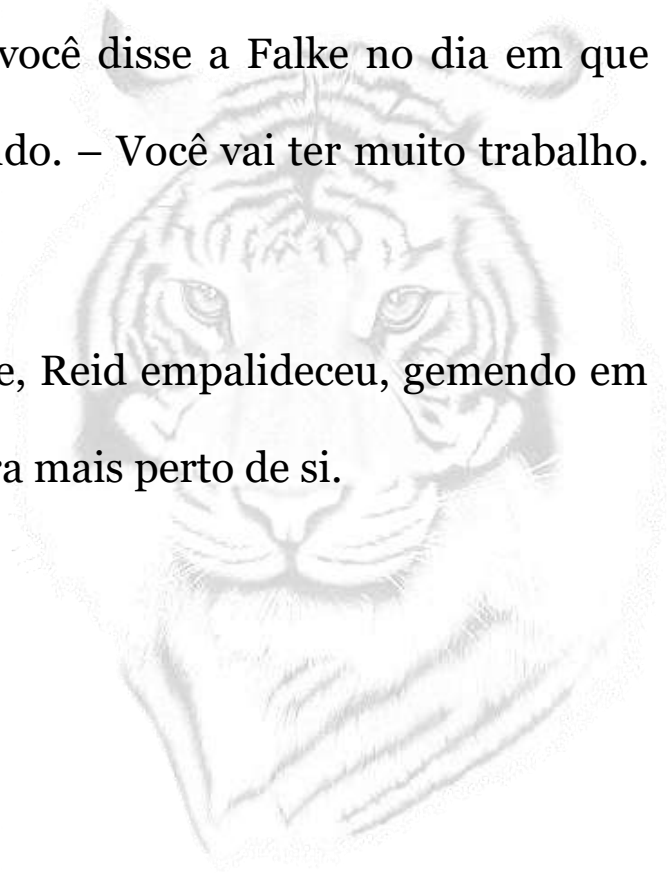
Mei tentou sufocar o riso. Reid falou com tanta seriedade.

– São lindas. – Disse Mei.

– São mesmo. – Reid concordou, completamente apaixonado pelas filhas.

– Humm, lembra-se do que você disse a Falke no dia em que Payton nasceu. – Disse Quinn rindo. – Você vai ter muito trabalho. Pense na centena de rapazes...

Não chegou a terminar a frase, Reid empalideceu, gemendo em voz alta quando atraiu as filhas para mais perto de si.

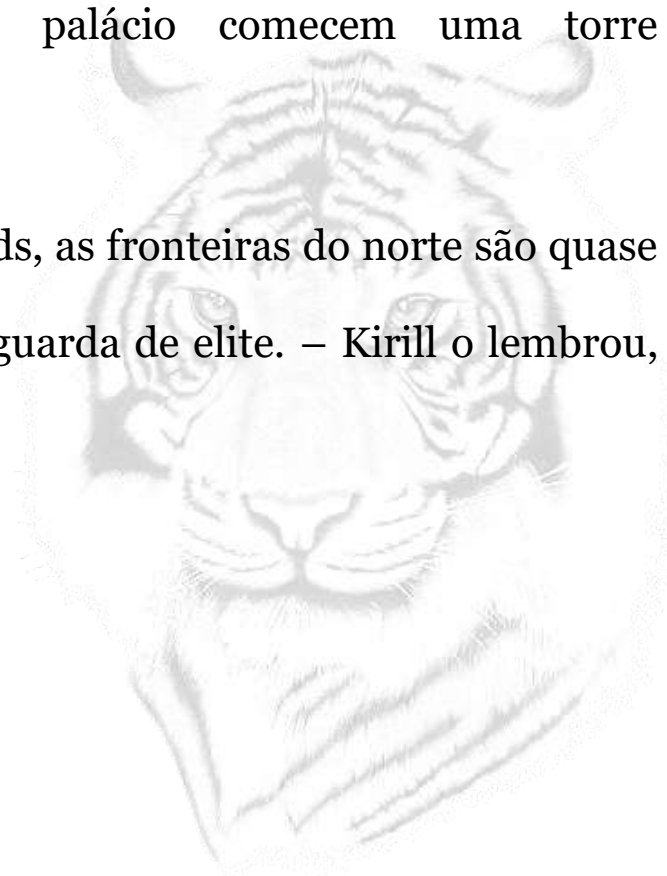


– Gatos Sagrados, você tem razão. Vamos reforçar a segurança por aqui. E vou ter que encontrar algumas criadas, nada de criados perto delas, talvez algumas das velhas noivas do harém. Ah, e definitivamente nenhuma filha minha porá os pés para fora do palácio. – Com as filhas seguras nos braços lhes sussurrou. – Tudo bem, garotas. Papai jamais as deixará fora de sua vista.

– Chega de tolices, Reid! – Ulyssa saiu do quarto seguida por duas mulheres. Adiantou-se, acariciando e sussurrando a um dos bebês. – Não se preocupe lindinha, titia Lyssa não deixará seu velho tolo trancá-las em uma torre.

– Uma torre. – Repetiu Reid. – Hey, grande idéia Lyssa. Kirill, quero que os arquitetos do palácio comecem uma torre imediatamente.

– Mas, você mora nas Outlands, as fronteiras do norte são quase inacessíveis a estranhos fora da guarda de elite. – Kirill o lembrou, arqueando uma sobrancelha.



– É mesmo. Nesse caso, quero que os arquitetos construam uma torre saindo das Florestas do Norte. Falke, comece a treinar uma guarda completa de sexo feminino.

Ulyssa rolou os olhos e riu.

– Reid, você jamais formará uma guarda feminina. Caso tenha esquecido, este é um planeta dominado por machos. Duvido que venha a encontrar mulheres versadas em lutar.

– Eunucos, então? – Sugeriu cheio de esperança.

– Meninas, vocês são sortudas em nos ter como titias, os machos daqui as vezes ficam bem bobos. – Disse Ulyssa aos bebês. Então, dirigiu o olhar a Mei e sorriu. – E você deve ser...? Bem-vinda à família...

– Esta é minha esposa, Mei. – Jarek fez as apresentações. – Mei, esta é Ulyssa, Tori e Sam. – Tori estava vestida da cabeça aos pés de preto, tinha cabelos longos e olhos escuros. Sam era pequena como ela, tinha cabelos loiros e curtos. Uma mecha azul se interpunha entre as demais e caía sobre seu rosto, ocultando parcialmente os

olhos grandes e violetas. Usava calças e camiseta justas com cordões transpassados, como os homens por ali. Uma tatuagem azul subia ao redor do braço.

– E está grávida. – Disse Falke novamente, fitando maravilhado a esposa adorada.

Sam sorriu ao marido gigante.

– Tão bobinho, mas com o coração mais corajoso deste universo.

– Disse, agarrando-se no braço forte que ele lhe ofereceu.

– Que maravilha. – Disse Tori. – Estamos muito felizes por Jarek finalmente encontrar o amor! – Subitamente as mulheres se reuniram imediatamente em uma cena bem parecida com a dos maridos se inteiraram de tudo.

– Tem de nos contar tudo, tudinho. Como se conheceram? De que planeta você é? Onde posso conseguir um vestido assim? Você é uma gracinha! – Exclamou Ulyssa, pegando Mei pelo braço.

– Vamos, você tem de conhecer Jasmine. – Disse Tori, pegando-a pelo outro braço. As mulheres a conduziam para a entrada. –

Vamos meninas, temos uma história a ouvir e várias a contar. E nos tornaremos irmãs!

Mei olhou por cima do ombro para Jarek, só para ver a pequena ex-capitã Sam o enfrentar.

– Acalme-se, você a teve por tempo suficiente, Jarek. – Sam afirmou decidida, colocando a mão em seu peito e detendo seu avanço.

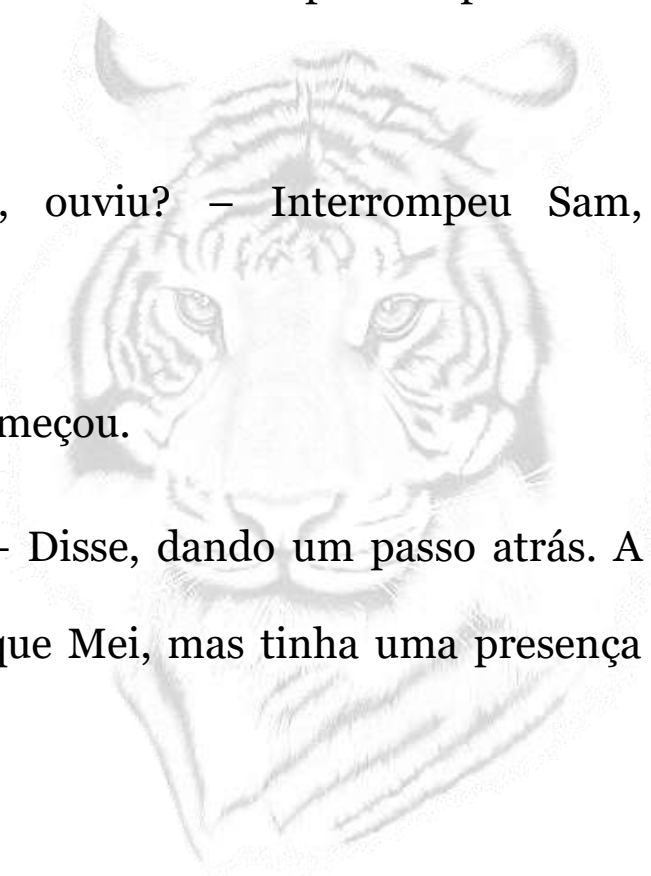
– É nossa vez agora. Veremos se você agiu de maneira estúpida, e se assim o fez, teremos uma boa conversinha em particular mais tarde.

–Mas... – Jarek tentou protestar. Olhando impotente para Mei. Esta lhe deu um sorriso.

– Hey, nada de desculpas, ouviu? – Interrompeu Sam, levantando a mão e calando-o.

– Juro que não fiz nada... – Começou.

– Shhh... Nenhuma palavra. – Disse, dando um passo atrás. A mulher era um pouco mais alta que Mei, mas tinha uma presença



marcante. – Conversaremos mais tarde. E no último momento, quando se uniu às demais na porta, declarou. – Ah, espero que tenha cuidado bem de minha tripulação. Sinto falta daquele bando de bobões.

– Estão no salão principal, todos sãos e salvos. – Afirmou Jarek.

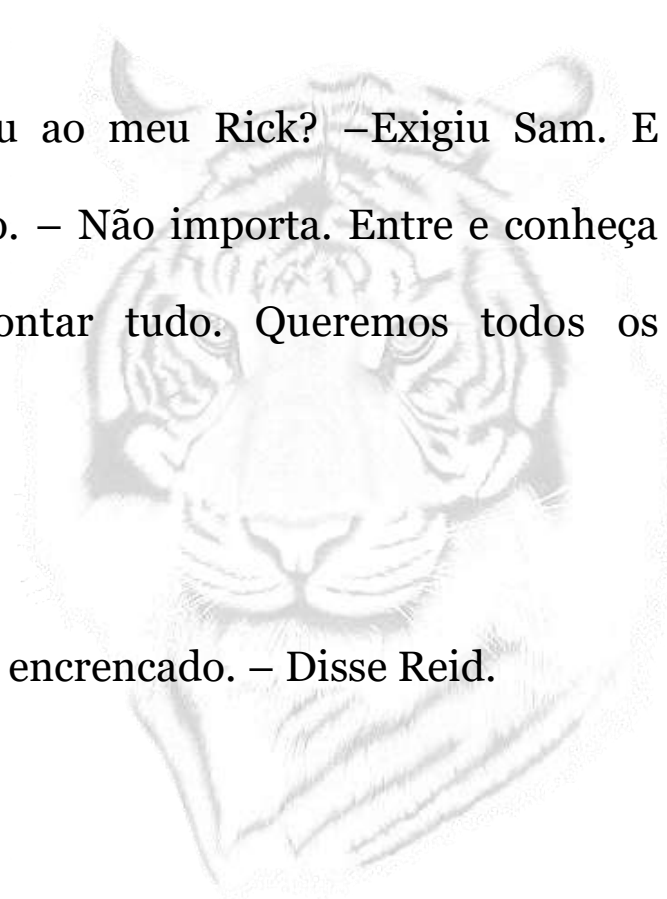
– É bom mesmo que seja assim ou cabeças rolarão. – Sam avisou rindo.

– Ainda bem que conseguimos resgatar Rick, certo qin ài de? – Mei piscou um olho maliciosamente ao marido e este moveu a cabeça para detê-la.

– Como é? O que aconteceu ao meu Rick? –Exigiu Sam. E conduziu Mei ao quarto, dizendo. – Não importa. Entre e conheça Jasmine, então poderá nos contar tudo. Queremos todos os detalhes, ouviu?

Os homens riram.

– Irmão, você está um bocado encrencado. – Disse Reid.



– Está mesmo. – Quinn concordou.

– Acredite-me, quando essas mulheres se zangam... Ai, ai, ai.

Nem quero pensar nisso.

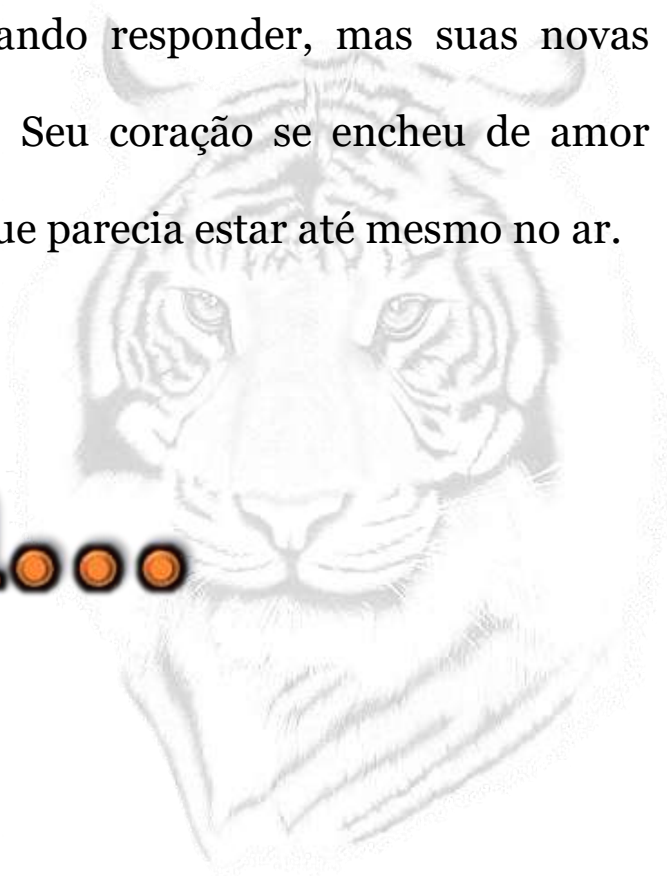
– Dê uma das pequenas para o titio. – Kirill ordenou ao irmão.

Antes que a porta fosse fechada completamente, Mei viu os cinco Príncipes Guerreiros de Var babando sobre as princesinhas recém-nascidas. Jarek a fitou, sorrindo alegremente, seus olhos expressavam extrema felicidade.

– Amo você, minha Fada. – Falou bem baixinho.

Mei sorriu abertamente, tentando responder, mas suas novas irmãs a arrastaram para dentro. Seu coração se encheu de amor pela família de Jarek. Um amor que parecia estar até mesmo no ar.

Fim...



Avisos

Aviso 1

Por favor, não publicar o arquivo do livro em comunidade de redes sociais, principalmente no facebook!

Quer baixar livros do PL? Entre no grupo de bate-papo, entre no fórum, no blog, lá você encontrará toda a biblioteca do PL ou envie por email a quem pedir.

Postagens de livros no facebook podem acarretar problemas ao PL!

Ajude-nos a preservar o grupo!

Aviso 2

Gostou do livro e quer conversar com sua autora favorita? Evite informá-la que seus livros em inglês foram traduzidos e distribuídos pelos grupos de revisão! Se quiser conversar com ela, informe que leu os arquivos no idioma original, mas, por favor, evite tocar no nome do PL para autores e editoras!

Ajude a preservar o seu grupo de romance!

A equipe do PL agradece!

Aviso 3

Cuidado com comunidades/fóruns que solicitam dinheiro para ler romances que são trabalhados e distribuídos gratuitamente!

Nós do PL somos contra e distribuímos livros de forma gratuita, sem nenhum ganho financeiro, de modo a incentivar a cultura e a divulgar romances que possivelmente nunca serão publicados no Brasil.

Solicitar dinheiro por romance é crime, é pirataria!

Seja esperta (o).